

FEDERICO A. ARBORIO MELLA

dos sumérios a babel

A MESOPOTÂMIA
História, Civilização, Cultura

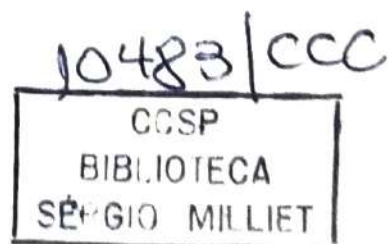


ENIGMAS E MISTÉRIOS DO UNIVERSO

FEDERICO A. ARBORIO MELLA

DOS SUMÉRIOS A BABEL

Mesopotâmia:
História, Civilização e Cultura



Tradução:
Norberto de Paula Lima

Revisão:
Pier Luigi Cabra

Composição e Arte:
Estúdio Behar

935

A666d

~~CCQ~~

~~201.567~~

~~Ar 18d~~

Título original:
DAI SUMERI A BABELE

© Copyright by U. Mursia Editore S.p.A.

© Copyright by Hemus Editora Ltda.

*Todos os direitos adquiridos para a língua portuguesa
e reservada a propriedade literária desta publicação pela*



hemus editora limitada

01510 rua da glória 312 liberdade caixa postal 9686
fone 2799911 pabx telex (011) 32005 edil br
endereço telegrafico hetec são paulo sp brasil

Impresso no Brasil/Printed in Brazil

2142 293/ 1+87953

ÍNDICE

Prefácio	9
1. A redescoberta da Mesopotâmia	11
2. A história.	33
3. Os sumérios	37
4. Os acádicos	87
5. Os gútios e a III dinastia de Ur	105
6. O período de Isin-Larsa	133
7. A Assíria	137
8. Babel	141
9. Os povos das montanhas	159
10. O novo império hitita.	167
11. O período médio-assírio	177
12. O Elam	187
13. A queda do império hitita	191
14. A civilização mesopotâmica no II milênio a.C	211
15. A II dinastia de Isin	217
16. O período neo-assírio.	219
17. Urartu	241
18. A era dos sargônidas.	255
19. Os médios	299
20. A cultura neo-assíria	303
21. O reino caldeu ou neo-babilônio.	307
22. Os sucessores de Nabucodonosor	325
Tabela cronológica.	329

PREFÁCIO

Esse volume é dedicado àqueles para quem a palavra “Mesopotâmia” nada mais evoca senão a “soberba Nínive” e a Torre de Babel, e que, não obstante, desejam, quer viajem ao Iraque quer tenham uma natural curiosidade de apaixonados pela história antiga, entreter-se com Nabucodonosor, Semíramis e Sardanápalo, bem como com a milenar e fascinante civilização daqueles povos que se costuma chamar assírio-babilônios, com a mesma desenvolta aproximação com que podemos definir os etrusco-romanos, ou latino-lombardos como os habitantes da Itália antiga.

Para muitos, suponho, um assunto absolutamente novo e quiçá por isto mesmo rico de sugestões e descobertas, dentre outras, a de redescobrir coisas que dávamos por sabidas, e as remotas recordações da escola, que, por vezes, se mostram baseadas apenas em fábulas.

A escassez de documentos, as dificuldades de esmiuçar a epopéia suméria, a revolução dos acádicos, as venturas e desventuras dos babilônios, dos assírios e de quantos povos se instalaram na fertilíssima terra entre o Tigre e o Eufrates, teriam me desencorajado, se não fosse pela generosa assistência e paciência do monsenhor Enrico Galbiati, professor de línguas semíticas da Universidade Católica de Milão, que me desvelou o mistério da intrincadíssima escrita cuneiforme (e por pouco não me ensinou o sumério), colocando à minha disposição textos e opúsculos que de outro modo não poderiam ser encontrados, e revendo, por fim, com preciosas anotações a minha obra.

Um particular agradecimento também ao escultor Mario Negri, pelas iluminadoras indicações sobre a arte daquelas difíceis gentes. Minha mulher, como de costume, leu todo o manuscrito, escoimando de prepotência a tudo que considerava tedioso – e que correspondeu precisamente ao supérfluo – com a minha gratidão e grande satisfação dela, e espero, também do leitor.

Quanto à grafia dos nomes, ao invés de adotar, como de costume, a alemã ou inglesa, resolvi-me a escrevê-los como se pronunciariam em

*italiano**; só em dois casos isto não foi possível: para o "K" gutural (como no Achtung, do alemão) e no "SC" final, que indiquei, respectivamente, por "KH" e "SH".

FEDERICO A. ARBORIO MELLA

* N.T. — Adaptamos à transcrição fonética do português, conservando o "KH". e transformando o "SC" do italiano no "CH" do português.

CAPÍTULO 1

A REDESCOBERTA DA MESOPOTÂMIA

Até cerca de 1850, mais ou menos, de todas as grandes civilizações que se instalaram ao longo de milênios na vastíssima região, então província do império otomano e hoje chamada Iraque, não só bem pouco era sabido, mas este pouco era fabuloso e incerto, e de fazer duvidar que realmente tivessem existido.

A Sagrada Escritura fala longamente dos caldeus, de Babel, dos Assírios, e pela erudição tradicional vagavam os nomes bíblicos de Ur, Erek, Acad, Ellasar. Heródoto dá uma descrição precisa de Babilônia, mas, em contrapartida, fala dos assírios de maneira muito vaga, e em todo o vasto território que presumivelmente foi a sede de seu império, não restava nenhuma relíquia que sugerisse que ali mesmo, perto da moderna Mossul, tivesse se erguido certa feita a faustosa Nínive, com os fantasmagóricos palácios de seus imperadores Assarhaddon, Sennakerib, Assurbanípal: nenhum vestígio, um muro, uma ruína de templo, uma coluna despedaçada em meio ao monótono deserto. Tanto que se podia muito bem formular a hipótese de que o legendário reino assírio fizesse parte de antigos mitos como a Atlântida, ou a ilha de Circe.

Um atento observador poderia notar alguns traços significativos, da mesma maneira que, passeando à tardinha por uma praia, poderia descobrir aqui e ali os restos dos castelos de areia construídos ao longo do dia pelas crianças. E foram pensamentos semelhantes que fizeram com que o Vigário Apostólico de Bagdá, Emmanuel de Saint Albert, escrevesse em 1761: “O nome de Babil se conservou como o que restou da antiga Babel” (fig. 1).

Ao que se saiba, é a primeira intuição do gênero, reforçada no mesmo ano pelo cartógrafo Bourguignon d’Anville, que se exprimiu com estas proféticas palavras: “Os caracteres que o padre Emmanuel diz estarem impressos sobre tijolos de construção tão antiga que poderiam ser os de Babel, seriam matéria de estudo absolutamente nova para os estudiosos que quisessem penetrar na antigüidade mais remota”.

Passam-se cerca de vinte anos, e um outro vigário em Bagdá, monsenhor Joseph de Beauchamp, envia ao “Journal des Savants” um longo artigo publicado em 1785 sob o título: “Viagem de Bagdá a Baçorá ao longo do Eufrates”, no qual, entre outras coisas, se lê: “As casas da aldeia de Hillah são construídas com tijolos antigos, muito bem conserva-

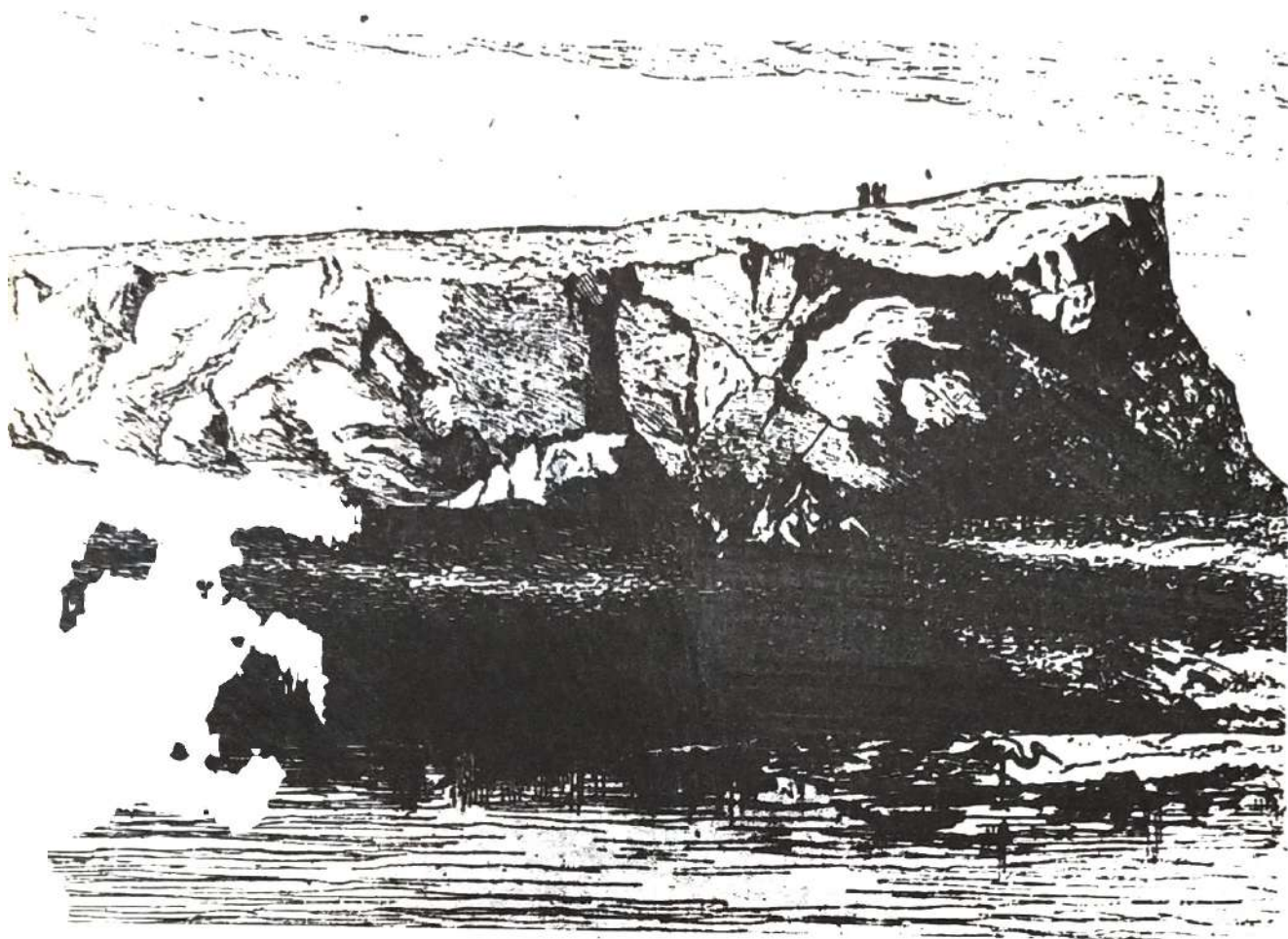


Fig. 1 — A colina de Babil (segundo Oppert, *Expeditions*).

dos, que abundam em suas cercanias. Penso que aqui esteve outrora a antiga Babel”, e ainda chama a atenção sobre “ruínas de uma antiga cidade que os árabes chamam Maguier” (descobrir-se-á mais tarde que se tratava da própria Babel, e Ur) e para atestar que não se tratava de fantasias, enviou a Paris uma caixa destes tijolos com inscrições cuneiformes. Eram os primeiros vestígios de Babilônia a chegar à Europa.

Suscitaram interesse; tanto que a Companhia das Índias instou seus subalternos em Baçorá a procurar o mesmo material para expedir também para Londres algumas amostras, que chegaram à East Indian House no começo de 1801, e constituiu o primeiro núcleo das antigüidades mesopotâmicas do Museu Britânico.

Mas eram tão-somente *souvenirs*, migalhas lançadas aos doutores e aos seus eventuais financiadores, que, porém, não se manifestavam.

Claudius James Rich

Quem movimentou essas águas estagnadas foi um funcionário da Companhia das Índias, Claudius James Rich, que empreendeu sérios levantamentos topográficos daquele montículo coberto de areia que po-

deria ser a antiga Babel e, em 1812, publicou no "Mines de l'Orient" os seus primeiros exaustivos relatórios. Em 1818 enviou para Londres cacos de terracota e tijolos juntamente com outros relatórios e algumas inscrições, uma das quais, bastante extensa, concernia nada menos que a Nabucodonosor (mas ninguém poderia sabê-lo, na época).

A atenção de Rich depois se concentrou muito mais ao norte, num outro montículo nas cercanias de Mossul, que outrora recobria Nínive. Soube que ali fora encontrado um grande relevo com pessoas, que logo tinha sido despedaçado, por representar "ídolos dos infiéis". Explorou a colina e a submeteu a um exame bem escrupuloso, conseguindo até mesmo desenhar mapas que se revelaram mais tarde surpreendentemente exatos e que foram publicados em 1836 sob o título: *A Localização da Antiga Nínive*.

Foi um enorme sucesso, mas o grande Rich não pôde tirar disto vantagem alguma: morrera dezesseis anos antes, de cólera, em Xiraz (1820).

Paul Émile Botta

Foi a partir dos assírios que começou a redescoberta da Mesopotâmia, e daqui se prosseguiu passo a passo, de norte a sul, e retrocedendo no tempo; dos séculos VIII a VII a.C., dos assírios, acabou-se chegando ao IV e III milênios a.C. dos sumérios, estabelecidos em torno do Golfo Pérsico.

O primeiro a encetar as escavações foi o filho do histórico Carlo Botta, Paolo Emilio, depois naturalizado francês sob o nome de Paul Émile Botta. Nascido em Turim, em 1803, médico, entomólogo, diplomata e viajante, com menos de trinta anos já era cônsul francês em Alexandria, no Egito. Em 1837 fez uma acidentada viagem ao Iêmen e depois uma mais longa: a volta ao mundo. Em 1842 foi nomeado agente consular em Mossul. Aqui foi alcançado por um pedido do amigo orientalista Jules Mohl, que havia lido avidamente *A Localização da Antiga Nínive*, de Rich: que desse uma olhada em volta e lhe contasse alguma coisa.

Botta, que não era um arqueólogo, superou em muito tudo o que Mohl poderia esperar de sua cortesia. Andou a cavalo pelo deserto, investigando aquelas singulares colinazinhas que se elevavam isoladas e sem nenhuma razão geológica, na desolada planície. Deu-se conta de que não eram nem dunas nem acidentes naturais; sob aqueles cúmulos deveria encontrar-se a obra do homem. Daí, escavando, poder-se-ia encontrar alguma coisa interessante.

Para atinar com o melhor lugar, andou vagando de um lugar para outro comprando dos árabes, por algumas moedas, terracotas, tijolos e fragmentos provavelmente muito antigos; surpreendia aos ocasionais vendedores que naquelas bugigangas não viam nada propriamente emocionante, perguntando com insistência o local exato onde as haviam encontrado. A resposta era que aquelas coisas estavam por toda a parte;

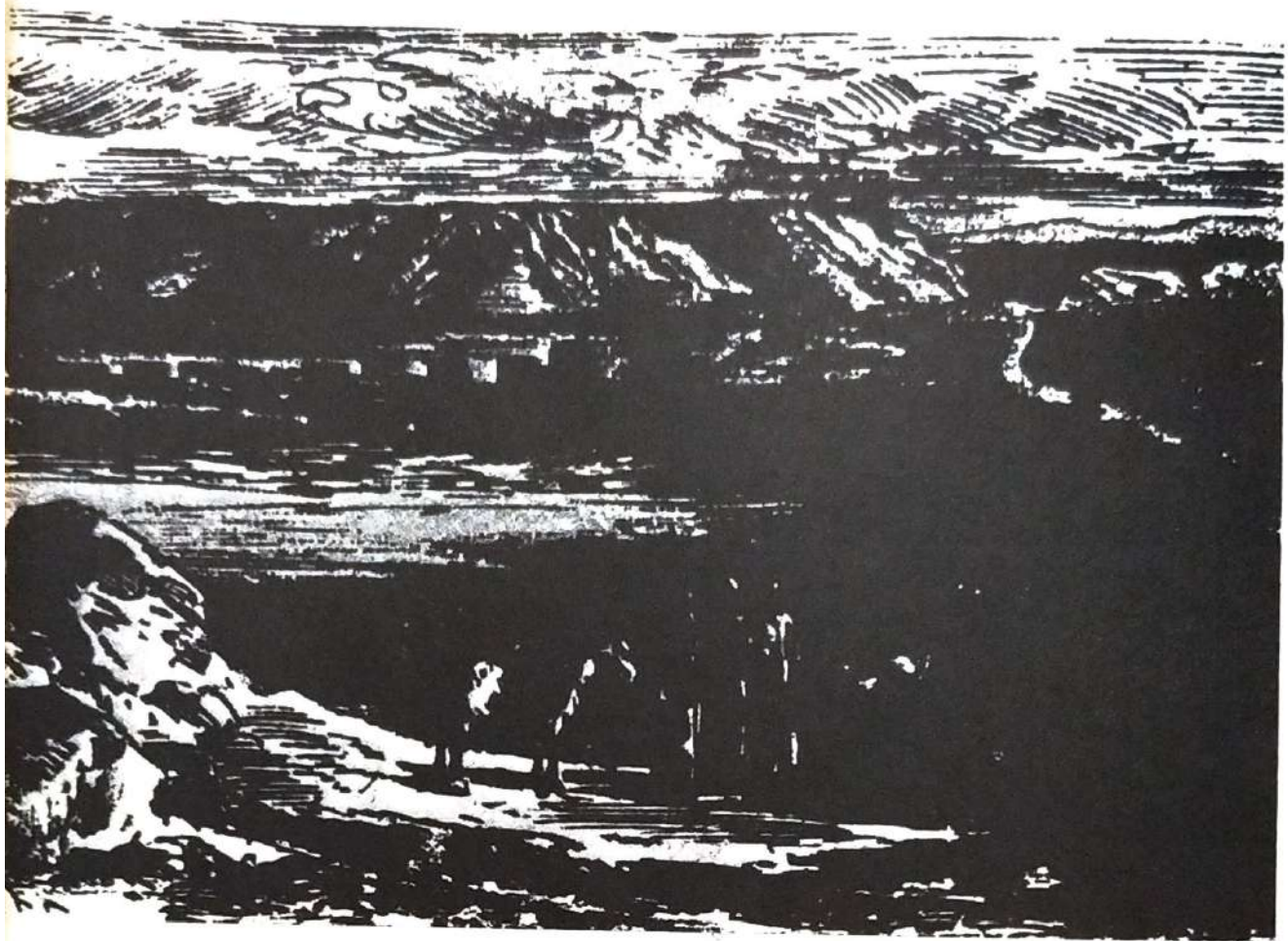


Fig. 2 — O vilarejo de Cujunguik.

bastava escavar um pouco a terra.

Ao fim, abandonadas aquelas vagas indagações e recrutados alguns voluntários, fincou sua pá num dos montículos perto da aldeia de Cujunguik (fig. 2). Mas, dispondo apenas de recursos escassos e não tendo encontrado um local propício, em um ano inteiro de extenuantes esforços, conseguiu apenas encontrar achados análogos aos que já havia coletado entre os nômades sem despendar qualquer esforço. Desencorajado, renunciou, no que fez mal pois que Nínive encontrava-se bem ali embaixo.

Entrementes, porém, os árabes haviam adivinhado o que aquele francês meio maluco procurava, e para ganhar algum dinheiro ou presentes juraram de joelhos que ali perto havia lugares com tijolos a mais não poder e mirabolantes tesouros escondidos. Botta teve grande dificuldade em livrar-se deles, mas um foi particularmente persuasivo e aproveitou o momento exato, quando Botta já havia decidido abandonar sua ingrata colina. O local tão convidativo era a 16 quilômetros dali, perto da aldeia de Khorsabad (fig. 3). Um pouco longe, mas Botta resolveu enviar um par de homens até lá para ver se o eloqüente árabe tinha ou não razão.

Os homens voltaram pouco tempo depois, visivelmente excitados: com pouco trabalho, apenas poucas escavações haviam descoberto muros e mesmo relevos; valia realmentê a pena abandonar o lugar onde estavam e recommear os trabalhos na ñova colina. Botta não podia esperar por nada melhor, e após reunir sua pequena tropa, levou-a a Khorsabad.

E foram trazidos à luz esculturas, relevos, muros e traços de todo um palácio. Tanto que Botta, arrebatado, proclamou apressadamente ao amigo Mohl e ao mundo inteiro ter descoberto Nínive. Tratava-se, ao invés, da antiga Dur-Charruquin, cidade fundada pelo rei assírio Sargão II (722-705 a.C.) e constituída em grande parte por seu imenso palácio.



Fig. 3 – O vilarejo de Khorsabad, antes das escavações.

A notícia, obviamente, causou estupor e a França, que havia sido despojada pelos ingleses de tudo o que havia encontrado no Egito, pensou em recuperar-se com a Assíria, e pôs à disposição de Botta meios financeiros adequados, que lhe permitiram prosseguir as escavações por três anos, durante os quais os obstáculos não foram tanto o calor, as moscas e os imprevistos, quanto o incessante obstrucionismo do governador turco, convencido de que só a busca do ouro ou de tesouros maravilhosos poderia induzir um europeu a verter tanto suor para escavar em meio ao deserto. Por exemplo: com perfídia oriental, deu a Botta autorização oficial para prosseguir as escavações, mas ao mesmo tempo proibiu, sob pena de morte, que qualquer nativo o ajudasse de qualquer modo, sequer com informações (fig. 4).

Mesmo assim, o palácio de Sargão II foi trazido à luz com sua assombrosa riqueza de relevos, muitos dos quais, entretanto, esculpidos em peças delicadas de alabastro, ao serem expostos ao ardor do Sol, dissolveram-se sob os olhos dos descobridores. Restam somente os desenhos executados por Eugène Flandin: testemunhos únicos de obras de arte perdidas para sempre.

Ao fim, foi embarcada no Tigre uma conspícua carga de relevos e

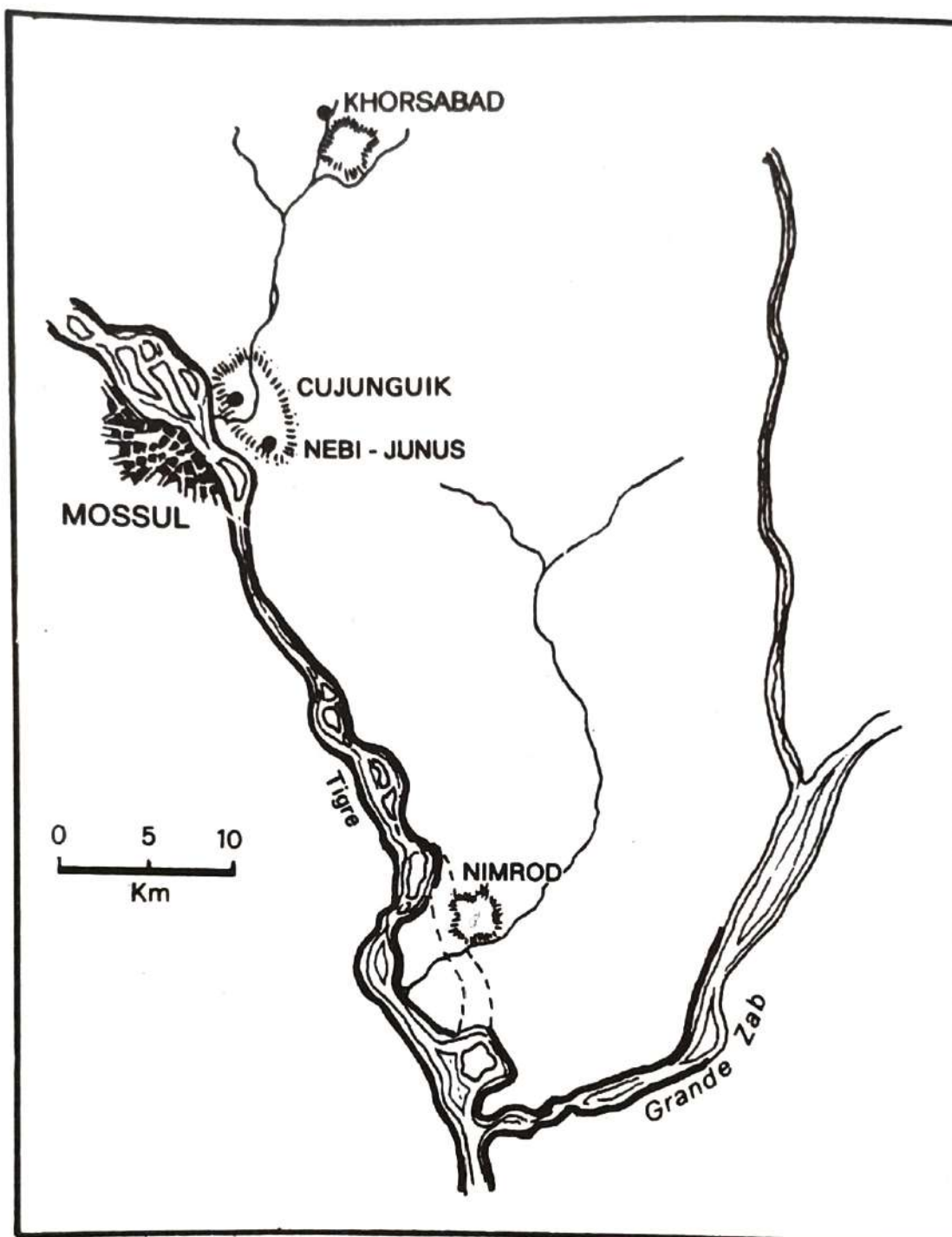


Fig. 4 — A zona das escavações nas vizinhanças de Mossul.

grandes esculturas, destinada a Paris. O Tigre, porém, entrando em cheia, engoliu tudo. Uma segunda carga foi mais judiciosamente apressada e desta vez chegou felizmente ao Louvre, onde ficou exposta à admiração do mundo.

A fatigante empresa foi o argumento de uma esplêndida obra, *Monuments de Ninive, Découverts et Décrits par Botta, Mesurés et Dessi-*

nés par Flandin. Cinco grossos volumes, que representaram para a Assíria o que a *Description de l'Égypte* significou para a terra dos faraós.

Henry Austen Layard

O primeiro pioneiro da assiriologia foi, pois, um ítalo-francês. O segundo foi um franco-inglês o qual, porém, por ter-se determinadamente dedicado a estes estudos, pode ser considerado o primeiro. Nascido em Paris, em 1817, Henry Layard passou grande parte de sua infância na Itália e na Suíça.

Depois, jovem, pobre e empreendedor, deixou um emprego sedentário em Londres, e pôs-se a viajar com um amigo; atravessou a Turquia e a Síria, e chegou a Mossul, com o livro de Rich debaixo do braço. Desejoso de glórias arqueológicas, voltou os olhos para o fascinante morro de Cujunguik, mas encontrando-o ocupado, e não dispondo de uma libra sequer, contentou-se em subir a colina. Lá em cima, encontrou Botta, fez amizade com ele, e o encorajou, com seu ardor juvenil; depois fixou os olhos sobre uma colina que lhe pareceu mais atraente que as outras com o nome bíblico de Nimrod (fig. 5). Escreveu:

“Uma imensa massa disforme, recoberta de mato”, que surgia numa paisagem “que não apresenta ao viajante senão desertos incultos, nos quais é impossível destacar-se qualquer forma”.

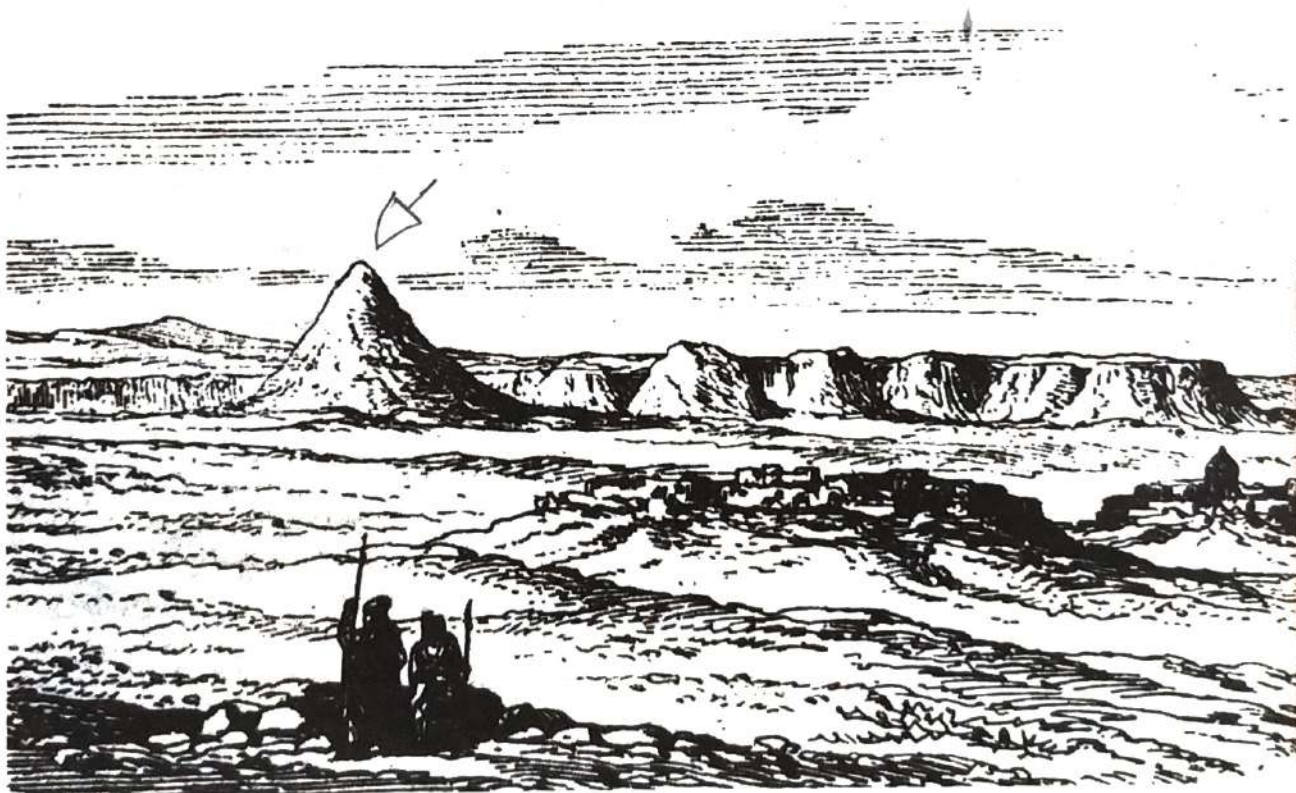


Fig. 5 — Vista de Nimrod (segundo Layard, *Monuments*).

A vontade de realizar alguma coisa o assalta; volta a Constantinopla, apresenta-se ao embaixador de Sua Majestade Britânica, sir Stradford Canning, um entendido no assunto, já que uma dezena de anos mais tarde garantirá à Inglaterra os mármore do Mausoléu de Halicarnasso – e tanto magnifica os próprios projetos que, ao fim, o bom homem o presenteia com 60 libras esterlinas, com suas bênçãos não sem antes garantir para si próprio direitos sobre tudo o que o rapazinho encontrar por lá. Layard, radiante, volta imediatamente a Mossul e encontra todo o país em revolta contra o tirânico governante turco.

Layard não se preocupa nem um pouco com isso e, empregados alguns braçais, vai escavar a colina de Nimrod. É-lhe ordenado suspender imediatamente os trabalhos. Amargurado, apresenta-se ante o tirano, o qual, gentilíssimo, lhe declara que, no que lhe concerne, pode escavar onde quiser, mas que não é culpa sua que o jovem imprevidente tenha escolhido um cemitério. Layard cai das nuvens, vai verificar e constata, que, realmente, há algumas lápides mortuárias muçulmanas.

Visivelmente desesperado, fica logo sabendo por seus trabalhadores que aquelas lápides foram colocadas ali à noite, por ordem do tirano, para impedi-lo de escavar. A revolução o salva; o déspota é derrubado e preso. Layard, depois de ter-lhe feito uma graciosa visita de cortesia, retoma as escavações e, de repente, encontra tudo: um muro, e grandiosos touros alados de cabeça humana que ornavam a entrada do destruído palácio de Assurnazirpal na antiga Khalco. Os árabes não fizeram objeções, pois aqueles touros não configuravam um ídolo, mas o bíblico Nimrod (fig. 6).

Tendo em mente a infeliz experiência de Botta, Layard usou de todas as precauções possíveis para transferir seus enormes touros, e realmente a preciosa carga, via Bagdá, Baçorá, Golfo Pérsico e périplo da África, atinge triunfantemente Londres, junto com muitos outros achados.

Quando, um ano depois, em 1847, as 60 libras esterlinas acabaram, Layard já havia desenterrado pelo menos três grandes palácios de reis assírios. Voltou melancolicamente à sua pátria, onde escreveu o livro *Nineveh and its Remains*, publicado em 1849. Foi um *best-seller*, e por fim também o próprio governo inglês colocou à sua disposição meios adequados, com os quais Layard pôde empreender rapidamente nova viagem.

A descoberta de Nínive

Não obstante toda a fadiga, os sucessos, o butim e os comentários, Nínive não tinha sido encontrada; o que havia sido desenterrado era uma espécie de Versalhes ou Caserta, ou seja, grandes residências reais fora da cidade.

O destemido Layard pôs em jogo agora a própria fama e seu capital, decidindo prosseguir as escavações exatamente onde Botta nada



Fig. 6 — Achado da presumível cabeça do bíblico Nimrod.

encontrara, isto é, na colina de Cujunguik. Munido de mão-de-obra adequada, enfrentou-a quase com raiva, indo direto ao fundo, com um poço de uns trinta metros. Parou, ao encontrar um muro. A partir daqui, na horizontal, escavou em forma de estrela em várias direções, até que encontrou um grande átrio sobre o qual se abriam uma dezena de portas.

Era o palácio de Sennakerib, em Nínive (fig. 7).

Layard, mesmo não tendo condições de ler as inscrições cuneiformes, intuiu com invejável precisão: “O rei, cujo nome se encontra sobre esculturas e terracotas de Cujunguik, era o pai do construtor do palácio sudoeste de Nimrod, e filho do rei de Khorsabad”.

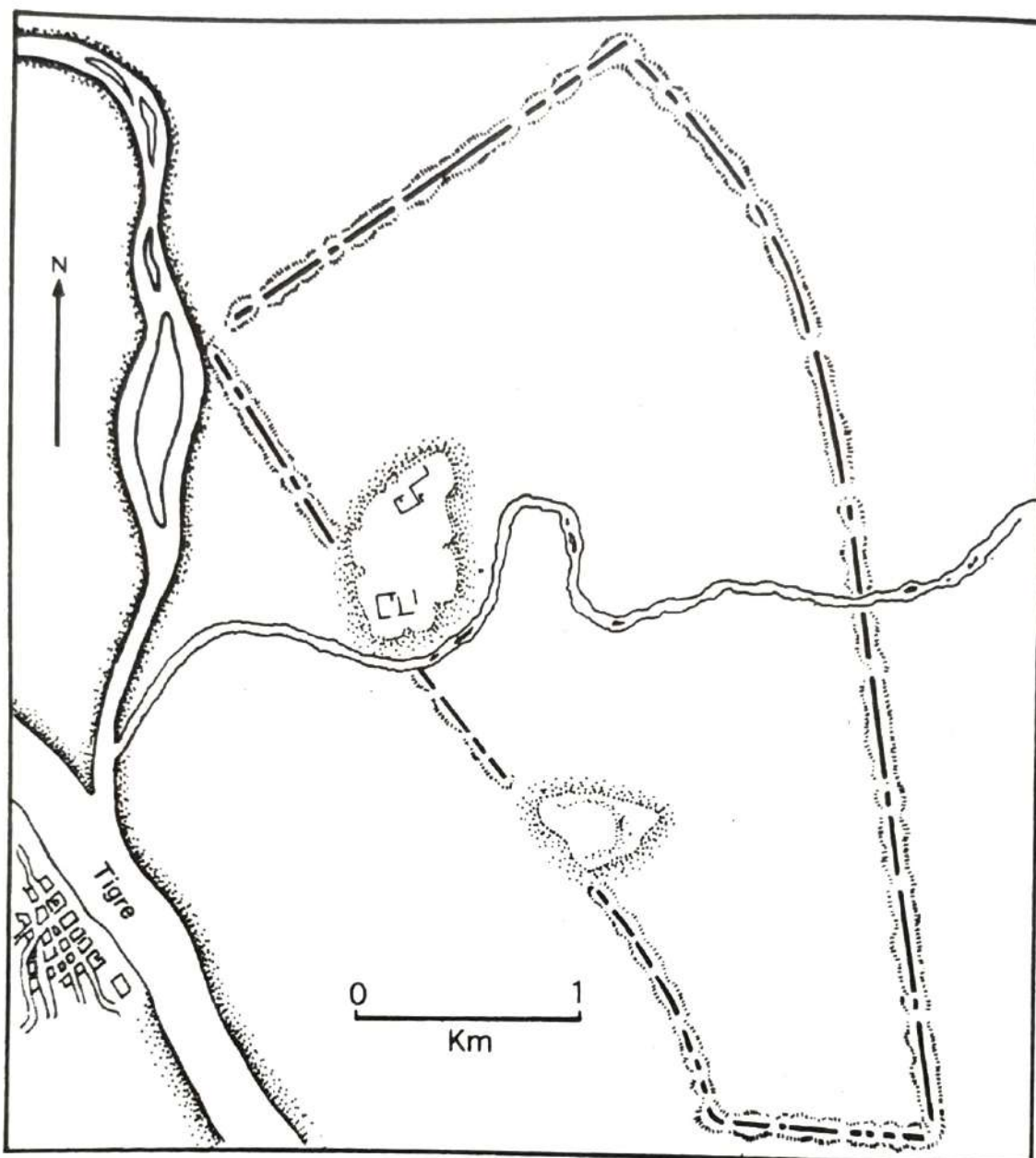


Fig. 7 — Nínive: muralhas e colinas de Cujunguik (ao norte) e de Nebi-Junus.

São, pela ordem: Sennakerib, Assarhaddon e Sargão II.

Os esplêndidos relevos foram prontamente enviados para Londres.

Recompensado pelo sucesso, Layard, agora bem de vida, reverenciado e famoso, resolveu visitar a região de Hillah (1850). O lugar não o entusiasmou: “As descobertas feitas sob as ruínas da antiga Babel foram muito menos frutíferas e importantes de tudo que se poderia esperar”. Resolveu, então, abandonar as pesquisas arqueológicas para dedicar-se à carreira política, que encerrou honradamente em 1880, como embaixador em Constantinopla. Talvez levado pelas recordações da infância, voltou à Itália, estabelecendo-se em Veneza.

Hormuzd Rassam

Quem o substituiu (1852), por conta do Museu Britânico, foi um na-

tivo de Mossul, Hormuzd Rassam, devoto assistente de Layard, que o levava consigo a Londres, fazendo com que estudasse em Oxford, e depois calorosamente o recomendou como sucessor.

Rassam esquadrinhou com modéstia e método as estradas subterrâneas de Nínive, encontrou o palácio de Assurbanípal, com os belos relevos das caçadas do rei, os mais belos de toda Assíria (Museu Britânico).

Mas a sua maior glória está em ter desenterrado em 1854 o núcleo fundamental dos documentos que permitiram reconstruir, sobre dados autênticos, a história e a civilização dos dois rios: a biblioteca particular de Assurbanípal. Numa certa altura de sua vida, o grande rei, movido por intentos culturais, deu ordem a seus enviados de comprar todas as obras científicas, literárias, históricas, e documentos que pudessem encontrar, enquanto na Corte um *staff* de doutores recopiava ou traduzia as que não estivessem à venda. Trata-se de uma coleção de mais de 30 000 tabuinhas de argila que reúnem conhecimento dos povos do Tigre e Eufrates.

Com o desabamento dos palácios, em consequência da destruição de Nínive, muitas foram destroçadas ou pulverizadas, mas muitas permaneceram legíveis. Rassam, que não sabia lê-las, enviou uma vasta amostra para Londres, e os assiriólogos ingleses logo lamberam os beiços; até então só tinham recebido poucas linhas danificadas, sobre tijolos e cacos; por fim se lhes oferecia um repertório volumoso e orgânico.

Dentre estes doutos senhores, havia um estudioso de nome bastante comum, George Smith, ao qual coube decifrar um quebra-cabeças de tabuinhas que constituía a mais importante obra literária da Mesopotâmia, o famoso *Poema de Guilgamech**, de que nos ocuparemos amplamente.

Smith logo percebeu a qualidade dessa obra-prima, mas o “livro” estava incompleto. Era absolutamente necessário terminá-lo, e o “Daily Telegraph” ofereceu mil guinéus a quem quisesse ir a Cujunguik procurar a continuação da história. E foi o próprio Smith quem partiu, pressuroso; esmiuçou tudo conscientemente e voltou para Londres com um butim de mais 384 tabuinhas poeirentas de argila e, entre elas, as suficientes para terminar o “poema”. Frente a este sucesso, o Museu Britânico confiou-lhe o encargo de recuperar o resto da biblioteca, e quanto mais pudesse encontrar de interesse.

Assim, em 1873 Smith volta para Nínive, e em 1874 garante para si um precioso arquivo de contratos de compra e venda da empresa Murachu e Filhos, propriedade de um riquíssimo comerciante judeu, de nome Jakob. Na terceira viagem localiza a posição da antiga Carchemich e, no mesmo ano, morre de febre em Bagdá.

* Epopéia de Guilgamech, Hemus Editora, S.P., 1985.

Uma tal perda era irreparável, inclusive pela dificuldade de substituir um homem tão excepcional; o Museu Britânico interpela em seguida Hormuzd Rassam, mas sem muita esperança, porque este já há vinte anos que não se ocupava de escavações: tinha cinquenta anos e gozava de uma invejável posição em Londres. Contra tudo o que era de esperar, Rassam aceita o convite e parte de imediato.

Na primeira expedição (1877) encontrou as maravilhosas portas de bronze do palácio de Balauat, do templo de Salmanassar III, além de um belo vaso de alabastro contendo duas lâminas com inscrições cuneiformes. Os árabes prontamente as identificaram como as Tábuas da Lei, de Moisés, e não quiseram entregá-las. Foi necessária muita diplomacia para poder levá-las. Para terminar a obra, Rassam desenterrou e levou embora mais 1 400 tabletas da biblioteca de Assurbanípal.

Na segunda expedição (1879) dedicou-se a Hillah, onde identificou o local dos famosos jardins suspensos — bem como outros, análogos — e comprou mais um arquivo da Murachu e Filhos.

Na terceira (1880-1881) localizou a sede da antiga Nippur, e em Hillah encontrou o palácio de Nabucodonosor.

Babel

Que a colina de Hillah ocultasse Babel, era então suposição geral, mas não uma certeza. O morrinho, como já vimos, fora “puncionado” várias vezes, mas ainda faltava uma escavação sistemática.

Os primeiros a empreendê-la foram os franceses Fulgence Fresnel, Jules Oppert e Felix Thomas (1851-1854). Foi uma expedição entre as mais infortunadas da história. A campanha de escavações, que previa pesquisas em toda a região, revelou-se despropositada, pelo que tornou-se forçoso concentrar os esforços na colina de Hillah. Não resultou em nada de bom, e este pouco foi encaixotado, com destino a Paris, mas sofreu a mesma sorte da carga de Botta, afundando no Eufrates. Como se não bastasse isto, Fresnel morreu, em Bagdá. A expedição, porém, não se revelou de todo inútil, e como resultado positivo derivou um ulterior progresso na decifração da escrita babilônia.

O objetivo Babilônia foi finalmente atingido pelo alemão Robert Koldewey, nascido em Blankenburg (Harz) em 1855, arquiteto, arqueólogo, aventureiro e viajante muito espirituoso. Também muito afortunado, pois em 1898 decidiu descobrir Babilônia, obteve grandes financiamentos da Deutsche Orient-Gesellschaft. Chegando em Hillah, enterrou sua pá e logo chocou-se contra os muros daquela cidade. Com sucessivas sondagens, mediu aproximadamente seu perímetro, que resultou em uma dúzia de quilômetros. Uma cidade enorme, ou seja, Babel (fig.8). Tão enorme que as escavações duraram 15 anos; emergiu da terra o imponente sistema de fortificações, o maior baluarte defensivo já construído, a grande Via das Procissões, os alicerces da “Torre de Babel” e

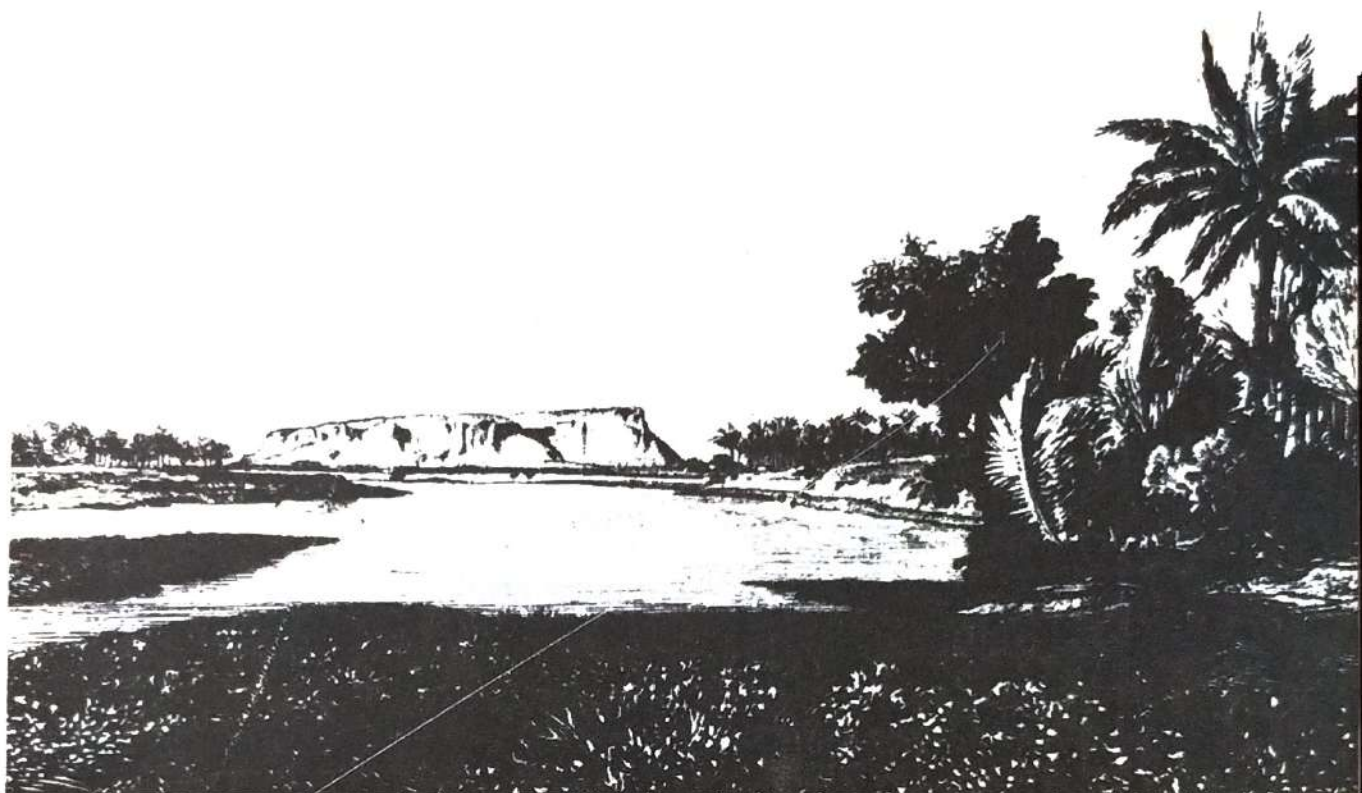


Fig. 8 — A localização de Babel (segundo gravura de 1850).

de outros 57 templos, três grandes palácios reais. A famosa Porta de Ichtar foi reconstruída no Museu de Berlim.

Koldewey encontrou também, mais ao norte, as ruínas de Assur, a antiga capital dos assírios.

As escavações no sul

Enquanto isso, no Golfo Pérsico, ninguém ficou com as mãos nos bolsos. O cônsul inglês em Baçorá, J. E. Taylor, acompanhado do engenheiro William Kennett Loftus, entre 1850 e 1854 visitou as colinas de Varca (Uruk), Senquereh (Larsa), Mucajjiar (Ur), Abu Charhein (Eridu), descobrindo, entre outras coisas, antiquíssimas inscrições; com isto esperava chamar a atenção sobre o interesse arqueológico da região. Mas a notícia não causou emoção. Tratando-se de cidades que bem pouco evocavam, e também por causa do calor mortal, ninguém apareceu.

As primeiras escavações só foram empreendidas vinte anos mais tarde (1876-1878) pelo cônsul francês em Baçorá, Ernest de Serzac, que escolheu um montículo não assinalado em nenhum mapa geográfico e que os árabes chamavam de Telloh. Como se veio a saber mais tarde, tratava-se da antiquíssima Lagach, que ofereceu o mais vetusto do-

cumento até então encontrado, a famosa “Estela dos Abutres”, do Museu do Louvre, e as belas estátuas de Gudea. Os franceses escavaram também no Elam (1884-1886).

Os americanos (1888-1901) desenterraram Nippur, com dezenas de milhares de tabuinhas escritas em sumério; os alemães escavaram em Uruk (1912-1913), e de novo os americanos, em Churrupak. Até que sir Leonard Woolley, na década de trinta, desencavou Ur e sua desconcertante necrópole. Esta, em torno da colina de Mucajjir, é a maior zona arqueológica dos sumérios.

A certa altura, até os nativos se movimentaram: vendo quão lucrativo se mostrava o comércio daquelas argilas, tomaram da enxada e deram-se ao trabalho de oferecê-las — ídolos ou não-ídolos — pelo melhor preço. As escavações nunca mais cessaram.

A decifração dos caracteres cuneiformes

Contrariamente ao que acontecera no Egito, cuja escrita hieroglífica permaneceu ilegível por muitos decênios depois da redescoberta de sua grandiosa civilização, quando Botta encontrou Khorsabad a chave da escrita cuneiforme já tinha sido intuída.

Mas inversamente, pois em relação ao Egito, o material à disposição era demasiado abundante, ao passo que, para a Mesopotâmia ele era quase totalmente ausente, e com uns poucos tijolos e cacos não se poderia fazer muito progresso.

O primeiro sinal esclarecedor desta estranha forma de escrita provém do erudito e ousado viajante Pietro della Valle, que, em outubro de 1621, visitou o enorme acúmulo de ruínas de Cihilmimar, perto de Chiraz, que depois seria identificada como Persépolis. Escreveu ao amigo Mario Schipano, em Nápoles:

“... Junto ao leão (...) há uma grande inscrição que ocupa, de alto a baixo, toda a altura do muro (...) e estas inscrições, em que língua e letras estejam, não se sabe, porque é caractere até hoje ignoto. Eu só pude notar que é um caractere muito grande, que ocupa um grande espaço e que os caracteres não são unidos uns aos outros nas palavras, mas divididos e distintos cada um por si, como os caracteres hebreus, se, pelo que julguei um só caractere não fosse uma palavra inteira; o que tampouco seria compreensível. Ou palavras, ou caracteres isolados que sejam, pelo melhor que pude, copiei, dentre todos, cinco:



E prossegue dizendo que, segundo ele, são lidos da esquerda para a direita. No que acertou.

Um outro viajante e emérito estudioso, Engelbert Kaempfer (1651-

1716), copiou em Persépolis uma breve inscrição completa também na versão babilônia, e quiçá tenha sido o primeiro a usar a palavra *cuneiforme* (*"characteribus formam habentibus cuneolorum"*).

Qualquer outra escrita que porventura tenha alcançado a Europa por vias estranhas, deve ter sofrido tentativas de interpretação, mas com resultados desastrosos, se um orientalista do calibre de Thomas Hyde (1616-1703) chegou à conclusão de que os sinaizinhos eram somente motivos decorativos, excluindo taxativamente que pudessem ser qualquer tipo de escrita. E não foi o único: o mais otimista supôs que pudessem ser números.

Pouco mais tarde, o pintor holandês Cornelius van Bruyn, em 1714 imprimiu um belíssimo livro sobre sua viagem à Pérsia e Índia, no qual estão reproduzidas duas novas inscrições trilingües de Persépolis. Mas, mesmo com estes novos documentos, era impossível deduzir qualquer coisa. A famosa "Pedra de Rosetta", encontrada no Egito, era também em três línguas, mas uma delas, o grego, era conhecida. Neste caso, ao contrário, todas as três, persa, susiana e babilônia eram absolutamente desconhecidas, pelo que o problema, por assim dizer, se triplicava. E não foi de nenhuma ajuda o vaso (fig. 9) descoberto nos últimos decênios do século XVIII com uma breve inscrição ("Xerxes, Grande Rei") em quatro línguas: persa, susiana, babilônia e egípcia (hieroglífico).

Carsten Niebuhr

Quem deu um efetivo passo à frente foi o alemão Carsten Niebuhr (1733-1815). Geógrafo e matemático, alistou-se como oficial do exército dinamarquês, e quando em 1761 o rei Frederico V promoveu uma expedição científica com o intuito de explorar Egito, Arábia e Síria, o rapazinho embarcou e, chegando ao Iêmen, propôs aos colegas, já que tinham chegado ali, a irem até Bombaim. Mas foi o único a alcançá-la. Todos os seus companheiros morreram na jornada, um depois do outro, por causa do clima, das dificuldades e de doenças.

Niebuhr, escoltado unicamente por sua inabalável saúde, prosseguiu a missão sozinho, via terrestre, visitando a Pérsia, Mesopotâmia, Síria e Ásia Menor. Em 1767 estava de volta à pátria; escreveu três importantes volumes (o último dos quais, póstumo) sobre sua viagem, que tiveram muito sucesso. Num destes (1778) fala das ruínas de Cihilmimar que, segundo ele, deveriam pertencer a Persépolis, e publica um número notável de inscrições "em três alfabetos" que copiara com uma precisão muito maior que a de seus predecessores. Além do que, identifica uns quarenta sinais diversos, que corretamente definiu como letras de um alfabeto, na coluna da escrita mais simples, a persa. E percebeu também que as três escrituras eram distintas, mesmo sendo todas as três cuneiformes.

Estudando estas tábuas de Niebuhr, independentemente um do ou-



Fig. 9 — Vaso descoberto nos últimos decênios do século XVIII, com a inscrição "Xerxes, Grande Rei" em quatro línguas (Paris, Museu do Louvre).

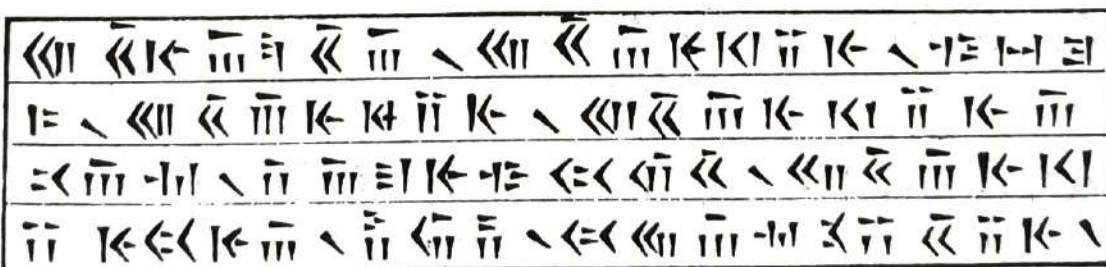
tro, dois filólogos dinamarqueses, Gerhard Tychsen e Friedrich Münter, publicaram no mesmo ano (1798) duas obras sobre este assunto. Mas Tychsen redigiu seu estudo em latim, e logo foi notado. Intuiu que as cunhas traçadas transversalmente eram só separações entre as palavras, e que se tratava não só de caracteres, mas de línguas diferentes.

Münter, que ao contrário publicou sua obra em dinamarquês, só foi notado em 1802, quando seu livro foi traduzido em alemão. Mas tinha ido muito além de seu colega. Além de ter descoberto mais ou menos o mesmo, declarou que as três escritas diziam a mesma coisa, ou seja, que era um só texto em três línguas, das quais uma alfabética, a outra silábica, e a terceira provavelmente ideográfica, ou, como disse ele, figurativa. E conseguiu mesmo ler a palavra “rei”.

Não falaremos das tresloucadas tentativas de decifração que se seguiram. Não obstante, ainda não se tinha conseguido ler nada.

Georg Friedrich Grotefend

Quem primeiro conseguiu ler alguma palavra não foi nem um filólogo nem um orientalista, mas um jovem professor de ginásio em Goettingen, um tal Georg Friedrich Grotefend (1775-1853), que abordou o problema quase como se fosse uma alegre aposta, como que para resolver uma charada. Pôs à sua frente as tábuas de Niebuhr e, partindo do



pouco que sabia, observou que o grupo de sinais que Münter havia lido como “rei”



(Rei)

se repetia com excessiva insistência, o que poderia ter uma justificativa apenas como:

"X, Grande Rei, Rei dos Reis, Rei de . . ., filho de Y, Grande Rei, Rei dos Reis. . . filho de Z" (é aqui não havia a palavra "rei").

Só restava descobrir quem eram os senhores X, Y e Z, e com esta genial jogada Grotefend tinha na mão uma mancheia de ietras do alfabeto persa. Mas, passemos a ele a palavra:

"Considerando a história grega como a mais plausível (. . .) estava plenamente convencido de que devia tratar-se de reis da dinastia Aquemênida. Consultei então a série destes soberanos, para procurar quais seriam os nomes que se adaptariam aos caracteres das inscrições. Não podiam ser Ciro e Cambises, porque os dois nomes não começavam pela mesma letra. Nem podia tratar-se de um Ciro e um Artaxerxes, porque o segundo nome é muito longo em relação ao primeiro. Só restavam Dario e Xerxes, que se adaptavam tanto aos sinais, que não duvidei ter encontrado os nomes certos. E isto me foi confirmado pelo fato de que na inscrição do filho, também o pai tem o título de rei, e não naquela do pai".

De fato, Histaspe pai de Dario, não era rei.

A charada estava resolvida, e Grotefend leu:

𐎧 𐎡 𐎠𐎡 𐎠𐎡 𐎠𐎡 𐎠𐎡 𐎠𐎡 𐎠𐎡
Da a r(a) y(a) w(a) u sh

(Dario)

𐎧𐎡𐎡 𐎧𐎡𐎡 𐎧𐎡𐎡 𐎧𐎡𐎡 𐎧𐎡𐎡 𐎧𐎡𐎡
Kh(a) sh y(a) a r(a) sh a

(Xerxes)

𐎧𐎡 𐎧𐎡 𐎧𐎡 𐎧𐎡 𐎧𐎡 𐎧𐎡 𐎧𐎡
W(i) i sh(a) t(a) a s(a) p(a)

(Histaspe)

𐎧𐎡𐎡 𐎧𐎡𐎡 𐎧𐎡𐎡 𐎧𐎡𐎡 𐎧𐎡𐎡 𐎧𐎡𐎡
Kh sh a y(a) th i y(a)

(Rei —)

𐎧𐎡𐎡 𐎧𐎡𐎡 𐎧𐎡𐎡 𐎧𐎡𐎡 𐎧𐎡𐎡 𐎧𐎡𐎡 𐎧𐎡𐎡
Kh sh a ya th(a) i ya Ka n(a) a m (— dos Reis)

Por precisão, não leu exatamente assim, mas dos 13 sinais identificados, só 3 estavam errados¹.

¹ Os dois textos dizem:

"Dario, o Grande Rei, o Rei dos Reis, o Rei das nações, filho de Histaspe, o Aquemênida foi (aquele) que construiu este palácio".

"Xerxes, o Grande Rei, o Rei dos Reis, de Dario filho, o Aquemênida".

Mas ele também não conseguiu ser profeta em sua própria terra; desprovido de qualquer auréola acadêmica, passou quase que totalmente despercebido. Sobre sua surpreendente descoberta lemos apenas algumas linhas, tiradas de uma revista científica de Goettingen:

“Grotefend, mediante algumas suposições históricas (. . .), foi levado a suspeitar nestas breves inscrições de Persépolis (. . .) de nomes e títulos de rei, especialmente de Dario e Xerxes”.

Um pouco menos cuidadoso, um outro artigo:

“Recentemente foi apresentada à Real Academia de Ciências de Goettingen uma memória do senhor G. F. Grotefend, colaborador de nossas escolas, com o título de *Praevia de cuneatis, quas vocant, inscriptionibus persepolitanis legendis et explicandis relatio*, cujo conteúdo é surpreendente enquanto o autor não é um orientalista e foi conduzido casualmente à decifração desta escrita até hoje enigmática”.

Interessou-se muito mais um velho luminar francês, barão Silvestre de Sacy (1758-1838), a quem Grotefend enviara cópia da relação; reconheceu a genialidade do procedimento usado, concordou que interpretou corretamente a palavra “rei”, mas quanto ao resto é muito mais reticente:

“Que os nomes identificados sejam próprios de príncipes, nada mais verossímil; mas serão mesmo os de Dario e Xerxes?”.

Admite porém que o jovem possa estar no caminho certo. A fama de Grotefend não ultrapassou, entretanto, as fronteiras de seus conhecidos, mas seu método só foi superado uns vinte anos mais tarde, com a publicação de obras bem mais exaustivas sobre o assunto, com a assinatura do francês Eugène Burnouf e do norueguês Christian Larsen.

Henry Creswicke Rawlinson

Quem decifrou as inscrições de Persépolis pela segunda vez, e de maneira totalmente independente de Grotefend, foi sir Henry Creswicke Rawlinson (1810-1895), que é justamente considerado o pai da assiriologia

É bom precisar aqui que o termo *assiriólogo* foi originalmente designado aos estudiosos que se ocuparam da Assíria; em seguida foi conservado também para os que se ocuparam dos babilônios, elamitas, sumérios, persas e, em geral, de todos os povos que habitaram dentro e fora dos confins da Mesopotâmia, tendo em comum o único fato de terem adotado, para suas línguas, os caracteres cuneiformes.

Funcionário da Companhia das Índias, Rawlinson foi enviado à Pér-

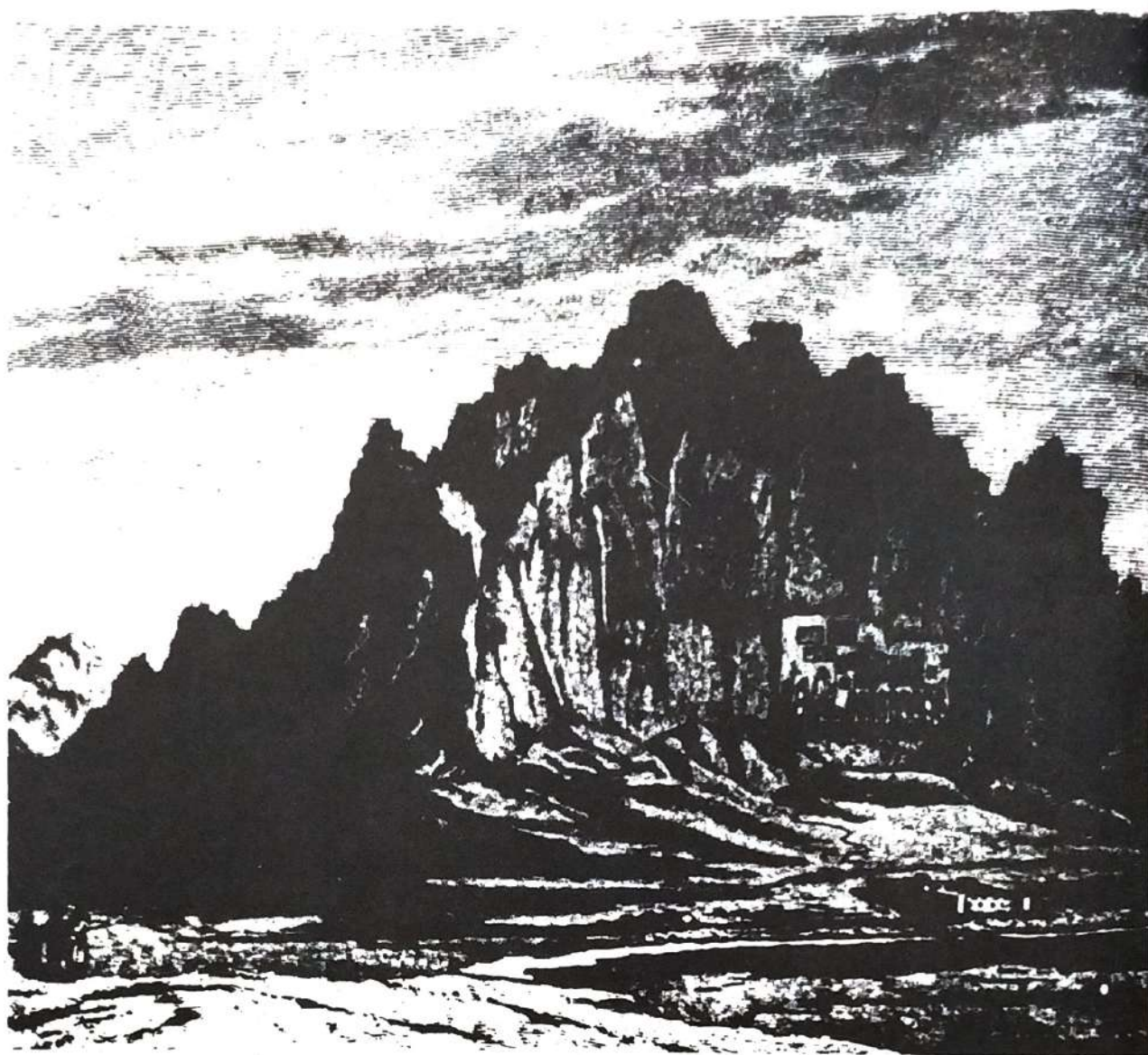


Fig. 10 — Vista do rochedo de Behistun.

sia. Aqui, apaixonou-se pelos misteriosos caracteres, e conseguiu ler o nome de Dario, Xerxes e Histaspe. Mas, para continuar seu estudo, necessitava de textos um pouco menos esquemáticos, ao menos uma inscrição um pouco mais longa. Lembrou-se de ter passado em frente a um rochedo que se erguia solitário perto da perdida vila de Behistun (fig. 10), na planície de Quirmanchá, no qual estava esculpido um grande relevo acompanhado de uma longa inscrição.

Ao nível do chão, porém, nada se conseguia ler. Voltou munido de escadas, cordas e polias e se fez içar lá em cima, a mais de 60 metros de altura, para copiar uma parte da coluna em Persa. Pouco depois, entregou à "Royal Asiatic Society", não só a cópia do texto, mas também sua tradução, essencialmente exata, que terminava com as palavras:

"Este rei Dariavuch (Dario) ordena: tu que nos dias que virão vires esta inscri-

ção e estas figuras de homens que Eu fiz esculpir na rocha, não danifiques e não destruas nada. Tens cuidado, para que deixe uma semente, e conserve-a intacta”.

As “figuras de homens” representavam a vitória de Dario sobre o usurpador Gaumata.

Entrementes, na Europa se faziam muitos progressos por mérito sobretudo de Edward Hincks (1792-1866) e Jules Oppert (1825-1905) que se entregaram a ressuscitar o persa antigo pela análise comparada das duas línguas afins: o sânscrito, o zend e, em geral, as línguas indo-européias.

Mas este grande trabalho se demonstrou de todo inútil. As inscrições sobre os achados que agora estavam chegando de Mossul não tinham nada em comum com o persa antigo; elas tinham mais a ver com o babilônio e o neo-assírio, mas poucos estudiosos haviam se dedicado a estas línguas.

Tratava-se de uma língua e escrita totalmente diferentes, apesar de os sinais se assemelharem. Rawlinson, que então era cônsul em Bagdá, pensou prestar um serviço útil quando, em 1844, se fez içar novamente sobre o rochedo de Behistun para copiar a terceira coluna da inscrição

	a		gia		b, ba		vi
	i		gi		f, fa		r, ra
	u		t, ta		n, na		ru
	k, ka		tu		nu		l, la
	ku		d, da		m, ma		s, sa (sibilante)
	g, ga		di		mi		z, za
	gu		du		mu		sc (chi)
	h, ha		th		y, ya		s, sa (suave)
	ci		p, pa		v, va		h, ha

O “alfabeto” cuneiforme persa.

(exceto o trecho inicial apagado pela água de uma pequena cachoeira que há séculos escorria por cima). A França, que não queria ficar atrás de ninguém, enviou a Behistun o especialista Coste e o desenhista Flaudin, que já conhecemos. Os dois chegaram, olharam, e voltaram de imediato, declarando que a inscrição era inacessível, e que eles não eram acróbatas. Mas quando Rawlinson e os outros estudiosos atacaram a decifração, começaram verdadeiramente as atribulações.

A escrita persa, que na ordem de decifração foi chamada Classe I, era, em comparação, facilíssima e semelhante à nossa. Cada grupo de sinais correspondia, mais ou menos, a uma letra do alfabeto. A Classe II, a escrita elâmico-susiana, era mais complicada; todavia chegou-se a lê-la graças ao dinamarquês Niels Ludwig Westergaard (1845), mas, como naquele momento de nada servia, foi deixada de lado.

A Classe III, que de tanta utilidade poderia ser, era absolutamente indecifrável. Acima de tudo, ninguém sabia direito de que língua se tratava; resultou que cada grupo de sinais poderia representar uma letra, ou uma sílaba, ou mesmo uma palavra inteira. Mais ainda: os mesmos símbolos, idênticos, poderiam significar, dependendo dos casos, sílabas ou palavras totalmente diferentes. Os estudiosos estavam perplexos e, como se não bastasse isto, os que constatarem tais anomalias foram tomados por loucos ou incompetentes. Não era possível — sustentavam os jornalistas — que pudesse existir uma escrita tão estrambólica e sofisticada.

A esta altura, o próprio Assurbanípal deu um valiosíssimo auxílio. Dentre as tabuinhas de sua biblioteca, uma boa parte era constituída de dicionários, gramáticas, e até mesmo uma espécie de enciclopédia, do que se depreende que era difícil até mesmo para ele destrinchar os sinais e palavras sumérios, babilônios e neo-assírios.

Os estudiosos compulsaram tudo isto avidamente e Rawlinson apresentou à “Royal Asiatic Society” uma teoria sua sobre o modo de ler a Classe III que desencadeou, como as outras, uma algazarra de polêmicas feroces.

Até que a “Royal Asiatic Society” decidiu acabar com a questão, se bem que de modo não irrepreensível. Em 1857, sem que ninguém soubesse, tomou uma inscrição bastante longa e até então desconhecida, fez quatro cópias litográficas e enviou uma a Rawlinson, uma a Oppert, e outras duas a Hincks e Fox Talbot, dando-lhes o encargo de traduzir o texto por sua conta. Veriam quem, dentre os quatro, teria razão.

Todos os quatro estavam com a razão, haja visto que as versões, ao menos nas partes essenciais, concordavam plenamente.

Desde então, percorreu-se um longo caminho, e hoje, se não se consegue decifrar algum documento, não é pelas dificuldades lingüísticas ou gráficas, mas pelo desgaste do material sobre o qual está escrito.

CAPÍTULO 2

A HISTÓRIA

As fontes

Até a metade do século passado, o texto fundamental para se conhecer a história da Mesopotâmia deve ter sido a obra de Berosse (Bel-usur), antigo sacerdote babilônio, autor de uma longuíssima história de seu país, escrita em grego, intitulada *Babyloniakà*, e dedicada ao rei Antíoco I Sóter (280-261 a.C.). Berosse era colega e contemporâneo de Maneton que se deu ao mesmo trabalho no que concerne ao Egito, no tempo de Ptolomeu II Filadelfo (285-246 a.C.).

Ambas as fontes são prestigiosas, mas não podem ser utilizadas. Tal como a de Maneton, a obra de Berosse foi perdida; ocasionalmente é mencionada por historiadores posteriores, dentre os quais Flávio Josefo, Eusébio, Abideno, sem falar do erudito rei Juba II, da Mauritânia (marido da filha de Antônio e Cleópatra) que dela extraiu intenso material para escrever seus dois livros sobre a Assíria, também perdidos.

A perda da obra de Maneton não se revelou grande dano; a maior perda foi a de Berosse, presumivelmente muito mais exaustiva, como se pode deduzir do cuidado — observado comparando-se os trechos que chegaram até nós com os achados arqueológicos — com que traduziu alguns antigos textos sumérios diretamente das fontes originais.

A *Babyloniakà* era dividida em três partes: a primeira compreendia toda a época “antediluviana”, na qual, segundo o autor, reinaram 10 reis, todos notavelmente longevos, visto que a média de suas idades seria de 43 200 anos cada.

A segunda, do Dilúvio a Nabonassar, enunciava os nomes de 86 reis num período de 34 090 anos. A média de vida *per capita* é mais razoável, mas em compensação fica muito mais difícil fazer coincidir esses nomes com os que são hoje conhecidos.

A terceira, de Nabonassar até a conquista de Babel por Alexandre Magno, parece ter sido rigorosamente histórica.

O todo abarcava um período de cerca de 500 000 anos.

As fontes gregas são demasiado tardias e fragmentárias: Heródoto fornece em linhas gerais anedotas ou impressões turísticas, assim como Diodoro Sículo, que também relata algumas notas trazidas de Ctésia, nem sempre confiáveis. Quanto ao mais, não há quase nada.

Antes dessas descobertas recentes, pois, o pouquíssimo que se sabia era deduzido da Bíblia, que não é um livro de história, é relativamente

recente e trata da Mesopotâmia só no que tange ao povo hebreu. Devemos, no entanto, aos *Livros dos Reis*, a Isaías, Jeremias, Ezequiel e outros profetas menores, o fato de terem sido transmitidos no decorrer dos séculos os nomes de Teglathalassar, Sennaquerib, Assurbanípal e Nabucodonosor.

As primeiras possibilidades de uma historiografia começaram a se delinear somente com a descoberta da biblioteca de Assurbanípal e só então ficou claro que a história da Mesopotâmia era antiquíssima e que os reis conhecidos graças à Bíblia eram só os últimos de uma história multimilenar, se não mesmo antediluviana.

O material de estudo se enriqueceu enormemente quando as escavações trouxeram à luz os arquivos do governo desta ou daquela cidade, estelas, selos, contratos, cartas, na maior parte concernentes a atas oficiais, burocráticas, construções de templos ou obras públicas; mas alguns se referiam também a eventos políticos ou bélicos e constituindo assim uma documentação preciosa para tentar reconstruir sua história.

Por outro lado a história, sem as datas, é muito discutível. E, aqui, o aspecto nebuloso era exatamente as datas. Os documentos sumérios e acádicos davam indicações do seguinte tipo: "Eu, X, filho de Y, Rei de . . . , construí este templo". Alinhando estes X e Y, podia-se obter uma breve sucessão de nomes que podiam ser confrontados, em alguns casos, com as "listas de reis", nas quais eram indicados os anos do reinado de alguns destes soberanos. Mas tais elencos apresentavam somente os nomes dos reis legítimos, excluindo os usurpadores, que eram muitos, com o que se saltavam decênios inteiros.

Outras tabuinhas eram datadas: "o vigésimo oitavo ano da tomada de Isin", ou então: "Ano em que o rei X venceu o rei Y", o que pelo menos servia para estabelecer que os dois reis eram contemporâneos.

Mas quando? Em certos casos, tentou-se interrogar os astros, quando os documentos citavam: "ano em que ocorreu o eclipse da Lua", ou indicavam o despontar de Vênus num ponto preciso. Mas os êxitos, neste ponto, foram escassos, dado que os eclipses da Lua são muito frequentes e Vênus surge no mesmo lugar e data, a breve ciclos regulares. De início, foi preciso contentar-se em escolher como referência o rei Hammurabi e, com base em parâmetros astronômicos e coincidências históricas, encaixar com cautelosas aproximações os eventos de 340 anos antes e 150 anos depois dele.

Mas mesmo este ponto de referência não era fixo: os 43 anos do reinado de Hammurabi, pelas razões indicadas, podiam ter sido: 1923 a 1880 a.C.; 1849 a 1806 a.C.; 1793 a 1750 a.C.; 1729 a 1686 a.C. Assim sendo, mesmo este breve período flutuava para frente ou para trás em dois séculos.

Foi a descoberta do grande arquivo de Mari, em 1933, que fixou esse alvo instável. Algumas cartas provinham de soberanos já datados com

certeza através de outras fontes; e assim Hammurabi encontrou seu lugar definitivo no âmbito seguro da terceira dentre as épocas apontadas: 1793 a 1750 a.C.

Quanto aos períodos sucessivos, as referências são numerosas, primeiro pelo eclipse solar citado nas "listas régias" e precisamente pelo de 15 de junho de 763 a.C. Retrocedendo até cerca de 1450 a.C. a diferença de tempo não ultrapassa o decênio; além de 1450, pondo entre parênteses o período de Mari, e assim para trás, perdendo-se na noite dos tempos, só há referências às dinastias egípcias.

Quanto a notícias, depois de 1100 a.C. o material histórico é abundante. Quase todos os reis assírios deixaram relatos amplos e detalhados de suas empresas em anais, estelas, inscrições e cartas. Sobre Babilônia, muito rica em informações é a chamada *Crônica Sincronística*, uma tabuinha proveniente de Assur (atualmente em Istambul) que relata os acontecimentos concomitantes nos dois países, de Assur-bel-cala a Assurbanípal, isto é, de 1050 a 884 a.C., aproximadamente.

Um documento de fundamental importância é a *Crônica Babilônia* descoberta na biblioteca de Nínive e decifrada em 1884 (Museu Britânico), que trata da história de Nabonassar até Dario I. Infelizmente, só nos restou a primeira parte, que termina com Assurbanípal e abarca um período de oitenta anos. Recordemos também a *Crônica* dita de Gadd, nome de seu decifrador, que a publicou em 1923. Também esta proveniente de Nínive, compreende sete anos do reino de Nabopolassar (do X ao XVII ano) com os detalhes da queda do império assírio.

As lacunas, portanto, são infinitas, mas podem ser ocasionalmente preenchidas, quer por documentos isolados que são publicados ocasionalmente, quer por fontes estrangeiras (egípcias, hititas. . .); e para os anos mais recentes, pelos historiadores gregos, os quais também constituem nossa maior fonte de informação sobre os antigos medos e persas.

CAPÍTULO 3

OS SUMÉRIOS

Às pequenas tribos de nômades que pela primeira vez se aventuraram na planície do Tigre e do Eufrates, a paisagem deve ter parecido totalmente inóspita e desolada: uma árida estepe, que seria mais exato chamar de tórrido deserto, e na foz dos rios uma vasta região pantanosa e de clima mortífero, infestada de moscas, serpentes e escorpiões.

E em harmonia com este quadro, uma total ausência de matérias-primas: pedras e madeira para construção, filões de ouro ou minas de cobre ou prata (o petróleo, então, de nada servia).

Talvez alguém, não se sabe por que inspiração, lançou uma mancha de cevada ou trigo, com resultados surpreendentes: a semente deu frutos prodigiosamente. Mas foi uma maravilha efêmera, pois exatamente quando os grãos estavam amadurecendo, os dois rios — um depois do outro — entraram em cheia e acabaram com tudo, deixando no terreno não o fértil limo do Nilo, mas os detritos arrastados do norte: areia, pedregulhos, restos vegetais, carcaças de animais. E além disto, erguiam-se, do deserto da Arábia, turbilhões impetuosos de vento carregado de areia que apareciam de súbito, tornando o ar irrespirável, abrasivo, e submergindo na areia o que quer que tivesse restado dos campos já arruinados.

Alguém quis prosseguir rumo oeste, ou para lá foi mandado, em exploração: voltou depois de uns poucos dias, dizendo que, daquele lado, só havia deserto, a perder de vista. Para pessoas sensatas, uma terra que se devia logo abandonar, e bem depressa.

Mas não foi assim, quer porque um autoritário chefe de tribo, do alto do próprio prestígio, pronunciou um discurso mais ou menos deste teor: “Este país, admito, não é lá essas coisas. Mas há água, há peixe e tâmaras à vontade, e haja vista a experiência do trigo, se todos nós nos aplicássemos a regular, com grandes terraplenos e barragens o curso dos rios, se cavarmos canais para trazer água aos campos, secar os pântanos e adubar o deserto, esta terra poderia tornar-se um dia habitável, quiçá mesmo, rica”.

Os ouvintes, ao invés de se porem a rir, consultaram-se e o aprovaram. Dito e feito: puseram-se todos, pais, mães, filhos e sobrinhos, a trabalhar como formigas, por um número indeterminado de decênios, ou mesmo séculos. E nos albores da história, encontramos esta região não só habitável e riquíssima, mas tão fértil que até mesmo a Bíblia indica o Paraíso Terrestre nessa região:

“Ora o Senhor Deus havia feito um paraíso de delícias, onde colocou o homem que ele havia formado. E o Senhor havia produzido da terra todo tipo de lindas plantas cheias de frutos (...) e deste lugar de delícias brotava um rio que regava o paraíso, e este rio divide-se em quatro braços”.

Depois cita os seguintes quatro rios ou “braços”: o Píson, o Gehon, de identificação incerta, o Hidegghe e o Perath, que são o Tigre e o Eufrates¹.

Com todo o respeito pela Bíblia, o Senhor Deus colaborou até certo ponto; e, para dar a César o que é de César, o mérito vai todo para os sumérios.

Qual era a origem destes infatigáveis pioneiros? A questão é muito debatida e, quiçá, jamais o saberemos. Só é certo que *não* eram semitas, e dado que toda a imensa região da Ásia, que vai do Lêmen aos confins meridionais da atual Turquia e do Mediterrâneo aos montes Zagros, foi destinada por Jeová aos filhos de Sem, deve-se excluir *a priori* que tenham vindo do oeste, ou do norte. Resta, portanto, todo o oriente, mas seria ocioso ir procurar o ponto preciso a partir do qual puseram-se em marcha. Citaremos só as hipóteses mais prováveis.

Há quem os considere oriundos diretamente da Índia, pelo mar. Tal teoria é apoiada no fato de que algumas divindades sumérias eram veneradas também em Melukhkha, a costa oriental do Golfo Pérsico, e que seus primeiros povoados foram nas praias do Golfo.

Há, por outro lado, os que os imaginam a descer do nordeste, dos montes da Média, ou diretamente do Cáucaso. A base desta teoria é a língua dos sumérios, que tem semelhanças estreitas com as línguas ditas prototurcas, ou turco-tártaras, ou uralo-altaicas, isto é, da Ásia Central. Sobre estas premissas, há também um indício comprovador: em sumério, “pátria” diz-se “kur”, mas a mesma palavra também significa “montanha” e “oriente”. Dado que na terra dos sumérios não existem sequer traços de montanhas, pode-se supor que eles considerassem como sua pátria um território montanhoso no Oriente; ademais, tendiam a construir seus templos sobre terraplenos, como se quisessem colocar seus deuses no topo dos montes, como na prática de origem. Mas existem parentescos lingüísticos também com os idiomas dravídicos, do sul da Índia. Fica de pé a hipótese de que os sumérios, provenientes da Síria, estabeleceram-se na Ásia centro-ocidental e, daí, alguns deles tenham se dirigido à foz dos dois rios.

Que tenham vindo do norte, pode-se deduzir também por particulares curiosos: por exemplo, habitando em climas mais frios, não teriam jamais visto um leão nem uma palmeira, e não disporiam de palavras com que designar estas novas “coisas”. Ao leão chamaram “mug-nag”,

¹ Em sumério, Idighna e Baranum.

ou “grande cão”, e à palmeira, “ügin”, significando, mais ou menos, “aquela que está reta”.

Seja como for, o primeiro povoado da Mesopotâmia foi Uru-Dug, ou Nun-qui, mais tarde chamado Eridu (fig. 11). Situado entre mar, lagoa e deserto, destacava-se o templo E-apsu, dedicado ao deus Enqui, que os havia guiado até lá. A cidade de Eridu não terá jamais importância política, mas permanecerá sempre um grande centro religioso, a Cidade Santa de todos os sumérios.

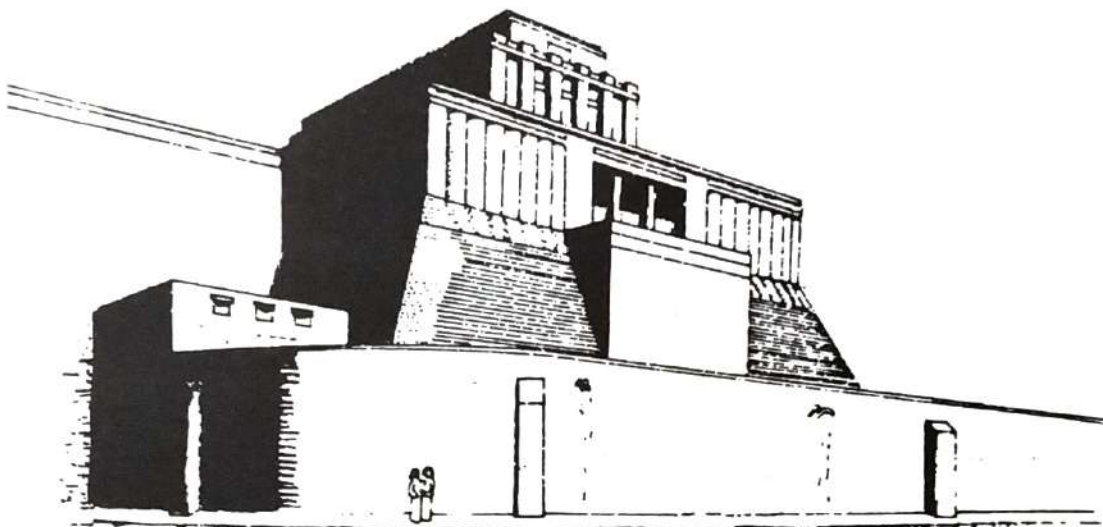


Fig. 11 Eridu: reconstituição do “Templo 1”.

O Estado sumério

Em homenagem ao ditado que não há nada de novo sob o sol, desde o início, nas cidades sumérias, encontramos o comunismo.

O incomensurável trabalho de séculos, tão magnificamente compensado, era coletivo, e coletiva permaneceu a propriedade. De resto, o enorme dispêndio de mão-de-obra e meios para construir os grandes templos e canais, empresas das quais se vangloriavam os chefes, e a manutenção dos diques, barragens, e da rede de fossas e canais, de toda a hidráulica, exigiam uma rigorosa concentração de todos os recursos.

O proprietário de toda a terra e do gado era o deus local, cujo templo era o centro do Estado, aliás o próprio Estado. O templo era também o celeiro, o depósito de ferramentas, o banco, a escola, o centro de planejamento, e o grande mercado geral. Acima de tudo estava o Ensi, que não era propriamente um rei, mas antes um Sumo Sacerdote, que interpretava a vontade do proprietário, ou seja, do deus, o qual designava o Ensi com sinais milagrosos, desde o seu nascimento. O Ensi não era, porém, um soberano absoluto, mas devia consultar o Conselho dos Nobres (isto é, os militares) e a Assembléia dos Anciãos, que era uma espécie de Senado. Mas é óbvio que o Clero, num Estado teocrático, detinha todo o poder.

Cada cidade era um Estado independente, plenamente auto-suficiente, e freqüentemente em desacordo ou em luta contra as cidades fronteiriças pela posse de um canal ou de um campo. Eram entidades de uma certa consistência, já então de cinquenta a cem mil almas; e cada uma, por sua vez, procurava sujeitar as cidades vizinhas, ou até mesmo as mais distantes. Mas, na prática, tudo permanecia como antes, pois cada cidade era extremamente ciosa de sua própria autonomia.

A economia era exclusivamente agrícola. Em todo o país, que mais tarde os acádicos chamaram Chúmer² (na Bíblia, Chinar), a única grande riqueza eram os produtos da terra, em particular, a cevada, o trigo, o sê-samo, as tâmaras. Com os superabundantes excedentes se comprava tudo o que faltava: metais, pedras, madeiras, marfim, que, trabalhados por hábeis artesãos, serviam depois como novo artigo de troca e mantinham ativo um vasto comércio, de que se encontram sinais em toda a Mesopotâmia, e até no Egito e na Índia.

Dentre as cidades de Chúmer uma das mais antigas deve ter sido Lagach, ou Telloh, fundada contemporaneamente a Eridu: de fato, os primeiros soberanos de que temos notícia vangloriavam-se com o título de "Ensi de Lagach". Além desta, as cidades mais florescentes e poderosas foram: Uruk, Ur, Umma, Adab, Churruapak, Nippur, Casalu, Isin,



Fig. 12 -- A região de Chúmer.

² "Terra cultivada".

Larsa, Quich, Echnuna. Mas não se sabe se houve outras. Os documentos até agora descobertos e legíveis provêm de escavações feitas nestas cidades.

E tudo isto num território de não mais de quinze a vinte mil quilômetros quadrados, equivalente à Toscana ou à Apúlia (fig. 12).

A religião

Os primeiros sumérios trouxeram de sua terra natal um patrimônio de crenças rústicas, que os historiadores da religião chamam “chamanismo”, um conjunto de crenças de espíritos malignos, bruxarias e esconjuros contra os espíritos, tidos como responsáveis por todos os males que afligiam os pobres sumérios.

Estes malignos demônios eram classificados por categorias, segundo o local de residência: infernos, deserto, cemitérios, montes, mares, estepes, estradas. Os mais temidos eram os espíritos dos torvelinhos de areia que acometiam os campos e a tudo devastavam. Depois, os da febre, das doenças. Particularmente malignos eram: Pusasú (“O Aferrador”, fig. 13); Labartu, uma espécie de monstro que raptava as crianças; sem falar na bruxa Lilitu, uma das participantes da “Noite do Sabá” no *Fausto*, de Goethe. Contra todos estes demônios, porém, nem mesmo os magos mais bem cotados possuíam esconjuros de efeito certo. Como se não bastasse, havia ainda alguns espíritos isolados e sem residência fixa, por exemplo: um afogado ou um insepulto, uma mulher que morresse virgem ou de parto, um homem solteiro, ou qualquer mau defunto.

O grande capitão desta multidão de espíritos era: Anu, deus do Céu, inimigo dos homens, pai de todos os demônios que são seus súcubos e servos, e como tais, obedecendo sem discutir às suas ordens, causam as catástrofes naturais (secas, tufões, pestes). Este Anu (o Céu) também tem um outro nome, Enlil (Senhor do Vento Impetuoso). Mas logo Anu e Enlil tornaram-se dois deuses distintos.

O outro grande capitão, mais pacato, é Enqui (Senhor do Território), deus da Terra, que, na origem, era a personificação do subterrâneo, do abismo (Apsu), do Caos primordial. Mas, dada a conformação do novo país, transformou-se num deus das águas subterrâneas e do mar, e gerou uma infinidade de deuses marinhos e fluviais. Era este mesmo deus que tinha sua sede em Eridu, no grande templo chamado Eapsu (Casa de Apsu) que se erguia quase junto ao mar (atualmente, dista quase 200 quilômetros).

O deus Enqui é representado como uma cabra com cauda de peixe, e é o grande deus da magia, pois conhece os segredos das águas que correm nas vísceras de Apsu. Bruxas e magos são pois os “enviados de Enqui” e em suas práticas nunca falta um recipiente com a “água santa de Eridu”.

Apsu significa inclusive “Casa do Saber”, pelo que Enqui é também

o deus da ciência e, enquanto deus criador, é o patrono dos arquitetos e dos intelectuais.

Seus parentes mais próximos são: a mãe Bau, a água primordial; a filha Damgalnunna (A Grande Esposa da Morada das Águas); e as outras filhas: Ninaghacuddu (Senhora das Águas Resplandescentes), Nanche e Nisaba — das quais falaremos mais adiante — e, por fim, o filho Amar Dugga (O Bom Filho) que serve de intermediário entre seu pai e os míseros mortais sempre sob as ameaças demoníacas e lhes fornece os esconjuros.

Fig. 13 — O demônio Pusasú: estatueta de bronze (15 cm de altura) da primeira metade do 1º milênio a.C. (Paris, Museu do Louvre).



Este seu caráter bondoso lhe abrirá uma carreira fulgurante quando, depois de um milhar de anos, será adotado como deus de Babel, e se tornará a divindade mais importante de toda a Mesopotâmia. Trata-se, porém, de uma hábil substituição de pessoa: o velho deus de Babel era originalmente Amar Utugga, um desconhecido. Por assonância do nome, o bem mais prestigioso Amar Dugga usurpará seu trono, fama e honras com o nome de Marduk.

A este ciclo primitivo pertence também a popularíssima Inanna. Ela

é a personificação do planeta Vênus. Dado, porém, que este tem dois aspectos distintos, o matutino e o vespertino, a deusa Inanna também tem uma personalidade dupla: de manhã, é valorosa como seu pai Anu, “Senhora das Batalhas”, deusa dos heróis. Ao cair da noite, torna-se a deusa da fecundidade, do amor, dos prazeres sensuais. Coerente com sua própria natureza, não tem um marido, mas escolhe os amantes, ocasionalmente. Amantes que costumam ter um triste fim. É óbvio que também para Inanna se abrirão perspectivas de fazer carreira, sobretudo quando for identificada com a deusa semítica Ichtar (Astartê) e, segundo cada cidade, verá acentuado seu caráter guerreiro ou sensual.

Outra importante divindade é Sin (em acádico, Nannar), deus da Lua, criador do mundo e dos seres vivos. É o venerando decano dos deuses, sobre os quais impõe seus decretos. É ele quem confere ou tira a coroa aos reis. Sua esposa é Ningal, “A Grande Senhora”.

Filho de Sin, mas mais esplêndido que o pai, é Babbar, deus do Sol. Como com os seus raios ilumina o universo, é assim o deus da Justiça, que vê tudo e pune a falsidade. Tem dois filhos, cujo nome em acádico, é Quettu e Mecharu (a Justiça e o Direito).

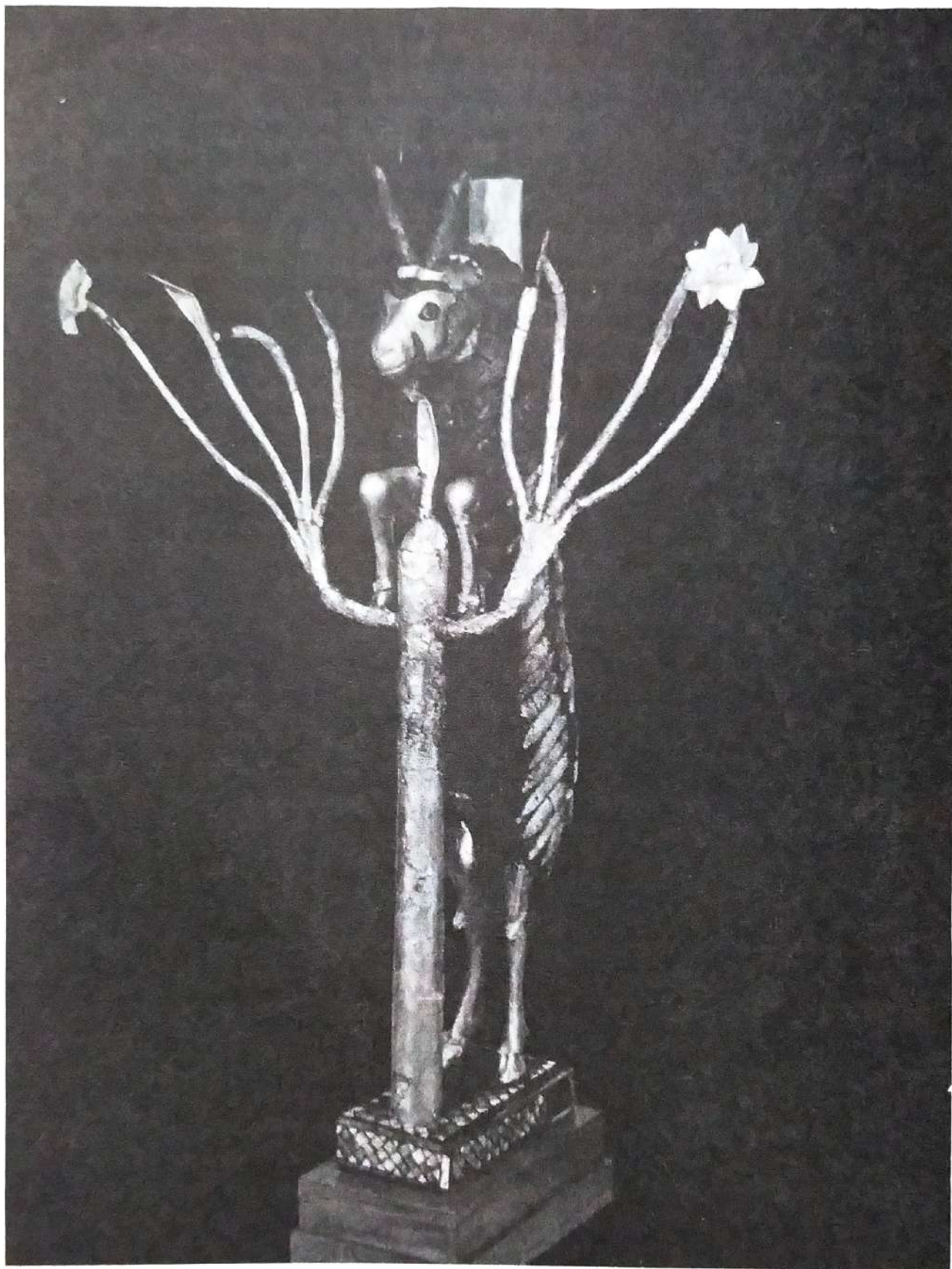
Dentre as divindades terrestres, Ninghirsu é o deus dos campos, dos canais e um grande caçador.

Nisaba, filha de Enqui, é uma das deusas da vegetação e, mais precisamente, da colheita. A sua irmã Nanche (ou Nina) são dedicados as fontes e os canais; a ela fazem votos os pescadores com grandes cestas cheias de peixes, mas também os agricultores, para que interceda a seu favor junto à irmã, Nisaba. De Nina derivará o nome da futura Nínive.

Já por este exame sumário, depreendemos que a estrutura inicial da teologia suméria revela uma forma de politeísmo diversa daquela vigente no Egito onde, salvo pouquíssimos deuses nacionais, cada cidade ou aldeia adorava o próprio deus, em plena autonomia local. Aqui, ao invés, à medida que surgiam novas cidades, os sumérios continuaram a distribuir de seu panteão comunitário os deuses necessários às suas necessidades, adotando critérios distributivos equitativos. Assim, Enqui foi deus de Eridu; Enlil, de Nippur; Sin, de Ur; Ninghirsu, de Lagach; Babbar, de Sipar; Inanna (ou Ninni), de Uruk; e assim por diante. Por outro lado, também Nanche tinha o seu templo em Lagach; Anu tinha o seu em Uruk, junto com Nisaba, e Babbar era também deus de Larsa. Só com o passar do tempo cada cidade construiu também templos aos outros deuses sumérios, oferecendo aos cidadãos uma ampla possibilidade de escolha.

Os bons espíritos

Além dos encantos e talismãs os sumérios recorriam, para maior segurança, aos espíritos benévolos que eram muito menos numerosos, mas voluntariosos e eficientes. Os mais comuns, que chamaríamos “anjos da

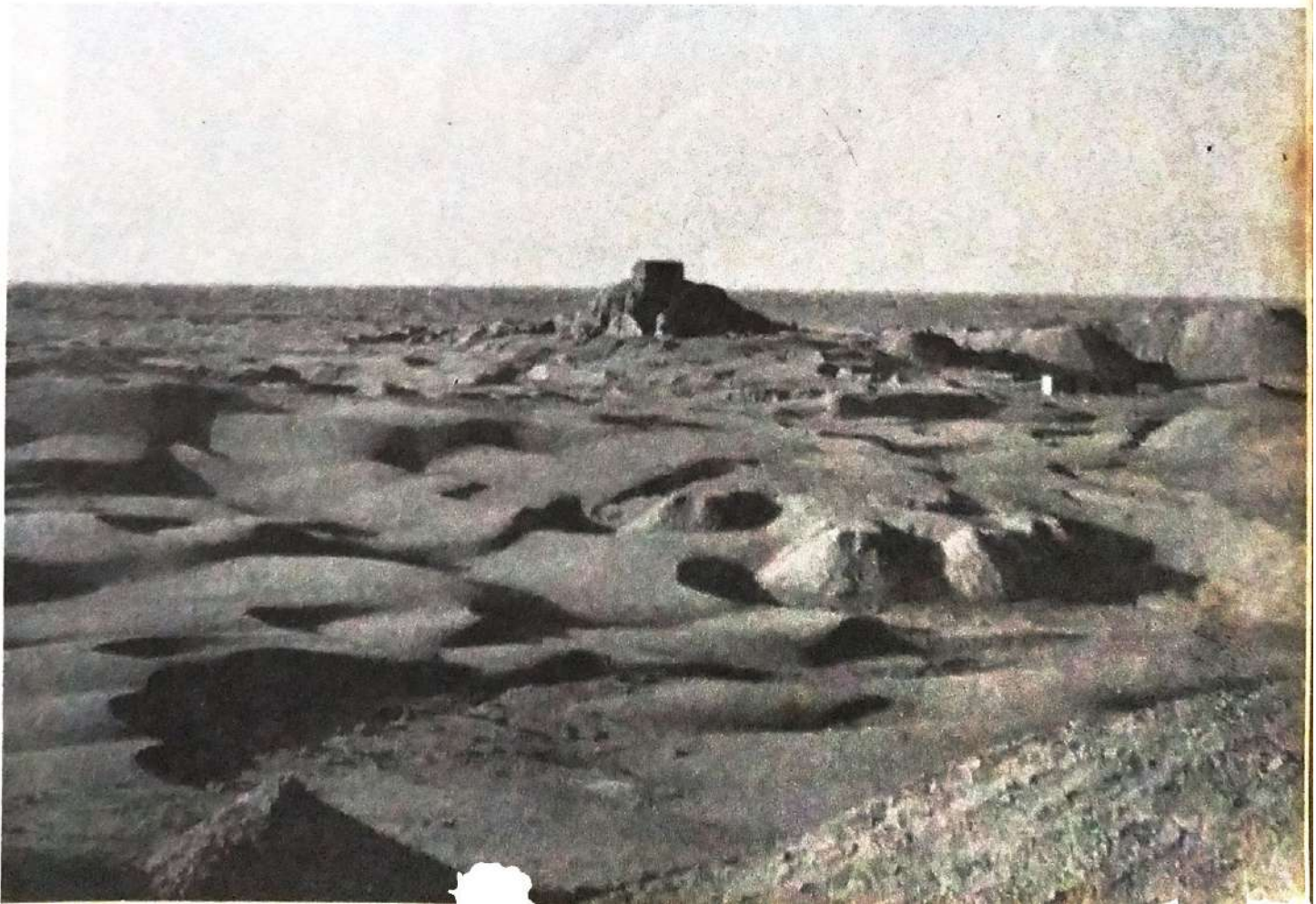


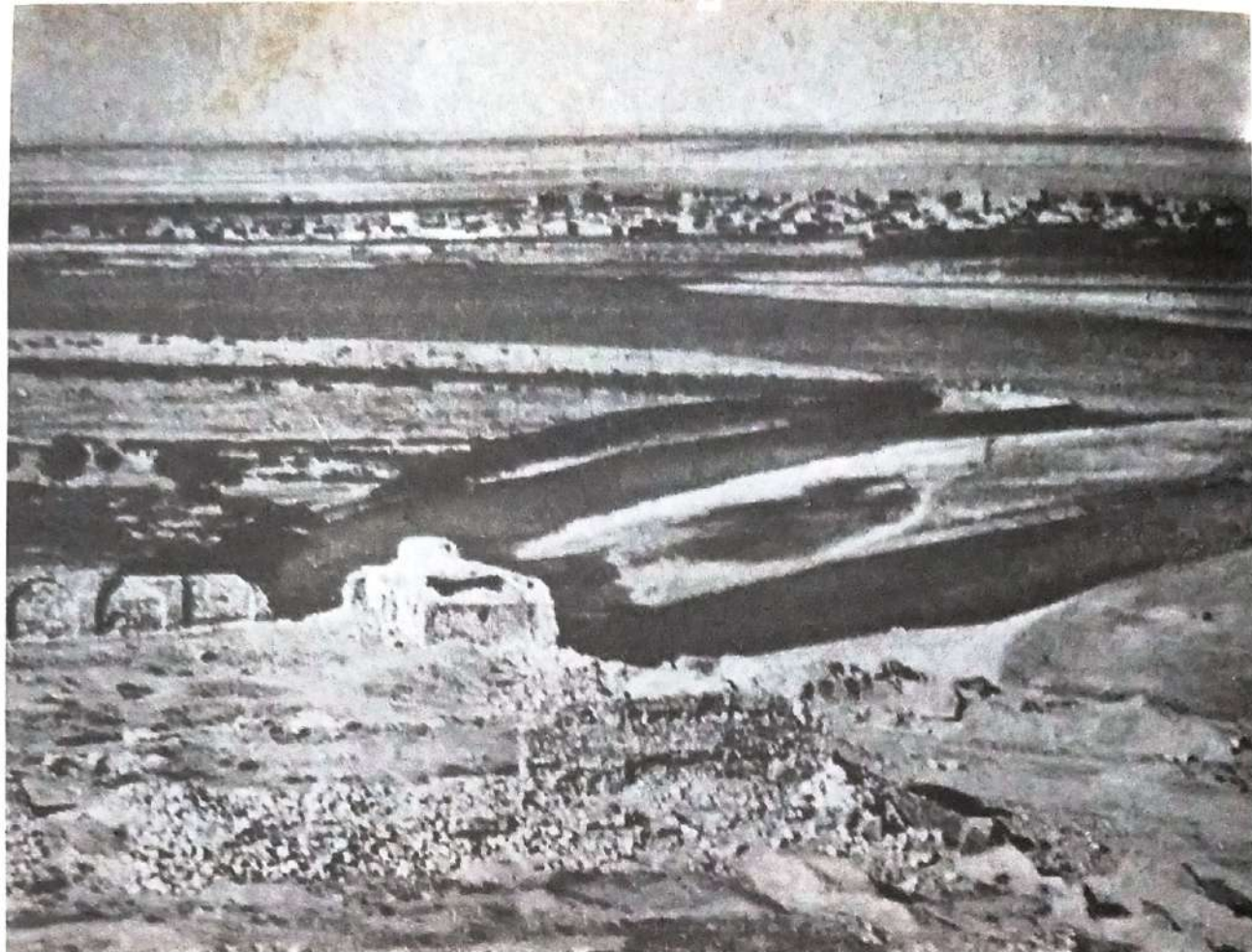
Cabra rampante. Ouro, prata, conchas e lápis-lazúli sobre alma de bronze. Altura 47,5 cm. Proveniente das tumbas reais de Ur. III milênio a.C. (*Londres, Museu Britânico*).



Ur, o zigurate (muito restaurado). Escadaria.

Nippur, restos do zigurate.

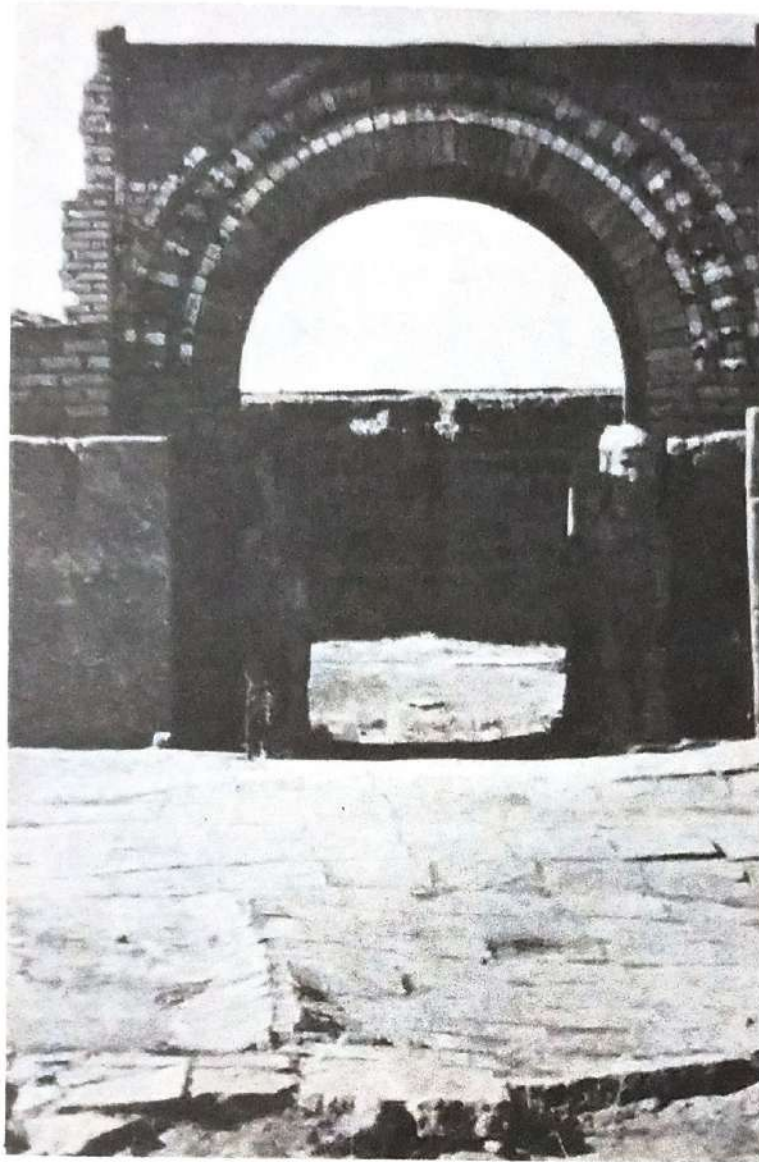




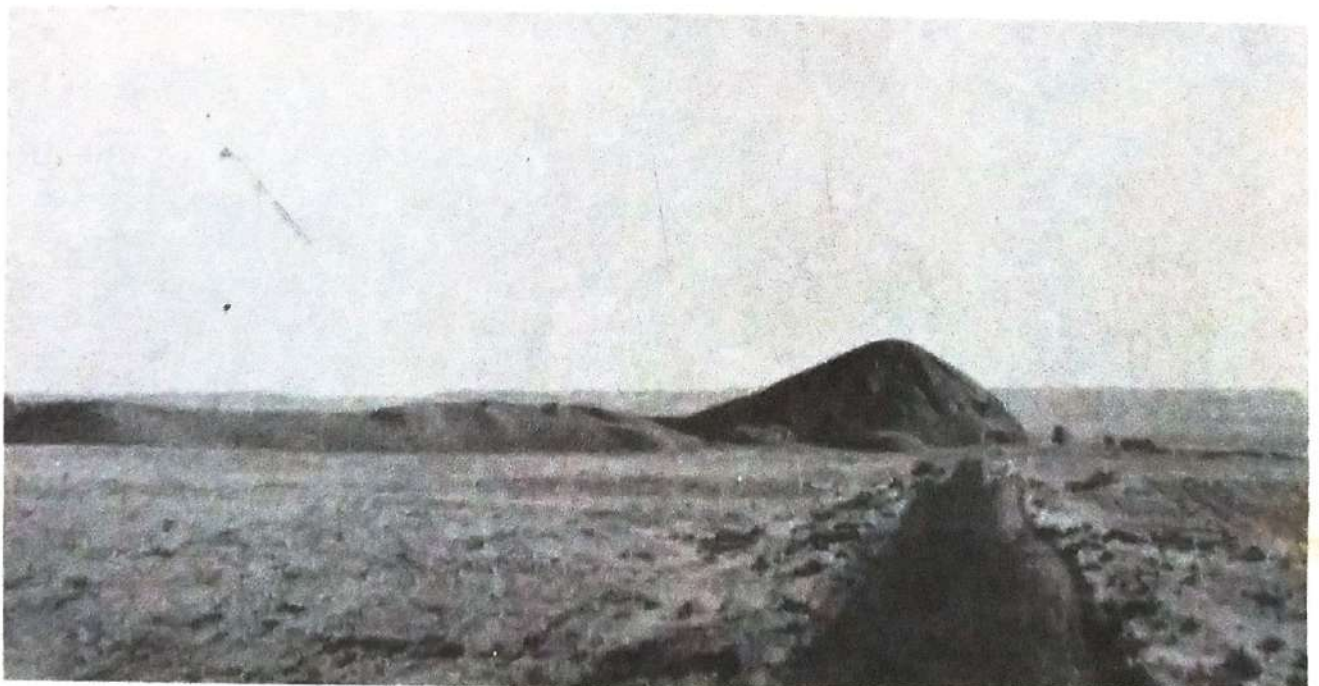
Assur, ruínas sobre o Tigre.

Assur, restos do zigurate.

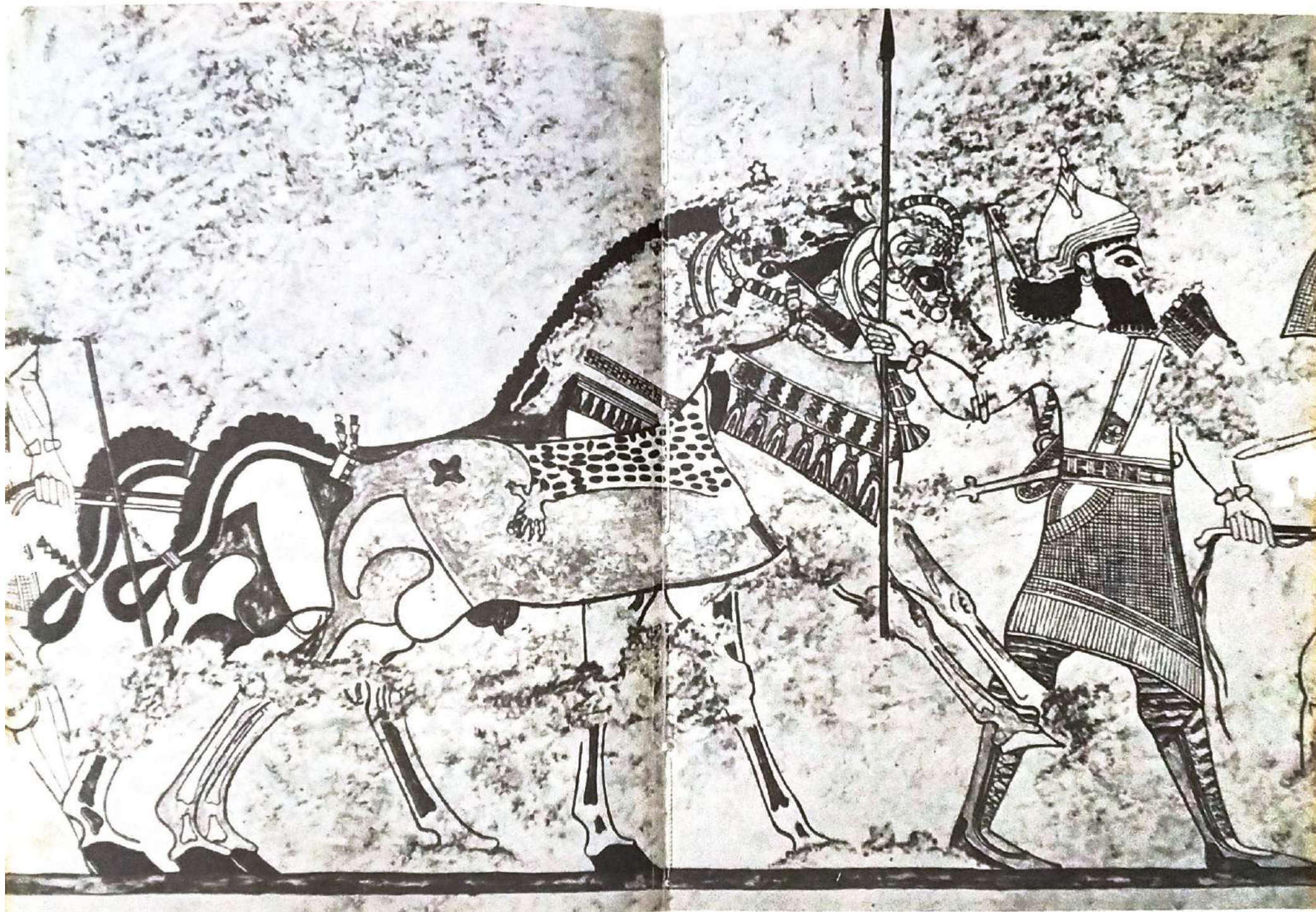




Nimrod (antiga Khalcu):
restos do palácio de As-
urnazirpal.



Nimrod (antiga Khal-
cu): restos do zigu-
rate.

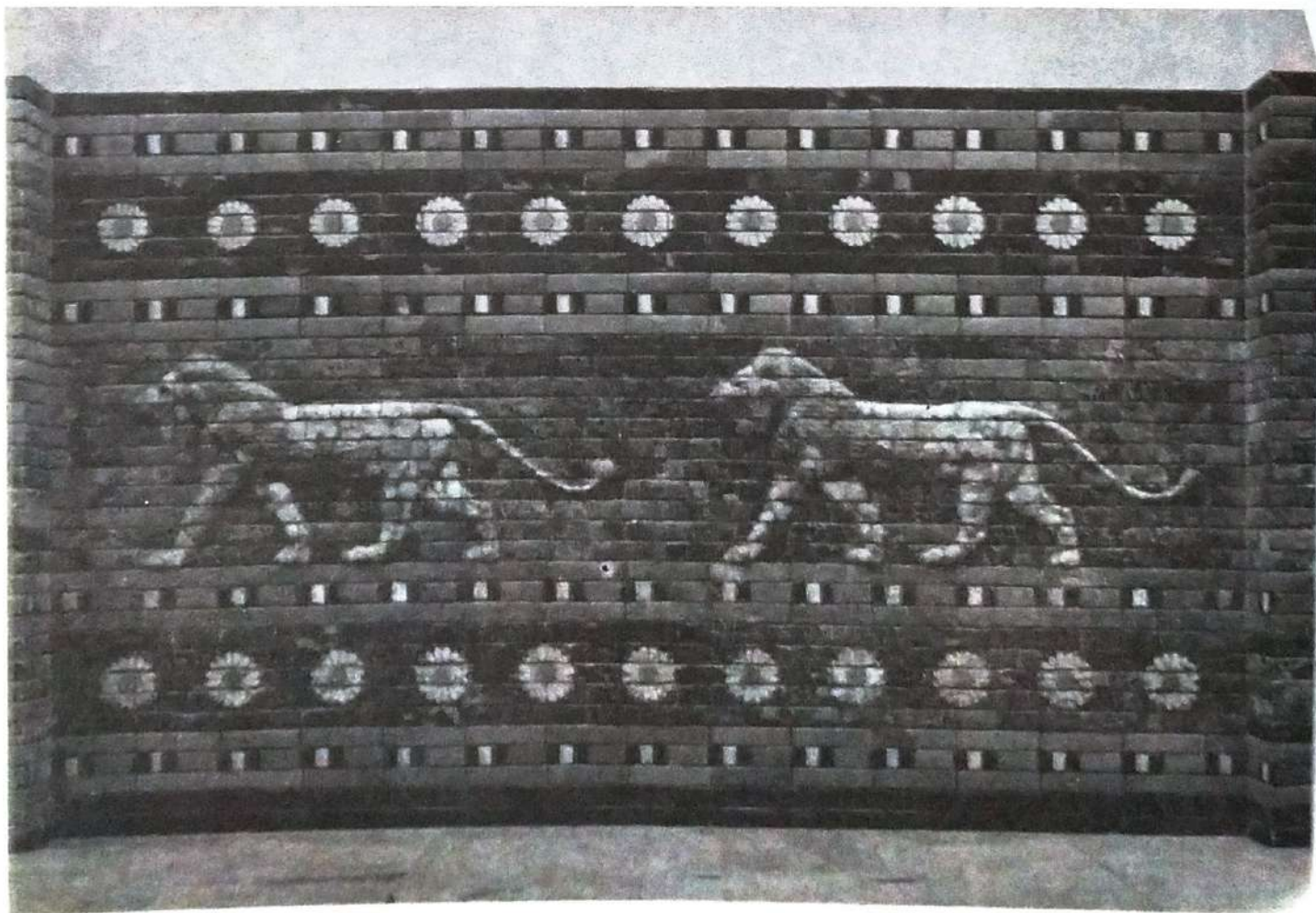


Afresco no palácio de Salmanassar III em Til Barsip (Tell-Ahmar, Síria).



Babel, ruínas do palácio de Nabucodonosor.

Babel, leões esmaltados da rua das Procissões (*Berlim Oriental, Museu Pergamon*).





Detalhe das "Portas de Balawat", do tempo de Salmanassar III (Londres, Museu Britânico).



Relevo representando a conquista de Elam por Assurbanípal. No carro superior um soldado traz a cabeça do rei Tennann. De Nínive (Londres, Museu Britânico).

guarda", intervinham somente se invocados, agiam em pares colocando-se ao lado do suplicante e passavam a escoltá-lo por toda parte.

Quem pretendesse maiores garantias, assegurava para si com orações e sacrifícios até mesmo a proteção de um deus de seu agrado. Com isso, obtinha longa vida, negócios prósperos e saúde-excelente, pois eram estes os sinais tangíveis de uma vida honesta e pia.

Mas era preciso comportar-se bem: se faltasse a seus deveres, os anjos da guarda ou o deus, ofendidos, desertavam o desgraçado e desimpediam o caminho dos demônios malignos. Isto valia também para as cidades, pois aquela que não seguisse minuciosamente os preceitos do deus era punida com a guerra, a peste ou outras catástrofes. Esta concepção obsessiva do pecado, adotada em toda a Mesopotâmia e depois pelos hebreus, sugeria então, na falta de explicações científicas, uma interpretação inexoravelmente ética dos fatos da vida. Assim, a causa de cada doença ou fracasso deveria ser procurada não tanto em bacilos, ou na conjuntura, mas em algum pecado grave que se tenha cometido. Do mesmo modo, segundo a Bíblia, a causa do fim tenebroso de Sodoma e Gomorra, antes que uma catástrofe telúrica, deveu-se à corrupção de seus habitantes, os quais, à parte algum especialmente vicioso, não eram, por certo, piores que os de outras cidades.

Sobre estes paradigmas essenciais, a religião se desenvolverá pelos séculos, em formas teológicas cada vez mais complexas.

Nem sempre é possível reconhecer com certeza o núcleo que reconduz aos sumérios, a partir da contribuição dos outros povos que habitaram dentro e fora da Terra dos Dois Rios; mas é certo que as religiões dos semitas (árabes, amorreus, hebreus, arameus, e assim por diante) eram muito simples; pouquíssimos os mitos, escassa a demonologia e a magia, os rituais reduzidos aos sacrifícios sobre fogueiras.

Na Mesopotâmia, por outro lado, encontramos uma mitologia crescente e muito fantasiosa, rica em ocorrências com os deuses e heróis, expressas com surpreendente veia literária; uma demonologia sofisticada; uma elaboradíssima liturgia; tudo isto peculiaridade dos sumérios que, de resto, sempre foram guardadas com respeito reverente, mesmo que tivessem perdido a importância política. De fato, os povos que se estabeleceram na Mesopotâmia, e em menor medida, mesmo seus vizinhos (elamitas, hititas, hurritas), adotaram os deuses sumérios tais como eles eram — por vezes sem nem mesmo mudar-lhes os nomes, ou simplesmente traduzindo-os — ou no máximo assimilando os próprios deuses aos dos sumérios. É o caso já citado de Marduk e Ichtar. E assim, Enlil se tornará Bel (o bíblico Baal); Enqui — Ea; Babbar — Chamach; e assim por diante. Mas, à parte o nome, os deuses babilônios e assírios conservarão mais ou menos o caráter e as prerrogativas que tinham no início.

Uruk (2900 - 2500 a.C.)

Ao primeiro dissipar-se das nuvens da pré-história pode-se notar que a cidade mais poderosa dos sumérios é Uruk (fig. 14), a bíblica Erech (hoje, Warka).

A sua fundação tem como protagonista Inanna, a qual — como narra um poemeto babilônio chamado *A Ascensão de Ichtar* — durante uma assembléia dos deuses, tirando proveito da euforia de Anu, com a sedu-

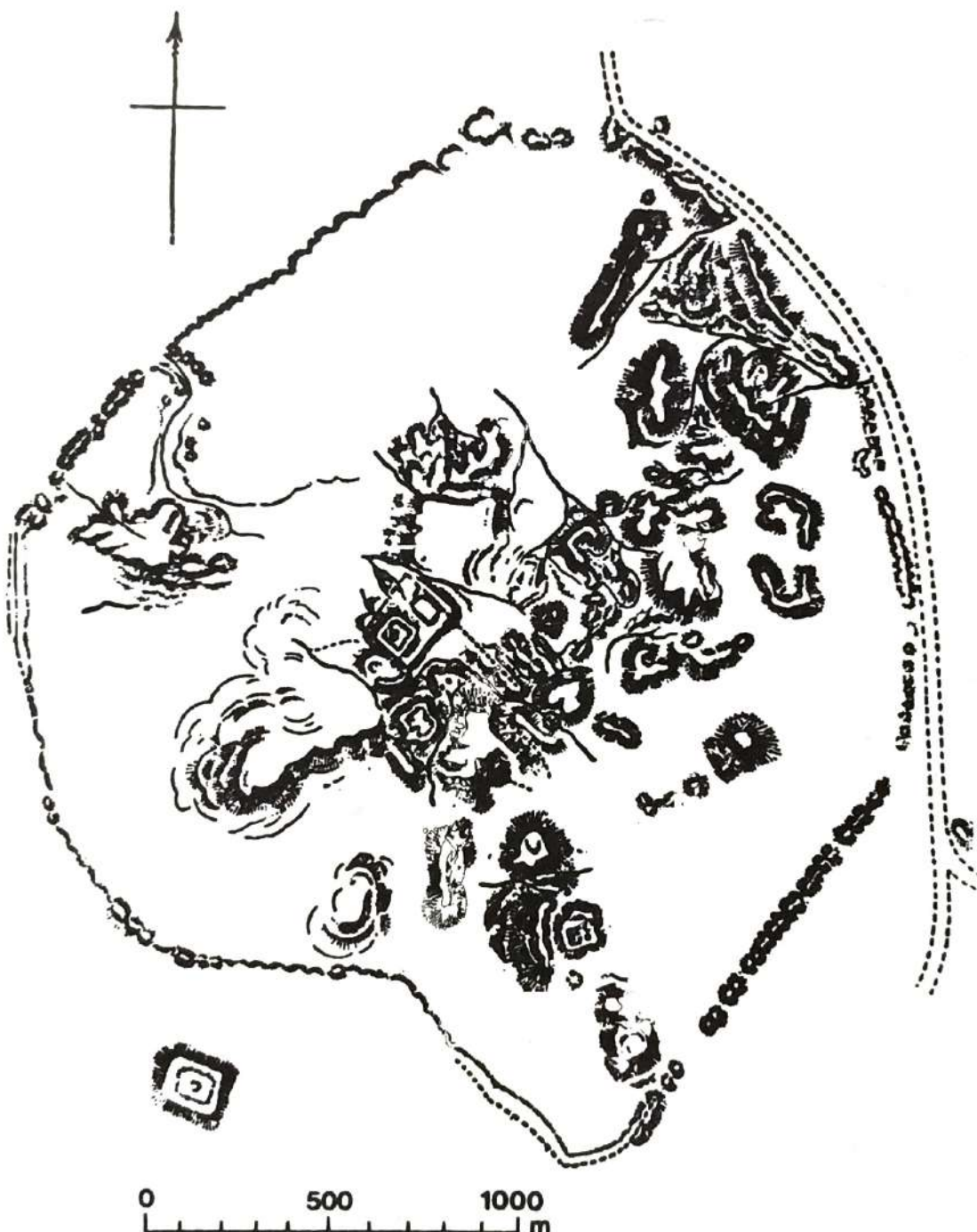


Fig. 14 — Planta das ruínas de Uruk (segundo Loftus).

ção apropriada, pediu-lhe o presente de preciosos vestidos e colares, além de "Forças Divinas". O grande Anu não causou dificuldades: "Graças ao meu poder, quero dar a Ichtar (Inanna), à minha filha pura, o domínio, a divina Essência e a Coroa; quero dar-lhe o Trono real, o alto cetro, o sublime templo". E Ichtar, a pura, aceitou tudo.

Passada a bebedeira, Anu tentou, por todos os meios, retomar seus bens, mas Ichtar soube defendê-los com muita habilidade, e instalou-se em Uruk, em seu novo templo. Anu enfureceu-se, então, e os cidadãos de Uruk, sabiamente, erigiram um outro templo também, em sua honra (fig. 15).

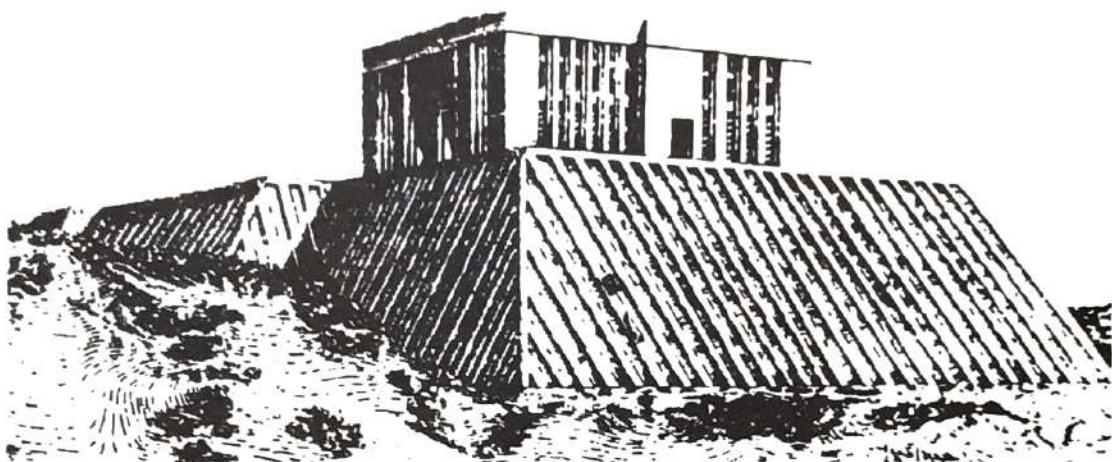


Fig. 15 — Reconstrução do Templo Branco de Uruk.

As escavações arqueológicas evidenciaram os restos do grande templo de E-an-na (Casa Celeste), reconstruído umas vinte vezes, e junto, o do amante de Inanna, Dumuzi (em acádico, Tamuzu; em hebraico, Tam-muz).

Esse Dumuzi (abreviação de Dumuzi-Apsu, ou "Filho Legítimo de Apsu"), talvez um dos primeiros Ensi de Uruk, foi divinizado por Inanna, como privilégio por ter sido, outrora, seu primeiro amante.

Segundo a lenda, era um bravo rapazinho que um dia afundou com seu barco e foi para o inferno, onde os espíritos o mantiveram prisioneiro. A este episódio, que faz parte de um ciclo de mitos nascido em torno de Dumuzi, junta-se uma das mais poéticas e importantes obras da literatura mesopotâmia, conhecida pelo nome de *Descida de Ichtar aos Infernos*.

Não vendo Dumuzi voltar, Ichtar, desesperada, procura-o por todo lugar e por fim decide, com propósitos os mais belicosos, descer ao Arallu, a esqualida cidade dos mortos; bate peremptoriamente no portão ameaçando derrubá-lo, se não a deixarem entrar. O guardião, perplexo, pede-lhe cortesmente para esperar, enquanto vai consultar Erech-quigal, a rainha dos infernos e irmã de Ichtar.

Também Erechquigal fica perplexa perante a estranha visita, mas dá ordem de deixar passar a intrusa, fazendo-a ater-se, porém, às rígidas regras protocolares.

Pelo que, na primeira “porta dupla”, lhe é tirada a coroa; na segunda, os brincos; na terceira, o colar; na quarta, o peitoral; na quinta, a cinta; na sexta, os braceletes; e na última, a veste. Destarte, como todos os que descem à sepultura, se apresenta à rainha completamente nua.

O encontro entre as duas irmãs é dramático. Ichtar agride Erechquigal, exigindo a restituição do seu Tammuz. A rainha chama em seu auxílio o guarda Namtaru, aprisiona Ichtar no palácio e a arremessa contra as “sessenta doenças”.

Entrementes, na Terra, com o desaparecimento da deusa da Fertilidade, a vida amorosa extinguiu-se totalmente. Os animais não se acasalavam mais, e o homem não procurava a esposa, nem a amante. O mensageiro dos deuses, Pap-sukkal, vivamente preocupado e condoído com este estado de coisas, se veste de luto e recorre ao sábio Ea (ou Enqui), o qual, como deus da Terra, tinha uma certa jurisdição também sobre o subsolo. Este cria um arauto, Acuchunamir (O Afeminado) e o envia a Erechquigal que, encolerizada, o transforma, parece, em rã. Depois, deixa-se convencer e chama Namtaru de novo, encarregando-o de convocar a assembléia dos Anunnaqui (os deuses da Terra) e apresentar-lhes o caso de Ichtar. Ao fim, liberta a prisioneira, a asperge com a “Água da Vida”, curando-a de todos os males e devolve-a a Uruk, com todos os seus adereços originais. Na cerimônia da saída, de fato, Ichtar, a cada porta, recupera, pela ordem, todas as suas vestes e enfeites.

Sabemos, por outras fontes, que seu amante consegue permissão para voltar à Terra, mas para salvar-se, Ichtar deve conformar-se a pesadas condições: cada verão, quando o grão é ceifado, sete demônios se apresentam a Dumuzi, tiram-no de seu trono de Uruk e o levam de volta ao Arallu, e à desolada Ichtar só resta esperar, ansiosa, a próxima primavera.

Dumuzi, heróico defensor dos rebanhos contra as feras, “Senhor dos recintos dos rebanhos”, tornou-se de tal modo o popular deus do renascer da vegetação. Em Uruk, a cada Ano Novo, se desenvolvia uma representação sacra durante a qual recitava-se a morte de Dumuzi, a consternação e as penas de Inanna, e por fim o retorno feliz do deus e a celebração das “santas núpcias” no tálamo, faustosamente adornado, situado no E-anna.

Cerimônia, esta última, que era materialmente representada pelo rei em pessoa, caracterizado como Dumuzi, junto com a Grande Sacerdotisa, que recitava a parte de Inanna.

Com esta grandiosa função começava oficialmente a primavera, ou seja, o Ano Novo, já que o calendário sumério tinha início com o equinócio do fim de março.

Este rito propagou-se a todos os casais de deuses das cidades mesopotâmicas, e não foi ignorado pelos hebreus e gregos, que sobre o mito de Dumuzi construíram o de Adônis disputado por Vênus e por Proserpina.

A epopéia de Guilgamech

À proto-história de Uruk associa-se também este belíssimo poema, talvez o mais importante e o mais famoso da literatura da Mesopotâmia. O texto de que dispomos, ou, pelo menos, o mais completo, é aquele encontrado por Rassam e Smith na biblioteca de Assurbanípal, e é, portanto, uma versão assíria tardia. Por isto, os nomes dos deuses (Chamach, Ichtar, Bel, e assim por diante) são semitas; mas os dos nossos heróis e os lugares da ação são sumérios. Portanto, é certo que o poema tem suas raízes na época de Uruk, permitindo assim conhecermos os usos e costumes dos antiqüíssimos habitantes desta cidade.

A epopéia é gravada em doze tabuinhas de argila, a cada uma das quais corresponde aproximadamente um capítulo, ou canto, que seguiremos na ordem.

Tábua I

"Senhor da Terra, Ele via todas as coisas; os abismos da sapiência se escancaravam à frente dele, e nunca se viu homem como ele em força e beleza." Grande caçador de leões, "agarra-os pela juba e os trespassa".

Assim é apresentado, logo de início, o herói Guilgamech, que é dois terços divino e um terço homem. É o Ensi que cercou Uruk de poderosos muros e ali construiu um templo "que se ergue como uma montanha", um imponente celeiro e um magnífico "palácio branco".

"A sua palavra e o seu juízo deitam lei sobre a cidade, e seus súditos o observam com temor e admiração."

Não obstante, este belíssimo e altíssimo é um tanto ativista demais, "nunca se detém" e quer que "a magnificência de Uruk resplenda sobre todas as outras cidades". Em consequência impõe a todos, jovens e velhos, homens e mulheres, um trabalho sem cessar. E são sobretudo as mulheres que por fim elevam vibrantes protestos "aos grandes deuses, senhores de Uruk". O deus Anu reconhece que seus lamentos são justos e encarrega a deusa criadora Aruru de plasmar um indivíduo que possa distrair o superzeloso Guilgamech, um ser que seja tão forte quanto ele, "mas que não seja um animal do deserto".

Aruru toma um pouco de argila, molda-a, cospe em cima e surge "um herói animado do alento e do sangue de Ninib, deus da Guerra".

Esta força da natureza se chama Enquidu e, à primeira vista, tem um aspecto que não é lá muito atraente. Hirsuto, "seus cabelos se alongam como o trigo", veste-se com peles e come a grama junto com as gazelas; bebe com as manadas e se joga nos rios a brincar com os peixes. Torna-se pois o protetor de seus amigos animais, arrebenta as redes e inutiliza as armadilhas dos caçadores. Assim sendo, campo e deserto tornam-se uma espécie de Parque Nacional, fechado a qualquer atividade venatória.

Obviamente, os caçadores se cansam disto, até que um deles consegue perceber um dia, junto ao rio, aquele estranho indivíduo "que se assemelhava a um demônio dos montes". Vai falar com o pai, que o aconselha a tomar emprestada do soberano uma bela moça, e mostrá-la nua, "a fim de que o homem se aposses de

suas belas formas, expostas". Assim, disse, terá alguma coisa diferente em que pensar.

O caçador vai ao Ensi, conta-lhe tudo sobre aquele cabeludo gigante, e como "é tremendo o seu aspecto", tanto que ninguém ousa aproximar-se. Guilgamech lhe dá permissão de conduzir imediatamente "uma bela mulher" do sagrado templo de Ichtar. Depois de três dias, os dois chegam ao olho d'água. O caçador abandona a mulher ali e tudo se cumpre segundo as previsões: "Enquidu conheceu a mulher por seis dias e seis noites, e se uniu a ela com amor".

Mas eis que "quando estava saciado com a opulenta beleza dela", Enquidu percebe que seus amigos animais fogem dele. Maravilhado, volta um olhar interrogativo à companheira que, exteriorizando todas as artes da persuasão, lhe diz: "Enquidu, és belo como um deus; porque queres correr pelos campos como um animal selvagem? Vem comigo a Uruk, vem ao sagrado templo, ao esplêndido palácio de Guilgamech, o herói perfeito, possante como um touro, sem igual entre os homens". Enquidu se deixa convencer: "Quero enfrentá-lo, quero desafiar em alta voz aquele forte, quero anunciar a toda Uruk que também eu sou forte".

E segue a mulher, a qual, chegando à cidade, onde ambos são acolhidos com grandes festejos, o torna um pouco mais apresentável, colocando-lhe "um traje de festa", e oferecendo-lhe depois pão e vinho. Uma vidente lhe vaticina o desafio com Guilgamech, cujos olhos "rebrilham como o Sol, e cuja grande estatura exhibe músculos duros como o metal".

Tábua II

Enquidu, bem limpinho e penteado, sai do templo e a sua descomunal estatura desperta a admiração da turba. Mas depois de uns poucos passos, coloca-se ao centro do portão de entrada, impedindo a entrada de quem quer que seja. Os guardas tentam desalojá-lo, mas basta uma olhada sua para fazê-los bater em retirada.

E eis que vem Guilgamech para celebrar as sagradas núpcias de Ano Novo. Os dois se observam, Enquidu não se afasta e a luta é inevitável.

Guilgamech o agarra, ergue-o e o afasta da porta, mas a luta continua até que "o rei abraça seu adversário como se fosse uma mulher e o derruba, colocando-se sobre ele". Depois o levanta e o arremessa aos pés da rainha-mãe. O povo o aclama, enquanto Enquidu lança um urro desesperado. Levanta-se, "deixa cair os braços a seu lado e seus olhos se enchem de lágrimas".

A rainha se comove, pega suas mãos e diz, benévola: "És meu filho e te gerei hoje mesmo; sou tua mãe, e este — indicando Guilgamech — é teu irmão".

Enquidu, por sua vez, comovido, responde: "Mãe, nesta luta, encontrei um irmão", ao que faz eco o rei: "És meu irmão, luta agora ao meu lado!" E lhe propõe sua primeira empresa heróica. Muito longe, a custodiar a Floresta Sagrada dos cedros, que circunda a morada dos deuses, o deus Bel tinha colocado um temível guardião de nome Khumbaba, cuja voz "assemelha-se ao troar da tempestade; seu hálito faz agitar as ramagens, seu resfolegar provoca um tremendo trovejar". Este guardião, porém, já há algum tempo permitia-se algumas liberdades e tinha assumido o hábito de sair do bosque para aterrorizar o povo, matando quem quer que se encontrasse em seu caminho: "Os fortes também caem sob suas mãos".

"O coração — diz Guilgamech — me sugere enfrentá-lo e matá-lo." Enquidu não deixa transparecer qualquer perplexidade, e decidem de imediato partirem juntos.

Tábua III

Entretanto, Enquidu tem uma terrível saudade de seus animais: se lamenta em altas vozes, até que subitamente, abandona a vida cômoda e desaparece nos campos. Guilgamech, profundamente entristecido, reúne a Assembléia dos An-

ciãos: "Estou triste, choro por Enquidu! De que me servem o machado, o dardo, a espada, o traje de festa? Não tenho mais alegria. Enquidu, meu dileto amigo, deixou-me e maldiz a mulher que o seduziu. Ele deveria repousar sobre ricos tecidos e habitar num palácio situado à minha esquerda; os grandes da terra deveriam beijar-lhe os pés, e todos os homens deveriam colocar-se a seu serviço. Quero que todo o meu povo leve de tudo para ele, enquanto que eu mesmo, coberto de uma pele de leão, irei procurá-lo por toda a planície".

Enquidu, entretantes, está só e desesperado, amaldiçoando a mulher e o momento em que se deixou convencer a segui-la e "tornar-se estranho aos animais". Mas Chamach, deus do Sol, o reprova, lembrando-lhe os benefícios recebidos daquela mulher "que te deu à mesa comidas e bebidas que só os reis recebem, fez-te dono do traje de festa e do cinto, propiciou-te a amizade do magnífico Guilgamech. O povo de Uruk está de luto por ti, e Guilgamech te procura por toda parte!"

A estas palavras, adoça-se o coração de Enquidu e quando aparece o amigo, "resplandecente como o ouro", segue-o. Mas a calmaria dura pouco: Enquidu conta a Guilgamech um horrível sonho. "O céu urrava e a terra lhe respondia, tremendo (. . .) Enfrentei um homem forte, de semblante escuro como a noite, de aspecto semelhante a uma repugnante hiena, mostrando os dentes; tinha asas poderosas e garras de abutre. Apanhou-me, fazendo-me afundar com todo o seu corpo numa terrível voragem, e me comprimia com o seu peso, tal como uma montanha". No fundo do abismo, encontrou-se no limiar do "Reino de Ircalla, de onde ninguém que entra, sai". Ordena-lhe o monstro: "Vai pela estrada da qual ninguém pode sair, entra na casa sem luz, onde os habitantes se alimentam de pó e lama, têm asas de morcego, são cobertos de plumas como o mocho, e residem nas trevas!"

Enquidu adentra o Reino dos Mortos, onde ninguém mais leva a tiara real, e quem costumava sentar-se sobre o trono e dominar a terra, agora está humilhado; os grandes e os servos são todos iguais, e dominados por Erechquigal, rainha dos Infernos; a seus pés, uma escritã registra os nomes na argila. Erechquigal levanta a cabeça e ordena: "Escreve-me também o nome dele".

Guilgamech conforta o amigo, agora estremecido pelo sonho angustiante, faz o ritual de encantamentos "contra o maligno espírito da morte", oferece ao deus Sol uma taça de mel "e deixou que o deus a lambesse".

Tábua IV

Chamach, a quem muito agradou a oferenda, incita os dois a enfrentar sem piedade a Khumbaba, e Guilgamech, reunido o Conselho dos Nobres, parte com Enquidu, de quem a rainha se despede afetuosamente: "Enquidu, és a minha alegria; protege agora Guilgamech!"

Chegam à floresta de cedros e o primeiro com que se defrontam é um guarda: "Vinde, adiantai-vos, para que eu possa dar vossos corpos de pasto aos abutres!". Mas não obstante tenha sobre si "sete mantos enfeitados", acaba sendo morto.

Enquidu logo exorta Guilgamech à prudência; já é tarde, e faz-se noite, é melhor acampar e esperar pela manhã. "Não sejas fraco, timorato e vil, ó amigo. Devemos continuar e depressa enfrentar Khumbaba. Já não matamos seu guarda? Não somos mestres na arte da guerra? Reforça tua confiança em Chamach e não mais sentirás medo (. . .). Combateremos juntos (. . .); todos os países da terra cantarão em nosso louvor." E prosseguiram o caminho (fig. 16).

Tábua V

Os dois heróis detêm-se, em silêncio, fascinados pela esplêndida floresta, estupefatos pela grandeza das árvores, das calmas alamedas, das flores odoríferas, e "viram a montanha dos cedros, morada dos deuses, e o sagrado templo de Irnini

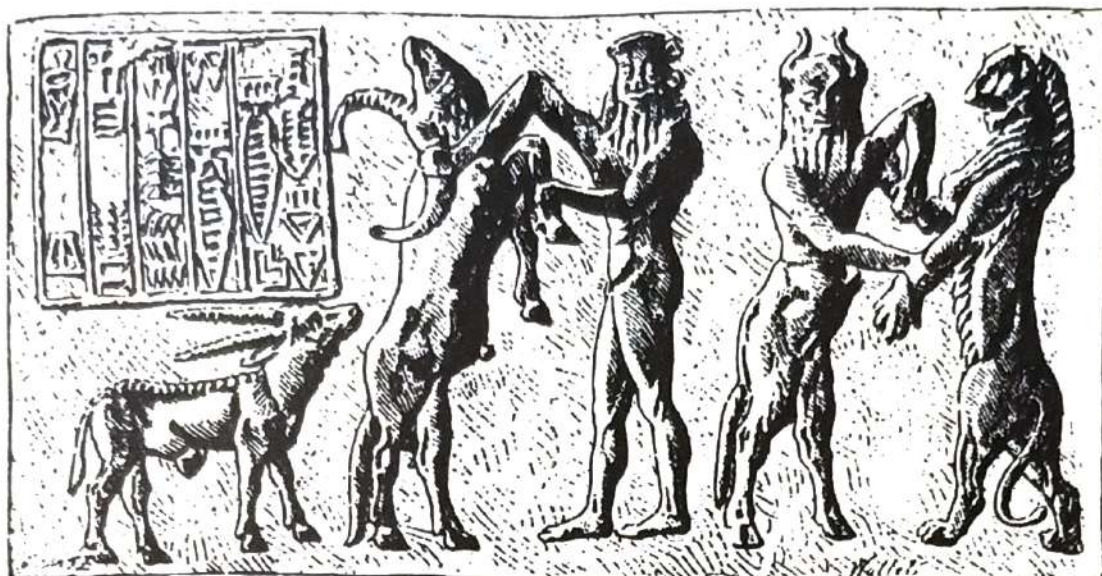


Fig. 16 — Guilgamech e Enquidu, heróis da mitologia mesopotâmica, lutando contra as feras (impressão de selo cilíndrico feito em pedra dura). Aproximadamente segunda metade do III milênio a.C. (Paris, Museu do Louvre).

(Inanna)” em frente ao qual “os cedros se acumulavam, exuberantes”. Avançam durante horas, o sendeiro se faz cada vez mais íngreme “até que a noite caiu sobre o bosque, apareceram as estrelas e os dois heróis se deitaram para dormir”.

Novos incubos agitam o sono de Enquidu. À aurora, retomam a marcha para o topo do monte e caminham durante “trinta horas”.

“A sagrada torre da deusa Irnini se erguia com nítido alvor” quando eis que, de improviso, depois de um furioso agitar das folhagens, apresenta-se perante ele a assustadora figura de Khumbaba “com patas iguais às de um leão, o corpo coberto de escamas de bronze, a cabeça erizada de cornos de búfalo selvagem, com o membro viril e a cauda terminando em forma de cabeças de serpente”.

Guilgamech encomenda a alma a Chamach, e os dois lançam contra o monstro todas as suas flechas, “mas elas caíam inertes, sem feri-lo”. Khumbaba enterra suas garras em Enquidu, que, debatendo-se furiosamente, o faz cair. Guilgamech, fulmíneo, empunha o machado e o decapita. Seu corpo é arrastado para uma clareira, como pasto para os abutres, e “enfiada a cabeça de Khumbaba numa longa haste, carregaram-na em sinal de triunfo” (fig. 17).

Exultantes, sobem o monte, atingindo seu cimo. Aí, porém, são detidos pela peremptória voz de Irnini: “Nenhum mortal pode chegar ao alto do monte, sede dos deuses, pois quem viu a face dos deuses, deve morrer. Já cumprísteis a vossa empresa, agora voltai, e dirigi vossos passos para Uruk”. Só restava obedecer e os nossos heróis tomaram o caminho do retorno “através dos precipícios e vias tortuosas, lutando com os leões e tirando-lhes a pele”.

E “quando vem o dia da Lua Cheia”, Guilgamech pisou no umbral de Uruk “trazendo, transfixada em sua lança, a cabeça de Khumbaba”.

Tábua VI

Tendo chegado triunfalmente ao palácio, o rei “lavou suas armas, penteou seus cabelos, tirou as roupas sujas de sangue, vestiu uma roupa limpa e o manto real, e pôs em sua cabeça a coroa”.

Vendo-o em todo o seu esplendor, a deusa Ichtar “ardendo de desejo”, propõe-lhe tomar-se sua amante, prometendo-lhe em troca riqueza e poder sem limites.

Fig. 17 — Guilgamech e Khumbaba; detalhe de um selo cilíndrico em ágata (3,6 cm de altura) da segunda metade do III milênio a.C. (Londres, Museu Britânico).



Mas Guilgamech a desdenha: “Desprezo o teu corpo cheio de fascínio, recuso o teu pão (. . .); as tuas artes são quentes, mas o teu coração é gelado. Onde está o amante que amarias para sempre? Ao teu jovem amante Tamuzu (Dumuzi), deus da Primavera, só reservaste o pranto, ano após ano; depois, arranjaste um jovem pastor, quebraste-lhe as asas e agora ele vaga em lágrimas pelos bosques (. . .) Passaste a um outro pastor e, com o bastão, fizeste um lobo. Hoje, os outros pastores o ameaçam e seus próprios cães o mordem”. Recorda-lhe enfim a fracassada tentativa com um certo Uchalanu que Ichtar convidou um dia para “comer a comida dos deuses”. Mas Uchalanu respondeu: “Que queres de mim? Minha mãe me preparou a comida, e eu a comi; por que queres que eu experimente manjares que me levariam à ruína e que se transformariam em cardos e bolotas?”

A deusa, furiosa, o transformara num animal da lama.

“Ora — conclui Guilgamech —, queres meu amor para reservar-me o mesmo tratamento.”

Ichtar, acometida de ira, sai pelos céus e pede vingança por este ultraje ao deus Anu, o qual deve admitir que Guilgamech exagerou um pouquinho, pelo que a deusa lhe pede que crie “um enorme touro que aterrorize Guilgamech”. E se não for atendida, ameaça “golpear o deus Anu com terrores e assombros”, e para tanto descerá aos infernos, abrirá todas as suas portas, “até que todos os demônios e mortos saiam e venham à terra; e os mortos já são muito mais numerosos que os vivos!” Anu, depois de tê-la advertido que este tipo de vingança acarretará sete anos de carestia, pergunta-lhe: “Há trigo suficiente nos celeiros? Há feno suficiente para o gado?”

Ichtar garante que tudo está em seu lugar. Anu então faz surgir “da montanha dos deuses um touro imenso e o envia a Uruk”, onde devasta os campos e arrasta algumas centenas de homens; até que Enkidu consegue agarrá-lo firmemente pela cauda, “e Guilgamech afunda a sua espada no peito do touro que cai, estertorando”.

Enkidu se congratula com o amigo: “Amigo, demos nova glória aos nossos nomes, agora que matamos o touro do céu!” Cumprida a empresa, os dois heróis

se prosternam perante Charnach; repousam nos muros da cidade, do alto dos quais Ichtar, fora de si, lança as piores maldições contra Guilgamech. Enkidu então arranca uma coxa do touro e lança-a ao rosto da deusa, gritando: "Ah, pudesse eu tê-la entre as mãos! Faria contigo o que fiz com o touro e a enrolaria em suas tripas!"

Os dois, logo após, lavam suas armas no Eufrates e a nova aventura termina com grandes festejos.

Tábua VII

Enkidu continua a ter seus pesadelos e conta a Guilgamech um terrível sonho: uma águia, depois de tê-lo agarrado, o levava sempre mais alto, e ao fim, quando toda a terra parecia "pequena como uma papa de farinha e o oceano, como uma vasilha", amolecia a presa, fazendo-o cair. "Precipitei-me, e fiquei jazendo na terra com os ossos quebrados. Este foi o meu sonho e agora estou molhado de suor, por causa do susto." Desta vez, Guilgamech adivinha o funesto presságio: "Um espírito te aferrará com as suas garras; os deuses decidiram causar uma desgraça! Deita-te, pois tua testa arde" e, sentado à sua cabeceira, o assiste e o conforta por dias e dias.

Tábua VIII

O estado de Enkidu se agrava; "o seu peito se alçava silencioso e silencioso se abaixava". O amigo, chorando, o invoca: "Enkidu, meu jovem amigo, onde está a tua força, onde está a tua voz? Onde está o meu Enkidu? Eras forte como um leão, veloz como uma gazela; te amava como a um irmão; todas as belas mulheres de Uruk te amavam; juntos matamos o touro celestial, e seu alento maléfico não pôde te afetar, mas agora os grandes deuses não querem perdoar a ofensa a Ichtar nem a morte do touro por eles enviado!"

Enkidu exala o último suspiro e agora Guilgamech, coberto o cadáver de seu amigo "como se fosse o de sua esposa", desafoga livremente sua desesperada dor. "Urrou como um leão, urrou como uma leoa atingida por flechas, arrancou os cabelos e os esparramou à volta, rasgou as vestes e envergou uma empoeirada túnica de luto." Lamenta o amigo querido por seis dias e seis noites, ao sétimo o sepulta e depois vaga sem conforto pelos campos. Encontra um caçador, o qual, estupefato com seu aspecto, lhe dirige a palavra: "Nobre Senhor, matastes o enfurecido guarda da floresta dos cedros, matastes até mesmo Khumbaba; matastes com as mãos os leões dos montes e vencestes o poderoso touro enviado pelo deus do Céu. Por que estão tão pálidas e emaciadas as vossas faces? Por que há tristeza em vosso semblante? Que coisa é que perturba o vosso ânimo e dobrou vossa alta estatura? Por que vosso coração está cheio de lamentos? Por que correis sem paz?"

Responde Guilgamech: "O amigo querido que era ligado ao meu coração, Enkidu, a pantera da planície, o meu amigo, o bravo companheiro das minhas aventuras, que dividiu comigo todos os sofrimentos, foi golpeado pelo destino de todo homem. Como posso calar minha dor? Quero gritar, para que todos ouçam! O amigo que me era tão caro, tornou-se pó; Enkidu, o meu amigo, tornou-se como argila. Deverei eu também fazer como ele, sem nunca mais ressurgir, por toda eternidade?"

Esta última pergunta propõe o tema da segunda parte da epopéia, totalmente diversa da primeira. Fecha-se o ciclo das aventuras heróicas e inicia-se o poema do herói lastimoso na vã e desesperada busca da imortalidade.

Guilgamech continua o pranto pela morte do amigo, mas também porque a

idéia da morte não o deixa. Portanto decide-se a buscar "o potente Utnapichtim, que encontrou a vida eterna".

Enceta a jornada, e depois de dias, pela manhã, vê destacar-se no horizonte uma alta montanha "denominada Machu, e composta de dois altos picos que sustentam o céu; entre os dois picos se abre a porta através da qual sai o Sol". A porta é vigiada por dois gigantes meio homens e meio escorpiões.

Um deles pergunta o porquê de seu triste aspecto e o objetivo de sua viagem. Guilgamech responde que quer ter com Utnapichtim, seu "antepassado que soube entrar para a Assembléia dos deuses, procurou e encontrou a vida; quero interrogá-lo sobre o Destino e sobre a Vida". Rebate o vigia: "O sendeiro que passa por entre estas montanhas não pode ser percorrido pelo pé dos mortais, ou de Guilgamech; ninguém jamais conseguiu franqueá-lo", e lhe descreve brevemente o que o espera: uma obscura e escarpada garganta, que o Sol atravessa "quando ilumina os países e para onde retorna quando volta de sua viagem noturna pelo oceano do Céu (. . .) Atrás das montanhas se encontra o mar que circunda os países da terra. Não podes percorrer o caminho do Sol, porque este conduz ao reino dos deuses (. . .). O teu antepassado Utnapichtim habita-o também lá em cima, perto da desembocadura da corrente, além das águas da Morte, mas não há barco que possa levar-te à outra margem".

Guilgamech não se dá por vencido e o gigante, admirado com tanta coragem, lhe dá passagem, advertindo-o que deverá percorrer "uma garganta horrenda, completamente obscura, que dura dez horas duplas" e faz votos para que possa percorrê-la são e salvo. E Guilgamech adentra "pelo caminho do Sol".

Tábua IX

"As trevas eram profundas e não havia o menor vislumbre de luz. Ele não conseguia distinguir nem o que estava atrás nem o que estava mais à frente". Por fim, transcorridas as "dez horas duplas", lobra de longe um clarão: a garganta se abre, penetra um tênue raio de Sol e, finalmente, a luz. Perante Guilgamech se estendiam agora os esplêndidos "jardins dos deuses"; os frutos eram de rubi, pendiam magníficos cachos de uva, "uma outra árvore era coberta de lápis-lazúli. O herói ergue os braços ao Sol: "O meu caminho foi longo e fatigante! Tive de matar os animais da floresta, cobrir-me com suas peles, nutrir-me de suas carnes! (. . .) Mostra-me agora o caminho que conduz ao distante Utnapichtim, guia-me ao barqueiro que me levará a salvo além do Oceano do Mundo e das Águas da Morte, a fim de que eu possa informar-me sobre a vida!" Chamach o admoesta: "Para onde corres, ó Guilgamech? Jamais encontrarás a vida que procuras!" Mas o herói lhe suplica, e Chamach lhe indica um caminho possível: "Procura Siduri-Sabitu, a sábia senhora da Montanha Celeste, ela está sentada sobre um trono no jardim dos deuses, junto ao Oceano, e custodia a Árvore da Vida. Ela poderá indicar-te o caminho para alcançar o distante Utnapichtim".

Guilgamech retoma o caminho "através do maravilhoso jardim, onde as pedras preciosas são numerosas como alhures os cardos e as bolotas".

Tábua X

O herói chega a Siduri-Sabitu. "Ele estava recoberto de peles de animais selvagens; a sua figura era assustadora, seu corpo era o de um deus, mas seu coração estava cheio de dor." A deusa, não gostando nada do que via, trancou-se dentro de sua casa. Guilgamech ameaça arrombar a porta, e Siduri-Sabitu lhe pergunta então o porquê de seu aspecto tão macilento e o objetivo de sua longa viagem. À sua resposta, lhe repete: "Nunca encontrarás a vida que procuras", e acrescenta: "Quando os deuses criaram os homens, estabeleceram para eles a morte, e guarda-

ram a vida para si", e o aconselha com fervor a gozar a vida tal como ela é, que, no fundo, é bela, e voltar para Uruk, onde todos o amam e o exaltam.

"Basta! — interrompe-a Guilgamech. — Mostra-me o caminho que conduz ao distante Utnapichtim; se possível, atravessarei o mar, se não, caminharei ao longo do litoral." Siduri-Sabitu o faz notar que, exceto pelo Sol, ninguém pode navegar pelas "Águas da Morte, que se estendem perante aquela longínqua praia". Mas naquele exato momento aporta o barqueiro de Utnapichtim, que tinha vindo procurar ervas e frutas no bosque. "Vai falar com ele; se for possível, atravessa o mar com ele; se não, volta para o lugar de onde vieste."

Guilgamech entra no bosque e chama em alta voz o barqueiro, mas ninguém lhe responde. Furioso, arrebenta algumas caixas cheias de pedras que estavam na barca, e por fim encontra o homem, Ur Chanabi, e pede-lhe que o leve até seu patrão. Este observa que, tendo destruído as caixas, tornou isso impossível. De fato, estas, lançadas à água, serviam para ajudar na navegação pelas Águas da Morte. Mas seria possível aliviar o problema se Guilgamech, para substituir as pedras, abatesse "cento e vinte troncos" e, aparados, os embarcasse. O herói prontamente cumpre o novo trabalho e os dois, com aquela carga, atravessam "as ondas turbulentas e velejam rápidos como o relâmpago". No terceiro dia, chegam às Águas da Morte; e chegam às suas margens. Ur Chanabi ordena ao passageiro: "Toma o machado e enfia os troncos no fundo do mar, mas as Águas da Morte não devem tocar tuas mãos, para que não morras".

Quando todos os cento e vinte troncos foram usados, "impeliram a barca com aqueles paus".

Utnapichtim, ao longe, percebe o desconhecido e pergunta, consigo mesmo: "Por que desapareceram as caixas de pedras? Por que agora se encontra na minha barca alguém que não tinha permissão para entrar nela? Esse que está chegando não pode ser um mortal". Perscruta melhor e dá-se conta que ele em tudo lhe é semelhante, vai ao seu encontro e o interpela: "Diz-me teu nome, sou Utnapichtim, aquele que encontrou a Vida".

O rei se declara felicíssimo em conhecê-lo, por fim; e conta-lhe da sua dor, a travessia a fim de alcançá-lo e o escôpo da visita: "Quero destruir os espíritos da morte, para que acabe a alegria deles! Ó Utnapichtim, fala-me como obter a vida eterna, tu que a obtiveste!"

"Deixa de lado os lamentos e a ira — responde Utnapichtim —, a sorte dos deuses é diversa da dos homens. Teu pai e tua mãe te criaram homem; mesmo que tua natureza seja dois terços divina, o terço de ti que é humano te impele rumo ao Destino dos homens. A morte põe termo a toda vida. Porventura são eternas as casas, os pactos, as heranças paternas? (. . .) Desde o início dos seus dias, fica estabelecido que toda coisa tenha fim: o natimorto e o morto, não se assemelham, assim? Não são idênticos os sinais da morte? (. . .) Os deuses estabelecem os dias da vida, mas não contam os da morte!"

Tábua XI

"Observando-te, Utnapichtim, vejo que não és maior nem mais alto que eu, e te assemelhas a mim como um pai ao filho. Também tu és um homem! Mas não tenho paz, fui criado para lutar; tu, ao invés, conseguiste subtrair-te à luta e quietamente repousas. Diz-me, pois, como pudeste entrar para a assembléia dos deuses e encontrar a vida?"

"Quero desvelar-te, ó Guilgamech, uma história oculta, um segredo dos deuses. Churruk é uma cidade antiqüíssima, e por longo tempo os deuses lhe foram benignos, mas depois decidiram fazer descer sobre a terra um dilúvio. No conselho dos deuses estava também presente Ea (Enqui), o deus do Abismo, e ele confiou à minha casa, feita de canas, esta sentença dos deuses." E narrou como Enqui o exortara a abandonar seus bens, salvar a vida e construir uma embarcação capaz de

carregar a semente da vida de cada espécie. "Construa rápido o barco e leve-o no mar de águas doces, carregando-o com o que for necessário."

"Preparei então madeira e piche, desenhei o plano do barco e nele desenhei vários sinais. Todo meu povo contribuiu na construção."

Quando a nave ficou pronta, "carreguei nela tudo o que possuía: prata, ouro e sementes de vida de toda espécie; fiz entrar toda minha família; carreguei as bestas grandes e pequenas; ordenei, por fim, que tomassem lugar os artesãos versados nas diversas artes".

"Os espíritos das trevas verteram depois sobre a terra uma chuva torrencial; eu fiquei observando a tempestade, assustadora de se ver. Quando despontou a aurora, ergueram-se nuvens negras como corvos; os espíritos do mal estavam endiabrados, e toda luz se transformou nas trevas mais densas; soprava impetuoso o vento do meridiano, as águas revoltas alcançaram os montes, desabando sobre os homens. O irmão não reconhecia mais o irmão; até mesmo os deuses tiveram medo do furacão e correram a refugiar-se sobre a Montanha Celeste de Anu, encolhendo-se como cães assustados. Ichtar, presa de agonia, gritava: 'O belo país se transformou em lama pelo meu mau conselho; como pude sugerir tamanha maldade? Como pude pensar em exterminar a minha gente? Eis que agora a correnteza abate os homens como no furor da batalha (. . .)'."

"Todos os homens tornaram-se lama, a terra estava uniforme e deserta. Abri a janela do barco e a luz atingiu meu rosto; prosternei-me, depois sentei-me e chorei com lágrimas copiosas; observei aquele grande deserto de água, exclamei que todos os homens estavam mortos. Depois de doze horas duplas vi despontar no horizonte uma ilha: a minha nau estava sobre o monte Nissir. Ela ficou encalhada sobre o monte Nissir durante seis dias; no sétimo, tomei uma pomba e deixei-a partir, mas retornou, não encontrando nenhum lugar onde pousar. Tomei um corvo e o deixei partir; voou para longe, pois que as águas estavam baixando, comeu, esgaravatou a terra e não retornou. Então deixei que todos os animais saíssem e sacrifiquei um cordeiro; espargi alguns grãos sacrificiais sobre o topo do monte e queimei alguns ramos de cedro e mirto. Os deuses aspiraram o fumo que enchia de prazer as suas narinas e reuniram-se em torno do sacrifício como moscas."

Os deuses reprovaram a Bel por ter suscitado toda aquela devastação: se queria punir os homens por alguma ofensa, podia soltar sobre a terra alguns leões ferozes, ou monstros, ou provocar uma carestia, mas não destruir toda a humanidade. Bel, porém, de modo algum se arrependeu, mas ficou agastado ao ver aquela embarcação: "Quem é esse mortal que conseguiu escapar ao seu destino? Ninguém deve sobreviver ao meu juízo". Mas Enqui vai sobre a nave e diz a Utnapichtim as seguintes palavras: "Até agora, Utnapichtim, eras um homem mortal; deste momento em diante, tu e tua mulher sereis semelhantes a nós e habitareis longe, perto do mar onde desembocam os rios".

E foi aqui que Guilgamech veio a encontrá-los.

Utnapichtim prossegue: "Mas que deus terá piedade de ti e te levará para junto dele, para que possas encontrar a vida que procuras?" E o desafia a ficar, como ele, seis dias e seis noites sem fechar os olhos.

Guilgamech, ao invés, esgotado, se senta e adormece de súbito, profundamente. Ao seu despertar, Utnapichtim o lava, veste, restitui-lhe beleza e vigor e faz com que Ur Chanabi o acompanhe.

Todavia, a mulher de Utnapichtim é tomada de pena pelo herói que depois de tantas tribulações volta de mãos vazias, sem ter encontrado nada do que procurava e lhe oferece uma possibilidade: existe uma planta milagrosa que cresce no fundo do mar e "que tem o aspecto de uma ameixeira". Se conseguir pegá-la e alimentá-la dela encontrará a vida e a eterna juventude.

Guilgamech amarra duas grandes pedras às pernas, e deixa-se afundar no mar; encontra a planta, agarra-a, e emerge tendo na mão "a flor maravilhosa do mar";

depois, dando gritos de alegria, diz a Ur Chanabi: "Eis a planta! Eis a planta que dá a vida! (. . .) Quero levá-la aos sólidos muros de Uruk, quero que comam dela todos os heróis, quero dividi-la com muitos outros! Esta planta se chama 'de velho torna-se jovem'; quero comer dela e reaver toda a força da minha juventude!"

A barca navega por "vinte horas duplas" até dar numa pequena praia. Ali perto há um lago fresco e Guilgamech entra nele para restaurar-se. Mas eis que "uma serpente sentiu o perfume da planta miraculosa, aproximou-se, rastejante, e a devorou".

Guilgamech senta-se sobre a margem e irrompe num pranto desesperado. Volta a Uruk, levando consigo Ur Chanabi, a quem dá de presente um pedaço de terra.

Tábua XII

Mas não tem paz: consulta magos e adivinhos, quer ver o espírito de Enquidu, quer interrogá-lo sobre o destino dos mortos. O Sumo Sacerdote o adverte: "Ó Guilgamech, se queres ir ao Reino dos Mortos, é preciso que uses uma veste suja, não debes ungir-te com óleos perfumados, que atrairiam os espíritos malignos; não debes pousar na terra o teu arco, porque serias logo atormentado por aqueles que matastes; não debes levar o cetro, para não repelir os espíritos dos mortos; não debes calçar sandálias para que teus passos sejam silenciosos".

O rei, vestido de trapos, dirige-se para "o grande deserto onde se abre o umbral do Reino dos Mortos". Junto às portas dos infernos, grita furiosamente. O guardião, intimidado afinal abre a porta. Depois se cumpre o rito de despojar-se da indumentária, através das "sete portas duplas", até que o herói se encontra nu perante Erechquigal, suplicando a ela que o deixasse ver Enquidu.

"Volta para o lugar de onde vieste, não podes ver quem está morto; ninguém te chamou." Tristemente, Guilgamech refaz o caminho inverso, retoma suas vestes "e colocou-se junto às águas profundas, suplicando a Enqui, o sábio deus do Abismo" que lhe fizesse aparecer a sombra de Enquidu.

Enqui se dirige a Nergal, deus dos mortos: "Faz uma abertura no chão e conduz para o alto o espírito de Enquidu para que possa falar com Guilgamech, seu irmão". Os dois heróis se reconhecem, mas precisam ficar à distância. Guilgamech pede ao amigo que lhe desvele a lei da terra dos mortos; a sombra de Enquidu "tremia com a resposta".

"Não posso desvelar-te; se te falasse, sentar-te-ias para chorar." Mas Guilgamech insiste e Enquidu lhe desvela a terrível verdade: "Vê agora! O amigo que te alegrava está devorado por vermes como um farrapo, Enquidu, o amigo que tua mão tocou, tornou-se como argila, está cheio de pó; tornou-se pó!"

E desaparece. Guilgamech retorna a Uruk, onde "o templo da Montanha Sacra se erguia alto. O rei se estende para dormir e a morte o alcançou na esplêndida sala do seu palácio".

A introdução do episódio do dilúvio universal na Bíblia (*Gênesis VII 10-12; XVII, 17-24*) é muito tardia e data da segunda metade do século V a.C., mesmo que a tradição oral hebraica afunda suas raízes num passado remoto.

Nas compilações anteriores do Gênese, o protagonista, que tomará o posto de Utnapichtim com o nome de Noé, figura somente como o inventor do vinho.

Este dilúvio dito “universal”, que convulsionou o mundo dos sumérios, pode ter sido um dos tufões que assolam o litoral do Oceano Índico. Para quem gosta de geologia, há certas evidências: sondagens feitas por sir Leonard Woolley (1929) na região, mostraram que existe em profundidade uma vasta extensão de lama com cerca de três metros de espessura, que, porém, está acima do nível do mar e dos dois rios. Ultrapassado este estrato, recomeçaram a aparecer restos de antigas residências “antediluvianas”. Com isso, pode-se excluir que o mar ou os rios tenham sido responsáveis pelo depósito de sedimentos; parece mais atribuí-lo a algum dilúvio desastroso. E pode-se até mesmo datá-lo: 4 000 a.C.

Quanto ao poema, é um caso literário que evidencia muitos problemas. Além de fragmentos em sumério, há versões muito mais antigas que essa que damos, e, dentre estas, uma hitita, datável em torno de 1500 a.C., mas contendo apenas 45 linhas. Quase da mesma época há uma tradição babilônia com 470 linhas utilizáveis e ainda várias outras, mas mutiladas e fragmentárias. Nosso conhecimento do poema, por hora, deve basear-se na redação assíria, muito tardia, mas na qual, com umas poucas lacunas, existem cerca de 1 500 linhas inteiras; presume-se que a obra toda compreendesse pelo menos o dobro.

Para nos consolar do fato de o poema estar incompleto, há, todavia, a frequência das repetições, presumivelmente fixas e reiteradas também na parte que falta. Por exemplo, o longo diálogo entre Guilgamech e o caçador depois da morte de Enquidu, é repetido com as mesmas palavras após cada novo encontro entre o nosso herói com o gigante-escorpião, com Siduri-Sabitu e com Utnapichtim. Quando depois Guilgamech se adentra no cavernoso vale do Sol, a frase “Ele não conseguia distinguir nem o que estava atrás dele nem o que estava à sua frente” é repetida todas as vezes que o herói caminha por uma hora dupla. Considerando isto, talvez possamos ficar perfeitamente contentes com as doze tabuinhas de que dispomos.

Mas o problema não é este, os outros fragmentos não tratam dos mesmos eventos, ou se o fazem, narram-nos de modo diverso. Por outro lado, chegaram até nós muitos relevos e selos representando aventuras que não aparecem no poema. Portanto, é certo que Guilgamech era o centro de inumeráveis episódios que os contadores de histórias andavam narrando pelas cortes ou pelas estradas, e é provável que originariamente Enquidu também fosse o eixo de contos independentes, até que as aventuras dos dois heróis se entrelaçam numa única narração.

Há enfim quem suponha que o mito de Guilgamech tenha se originado na Síria, dada a evidente assonância de seu nome com o da importante cidade de Gargamich (Carchemich). Ademais, de nossa parte, entre Uruk e a mais próxima “floresta de cedros” há pelo menos mil quilômetros, e não se pode imaginar que mal Khumbaba poderia causar aos

sumérios (a menos que se pense no Elam).

Historicamente, acredita-se que Guilgamech tenha realmente existido. Por fragmentos de documentos posteriores, sabemos que construiu os muros de Uruk e venceu em batalha o rei de Quich, seu rival, que veio assediar sua cidade. Portanto, é quase certo que Guilgamech foi um grande rei e um grande guerreiro, a ponto de inspirar os mitos e a epopéia que fizeram dele o herói nacional dos sumérios e depois de toda a Mesopotâmia. Quanto ao seu reinado, que durou bem uns 126 anos segundo a historiografia que designa Guilgamech como quinto rei de Uruk e como sucessor dos reis míticos Lugalbanda e Dumuzi, e delimitado o apogeu de Uruk de 3000 a 2500 a.C., ele pode ser localizado cerca de 2750 a.C.

Deve-se sublinhar enfim o pessimismo da concepção suméria do Além, exatamente o oposto do sereno "Duat" dos egípcios.

Num fragmento de uma outra versão, Enquidu dá a entender que para os heróis a existência no Arallu é um pouco menos sinistra, e algumas fontes acenam fugazmente que talvez haja defuntos privilegiados que jazem em leitos cômodos e "bebem água fresca". Mas mesmo assim o Arallu (ou também Quigallu) continua o triste Reino dos Mortos sem esperança, que reencontraremos no Hades de Homero.

Ur (2700 - 2300 a.C.)

Mas outras cidades estavam crescendo em poder e riqueza. Após Uruk, é a vez de Ur, a pátria de Abrão. Isto é assinalado por três brevíssimas inscrições: uma concerne a Mesilim, o primeiro rei propriamente histórico. Sobre uma clava que traz seu nome, dedicam-se-lhe também o título de "Rei de Quich", que comportava um domínio sobre territórios muito mais vastos que apenas a cidade de Quich e que pressupõe, entre outras coisas, um notável deslocamento para o norte da influência suméria. As outras duas se referem a um Mesannepadda e seu filho Aannepadda. Dado que nas listas régias não encontramos nenhum Mesilim, ao passo que o título de Rei de Quich é designado a Mesannepadda, é provável que se trate da mesma pessoa.

E é à sua dinastia que se associa uma das mais sensacionais descobertas arqueológicas, ocorrida quase contemporaneamente à descoberta da tumba de Tutankhamon, no Egito.

As tumbas reais de Ur

Sir Leonard Woolley, entre 1926 e 1931, trouxe à luz cerca de duas mil tumbas na necrópole de Ur (fig. 18). Não poucas foram saqueadas, mesmo assim descobriram-se ornamentos, moedas, vasos e selos. Durante as descobertas mais importantes, o famoso elmo de ouro de Mesc-lamdug (Museu de Bagdá), uma obra-prima da ourivesaria.

Os mortos jaziam deitados de lado, como se dormissem, envoltos

numa simples esteira. Dezesseis sepulcros eram muito mais suntuosos que os outros: aposentos murados, de calcário, encimados por uma cúpula, compreendendo três ou quatro ambientes. Talvez fossem as tumbas dos reis de Ur e suas famílias.

Mas não foi tanto o feito arqueológico a causar alvoroço, mas uma descoberta impressionante: estes soberanos não foram sepultados sozinhos. Junto a seus despojos jaziam muitos outros esqueletos estendidos no chão. Numa das tumbas foram encontrados oitenta, dentre os quais eram reconhecíveis soldados armados, músicos com seus instrumentos, moças enfeitadas com ricas moedas de ouro e prata, até aurigas junto aos carros e restos de animais de tiro.

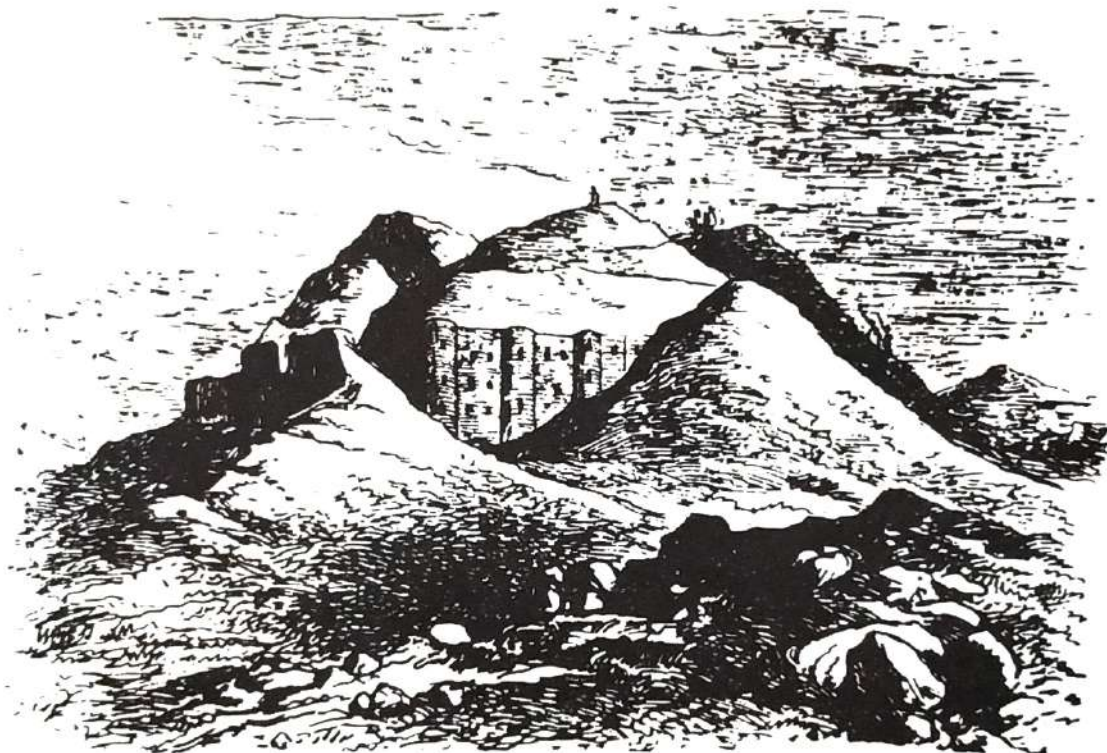


Fig. 18 — A colina de Mucajjiar (Ur).

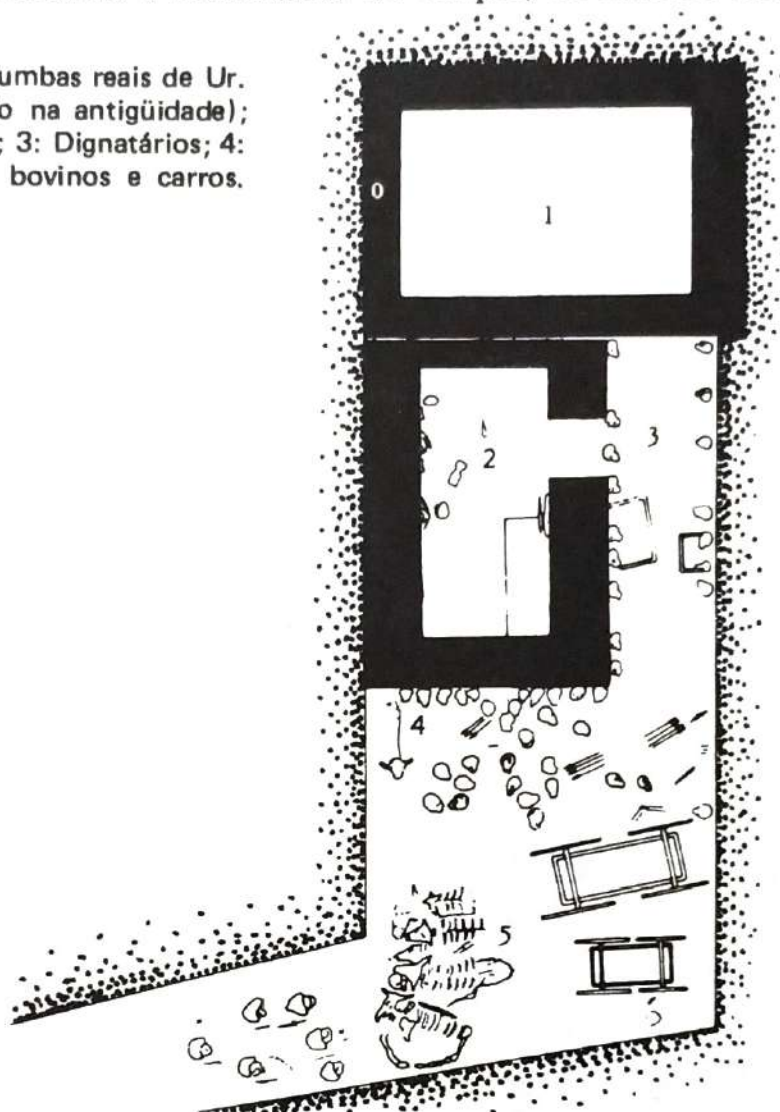
Estamos até hoje no mais espesso mistério. Se bem que o fato se repita em algumas tumbas de Quich, quiçá ainda mais antigas, nenhum documento dá sinal de usos macabros deste gênero, por outro lado totalmente insólitos. Nem tampouco o conceito sumério do Arallu justifica a bagagem de armas e utensílios que o defunto deveria antes abandonar às sete portas.

Dada a posição dos esqueletos, deve-se excluir uma hecatombe sacrificial de servos e cortesãos pela morte do soberano. Tudo leva a crer que se trate de uma morte voluntária. Sepultado o rei e fechada a tumba, seus fidelíssimos juntaram-se à volta dele, ingeriram um forte narcótico e continuaram a tocar música ou conversar até a morte (fig. 19).

Muitas vezes, no aposento mais interior, faltava o despojo mais importante. Talvez por um certo período, o túmulo era aberto e todo o

seu conteúdo era removido e reenterrado no templo, ou alhures. Era

Fig. 19 — Uma das tumbas reais de Ur.
1: Sepulcro (saqueado na antigüidade);
2: Sala das oferendas; 3: Dignatários; 4:
Músicos; 5: Guardas, bovinos e carros.



uma ressurreição simbólica que provavelmente fazia parte das cerimônias de Ano Novo.

Não sabemos nada, ao certo. Pode ser que em Ur tenha aparecido, naquele período, um conceito escatológico talvez de influência egípcia, ou que quantos quisessem seguir voluntariamente o rei — considerado uma espécie de deus vivo — contassem, ao sacrificar a própria vida, com uma privilegiada existência ultraterrena.

Dentre os muitos e ricos ornamentos encontrados nestas tumbas, o mais famoso é um objeto de uso indefinível, o chamado “Estandarte de Ur” (Museu Britânico). É uma espécie de caixa chata de madeira, incrustada de conchas, lápis-lazúli e calcário vermelho, fixados com betume. Mede cerca de 20 x 48 cm e presume-se que, fixa numa haste, poderia servir de insígnia processional; mais provavelmente porém, seria a caixa de ressonância de uma harpa. Sobre uma das faces mais longas está representada uma “cena de paz” em três partes: na superior, o rei brinda em companhia de familiares e cortesãos; nas duas inferiores, ser-

vos ou prisioneiros acumulam alimentos e tributos à sua mesa. A face oposta celebra, ao invés, uma “cena de guerra” e é a mais antiga representação do exército sumério, dotado, como se vê, de um armamento notável; as tropas dispõem de capacetes, mantos de couro com tachas, escudos, lanças e sobretudo o apoio de pesados “carros armados” puxados por quatro grandes onagros (o cavalo aparecerá mais tarde), sobre os quais se encontravam um auriga e um guerreiro.

É uma obra artesanal, mas de um certo nível, sobretudo considerando as dificuldades da técnica adotada. E não falta argúcia no contraste entre a pacífica e beata expressão do rei atento à sua taça e o desagrado na do carregador do terceiro quadro (fig. 20).



Fig. 20 — Dois vultos (o rei e um carregador); pormenores do chamado “Estandarte de Ur” (Londres, Museu Britânico).

Lagach

É a cidade suméria sobre a qual se tem mais informações. O terceiro príncipe da I dinastia de Lagach é Ur-Nanche (ou Ur-Nina), que deixou um documento em que fala da construção do templo ao deus Ninghirsu, de fortificações, de canais, e grandes compras de madeira. Fez-se representar sobre este mesmo documento, em companhia dos quatro filhos, e por duas vezes, numa das quais ostenta sobre a cabeça o “cuduru”, uma cesta de tijolos.

Foi sob Ur-Nanche que, cerca de 2550 a.C., a cidade conquistou uma importância econômica de primeira ordem, seja pelo comércio entre os dois rios, seja pelo ultramar, através de um longo canal que a colocava diretamente em comunicação com o Golfo Pérsico.

Eannatum, filho ou sobrinho de Ur-Nanche prosseguiu a sua política; mas foi mais longe. A ele de fato se refere o primeiro documento propriamente histórico de que dispomos. Neste, ao invés apenas de templos e canais, se fala principalmente de política, e também de guerra. Consiste de um marco de fronteira que, infelizmente, chegou até nós em pedaços, conhecida como “Estela dos Abutres” (Louvre) porque apresenta um grupo destas aves que disputam as cabeças dos caídos na batalha. Em outros fragmentos vêem-se o deus Ninghirsu que junta os inimigos numa enorme rede; o rei Eannatum, a pé ou de carro, à frente de uma aguerrida e compacta formação em falange de infantaria; e o solene sepultamento dos mortos, cerimônia com a qual se concluía toda batalha.

É uma das mais notáveis obras escultóricas deste período sumério. Quanto ao texto, é um boletim de vitória sobre a cidade de Umma, eterna rival de Lagach. Depois de uma referência ao rei Mesilim de Quich, Eannatum informa depois ter subjugado Ur, Uruk, Quich e outras cidades, e ter aniquilado uma coalizão da qual faziam parte nada menos que o rei de Mari e do Elam. Somente ao fim se gaba, como todos, de ter construído templos e escavado canais.

A morte de Eannatum, Umma retoma grande parte daquilo que lhe foi tomado, mas foi reconquistado pelos sucessivos reis de Lagach, Eannatum e sobretudo Entemena que, perto de 2470 a.C., derrotou pela segunda vez todas as tropas de Umma. O próprio Entemena informa sobre um grande vaso de prata (Louvre) que traz uma longa inscrição onde, evocado mais uma vez Mesilim e as precedentes vitórias de Eannatum, declara ter estabelecido os novos confins com Umma, além de ter firmado uma aliança com Uruk. Outros documentos seus falam de muitos templos erigidos em Lagach, dedicados aos deuses das cidades conquistadas.

Mas, dada a situação, é fácil intuir que todos estes templos eram inspirados não tanto pelo fervor religioso quanto pela exigência de contentar a classe sacerdotal. De fato, Entemena se qualifica Lugal (rei) e Ensi, isto é, uniu na mesma pessoa os mais altos cargos civis e religiosos. Deduz-se que entrementes, sem que tenhamos informações a respeito, tenha acontecido algo importante, assim como uma longa luta entre o Templo, que queria confirmar seu poder cada vez mais fraco, e o Palácio, que pretendia firmar seu poder inclusive sob o aspecto econômico.

O último rei desta notável dinastia, que não é listada — sabe-se lá porque — foi Lugalanda.

Urukaghina

Que Lagach gozasse de uma florescente situação econômica, é ates-

tado por muitos documentos. Mas, pelo que podemos avaliar, seus cidadãos tinham-se tornado um pouco empreendedores demais. Lugalanda desfrutava por certo de todo o apoio da nova burguesia oriunda do *boom* econômico, mas, com isto, o comunismo ou socialismo teocrático tinha se esfrangalhado. Sabemos, de fato, que Lugalanda era proprietário de sete grandes fazendas e sua mulher Baranamtarra possuía, por seu lado, mais 66 hectares e entabulava um profícuo comércio com a rainha de Adab. Também os sacerdotes se afanavam em emular o rei, não desdenhando o enriquecimento pessoal.

Um escandaloso “desviacionismo” que não podia continuar: e assim, os fautores da ortodoxia comunitária conseguiram depor o rei “capitalista” no nono ano de seu reinado, e colocaram no trono Urukaghina, que logo se pôs a reformar tudo. Em seu edital, depois de enumerar os malfeitos dos sacerdotes corruptos e os abusos da administração e dos particulares, faz esta declaração: “O deus Ninghirsu de Lagach me confiou a custódia de 36 000 cabeças negras (homens) com o preciso escopo de executar a reforma, restabelecer as antigas condições fixadas pelos deuses, que meus predecessores arbitrariamente alteraram, de modo especial no que concerne às propriedades dos templos”.

Dito e feito: cortou drasticamente os emolumentos dos sacerdotes, demitiu metade da burocracia parasita, e esforçou-se por recolocar tudo no lugar. “Ele falou à gente de Lagach e a liberou assim da seca, dos furtos e homicídios; instaurou a liberdade: o poderoso não podia mais cometer injustiças contra as viúvas e os órfãos.” E não se trata de bazófia, fez as coisas tão seriamente, que expropriou a si mesmo. Reduziu os impostos, pôs os lavradores pobres em condição de não vender seus pequenos campos por um pedaço de pão, e reprimiu um curioso abuso: como aqueles que se divorciavam eram sujeitos a taxas elevadíssimas, os cônjuges de Lagach deixavam de pedir o divórcio segundo a praxe oficial, e cada um seguia seu próprio caminho e casavam-se de novo de maneira gratuita e informal, existindo bom número de tais bigamos pela cidade. Para disciplinar a instituição matrimonial, Urukaghina eliminou a taxa sobre o divórcio.

É bem provável que no total, as intervenções administrativas do soberano suscitaram um certo descontentamento entre os sacerdotes e burgueses, mas Urukaghina se apoiou no exército e calou a todos com uma nova demonstração de força: à frente de suas próprias tropas, marchou contra Umma, derrotou-a mais uma vez e arrogou-se o título de Rei de Quich, dado que quem o detinha naquele momento não era forte o suficiente para impedi-lo.

Lugalzagghesi

Esta enésima derrota provocou em Umma uma tumultuosa subleva-

ção popular, ao fim da qual foi eleito Ensi um homem de excepcional capacidade, Lugalzagghesi, que deteve o poder por um quarto de século (aproximadamente de 2435 a 2410 a.C.), preocupando-se em primeiro lugar com a reorganização das forças armadas que, pelo que vimos, deviam ser totalmente ineficientes. Para tê-las sempre em prontidão, começou logo a conquistar uma depois da outra, várias cidades vizinhas.

É de supor que em Lagach, visto a impossibilidade de libertar-se do austero Urukaghina, clero e burguesia urdissem obscuras tramas com o ambicioso Lugalzagghesi e assim, perto de 2430, este teve a satisfação de conquistar Lagach.

O testemunho do acontecimento vem do belíssimo *Lamento* de um sacerdote de Ninghirsu, o qual investe contra Nisaba, deusa de Umma:

“Os homens de Umma fizeram arder o incêndio, atearam fogo ao templo, roubaram a prata, roubaram gemas, verteram sangue (. . .) no Palácio, sangue no templo de Enlil e mais sangue no santuário de Baba (. . .). Os homens de Umma, destruindo Lagach, cometeram um sacrilégio contra Ninghirsu, e por isto mesmo seu poder logo será dispersado! (. . .) Como nenhuma culpa se pode imputar a Urukaghina, nosso bom Senhor, o pecado recaia sobre a cabeça de Nisaba, a deusa de Lugalzagghesi!”

Mais que uma conquista, foi pois uma pesada vingança, e muito feroz, dado que — fato absolutamente insólito — não poupou nem mesmo os templos. E assinalou também o fim da próspera cidade de Lagach, que só se recuperará alguns séculos mais tarde. Urukaghina, de quem não se têm mais informações, pereceu, quem sabe, em batalha.

Mas os planos de Lugalzagghesi eram muito mais vastos e a longo prazo, e com razão: ao norte, a pressão semítica estava se tornando mais forte; para impedir seu avanço não mais bastariam as forças de uma só cidade ou de uma pequena coalizão; urgia reuni-las todas e unificá-las sob um único comando.

O enorme butim feito em Lagach lhe proporcionou uma ampla disponibilidade financeira, que Lugalzagghesi destinou inteiramente a atingir seu objetivo. Conquistou Uruk e para lá deslocou sua residência, o que contribuiu para aumentar enormemente o seu prestígio. Depois, conquistou Ur e Larsa; chegou até a se apoderar de Quich, e quando entrou vitorioso também em Nippur, os sacerdotes de Enlil nada mais puderam fazer senão conferir-lhe o título de “Rei dos Países”. Nada o impediu de intitular-se “Grande Rei”. Doravante o seu protocolo será: “Rei de Uruk, Rei do País, sacerdote de An, profeta de Nisaba, grande Ensi de Enlil, dotado da inteligência de Enqui, provedor de Inanna, nutrido com o leite santo de Ninkhursag, primeiro aluno de Ninghirim, Senhor de Uruk, inspirado pelos deuses”.

Ou seja, na prática, rei de todos os sumérios.

Mas não é tudo: uma sua retumbante inscrição anuncia que

“Enlil lhe lançou aos pés os países e aplainou-lhe o caminho do nascer ao pôr-do-sol, do mar Inferior (Golfo Pérsico) ao mar Superior (mar Mediterrâneo)”.

Uma soberania de dimensões imperiais, portanto; e é plausível que sobre uma tal extensão a civilização suméria conseguisse expandir-se triunfalmente, mesmo que o domínio efetivo de Lugalzaghesi não de-va ter ido além de Nippur, e de maneira totalmente pácífica. Um docu-mento afirma que durante os vinte e cinco anos de reinado, “os países viveram em segurança” e foram “nutridos com a água da alegria”. Uma sua oração suplica que os deuses “façam habitar o país na segurança” e que tornem seus habitantes “numerosos como a grama”. “Deixa Anu escorrer as mamas do Céu, guardando benigno o País” e conclui em seu próprio favor: “Que esta oração acrescente à minha vida (. . .) e possa eu permanecer sempre o pastor dos meus povos!”

Na mente deste grande soberano se conformara, pela primeira vez, a idéia de um reino universal, em contraposição aos arcaicos particularis-mos locais; idéia que logo dará seus frutos, mas não será ele quem vai colhê-los.

A invenção da escrita

Para tornar possível a inundação fertilizante, os antiquíssimos sumé-rios, entre outras coisas, precisavam mesmo desempenhar os diferentes papéis de engenheiros, técnicos em hidráulica, astrônomos, e para estas numerosas e díspares necessidades concluíram ser indispensável dispor de algum tipo de escrita, a qual, como os hieróglifos egípcios, é consi-derada a mais antida do mundo.

Inicialmente, as duas escritas são semelhantes, e os ideogramas sumé-rios são desenhados com muita precisão. Mas logo as diferenças se tor-nam mais nítidas: de fato, os egípcios dispunham do papiro, sobre o qual podiam desenhar ou escrever o que bem lhes aprouvesse. Em Chú-mer (ou Sumer) a planta do papiro não existia e o “papel” era consti-tuído de tabuinhas de argila, seca depois ao sol.

Não era possível sofisticação; só se podia fazer alguns entalhes, com um estilete, evitando quase qualquer preciosismo; assim, no início de nossa história, encontramos sinais muito simplificados:

 Sol	 Vestido	 Homem
 Estrela, céu	 Casa	 Mulher
 Lua (crescente)	 Madeira	 Mão

 Roda	 Montanha, país	 Boca
 Flecha, correr	 Água	 Olho, ver
 Arado	 Peixe	 Coração
 Cereais	 Pássaro	 Pé, ir
 Pão	 Touro	 Macho
 Cúneo	 Coroa, grande	 Estátua

Unindo-se vários ideogramas, obtinham-se vocábulos mais complexos:

 Boca + pão = comer	 Medidas de cereais + grão = comprar
 Boca + água = beber	 Madeira + folha de videira = vinho
 Boca + mão = rezar	 Mulher + roupa = dona E assim por diante.

Alguns resíduos de figuras mais arcaicas afloram ainda aqui e ali, com palavras insólitas: por exemplo, o touro selvagem  é desenhado com diligência, mas para o doméstico, o sinal  era quanto bastava. Assim, para a vaca leiteira  e o vitelo:  O car-

neiro tinha simplesmente um símbolo convencional:  (um fardo de lã amarrado).

A partir daí, a simplificação prossegue, inexorável, e também o touro selvagem logo deverá contentar-se com um sinal mais consoante às exigências dos tempos: , que é a união dos sinais de “touro” e “montanhas”.

Nem sempre, a partir de um ideograma “moderno”, é fácil deduzir a figura original de onde ele deriva. Por exemplo:  “cabrito” deriva de , onde os chifres  se tornaram , o pescoço  e o focinho . A grama , o alimento do animal, se transformou em .

Muitíssimos destes sinais, cuneiformes ou não, podiam ser utilizados, ocasionalmente, como ideogramas ou sílabas, ou simples determinativos. Por exemplo, para escrever: “Um homem vai para casa”, poder-se-iam colocar enfileirados (escrevia-se da direita para a esquerda) os três sinais de homem, casa e pé (ou andar):



e percebia-se a idéia, mais ou menos. Mas tal como está, a frase seria lida “Lú-e-ghin”³, ou seja: “Homem-casa-vai”. Um pouco forçado. Corretamente, dever-se-ia escrever: “Lú e-chú e-ghin”. Se se quisesse dizer: “Um homem vai à minha casa”, a coisa ficava mais trabalhosa: “Lú e-mu-chu e-ghin”. Mas como exprimir graficamente as partículas gramaticais *chu*, e o possessivo *mu*? Simples: usavam-se outros ideogramas com o mesmo som, independentemente de seu significado, ou seja, pura e simples-

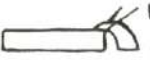
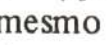
mente como valores fonéticos. Neste caso,  “mão” (*chu*),  (*e*), e “nome” (*mu*): 



³ Foram indicados os acentos para distinguir dos sinais homófonos.

O que não deve ser lido: “Um homem vai para casa com o nome do fosso na mão”, ou qualquer outra coisa igualmente incompreensível, mas tão-somente: “Um homem vai à minha casa”.

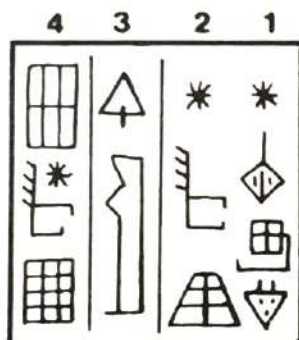
Quando a interpretação podia ser dúbia, os ideogramas serviam como simples desenhos determinativos, e em tal caso não se liam estritamente:

 significa “arado” (*apin*), mas também “camponês” (*engar*); “viver” se dizia “ti”, o mesmo som da flecha  e assim era escrito o verbo. Para evitar maiores confusões, antepunham-se nos dois casos os determinativos “madeira” (*guich*) e “homem” (*lu*).

 ,    ,  

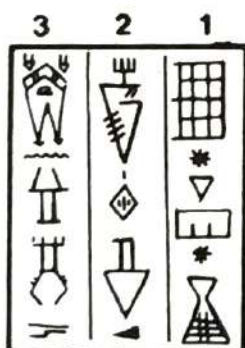
Com o primeiro, as duas figuras eram lidas “arado” e “flecha”, e com o segundo, “camponês” e “homem” (vivo).

Eis dois exemplos de inscrições sumérias:



4	3	2	1
é	Ba	(Dinghir)	(Dinghir)
(Dinghir)		En	Na
En	dim		
		zu	ra
lil		(= Sin)	
			am

“Naram-Sin construtor do templo de Enlil”.



3	2	1
alan	Lugal	é
Gu		(Dinghir)
		Nin
dé	na	
		Ghir
a	ta	
		su

“No templo de Ninghirsu, seu rei, a estátua de Gudea (ali está)”.

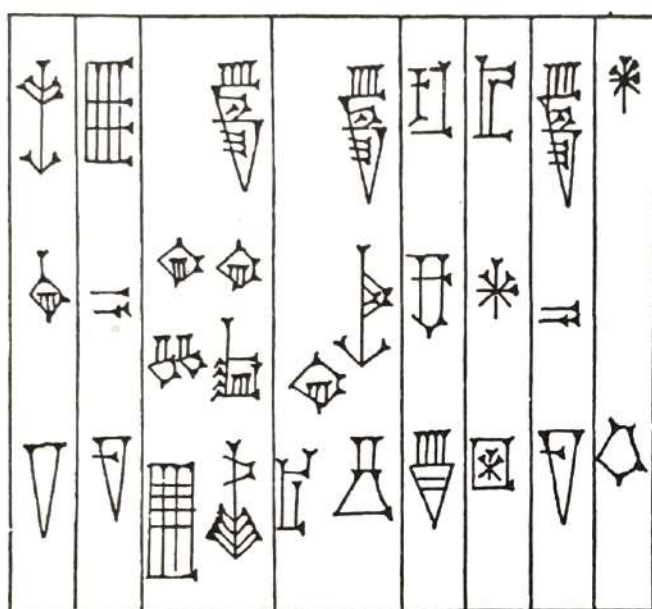
Os caracteres cuneiformes

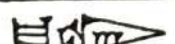
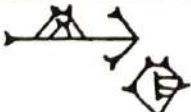
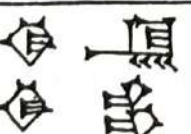
Estes sinais, cerca de 3000 a.C., eram num total de cerca de 2 000, mas bem depressa se reduziram em muito. Poucos séculos depois eram

oitocentos, e perto de 2500 a.C., seiscientos. Depois, aos poucos, nos tempos de Babel não seriam mais de trezentos, e muito menos junto aos povos que adotaram tal tipo de escrita.

Exatamente o contrário do que aconteceu na China, onde os ideogramas proliferaram até 40 000, dos quais bem um quarto ainda hoje em uso.

Antes de acompanhá-los em sua evolução de pictográficos a cuneiformes, deve-se precisar que, com efeito, como já se disse, arranjavam-se de cima para baixo e da direita para a esquerda; e é assim que aparecem nas estátuas e monumentos. Mas as tabuinhas, por comodidade, eram escritas estendendo-as em sentido anti-horário, em ângulo reto, assim:



(Dinghir) Babbar	Ao deus Sol
lugal-a-ni	seu rei
Ur (Dinghir)-nammu	Ur-Nammu
nitah-kalag-ga	homem poderoso
lugal Urim (= Scesh ab-ki)-ma	Rei de Ur
Lugal Ki-en-ghi ki-uri-ghe	Rei de Chúmer e de Accad
é-a-ni	seu templo
mu-na-du	construiu

tanto que mesmo a leitura, na prática, podia ser feita da esquerda para a direita, como nós fazemos. E desta maneira escreveremos os exemplos a seguir.

A famosa estela de Hammurabi é ainda escrita segundo o antigo sistema, mas já os Cassitas transporão em seus monumentos esta prática que depois vem a se tornar única e geral.

Entrementes, por razões práticas, ou quiçá também estéticas, os caracteres se tornam “cuneiformes”.

					
HI		KAM - MA - AD - DA			Este Gaumata
					
MA - KU - ISH		TI - TUK - KA			o mago, mentiras
					
NA - AN - RI			U		diz: eu (sou)
					
BIR - TI - JA		TUR	KU - RASH		o filho de Ciro
					
NA		U	LUGAL	ME	eu a dignidade real
					
HU - UD - DA - MA - RA					exército

Inscrição de Behistun em neolâmico

Inscrição de Behistun em neoelâmico

Sigamos, através dos séculos, a evolução da palavra “rei”:



(1,2: sumério – 3: acádico – 4: assírio – 5: neobabilônio).

E a frase: ‘Rei das quatro partes do mundo’:



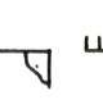
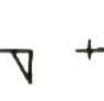
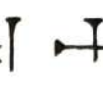
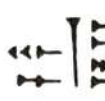
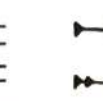
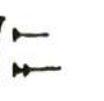
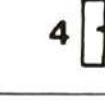
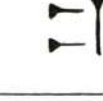
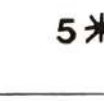
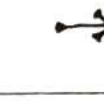
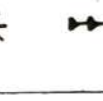
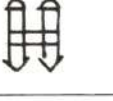
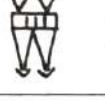
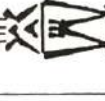
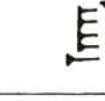
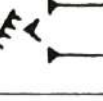
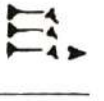
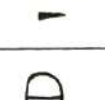
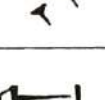
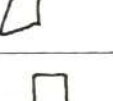
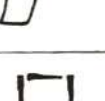
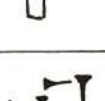
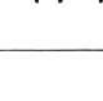
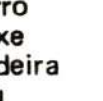
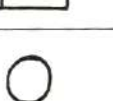
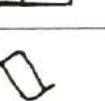
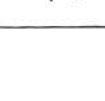
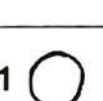
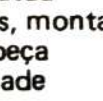
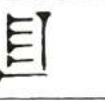
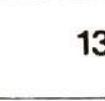
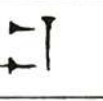
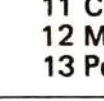
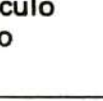
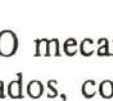
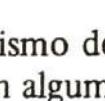
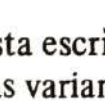
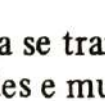
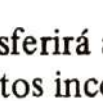
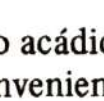
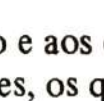
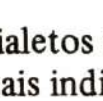
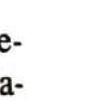
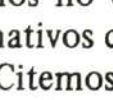
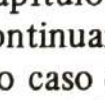
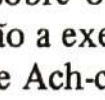
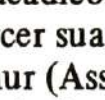
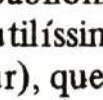
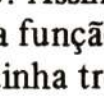
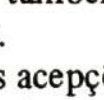
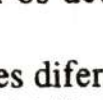
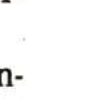
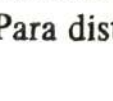
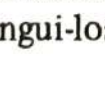
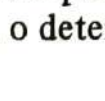
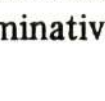
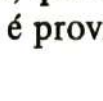
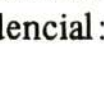
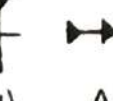
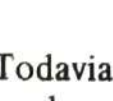
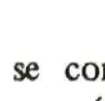
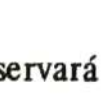
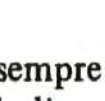
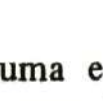
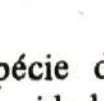
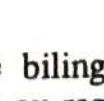
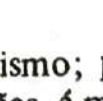
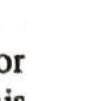
2  1
 3  2
 SCIAR KI - IB - RA - TIM AR - BA - IM

(1: Naram-Sin — 2: Hammurabi — 3: Adad-nirari).

Uma passagem entre (1) e (2) pode ser exemplificada por uma inscrição em língua acádica, de Charcalicharri, proveniente do templo de Enlil em Nippur e trazendo a maldição ritual a quem ousasse retirá-la.

(ilu) Sciar-ka-lî-sciar-ri <i>Sciarkalisciarri</i>	mâru DA-TI (ilu) En-lil <i>filho bem-amado de Enlil</i>	da-nûm <i>o poderoso</i>	sciar Rei	Agâ-dé (ki) <i>de Agade (Accad)</i>	ú c	ba-u-la-ti <i>dos súditos</i>	(ilu) En-lil <i>de Enlil</i>	banû (BA-DIM) <i>construtor</i>	E-kur <i>do Ekur</i>	bît (ilu) En-lil <i>templo de Enlil</i>
       	       	an Nippur (ki) <i>a Nippur</i> scia tuppan <i>aquele que a inscrição</i> su-a <i>esta</i> u-sa-za-ku-ni <i>levará embora</i> (ilu) En-lil <i>Enlil</i> ú e (ilu) Sciamash <i>Chiamach</i> ishdâ-su <i>seu fundamento</i> li-zu-kha <i>arranquem fora</i> ú e zêra-su <i>sua descendência</i> <i>(semente)</i> li-il-qu-ta <i>tirem</i>								

Outros exemplos:

1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									
11									
12									
13									

- 1 Pássaro
- 2 Burro
- 3 Peixe
- 4 Madeira
- 5 Céu
- 6 Estátua
- 7 País, montanha
- 8 Cabeça
- 9 Cidade
- 10 Sol
- 11 Círculo
- 12 Mão
- 13 Pé

O mecanismo desta escrita se transferirá ao acádico e aos dialetos derivados, com algumas variantes e muitos inconvenientes, os quais indicaremos no capítulo sobre o acádico-babilônio. Assim também os determinativos continuarão a exercer sua utilíssima função.

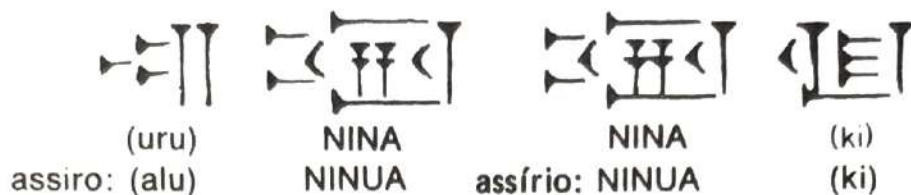
Citemos o caso de Ach-chur (Assur), que tinha três acepções diferentes: o Deus, a cidade e o país de Assur, que chamamos de "Assíria".

Para distingui-los, o determinativo é providencial:

					
(ilu)	ASCIUR	(alu)	ASH-SCIUR	(mât)	ASH-SCIUR

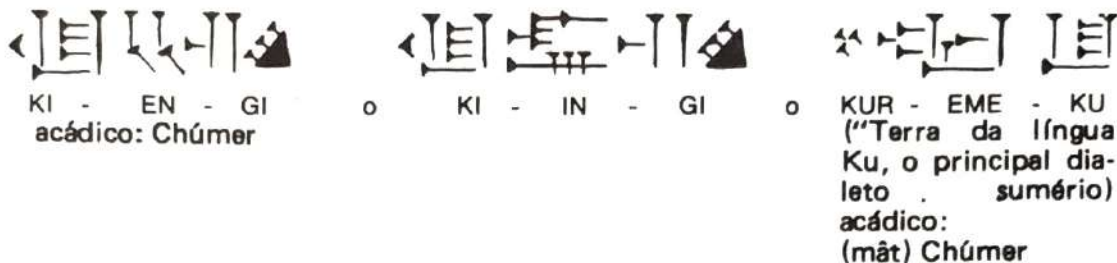
Todavia, se conservará sempre uma espécie de bilingüismo; por exemplo, em sumério, para indicar nomes de cidades ou regiões, é mais

usado o termo “qui” (“lugar”). Assim podemos encontrar o nome de Nínive escrito indiferentemente nos dois modos:

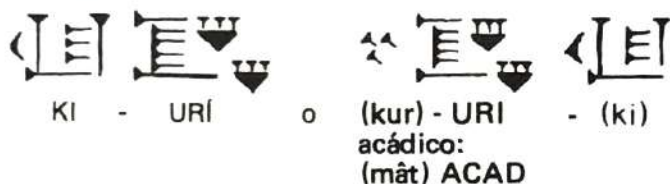


Demos algumas grafias usuais de nomes de cidades e países:

CHÚMER



ACAD



URUK



BABEL



UR



ERIDU



NIPPUR



ELAM



E vamos encerrando por aqui, pois se nos aprofundarmos mais, acabaremos aprendendo o sumério e o acádico. Citemos ainda uma curiosidade gráfica: o sinal  tem, como sói acontecer, vários significados:

(1) o céu (An); (2) a palavra “Deus” (em tal caso, se lê “Dinghir”); (3) a sílaba “an”. O número (2) serve de determinativo para todos os deuses:


(Dinghir) EN - LIL


(Dinghir) EN - KI

mas não para o mais importante, o deus An. Se, de fato, como a lógica sugere, se escrevesse   , ler-se-ia “os deuses”.

Só resta recorrer aos sinais silábicos de “água”, *a*, e *nu*, a negação “não”:


(Dinghir) A - NU

A arte do primeiro período sumério

A escultura

De um país totalmente privado de pedras, não se pode esperar uma grande produção escultórica, que, de fato — ao menos nos primeiros séculos — não existe.

Calcários e granitos poderiam ser importados, mas isso era dificultoso e custosíssimo, e, portanto, limitado ao indispensável. Em suma, falta toda aquela secular *routine* de escolas e estúdios de onde saem as obras-primas; existem, mas permanecem isoladas. Tudo o mais não supera, a nível artístico, os nossos *ex voto* camponeses.

O que é um grave dano para a história da arte. Essas poucas obras-primas mostram o que poderiam ter feito os grandes artistas sumérios se tivessem tido à disposição um pouco mais de matéria-prima. De fato, no norte, no vale do Diala, onde existiam algumas pedreiras, gerações de artífices esculpiram um grande número de estatuetas de todos os tamanhos e ao alcance de todos os bolsos, para vender aos fiéis que desejassem eternizar sua presença nos templos, perante o seu deus, como fazemos com os ex-votos. A maior parte, obviamente, não supera artisticamente a intenção simbólica que lhe era destinada, mas muitos desses personagens imaginários são simpaticíssimos e de uma vivacidade extraordinária. Para os que tinham o que gastar, não faltavam mestres de primeira ordem que executavam retratos propriamente ditos e com toda evidência de arte.

Mas a grande obra-prima, talvez a mais antiga de toda história da arte, é a "deusa de Uruk" (Museu de Bagdá). Hoje é só a cabeça de uma estátua perdida, e mutilada; supercílios e olhos encastoados com lápis-lazúli. Mas parece de uma notável modernidade em sua concepção e execução. Sua boca, amarga e belíssima, é tão viva e sensível que, mais que uma deusa, faz pensar numa atraente princesa de Uruk, mais ou menos contemporânea de Guilgamesh.

Quanto ao relevo, já falamos da "Estela dos Abutres" de Eannatum, um tanto rude, mas de execução sólida. A esta devemos acrescentar o grande e alongado vaso de alabastro, também proveniente de Uruk, que é o mais antigo dentre os achados de toda a Ásia (3000 a.C., Museu de Bagdá). Seus três registros sobrepostos apresentam cenas esculpidas do culto a Inanna. De quase um metro de altura, já em seu tempo era dado como preciosíssimo e, como estava rachado, os sacerdotes de Uruk o salvaguardaram com anéis de cobre.

A arquitetura

A premissa vale ainda mais para a arquitetura. Sem pedras, foi forçoso renunciar aos arcos, colunas e arquivoltas, e sem estes três elementos essenciais não há quem possa libertar a fantasia. Os grandes templos deste período, dos quais restaram pouquíssimas evidências, eram construídos, como todo o resto das cidades, em tijolos crus (isto é, secos ao sol). Expostos às intempéries podiam durar, quando muito, uma geração, para depois retornarem ao estado de argila. Com a contínua estratificação, as cidades se tornavam, no decurso dos séculos, verdadeiras colinas, no topo da qual se reconstruía pela enésima vez o novo santuário. Era este o primeiro cuidado e vaidade de todo Ensi ou rei que, mal ascendendo ao trono, se empenhava logo em refazer ou restaurar, com grande profusão de mão-de-obra, um templo que cedia ou desmoronava por todos os lados. Um trabalho de Sísifo.

Estes templos, no início, não eram grandes: construídos sobre embasamentos artificiais de uns dez metros de altura ou mais, reproduziam em escala maior as habitações dos cidadãos. Depois, com o aumentar da riqueza, foram crescendo em imponência e suntuosidade, com grande número de ambientes, pátios e escadarias. Em geral, se usava o tijolo cru nos interiores e o cozido nos exteriores e pavimentos; o primeiro era assentado com argila, o segundo, com betume.

Procurava-se tornar mais atraentes estas muralhas maciças, de cor de terra, tornando-as mais leves com algumas séries de nichos e falsas colunas, embranquecendo-as com cal ou incrustando milhares de cravos de terracota, cujas cabeças pintalgadas compunham um mosaico de fantasiosos desenhos geométricos rômnicos, em ziguezague, imitando muitas vezes as esteiras com que se recobriam as casas para protegê-las da inclemência do tempo.

Por um certo período, usaram-se estranhos tijolos plano-convexos, nos quais a face superior era tornada mais leve, em forma de pãozinho. Não que o resultado fosse melhor: os muros assim construídos dão um certo senso de desordem.

Enfim, a arquitetura desembocou no colossal: sobre o grande embaçamento, comum a todos os templos, construiu-se um segundo, menor, um terceiro, e assim por diante. No topo, surgia a capela dedicada à divindade, unida ao solo por intermináveis e íngremes escadarias externas. Este é o grandioso edifício escalonado típico de toda a Mesopotâmia, o “zigurate”, protótipo da Torre de Babel. Da época de que estamos falando não restou nenhum, mas sabemos de sua existência por pinturas em vasos e selos. O primeiro “zigurate” surgiu provavelmente em Uruk.

As artes menores

Nada sabemos da pintura, dado que aquela que certamente existia foi perdida, junto com as frágeis paredes que decorava. Restaram traços esporádicos nos muros dos templos, onde substituíam os muito mais dispendiosos mosaicos decorativos.

É sobretudo nas artes menores que podemos colher toda a perícia e fantasia destes antiquíssimos ourives no forjar aqueles materiais que não constituíam nenhuma dificuldade para a importação: ouro, prata, marfim, pedras duras. A tendência a compor objetos com materiais diversos já foi exemplificada com o “Estandarte de Ur”, e é típica dos sumérios. Citaremos ainda, a este propósito, o curioso ornamento de harpa (fig. 21), de caráter satírico, com animais que servem comida e tocam instrumentos musicais (Museu Britânico). Este também provém das tumbas de Ur, que nos legaram um conspícuo tesouro de jóias, figuras e cabeças de animais, objetos rituais que pressupõem uma secular tradição e testemunham um absoluto domínio do ofício.

Os selos

Inventada a escrita, os sumérios se dedicaram também a inventar a “imprensa”. Não é arriscado dar tal qualificação aos seus selos, os quais, originalmente, eram planos e serviam ao mesmo fim do timbre lacrado moderno. Mas, não contentes com isto, aplicaram-se também a inventar a “rotativa”, o timbre sendo entalhado em negativo sobre um cilindrinho de pedra. Fazendo-o rodar sobre a argila, imprimia um marca que era tornada indelével, pondo a impressão para secar num forno. Esta invenção logo teve enorme sucesso, e se divulgou entre todos os povos relacionados com os sumérios, encontrando aplicações as mais disparatadas; as pessoas de alta posição, por exemplo, sempre levavam um ao pescoço que servia mais ou menos como cartão de visita ou como máquina de assinatura. A copiosidade de sua produção foi superlativa e a

fantasia dos escultores se sofisticou sem limites. Prova disto é o achado de milhares de selos que tratam de todos os assuntos: cenas mitológicas, divindades, cenas campestres, animais domésticos ou fabulosos, cenas rituais.

Para encerrar, observemos que a arte suméria tem um estilo extremamente original e inconfundível. Observando duas das obras mais famosas e de que já falamos, o “Estandarte de Ur” e a “Estela dos Abutres”, já vemos delineados alguns cânones fundamentais e típicos: cabeças de perfil, com o olho de frente (comum, mas bem diferente, na representação egípcia). Tendência a vultos atarracados, sem pescoço; as pernas sempre visíveis, as duas, mesmo quando o personagem está sentado (o qual, para mostrar as duas, é constrangido a posições bastante incômodas).

Na estatuária, a mesma inclinação ao maciço se exprime numa modelagem compacta e essencial; os olhos enormes, que exprimem uma certa força magnética, são encimados por bastos sobrolhos, sem solução de continuidade.

Fig. 21 — Decoração da parte anterior de uma harpa, encontrada nas tumbas reais de Ur, em conchas e betume (22 cm de altura). Primeira metade do III milênio a.C. (Londres, Museu Britânico).



CAPÍTULO 4

OS ACÁDICOS

Quando os primeiros pioneiros chegaram à terra de Chúmer, encontraram-na povoada por algumas tribos seminômades já atingindo um certo grau de civilização, como demonstram as escavações que permitiram recuperar, sob as mais primitivas estruturas sumérias, terracotas e vasos do chamado “período de El-Obeid”, evocando palidamente formas análogas desencavadas da proto-história do vizinho Elam.

Enquanto os sumérios empreendiam o cultivo da região, os semitas circunstantes se transferiram voluntariamente ao novo Éden, de modo que, ao fim de alguns séculos, segundo estudos antropológicos, sumérios e semitas se fundiram. Dos relevos sumérios se depreendem facilmente as respectivas diferenças somáticas. Os sumérios representam a si mesmos assim: fronte baixa, inclinada, nariz aquilino muito pronunciado, occipitais quase inexistentes. É o tipo “asiático”, ou “armenóide”, braquicéfalo (crânio curto, arredondado). Ao invés disto, devendo representar os semitas, mudam de módulo: crânio alto, nariz levemente recurvado, barba e cabelos crespos, dolicocefalo (crânio oblongo).

Para apurar as relações numéricas entre sumérios e semitas, alguns cientistas efetuaram medidas sobre crânios desenterrados nas tumbas mais antigas, e o resultado foi o seguinte: de oito crânios da necrópole de Quich, examinados pelo professor Dudley Buxton, cinco eram mais ou menos dolicocefalos, dois intermediários e só um claramente braquicéfalo. Perto de Ur (em Tell el-Obeid) sir Arthur Keith examinou 17 crânios: só um era braquicéfalo, todos os outros sendo dolicocefalos. Enfim, dentre os mortos da necrópole de Ur, as medidas do mesmo Keith não deram resultados muito diversos: a maioria já era composta de semitas.

E também é lógico: sobretudo era impossível, num país absolutamente aberto e sem nenhuma fronteira natural, impedir o afluxo das populações limítrofes; e, por outro lado, os sumérios tinham grande necessidade de mão-de-obra. Não podiam, entretanto, contar com a colaboração de outros de seus compatriotas, que estavam muito bem lá onde estavam. Os nômades árabes, por sua vez, vivendo em tendas no deserto, condicionados a poucos oásis ou a alguns poços, estavam bem dispostos a fornecer toda a ajuda necessária. Em breve a semitização do país foi inevitável, sem bem que sob a égide dos sumérios.

Ao norte, onde o Tigre e o Eufrates se aproximam, existia a região mais habitável, sem grandes obras de irrigação. Lá, os únicos sumérios eram os reis e os altos funcionários de Quich, Sipar, Casalu, Akchac, Borsipa e outras, mas seus súditos eram todos semitas. Ainda mais ao norte, os empreendedores sumérios tinham fundado colônias, dentre as quais Nínive, mas totalmente independentes da terra-mãe.

A certa altura, esta preponderância semítica torna-se determinante: o centro do poder sumério se desloca para o norte; no tempo do rei Mesilim a cidade mais importante se torna Quich, e Eridu cede lugar a Nippur, sede do deus Enlil.

Para prevenir surpresas, Uruk se cerca de um poderoso baluarte defensivo duplo de 10 quilômetros de comprimento e com 800 torres, que engloba não somente a cidade, mas também campos e pastagens; são os famosos muros atribuídos a Guilgamech. Mesilim passa a ser o árbitro das eternas controvérsias entre as cidades do Sul.

Algo aconteceu: aqueles singulares tijolos em forma de pãozinho não são farinha do saco sumério; a cerâmica e os selos mudam de estilo. Estamos agora perto de 2600 a.C. no interessantíssimo, mas ainda pouco conhecido, “período de Mesilim”. Enquanto o Sul parece constrangido à defensiva, em Quich e Nippur surgem grandes zigurates, e ainda em Quich, Mesilim faz construir para si um grande palácio.

Quich

Quich era uma antiqüíssima cidade fundada pelos sumérios (fig.22); segundo as “listas régias”, seu primeiro rei foi Etana, tornado célebre por um mito famoso:

Quando sobre a terra não haviam reis ou templos, os deuses decidiram dar um pastor aos homens. Etana era um grande caçador, um semideus, um herói. Estando sua amadíssima mulher à espera de um filho, o estremoso marido dirige-se a Babbar, pedindo-lhe que conceda a ela um parto indolor.

Fato precedente: viviam nos montes uma águia e uma serpente, com as suas proles. Um dia, se bem que desaconselhada por um de seus filhotes, que pressagiava o castigo de Babbar, a águia devorou as serpentezinhas. A mãe-serpente, transbordada pelo acontecido, com tocantes palavras pediu vingança ao deus, o qual sugeriu-lhe ocultar-se dentro da carcaça de um touro. Quando a águia, não obstante as advertências do sábio filhote, se aproximou para alimentar-se, a serpente, como um raio, aferrou-se à inimiga e despedaçadas suas asas, lançou-a num fosso, a morrer de fome.

Ora, Babbar, atendendo à oração de Etana, lhe aconselha a ir ao monte; aí o herói encontra a águia moribunda. Alimenta-a, cuida dela, e pede-lhe “a erva do parto”. A águia, agradecida, o convida a voltar no momento oportuno, no oitavo mês da gravidez.

Assim faz, e Etana reencontra a águia já restabelecida: homem e rapinante fazem grande amizade. A erva do parto está no céu, e a águia convida Etana para ir lá sobre seu dorso, para fazerem juntos a maravilhosa viagem. O herói se prosterne na presença dos deuses, mas a experiência tem a mesma conclusão trágica de En-

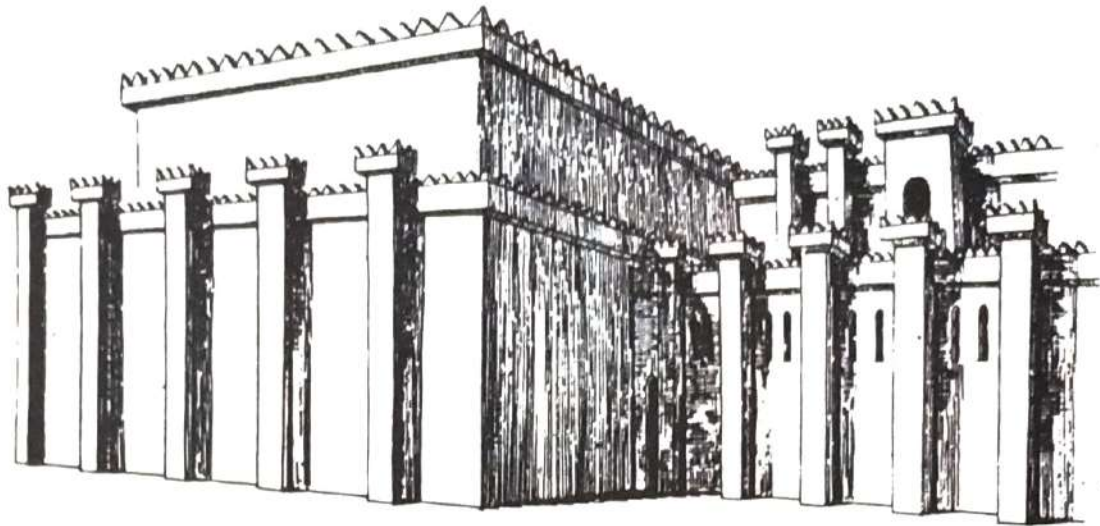
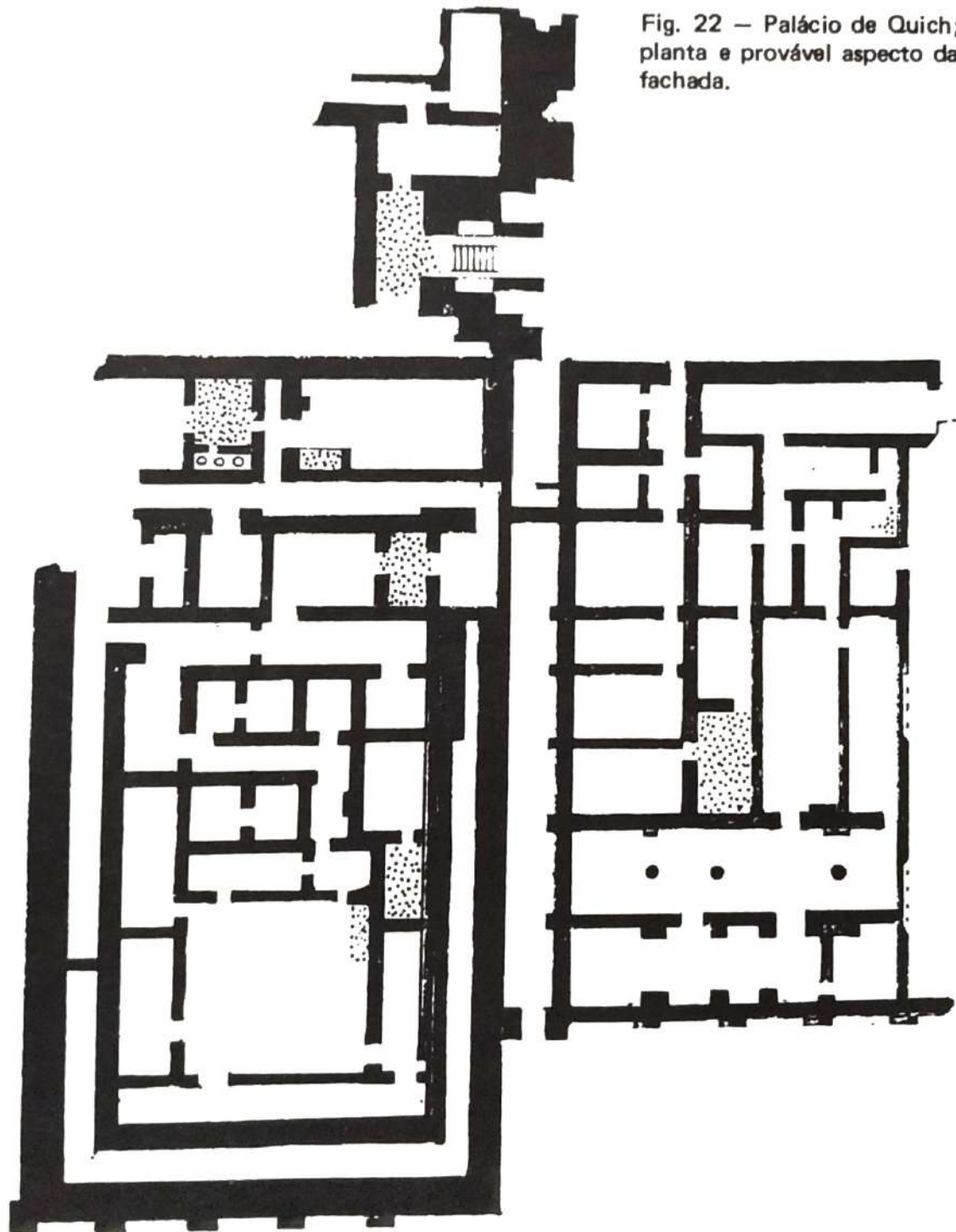


Fig. 22 — Palácio de Quich;
planta e provável aspecto da
fachada.



quidu: tomado de vertigem, Etana, arrastando na queda também a água, precipita-se e morre. A sua sombra, porém, aparece à mulher, anunciando-lhe que se tornou rei e imortal.

Etana — segundo as “listas régias” — reinou sobre o trono de Quich, em época antediluviana, ao longo de belos 635 anos.

Com Mesilim, Quich assumira enorme prestígio, tanto que o título de Rei de Quich quase equivalia a “Rei de Chúmer”. Lugalzagghesi reduzira sua importância colocando-a, como as outras, sob seu próprio domínio.

Cerca de 2480 a.C., sobre o trono de Quich aparece a rainha Kubaba, senhora muito “falada” e originalmente dona de uma hospedaria, ou coisa que o valha. A esta Kubaba sucede o filho Urzababa.

Sargão

Na corte de Urzababa, pouco depois de 2430 a.C., apresentou-se com as recomendações adequadas um rapagote que foi aceito como copeiro. Não que fosse um grande encargo, mas se tratava, afinal, da mesa de um monarca. Em breve, o voluntarioso juvenzinho conseguiu conquistar a mais completa confiança do rei, tanto que este o nomeou governador da vizinha cidade de Acad. Entrementes, Urzababa, não se sabe por que incidente, insurgiu-se contra Lugalzagghesi, o qual, devendo fazer frente à revolta de Quich, usou, como sempre, mão de ferro: reuniu suas forças e a destruiu.

O jovem governador tirou proveito da ocasião para proclamar-se, sem contestação, rei de Acad. O que, para um copeiro, era já um notável passo à frente, mas não lhe conferia prestígio suficiente, dada a escassíssima importância da cidadezinha. Entregou-se, pois, a reconstruir a destruída Quich e, cumprida a obra meritória, assumiu ambiciosamente o título, que permanecia vago, de Rei de Quich. Para ater-se às regras, comunicou isto ao “Grande Rei”, pedindo-lhe aprovação. O reconhecimento oficial não veio: Lugalzagghesi não só lhe respondeu negativamente, mas enviou suas tropas contra ele.

O rei aspirante, só dispondo de escassos efetivos, pelas recentes batalhas, reforçou-os com tropas reunidas às pressas, e enfrentou o adversário com a tática da guerra no deserto. As legiões sumérias, em quadradinhos, atacadas por todos os lados por um inimigo que fazia ataques de surpresa, em profundidade, se eclipsava, se reduzia, e se punha em fuga. A vitória foi completa e o vencedor, pouco cavalheirescamente, mandou prender o velho e glorioso Lugalzagghesi numa jaula e o exibiu nas “Portas de Enlil”, isto é, em Nippur, deixando-o exposto à denigração pública. Para completar o próprio triunfo, ascendeu ao trono sob o nome de Charruquenu, que significa “rei legítimo”. É o que conhece-

mos como “Sargão”, um dos maiores soberanos da antigüidade.

Até aqui o chamamos de copeiro, juvenzinho, governador, não para criar um clima de *suspense*, mas porque não sabemos absolutamente como se chamava, nem de onde provinha. Segundo a tradição, era filho “de um ninguém” e as “listas régias” dos sumérios anotam, com evidente desprezo, que “seu pai era um cultivador de tâmaras”. Na biblioteca de Assurbanípal, pela boca de Sargão fala um documento:

“Eu sou Charruquénu, rei forte, rei de Agad; minha mãe era sacerdotisa, meu pai, não conheço; minha cidade é Azupiranu (cidade que não é conhecida de outras fontes), às margens do Eufrates. Minha mãe me concebeu e me gerou em segredo. Depois, colocando-me numa cesta de juncos, vedou-a com betume e me colocou no rio, que não me engoliu. A corrente me sustentou e me levou a Áqui, o irrigador, que me adotou como filho e fez de mim um jardineiro”.

Como se pode depreender, é idêntica a origem que os hebreus, mais de mil anos mais tarde, atribuíram a Moisés.

As inscrições originais de Sargão são raríssimas e, na maioria, ilegíveis. Portanto, devemos nos ater às tradições e à vasta literatura histórica e apologética que prosperou por milênios em torno deste extraordinário personagem.

O reino acádico

Para não se encontrar perdido em meio às tradições milenares de Quich, Sargão logo de início transportou a própria capital para a cidadezinha que lhe trouxera a fortuna, Acad. Esta dará o nome aos semitas habitantes da Mesopotâmia. Com sua vitória, Sargão tinha nas mãos prontinho o grande império fundado por Lugalzagghesi, e aplicou-se logo a organizá-lo com novos critérios, para prepará-lo como base para uma ulterior expansão.

Neste ponto fez-se necessário precisar algo: o leitor poderá ter deduzido que na base havia um insanável conflito racial, ou “de classe”: sumérios de um lado, semitas do outro. Nada de tudo isso: Lugalzagghesi moveu guerra a Quich não porque seu rei fosse um semita, mas simplesmente para deter uma ameaça. Sargão defendeu a própria cidade contra Lugalzagghesi, mas a defenderia contra qualquer outro.

Nas cidades sumérias, como se viu, as duas estirpes eram já totalmente miscigenadas e conviviam sem problemas, tendo em comum o patrimônio religioso, lingüístico e cultural. Ao norte, os semitas eram a franca maioria, mas também aqui tinham em grande parte assimilado a cultura dos sumérios, pelos quais nutriam, desde sempre, profundo respeito. Pode também ocorrer que os prósperos meridionais considerassem alegremente “caipiras” os habitantes daquela “região subdesenvolvida” do norte, que, de fato, chamavam “terra dos servos”, ao passo que, para estes, o sul era Chúmer, isto é, “terra cultivada”. Mas, entre

uns e outros não havia nenhuma animosidade. Como prova, citaremos um fato sintomático: Sargão dará nomes acádicos a seus dois filhos, mas à terceirogenita, um nome sumério. E da mesma maneira, o fato de que a língua oficial doravante será o acádio, não é sintoma de nenhuma revanche: Sargão emite seus decretos em acádio simplesmente para poder fazer-se entender pelos seus próprios súditos; mas as mesmas leis, propagadas nas cidades meridionais, pelas mesmas razões, são traduzidas em sumério, que continuará depois sua função de língua erudita e religiosa, como o latim, no Renascimento.

O reinado de Sargão

O problema era totalmente outro: se fosse lícito fazer um confronto tão impossível, seria como entre comunismo e capitalismo; entre a arcaica e rígida economia centralizada dos sumérios e a das jovens cidades acádicas, cuja base era constituída pelo patrimônio pessoal do particular, ou da família ou tribo, e pela mais livre iniciativa privada.

Estas novas concepções logo tiveram confrontações concretas: Sargão não é o representante (ou Ensi) de nenhum deus: é apenas o rei, e basta.

O Sumo Sacerdote conserva suas próprias funções, inclusive a de coroar o rei em Nippur em nome de Enlil, mas as decisões políticas cabem ao Palácio, e não ao Templo, que se torna apenas uma "Igreja livre num Estado livre". Com isto não foram sufocadas as liberdades das cidades sumérias cujas dinastias conservaram tronos e tradições, desde que jurassem fidelidade e pagassem um tributo razoável; só em caso de defeção elas eram substituídas por governantes, responsáveis somente perante Sargão. Em suma, Sargão assume as funções de um faraó egípcio.

Estabelecida pois a capital em Acad, e organizadas as finanças em sua pátria e nas vizinhanças imediatas, Sargão dá antes de tudo bases sólidas aos seus próprios ideais: uma inscrição afirma que "a cada dia 5 400 homens comiam em sua presença". Aqui, por "homens" devem ser entendidos soldados; eram os "Filhos do Palácio", um corpo estável de aguerridos soldados, sempre às ordens do rei, e naqueles tempos, 5 000 homens constituíam um formidável exército.

Quanto aos seus ideais, eram os mesmos de Lugalzaghesi, pelo que se intitulou, mas muito mais afortunadamente, "Rei das Quatro Partes do Mundo", que na época eram: Subartu, Elam, Amurru e Chúmer. E aqui cabe fazer uma digressão para se ter uma idéia do que era o "mundo" de que Sargão se fazia soberano.

A Ásia Anterior

Quando, no início do capítulo sobre os sumérios, falamos da conformação de seu país, não se quis dar apenas colorido local. A grande pla-

nície que compreende a Mesopotâmia faz parte daquela imensa e desolada plaga do mundo que, partindo da Ásia central, atravessa o deserto sírio e arábico, e atravessado o Mar Vermelho, une-se ao Saara e prossegue por mais 5 000 quilômetros até o Atlântico. Um deserto interminável, interrompido somente por alguns oásis, pelo Tigre, Eufrates e Nilo. São estes os três rios que formam, no dizer de Breasted, o "Crescente Fértil" (fig. 23) onde surgiram as mais antigas civilizações históricas.

O corno direito da meia-Lua engloba toda a vasta região entre as montanhas do Líbano e do Zagros, dos contrafortes meridionais da Armênia ao Golfo Pérsico. O "mundo", para sumérios e acádicos, é este: um mundo onde não chove, ou ao menos onde a chuva é tão insuficiente que não permite nenhum gênero de cultivo sem irrigação artificial. A média anual de precipitação é 130 milímetros; em Palermo, a cidade italiana onde chove menos, temos 482 milímetros. Em Bagdá, chove por sete dias ao ano; em Palermo, por 77. O clima, tórrido, é ao mesmo tempo, desértico e tropical. Os cinquenta graus à sombra, em Bagdá, por certo não são exceção; a média de julho, em Baçorá, é de trinta e quatro graus (em Palermo, 24,6 °C). Em compensação, a noite costuma ser muito fria, e a região é açoitada por todos os ventos, desde os abraçadores e carregados de areia, que vêm do sul e do oeste, até os gelados

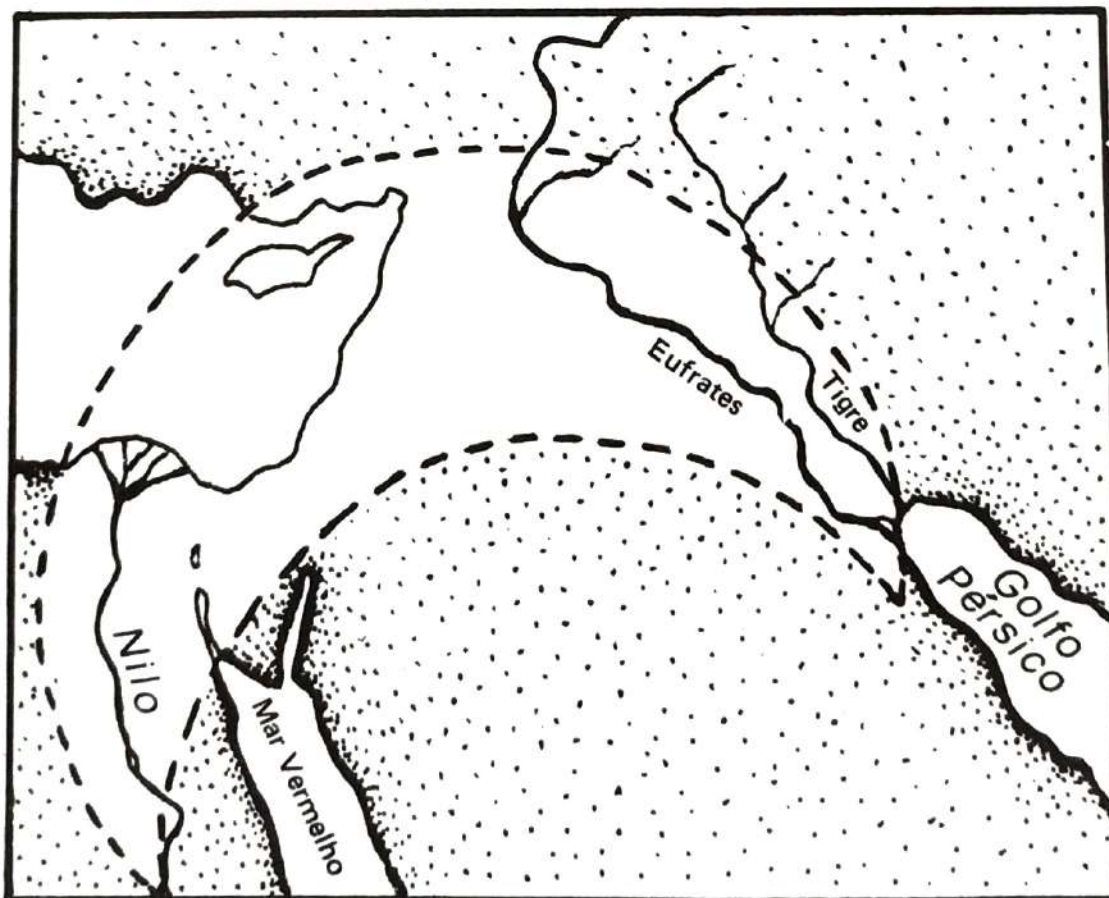


Fig. 23 — O "Crescente Fértil".

que descem do Cáucaso e da Sibéria.

Sem o Tigre e o Eufrates (e do outro lado, o Nilo), o Crescente Fértil não poderia ter existido. Mas a contribuição dos rios, na Mesopotâmia e no Egito, é bem diferente.

O mais longo é o Eufrates (2 600 km) que, depois de ter recolhido as águas de seu maior afluente, o Khabur, não recebe mais água; na abraçada planície, evapora abundantemente, seu curso se faz preguiçoso, lento, e basta uma duna para mudar sua direção, até que desemboca num pântano, e termina, hoje em dia, no Tigre.

Este último (com 1 950 km), ao invés, é constantemente alimentado por grandes afluentes, dentre os quais os mais importantes são o Grande e o Pequeno Zab e o Diala. Nenhum dos dois, porém, tem a metódica e previsível regularidade do Nilo; seus transbordamentos imprevistos causam mais danos que benefícios, e diversamente do Nilo, as inundações vêm no início da primavera, quando as plantações estão amadurecendo, e não na época da sementeira e da germinação, quando seriam utilíssimas, porque, nesta época, o Tigre e o Eufrates estão quase secos.

Suas fontes, nas encostas do Tauro armênio, são vizinhas, mas a do Tigre está na vertente sul, e a outra, na do norte. Mas é o Tigre a “despertar” primeiro com o degelo de março, e em seu curso superior precipita-se impetuoso e turbulento, alagando todos os territórios em seu caminho, de meados de maio a meados de junho. O Eufrates o segue com cerca de um mês de atraso, retomando suas margens normais no início de agosto. Durante estas cheias, algumas regiões, em particular na confluência do Khabur e em Babilônia, onde os dois rios se aproximam muito um do outro, transformam-se em imensos lagos. O acúmulo contínuo de materiais sedimentares, com o passar dos milênios, progressivamente alongou seu curso em direção à foz (calcula-se um quilômetro a cada 30 anos), que hoje se encontra, pois, muito mais ao sul. Toda a região de Baçorá, no tempo dos sumérios, estava sob o mar.

Para tornar habitável um tal país, urgia irrigá-lo ao máximo, e foi esta a precípua atividade de seus povos e reis, os quais, em suas inscrições, ao menos nos dois primeiros milênios se gabam em primeiro lugar de terem construído diques, canais e barragens, além dos templos. O que, se testemunha a boa vontade destes soberanos, não ajuda a identificá-los com precisão, porque são muito mais as guerras e as conquistas que fazem história, e não as obras hidráulicas.

Na época de que falamos, sumérios, semitas e todos os outros povos que tinham se instalado naquela região já haviam tornado fértil grande parte do deserto entre os dois rios que, com um termo grego, chamamos “Mesopotâmia”. Era pois este o mundo deles, cuja obra mais imponente será um canal que, partindo da hodierna Hit, por 400 km correrá paralelamente ao Eufrates, desembocando no mar. Talvez seja o Pison da Bíblia, com efeito o terceiro rio da Babilônia.

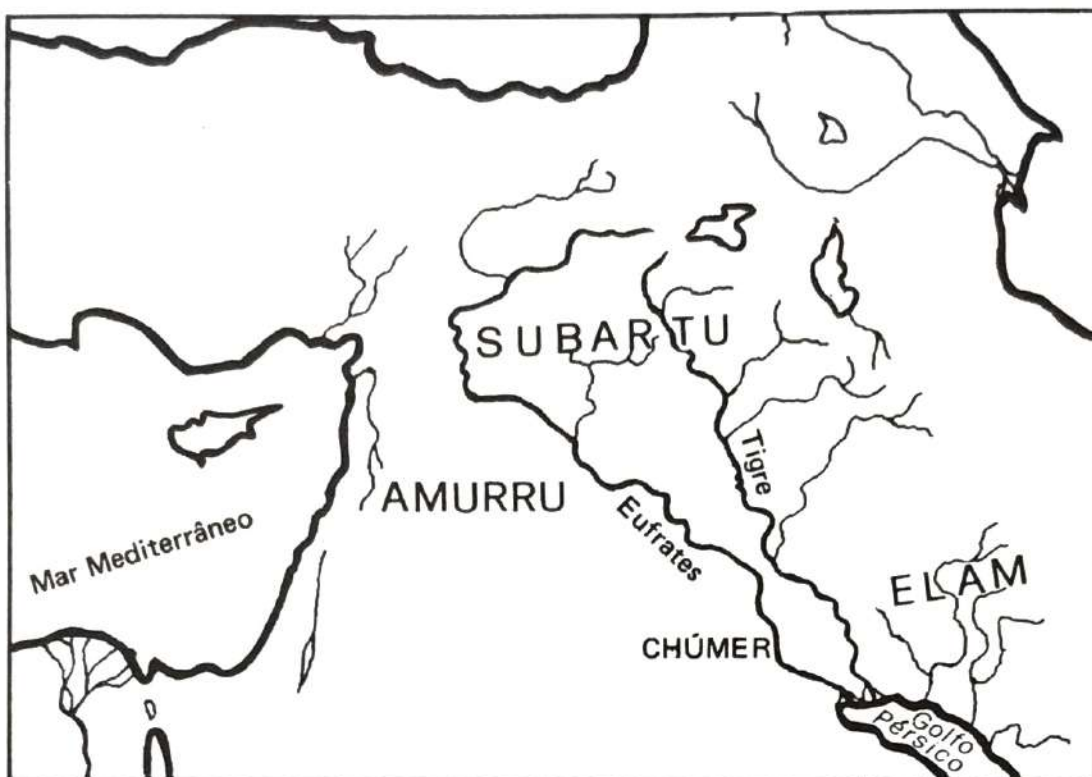


Fig. 24 — As “Quatro Partes do Mundo”.

Ao norte, havia a região de *Subartu*, onde surgirá o reino dos assírios.

A noroeste, a região de *Amurru*, habitada pelos amorritas — mais ou menos a metade ocidental da hodierna Síria — que se estendia até as montanhas de Amã e do Tauro anatólio, chamadas respectivamente “Florestas dos Cedros” e “Montanhas de Prata”, com seus portos comerciais dando para o “Mar Superior”, mais exatamente o Golfo de Issa.

Ao sul, *Chúmer*, conhecido até Dilmun (as atuais ilhas de Bahrein).

Ao leste, o *Elam*.

Estas, mesmo que depois tenham sofrido subdivisões políticas e geográficas muito mais particularizadas, continuaram, no título dos reis, as “Quatro Partes do Mundo” (fig. 24).

O império

Sargão interessou-se também pela parte oriental do “mundo”, o Elam, que, tirando proveito da queda de Lugalzaghesi, tinha retomado a independência, e o reconquistou. Em grande número de inscrições antigas, lemos longas listas de príncipes feitos prisioneiros nestas campanhas, todos com nomes elamitas.

Depois dirigiu a mira para o norte, e deixou escrito ter conquistado

seguramente o “País Alto”, as “Florestas dos Cedros” e as “Montanhas de Prata”, ou seja, o Amurru, mas é provável apenas que tenha garantido para si o seu controle comercial.

O Subartu não apresentava dificuldades particulares, e podemos incluí-lo, ao menos até uma imprecisa latitude norte.

O Chúmer já pertencia a Sargão, o qual, porém, não contente, conquistou também Dilmun, o que pressupõe o emprego de uma frota.

Não é fácil saber exatamente até onde se projetou o domínio efetivo de Sargão, seja pela carência de documentos contemporâneos, seja porque as sucessivas lendas tendem a atribuir a este grande personagem também conquistas que na realidade foram obra de seus sucessores imediatos. Mas, mesmo compensando a estas, tratava-se sem dúvida do maior império que apareceu até aquele momento (fig. 25). A sua capital, Acad, tornou-se o umbigo do mundo; por ordem do rei, as embarcações, ao invés de pararem como de hábito nos portos do Golfo Pérsico, desembarcam suas mercadorias diretamente nos molhes da capital; o



Fig. 25 — O grande império de Sargão.

que exigia o emprego de grande número de homens para a sirga e animais de tiro para rebocá-los contra a corrente.

Este império era mantido unificado pelo prestígio pessoal de seu fundador e pela eficiência de seu exército. Sargão, o grande condutor de povos, não se preocupou em dar-lhe uma base política unitária e equilibrada, de modo que as vantagens de uma cidade não prejudicassem as de uma outra, ou porque não tinha experiência precedente em que inspirar-se, ou porque talvez fosse realmente utópico dar característica unitária a povos tão díspares e ainda mais interferir em suas economias, de outro modo muito prósperas. Portanto, com a condição de jurarem fidelidade, os sumérios, com sua economia centralizada, e os semitas com suas instituições de capital privado, continuaram a ter administrações separadas e autônomas, muitas vezes fortemente contrastantes entre si.

As revoltas, de fato, não se fizeram esperar; as cidades sumérias do litoral, que sempre detiveram o lucrativo monopólio do comércio marítimo — ora interrompido por causa do desvio dos navios para Acad — foram as primeiras a rebelar-se. Sargão, vendo destronados os seus Ensi, os substituiu por seus concidadãos, tanto que pode vangloriar-se de que os “Filhos de Acad detêm a posição de Ensi até o Mar Inferior”, e nomeou sua própria filha, Enkheduanna como Grande Sacerdotisa de Inanna, em Uruk, o cargo religioso mais elevado entre os sumérios.

Mas os “Filhos de Acad” não ficaram atrás dos de Chúmer, e também começaram a rebelar-se; o mesmo Sargão informa ter combatido por lá cerca de 34 batalhas, “até os confins do mar”. As cidades rebeldes foram deixadas sem defesa, com suas muralhas desmanteladas.

As relações no norte não deviam andar muito melhor. Um dos pouquíssimos documentos que chegaram até nós fala de um príncipe “Cachtubila, do País de Casulu”, do qual Sargão “dispersou o grande exército, e transformou em pó e deserto a Terra de Casulu sem deixar um só lugar onde um passarinho pudesse pousar”.

O indômito Sargão combateu ao longo de toda sua vida. Durante a sua velhice, os agricultores, cansados de ter de fornecer continuamente “bucha de canhão” para as conquistas ou expedições punitivas de seu imperador, decidiram reunir-se numa associação e conseguiram assediá-lo em sua capital. “Sargão, saindo da cidade, derrotou suas forças, aniquilou seu grande exército (...) e reuniu-os (os sobreviventes) e gritou: ‘A ti, Ichtar...’”. A única a tirar enormes vantagens disto foi a burguesia: os mercadores, sob a prestigiosa égide de Sargão, puderam incrementar seu comércio em absoluta segurança ao longo de todas as vias de caravanas, tornadas seguras por presídios e escoltas armadas, sem mais temer os ataques e assaltos. A maior parte destas riquezas confluía para Acad, que presumivelmente se tornou uma das mais ricas cidades do mundo, quicá uma das mais suntuosas. Mas não estamos em condi-

ções de saber nada com precisão, dado que sua localização precisa não foi determinada, e nenhuma escavação pôde trazê-la à luz.

O mito de Sargão

Sargão fez vastíssimo uso do “culto da personalidade”, o que lhe proporcionou muita consideração além das suas fronteiras, mais que junto a seus recalcitrantes súditos. E usou-o com inteligência: em nenhum de seus documentos — ao menos naqueles de que dispomos — aparece o título, que seria legítimo, de “Rei das Quatro Partes do Mundo”. Seus títulos são mais modestos, mas em compensação sempre seguidos de fórmulas encomiásticas: “Rei de Quich, que não tem igual”, ou então: “ao qual Enlil não opôs nenhum rival”, ou com frases que ressaltam sua inflexibilidade de soberano “que não concede o seu perdão a ninguém”, as suas glórias militares “que crescem junto com a fama de seu nome” e “levaram sua imagem até no (país do) nascer do Sol”.

Bem-entendido, também os seus predecessores se gloriam de suas próprias empresas, mas na maioria as gabolices concernem a obras de devoção ou pacíficas. Aqui, ao invés, é patente a intenção de fazer de si o ideal do herói invencível, estender a própria fama e glória até os confins do mundo. As premissas estavam todas presentes, e o objetivo foi atingido: em torno da personalidade de Sargão nasceu toda uma literatura de poemas e lendas que propagaram a sua glória. Num destes, que fala da vitória sobre Casalu, Sargão se exprime na primeira pessoa, enumera todas as suas conquistas (“Eu venci. . .” “Eu fui vitorioso. . .”) e termina com um desafio: “E agora, se um rei quiser comparar-se a Mim, deverá experimentar andar por onde eu andei”.

Assim, no *Char-tamkhari* (Rei da Batalha), poemeto difundidíssimo até na Ásia Menor, e talvez até o Egito¹, lê-se que, no ato de rendição, o rei de uma cidade da Anatólia confessa ao vencedor toda a sua admiração, estupefato que Sargão tenha podido superar obstáculos e montanhas nunca antes franqueados, e exclama: “Que país, pois, é igual a Acad? Que rei é comparável a Ti? O teu rival não existe!”. Esta épica fama durará intacta por séculos, até a época persa, e permanecerá como ponto de referência. Serão muitos os soberanos que o tomarão como modelo; o rei hitita Hattusili I, mais de mil anos mais tarde, se gloriará de ter levado a cabo empresas que “nem Sargão” poderia cumprir.

As cópias das inscrições de Sargão, que evidentemente eram gravadas sobre estelas ou estátuas na maioria perdidas, costumam apresentar uma maldição ritual: “Quem quer que desloque esta estátua, Enlil deslocará seu nome, despedaçará suas armas, e nunca poderá ficar perante Enlil”; ou então: “Chamach extirpará a raiz e aniquilará a semente daquele que

¹ Chegou-nos uma cópia através do arquivo do faraó Ekhнатon, em Tell-el-Amarna.

danificar esta inscrição”. Eram então expostas nos templos ou em praça pública, à admiração dos pósteros.

Daqui para a divinização, é só um pequeno passo: o herói invicto, como Guilgamech ou Etana, se propõe entre os semideuses. Um fato totalmente anômalo, que não seria aceito sem discussões. Pelo que Sargão sabiamente não levou adiante a questão: como não usou o qualificativo de “Rei do Mundo”, que teria ferido a suscetibilidade dos reinos conquistados, seu nome sempre aparecerá sem a palavra “divino”, e muito menos “deus”. Deixou apenas que se acreditasse nisso.

A figura deste grandioso soberano assinala uma revolução histórica. Com a sua morte, começa a era “pós-sargônica”.

Para nós, todavia, a maior glória de Sargão é uma obra de arte que deixou para a posteridade: a estupenda cabeça de bronze, que, quase com certeza, o representa. Encontrada entre as ruínas de Nínive, chegou até nós mutilada. Um desconhecido saqueador, para roubar as gemas que formavam seus olhos, massacrara-a a golpes de faca. Mas mesmo assim permanece, com justiça, a mais famosa obra escultórica da Mesopotâmia (Museu de Bagdá). Obra de um grande mestre, é finíssima, quer na modelagem, quer no cinzelado. A boca, com um levíssimo sorriso, não disfarça, no fundo, um certo desprezo pela humanidade.

Os herdeiros de Sargão

Sargão reinou, segundo a tradição, 56 anos. Seu filho Rimuch deve ter-se colocado na defensiva para enfrentar as revoltas que, à sua morte, desencadearam-se por toda parte. A tomada de Casalu, que já mencionamos, é obra sua e não de seu pai. Rimuch deixou também um documento em que relata, mesmo que com algum exagero, o número de mortos e prisioneiros nesta batalha: 12 650 mortos e 5 854 prisioneiros.

Com uma série de campanhas, conseguiu manter seu domínio sobre o Elam, mas certamente o Amuru acabou sendo perdido. Para complicar ainda mais as coisas intervieram os “Filhos do Palácio” que o assassinaram — segundo dizem — a golpes de selos de pedra.

O irmão Manishtusu tomou seu lugar: dele sabemos somente que foi um soberano muito respeitado, como é possível deduzir do fato de que em uma das costumeiras “excursões disciplinares” no Elam, obteve vitórias sobre “trinta e duas cidades até o mar”. Era seu desejo garantir para si uma velhice tranqüila, dado que adquiriu grande número de propriedades agrícolas, que ele mesmo inventariou sobre um pequeno obelisco de diorita. Mas a sua previdência foi truncada bruscamente pelos implacáveis “Filhos do Palácio”, que o assassinaram.

Naram-Sin

Para recolocar em ordem o império que vacilava, interveio Naram-Sin, soberano enérgico, valoroso, digno neto de Sargão, e quem sa-

be, até mesmo mais glorioso que ele. É a este Grande Rei que se devem muitas das conquistas que a tradição atribui ao avô.

Nem bem ascendeu ao trono, faz *tabula rasa* da infiel guarda real, marcha sobre Quich, sempre pronta a rebelar-se depois que Sargão a destronara em favor de Acad, reduzindo-a a um estado de não-beligerância. Em seguida, reunida a frota, vai conquistar Magan² com as suas preciosas minas de diorita onde faz prisioneiro o rei Mani; não esqueceu o Elam, com algumas demonstrações de força. Do lado oposto, atravessou o Subartu, e lançou-se quase até a Armênia. No ocidente, reconquista Mari e todo o Amurru, e "lavou suas armas no Mar Superior".

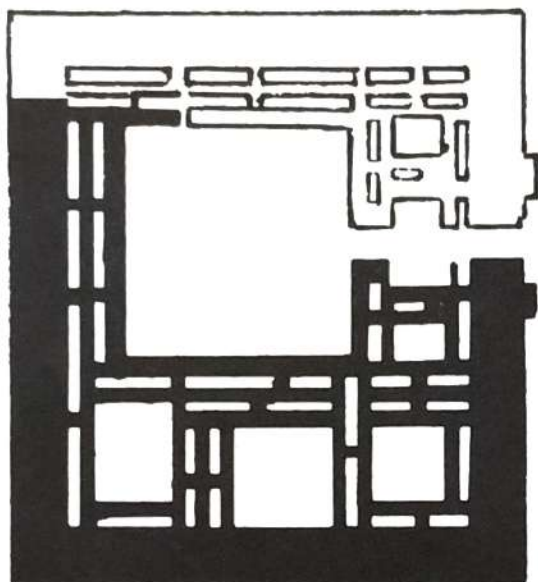


Fig. 26 — Planta do palácio de Tell Brac.

Reconstruído o domínio sobre seu império notavelmente ampliado, Naram-Sin o consolidou construindo fortalezas muito bem dotadas nos pontos estratégicos. A mais poderosa é a de Tell Brac, não muito longe de Mossul, que compreende também um palácio residencial (fig. 26).

Feito isto, assumiu oficialmente o ainda inédito, mas de todo merecido, título de "Rei das Quatro Partes do Mundo", além de "Poderoso Deus de Acad".

Restava agora bastante tempo para pensar nos pormenores. Um destes era um problema secular: nas encostas da cadeia do Zagros viviam povos selvagens e primitivos que não deixavam escapar nenhuma ocasião de saquear a fértil planície, fugindo depois para seus montes inacessíveis. O inconveniente era suportável, mas ultimamente estes rudes montanheses tinham se tornado um pouco audazes demais e, em bandos organizados, faziam saques com muitas mortes.

² Região na costa arábica de identificação incerta.

Naram-Sin decidiu dedicar-se também a eles, e pela primeira vez na história, foi combatê-los em seu próprio território. Para eternizar a extraordinária empresa, fez esculpir uma esplêndida estela e colocou-a no templo de Chamach, em Sipar. Esta estela, segundo as normas, deveria estar no Museu Britânico, dado que Sipar foi escavada por Hormuzd Rassam (1882); mas como foi encontrada em Susa, no Elam, onde escavavam os franceses (1897) à procura de coisa totalmente diferente, encontra-se agora no Museu do Louvre. Tinha sido levada para o Elam como butim de guerra.

De Naram-Sin nada mais sabemos, salvo o que se pode deduzir das lendas subseqüentes. Uma narrativa babilônia afirma que o rei, para combater uma grande coalizão de rebeldes, foi obrigado a enviar à luta, um depois do outro, três exércitos, compostos respectivamente 180 000, 160 000 e 70 000 homens. Resultado: todos aniquilados, pelo que o pobre Naram-Sin se lamenta aos deuses que lhe enviam tais provações.

É pois provável que, ao final de seu reinado, tenha havido alguns revezes; apesar disso, Naram-Sin continua sendo um grande soberano, e suas conquistas foram bem além daquelas de Sargão. O mesmo episódio, já citado no *Char-tamkhari*, é muito mais admissível se referido a ele, e não a Sargão, que nunca foi tão longe. Mas, exceto por essa arbitrária esquematização a qual já tínhamos apontado, a saga épica, deixando de lado seus personagens menores, deu vida a dois grandes protagonistas: Sargão, o heróico conquistador que criou o império dos acádicos, e Naram-Sin, o valoroso mas desventurado rei, que o perdeu. E para que a história toda ficasse convincente, segundo a arraigada crença religiosa, o segundo estava destinado a descontar um grave pecado cometido pelo primeiro, que teria provocado a ira divina.

Deste pecado, cada cantor criou uma imagem diversa. Citaremos duas: num poemeto sumério — conhecido sob o título de *A Maldição de Acad* — o terrível sacrilégio de Sargão foi a destruição do Ecur, o templo de Enlil em Nippur. Mas, pelo que se sabe hoje, só fez dar-lhe atenções e cumulá-lo de presentes. Numa *Crônica* babilônia — dita de Weidner, segundo o nome de seu descobridor — o pecado consistiu, ao invés, em ter querido construir “uma segunda Babel”, isto é, Acad, suscitando destarte a ira do rei Marduc. Estamos, evidentemente, em pleno anacronismo: naqueles tempos, Babel, antes Tintir, era pouco mais que um vilarejo.

Mas, deixando de lado a lenda, Naram-Sin teve glória à altura de seus méritos. Os textos históricos babilônios, aqueles sérios, fazem sempre seguir-se ao seu nome a frase “que conquistou o mundo”, e junto aos hititas a sua fama era bem sólida mil anos mais tarde, e mais.

Quanto à historiografia, é durante o seu reinado que se iniciam as assim chamadas “fórmulas analísticas”, ou elencos de dados que oferecem

a possibilidade de compor uma precária forma de cronologia. Encontramos em seus documentos: “Ano em que Naram-Sin lançou os alicerces do templo de Enlil em Nippur” (fig. 27), ou então: “Ano em que Naram-Sin desviou a desembocadura do canal de Eèrinna, em Nippur”, e

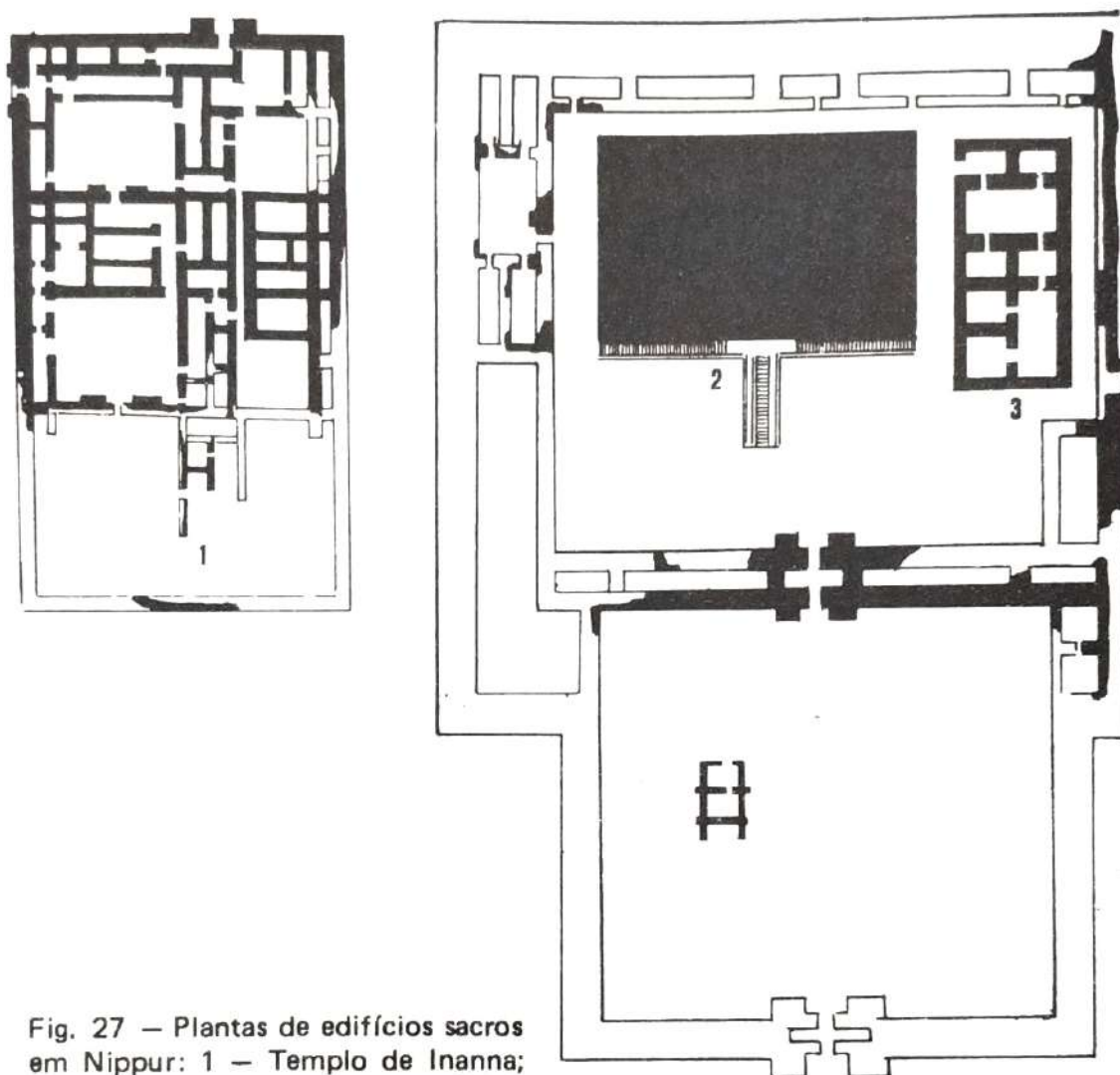


Fig. 27 — Plantas de edifícios sacros em Nippur: 1 — Templo de Inanna; 2 — Zígarate; 3 — Templo de Enlil.

assim por diante. Não é muito, mas em relação ao passado já é um progresso.

A ruína do império acádico

Filho e sucessor de Naram-Sin, foi “o deus e herói de Acad, Charcalicharri” que, a despeito do nome altissonante, que significa “Rei de todos os reis”, viu escapar de suas mãos os tronos, um depois do outro, e teve de esgotar-se nas insurreições desencadeadas “nos quatro pontos cardeais”. Os saqueadores do Zagros não deixaram de tirar proveito, e Charcalicharri teve de dedicar-se também a eles, com ousadas campa-

nhas sobre os montes, onde fez prisioneiro um de seus chefetes, um tal Charlac.

Foi pois um soberano desafortunado, mas não inepto: causa ou consequência de seu fim, foram sobretudo as rixas de família.

Talvez tenha até sido assassinado, depois do que uma meia dúzia de pretendentes disputaram o trono por ao menos três anos. O elenco sumério dos reis enumera os efêmeros reinos de seis soberanos sucessivos e, por escrúpulo, na incerteza, anota: "Quem era rei? Quem não era rei?" Aponta-se um certo Dudu e um certo Chudurul, que teria reinado por 36 anos. Aproveitando-se da fraqueza do poder central, numa certa época a cidade de Uruk se arvorou em paladina de uma "restauração" suméria, coisa que, ao que parece, não conquistou as simpatias das litigiosas cidades vizinhas, nem das acádicas. Foi a centelha para uma guerra civil que convulsionou todo o império.

Apresentando-se finalmente o momento oportuno, os ferozes e rudes montanheses do Zagros caíram em massa sobre a planície, arrasaram a rica cidade de Acad e puseram fim para sempre ao seu império.

A arte do período acádico

Os acádicos intuíram que, para manter o predomínio sobre os doutos sumérios, era preciso ter algo além da força, isto é, uma expressão cultural. Eles encontraram esta expressão sobretudo na arte figurativa, ou, pelo menos, na escultura, a única que conhecemos bem, mesmo que só pela transmissão de escassíssimas e fragmentárias obras.

O exemplo mais importante é sem dúvida a já citada "Estela de Naram-Sin". Do ponto de vista histórico, é a mais eloquente das inscrições: e o mais importante, é o rei que vence o inimigo, e não o deus. Além disso, o exército foi totalmente mudado; desapareceram os pesados e incômodos armamentos dos sumérios. As armas são agora as da caça, ataques de improviso, escaramuças no deserto, e isto não por causa das necessidades contingentes de uma guerra de montanha, mas porque a formação quadrada protegida por escudos foi superada, e não aparecem em nenhum relevo acádico.

O mérito de Sargão foi transformar bandos de guerrilheiros num eficiente e disciplinado exército.

Mas bem mais valor tem esta estela do ponto de vista artístico: desaparecem as típicas figuras toscas, a anatomia é correta, os olhos estão de perfil, a composição é harmônica e sintética. Imaginemos como teria sido imaginada por um escultor tradicional segundo os cânones da época: uma longa fila de soldados postos um detrás do outro em três ou quatro fileiras, com alguma indicação simbólica da paisagem.

Aqui, ao contrário, é a paisagem que condiciona a figura humana, não vice-versa, e toda a cena é representada com surpreendente capacidade de síntese. Se déssemos a uma criança um tema, assim como: "Ob-

serva bem por um minuto esta escultura e diz em poucas palavras o que representa”, a resposta seria imediata: “Um grande guerreiro, atravessando uma floresta, foi ao topo das montanhas com seu exército para atacar aquele inimigo; dos dois sobreviventes, um implora piedade e o outro é morto”.

O exército do vencedor é composto de sete homens ao todo, o do vencido, de seis; a “floresta” são três árvores, e as montanhas são representadas por um só pico. Não há mais nada; é abolida a divisão da figura em várias alturas, e quase todo particular supérfluo. A única tradição que este anônimo e grande artista respeita está na representação de proporções maiores para o rei, que aqui é o fulcro da composição.

Trata-se de uma das mais surpreendentes obras de toda a antigüidade; novidade absoluta, capaz de imprimir uma reviravolta semelhante à proporcionada à arte por um Caravaggio ou por um Borromini. Ficou, ao invés, um “caso” totalmente isolado. Uma obra de arte perfeita, mas tão revolucionária que ninguém se arriscou a seguir sua lição, nem aqui nem alhures. Para admirarmos alguém mais que faça algo tão ousado e de tão completa liberdade de concepção, precisaremos esperar pelo menos dois mil anos; o encontraremos na arte alexandrina e romana, se não mesmo nos relevos de Ghiberti ou Donatello.

As outras obras seguramente datáveis deste período são tão poucas que poderíamos dar a relação de todas, e denotam como tenha sido difícil abandonar as milenares e rígidas tradições sumérias. No Museu do Louvre podemos admirar fragmentos de uma “Estela de Sargão” que é decalcada na de Eannatum: filas de soldados, inimigos numa grande rede e até mesmo os abutres. No Museu de Istambul, um pedaço de estela representa Naram-Sin segundo os cânones usuais. Duas esculturas de Manichtusu (Louvre) denotam claramente novas direções, mas são fragmentos demasiado danificados. Da esplêndida cabeça de Sargão — que poderia também representar a de Naram-Sin — já se falou. O resto é totalmente fragmentário, e devemos nos voltar para os selos, que, em compensação, são muito numerosos; alguns são verdadeiras obras-primas em pedra. Citaremos, dentre todos, aquele que mostra a ascensão de Etana ao céu, com homens e animais que observam estarecidos o prodígio, numa cena não totalmente desprovida de *humour* (vide as fotos, fora do texto).

Pode-se pois afirmar que a maior contribuição que estes escultores acádicos deram à arte mesopotâmica foi a busca daquela elegância estilística que costumeiramente faltou aos sumérios.

CAPÍTULO 5

OS GÚTIOS E A III DINASTIA DE UR

As hordas de invasores se chamavam “Gútios” (do latim *Gutium*). Ferocíssimos, se definiam como “Dragões da Montanha”. Espalharam-se a seu bel-prazer numa terra tornada inerte pela discórdia, saqueando e incendiando. Os únicos documentos deste desastre são algumas amargas *Lamentações* da mais tardia literatura suméria, e dentre estas a mais poética e famosa é o *Lamento pela Destruição de Ur*, na qual a deusa Ningal, esposa de Nannar, chora amargamente as desventuras de Chúmer:

“Os deuses abandonaram os seus santuários, o vento ulula entre os restos incinerados do templo de Ur, no qual apodrecem os cadáveres. Ningal contempla, espavorida, a sua cidade perdida, e desejaria morrer com ela; mas os sobreviventes erguem os braços para a deusa e lhe imploram que volte como um boi em seu estábulo, como uma ovelha no cercado, como uma criança em seu quarto”.

Terminado o minucioso saque, parece que os “Dragões da Montanha” voltaram aos seus lugares de origem, onde formaram uma espécie de império que durou mais de um século e que pode ter tido seu centro em Arrapkha, a hodierna Kerkuk. As “listas régias” enumeram 21 soberanos, dos quais um reinou 15 anos, e todos os outros não mais de sete cada um. O que significa que não existia uma dinastia hereditária, mas as várias tribos elegiam um chefe que, como os atuais presidentes da república, tinham um mandato limitado, neste caso a sete anos.

Nas cidades acádicas encontramos príncipes gútios com certos nomes estranhos assim como Ighechauch, ou Niquilagab, cuja língua original é hoje totalmente ignorada. Nas cidades sumérias, por outro lado, perderam as velhas dinastias e parece que, depois das espoliações, os gútios se contentaram com um controle simbólico e com os tributos, intervindo energicamente se alguém tentasse deixar de pagar os impostos.

Nem mesmo deve-se excluir que algumas cidades sumérias fossem tratadas com benevolência em consideração à sua aliança, ou por não terem interferido para evitar a rápida queda dos acádicos.

Deve-se lembrar também que Uruk, que não renunciara às ambições de fazer-se paladina da restauração suméria, conseguiu construir para si um pequeno império particular que prosperou por uns trinta anos, e perto de 2130 a.C. um outro Ensi de Uruk, Utukhegal, numa heróica

batalha campal conseguiu derrotar os gútios e expulsá-los de seu país. Mas o triunfo foi brevíssimo: o Ensi de Ur, Ur-Nammu, que bem conhecia as ambições do colega, antes que este pudesse agir, o destronou e se proclamou “Rei de Chúmer e Acad”, fundando a III dinastia de Ur. Depois, com golpes bem assestados, conclui a obra tão bem iniciada por Utukhegal aniquilando uma a uma todas as posições do inimigo.

Dedicou-se assim com fervor ao seu novo reino; preocupava-se em restaurar templos danificados ou destruídos. Fez escavar um grande canal de Ur a Eridu, e na sua cidade erigiu aquele grande zigurate que, construído solidamente, é o único exemplar que chegou até nós em aceitável estado de conservação (fig. 28). Foi também um atento legislador, estabelecendo, entre outras coisas, normas precisas para o ressarcimento dos danos causados ao próximo: “Quem rompe com uma arma um osso a um outro homem, pagará uma mina de prata”. Assumiu o título de “Grande Irmão de Guilgamech” e com isto, depois de sua morte, recebeu honras divinas.

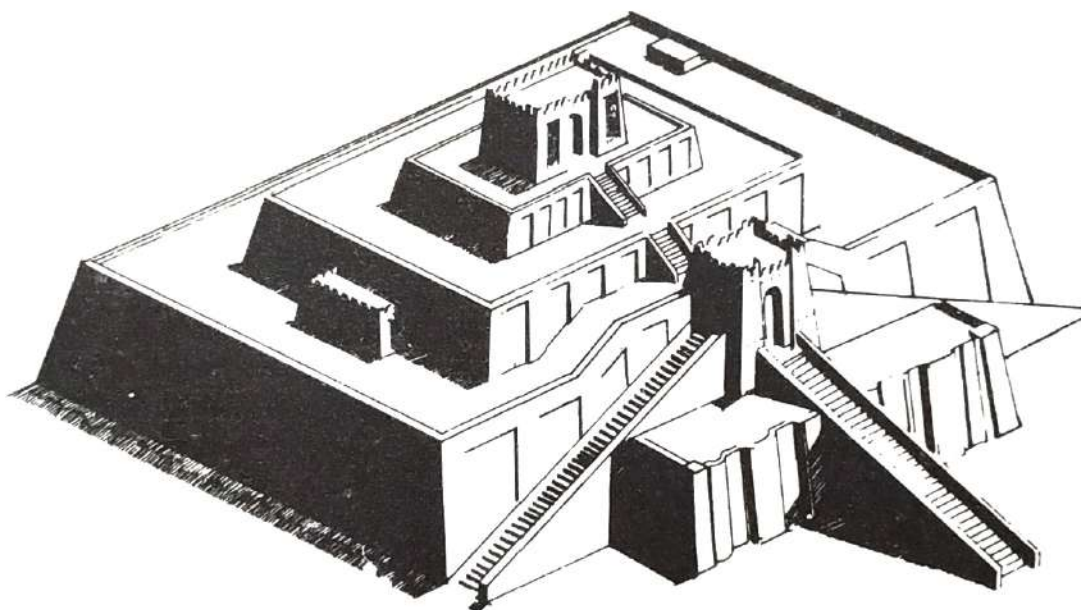


Fig. 28 — Reconstituição do zigurate de Ur-Nammu em Ur.

Gudea

O verdadeiro protagonista desta “Renascença” suméria foi um personagem extraordinário: o Ensi de Lagach, Gudea (O Profeta).

Como se recordará, a cidade de Lagach fora destruída três séculos antes, por Lugalzaghesi. A sua ressurreição por certo não foi rápida, dado que por 200 anos perderam-se seus traços, mas tampouco demasiado lenta, se já na época de Charcalicharri seu pacífico príncipe, Ur-Bau (fig. 29), tinha construído um novo grande templo em Ninghiṛsu. Depois de um novo período de silêncio, eis que desponta Gudea.



Fig. 29 — Impressão de selo cilíndrico de Ur-Bau, de xiste verde (5,4 cm de altura e 3,2 cm de diâmetro). Período de Ur III, cerca de 2255-2040 a.C. (Londres, Museu Britânico).

Não se sabe de onde ele tenha aparecido: a sua gênese, narrada por ele mesmo, é muito semelhante à de Sargão:

“Eu não tive mãe; não conheci meu pai. Meu pai e minha mãe são o Apsu”. Depois, aponta um certo Dunghidda: “o homem que voltou para mim o seu olhar e assim me prolongou a vida”.

Pode-se especular que fosse um rico banqueiro que, tomando nas mãos as finanças da cidade, tenha depois ascendido ao trono vacante, desposando uma princesa da velha dinastia de Ur-Bau (cujo nome era Ghin-dun-gadda-uddu). Homem de excelentes qualidades diplomáticas, não contestou a supremacia de Ur-Nammu, não se arvorou em rival de ninguém, não assumiu tons de restaurador ou vingador, nem títulos altissonantes. Simplesmente dedicou-se aos seus negócios, evitando cuidadosamente pisar nos calos de quem quer que fosse, respeitando todas as regras do jogo. Restabeleceu contratos comerciais, comerciou com todos, da Índia ao Amurru, “e com outras terras, como quer que se chamem”. Permitiu-se ainda uma conquista pessoal: “Com as armas, ele submeteu a cidade de Anchan”; isto é, o Elam foi incorporado ao seu já volumoso patrimônio. Foi a única empresa bélica de seu governo de quarenta anos.

Lagach se torna, de longe, a mais rica cidade da Mesopotâmia. Seus navios, carregados de toda espécie de mercadorias, desfilam sob os olhos das outras cidades sumérias, que, evidentemente, nada têm a objetar.

Gudea goza de uma tal liberdade de ação que acaba sendo difícil recordar de quem fosse vassalo, tanto mais que ele mesmo, com aristocrá-

tico desprezo, nunca acena para a cidade sob cujo controle deveria estar sujeito.

Criada assim uma formidável potência financeira, Gudea é profuso em esplêndidas obras de paz, em favor de suas "216 000 cabeças negras" (homens). Para suas construções, faz chegar grandes cargas de madeira do Líbano, metais do Elam, pedras preciosas de Melukhkha¹, e de Magan grandes blocos de diorita, nos quais faz esculpir relevos e muitíssimas estátuas de si mesmo, em pose compungida, que manda colocar nos templos por ele erigidos. Restam destas uma vintena, das quais metade no Museu do Louvre, e as outras, nos museus de Londres, Bruxelas, Copenhague, Istambul, Bagdá, Nova Iorque, Boston, Filadélfia, e em coleções particulares. São as mais perfeitas e acuradas obras da arte suméria, na qual se insinua amiúde a lição de elegância aprendida com os acádicos.

Inteligente, pio e muito culto, Gudea ocupou-se de tudo: arte, religião, literatura, desempenhando em Lagach um papel não muito diferente que Lourenço, o Magnífico, teve em Florença. Há um belo hino, escrito por ele mesmo, para celebrar a inauguração do novo templo em louvor de Ninghirsu e rico, entre outras coisas, de notícias sobre alguns costumes. Nos dias de grandes festejos, por exemplo, ninguém devia perturbar a alegria dos cidadãos, os tribunais ficavam fechados, os funerais eram adiados, os litigantes faziam as pazes. Mas muito interessante é também a concepção que Gudea tem da figura do príncipe, o qual — como se lê no hino — deve ser forte o bastante para defender a sua cidade, mas não um grande conquistador, para não trazer lutos nas famílias de seus próprios súditos. Seu empenho é ser o bom pastor, que cuida do bem-estar de seu rebanho.

A este ideal — ao menos depois do feito do Elam — o simpático Gudea se adequou tanto que as suas "ovelhas", reconhecidas, depois de morto, o divinizaram, e o seu culto durou vários séculos.

O sucessor de Gudea foi o filho, Ur-Ninghirsu, do qual nada sabemos, salvo que teve um sucessor, talvez não imediato, de nome Luçamani e que um e outro continuaram a pagar pontualmente o tributo de vassalagem, como atestam os recibos que apresentam o selo dos funcionários do Rei de Ur.

A III dinastia de Ur

Ur-Nammu, entretanto, tinha recriado o antigo poderio de Ur. A sua reação contra o valoroso Utukhegal, mais que por rivalidades isoladas, foi ditada por projetos muito mais a longo prazo. Utukhegal visava apenas reconstruir a supremacia dos sumérios, baseado em princípios da

¹ A inscrição diz também: "troncos de Ebla". É a cidade descoberta em 1964 por uma missão arqueológica italiana, cujas escavações ainda estão em andamento e que já tomou evidência na imprensa.

mais alta nobreza, mas agora anacrônicos e desprovidos de senso político. De fato, sumérios e acádicos deveriam contribuir juntos para o grande renascimento; só assim o país teria encontrado paz, ordem e prosperidade. E foi isto o que teve em mente, e com sucesso, a III dinastia de Ur (fig. 30).

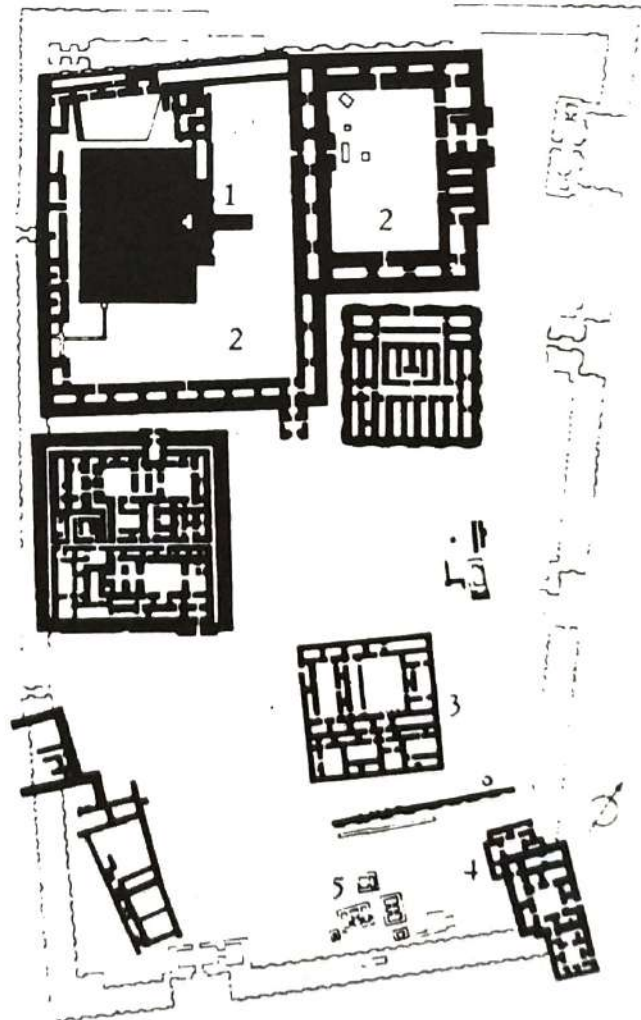
Ur-Nammu, imposta uma política fiscal moderada, torna seguras as vias de comunicação e encoraja cada um a agir como melhor aprouvesse (o que explica a autonomia de que gozava Gudea). Não deixou, naturalmente, de edificar novos templos por toda parte. Temos a sua dedicatória de fundação do templo de Uruk:

“A Nannar, o mais dileto filho de Enlil, o seu rei, Ur-Nammu, o forte herói, o Senhor de Uruk, o Rei de Ur, o Rei de Chúmer e Acad, edificou a amada casa, Ele a reconstruiu”.

Legislador voluntarioso, das poucas de suas leis que se conseguiu decifrar, pode-se também argumentar que tivesse a intenção de reuni-las num único código, válido para todo o seu reino.

Chulgui, seu filho, continuou com energia a obra paterna e a organi-

Fig. 30 — Planta da zona monumental de Ur no tempo da III dinastia: 1 — Zíгурate; 2 — Pátios; 3 — Palácio de Ur-Nammu e Chulgui; 4 — Hipogeu de Chulgui e Amar-Sin; 5 — Tumbas reais (mais antigas).



zação de um império que ia do Elam ao Amurru, e à Capadócia, onde em Canech (Kültepe) existia uma colônia comercial que agia em nome de Ur. Depõe os príncipes renitentes e os substitui com governadores. Empenhou-se numa série de campanhas no Zagros, contra os montanheses, e alhures, para ampliar os limites de seus domínios. Destarte, pôde arrogar para si o título de "Rei das Quatro Partes do Mundo", além do de "Deus de Todos os Países".

Durante suas "horas de lazer", ocupava-se de uma espécie de fazenda-modelo perto de Nippur, compreendendo um vasto rebanho que fornecia carne e leite para o rei e sua corte, uma reserva de caça e um jardim zoológico. Sobreviveram até nossos dias documentos do administrador, através do qual ficamos sabendo que Chulgui criava cabras, ovelhas, asnos, porcos, gansos e cervos, cujo leite era oferecido como alimento, por excelência, aos deuses. Na reserva, também havia antílopes, gazelas, javalis, cabras selvagens, ursos, macacos, avestruzes e outros animais que não podemos identificar com precisão.

A supremacia de Ur continuou intacta com os sucessivos Amar-Sin (em acádico, Bur-Sin) que destruiu Arbela, e com Chu-Sin, nome de derivação semítica, que anexa as terras do Curdistão, mas que sobretudo teve de sustentar duras refregas contra os nômades cananeus e amorritas do deserto ocidental, "os quais comem carne crua e nunca habitaram numa casa". Precaveu-se contra suas invasões erigindo um poderoso sistema de fortalezas sobre o médio Eufrates, a chamada "Muralha de Amurru".

Ibbi-Sin

Dedicamos o presente capítulo a este infeliz soberano, não só por ser o último rei da III dinastia de Ur, mas também por ser o último rei sumério. A ameaça dos semitas ocidentais tornara-se maciça e insuportável. Ibbi-Sin foi obrigado a dispendar todos os anos de seu reinado na desesperada tentativa de salvar o país e o trono de seus contínuos ataques, e conservar, internamente, as milenares tradições e a língua, que agora não era mais falada por ninguém, exceto pelos velhos e sacerdotes.

Consciente do perigo, Ibbi-Sin construiu em torno de cada cidade poderosos bastiões e, para garantir a retaguarda, oferece ao Elam um tratado de não-agressão. Bate-se com coragem; exorta as suas cidades a unir-se, não render-se, e fazer frente comum contra o novo inimigo e, de início, obtém notáveis sucessos: "O esplendor de Enlil venceu as nações". Mas são sucessos efêmeros; os beduínos, pouco simpáticos aos elamitas e aos consangüíneos, mas civilizadosíssimos acádicos, gozam, porém, do apoio de todos os xeques do deserto. Começam as defecções: o chefe Ichbi-Erta, proveniente de Mari, por ocasião de uma grave carestia em Ur, chantageia Ibbi-Sin e obtém, em troca de víveres, o governo

Nippur e Isin; um certo Naplanum funda, por conta própria, uma dinastia em Larsa, mas é derrotado por Ichbi-Erra, que entretanto havia se proclamado rei de Isin. Uma depois da outra, as cidades caem nas mãos dos novos conquistadores, até que Ibbi-Sin, a quem nada mais restava senão a sua Ur, é assaltado pelos elamitas e feito prisioneiro, depois de uma heróica resistência. Ur é entregue às chamas.

“O vento maligno soprou como uma tempestade, derrubando a antiga e justa ordem. A época dos reis bons acabou, as cidades ostentam suas ruínas; os armazéns estão vazios, os ovis também vazios; a mãe não vela mais por seus filhos, o amoroso marido não procura mais a mulher, a amada não encontra mais alegria entre os braços de seu homem. Ai de mim! O rei abandonou o palácio, Ibbi-Sin foi para a terra dos elamitas, o trono do rei está em terra estrangeira. Onde encontraremos justiça? Ó Chúmer, terra do terror, onde os homens vagam, amedrontados! O rei se foi como um passarinho de quem se destruiu o ninho, e seus filhos estão em lágrimas!”

Assim, com um canto de desolada beleza, choramos o fim de Ur e dos sumérios.

A civilização suméria

Os sumérios eram muito mais rixentos que guerreiros. Prefeririam mais que tudo ficar em paz, a cultivar os campos, a desenvolver o próprio comércio, erigir templos, e brigar entre si. Forçados pelo destino a encontrar-se naufragados sobre uma ilha totalmente aberta a quem quisesse desembarcar, sempre precisaram defender-se estreneamente contra os aguerridos vizinhos. Não se renderam facilmente, não se subtraíram às batalhas, nem tampouco os combateram de boa vontade; muito menos falam delas com facilidade. Seu triunfalismo era reservado aos grandes edifícios religiosos e às imensas obras agrícolas, mas não por certo às guerras, de que dão notícia geralmente por um dever de crônica.

Talvez por sempre terem sido mantidos sob pressão, exprimiram uma civilização extraordinária, que se propagou por toda a Ásia Anterior, e que continuou, mesmo quando politicamente deixaram de existir.

A comparação com a outra grande civilização, a do Nilo, é obrigatória. Podemos observar que a cultura egípcia foi transmitida ao nosso mundo diretamente, ao passo que a suméria, talvez por ter-se encerrado dois mil anos antes, chegou-nos por intermédio dos babilônios, e sobretudo, dos hebreus.

Mas não é esta a diferença essencial: a civilização egípcia, pragmática e substancialmente leiga, é como a grega, uma civilização ocidental. A suméria, mais arcaica, fechada e rigidamente confessional, exauriu-se no mundo do Oriente Próximo, onde foi adotada principalmente pelos semitas.

O cristianismo, fazendo-nos conhecer a Bíblia, propôs essa civilização a todos nós, mas só parcialmente: a grandeza de Cristo está em tê-la

tornado imensamente mais aberta e universal; se, de fato, o Evangelho é uma mensagem clara e compreensível a todos, a Bíblia representa a epopéia de uma civilização da qual percebemos a grandeza, mas da qual não estamos em condição de compreender, ou aceitar, todos os seus significados.

As ciências

Na matemática, a adição e a subtração eram executadas como entre nós. Para a multiplicação, pelo que sabemos, 5×12 queria simplesmente dizer “somar cinco dozes”. Se necessário, dispunha-se de perfeitos *Prontuários de Contas Feitas*, verdadeiras antecipações da Tábua Pitagórica, que indicavam também as raízes quadradas e cúbicas. As frações, só com numerador 1. O “pi” era tomado igual a 3, muito menos exato que o 3,16 dos egípcios.

Os sumérios usavam o sistema decimal, mas inventaram também o sexagesimal. Daí é que herdamos o dia de 24 horas, a hora de 60 minutos, o ângulo de 360 graus.

A matemática tinha um caráter sacro. Executar uma operação era um tanto como recitar uma oração, e os números exprimiam significados simbólicos, quase mágicos. O “3”, como entre todos os povos, era o número perfeito; o “4”, a completeza (as Quatro Partes do Mundo, as Quatro Regiões do Céu, e assim por diante); o “7” era o mais emblemático: “sete” costumava querer dizer “tudo”; “sete vezes sete”, “sempre”. Reencontramos esta expressão no Evangelho: “Sete vezes sete — disse Jesus — devemos perdoar aos nossos inimigos”, e reforçando a dose, “setenta vezes sete”. Os espíritos malignos apareciam aos sete de cada vez; sete são as “portas duplas do Inferno”, os planetas, as estrelas da Ursa.

Assim, constituiu-se uma espécie de cabala: o “9” (ou 3×3) é a perfeição. O “19”, a ira divina, e o “28” trazia a desgraça; em tais dias era melhor trancar-se dentro de casa sem fazer nada, nem mesmo curar os doentes.

Os deuses tinham um número só deles: o “60”, o mais alto no sistema sexagesimal, propriedade de Anu; o “50” de Enlil; seu templo em Nippur se chamava também o Enimmu, “Casa do Cinquenta”; o “40” era de Ea; o “30” de Sin; o “15” de Inanna, e assim por diante, até as cotações mais baixas.

Os seus conhecimentos de astronomia não eram vastos, e serviam na prática para prever o início do ano, as cheias e as secas. Constatado que as previsões se mostravam exatas, os astrônomos sumérios pensaram que pela observação do céu se poderiam deduzir também outras indicações úteis; assim nasceu uma forma de astrologia, que, porém, foi pouco desenvolvida. Foram os babilônios a desenvolvê-la, elaborando assim uma ciência complicada.



Paul Émile Botta.

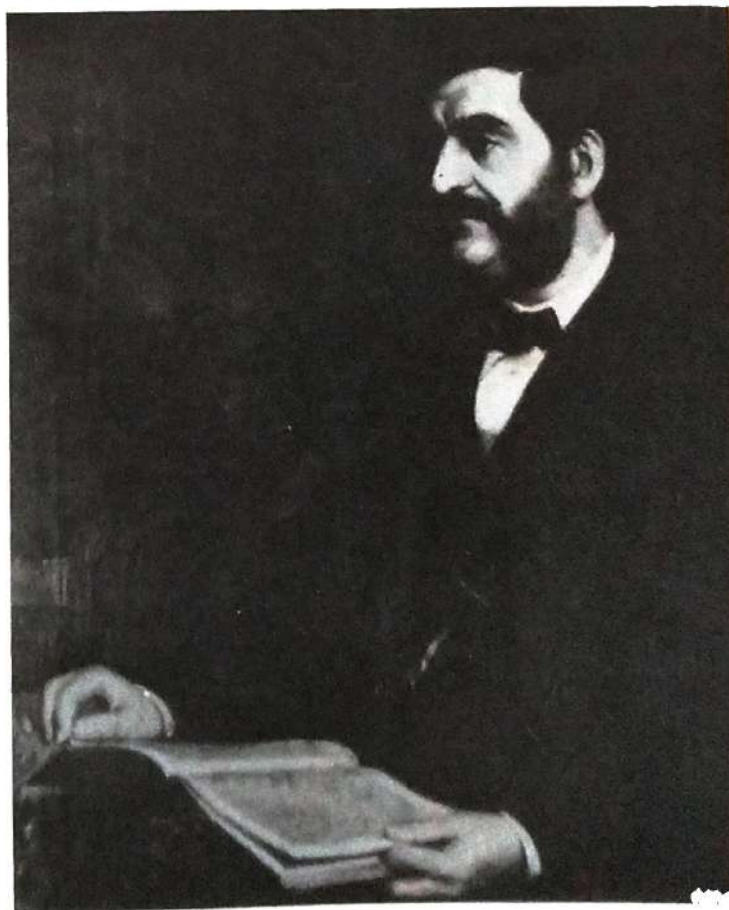


Henry Austen Layard.

George Smith.



Hormuzd Rassam (*Londres, Museu Britânico*).





Carsten Niebhur.



Georg Friedrich Grotefend (*Hannover, Museu Histórico de Hofen Ufer*).



Sir Henry Creswicke Rawlinson.



Tablete em caracteres cuneiformes, proveniente da Biblioteca de Nínive e pertencente à *Epopéia de Guillgamech*. Aqui se fala do "Dilúvio Universal" (Londres, Museu Britânico).

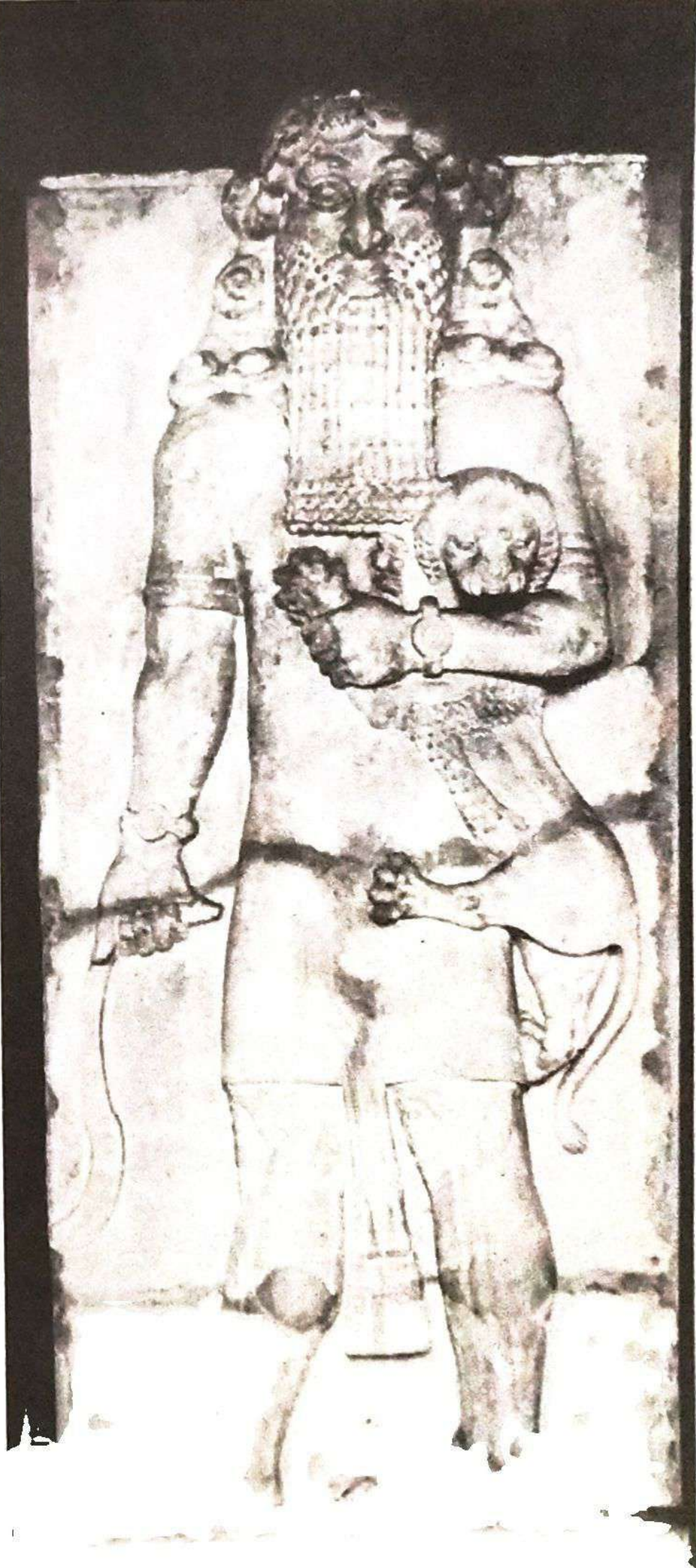


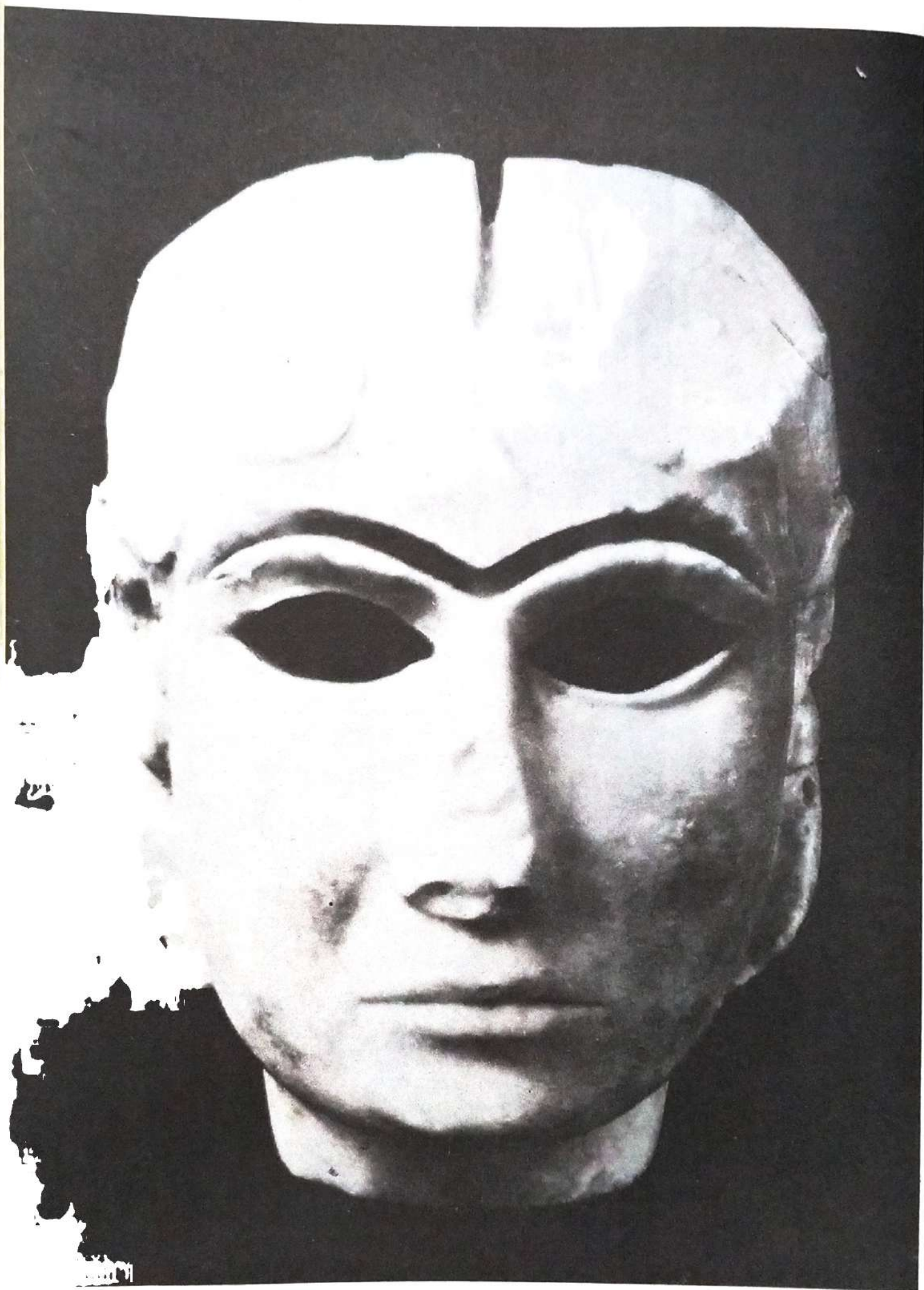
A deusa Ichtar de Arbela; selo cilíndrico em pedra dura, do período assírio (Londres, Museu Britânico).



Máscara em forma de labirinto do gigante Khumbaba. Terracota babilônica do início do II milênio a.C. (Londres, Museu Britânico).

O herói Guilgamech
no ato de domar um
leão, proveniente de
Khorsabad. Alabas-
tro gessoso (4,70 m
de altura); séc. VIII
a.C. (*Paris, Museu
do Louvre*).





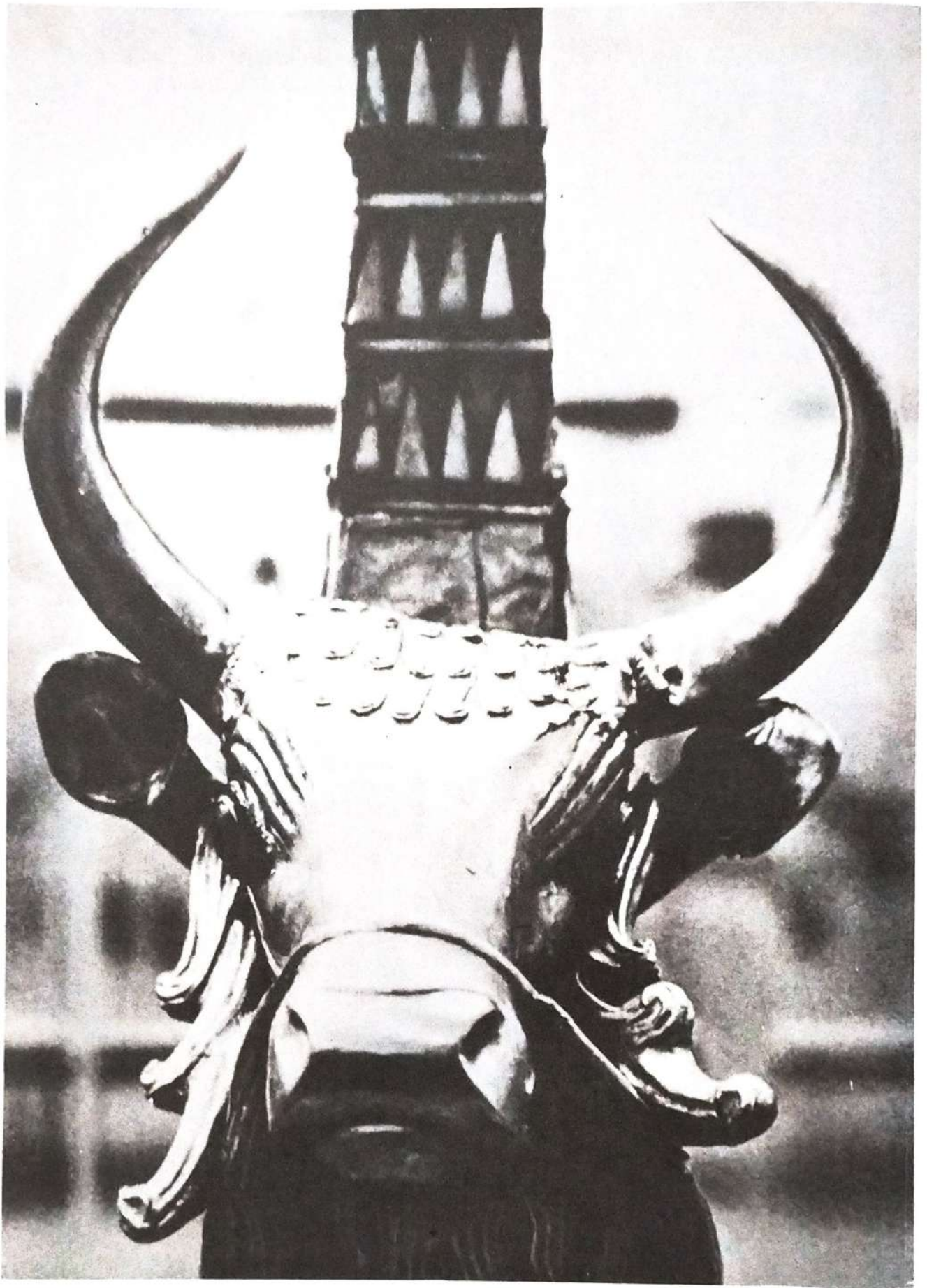
A chamada "Deusa de Uruk". Alabastro gessoso (22 cm de altura). Início do III milênio a.C. (*Bagdá, Museu do Iraque*).



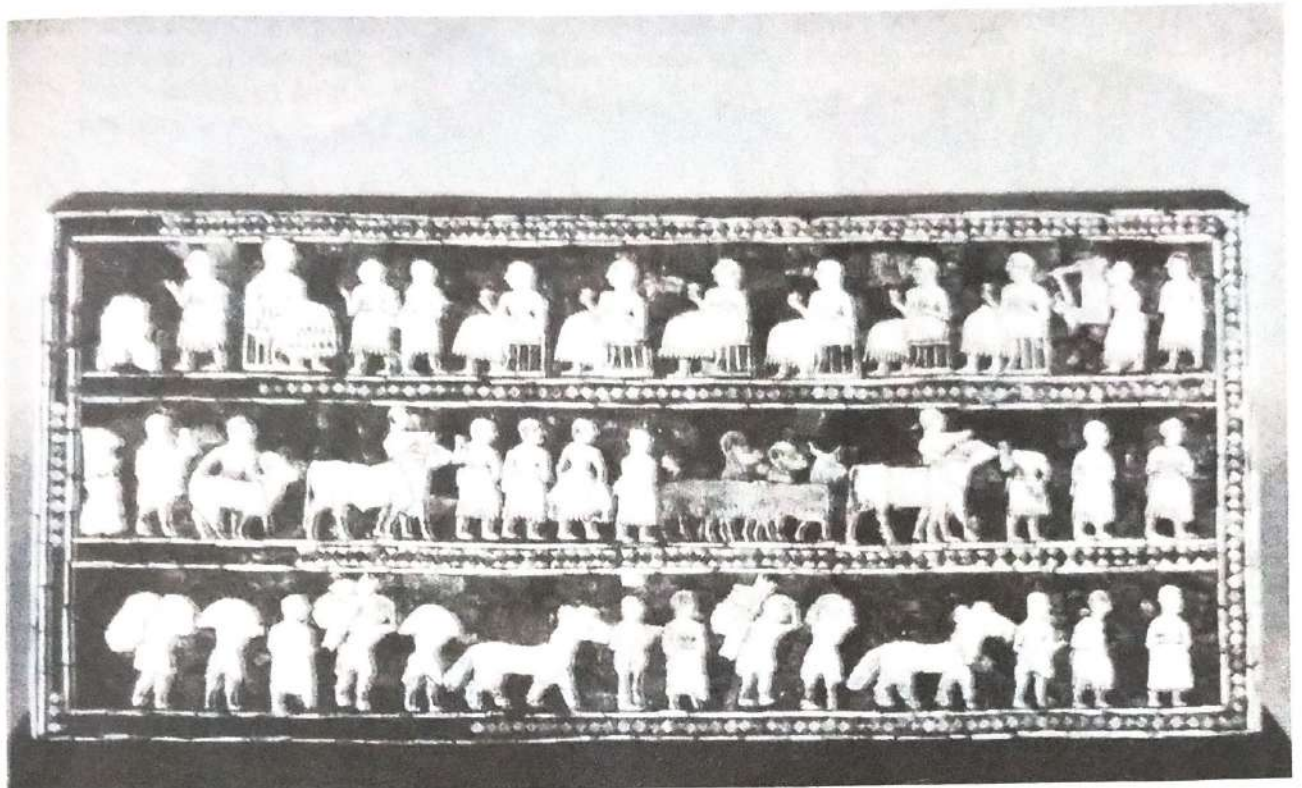
Vaso de alabastro decorado com cenas religiosas, proveniente de Uruk (91 cm de altura). IV ou III milênio a.C. (*Bagdá, Museu do Iraque*).

Elmo de ouro de Mescalamdug, proveniente de Ur (23 cm de altura, 26 cm de largura). Primeira metade do III milênio a.C. (*Bagdá, Museu do Iraque*).

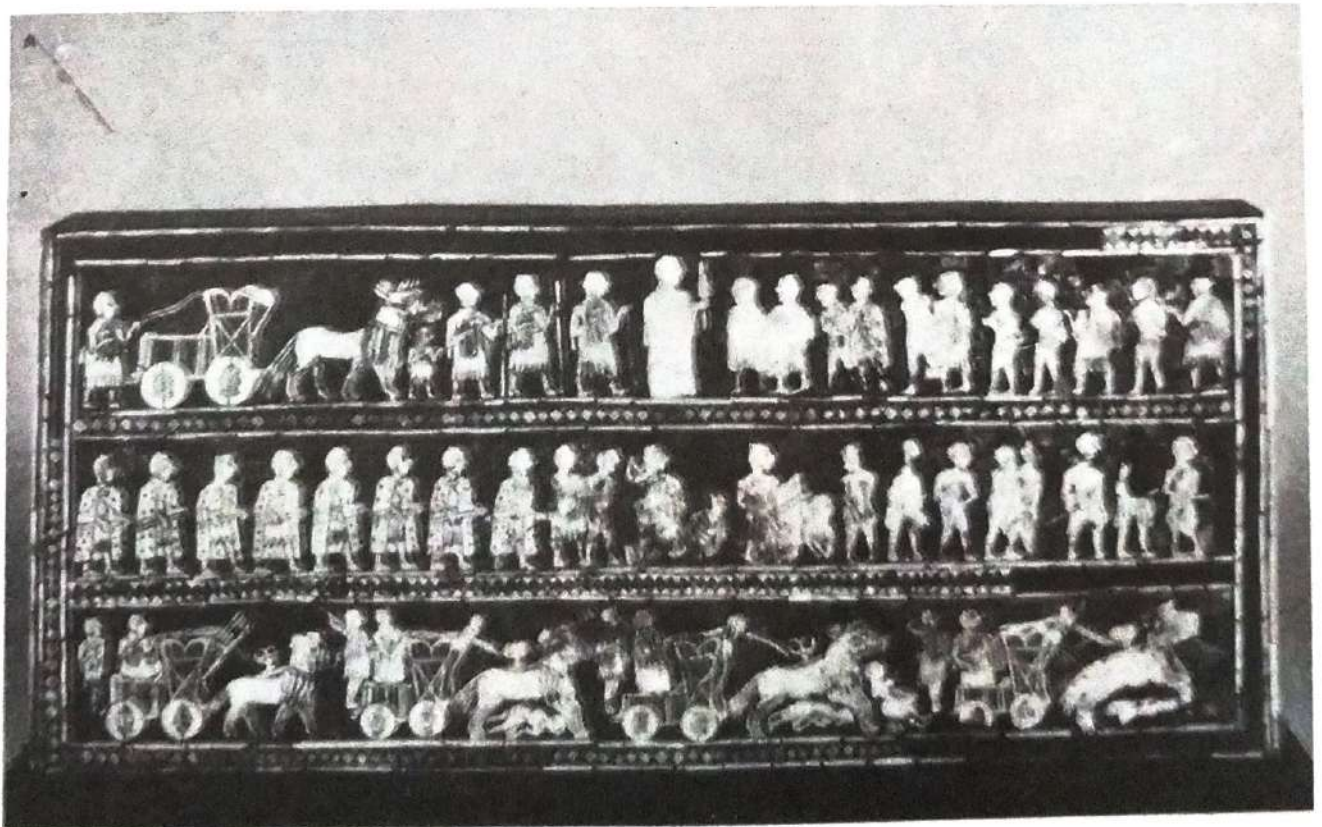




Cabeça taurina em ouro; ornamento da parte anterior de uma harpa proveniente da necrópole real de Ur (cerca de 30 cm de altura). Primeira metade do III milênio a.C. (*Bagdá, Museu do Iraque*).



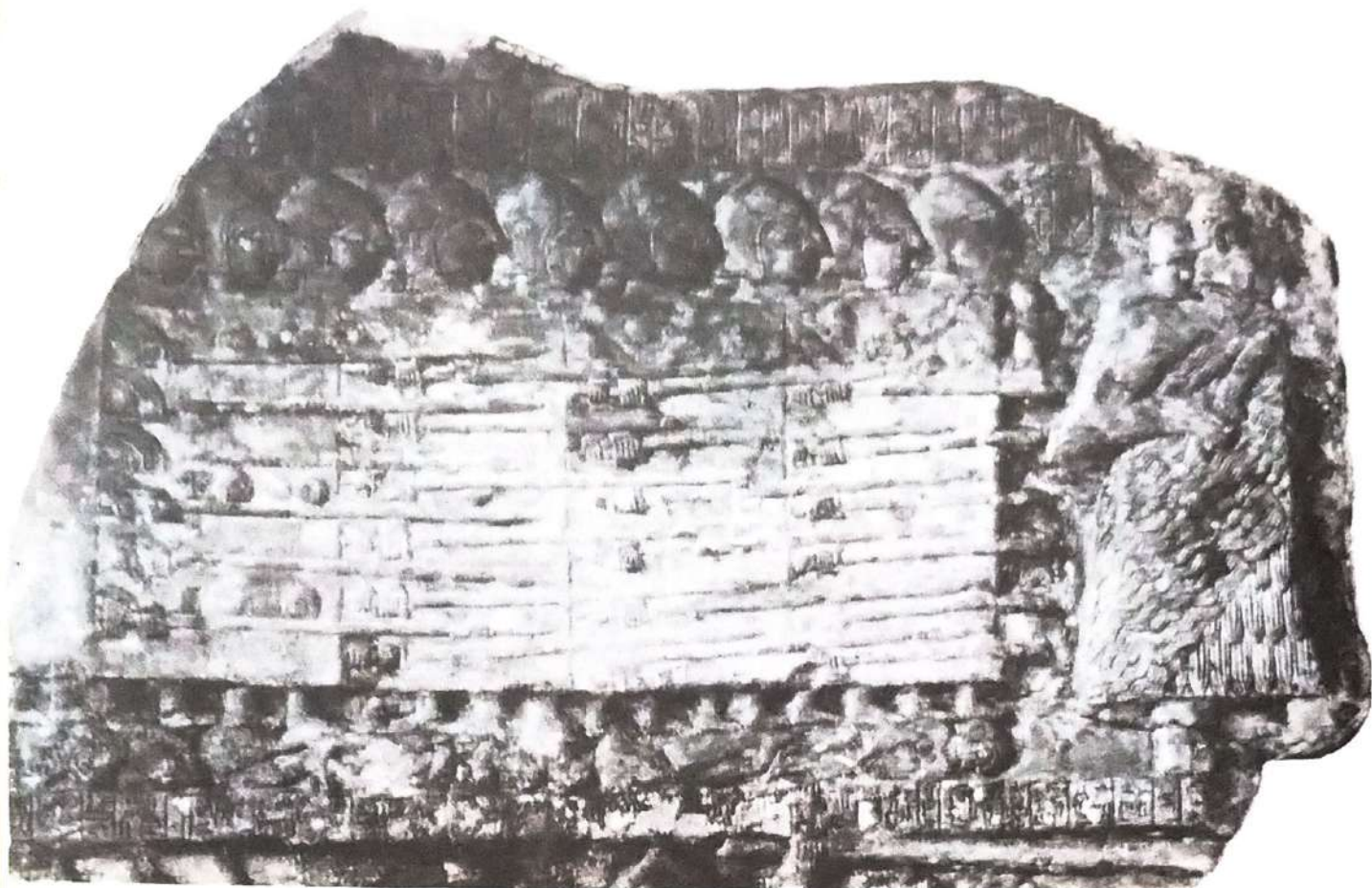
O chamado "Estandarte de Ur", representando *no alto* cenas de paz e *embaixo*, cenas de guerra. Conchas, lápis-lazúli e calcário vermelho (20 cm de altura e 47 cm de comprimento). Proveniente de Ur. Primeira metade do III milênio a.C. (Londres, Museu Britânico).



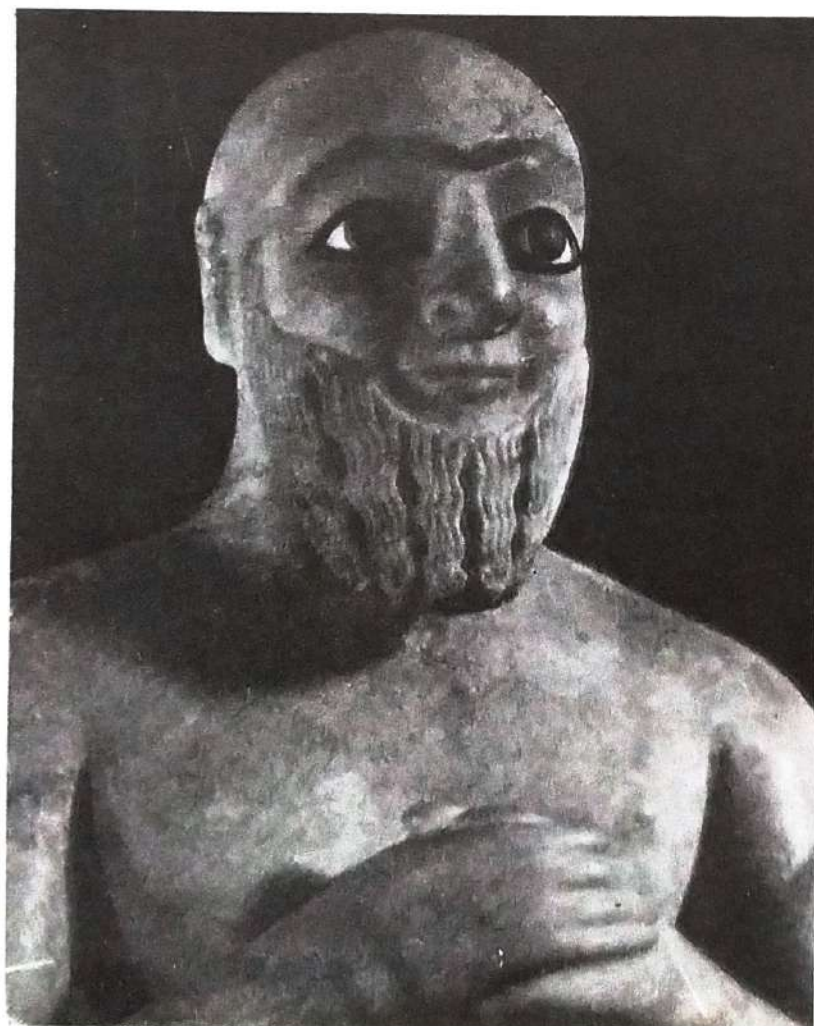


Fragmentos da “Estela dos Abutres”, de Eannatum (altura total do monumento: 1,88 cm). *À esquerda*, o deus Ninghirsu com os prisioneiros na rede. *Embaixo*, são bem visíveis os abutres. Calcário. Primeira metade do III milênio a.C. (Paris, Museu do Louvre).





Da "Estela dos Abutres"; o rei Eannatum à testa de suas tropas. Calcário. Primeira metade do III milênio a.C. (Paris, Museu do Louvre).



Estatueta de alabastro com conchas e lápis-lazúli marchetados em betume, representando Abihil, intendente do templo de Ichtar, em Mari. Altura de 52,5 cm, proveniente de Mari, datando do III milênio a.C. (Paris, Museu do Louvre).

Duas estatuetas votivas, provenientes de Khafaguiyah, região do Diala (*Bagdá, Museu do Iraque*).

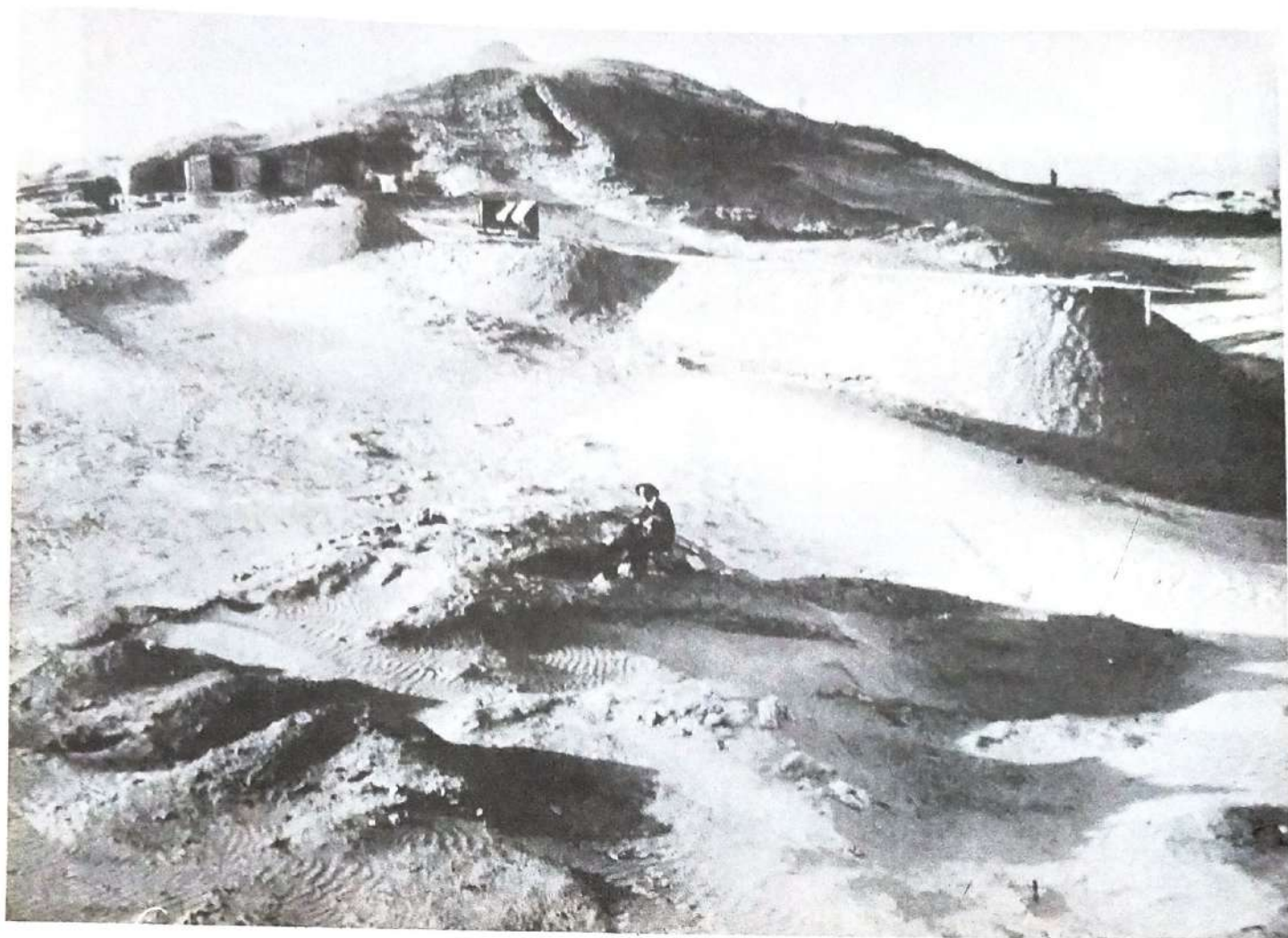




Baixo-relevo do rei Ur-Nanche, proveniente de Telloh. Calcário (40 cm de altura). Primeira metade do III milênio a.C. (Paris, Museu do Louvre, foto Giraudon).

(À direita). Vaso no estilo "Susa I" em terracota (cerca de 29 cm de altura). IV milênio a.C. (Paris, Museu do Louvre).





Vista geral das ruínas de templos pré-históricos e do último zigurate de Eridu (IV a II milênios a.C.).



Vasinho de terracota com decoração policroma (19 cm de altura). Provém de Susa e remonta ao II milênio a.C. (Paris, Museu do Louvre).

O calendário era baseado no curso da Lua; eram faustos os períodos em que a Lua brilhava no céu, e nefastos os outros. Os meses eram 12, compostos de seis grupos de cinco. O calendário era sagrado, cada mês e dia dedicado a uma divindade.

O ano tinha início no equinócio de primavera, os meses, a cada novo surgir da Lua. Os dias: 1, 7, 15, 21, 28 eram os nossos domingos, dias dedicados às festas dos deuses. Cada cidade dava aos meses um nome diferente, conforme os usos locais.

Acompanhando os movimentos da Lua, o ano só tinha 354 dias e por ordem do rei, quando se fazia necessário, intercalava-se um mês adicional para compensar as contas.

Na medicina, segundo a moral corrente, a doença era a punição por um pecado cometido. O paciente chamava o médico, o "Azu" ("Perito da Água"), ou "Iazu" ("Perito do Óleo") e o diagnóstico se baseava na confissão, que se tornava assim uma espécie de anamnese; se o doente não se recordava de nenhum pecado, era dever do médico interrogá-lo severamente; bastava procurar bem, e alguma coisa seria achada. Logo, depois de ter descoberto qual foi o deus ofendido, feitos os devidos encantamentos e depois de ter pedido clemência e perdão, decidia-se o prognóstico e a terapia, da qual, porém, nada sabemos de preciso. O único documento que chegou até nós é um prontuário de medicamentos ou panacéias obtidos com ingredientes vegetais ou minerais, na maioria misturados com cerveja; não é porém especificado que doença deveriam curar. Não deveriam ser prescritas a esmo, mas, por hora, faltam-nos dados úteis.

No prontuário não se dá a menor indicação de práticas mágicas, de que certamente se fazia uso, mas que evidentemente, ao contrário de tudo que se dirá mais tarde, não eram consideradas determinantes.

A religião

O primitivo Chamanismo evoluíra, mas o desejo dos teólogos de aperfeiçoar o culto só fez multiplicar o número dos deuses. Os sumérios dizem com orgulho que possuíam "sessenta vezes sessenta", isto é, 3 600, dos quais nós só conhecemos cerca de 2 000. Mas os grandes deuses cósmicos ou terrestres, que fruía de faustos cultos oficiais, não contavam muito nas práticas religiosas de uso corrente: tinham mais o que fazer, ao invés de ocupar-se das quinquilharias dos mortais.

Anu estava ocupadíssimo a regular o curso dos astros; Nannar a estabelecer a paz entre as divindades celestes, sempre em luta; Enlil se ocupava de coroar os reis, ou destroná-los. Bem mais úteis eram os deuses menores que cuidavam dos homens e, por vezes, de um só homem, e sabiam a que divindade maior dirigir as súplicas dos fiéis.

Os deuses sumérios, como se disse, representaram o fulcro de uma infinidade de mitos, que se propagaram para todos os povos da Ásia

Anterior, cada um dos quais reelaborando-os segundo seu próprio gosto. Alguns, mais ou menos abertamente, foram adotados pelos hebreus. Também eles celebravam os ritos de Tammuz; o bíblico Nimrod não é outro senão Ninurta. Do Dilúvio já se falou; parece também que Adão e Eva (fig. 31) são criaturas sumérias, aparecendo em ao menos um selo (Museu Britânico), que representa um homem e uma mulher sentados junto a uma árvore; atrás da mulher, aparece uma serpente.



Fig. 31 — Adão e Eva, presumivelmente criações sumérias, de um cilindro dito "da tentação". Metade do III milênio a.C. (Londres, Museu Britânico).

O direito

Dada a escassez de documentos, podemos formular apenas suposições. É certo que o direito sumério era completo e dividido em direito comercial, penal e administrativo. O único código que possuímos é o de Ur-Nammu, no qual, muito mais que às penas, a atenção está voltada para o ressarcimento dos danos. Por exemplo: "Se um homem cortou o nariz com uma arma a um outro homem, pagará dois terços de mina". "Se um homem feriu o pé com uma arma a um outro homem, pagará dez siclos de prata"².

Quem não quisesse pagar, ou não tinha condições de fazê-lo, ficava como escravo do queixoso até encerrar-se o débito.

A justiça era assunto sério e rápido, administrada em nome do Ensi ou do rei com todas as garantias legais. Temos o relato de um processo penal de Nippur em época pouco posterior a Ur-Nammu:

Eis os antecedentes: um servente do templo foi assassinado por três indivíduos.

² O siclo é uma medida de peso muito variável, segundo a época e lugar. No tempo de Ur-Nammu podia ser de 15 a 18 gramas. Pelo que, aos preços de hoje, 10 siclos de prata corresponderiam a cerca de 100 dólares. Para aqueles tempos, era uma polpuda soma.

A mulher da vítima, sabendo-o, não fez denúncia. O crime, porém, foi descoberto pela polícia, que prende os culpados, e também a mulher, sob a acusação de cumplicidade.

A inculpada chama nove testemunhas em seu favor, e a defesa expõe os seguintes argumentos: antes de mais nada, está comprovado que a mulher não participou de modo algum no delito. É verdade que o seu marido não era nada bom, que a hostilizava e deixava faltar o necessário, e isto poderia ser uma motivação; mas é também certo que, por causa disso, ela se encontrava agora em condições econômicas ainda piores. E, com isto, já teria sido punida o suficiente.

Pelo que parece, ela foi totalmente absolvida. Os três assassinos, porém, foram executados segundo o costume, e sepultados na frente da casa da vítima.

No direito de família, a autoridade marital era tida em altíssima consideração. Existia o divórcio e aceitava-se que a mulher tivesse um trabalho independente, mas isto não significa que a mulher gozasse de uma certa autonomia. Também a autoridade dos genitores era exercida plenamente sobre os filhos:

“Se um filho ofender sua mãe, sejam-lhe cortados os cabelos como a um escravo; seja exibido por toda a cidade, e depois seja expulso de casa”.

A mãe podia sempre opor-se ao casamento do filho, mesmo que maior de idade, e em certos casos até mesmo vendê-lo, se bem que temporariamente, como escravo.

A escravidão era praticada em todos os lugares. Os escravos eram prisioneiros de guerra, condenados, ou também, *pro tempore*, devedores insolventes ou filhos insubordinados. Seu tratamento dependia de seu patrão, mas gozavam de alguns direitos, como o de mudar de padrão, se o novo oferecesse um pagamento melhor que o antigo; possuir seu próprio patrimônio; comprar sua própria alforria, e também casar-se com uma mulher livre. Se tentassem fugir, seus pés eram atados a grilhões. Ur-Nammu, além dos ressarcimentos, pensou também em fixar a importância de prêmios:

“Se um homem capturar um escravo fugitivo e o devolver ao proprietário, este deverá pagar, a quem o restituir, dois siclos de prata”.

A escola

A escola, chamada “Casa das Tábuas”, era situada no Templo ou no Palácio. Os escolares, sentados sobre incômodos banquinhos de argila, sem encosto, aprendiam a escrever copiando diligentemente longas listas de nomes de deuses, profissões, objetos, e a fazer contas.

Os estudos eram sérios; não havia nenhuma “permissividade”. Temos uma pequena poesia, não sem humorismo — dote que se encontra raramente nos sumérios — que narra como um aluno tendo chegado à escola atrasado e ainda por cima com os deveres de casa cheios de erros. O

mestre pune-o com um par de cachações e lhe ordena refazer logo o dever, agora sem nenhum erro. Voltando para casa, o rapazinho se lamenta com o pai porque o mestre bateu nele. O pai então convida o mestre para jantar, agradece-lhe por tudo quanto fez, e lhe dá de presente uma veste, um anel e uma bolsa de dinheiro.

Os melhores dentre estes “Filhos da Casa das Tábuas” passavam às escolas superiores onde, além dos caracteres cuneiformes ditos “monumentais”, que serviam para os atos oficiais a serem expostos em público, aprendiam também um cursivo que servia para os atos administrativos destinados aos arquivos. Deviam ter uma habilidade extraordinária, e uma vista invejável. Imagine só que o relato do processo de Nippur, do qual falamos logo acima, está todo contido numa tabuinha de argila de 10 x 5 cm, pouco mais de um bilhete de trem. Os caracteres não têm mais de 3 milímetros de altura. Obviamente, quem conseguia atingir uma tal qualificação profissional, tinha a sua carreira assegurada.

Quem, por outro lado, quisesse dedicar-se a matérias mais sofisticadas, como a historiografia, cronologia ou filologia, arranjava pensão junto a algum erudito e, uma vez reconhecido como idôneo, era admitido nos escritórios do Templo ou do Palácio; com isso, além do respeito que lhe era dedicado, era muito bem pago.

CAPÍTULO 6

O PERÍODO DE ISIN-LARSA

Pelo canto que narra o fim de Ur (“Onde encontraremos a justiça?”) transparece o temor de ver todo o país caindo sob o domínio dos bárbaros. Mas estes nômades do ocidente, que os sumérios chamavam Martu, os acádicos Amurru, e que nós poderíamos chamar amorreus, ou cananeus orientais, não eram rústicos e grosseiros como os gútios. Ao contrário, já muito evoluídos e inteligentes, não só souberam apreciar e adotar a milenar civilização do país que haviam conquistado, mas arvoraram-se em entusiásticos guardiães e paladinos de todas as suas tradições, inclusive a de se colocarem logo a brigar entre si.

Com a queda de Ur, o país estava dividido entre os três xeques mais poderosos: em Larsa, Naplanum; em Isin, Ichbi-Er-ra; e em Echunna, Ilchu-ilia. Mas como este último não teve grande importância, este período é convencionalmente chamado Isin-Larsa.

Isin

O enérgico Ichbi-Er-ra, além da cidade de Isin, possuía Ur, Nippur, Quich e ao norte controlava perfeitamente Arrapkha e talvez até mesmo Mari. Proclamou-se “Rei de Ur, que não tem igual”, e também deus.

Mas já à sua morte os negócios começaram a complicar-se. Um aventureiro, um tal Anummutabil, autoproclamado “Senhor de Der”, conduz por conta própria frutuosa incursões no Elam e alhures, e o sucessor de Ichbi-Er-ra, Iddin-Dagan, precisou lutar bastante para libertar-se.

Sob Ichme-Dagan, Nippur é assaltada e destruída por uma incursão de nômades não bem identificados, e rapidamente reconstruída.

Desta dinastia, o rei mais conhecido é Lipit-Ich-tar, que teve fama plausivelmente plebiscitária de grande legislador. Com efeito, reduziu as corvéias, que teriam induzido os súditos de Guilgamech a protestar junto ao deus Anu, para 6 a 10 dias por mês. Seu sucessor, Ur-Ninurta, para não ficar atrás, a reduziu a 4 dias.

Larsa

Esta cidade, ao que parece, permaneceu quieta e tranqüila, ao menos até a aparição de uma notável personalidade de nome Gungunum, que

se faz chamar “Rei de Chúmer e Acad”, e começa a rivalizar com o seu contemporâneo Lipit-Ichtar de Isin, e com notável sucesso, dado que consegue subtrair-lhe a cidade de Ur e competir com sua fama de bom legislador: favorece a propriedade privada da terra, desapropriando as terras dos templos. Seu filho Abisarre declara abertamente guerra a Ur-Ninurta de Isin, convulsionando todo o país, até que Ur-Ninurta foi assassinado, não sabemos por quem.

Sumu-ilum consegue conquistar até Nippur, e com este grande trunfo nas mãos, proclama-se ele também deus. Seu sucessor, Nur-Adad inicia grandes obras em Eridu e lhe devolve o antigo esplendor; seu filho Sin-iddinam se comporta do mesmo modo em relação à cidade de Ur.

Em Isin, entretanto, um dos sucessores de Ur-Ninurta, Erra-imitti, é protagonista e vítima de uma curiosa lenda. Existia um uso — não sabemos o quanto difuso — que se os arúspices preconizassem grandes tribulações para o rei e seu Estado, para se esquivar aos infaustos presságios, punha-se sobre o trono, por um certo período, um rei fictício. Depois, este era morto, e a morte deste “testa-de-ferro” levaria embora todas as possíveis desgraças que caíam sobre a cabeça do rei. Mas desta vez aconteceu que o verdadeiro rei, Erra-imitti, “saboreando em seu palácio uma sopa muito quente, subitamente morreu” exatamente naquele período em que o rei falso estava sobre o trono, um afortunadíssimo jardineiro de nome Enlil-bani o qual, lenda à parte, era um usurpador.

A esta altura, porém, as contínuas escaramuças bélicas ampliam-se. Tirando proveito da confusão, todos os pequenos xeques se proclamam reis das cidades onde são simples governadores, e cada um deles escreve para os pósteros uma sua pequena história, falando apenas de si, como se o resto do mundo não existisse. Por causa disto, é também difícil estabelecer uma ordem cronológica exata. Um destes xeques não é totalmente desprovido de uma certa desfaçatez. Chama-se Achduniarim e, se quisermos dar fé a tudo que se conta, sua rocambolesca história se desenvolveu assim: autoproclama-se “Rei de Quich” e, a partir deste momento, toda a Ásia Anterior se volta contra ele para contestar-lhe o título. Combate estreitamente por uns oito anos contra as desproporcionais forças inimigas até se encontrar com um exército reduzido a 300 soldados. Conta-se que com estas miseráveis forças lança uma devastadora ofensiva e em quarenta horas consegue submeter triunfalmente “o país inimigo” que, porém, ninguém se arrisca a explicar qual seja.

Para contribuir para a confusão intervêm também os rios: Larsa, nos tempos de Nur-Adad, é destruída por uma poderosa cheia do Eufrates. Prodigam-se, para sua reconstrução, ainda mais suntuosa, Nur-Adad e seu sucessor Sin-iddinam. Este consegue cumprir a obra, mas não muito acuradamente, e, como parece, encontrou a morte por causa da queda de uma cornija de um templo, que desabou em cima dele.

Desta desgraça tirou proveito um outro que reinava no território de Iamutbal, entre o Tigre e o Elam, de nome Cudur-Mabuc, o qual conseguiu colocar no trono de Larsa seu próprio filho, Uarad-Sin, pondo fim à dinastia Gungunum. Uarad-Sin reinou uns dez anos (cerca de 1834 a 1823 a.C.) e à sua morte, foi substituído pelo irmão Rim-Sin, talvez o soberano mais notável deste período de Isin-Larsa. Com o seu longo reinado (1822 a 1763 a.C.) contribuiu para a potência de Larsa. Declarou guerra a quase todos, conquistou Uruk em 1749 a.C., e pôs fim à dinastia de Isin, destronando seu último rei Damic-ilichu. Larsa tornou-se o Estado mais poderoso da Mesopotâmia e Rim-Sin não só se fez chamar deus como cuidou pessoalmente, com precisas normas, do cerimonial de culto divino à sua própria pessoa.

Após a derrota de Isin, Echunna, dada a sua posição descentralizada, foi a única cidade em condição de resistir com sucesso à mira de Rim-Sin. Também o seu rei Ipic-Adad II tinha divinizado a si mesmo, e também seu filho Naram-Sin, que soube ampliar enormemente o próprio reino, anexando também Assur.

Daducha se fez conhecido por algumas interessantes leis por ele emanadas: a tentativa de furto, se perpetrada à noite, era punida com a morte; se ocorrida de dia, era punida com 10 siclos de prata. Com a morte, se punia também o estupro. Quanto à economia, sabemos que em Echunna — naquele tempo — o dinheiro emprestado era à taxa de 20 por cento; o grão, a 30 por cento. O último rei de Echunna foi Ibal-pi-El II.

Mari

Se Isin, Larsa e Echunna foram as protagonistas destes dois confusos séculos houve outras cidades que se deve levar em conta. Uma destas é Mari, já mencionada outras vezes, e que gozou sempre de uma certa autonomia e liberdade.

Cidade rica e de antigas origens, situada às margens do Eufrates, a meio caminho entre o Golfo Pérsico e o “Mar Superior”, constituía escala obrigatória para caravanas e naves nos dois sentidos do caminho, e era considerada também um notável centro cultural semítico. Aparece na história apenas por citações indiretas. Tomou parte em diversas coalizões e perto da metade do III milênio foi destruída, provavelmente por Lugalzagghesi, mas logo reergueu-se. Daqui vem Ichbi-Erra, “o homem de Mari”, para pôr fim ao império dos sumérios.

O desaparecimento de Ichbi-Erra é o último vago traço que fecha o antigo período de Mari. Depois, não se tem mais notícias por um século e meio; o que não significa que deixou de existir, mas só que continuou suas atividades sem preocupar-se com os negócios externos.

A Alta Mesopotâmia era também dividida num certo número de cidades-Estado, de governo freqüentemente instável; todavia, dado que

no triângulo Mari, Assur e Amuru o comércio se desenrolasse regularmente, é plausível que não existissem grandes questões de rivalidade. Até que, perto de 1830 a.C., o rei de Mari, Iagghid-Lim – que em Terca tinha seus problemas na pessoa do xeque Ilacabcabu – decidiu desfazer-se do rival, mas acabou morrendo.

Tal objetivo foi atingido alguns anos mais tarde pelo filho, Iakhdun-Lim, que exterminou ferozmente toda a família de Ilacabcabu. Da carnificina se salvou apenas um filho menor, Chamchi-Adad.

Cumprido o feito, Iakhdun-Lim revelou-se um soberano cheio de iniciativa: conquistou grande parte da Alta Mesopotâmia, e chegou até a ter um porto em algum ponto ainda indeterminado do Mediterrâneo; construiu uma poderosa fortaleza sobre o Khabur (Dur-Iakhdun-Lim), grandes barragens às margens do Eufrates, notáveis obras de canalização; refez também as muralhas da própria cidade e erigiu, para si, um grande palácio.

Cerca de 1803 a.C. foi misteriosamente assassinado com todos os seus filhos. Também desta hecatombe se salvou um rapazinho de nome Zimri-Lim, que foi transportado em segurança para Alepo.

CAPÍTULO 7

A ASSÍRIA

Entrementes, começa a assumir uma boa ordem política, também um outro território, a Assíria, que então se chamava Subartu. A vasta região compreendia o vale do alto Tigre e as bacias inferiores do Grande e do Pequeno Zab. A planície, que tem como centro a atual Mossul, não difere da paisagem costumeira, mesmo que em Mossul chova o dobro que em Bagdá. Mas, nos vales, o clima é bem diverso e os invernos são rigorosos; desaparecem as palmeiras, dando lugar a bosques de carvalhos e plátanos, e os riachos alimentam verdes pastos. Zona de fronteira, era também aberta a todas as incursões dos montanhese, de um lado, e dos beduínos, de outro, mas, aqui, a população, mais rude e combativa, logo aprendeu a fazer-se respeitar.

Os antiqüíssimos príncipes das poucas cidades ali existentes eram também Ensi, mas se chamavam, na língua local, Ichakku. Conhecemos os nomes de alguns destes, que viveram entre 2500 a 2000 a.C.: Ititi, Ellicapcapu, Ichpia, Quiquia e nomes que não são nem sumérios nem acádicos nem indo-europeus, mas talvez hurritas. Mas havia também semitas e colônias sumérias, como Nínive (chamada, de início, Ghan-na-qui). Mesmo a cidade principal, Assur, nos primeiros tempos se escrevia Auchar, que é uma palavra suméria (“Planície das Águas”).

Ichpa construiu em Assur um templo chamado “Casa da montanha dos Países” e Quiquia, pouco antes de 2000 a.C., fortificou a cidade de sólidas muralhas.

Durante a III dinastia de Ur, também Assur tinha enriquecido, reservando-se o monopólio de todo o comércio do norte, que, como vimos, se estendia até Canech, bem a uns 750 quilômetros de distância, onde se exportavam tecidos e se importavam animais e metais.

Com a queda de Ur, Assur não se alarmou, e simplesmente substituiu com seus próprios soldados os presídios armados sobre as vias de caravanas que se dirigiam ao seu país. Não tiveram outros problemas com os amorritas: dado o caráter espinhoso de seus habitantes, os xeques, depois de algumas escaramuças, entenderam que era melhor não insistir. Assim, o Subartu foi a única região da Mesopotâmia a não ser invadida e continuou tranqüilamente a desenvolver o seu próprio comércio.

O “Ichakku” Iluchuma, cerca de 1880 a.C., preferiu fazer-se chamar “Rei de Assur”, onde construiu um grande templo para Ichtar e podero-

sas fortificações. Pôde escrever ter “restaurado a liberdade dos acádicos” até Nippur e Ur. Com esta frase convencional pretendia dizer que tinha conseguido reduzir os tributos daquelas cidades.

Seu filho Erichum e os sucessores, Igunum e Sargão, continuaram, imperturbados, os lucrativos negócios. O poder financeiro de Assur sofreu uma brusca interrupção por causas externas, quando os hititas se estabeleceram na Ásia Menor. Estrangulados desta maneira, a decadência foi rápida, e Naram-Sin de Echunna pôde em breve englobar Assur nos próprios domínios, mas só por 5 anos. Depois do que as crônicas registram uma insurreição nacionalista, em seguida à qual os insurretos colocaram sobre o trono um seu compatriota, o jovem Erichum II.

Chamchi-Adad (cerca de 1815 a 1782 a.C.)

Chamchi-Adad, poupado à carnificina de Terca, com um punhado de valorosos, refugiou-se em Ecallatum, à espera de um momento que lhe fosse favorável. Quando se apresentou a ocasião, “Chamchi-Adad, filho de Ilacabcabu, no tempo de Naram-Sin de Echunna (...) avançou, livrou-se de Erichum e subiu ele mesmo ao trono”. Mas o reino de Assur, em dificuldades, não podia garantir-lhe um suficiente poderio financeiro, e pensou em apossar-se também de Mari.

Na rebelião palaciana contra Iakhdun-Lim, de que já falamos, percebem-se claramente as suas súbdolas manobras. De fato, Chamchi-Abad não deixa escapar a oportunidade, e cai sobre Mari. Passa ao fim da espada todos os príncipes, salvo o afortunado Zimri-Lim; faz prisioneiras as princesas, que leva para Assur, confiando-as ao mestre de música, para que aprendam a cantar e tocar. Apossa-se do país e nomeia vice-rei de Mari seu segundogênito, Iachmakh-Abad.

Existe uma intensa correspondência entre o ativíssimo Chamchi-Adad e o jovem filho, que considerava seu encargo como uma agradável sinecura. E o pai não poupa suas críticas. Leiamos algumas dessas cartas:

“A propósito do meu enviado de Dilmun, escreveste-me que entrou na casa de um mercador para roubar e que, descoberto, foi surrado, e por isto não pudeste enviar-mo. Está bem que o açoites, mas não poderá cavalgar um asno? Já te mandei enviar-mo há vinte dias! Quanto ao cobre, está bem; a caravana o trará aqui em etapas de 10 ou 20 horas duplas (...), mas primeiro devem separá-lo acuradamente da escória, lavá-lo, dividi-lo e prover à relação. E mais uma coisa: há um carregamento de sésamo atrasado; organiza imediatamente os asnos para o transporte”.

E mais:

“No que concerne às barcas, faz construir 60: coloco à tua disposição o meu armador Silliea, mas apressa-te, não se pode ser assim tão negligente! O Ano Novo

está perto, e logo chegam os hóspedes de Echunna. Manda-me logo os teus carros e parelhas, com todos os ornatos em ordem. Depois da festa, tos devolverei, mas apressa-te!”

Logo depois, reforça a dose:

“Quanto a ti, até quando devo suportar-te como um enfatuado? Quando aprenderás por fim a dirigir a tua casa? Não vês teu irmão, que já comanda os exércitos? Ele já matou um chefe inimigo, enquanto tu estás sempre entre as mulheres! (. . .) já é hora que tu também faças um nome como o do teu irmão Ichme-Dagan”.

Na correspondência com o primogênito, que residia em Ecallatum, o tom muda totalmente:

“Escreveste-me dizendo ter conquistado Tillabnim e ter poupado seus habitantes. Bravo, tua decisão vale um talento de ouro!”

Não devemos nos iludir com a magnanimidade de Chamchi-Adad; eis uma outra carta:

“Procura os filhos de Uilenum que se encontram contigo, que te ordenei os mantivesse como reféns em vista de uma possível aliança com Uilenum. A aliança é impossível, mata-os todos na mesma noite; nada de honras militares e cerimônias; prepara as tumbas e os enterra”.

Para Chamchi-Adad, Mari representava uma janela aberta para o mundo. Dado que Echunna e Larsa eram demasiado fortes, e daquele lado a expansão não era possível, o rei se lançou para o oeste e ali encontrou caminho desimpedido e estendeu uma fina rede de alianças com as cidades tradicionalmente ligadas a Mari por diversos interesses: Carchemich, Harran, Halab (Alepo), Hama (Hamath). Com o rei de Catna se aparentou, obtendo a mão de sua filha para Iachmakh-Adad.

Em seu império, porém, não devia ter muitos amigos, porque procurou cativar as simpatias dos súditos erigindo em Assur um grande templo a Enlil. Mas, por via das dúvidas, fez construir a própria capital e residência muito mais ao norte, em Chubat-Enlil, talvez perto de Nisibin.

Garantiu para si o título de “Rei do Mundo”, visando igualar a fama de um Sargão ou de Naram-Sin. Teria tido também as qualidades para ter sucesso com isto, se não lhe faltasse a tempera do conquistador. Foi antes um grande organizador e hábil diplomata e, eventualmente, bom militar. Suas batalhas foram diretas sobretudo contra os montanhese, particularmente contra as perigosas tribos dos Turuquis. Os seus dotes diplomáticos lhe foram utilíssimos no que concernia às hostis e numerosas tribos da estirpe de Ben-Iamin (ou “Filhos do Sul”), que tinham o seu centro na região de Harran: à mínima afronta,

punham-se sob as bandeiras do inimigo, qualquer que fosse.

Notável legislador, introduz um novo tipo de arado que se mostrou de grande utilidade para o incremento das colheitas. Depois, tendo necessidade de bons artesãos, que eram muito raros, proibiu-lhes abandonar o país, mas, entretanto, fez que fossem muito bem pagos.

Morreu doente, depois de mais de trinta anos de reinado, em 1783 a.C. Quem mais se sentiu aliviado com isso foi Echunna, que refez o próprio calendário, fazendo-o começar com o "Ano em que morreu Chamchi-Abad". Em compensação, para celebrar sua grandeza, serão os futuros reis da Assíria os quais, se bem que ele tivesse sido um estrangeiro, o consideraram sempre seu antepassado, e fundador do poderio de Assur.

CAPÍTULO 8

BABEL

A antiga Tintir (Bosque da Vida) cuja tradição aponta 11 reis ao longo de 300 anos, 8 com nomes sumérios e 3 com nomes acádicos, sempre foi uma cidadezinha provinciana de pouca ressonância, tanto que dela sabemos só que Sargão lhe dedicou um pouco de atenção; que Charcalicharri ali construiu dois templos e que sob a III dinastia de Ur teve problemas, de parte de Chulgui.

Tintir também se chamava, em sumério, Cadinguirra, “Porta do Deus”. Os semitas chamaram-na Babilu que, na sua língua, quer dizer exatamente a mesma coisa. A Bíblia transcreve como “Babel”, e com tal nome a cidade entrou para a história.

No tempo das invasões dos amorritas, desta cidade apossou-se o xeque Sumu-abum, que era vassalo de Isin. Estabelecida aqui a sua gente, perto de 1894 a.C. erigiu novas muralhas e como todos, aplicou-se a engrandecer-se ocupando, se bem que por pouco tempo, Quich e Sipar. Também tornou-se fundador de uma dinastia. A ele, de fato, sucedeu o filho Sumu-la-El (cerca de 1881-1845 a.C.) que retomou, com sucesso, as hostilidades contra Quich e Casalu. Reforçou as defesas; escavou canais e fez construir um trono de ouro e prata “para sublime escabelo do deus Marduk”. Foi depois atacado por Sin-iddinam, de Larsa, mas sem graves conseqüências. É a vez de Sabium (cerca de 1844-1830 a.C.), filho de Sumu-la-El; dedicou-se a grandes obras de paz e construiu o primeiro Esaguila (“Casa da Cabeça Alta”) e o Entemenanqui (“Casa do Fundamento do Céu e da Terra”), que foi a primeira Torre de Babel.

Quando Cudur-Mabuc conquistou Larsa (cerca de 1834 a.C.) impondo-lhe seu próprio filho Uarad-Sin, Sabium considerou sábio dar-se bem com os dois e ajudou militarmente Uarad-Sin em suas batalhas contra Casalu.

Por volta de 1830 a.C. sobe ao trono Abil-Sin, de nome claramente acádico (e filho de Sabium). Cerca de 1812 a.C. sucede-lhe Sinmuballit que, para sobreviver, deve bandear-se entre Chamchi-Adad ao norte e Rim-Sin ao sul, sem descuidar Echunna no oriente.

Com o primeiro firma uma espécie de tratado de não-agressão pelo que Chamchi-Adad não o importuna, mesmo quando se apresenta com as suas tropas nas vizinhanças de seu território para reprimir alguma re-

volta. Com Rim-Sin foi menos diplomático e procurou contrapor-se à sua potência, formando contra ele, perto de 1810 a.C., uma coalizão constituída por Isin, Uruk e Rapiqum. Sin-muballit uniu-se a eles com o resultado de que todos os quatro aliados foram desbaratados por Rim-Sin. Depois de uma experiência tão desagradável, não quis mais saber de alianças perigosas e por uma dezena de anos pensou somente em tornar próspera a sua Babel, não perdendo, todavia, ocasião de derrotar ao menos uma vez a Rim-Sin e apossar-se por um par de anos de Isin. Morreu em 1793 a.C. deixando o trono para Hammurabi.

Rim-Sin, entretanto, tinha levado sua Larsa ao máximo esplendor. Usando com grande acerto as guerras de desgaste, apossou-se, com pequenas batalhas desencadeadas no momento justo, de todas as cidades vizinhas, uma depois da outra. Em Ur, como Grande Sacerdotisa de Inanna-Ichtar, colocou a própria irmã Enanedu, a qual, depois de Rim-Sin, era a mais prestigiosa figura de Chúmer. Em 1803 a.C. conquista Uruk, e em 1794 a.C. retoma Isin, expulsando seu último rei, Damic-ilichu.

Salvo Echunna e Babel, toda a Mesopotâmia meridional está agora em suas mãos. Proclama-se “Deus-Rei de Chúmer e Accad”. Pelo restante de seu longuíssimo reinado se dedicou exclusivamente a reprimir as revoltas isoladas e vigiar seus possíveis rivais.

Hammurabi (1792-1750 a.C.)

Este foi, provavelmente, o maior rei da Mesopotâmia. Quando o jovem Hammurabi subiu ao trono, Babel era uma cidade próspera, bem defendida e bem organizada, mas nada mais em relação às três potências de Assur, Larsa e Echunna. O juvenzinho, ainda mais que seu pai, encontrou-se à cabeça de um pequeno Estado-tampão premido por todos os lados, e devendo demonstrar a mais alta diplomacia.

Com Chamchi-Adad e seus dois filhos mantém as tradicionais ótimas relações. As cartas que trocam são cheias de frases gentis e promessas de favores recíprocos. Com Rim-Sin, que havia retomado Isin, não tinha nenhuma dívida: devia apenas evitar seus “apetites” e não fornecer-lhe nenhuma ocasião para saciá-los. Parece também que em algumas empresas menores tenha considerado oportuno alinhar suas tropas a seu lado, e uma destas empresas se refere com toda probabilidade ao mais antigo episódio histórico narrado na Bíblia.

No *Gênesis*, XIV, lemos que os “reis de Sodoma, Gomorra, Seboim, Adma e Soar por doze anos estiveram sujeitos a Quedorlaomer, e no décimo terceiro, rebelaram-se”, isto é, recusaram-se a continuar pagando o tributo a esse rei. E também: “Aconteceu naquele tempo que Amrafel, rei de Sinear, Ariok, rei de Ellasar, Quedorlaomer, rei dos elamitas, e Tid'al, rei de Goim” moveram guerra aos rebeldes, “e todos estes se enfileiraram no vale de Siddim, que hoje é mar salgado (. . .); quatro reis contra cinco. E o vale do Siddim tinha muitos poços de betume, e os reis de Sodoma e Gomorra deram as costas e caíram no betume com a sua gente e

sofreram grandes perdas, e os que salvaram a vida fugiram para os montes. E tomaram todos os bens de Sodoma e Gomorra e fizeram prisioneiro também Lot, filho do irmão de Abrão (. . .) o qual, sabendo da captura de seu sobrinho (. . .) escolheu da sua gente 318 homens válidos e perseguiu os inimigos até Dan, e depois, divididas as suas fileiras, assaltou-os à noite, desbaratou-os e continuou a persegui-los até Dammasek (Damasco) e recuperou todas as riquezas de Lot, seu sobrinho, com todas as suas coisas, as mulheres e toda sua gente”.

Vamos tentar interpretar historicamente este feito de armas: o “rei dos elamitas” que tinha estendido sua influência por sobre territórios bem distantes, intervém subitamente para dominar a revolta dos príncipes cananeus do Mar Morto, pedindo reforços ao rei de Larsa, o qual, por sua vez, os pede ao rei de Babel. De tal modo, podemos identificar os quatro personagens: Quedorlaomer é Cudur-Lagamar, sucessor de Cudur-Mabuc; Ariok, de Ellasar, é Rim-Sin de Larsa cujo nome, em sumério, soava como “Iriacu”. Amrafel de Sinear (Chúmer) poderia muito bem ter sido Hammurabi. O quarto, Tid'al, presumivelmente é um príncipe hitita, ocasional aliado em vista de alguma vantagem territorial, ou talvez um chefe dos gútios.

Enfim, a frase “que agora é mar salgado” aponta a catástrofe de poucos anos depois, durante a qual Sodoma e Gomorra foram engolidas pelo Mar Morto.

Quanto a Abrão, em sua hábil escaramuça usou a tática característica da guerra no deserto. Sobre ele e seu sobrinho, já sabemos tudo, pela Bíblia; era um “patrício” cujos antepassados tinham-se transplantado para Ur, e com a sua gente voltou à pátria de origem para constituir o núcleo primitivo da futura tribo de Israel. Os cananeus os chamaram “Ibri” (hebreus), que quer dizer “imigrado”, nome que permaneceu para toda a sua parentela e para a numerosíssima descendência de seu clã.

Voltando à Mesopotâmia, a morte de Chamchi-Adad (1783 a.C.) tinha causado um desequilíbrio de forças. Seu honrado primogênito Ichme-Dagan envia a Mari, ao seráfico irmão Iachmakh-Abad, uma carta reconfortante:

“Nã tens medo; o meu trono é o teu trono (. . .), os elamitas e o homem de Echnunna, tenho no cabresto. Não temas; enquanto eu e tu vivermos, sentar-te-ás sempre no teu trono”.

Aquele “homem de Echnunna” era o rei Ibal-pi-El II, procurando sacudir seu jugo, e pera libertar-se do cabresto andava pedindo ajuda a todo o mundo, inclusive Hammurabi. Este lhe responde negativamente e envia cópia da carta de recusa a Ichme-Dagan, ratificando-lhe sua própria lealdade. Mas entretanto, sem tantos escrúpulos, ocupa Rapium, cidade limítrofe de grande importância estratégica; empresa que lhe vale muito prestígio, mas que põe em alarme toda a vizinhança. Ichme-Da-

gan não pode impedir isto de nenhum modo: está procurando impedir as revoltas dos “nacionalistas” internamente e, no outro “front”, deter as incursões dos Turuquis.

Da precária situação também tira proveito Zimri-Lim, que estava à espera de uma oportunidade como essa, e vendo finalmente chegar a anelada ocasião, com a ajuda do hospitaleiro rei de Alepo — também ele de nome Hammurabi — marcha sobre Mari, destrona o fraco Iachmakh-Abad e retoma seu legítimo trono.

Pode contar com o apoio do Rei de Babel, o qual, porém, no momento, está tranqüilo, empenhado em grandes obras civis, dentre as quais o imponente canal Hammurabi-khegal (“Hammurabi é Abundância”).

Enquanto isso, o quadro político se transformava: além de Larsa e Echnunna, restava um reino de Assur muito enfraquecido e, espalhadas, Babel, Mari, Catna, Harran, Alepo e outras cidades, cada uma delas, eventualmente, podendo contar com pelos menos uma dezena de aliados menores. Quem estava mal era Ichme-Dagan, que se esfalfava com as contínuas tentativas de manter tranqüilos os Turuquis a qualquer custo, inclusive fazendo casar-se o próprio filho com uma princesa daquela turbulenta tribo.

Hammurabi sente-se agora forte o suficiente para falar com voz grossa até com Rim-Sin. Isto pode ser depreendido de uma carta deste último, que parece quase justificar-se pelas enérgicas admoestações do Rei de Babel:

“Quanto às tropas que não cessas de pedir-me, não as enviei porque resulta que o teu inimigo dirigiu-se para algum outro lugar, mas, de qualquer modo, estou pronto para intervir. Se o inimigo me assaltar, manda as tuas tropas em meu auxílio”.

Pouco posterior é uma carta pela qual Hammurabi pedia ao amigo Zimri-Lim reforços contra Larsa; expedição que não passa do estágio de projeto.

A esta altura, porém, todos haviam percebido as intenções de Hammurabi. Rim-Sin estava alerta e todos os outros sentiam o cheiro do perigo, até que decidiram acabar com as ilusões do concorrente. Echnunna (fig. 32) pôs-se à frente de uma coalizão, com 12 000 homens, aos quais se juntaram os elamitas e mesmo uma rainha iraniana, Nauar, que enviou mais 10 000 homens, talvez gútios. Depois, garantida a neutralidade ou o apoio de Ichme-Dagan, Ibal-pi-El II de Echnunna marcha sobre Babel. Hammurabi, com a ajuda de Zimri-Lim, desbarata a todos e restabelece “o fundamento de Chúmer e Acad”. Só foi o início: no ano seguinte (1763 a.C.) dirige-se para Larsa, depõe o octogenário Rim-Sin e incorpora em seu reino todo o Chúmer.

Tirando vantagem desta momentânea ausência de Hammurabi, Ibal-pi-El II tenta um golpe, mas encontra a barrar-lhe os passos o fiel Zimri-

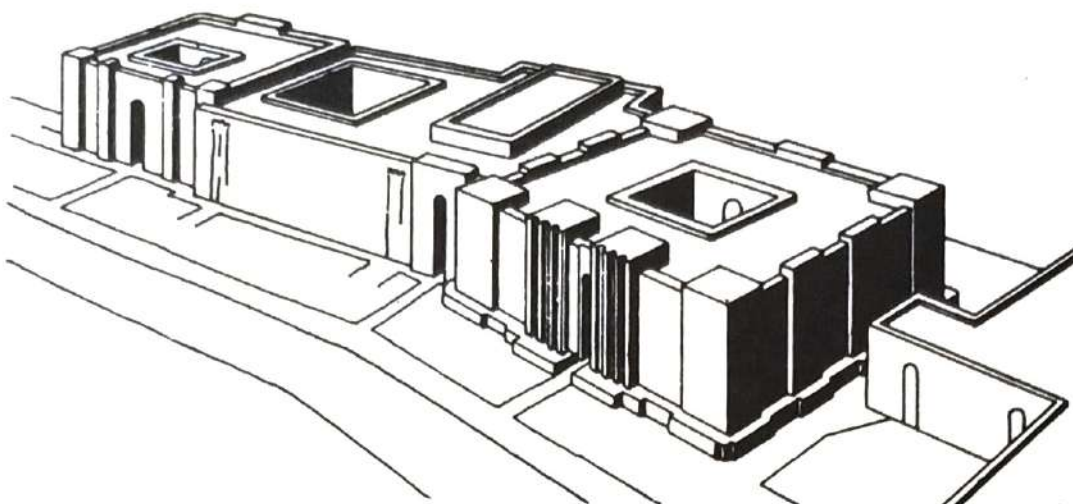


Fig. 32 — Templo de Chu-Sin e palácio de Echnunna.

Lim, enquanto Hammurabi, com marchas forçadas, entra em Babel e derrota Echnunna pela segunda vez.

Babel podia agora dispensar os aliados. As relações entre Babel e Mari se desgastam talvez porque Zimri-Lim, temendo Babel, procurava de algum modo frear sua expansão ou mais provavelmente porque Hammurabi já despontava a seus olhos como dominador. É fato que Hammurabi assume um tom agressivo; a Zimri-Lim, que protestara por alguma deficiência no cerimonial que prescrevia não sabemos que vestimentas mais ou menos vistosas, responde:

“Não desistes nunca de arranjar encrenca, e desta vez te lamentas contra o meu Palácio, por causa de simples roupas. Eu dou ou não dou a roupa que eu quiser a quem me aprouver”.

A esta altura, Hammurabi empreende habilíssima “guerra psicológica” dentro de Mari, dominando-a pouco a pouco e em 1761 a.C. anexa a cidade — em suas próprias palavras — “com um amigável acordo”, o que provavelmente significa que Zimri-Lim foi deixado no trono, mas como vassalo de Babel.

Um par de anos mais tarde, Mari se rebelou, e Hammurabi nada mais fez senão abater suas muralhas e todas as defesas, deixando-a inerte.

Era chegado o momento para pensar também em Echnunna. Depois de um assédio, a destrói, fazendo desviar sobre a cidade as águas do Diala (1756 a.C.). Agora, só faltava Assur. Ichme-Dagan não estava em condição de opor uma resistência digna deste nome, e deixou nas mãos do conquistador uma grande parte do próprio território (1755 a.C.) continuando todavia a ser rei da parte setentrional do Subartu.

Para terminar sua obra, Hammurabi conduziu também campanha contra os Turuquis, conseguindo — ao que parece — torná-los inofensivos (1754 a.C.). Assim, no decorrer de oito ou nove anos, sem muitas batalhas sangrentas, Hammurabi tinha fundado seu império, que com-

preendia quase toda a Mesopotâmia. E parou por aqui, contentando-se doravante em aperfeiçoar sua organização.

A época de Hammurabi

Sua verdadeira obra-prima, que o tornou célebre e grande aos olhos dos pósteros, foi o longo e inteligente trabalho de unificação que ninguém tentara antes. Sob o seu cetro encontravam-se sumérios, acádicos, amórritas, cananeus, assírios, além das infinitas tribos do deserto e das montanhas. Quanto à sua própria figura de soberano, referiu-se ao mundo acádico e proclamou-se “Rei das Quatro Partes do Mundo”, mas, em conformidade com o modelo sumério, não se proclamou deus, aceitando somente o título de “Sol de Babel”.

Ocupou-se de tudo, e proveu a tudo: o Estado foi centralizado; em cada província é nomeado um governador que respondia diretamente perante o rei. As propriedades das terras pertenciam ao Estado, que designava feudos para a aristocracia, a qual, em contrapartida, fornecia efetivos para o exército. Aos próprios soldados, Hammurabi distribuiu terras dos países vencidos, garantindo a fidelidade e a gratidão deles.

Os templos pagavam taxas tal como qualquer outro súdito. A população era dividida em classes sociais correspondendo aproximadamente aos termos de patrícios, burgueses, plebe e escravos.

Assim, criou um Estado, em oposição aos antigos grupos de cidades independentes; mas Hammurabi queria criar também uma Nação. Era necessário antes de tudo unificar a língua; na Mesopotâmia se falava uma infinidade de dialetos semíticos. O sumério era exclusivamente a língua dos eruditos. Era preciso agir tal como Manzoni que, no *Promessi Sposi*, elaborou um idioma válido para todos os italianos. E Hammurabi deu ordem aos sábios que inventassem o acádico-babilônio, que seria adotado em todo o império e se tornaria a língua diplomática daquela parte do mundo.

A unificação foi também operada no plano religioso. Não se tratou, bem-entendido, de impor nada a ninguém, dado que, até o advento do monoteísmo, vigia por toda parte a mais absoluta liberdade de culto. Tentou-se simplesmente pôr um pouco de ordem entre os milhares de deuses semíticos e sumérios que ocasionalmente ficavam a contradizer-se, ou, mais freqüentemente, eram sempre os mesmos, mesmo aparecendo sob os mais variados nomes locais.

Assim, nas doutas escolas de teologia, nasceram as grandes tríades, ou trindades: Anu, Enlil, Ea, ou seja, Céu, Terra, Água doce; depois Sin, Chamach, Ichtar (Lua, Sol, Vênus). Um novo deus: Abad, deus da tempestade (fig. 33).

A teologia babilônia continuará por séculos neste caminho — no qual parece supérfluo acompanhá-la — catalogando todas as divindades, distribuindo-as em grupos afins, colocando-as em hierarquias precisas, asse-

Fig. 33 — O deus babilônio Abad, representado como defensor de uma propriedade. Em lápis-lazúli (aprox. 10 cm). Metade do III milênio a.C. (Berlim, Staatliche Museum).



gurando a cada uma mansões bem definidas e desenterrando cada analogia e concordância.

O deus da capital, Marduk, devia assumir agora uma importância emblemática. Para conferir-lhe o máximo esplendor e lustro, os teólogos fundiram quatro ou cinco mitos sumérios e criaram a *Epopéia de Marduk* ou *Poema da Criação*.

O “Enuma Elich”

Este é o verdadeiro título do maior poema sacro da Mesopotâmia, assim chamado por suas primeiras palavras, que significam: “Quando no alto”.

Quando no alto, o Céu não tinha ainda um nome, e embaixo só existia o Apsu, Tiamat (o Oceano) e Mummu (a reunião das águas doces com as águas salgadas), e o Destino ainda não estava estabelecido, foi então que o Apsu e sua mulher, Tiamat, criaram os primeiros deuses.

Foram: Lakhmu e Lakhamu, Anchar e Quichar.

Anchar procriou Anu, igual a si mesmo, e Anu, à sua própria imagem, criou Nudimmud (Ea, Enqui).

Depois nasceram todos os outros, numerosíssimos, que, cantando e fazendo alarde por toda a Terra, não deixavam dormir nem pensar ao Apsu e Tiamat.

Apsu, não tolerando mais, decide aniquilar este enxame de vagabundos. Tiamat se opõe, mas Apsu, também pelos conselhos malignos de Mummu, fica inamovível. A destruição é decidida, as vítimas divinas, devidamente informadas, choram aos soluços; mas o sábio Ea, que tudo conhece, detém a ameaça, pondo em ação um encantamento mortal com o qual consegue matar Apsu no sono. Depois, se apodera do pérfido Mummu, amarra-o, tira-lhe a coroa, castra-o e lhe arrebenta o cérebro.

O vitorioso Nudimmud-Ea fixa os lugares sagrados do Oceano e ali estabelece sua residência. Foi então que no Santuário dos Destinos, no meio do Oceano, a mulher de Ea põe no mundo o mais sábio dos deuses, Marduk (fig. 34). De belíssimas formas, foi nutrido com o leite divino, enquanto que uma ama-de-leite lhe dava "o leite da terribilidade". Seu pai lhe deu dupla virilidade, dupla visão e dupla audição. Gigantesco e valoroso, de sua boca, quando estava irado, saíam chamas e seu esplendor era como o de dez deuses.

Enquanto isso, Tiamat, desesperada e furibunda pelo assassinato do marido, jura vingança e cria os mais horríveis monstros para fazer com eles um exército contra os deuses: a víbora, a serpente furiosa, o grande leão, o cão raivoso, o homem-escorpião, e outros iradíssimos animais. Depois toma um destes, um tal de Quingu, como marido; nomeia-o comandante-em-chefe, confere-lhe poderes divinos e ata-lhe ao peito as Tábuas do Destino. O exército está pronto, o ataque é iminente. Parte a declaração de guerra e Ea, ao recebê-la, desmaia. Recuperado, vai ao seu pai Anchar, que empalidece ele também, e envia Anu a Tiamat para procurar um acordo. Mas quando Anu percebe ao longe de que consiste o exército inimigo, aterrado, foge.

Reúne-se a toda pressa a assembléia dos deuses, e o voto é unânime: ninguém quer enfrentar Tiamat. Então Anchar, autoritariamente, designa para o feito descomunal o corajoso Marduk e manda chamá-lo.

Fig. 34 — O deus babilônio Marduk, representado como defensor de uma propriedade. Em lápis-lazúli (10 cm). Metade do III milênio a.C. (Berlim, Staatliche Museum).



Marduk chega, declara-se pronto para qualquer empresa, mas obviamente quer saber contra quem deve medir-se. Com a devida cautela, Anchar dá a entender que se trata nada mais, nada menos de Tiamat e seu horrível séquito de monstros. Marduk sem pestanejar declara-se pronto para partir. Grande é a alegria dos deuses, aos quais porém Marduk, pela vitória, impõe condições precisas: que seu destino seja mudado, isto é, que lhe seja designado um lugar proeminente na hierarquia divina. Para tanto, torna-se necessária nova assembléia, que, como de hábito, se transmuda num esplêndido banquete, ao fim do qual a resposta é a seguinte: "Foste honrado entre os grandes deuses, o teu Destino não tem igual, o teu comando é igual ao de Anu (...). Tu, Marduk, és o nosso vingador, concedemos-te a realeza do poder sobre o universo das coisas. Senta-te na Assembléia, a tua palavra tornou-se eminente. Que as tuas armas aniquilem os inimigos!"

Marduk não perde tempo; arma-se de cimitarra, arco e flecha, e uma grande rede; ata o raio a seu lado, e como aliados escolhe os sete ventos impetuosos, a tempestade e o furacão. Brande o ciclone e, munido da "erva do veneno", parte contra o inimigo.

Quando vislumbra a boca escancarada de Quingu, a coragem lhe desfalece por um instante, o que lança os deuses na consternação. Tiamat, sem se dignar a observar Marduk, urra contra ele as mais atrozes maldições. O breve temor é substituído pela ira: o herói enfurecido a insulta e a desafia a um duelo singular. Igualmente fora de si pela raiva, a monstruosa Tiamat se lança contra o inimigo com as fauces abertas, prontas a abocanhá-lo. Marduk lança dentro dela o vento mau que a impede de fechar a boca, e depois lança sua mortífera flecha que lhe trespassa o coração.

Seus horrendos acólitos tentam a fuga, mas o vencedor os apanha todos com a rede, despedaça suas armas, os faz prisioneiros e pisa sobre suas cabeças. Depois, voltando à carcaça de Tiamat, corta-a em dois como uma ostra, e com a metade superior forja o Céu, fixando-o com ferrolhos e pondo-lhe guardiães, para que suas águas não fujam, e com a outra metade, cria a Terra. No Céu, coloca a morada dos deuses, as estrelas, os signos do zodíaco e a Lua, "confiando-lhe a noite".

De Quingu, tira as Tábuas do Destino e pendura-as ao pescoço, tornando-se assim o dominador do universo. Depois, o mata; com o seu sangue, conforma a argila e cria Lilu, o homem, e depois os animais, as plantas, as várias partes do mundo. Ao homem designa o serviço dos deuses, e estes foram divididos por Marduk em dois grandes grupos: os Iguigui, deuses do Céu, e os Anunnáqui, deuses da Terra.

Ao fim, todos os deuses exprimem sua gratidão erigindo para Marduk um grande santuário, o Entemenanqui, a Torre de Babel. E no dia da inauguração, oferecem um suntuoso banquete e cantam em louvor de seu salvador.

O poema, do qual dispomos de várias versões, é composto de 6 tábuas; era lido na íntegra por ocasião da festa de Ano Novo e é provável que durante a leitura se encenasse uma representação sacra. Também neste abundam as repetições e obscuras alusões a significados astrais cuja decifração faria a alegria dos atuais cultores da astrologia. A língua é o acádico-babilônio, e o autor anônimo é, sem dúvida, um grande poeta.

A horripilante Tiamat reviverá ainda na simbologia da Bíblia; menciona-se um monstro análogo no *Livro de Jó*, III, VIII, 40, 25, nos *Salmos*, CIII (CIV), XXVI e sobretudo em *Isaiás*, XXVII, 1, onde toma o nome de Leviatã. No herói Marduk se inspirarão claramente o arcanjo São Miguel e São Jorge.

O código de Hammurabi

Em 1902 em Susa, no Elam, além da esplêndida “Estela de Naram-Sin”, foi encontrada também outra, famosíssima, de Hammurabi, que se encontra no Museu do Louvre. Também esta foi encontrada lá como butim de guerra, e devemos admitir que os elamitas escolheram as melhores peças, dado que esta estela, com mais de 2 metros de altura, é uma notável obra de arte. No topo vemos esculpido Hammurabi perante Chamach, e sobre toda a parte inferior está gravado uma espécie de código civil e penal.

A partir daquele momento, Hammurabi tornou-se célebre — o que é parte de nossa instrução escolar — como o primeiro grande legislador da história. Não foi nem o primeiro, nem grande: limitou-se, no quadro geral da unificação, a transcrever uma série de sentenças já julgadas, de modo que passassem a ser válidas em todo lugar. Quanto ao direito civil, ateve-se às antiquíssimas e consagradas normas sumérias e acádicas. No direito penal introduziu a rude e iníqua “Lei de Talião”, recolhida não sabemos de que tribo do deserto, aquela do “olho por olho, dente por dente”, que Moisés adotará cinco ou seis séculos depois. É a parte mais criticável da obra de Hammurabi; não só isto, mas é um grande retrocesso em relação à civilização suméria.

Examinemo-lo um pouco mais de perto e tomemos um par de artigos já conhecidos, das leis de Ur-Nammu:

“Se um homem feriu o pé de um outro homem, pagará 10 siclos de prata.
Se um filho ofender sua mãe (. . .) seja expulso de casa”.

Eis, por outro lado, as novas leis:

“Se um homem quebra um osso a um outro homem, se lhe quebrará o mesmo osso.

Se um filho bater em seu pai, que se lhe corte a mão”.

A pena de morte é prescrita amplamente para furto com arrombamento, receptação, cumplicidade, saques, adultérios, estupro. Isto poderia significar punições com mão de ferro, pelas contingências de uma época difícil. Mas nada justificaria a iniquidade de leis como esta:

“Se um mestre de obras construir uma casa, e a casa desabar causando a morte do proprietário, o mestre de obras será morto; se perder a vida também o filho do proprietário, será morto também o filho do mestre de obras.

Se um cidadão bater na filha de um outro cidadão e esta morrer, a filha dele será morta”.

E estas leis não são sequer iguais para todos:

“Se um cidadão vaza um olho ou quebra um osso a um cidadão de nível inferior, pagará uma mina de prata; se a um escravo, pagará a metade de seu valor de aquisição”.

A bem da verdade, estas leis terríveis eram, na prática, tornadas inoperantes por outras providências igualmente terríveis contra o arbítrio:

“Se um cidadão culpa outro por homicídio sem poder fornecer provas, será morto”.

O mesmo acontece para falso testemunho em processos que comportem pena capital; um juiz que tenha emitido uma sentença viciada “pagará 12 vezes o valor que é objeto de querela” e deve ser imediatamente destituído. Portanto, a pena de morte era aplicada somente nos casos de indiscutível culpabilidade.

Se, todavia, deixarmos de lado a “Lei de Talião”, tudo o mais, que não representava mais novidade, aparece marcado de uma certa moralidade, com bastante indulgência nos confrontos dos mais fracos, sobretudo com os devedores pobres. É encorajada e defendida a pequena propriedade rural, inexoravelmente punido o peculato e a corrupção administrativa.

Quem se sentisse injustamente condenado poderia recorrer diretamente ao rei, que de imediato deveria proceder a um inquérito. Por outro lado, qualquer cidadão poderia citar em juízo a Coroa, se considerasse que o rei tivesse cometido algum abuso. Na guerra, a lei prescrevia que a população civil das cidades conquistadas deveria ser poupada nos limites do possível.

Hammurabi, que se ocupou também de minúcias, deixou um império em perfeita ordem, com finanças prósperas e comércio em contínua expansão. Pessoa cultíssima, fez de Babel a capital cultural de toda a Ásia Anterior. Na nova língua acádico-babilônia, nesta época, foram traduzidos o *Poema de Guilgamech*, o mito de Etana e muitíssimos outros, ao passo que a escola teológica do Esaguila tornou-se a mais célebre da Mesopotâmia.

Um patrimônio intelectual que dará a Babel a proeminência cultural sobre todas as outras cidades, que nunca será jamais contestada, mas sim amplamente reconhecida. Dirá Jeremias (*Jeremias, LI, 7*): “Babel tornou-se uma taça de ouro nas mãos do Senhor, que inebriou toda a terra”.

Marduk tornar-se-á o mais importante deus dos semitas, não pelas elucubrações dos teólogos nem tampouco pela imposição de Hammurabi, cujo deus pessoal era Chamach, mas pelo prestígio que derivava da cidade da qual era deus.

Doravante, Babel dará o nome a toda a região da Mesopotâmia central, que se chamará “Babilônia”. Mas, para não criar confusão, continuaremos a chamar “Babel” a cidade, e “Babilônia” a região.

As cartas de Mari

Da cidade de Hammurabi nada restou, e as escavações são impossíveis, porque o estrato correspondente se encontra atualmente sob o nível do Eufrates. A maior parte do que sabemos sobre esta época provém, ao invés, de Mari, quando era a maior metrópole da Ásia Anterior, com a qual não podiam rivalizar nem a ainda jovem Babel, nem Assur, nem nenhuma outra. O palácio real de Zimri-Lim era imenso, luxuosíssimo, e famoso em todo o seu mundo (fig. 35). Uma carta do rei da longínqua Ugarit pede a Zimri-Lim permissão para visitar seu palácio. Formava um retângulo de 200 x 125 m e compreendia nada menos que 300



Fig. 35 — Planta do palácio real de Zimri-Lim.

apostos em torno de dois grandes pátios de 50 x 33 m e 29 x 26 m. Além dos salões de recepção, incluía cozinhas, banhos, latrinas, cantinas, capelas, armazéns, oficinas, uma “Casa das Tábuas” (ainda hoje existente com seus bancos) e salas para os arquivos.

As escavações de Mari, atualmente Tell-Hariri, iniciadas por Parrot em 1933 e prosseguidas até 1939, foram depois retomadas em 1954 e 1960.

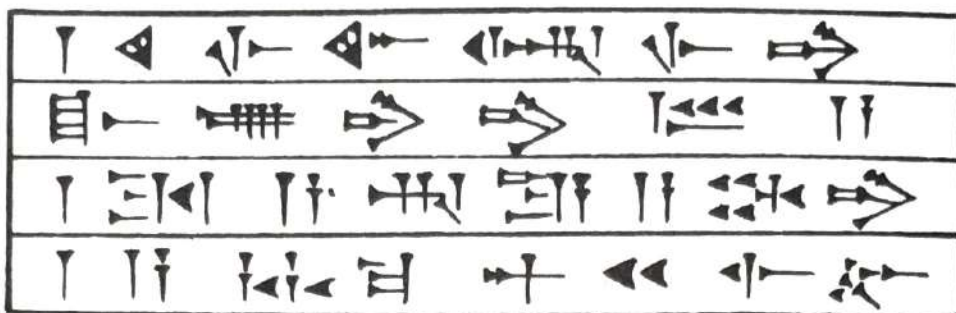
Foi durante estas escavações que veio à luz um dos mais importantes arquivos de toda a antigüidade, do qual tiramos a maior parte do nosso

Entre os documentos administrativos, leiamos o mais curioso. Como todos os seus colegas, Zimri-Lim era um apaixonado da caça, e evidentemente, tinha emitido ordens taxativas: os leões eram sua presa exclusiva. O que provocava alguns inconvenientes, como demonstra a carta enviada ao rei por um zeloso, ou timorato "prefeito" de uma aldeia vizinha:

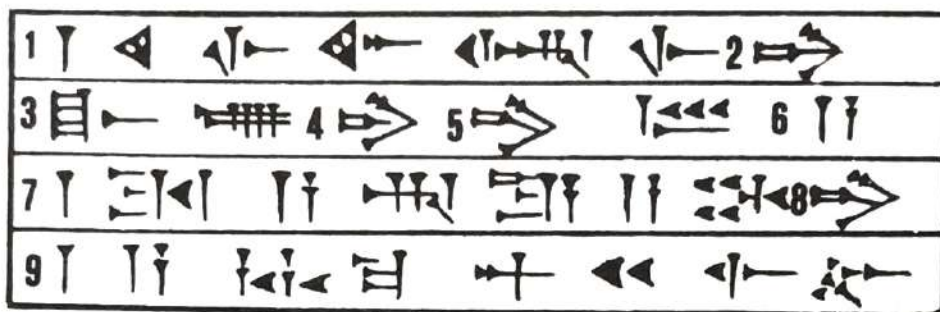
O palácio de Mari, que conserva traços do incêndio ateados pelos soldados de Hammurabi, está relativamente bem conservado e serve de exemplar do luxo em que viviam os soberanos daqueles tempos. As suas paredes apresentam os únicos fragmentos de pinturas murais da época (Museu do Louvre). Entre as obras de escultura, a mais famosa é a agradável "Deusa de Mari", conservada no Museu de Aleppo. Mas mais notáveis são dois esplêndidos leões de bronze (com alma de madeira) que serviam de guardas do templo. De traços simples, são as mais belas esculturas de animais deixadas pela arte mesopotâmica (Museus do Louvre e Aleppo).

Confrontemos a inscrição persepolitana de Xerxes com a sua tradução em babilônio:





Até a um leigo evidencia-se que as duas escritas, se bem que digam a mesma coisa, são bem diferentes¹.



As terríveis dificuldades confessadas pelos decifradores do segundo texto, que tantas polêmicas suscitaram entre estudiosos e jornalistas, não eram sem fundamento. Tratava-se de uma escritura totalmente ilegível.

Divirtamo-nos colocando em foco Isidoro Loewenstern, o sueco que primeiro se dedicou à meritória mas ingrata fadiga de deduzir qualquer coisa, em 1846.

Loewenstern constatou primeiro que a palavra "Rei"



em persa tinha sete sinais e, em babilônio, um só:



este último, pois, era um ideograma.

¹ O texto babilônio diz:

1) (m) Hi-chi-'a-archi	Xerxes
2) Charru	rei
3) rabû	grande
4) char	rei
5) charrânî	dos reis
6) apal	filho
7) (m) Da-a-ri-ia-a-uch	de Dario
8) charru	rei
9) (m) A-kha-ma-an-nich-ch'-a	Aquemênida

Mas o nome de Xerxes 

que na primeira inscrição tinha sete sinais, na segunda tinha somente cinco:



Isto, pensava Loewenstern, devia depender do fato de que os semitas não escreviam as vogais. Resultava que esta escritura era também alfabética, ou silábica. Seguindo este caminho, conseguiu identificar quase um milhar de sinais entre ideográficos, alfabéticos, silábicos e determinativos. Até que se deteve, constatando ter-se enganado quando descobriu que cada um dos sinais decifrados podiam ser lidos pelo menos de três ou quatro modos totalmente diversos.

Para citar um exemplo: a letra "R" podia ser escrita com sete sinais diferentes.

Quem tirou deste impasse o pobre Loewenstern foi o genialíssimo reverendo irlandês Edward Hincks, o qual conseguiu pelo menos resolver o problema de todos estes "erres" e dos sinais alfabéticos em geral: "Não há nenhum sinal que indique uma só consoante; eles representam uma consoante precedida ou seguida de uma vogal".

Donde os sete "erres" serem, na realidade, os sons AR, IR, UR, RA, RI, e RU. Mas também Hincks se encontrou embaraçado com as homofonias e sentidos múltiplos. À guisa de exemplo, os seguintes sinais podiam ser lidos:

Quid, sah, lil 

Pich, guir 

Lal, lib, lub, pah, nar 

Ud, tam, par, lah, his 

A causa principal desta confusão foi que os semitas acádicos adotaram para si um tipo de escrita que fora idealizado para uma língua bastante diferente, o sumério, pelo que os vários fonemas nem sempre correspondiam, ou nem existiam. Arranjaram-nos o melhor que puderam segundo seus próprios dialetos e estes compromissos, como sempre acontece, geraram grande confusão. Ademais, nos tempos de Loewenstern e Hincks, ninguém sabia nada do sumério e, portanto, todo o longo processo de adaptação permanecia incompreensível.

Mencionemos um caso: o sinal  em sumério, como sabemos, se lia AN (Deus). Em semita, Deus se dizia, ao invés, ILU e assim se lia o ideograma, mas o sinal silábico continuou sendo AN. Um caso limite, então, é , que em sumério era KUR (ou KIN) e significava “pátria”, “país” e “montanha”. Em acádico, cada uma destas palavras tinha sua versão própria: IRSITU, MATU, CHADÚ. A conclusão era que o sinal  se lia KUR, QUIN, IRSITU, MATU e CHADÚ como ideograma, e como sílaba, CUR, QUIN, MAT e CHAD. Depois, naturalmente, como no sumério as mesmas palavras podiam também ser escritas sílaba por sílaba, MATU tornava-se:

  
MA - A - TU

Vejamos agora o que poderia acontecer encontrando-se palavras mais longas:

Trata-se de dois nomes de soberanos, um babilônio e outro assírio. Tal como estão, o primeiro se lê AN-AC-CHA'-DU-CHICH – de que nunca se ouviu falar – e o segundo DI-MA-NU-BAR, igualmente desconhecido.

Foi a esta altura que entraram em ação os providenciais dicionários da biblioteca de Assurbanípal, onde se aprendeu, não sem grande surpresa, que:

ANAK é o ideograma sumério do deus NABU;

CHADÚ corresponde a CUDURRU (confim);

CHICH é o equivalente sumério do verbo NASARU (proteger), aqui usado na forma imperativa USUR.

Releiamos o primeiro nome: NABU-CUDURRU-USUR, que não só significa “Nabu, protege os (meus) confins”, mas é nada mais, nada menos, que o nome daquele que chamamos “Nabucodonosor”.

Continuando a folhear o vocabulário, ficamos sabendo também que:

DI significa “Chalmu”, ou “saúde”.

MA-NU, que continua como está, significando “dono”.

BAR, significando “Acharedú” (primeiro).

Decifremos também que os primeiros dois sinais não se lêem, por serem simples determinativos de nome de pessoa  e do deus . Assim temos: CHULMANU-ACHAREDU, “Primeiro dono da saúde”, ou “Bem-vindo”. É o rei assírio Salmanassar.

E, para terminar, mostremos dois dos selos impressos sobre milhões de tijolos em Babel:

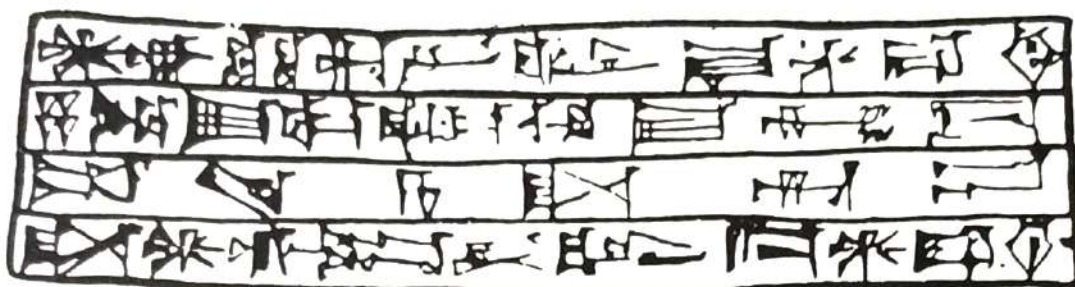


Fig. 36 — (Ilu) Nabû-ku-dûr-ri-usur,
[Chiar Babili
Za-nin E-sag-ila ù E-zi-da
ap-lam a-chia-ri-du
Chia (ilu) Nabû-apal-usur Chiar Babili

Nabucodonosor, rei de Babel,
curador de Esagila e de Ezida,
filho primogênito
de Nabopolassar rei de Babel.

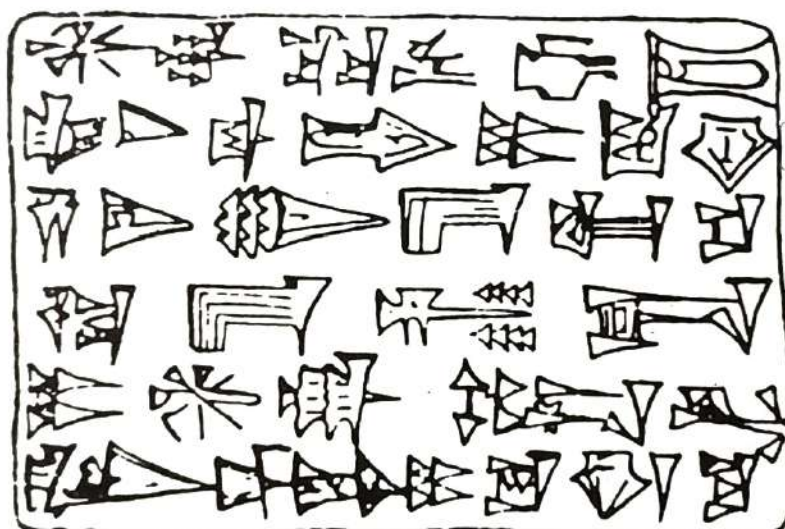


Fig. 37 — (Ilu) Nabû-ku-dûr-ri-usur
Chiar Bab-i-li (ki)
Za-ni-in E-sag-ila
ù E-zi-da
mâr il Nabû-apal-usur
Chiar Ba-bi-i-lu (ki) ana-ku.

Nabucodonosor,
rei de Babel
curador de Esagila
e de Ezida
filho de Nabopolassar
rei de Babel, eu sou.

CAPÍTULO 9

OS POVOS DAS MONTANHAS

Entrementes, nas fronteiras setentrionais da Mesopotâmia, ocorriam novos deslocamentos. É difícil precisar, naquele contínuo vaivém de tribos, que povos emigraram, quais ficaram em seu lugar e a que raça especificamente pertencessem. Na maioria, tratava-se de indo-europeus, ao passo que a terminologia corrente os designa com o nome de “Povos das Montanhas”, porque habitavam ou originavam-se do planalto iraniano de um lado, e das montanhas da Anatólia de outro, mas não das zonas intermediárias. Serão estas estirpes, antigas e recentes, que determinarão um novo equilíbrio de forças, pelo que Babilônia perderá importância, ao passo que três delas assumirão papel decisivo: os hititas na Ásia Menor, os hurritas na Mesopotâmia setentrional, e os cassitas na meridional.

Os hititas

Dentre estes povos — de resto muito diferentes quanto a civilização, duração histórica e vida política — os hititas foram sem dúvida os mais notáveis. Mas para localizá-los mais exatamente, é mister reparti-los em três grupos sucessivos. O primeiro é composto dos assim chamados proto-hititas, isto é, daqueles que desde tempos imemoriais habitavam na grande e fértil enseada do Halys e que chamavam a si mesmos de Khatti por causa do nome de sua principal cidade, chamada mais tarde Khattusa (Hattusa). Contra uma coalizão de sete destes príncipes, dentre eles um “Pamba, de Khatti”, e um “Zipani, de Canech”, combateu, segundo a tradição, Naram-Sin, de Acad.

Cerca de 2000 a.C. acontecem maciças migrações, supõe-se pacíficas, de povos que chamavam a si mesmos de “nechi”. Há quem os diga provenientes dos Balcãs; outros, do lado oposto, do Irã.

Sendo a segunda hipótese quase universalmente aceita, vamos nos ater a esta. O país aumenta notavelmente de importância: Assur, além daquela de Canech, herdada da III dinastia de Ur, coloca uma outra eficientíssima representação comercial em Puruchkhanda. Estas duas

feitorias se revelam em breve tão influentes que os hititas adotam a civilização mesopotâmica e também a escrita cuneiforme, se bem que usando, sobre os monumentos, também uma sua própria escrita hieroglífica que só recentemente se conseguiu decifrar. A este segundo período pertencem dois reis: Pitkhana e Anitta, os quais, vivendo em torno de 1850 a.C., são considerados antepassados dos soberanos hititas.

O terceiro grupo é constituído daqueles que, emigrando do país, foram constituir grandes colônias na Síria e também na Palestina, eventualmente conseguindo deslocar as antigas dinastias reinantes ou tornando-se minorias influentes que sobreviveram à queda do império hitita. São estes os neo-hititas, que a Bíblia chama "hittim".

Provavelmente no tempo de Pitkhana, Assur foi obrigada a fechar seus postos comerciais em Canech e Puruchkhanda, e a partir deste momento ficamos sem notícias pelo menos por um período de cinquenta anos. Sabemos só que Anitta destruiu Hattusa e tornou-se assim, provavelmente, o rei de todo o país. Depois aparece um rei Tudkhaliyach, que poderia também ser o Tid'al da batalha do Siddim.

Mas a verdadeira potência hitita começou com Labarna (Labarnach, cerca de 1670-1640 a.C.), que assume o título de Grande Rei, conquista sete cidades e estabelece nelas como governadores os próprios filhos. O seu prestígio foi tão grande que o nome de Labarna (ou Tabarna) designará todos os futuros reis hititas, da mesma maneira que "César" será sinônimo de "imperador".

O neto, Hattusili I (Khattusilich, cerca de 1640-1615 a.C.) queria ir muito mais longe e ampliou o reino de maneira impressionante, mas indefinida, dado que não se pode hoje localizar todas as cidades e regiões que ele assevera ter subjugado. Talvez tenha chegado, se bem que efemeramente, até o Egeu. Em seu segundo ano, ultrapassa o Tauro e destrói Alalakh (atual Tell Atchana) e Urchu, que pertenciam a Alepo. Depois marcha contra Arzava, mas é obrigado a voltar logo atrás porque os hurritas invadiram a faixa sul-oriental de seu reino e deverá combatê-los por muitos anos antes de poder expulsá-los. Resolvido este importante problema, atravessa pela primeira vez o Eufrates, e vai conquistar "Khakhkhu e Khachku", talvez habitadas pelos cassitas; depois dirige-se para Alepo e Carchemich, que assedia. Mas sofre várias derrotas, e a culpa, o que demonstra o quanto os hititas assimilaram a mentalidade mesopotâmica, deve-se atribuir aos erros cometidos pelos generais.

Começam também as rixas familiares: Hattusili adoece e confia a regência ao sobrinho Labarna, o qual, inspirado "pela serpente da sua mãe", tenta puxar o tapete de sob seus pés. O rei o prende numa tenda de campanha e o substitui com o próprio filho, muito jovem, Mursili (Murchilich). Pelo documento que fala desta designação, apreendemos particulares interessantíssimos: o rei hitita não se assemelha nem aos

reis mesopotâmicos muito menos aos faraós egípcios. Não é um deus nem um soberano absoluto. É somente um chefe, uma espécie de *primus inter pares*, eleito por um Conselho dos Nobres, chamado “*pancus*”, perante o qual deve responder por suas ações. Do documento depreende-se também que o direito hereditário à Coroa é avaliado e ratificado periodicamente. De fato, o “*pancus*” ratifica a nomeação, mas obtém, em contrapartida, que Mursili renuncie a qualquer interferência nos negócios da aristocracia. O jovem Mursili I (1610-1580 a.C.) surpreende, pois desde o início se mostra perfeitamente competente e conquista Alepo.

Os hurritas

“Povo das montanhas” muito heterogêneo, os hurritas (*khurriti*) penetraram na Terra dos Dois Rios de modo pacífico, gradual e inexorável. A primeira citação desta gente data da época de Acad; alguns nomes hurritas aparecem aqui e ali durante a III dinastia de Ur, e em língua hurrita, semelhante às antigas línguas urárticas e aos modernos dialetos do Cáucaso, são alguns dos textos encontrados em Mari. Considera-se provável a existência de um reino hurrita no Urartu (Armênia) e que os hurritas fossem os belicosos turuquis.

Cerca de 1500 a.C. entre o Eufrates e o Khabur se instaura um forte império hurrita, o de Mitanni, cuja capital Vachugani ainda deve ser descoberta. O primeiro rei conhecido é Barattarna.

Os cassitas

O terceiro “Povo das Montanhas” é constituído por cassitas, montanheses do Zagros, como os gútios. Destes nos ocuparemos mais tarde.

Os herdeiros de Hammurabi

O filho de Hammurabi, Samsu-iluna (1750-1712 a.C.), quem sabe se atormentado por um forte complexo de inferioridade em relação a um genitor tão proeminente, para igualar-se a ele, se não superá-lo, põe-se com súbito fervor a edificar imponentes obras e aplicar-lhe seu próprio nome. Dedicou-se também a empreendimentos públicos; na verdade, precisou somente terminá-los. Enfim, começou desenvolvendo a atribuir a si algumas obras que não tinha feito.

Mas os tempos, como vimos, eram tudo menos pacíficos. Na Assíria, morto Ichme-Dagan, os nacionalistas se rebelaram contra seu filho Asinum. Conseguiram pôr fim à odiada dinastia amorrita e colocar finalmente sobre o trono seu compatriota Puzur-Sin (cerca de 1730 a.C.). Imediatamente cerca de uma dúzia de pretendentes, quase todos “filhos de ninguém”, insurgiram contra esta atitude. A Assíria não teve paz

durante longos anos, até que Adasi, o mais hábil dentre eles, perto de 1700 a.C., conseguiu livrar-se dos concorrentes e cingiu a coroa, deixando-a depois para o filho Belbani. Com estes dois nomes tem início a verdadeira história da Assíria. Neste meio tempo, toda a região meridional do Subartu já se subtraía ao controle de Babel.

Samsu-iluna agora reativa as seis fortalezas que o seu avô Sumu-la-El tinha erigido contra o Elam, e procura premunir-se contra as veleidades do Chúmer, onde se notavam inquietantes sinais de rebelião.

O seu VIII ou IX ano de reinado é assim indicado: "Ano do primeiro encontro com as fileiras de Caskhu", ou seja, dos cassitas (1742 a.C.). Logo depois, urge dominar algumas revoltas no território de Echnunna, o que dá oportunidade aos cassitas de fazer alguns saques. Contra estes últimos, volta-se ainda o rei de Babel, mas as cidades sumérias por sua vez procuram recuperar sua independência sob a orientação de um certo Rim-Sin II. Samsu-iluna é forçado a precipitar-se e combater estreitamente antes de derrotar o usurpador (1737 a.C.). Naturalmente, os cassitas não deixam escapar ocasião de fazer novas incursões em Babilônia.

E assim, continuamente apertado entre dois fogos, o rei entra precipitadamente em Babel, expulsa de novo os cassitas, mas enfim não pode impedir que, por volta de 1722 a.C., um tal Ilumailu funda a dinastia chamada dos "Países do Mar", isto é, da zona costeira do Chúmer. Samsu-iluna tenta tudo para abatê-la, proclamando-se a si mesmo paladino acérrimo da civilização suméria, e fazendo copiar muitos textos antigos, que por isto chegaram até nós. Mas, em vão: a Dinastia do Mar conseguirá conservar-se independente por pelo menos quatro séculos. Ilumailu, ao que parece, se apossou de Nippur; uma lista de nomes de reis (12), alguns sumérios, outros acádicos e ainda outros, como Gulquichar ou Pechgalaramach, de obscuríssima proveniência, são os expoentes de tal dinastia, de cujos nomes não temos informações.

Também dos sucessores de Samsu-iluna restam só notícias fragmentárias, na maioria sem importância: Ibichum (ou Abiechukh, 1712-1684 a.C.) tentou de repente eliminar Ilumailu bloqueando o curso do Tigre, mas a necessidade de voltar-se para o norte para enfrentar os cassitas impediu-o de concluir a operação. Um pouco mais afortunado foi Ammiditana (1684-1647 a.C.) que retomou, mas por breve período, o controle de Ur e Uruk. Apresentam-se na ribalta depois Ammisaduca (1647-1626 a.C.) e, por fim, Samsuditana (1626-1595 a.C.) provavelmente destinado a uma sorte passiva, porquanto em seus documentos não transparece nenhuma notícia que vá além de restaurações dos templos.

Mas a ele coube o pior: o rei hitita Mursili I, depois de ter conquistado Alepo, continuou imperturbado a sua marcha, chegou a Babel, apoderou-se dela, submeteu-a, e só voltou para casa com um imenso butim.

A dinastia cassita

Esta fulminante e afortunada expedição (1995 a.C.) pôs fim à dinastia de Hammurabi, mas os hititas não estavam em condições de manter o domínio sobre um país tão distante, e o rei Gulquichar, da Dinastia do Mar, tirou proveito disto para encampar vastas zonas da Babilônia. A conclusão foi que os cassitas tomaram o poder.

Estes cassitas, com os quais Babilônia terá problemas por quatro séculos, acredita-se que fossem originários do Cáucaso, ao menos a julgar pelas poucas palavras conhecidas da língua deles, se bem que alguns outros vocábulos assemelham-se a dialetos hindus. Além de serem analfabetos, falavam um dialeto só deles. Assediados às costas pelos hurritas, uma parte deles vai para o sul, encontrando um lugar para ficar no Zagros — ao lado dos gútios — um pouco espalhados pelas planícies. Outros se estabeleceram em Babilônia onde, sob os últimos sucessores de Hammurabi, encontramos o aparecimento de alguns nomes cassitas, que engrossam as fileiras de mão-de-obra da cidade.

A uma certa altura, conseguiram fundar um reino deles mesmos, provavelmente nas imediações da cidade de Mari. Seu primeiro rei conhecido é Gandach (que significa “rei”), contemporâneo de Samsu-iluna, de quem também Babilônia teve de suportar as aspirações expansionistas, sendo atacada muitas vezes; todavia, estes ataques limitaram-se a alguns saques, apenas. Mas a fértil e riquíssima região era o seu sonho e continuará sendo o de todos os seus sucessores. Um sonho, é verdade, inspirado um pouco por uma espécie de mania, dado que Gandach logo se faz chamar “Rei das Quatro Partes do Mundo, Rei de Chúmer, Acad e Babel”.

Chegou o dia, enfim, em que os hititas, por razões internas, tiveram de renunciar a Babel. Do que restou do império de Hammurabi, apossou-se agora, sem verter uma gota de sangue, o rei cassita Agum II (cerca de 1520 a.C.). O sonho de Gandach finalmente se concretiza, através de seu nono sucessor, que pôde assumir, desta vez legitimamente, o título de “Rei dos Cassitas, dos Acádicos, Rei do Vasto País de Babel, Rei do País dos Gútios, Rei de Padan e de Aluan”.

Fascinado pelo esplendor da cidade, Agum II em primeiro lugar se preocupa em recuperar as estátuas de Marduk furtadas por Mursili. Parece que não poupou despesas e trabalho para poder resgatá-las e recolocá-las, com imensa satisfação, zelo e pompa no reconstruído Esaguila.

Os cassitas, atingindo o “centro de controle”, alojaram-se comodamente; o país se feudaliza, as grandes propriedades agrícolas se tornam feudos de nobres e generais. Se não tiveram condição de dar contribuições originais à civilização do país, seu mérito foi compreendê-la e absorvê-la totalmente. Seus documentos são escritos em acádico ou mesmo em sumério. Aqui e ali apenas se encontram algumas palavras cassitas, muito poucas para podermos entender de que língua se trata.

Deram um grande presente aos seus novos súditos, introduzindo no país o cavalo e organizando grandes rebanhos deles. Atrelado aos carros, esta será a nova e veloz arma de guerra.

Os sucessores de Agum II, não obstante o invejável bem-estar atingido, não repousaram sobre os louros, e mostraram-se gente de grande pulso. O rei Ulamburiach, por volta de 1490 a.C., reunindo seus carros e famosos arqueiros cassitas, dirigiu-se para o sul, destronou o último rei da Dinastia do Mar, Eagamil, e apossou-se efetivamente de todo o Chúmer.

Neste meio tempo não faltaram conflitos com o Elam e com Assur, mas o centro do mundo agora era o chifre esquerdo do “Crescente Fértil”, pelo que os acontecimentos em Babilônia, ou como a chamavam os cassitas, Carduniach, se tornaram episódios marginais e de importância apenas local. A política imperial conduzida pelo grande faraó Tutmósis III tinha feito do Egito a primeira potência mundial, cuja influência chegava à Síria, onde só os mitanni estavam em condições de opor qualquer resistência. Com os mitanni, uns vinte anos depois, Tutmósis IV firmará estreita aliança anti-hitita, esposando a filha do rei mitânico, Artatama.

Esta nova política de vastas alianças é prosseguida em grande estilo por seu sucessor, Amenófis III, a cujo harém eram agregadas princesas de todas as origens. O faraó volta-se também ao rei de Babel, Caraindach, o qual, lisonjeado, não encontrou nenhuma dificuldade em enviar-lhe uma filha, tanto que Amenófis pagou-a a peso de ouro, com o qual Caraindach construiu provavelmente um novo templo a Ichtar, em Ur.

Também o sucessor de Caraindach, Cadachman-kharbe, recebeu igual pedido do faraó e também se considerou lisonjeado, mas, além do ouro, pretendeu inclusive a filha de Amenófis. A resposta foi imediata: “Jamais a filha de um Rei do Egito foi dada a quem quer que seja”. Neste “quem quer que seja” resume-se tudo: Cadachman-kharbe podia até ser o Rei de Chúmer, Acad, Carduniach e de qualquer outro lugar, mas aos olhos de um faraó, e sobretudo aos de Amenófis III, que era então um verdadeiro imperador do mundo, continuava sendo um beduíno, ou, segundo a expressão dos egípcios, um “homem das areias”. Que ficasse, pois, em seu lugar.

Que o rei de Babel não estivesse à altura do faraó transparece nesta sua queixosa resposta à recusa recebida:

“Por que me respondes assim? Senão me permites esposar tua filha, és rei, e podes fazer o que quiseres; manda-me então uma bela mulher qualquer, quem poderá dizer: “Esta não é a filha de um rei?””

Para demonstrar-lhe mais uma vez sua própria soberana superioridade, e tentando não desgastar as relações, mandou enfim a Cadachman-

kharbe, junto com ouro, também uma “mestiça”, uma sua filha, mas nascida no harém.

Este parentesco logo deu os seus frutos. Não muito tempo depois, em Babel, chegaram mensagens subterrâneas de parte de vários príncipes de Amurru que pediam seu apoio para uma rebelião contra o Egito. Curigalzu I negou-a sem hesitar e apressou em comunicar ao faraó.

Este Curigalzu I, pelo que sabemos de fragmentos de uma inscrição, deve ter sido um soberano merecedor de todo o respeito. Escolheu para si o apelativo de “Rei da Totalidade, designado por Marduk”, e chamou Ichtar “A augusta Senhora que caminha ao meu lado”, mas, além disto, construiu a poderosa fortaleza de Dur-Curigalzu (atual Acarcuf, a 15 km de Bagdá) nas fronteiras da Assíria. Dedicou-se com fervor à restauração dos templos um pouco em cada lugar, mas sobretudo nas antigas cidades sumérias, Ur, Uruk e Eridu. Com uma afortunada campanha, conquistou também Susa, no Elam.

O equilíbrio internacional sofreu um sobressalto quando subiu ao trono do Egito o desconcertante personagem que foi Amenófis IV (1367-1350 a.C.) o qual, mudando seu nome para Akhnaton, só se apaixonou por problemas estéticos e religiosos, desinteressando-se totalmente do próprio império. Não se desinteressaram dele, porém, os países limítrofes, que logo se empenharam em preencher o vácuo de poder.

CAPÍTULO 10

O NOVO IMPÉRIO HITITA

A razão pela qual Mursili poria a perder Babilônia e quase todas as outras conquistas estava como de hábito nas brigas de família e da corte, que desta vez porém desembocaram em sangrentas tragédias que culminaram em seu assassinio por parte dos cunhados Khantilich e Zidantach.

Khantilich (cerca de 1529 a.C.) cinge em primeiro lugar a coroa. À sua morte, Zidantach, para evitar surpresas, fez massacrar todos os filhos, depois do que ficou tranqüilamente no trono por uns vinte anos, até ser assassinado pelo filho Ammunach; esta morte abriu caminho para novos massacres. Depois Huzzijach parece emergir com alguma possibilidade de sobrevivência, mas logo é derrubado pelo cunhado Telipinuch (cerca de 1500 a.C.).

A causa destes massacres é oriunda das rivalidades que a nomeação do rei, em relação à aristocracia, desencadeava cada vez entre os pretendentes. Telipinuch decide finalmente promulgar um decreto "antigolpe" com o qual era automaticamente sancionada a sucessão hereditária ao trono, de pai para filho. O Conselho dos Nobres era sua garantia e poderia julgar o rei se este cometesse delitos em família.

Não cremos que esta lei tenha surtido o efeito esperado, dado que à morte de seu promulgador o império hitita andou completamente arruinado; mas para nós é de extrema importância porque Telipinuch, no preâmbulo em que explica o porquê de sua reforma, narra tudo o que pudemos contar acima, de Labarna em diante.

Por cerca de uns cinquenta anos, só se têm notícias fragmentárias e por vezes contraditórias, fazendo supor que existissem duas ou três dinastias diversas. Mas é certo que o império hitita tinha voltado às dimensões iniciais, isto é, à enseada do Halys. As tribos dos cachei, que já tinham desalojado os hititas da costa do Mar Negro no tempo de Arnudach III, chegaram até as portas de Hattusa. Depois, sob Tudkhaliyach III (cerca de 1390 a.C.), estoura a tragédia final: os inimigos, surgindo de três direções, invadem o país, saqueiam tudo e arrasam Hattusa. A Tudkhaliyach só resta alguma província do planalto, arruinada.

Neste ínterim, o reino de Mitanni, que se tinha estendido muito depois da queda dos hititas, já havia sido obrigado a ceder algumas regiões a Tutmósis III e seus sucessores.

Suppiluliuma (ou Chuppiluliumach)

Aparece agora de improviso um dos grandes personagens da história antiga: Suppiluliuma (1380-1345 a.C.). Crescendo no triste período de desintegração do glorioso império hitita, na corte de Tudkhaliyach III, demonstrou bem cedo o desejo de combater e comandar, indo sempre ao lado do pai nas expedições contra os cachei, e se comportou com tal valor que o seu prestígio, em sua terra, chegou às estrelas. Isto não agradou muito ao legítimo herdeiro do trono, o primogênito Tudkhaliyach júnior que, aliando-se a outros irmãos, tentou eliminá-lo. Com isso, acionou contra si a terrível Lei de Telipinuch: descoberta a conjura, o príncipe hereditário e todos os outros da família que resultaram implicados de alguma maneira, foram condenados à morte e os menos envolvidos foram exilados para Chipre.

Suppiluliuma ficou sozinho a ajudar o pai na reconstrução de um reino, capaz ao menos de defender-se ao norte dos cachei, e ao sul do poderoso Arzava, aliado do Egito. No harém de Amenófis III havia também uma filha de Tarcunda-radu, rei de Arzava. Em 1380 a.C. Tudkhaliyach III morre, e Suppiluliuma (fig. 38) o sucede em perfeita calma e legitimidade.



Fig. 38 — Selo de Suppiluliuma.

Logo pôs mãos à obra. Dada no norte uma boa lição aos cachei, volta-se de súbito à parte oposta não só neutralizando Tarcunda-radu, mas também subtraindo-lhe toda a faixa setentrional de seu reino. A noroeste, estabelece relações amistosas — ao que parece, com Tróia.

Garantindo deste modo as suas fronteiras, reorganizou a partir de uma *tabula rasa* o poder interno, reconstruiu Hattusa (fig. 39), munindo-a de um impenetrável sistema defensivo e rearmou o exército. Isto feito, colocou o exército à prova, conquistando Isuva (1371 a.C.) nos limites do reino dos mitanni, cujo rei, Tuhratta, muito ofendido com esta iniciativa, cai com todas as suas forças sobre Isuva, expulsa a guarnição hitita e envia triunfante ao cunhado Amenófis III e à irmã Guilukhipa, como de hábito preciosamente anexada ao harém, uma parte do butim.

Guilukhipa logo depois morria, e o velho Amenófis, para não perder as vantagens daquela preciosa aliança, apressou-se a substituí-la por Taduhipa, filha de Tuhratta.

Mas a derrota de Isuva não abalara a segurança de Suppiluliuma. Foi um modo de avaliar suas forças com o fito de se dirigir contra um inimigo totalmente diferente e, acima de tudo, contra o reino de Mitanni, o único em condições de impedir-lhe o sucesso.

Revelou dotes diplomáticos incomuns que visavam aos poucos a isolar o adversário. Começou com a Quissuvatna (Cilícia), antiga aliada dos hititas e agora vassala de Tuhratta, conquistando o apoio de seu rei Sunassarra, reconhecendo-lhe o título de “Grande Rei” e dispensando-o da obrigação de vassalagem a Mitanni, mas, em verdade, atrelando-o ao seu carro. Quando Sunassarra morre, em 1367 a.C., sem herdeiros, a Cilícia muito simplesmente é anexada ao novo império hitita.

No ano seguinte, Supiluliuma se alia a Babel, desposando a filha do rei cassita, Burnaburiach II.

Enfim, se alia ao “Rei de Hurri”, Artatama II. Este feito exaspera ainda mais Tuhratta que, até agora apenas espectador, reage asperamente, declarando a guerra. Artatama II era, de fato, algo que Tuhratta não conseguia engolir: tratava-se de seu irmão.

À morte de Chuttarna II, pai de ambos, a corte conspirou para assassinar o primogênito Artassumara; tramou a fuga do segundogênito Artatama, que encontrou asilo em Assur; e ajudou o jovem Tuhratta a subir ao trono. Este deveria ser o “testa-de-ferro” nas mãos dos conjurados. Tuhratta, ao invés disto, assim que atinge a maioridade, afirma sua própria soberania apelando à lei de Telipinuch, que executa, mas a seu modo. Reunido o Conselho dos Nobres, processou os conjurados e condenou-os à morte; é claro que nem pensou em ceder o trono ao irmão sobrevivente, Artatama II, o qual, por ancianidade, seria o legítimo herdeiro. Este, para procurar impor-se, aliou-se a Assur.

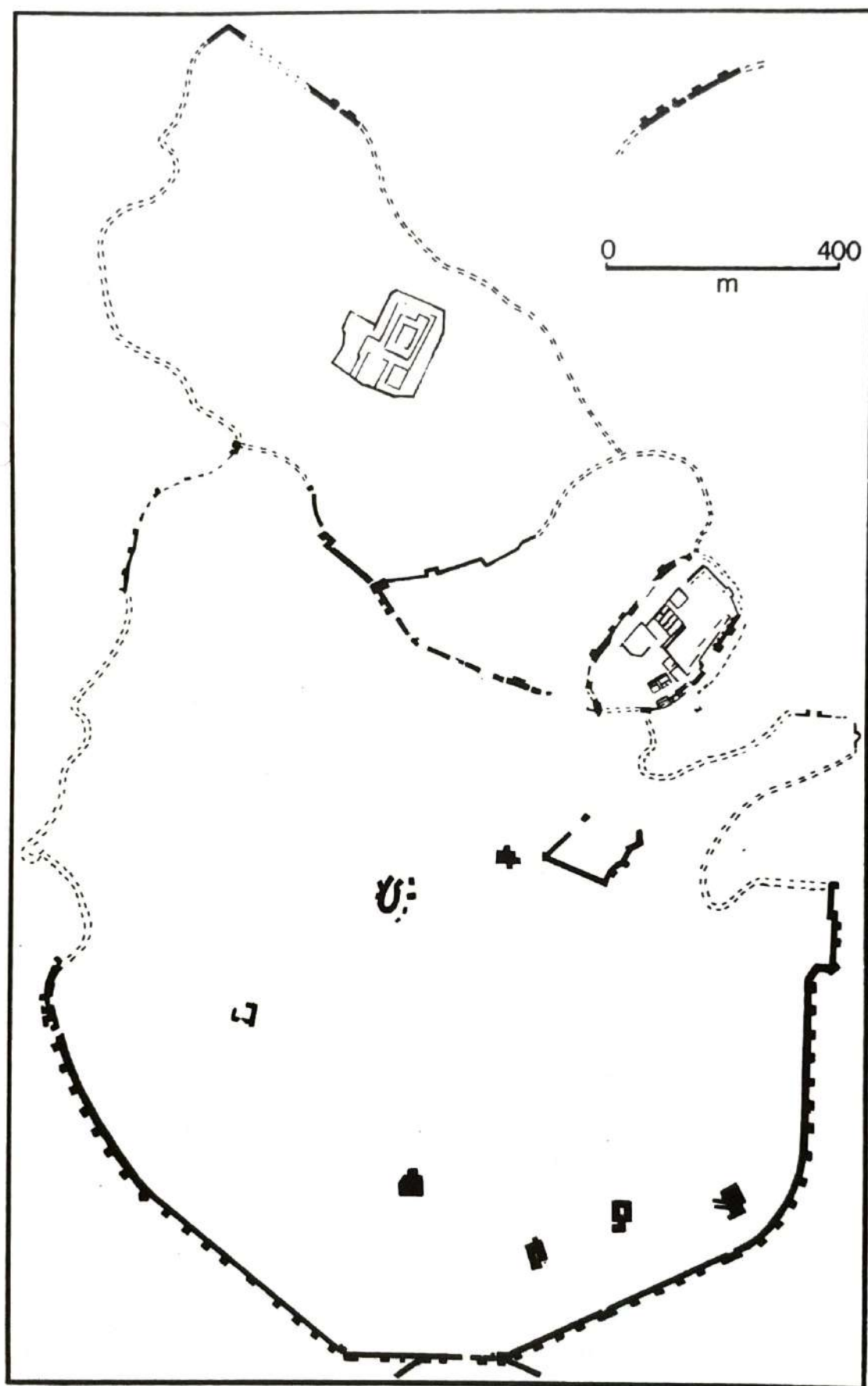


Fig. 39 — Planta da cidade de Hattusa.

A nova aliança com o astutíssimo Suppiluliuma pareceu a Tuhratta não só uma insuportável provocação, mas sobretudo uma ameaça aberta ao seu trono.

Recebida a declaração de guerra, o rei hitita vadeia o Tauro, invade o Amurru, e convida Tuhratta para a batalha. Este, porém, não se move e limita-se a pedir a intervenção do Egito, que finge ignorá-lo. Mas Suppiluliuma considera um risco demasiado entrar em choque aberto com um tal inimigo, e volta para Hattusa (fig. 40). Um resultado ele obteve: o prestígio de Tuhratta no Amurru foi irremediavelmente abalado.

O único impedimento que resta agora perante o reino mitânico é a aliança com o Egito, mas, nesta época, morre Amenófis III e o trono passa a Akhnaton, o intelectual totalmente indiferente às exigências dos aliados, inclusive Tuhratta. Na Síria, começa o fim de mundo: cada príncipe inexpressivo procura conquistar a cidade vizinha, enquanto os beduínos Hapiru saqueiam todo o país.

Suppiluliuma farejou logo o momento favorável, mas o prestígio do Egito era sempre tão grande que a prudência lhe sugeriu uma tática sutilmente refinada: segurar em Mitanni tudo o que era dos mitannis, e apoderar-se do que era do Egito servindo-se dos vários monarcas locais, sem intervir diretamente uma só vez (fig. 41).

Sem hesitar, logo põe em prática esta sua tática. Em 1363 a.C. reconquista Isuva; desce de novo sobre o Amurru; desafia novamente Tuhratta que, pela segunda vez, se esquiva. Irritado, Suppiluliuma dirige-se para Vachuganni querendo desentocá-lo, e como não consegue encontrá-lo, conquista a cidade. Tira vantagem desta posição também para tomar Alepo. Do outro lado das fronteiras, nos territórios sujeitos ao Egito, alia-se aos príncipes rebeldes. Os fiéis, intuindo o perigo, clamam em altas vozes e pedem desesperadamente a intervenção de Akhnaton, o qual nem sequer se preocupa em responder. A parte setentrional de seu império, a esta altura, está perdida. Tuhratta, que tinha se refugiado o mais longe possível, além da reputação, perde também a vida (1362 a.C.), por obra do filho, Curtisava, que o assassinou. Mas, desta vez, intervém Artatama II, que expulsa o filho desnaturado e neto usurpador, e cinge por fim a coroa que lhe cabia por direito.

O "Rei de Assur", Assuruballit I, tira proveito desta situação caótica para subtrair-se definitivamente à vassalagem do reino mitânico, repartindo-o com Artatama II, deixando a este só a parte ocidental, compreendida entre o Eufrates e o Khabur. Esta repartição é vista com bons olhos por Suppiluliuma, já que Mitanni não tinha mais nenhuma importância, mas ficava como um cómodo Estado-tampão entre ele e os belicosos assírios. Estes, orgulhosos com a reconquistada independência, entabulam relações diplomáticas também com o Egito, suscitando as iras de Babel que, não obstante tudo isto, continua a considerar o Subartu, se bem que platonicamente, de sua propriedade.

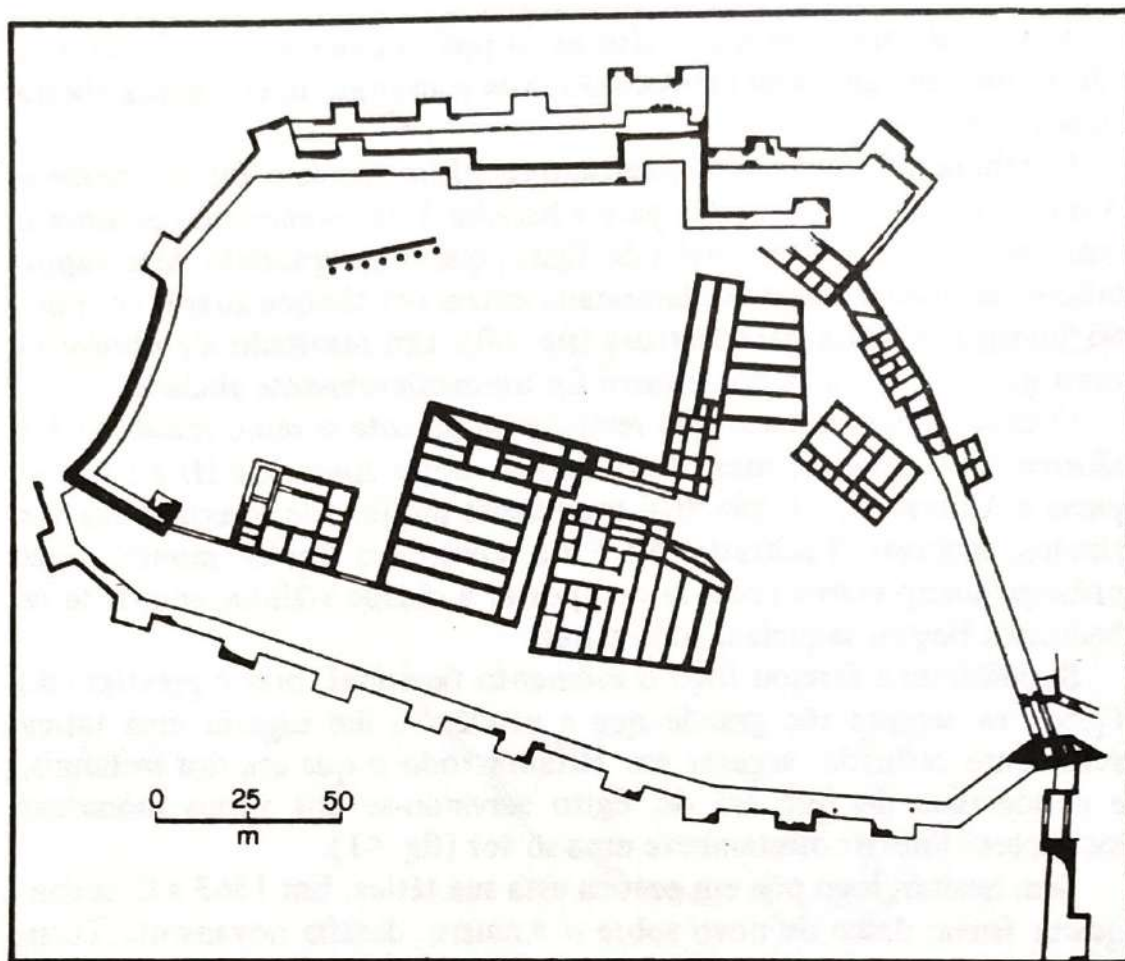


Fig. 40 — Hattusa: planta da cidadela.

Quando depois, com a morte de Akhnaton, lhe sucederam no espaço de dois ou três anos os rapazinhos Smenekhakaré e Tutankhamon, Suppiluliuma entendeu que nenhum dos dois teria condições de interferir, e assim obrigou vários príncipes de pequenos domínios — dos quais já se servira outras vezes — a enfileirar-se definitivamente a seu lado. O mais astuto e poderoso destes era Asiru, que tomou para os hititas Ugarit, Simira, Biblos; isto é, toda a Síria costeira e parte do Líbano.

Entrementes, em Vachuganni, morto Artatama II, subiu ao trono o filho, Chuttarna II. Mas, como de hábito, um primo tentou destroná-lo, Curtisava. Chuttarna reagiu em tempo, e tentou matá-lo, mas Curtisava conseguiu fugir aos sicários colocando-se sob a proteção de Suppiluliuma, em Hattusa. Ao mesmo tempo, os príncipes de Amurru, que não toleravam a vassalagem ao Egito, também não toleraram a vassalagem aos hititas, e começaram a agitar-se. Em 1350 a.C., Suppiluliuma enviou para lá, e desta vez em território inequivocamente sujeito ao Egito, ao menos no mapa, um corpo expedicionário com objetivos repressivos

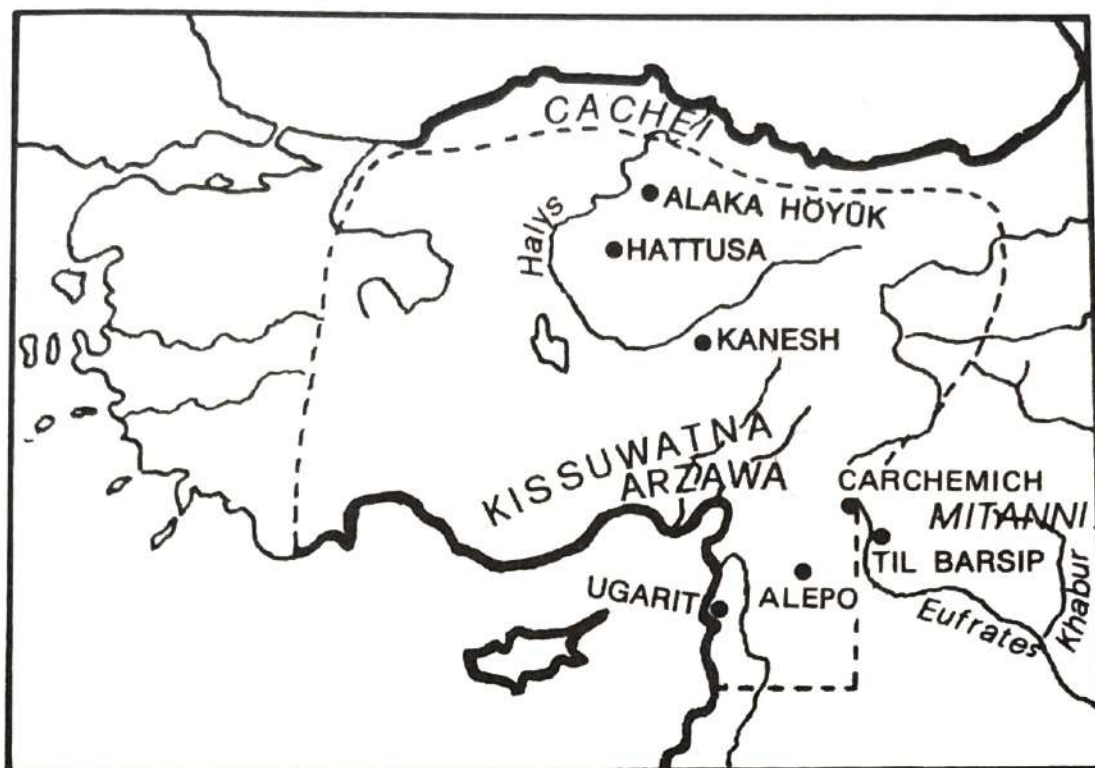


Fig. 41 -- O império de Suppiluliuma.

O Egito, nem mesmo sob este perigo, deu sinal de vida. Deram sinal de vida os indômitos cachei, mas receberam duríssima lição.

A última fortaleza de Mitanni, aquém do Eufrates, era Carchemich; um osso duro, seja militar, seja diplomaticamente. Em 1349 a.C. Suppiluliuma envia contra ela um grande exército sob o comando do filho, Telipinuch que, vendo ser impossível um ataque frontal, faz um cerco e retorna a Hattusa, deixando em Carchemich o general Lupakkhis.

Chuttarna II de Mitanni, farejando que a empresa visava colocar em seu trono Curtisava, envia um grande exército em socorro à cidade cercada, e desta vez até o Egito mobiliza um contingente. A situação de Lupakkhis se torna dramática e Suppiluliuma o tira desta enrascada enviando-lhe significativos reforços sob as ordens de um outro filho, Arnuvandach, que vence as tropas mitânicas, ao passo que Lupakkhis, livre de obstáculos, parte para o sul, à cata do exército egípcio.

Suppiluliuma, todavia, teme complicações; decide intervir pessoalmente para encerrar aquela questão de Carchemich, e toma o comando do assédio. Logo estava a ponto de apoderar-se do Egito.

É uma estranha história. À morte do jovem faraó Tutankhamon, por falta de herdeiros e com uma situação política assaz precária, sua inex-

periente viúva¹ enviou a Suppiluliuma, que se encontrava em Carchemich, uma carta na qual lhe pedia enviar um filho como esposo; o que significava que este se tornaria o faraó do Egito.

A coisa era tão despropositada que o rei hitita pensou ser uma brincadeira, ou, pior, uma cilada. Cauteloso e desconfiado como era, mandou fazer investigações; queria certificar-se da autenticidade da missiva; enviou embaixadores ao Egito e, obviamente, foi obrigado a perder preciosos meses.

Ao fim, seguro de que não havia conspirações e tragédias, feliz enviou ao Egito o filho Zannanza, mas já era tarde demais. Este desapareceu misteriosamente ao longo da estrada, enquanto ao trono do Egito subia o velho Eje.

Suppiluliuma, revoltado e indignado, pediu peremptoriamente satisfações ao Egito do assassinato do filho e desencadeou uma represália nas margens do que restava do império egípcio, fazendo um grande butim e um grande número de prisioneiros. Desta vez também não teve sorte: os prisioneiros enviados a Hattusa (fig. 42) eram portadores de uma peste, e Suppiluliuma deixou escapar uma ocasião que teria mudado o curso da história.

Em 1346 a.C. Carchemich se rende, Suppiluliuma entra na cidade, confirma nela o valoroso rei Pijassiles, ao qual pede uma renovação do juramento de fidelidade, e proclama oficialmente Curtisava rei de Mitanni.

Chuttarna II pede a intervenção de Assur, que mobiliza um exército a seu lado, mas Pijassiles e Curtisava juntos, escoltados pelos hititas, desbaratam o inimigo, entram em Vachuganni, onde Curtisava pode finalmente sentar-se sobre o tão desejado trono, enquanto o rei destronado se refugia em Assur, à espera de tempos melhores.

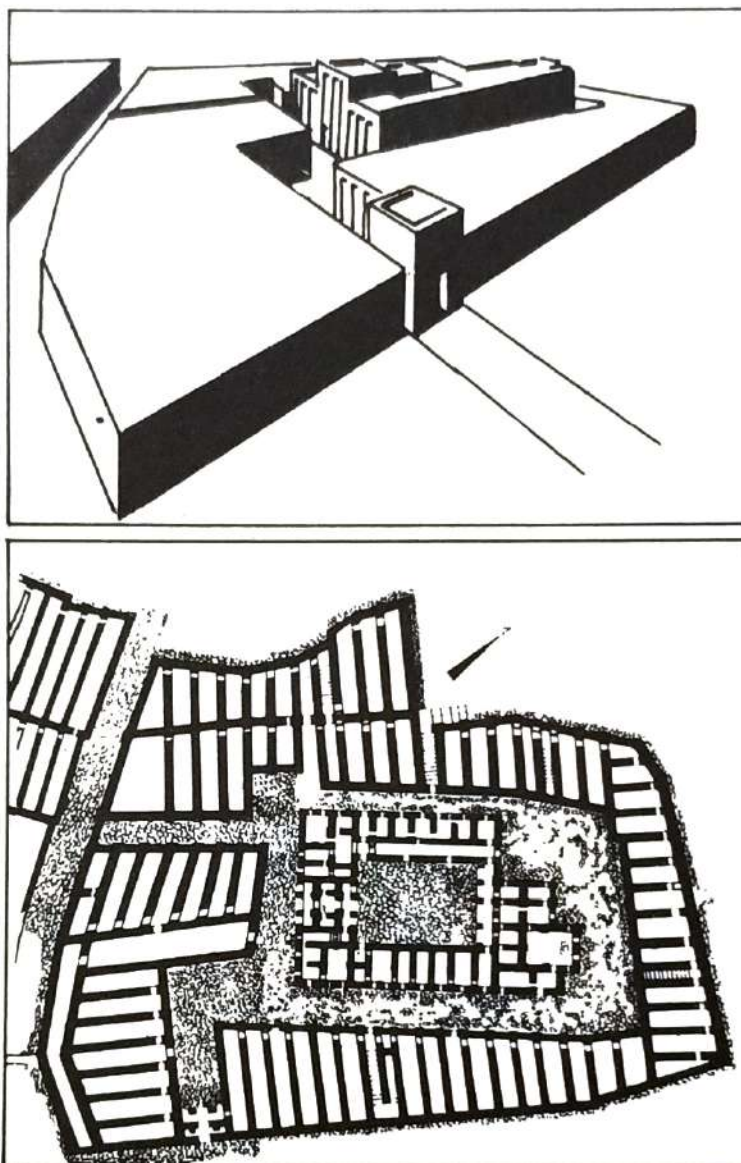
Suppiluliuma sabe que agora os seus mais temíveis inimigos são os combativos assírios, mas por hora dedica-se a consolidar as fronteiras setentrionais do império. Em 1345 a.C. morre doente, deixando o trono ao filho Arnuvandach II; este, doente também, morre ao fim de um ano. É sucedido pelo irmão, Mursili II.

Obviamente, todos esses eventos tiveram repercussões profundas também em Babilônia. Como o Egito não era mais um aliado com o qual poderia contar, Babel não tardou a aliar-se com o mais forte. Assim sendo, o seu rei Burnaburiach II desposara uma filha de Suppiluliuma, o que logo lhe permitiu desafiar o faraó. De fato, assim escreve a Akhnaton:

“Enquanto estive doente, desafoguei minha ira contra meu irmão (Akhnaton). Não sabias que estive doente? Por que não ergueste minha cabeça? Por que não enviaste embaixadores a informar-se da minha saúde?”

¹ Ankhesempaamon.

Fig. 42 — Hattusa:
templo do Deus da
Tempestade e armazéns
circunvizinhos.



Akhnaton não se preocupava nem com o que acontecia em sua própria casa, quanto mais com a saúde do rei de Babel. Mas quando por sua indolência ficaram desguarnecidas as vias de comunicação, e uma caravana babilônia dirigindo-se ao Egito foi depredada pelos hapiru na Cananéia, que estava em plena agitação, Burnaburiach, com razão, irritou-se, pedindo, sem meias-palavras, indenização pelos danos e reforçou a dose com uma frase que parece dirigida a cortar quaisquer relações:

“Fraternidade, amizade, aliança, são todas belas palavras que duram só enquanto são alimentadas por donativos de ouro, prata e pedras preciosas”.

que, evidentemente, não chegavam com a desejada frequência ou nem sequer chegavam.

Também com Assur Burnaburiach faz aliança por meio de um casamento de estado, dando a filha como esposa ao empreendedor rei Assuruballit. Tais ótimas relações consolidaram-se ainda mais quando o sucessor de Burnaburiach, Carakhardach, desposou uma filha de Assuruballit.

Para a dinastia cassita, a aliança com Assur foi a aliança mais determinante. De fato, quando Carakhardach cai assassinado em consequência de uma conspiração palaciana que levou ao trono o "filho de ninguém" Nasibugach, Assuruballit intervém em pessoa, como vingador da dinastia legítima, e, abafada a rebelião, consignou o trono ao irmão do morto, Curigalzu II (1343-1318 a.C.). Rei dos notáveis de sua dinastia, Curigalzu II em primeiro lugar reconstrói Dur-Curigalzu, então em ruínas, a fortifica e faz dela sua residência. Esta cidade fortificada estava situada na fronteira com a Assíria, da qual Babel pretendia a tutela, principalmente por temer seus objetivos expansionistas. Temor aliás bem fundamentado, pois que inclusive a intervenção de Assuruballit em favor do trono cassita visava fazer de Babilônia um protetorado da Assíria.

De qualquer forma, Dur-Curigalzu constituía uma provação que voltava à baila com a morte de Assuruballit. Entre Babel e Assur ocorreram confrontos e batalhas cujo resultado ignoramos, já que ambos os contendores atribuíram-se vitórias.

Os elamitas, sentindo-se por sua vez ameaçados por Dur-Curigalzu, consideram-se muito satisfeitos com estas rixas entre o norte e o sul, que permitem a seu rei Hurpatilla invadir Babilônia e conquistar Borsippa. Mas Curigalzu os enfrenta e consegue rechaçá-los, se bem que ao preço de sanguinolentos combates e, na crista da onda do sucesso, marcha sobre Susa, conquista-a e passa adiante.

Deste rei, porém, mais do que as empresas bélicas, recordam-se as grandes construções. Erigiu em sua Dur-Curigalzu vistosos palácios e um grande zigurate cujas ruínas, de 31 metros de altura e visíveis ainda hoje em Arcuf, são tão imponentes que não se duvidou, por séculos, que fossem as ruínas da Torre de Babel.

CAPÍTULO 11

O PERÍODO MÉDIO-ASSÍRIO

Neste meio tempo, com todo aquele movimento dos hurritas e outras tribos, também a região de Subartu tinha mudado de fisionomia.

Assur, enquanto durou o reino de Mitanni, teve de aceitar ser vassalo, mas não se conformou nunca. Por várias vezes tentou sacudir do dorso o jugo dos vizinhos, e uma destas vezes coincidiu com a página mais negra de sua história. Podemos reconstruir o que aconteceu lendo os anais do faraó Tutmósis III que nos contam que, ao encontrar as forças mitânicas a barrar-lhe o passo, colocou-as em fuga “como cabras sobre os montes”. Os anais não dizem qual foi o rei derrotado, mas com toda probabilidade foi Sauchatar (cerca de 1470-1440 a.C.). Talvez como consequência disto, Assur, com demasiada autoconfiança e na ilusão de reconquistar sua autonomia, rebelou-se abertamente. Mas suas premissas eram errôneas: de fato, Sauchatar precipitou-se sobre Assur (fig. 43), assediou-a, conquistou-a, abateu seus muros e voltou para Vachuganni, assoberbado com seus tesouros.

Vencida mas não domada, a irrequieta Assur continua a morder o freio também quando Mitanni e o Egito se aliam, desfrutando todos os sinais de afrouxamento dos controles, arquitetando obscuros movimentos com Babel ou com quem quer que possa fornecer-lhe ajuda. Sabemos que o príncipe Assur-bel-nichechu reconstruiu, sem fazer alarde, os muros de sua cidade destruída havia menos de vinte anos e que Assurnadin-akhekhe II (1403-1392 a.C.), como já se sabe, dirigiu-se diretamente a Amenófis III para obter o financiamento, suscitando a ira do feroz Burnaburiach II que se opôs aos dois. Assim, o faraó enviou a Assur vinte talentos de ouro¹.

O grande momento chega com a morte de Tushratta: o príncipe Ereba-Adad, aliado aos montanhese, invade a região de Mitanni, saqueia-a, chega a Vachuganni e retoma seus tesouros. A facção pró-assíria confia graciosamente a Ereba-Adad os notáveis da anti-assíria, que foram de imediato condenados ao suplício da empalação. Mas os hititas não aprovam, e se dedicam a restabelecer a situação anterior, sem, todavia, tocar em Assur.

¹ Corresponderiam aos preços de hoje a cerca de US\$ 2 milhões.

Assuruballit I

Morto Ereba-Adad, entra em cena Assuruballit, com um nome que já é um programa de governo: “Assur faz ressurgir”. Os mitanni não estão

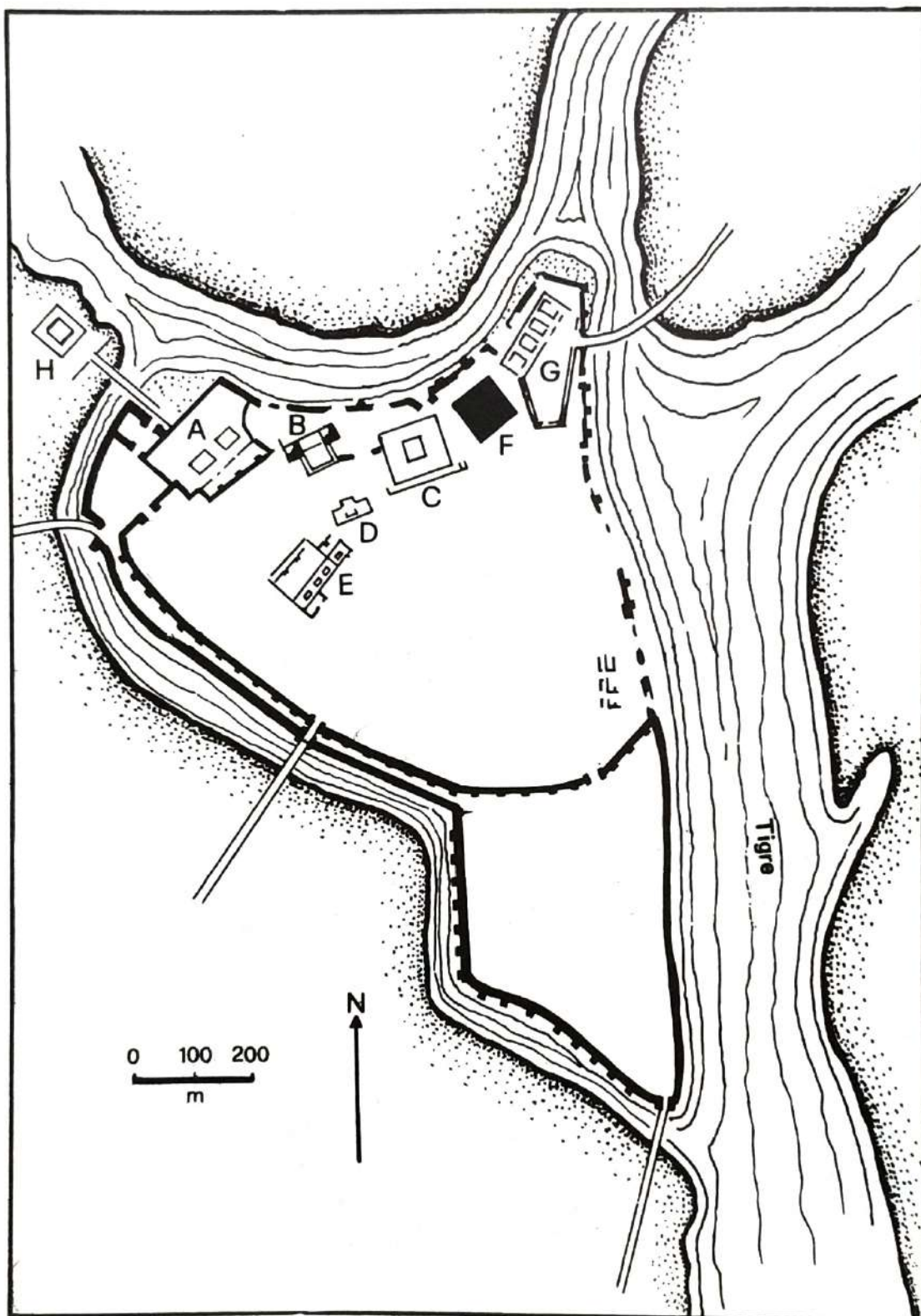


Fig. 43 – Planta de Assur. A – Palácio; B – Templo de Anu e Adad; C – Antigo palácio; D – Templo de Chamach; E – Templo de Nabur e Ichtar; F – Zigurate; G – Templo de Assur; H – Bft-Aqitu.

mais em condições de causar qualquer empecilho e o novo príncipe tem caminho livre.

Enquanto procura sólidas bases financeiras com frutíferas correrias naquilo que resta do reino mitânico, derrota os turuquis e, de vitória em vitória, chega a Urartu. A esta altura proclama-se oficialmente “Rei de Assur” e chama a seu próprio reino “Assíria”, deixando o velho nome de Subartu só para os territórios das fronteiras nordeste. Os babilônios, todavia, continuarão a chamar o país com o velho nome, que tinha, ao que parece, um significado não muito diferente de “Terra dos Caipiras”.

Assuruballit, dado que o Egito reconhecera seu título de “Rei da Assíria”, e como ninguém o contestava, pôde tranquilamente impor uma política de consolidação e expansão. Com Babel deve ter tido algumas escaramuças de fronteira, que, afinal, lhe permitiram retificá-las. Lemos numa de suas inscrições:

“O Rei do País de Carduniach, Carakhardach, e Assuruballit, Rei de Assur, com um tratado recíproco, espontaneamente (isto é, sem recorrer à força) juraram sobre suas fronteiras”.

O documento é assírio e, nas entrelinhas, intui-se claramente que Assuruballit não se considera minimamente um tributário de Babel, mas trata de igual para igual, como soberano independente, mesmo que, por pura formalidade, o rei de Carduniach é nomeado em primeiro lugar. E quando, como já sabemos, o assassinio de Carakhardach lhe oferece a atraente ocasião de intervir “legitimamente” nos negócios internos de Babel, as partes ficam invertidas e, de protegido, se transforma em protetor. Se esta era, pois, a realidade, o restabelecimento de Dur-Curigalzu não era uma provocação aberta, mas simplesmente uma necessidade defensiva. Não resulta, porém, que Assuruballit impusesse muito seu paternalismo sobre o jovem Curigalzu II. Um escriba assírio define Assuruballit como “Rei do Mundo”, ao passo que um seu colega babilônio atribui o mesmo título a Curigalzu. Mas, dos dois, o verdadeiro “Rei do Mundo” era considerado o primeiro.

Enlil-nirari (ou Bel-nirari, 1330-1320 a.C.)

Com a morte de seu protetor, Curigalzu II quer dar conteúdo concreto ao próprio título de “Rei do Mundo” e, considerando-se forte o bastante, pede peremptoriamente ao sucessor de Assuruballit, Enlil-nirari, a restituição de todas aquelas regiões de território limítrofe que Carakhardach deveria ceder à Assíria. Enlil-nirari responde negativamente e Curigalzu lhe declara guerra. Lemos na *Crônica Sincronística*:

“Enlil-nirari bateu-se perto da cidade de Sagagu sobre o Eufrates com Curigalzu o pequeno; derrotou-o, levou consigo os seus guerreiros, seu equipamento e

suas tendas; e da estrada que conduz a Carduniach até Subartu estabeleceram as fronteiras e concluíram uma aliança”.

E assim a Assíria encampou mais um belo pedaço de território.

Aricdenilu (1320-1308 a.C.)

O trono cassita, a esta altura, não causava mais preocupações ao sucessor de Enlil-nirari, Aricdenilu, e este dedicou-se a salvar a Assíria em suas fronteiras setentrionais. Batidos os turuquis, procede rumo nordeste, em Urartu, onde dismantela uma coalizão de cidades que tinham fundado um estado de nome Cutmukh. Depois se dirige para o sul contra as impertinentes tribos nômades, dentre as quais os sutu e sobretudo os akhlamu, cujo nome significa “jovens soldados”. Estes são novos hóspedes, indesejáveis, da Ásia Anterior. Provenientes do deserto arábico em ondas sucessivas, pretendendo mimetizar-se no deserto da Síria, instalam suas tendas nas zonas mais esquecidas e desoladas e a partir daqui, com rápidos ataques, saqueiam caravanas e as periferias das cidades. Muitos destes foram mais longe, estabelecendo-se na Palestina meridional: serão os futuros arameus.

Com Aricdenilu, começa a verdadeira crônica assíria: este soberano, tomando como modelo seus colegas hititas, deixou registros minuciosos das próprias empresas.

Adad-nirari I (ou Ramman-nirari, 1308-1276 a.C.)

Babel enquanto isso permanecia na sombra, até que o sucessor de Curigalzu II, Nasi-Maruttach (1318-1292 a.C.), homem bastante culto e enérgico, considera oportuno estender os próprios domínios de “Rei do Mundo”. Evitou cuidadosamente provocar a Assíria e dirigiu-se para o Oriente, onde, com uma série de campanhas vitoriosas, penetrou profundamente no Namri (Luristão). Mas, sobre as asas da vitória, lançou-se demasiado ao norte, onde não pôde de modo algum evitar defrontar-se com núcleos assírios. O *casus belli* explode, e como narra a *Crônica Sincronística*:

“Adad-nirari, Rei de Assur, e Nasi-Maruttach, Rei de Carduniach, foram à batalha um contra o outro perto da cidade de Car-Ichitar. Adad-nirari derrotou Nasi-Maruttach, colocou-o em fuga, apoderou-se de seu acampamento e dos seus deuses e o fez prisioneiro. Para estabelecer as novas fronteiras, foi estipulado um acordo que as fixava desde o País de Pilaz na margem oposta do Tigre (perto de Zab), da cidade de Arman-Acarsalli até Lulumei”.

É impossível saber exatamente quais eram estas novas fronteiras, dado que os lulumeus habitavam um território enorme, que ia do Eufrates superior até Arbela; mas é certo que Adad-nirari encampou uma grande fatia de possessões babilônias, que ao sul atingiam até Rapiqum, inclusive.

Garantindo a retaguarda com um par de expedições contra os montanhese, Adad-nirari volta as miras para os mitanni ou Khanigalbat, como se chamava agora o reino surgido sobre as ruínas do velho império; derrotou dois reis: Sataura I e Vasachata. Foi além, e conquistou Carchemich. Deve-se observar que tanto Khanigalbat quanto Carchemich estavam sob a soberania hitita, mas o rei Muvattali não achou que devia intervir (fig. 44). Reentrando triunfalmente em sua pátria, Adad-



Fig. 44 — Selo do rei Muvattali.

nirari reconstruiu *ex novo* Assur, construiu nela um suntuoso palácio, um enorme templo e um poderoso dique sobre o Tigre que ainda hoje existe. Depois reergueu uma cidade mitânica que tinha destruído, Taita, e escolheu-a como sede do governador de seu novo império do ocidente.

Enquanto isso, no Egito, dois grandes faraós sucessivos, Haremhab e Seti I, tinham colocado a ordem na política interna e reconsolidado suas possessões na Ásia. O jovem Ramsés II, mal colocado no trono, decidiu pôr fim à guerra contra os hititas, e retomar todo o antigo império, até os confins assinalados por Tutmósis III. Audacioso, à frente de mais de 20 000 homens partiu decididamente ao seu encontro e com a própria vanguarda atingiu Cadech, sobre o Oronte, onde acampou. Não percebeu, porém, que dentro dos muros da cidade estava a esperá-lo Muvattali, o qual, percebendo que o outro estava apenas com uma pequena patrulha, precipitou-se para cercá-lo e faltou pouco para capturá-lo. Foi apenas graças a uma resposta rápida que Ramsés II não perdeu a vida. Lutando como um leão, ao fim de um par de horas foi alcançado pelos reforços que vieram em seu auxílio. Ao cair do Sol a batalha terminou, sem vitorioso nem vencido.

As batalhas entre egípcios e hititas prosseguirão assim por uns quinze

anos e talvez Ramsés tenha conseguido ir mais ao norte de Cadech. Ao fim, constatando o desperdício de recursos, desproporcionado ao escopo e resultados, preferiu encerrar a briga e aceitar as ofertas de paz do segundo sucessor de Muvattali, Hattusili III (Khattusilich) ditadas por idênticas considerações e sobretudo pelas inquietações causadas pelo crescente poder da Assíria. Como de hábito, em penhor de amizade o faraó acolhe em seu próprio harém uma filha de Hattusili, a qual vai ao Egito para a faustosa cerimônia nupcial, junto com seus genitores e um séquito de umas 300 damas de honra.

Hattusili III agora podia agir livremente contra a Assíria e, reunidas as forças, empregou-as todas naquela direção. Retomou Carchemich e restabeleceu o Estado-tampão de Mitanni, ou Khanigalbat.

Salmanassar I (ou Chulmanu-Acharedu, 1275-1247 a.C.)

Filho de Adad-nirari, Salmanassar I, vendo-se privado da parte ocidental do império, logo se refez indo conquistar do lado oposto oito cidades de Urartu. Levou os filhos dos príncipes derrotados como reféns, para Assur, e os fez educar na corte.

Depois cumpre sua vingança contra os hititas com uma incursão em profundidade no território deles, arrasando o santuário de Arinna. Hattusili III, como resposta, tece uma fina rede de alianças anti-assírias com o rei de Babel, Cadachman-turgu, com o rei mitânico, Chuttarna III e com os akhlamu. Assim, quando Salmanassar se apresenta, reivindicando os próprios direitos sobre Khanigalbat, defronta-se com uma potência considerável. Somente o rei cassita não estava presente, porque, no melhor da festa, não respondeu à chamada.

A estratégia da batalha se revela surpreendente: os akhlamu ocupam todos os poços e os outros, com uma vasta manobra circular, obrigam o exército assírio a adentrar pelo deserto, encerrando-o num beco sem saída. Sem água, e atormentado por um calor mortal, Salmanassar, com a força do desespero, contra-ataca, rompe o cerco e desbarata a todos, levando consigo para Assur bem uns 14 000 prisioneiros. A Mesopotâmia do Norte passa toda às mãos assírias, e os mitanni desaparecem da história.

Quanto a Babel, o sucessor de Cadachman-turgu, Cadachman-Enlil II, receberá uma carta cheia de impropérios por sua defecção, assinada por Hattusili, que o tem como responsável pela incrível derrota. O grande mérito pelo não-envolvimento do rei cassita coube a seu astutíssimo ministro, Itti-Marduk-balatu.

Reconstituído o império, Salmanassar conduz uma guerra-relâmpago contra os gútios, e com a rica pilhagem reconstrói em Assur o grande templo destruído por um incêndio; erige em Nínive um novo templo a Ichtar e depois, a meio caminho entre as duas cidades, constrói a sua nova residência, Khalku (a Nimrod, encontrada por Layard), inaugu-

rando-a com grande pompa. E a partir daí desenvolve uma ação diplomática nas fronteiras hititas, com os quais estipula um tratado de paz. Os hititas, de fato, possuíam o ferro, e os segredos de sua fundição e, portanto, o monopólio absoluto deste metal no mundo de então.

Tuculti-Ninurta I (1246-1209 a.C.)

Em 1246 a.C. sobe ao trono de Assur um personagem enigmático, glorioso e trágico, Tuculti-Ninurta. Expedito, começou o reinado infligindo uma severa lição aos montanheseiros do Zagros que, havia pouco, tomaram a liberdade de ir saquear a planície tirando proveito de qualquer ocasião que se apresentasse, e a última ocasião que tinha aparecido era a morte de Salmanassar. Tuculti-Ninurta foi até eles, nas montanhas, para desentocá-los de seus povoados, que destruiu, e forçou-os a pagar tributo regularmente. Não obstante as boas relações com os hititas, as populações deslocadas sobre fronteiras incertas eram propensas a ultrapassá-las. O rei assírio penetra em território hitita e deporta “28 000 camponeses além do Eufrates”.

Depois se volta para os gútios impondo-lhes que entreguem um grande número de troncos de árvores para as suas construções.

Em Urartu, entre os lagos Van e Urmia, abre eficientes vias de comunicação e faz prisioneiros 43 príncipes de dúbia lealdade, libertando-os somente depois de tê-los empenhado com um novo e solene juramento de fidelidade perante o deus Assur.

Garantidas as fronteiras, deseja aumentar o reino. Dado que em Babel tinha estourado alguma revolta, Tuculti-Ninurta intervém e vence em batalha o rei Cachtiliach:

“Agarrei com as minhas mãos a Cachtiliach e subí com o pé em sua cabeça, como sobre um escabelo, e o levei prisioneiro e amarrado perante Assur, o meu Senhor”.

Conquistada Babel, põe sobre o trono um “testa-de-ferro”. A façanha foi cantada por um aedo de sua corte num poema de um milhar de versos, em língua babilônia e com tons enfáticos e propagandísticos, onde o rei cassita, naturalmente, afirma que:

“Agora os pecados cometidos por meu país tornaram-se graves por demais, e muito numerosas foram as minhas culpas; o justo castigo me arrebatou e a morte me abraçou”.

Os babilônios são descritos como belicosos, agressores e inimigos da paz, ao passo que os soldados assírios são todos envolvidos na aura da glória heróica, guiados por um rei com a coragem de um leão. Mas pouco depois Babel se rebela e derruba o rei-fantoches. Tuculti-Ninurta cai de

novo sobre a cidade, destrói seus muros, saqueia casas e templos e leva embora a sagrada estátua de Marduk, transportando-a para Assur.

Era um horrível sacrilégio: além disso, aos olhos dos assírios, Babel era considerada com reverência um “berço da civilização” e quase uma cidade santa. E, apesar de, com este feito Tuculti-Ninurta ter-se tornado também “Rei de Carduniach, de Chúmer e de Acad”, isto é, de toda a Mesopotâmia até Dilmun, logo percebeu que seus súditos assírios estavam muito mais indignados com o sacrilégio do que admirados pela grande vitória.

De caráter sombrio, e péssimo diplomata, Tuculti-Ninurta decide, a partir daquele momento, não mais mover nenhuma guerra. O que o antipatizou também perante a classe militar.

Tentou cativar o favor popular construindo em Assur um grande palácio e restaurando suntuosamente dois templos. Não teve sucesso; tanto que, desdenhado, abandonou a capital, fazendo construir para si uma nova residência cerca de 20 km mais ao norte, que chamou Car-Tuculti-Ninurta (atual Tutul-el-akr) e ali se trancou, afastando as últimas simpatias de que ainda gozava.

Em 1223 a.C. Babel, sob a insígnia do filho de Cachtiliach, Adadchum-ussur, que repeliu vitoriosamente uma incursão de elamitas, proclama a reconquistada independência.

O rei assírio, sempre desdenhosamente fechado em seu palácio, ordena ao mesmo poeta que havia cantado seus feitos, que escrevesse um hino em louvor de Assur, do qual invoca desesperadamente a ajuda, culpando pelo infausto evento os concidadãos, que desobedeceram à vontade do deus.

Mas doravante a segregação voluntária se transforma em cerco. Todos os descontentes, incitados pelos sacerdotes de Marduk, ativíssimos por toda parte, encontram um paladino no primogênito do velho rei, Assur-nadin-apli, que se põe à testa de uma espécie de cruzada contra o soberano sacrílego, e o assassina.

Em Babel, a notícia é recebida com grande júbilo e louvores solenes perante a nova estátua de Marduk (a antiga voltará ao lugar só depois de um século). A maldição do deus ofendido obteve o efeito esperado.

A figura de Tuculti-Ninurta tem vários pontos de contato com o legendário rei assírio Nino (Ninos), de que nos fala Diodoro Sículo, e que é apenas mencionado por Heródoto.

O deus Assur

A religião dos assírios não difere em nada da dos babilônios. Os deuses são os mesmos, apesar de, às vezes, se apresentarem sob nomes diferentes e com algumas modificações de importação hurrita ou anatólia.

Todavia, mitos, teologia e rituais são mais simples e, adaptando-se à índole guerreira da população, os deuses acabam acentuando suas carac-

terísticas belicosas como Ichtar, muito mais que deusa do amor, tornar-se-á ferocíssima deusa da guerra.

O deus Assur (ou Achur) merece uma discussão à parte, por não ser absolutamente conforme às normas das religiões mesopotâmicas. Nas redações assírias do *Enuma Elich* toma simplesmente o lugar de Marduk; mas o seu caráter é bem diverso. Antes de mais nada, não é, como todos os outros, nem um deus de proveniência cósmica, nem deus de uma cidade ou nação. É tão-somente Senhor e Padroeiro da antiqüíssima tribo de mesmo nome. Deus dos exércitos por excelência, guia as suas legiões e a vitória é sua, e não do rei. Seus acólitos lhe devem obediência absoluta, e o rei, por ele designado e eleito, nada mais é do que o dócil intérprete de seus comandos, os quais deve atender primariamente, sob pena dos mais graves castigos.

Em suma, extremamente análogo ao deus de Israel, que exatamente nesta época começa a fazer prosélitos na Terra de Canaã.

A decadência da Assíria

O assassinio de Tuculti-Ninurta assinalou o início de lutas internas, se não o fim do império assírio. Assur-nadin-apli, executado o parricídio, não soube depois fazer nada mais, mesmo porque reinou só quatro ou cinco anos (1209-1205 a.C.) e deixou o trono ao não menos inepto Adad-nirari III (1205-1199 a.C.).

Agigantava-se o seu colega babilônio Adad-chum-ussur (1223-1193 a.C.) que se permitia escrever ao rei da Assíria frases como: “Te é dado de volta o cérebro”, o que faz supor que Assur fosse de novo vassalo de Babel. Situação particularmente desagradável ao terceiro sucessor de Tuculti-Ninurta, Ellil-cudur-ussur (1199-1194 a.C.) que, reunidas as suas tropas, marchou para Babel. Adad-chum-ussur derrotou-o em batalha campal e tirou-lhe a vida. Depois do que as tropas assírias retiraram-se, acicatadas pelo inimigo até Assur, cujo estado de assédio cessou só depois do pagamento de um elevadíssimo resgate.

Sobre o trono de Assur foi posto Ninurta-apal-Ecur (1194-1181 a.C.) que, durante as desordens em sua pátria, estivera refugiado em Babel, da qual, evidentemente, permaneceu fiel vassalo. Ele, e depois o filho Assur-dan I (1181-1135 a.C.) preferiram sobretudo novas e grandiosas obras internas, mas não dispondo de meios financeiros adequados, deixaram-nas incompletas. Sabemos que Assur-dan demoliu, para reconstruí-lo maior e mais suntuoso, um templo na capital, mas depois não encontrou o dinheiro para encetar o ambicioso projeto.

Por cerca de trinta anos não se observam acontecimentos notáveis, e assim pode-se supor que a vida tenha se desenvolvido muito tranquilamente em Babel sob os fortes governos de Melichipak (1193-1178 a.C.) e de Marduk-apal-iddina (1178-1165 a.C.).

Enquanto a Assíria está inerte, Babilônia atinge grande prosperidade

sobretudo sob o segundo dos dois reis, ao menos a julgar pelo número de construções e restaurações de templos, e pelas significativas doações de extensíssimos territórios aos nobres. Mas estas têm um objetivo bem preciso: tais territórios se encontravam quase todos sobre a margem direita do Tigre, e Marduk-apal-iddina pretendia com isto garantir a absoluta fidelidade daqueles feudatários periféricos contra os intuitos sempre renovados do Elam, tido agora como o único e perigoso inimigo de Babilônia.

CAPÍTULO 12

O ELAM

O Elam é a região cujos limites podem ser traçados, para simplificar, entre o baixo Tigre e o Carun (antigamente Ulai), e ao norte com os montes da Média.

Seus soberanos se definiam como “Rei de Ancham e Chuchan” (Anzan e Susa), as duas principais cidades. Havia também uma terceira, Apirsi, hoje Mal Amur. Os sumérios a indicavam com o ideograma NIM, que se lia “Elamma”, e a Bíblia a chamou de “Elam”.

Desde suas origens, a população pode ser definida como mista: eram indo-europeus, semitas, sumérios, e também negróides. A língua parece aparentada a algum dialeto caucasiano.

Região montanhosa e fértil, banhada por vários rios, foi sede da mais antiga civilização de toda a Ásia Anterior. Por mais escassos que sejam os dados que chegaram até nós, é certo que em Susa, no IV milênio ou talvez ainda antes, a atividade artesanal já teria atingido um alto nível artístico, e a cidade podia ser comparada a uma espécie de Faença ou Sèvres, onde se coziavam vasos esplêndidos. Conheciam perfeitamente o cobre e o bronze, a ponto de forjarem armas excelentes.

A cerâmica de Susa é de uma beleza extraordinária e desta tirará inspiração a finíssima decoração persa. Interessantíssima é a progressiva busca de estilização geométrica, de onde nasceriam muitos símbolos, entre eles o que conhecemos hoje como “Cruz de Malta” (fig. 45), que representa simplesmente as cabeças de quatro cervos bebendo água na

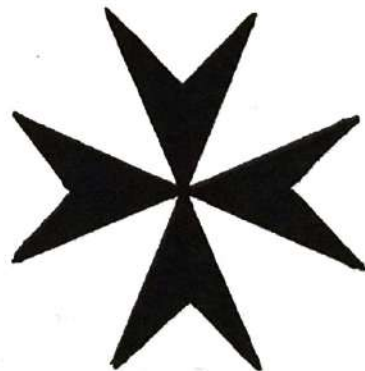


Fig. 45 — A “Cruz de Malta”.

fonte, vistos de cima.

Ao encontrarem os sumérios, as relações entre os dois povos logo se tornaram tensas e podemos nos entreter interpretando estes incidentes com base na arqueologia e na literatura.

Os sumérios abriram as hostilidades em primeiro lugar, expulsando de seu próprio território os poucos elamitas presentes. Com efeito, nas camadas mais profundas daquela região, anteriores à chegada dos sumérios, as escavações trouxeram à luz os vasos ditos do “período de El-Obeid”, que são em tudo similares aos de Susa, e que não mais serão encontrados.

Os elamitas, por sua parte, não perdoaram a afronta e vingaram-se com incursões freqüentes. Este evento pode significar o motivo da expedição de Guilgamech contra Khumbaba, admitindo-se que o poema pretenda falar do Elam.

Por fim, os elamitas conseguiram provavelmente conquistar e governar por um certo período algumas cidades sumérias, e aqui estaria a explicação daqueles estranhos tijolos plano-convexos usados comumente no Elam, mas não em Chúmer.

Depois a sorte inverteu, e o Elam é conquistado sucessivamente por Eannatum, Sargão, Naram-Sin e depois por Ur; com a queda deste, o Elam se acha de novo independente, mas obviamente perdeu muitas de suas próprias características originais em favor das culturas suméria, acádica e babilônia. Mesmo possuindo uma escrita própria, adotou a cuneiforme, e ao longo do arco de sua extensíssima história, seus modelos seguem cada vez mais os mesopotâmicos. Não obstante, continuou sempre um indômito e freqüentemente perigoso inimigo para todas as dinastias que se estabeleceram nas margens do Tigre e do Eufrates.

Por dois séculos e meio, de 1600 a 1350 a.C. aproximadamente, não há notícias de que o Elam tenha tomado iniciativas memoráveis. Pode ser que naquele período readquirisse uma fisionomia própria. Seus reis, de fato, parecem inclinados a uma política imperialista sustentada por ideais nacionalistas. Escrevem seus documentos em elâmico, inserindo apenas aqui e ali algum arcaico vocábulo acádico, e a julgar pelo pouco que se consegue ler, restabelecem a sucessão ao trono como originalmente, isto é, de irmão para irmão, e não de pai para filho.

Um rei, Khumban-numena, estende os próprios domínios até uma ilha do Golfo Pérsico e Quidin-Khutrutah, nos tempos de Tuculti-Ninurta, organiza duas grandes expedições à Babilônia, que foram encerradas com uma pilhagem. Em ambos os casos as invasões são repelidas, da segunda vez pela heróica reação de Adad-chum-ussur. Quem deu aos objetivos imperialistas uma reviravolta decisiva e um conteúdo concreto foi Chutruk-Nakhkhunte (1200-1164 a.C.), guiando pela primeira vez as suas tropas para a conquista de um grande número de cidades de identificação impossível no Irã, e depois voltando o pensamento ao sonho

incubado por milênios: a conquista definitiva de Babilônia.

O fim dos cassitas

O sucessor de Marduk-apal-iddina, Zababa-chum-iddina, reinou apenas um curto ano. Na *Crônica Sincronística*, lemos:

“No tempo de Zababa-chum-iddina, Rei de Carduniach e de Assur-dan, Rei da Assíria, este marchou contra o país de Carduniach e conquistou a cidade de Zabau Irria e Acarrallu, levando para a Assíria um rico butim”.

Apesar de estas “cidades” não serem senão grandes terras limítrofes do Zab e de tratar-se de simples incursão, bastaram para distrair a atenção do rei da Babilônia. O rei do Elam — que só esperava o momento propício — aproveitou a oportunidade e invadiu a planície, derrotou e fez prisioneiro Zababa-chum-iddina, chegou até Sipar e concretizou finalmente seu grande sonho de pôr fim à dinastia cassita.

Organizada a nova província de seu império, ali deixou como governador o seu filho, e voltou triunfalmente a Susa seguido por uma longa fila de carros carregados de butim e obras de arte, dentre as quais as duas famosas “Estelas de Naram-Sin e de Hammurabi”.

CAPÍTULO 13

A QUEDA DO IMPÉRIO HITITA

Com a morte de Muvattali, começaram as lutas dinásticas no reino hitita. O filho do rei falecido, Urkhi-Techup (1293-1286 a.C.) foi obrigado a dedicar grande parte de seu tempo a defender-se dos propósitos do tio. Este, preposto no governo das províncias norte-ocidentais do império, mantinha seu encargo com grande pulso; empenhou vitoriosas campanhas contra os cachei, mas acima de tudo procurou suplantar Urkhi-Techup, o qual, dando-se conta de que o tio procurava em tudo sublevar o país, diminuiu gradativamente sua autoridade, ou ao menos reduziu em muito o território que lhe fora confiado. O tio, indignadíssimo, reuniu as suas tropas, depôs o impertinente sobrinho, confinando-o numa ilha e lhe usurpou o trono com o nome de Hattusili III (1286-1260 a.C.).

Dele, já falamos. Soberano hábil, pôe fim às antigas questões com o Egito, garantindo para si, tanto quanto possível, um reinado tranqüilo.

Depois, tem início a lenta decadência; seu filho, Tudkhaliach IV (1260-1230 a.C.) mesmo conseguindo conservar intacto o império, e em paz com o Egito e Babel, foi obrigado a defender-se do invasor Tuculti-Ninurta, continuando a manter profícuas relações comerciais com a Assíria.

Mas o verdadeiro perigo vinha de muito mais longe. Os primeiros sinais foram notados num interessantíssimo relato de Arnuvandach III (1230-1210 a.C.), onde se diz que um príncipe vassalo "Madduvatach de Zipparla", agredido por "Attarchach de Ahkiya", teve de refugiar-se na Corte de Tudkhaliach que depois o recolocou em seu precário trono. Nada impede supor que este Attarchiach seja nada mais que Atreu, e que Akhiya ou Akhiyaua, como também é chamado, fosse um reino dos aqueus.

Madduvatach, esquecido dos benefícios recebidos e decidido a formar um seu reino independente, entrou em acordo com quem o depôs, isto é, com aqueles povos vindos da Europa, que adoravam estabelecer-se nas terras dos outros, e que os egípcios chamaram "Povos do Mar", genericamente. Eram um conjunto de estirpes ou tribos que vagavam pelo Mediterrâneo sobre velozes navios, dedicando-se à pilhagem das costas. Sabemos também os nomes de algumas destas gentes: aqueus,

mísios, sardos, lícios, sículos (ou sicanos), filisteus, dânaos. Jasão, com os seus Argonautas, havia alcançado o Cáucaso, destruindo a ferro e fogo algum porto hitita no Mar Negro, e o faraó Merenptah teve de repelir um desembarque dos "Povos do Mar" na Líbia. Os aqueus, naqueles anos, estavam assediando Tróia, sob o comando de Agamênon, filho de Atreu.

Poucos decênios mais tarde, esta coalizão sempre mais aguerrida se apresenta de novo, com uma importante força combinada de terra e de mar na fronteira oriental do Egito, onde é definitivamente dispersa por Ramsés III.

A partir deste momento, faz-se o silêncio sobre os hititas, exceto algumas vagas menções a um par de sucessores de Arnuvandach: Tudkhaliach V e Suppiluliuma II. De fontes egípcias sabemos que os "Povos do Mar" ao longo de seu caminho assolaram "Khatti, Alasia e Arzava", isto é, o império hitita, Chipre e a Anatólia meridional. Provavelmente o golpe de misericórdia foi infligido por frígios de um lado e urartianos de outro, ao passo que as populações em fuga encontraram abrigo na Síria setentrional. Aqui, darão vida à civilização neo-hitita que durará mais cinco séculos e terá, como principal centro, Carchemich. Os neo-hititas, abandonando a escrita cuneiforme, redigirão seus documentos em hieroglífico (fig. 46).

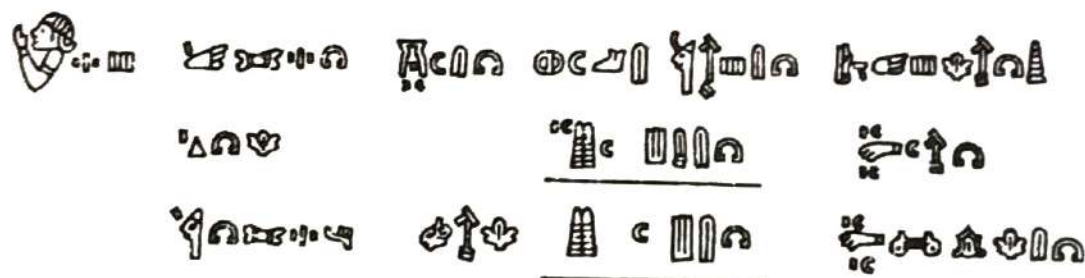


Fig. 46 — Escrita hieroglífica hitita (de Carchemich). O grupo de sinais sublinhado significa "rei".

A arte hitita

Alguns estudiosos falam de "arte hitita" apenas no sentido geográfico, isto é, da arte desenvolvida nos territórios dominados pelos hititas, enquanto a expressão — afirmam — de diversos grupos étnicos, entre os quais os lúvios, habitantes da Anatólia meridional, os hurritas, os amorritas, os babilônios, os assírios, além de algumas contribuições egípcias e miceno-cretenses.

Portanto, a arte hitita, em essência, não seria mais que uma manifestação provinciana da mesopotâmica, com acréscimos locais ou indo-europeus.

A assertiva, que de resto pode valer para as origens de quase qualquer arte, exceto a egípcia, tem bases verossímeis se referida ao período mais



Cabeça do rei Sargão (?)
proveniente de Nínive.
Bronze de 30 cm de al-
tura. Segunda metade
do III milênio a.C. (*Bag-
dá, Museu do Iraque*).



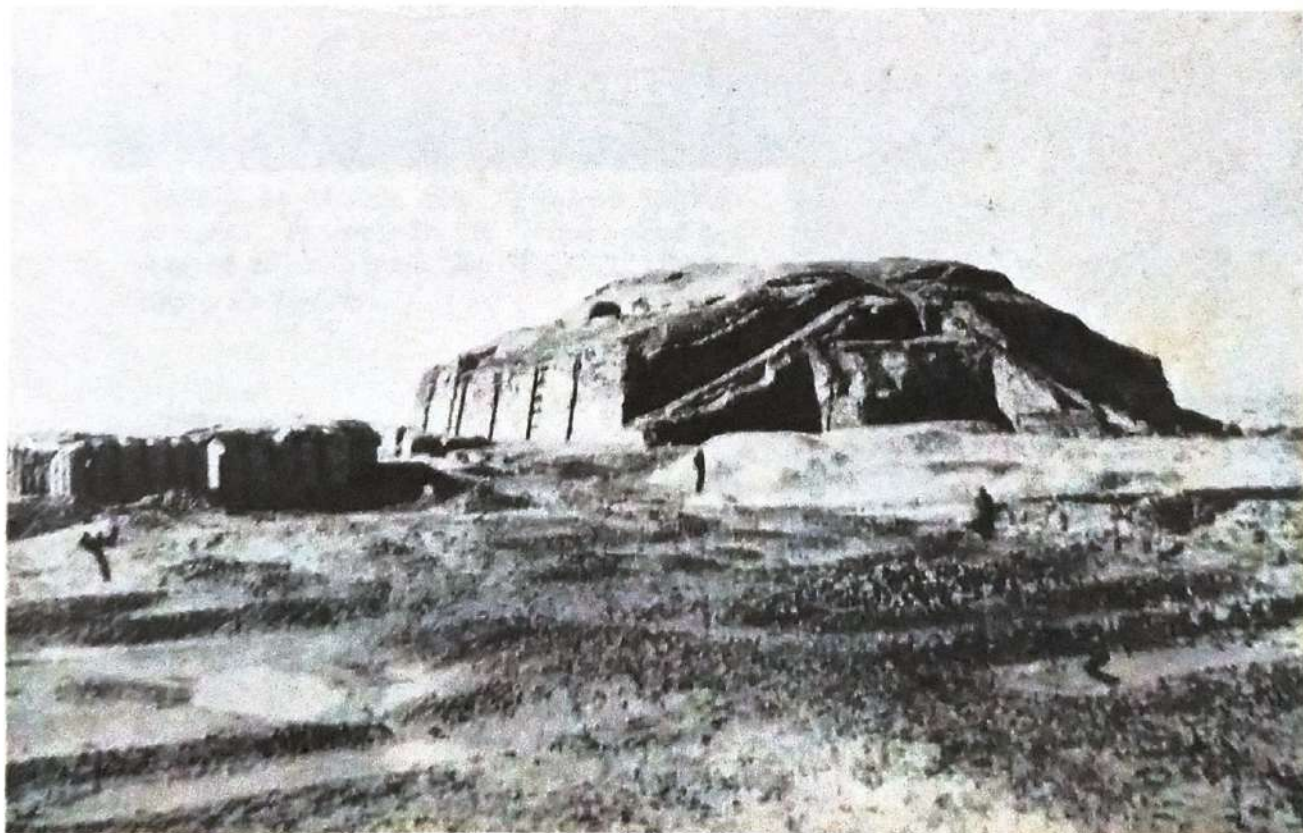


Impressão de um selo cilíndrico com o mito de Etana (4,5 cm de altura). Período acádico. Serpentina, segunda metade do III milênio a.C. (Berlim, *Staatliche Museen*).



(À esquerda) Estela de Naram-Sin proveniente de Susa, em arenito rosa (2 m de altura, 1,05 m de largura). Segunda metade do III milênio a.C. (Paris, *Museu do Louvre*).

O templo e o zigurate de Ur.





Suposto retrato de Gudea. Parte superior de uma estátua masculina proveniente de Telloh. Diorita com cerca de 74 cm de altura. Séc. XXII a.C. (*Londres, Museu Britânico*).



Estátua de Gudea, dita "pequeno Gudea sentado", proveniente de Telloh. Diorita, com 45 cm de altura. Séc. XXII a.C. (*Paris, Museu do Louvre*).

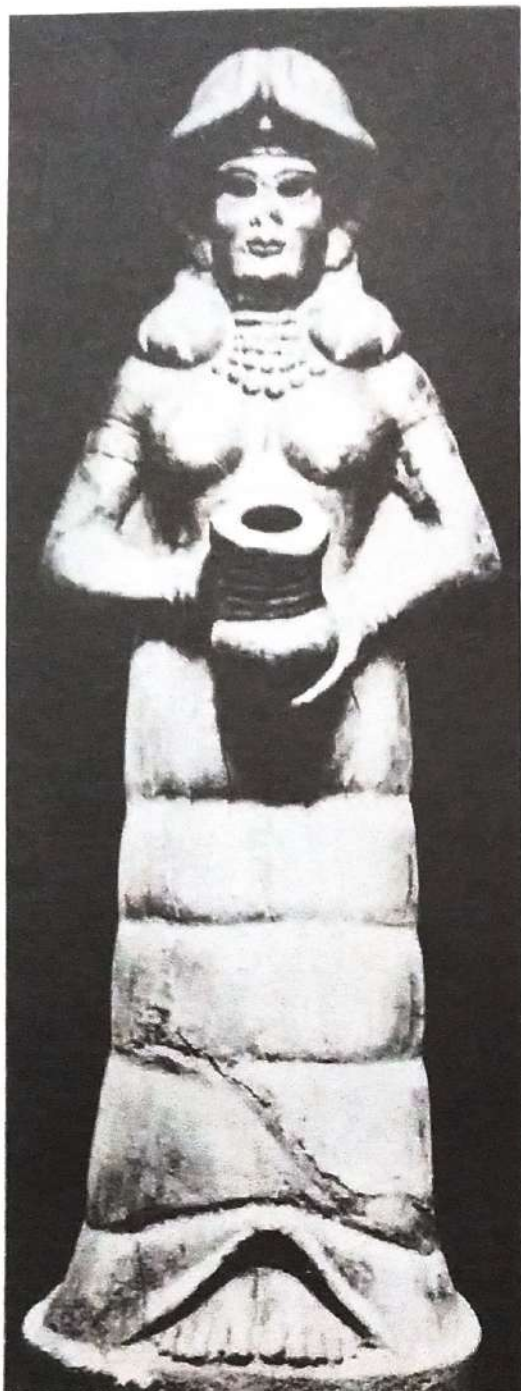


Estela com o código do rei Hammurabi, proveniente de Susa. Basalto negro com 2,25 m de altura. Início do II milênio a.C. (*Paris, Museu do Louvre*).



Suposta cabeça do rei Hammurabi, proveniente de Susa. Diorita de 15 cm de altura, séc. XVIII a.C. (*Paris, Museu do Louvre*).

Fiel ajoelhado; estatueta votiva oferecida ao deus Amurru pela vida do rei Hammurabi. Proveniente de Larsa, em bronze e ouro (cerca de 20 cm de altura); séc. XVIII a.C. (*Paris, Museu do Louvre*).

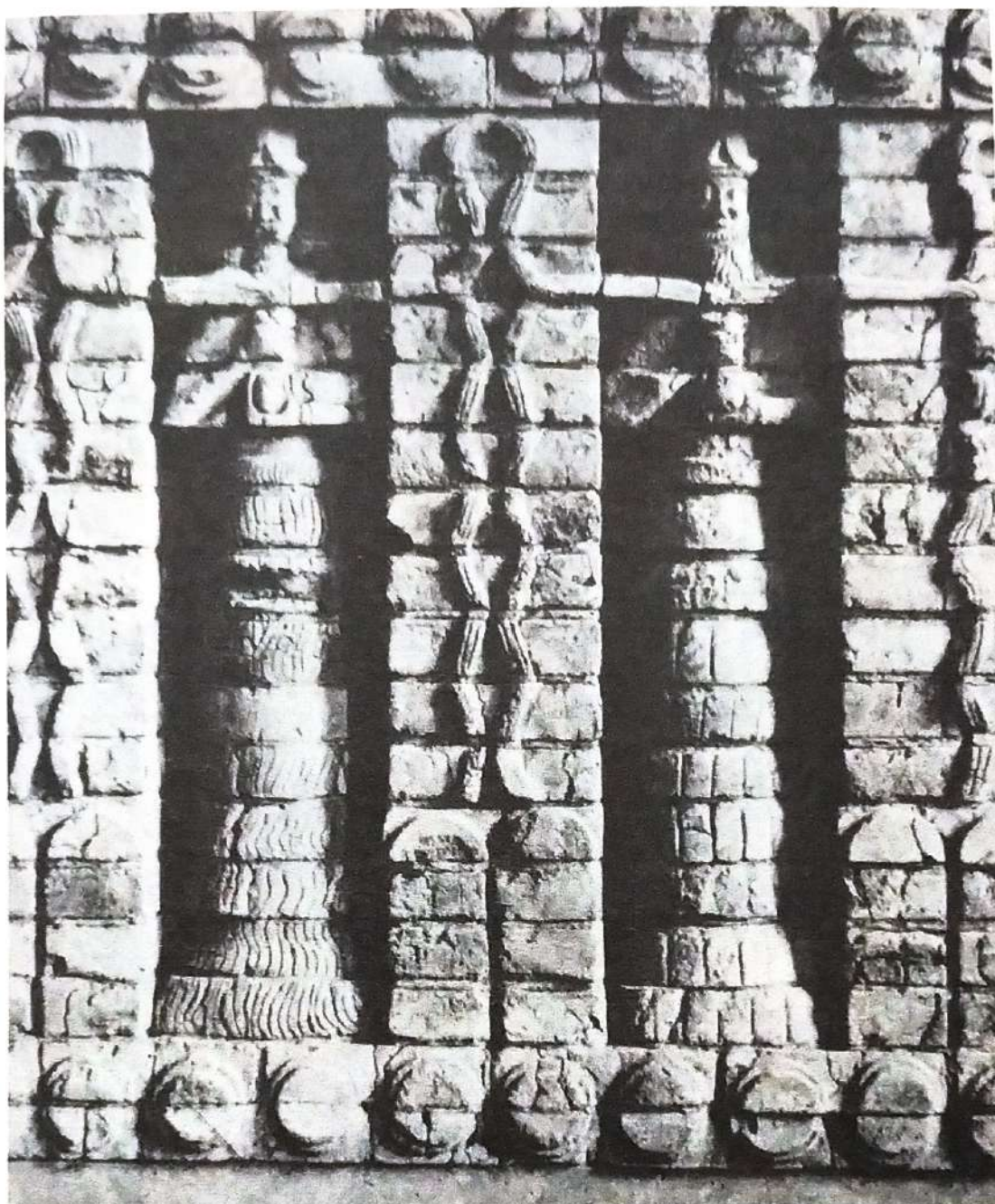


A deusa com o vaso que jorra, chamada "Deusa de Mari". Pedra branca, com cerca de 1.50 m de altura. Séc. XVIII a.C. (*Aleppo, Museu Nacional*).

Leão de bronze e pedra, colocado como guarda do templo de Dagan em Mari (70 cm de comprimento). Sécs. XIX a XVIII a.C. (*Paris, Museu do Louvre*).



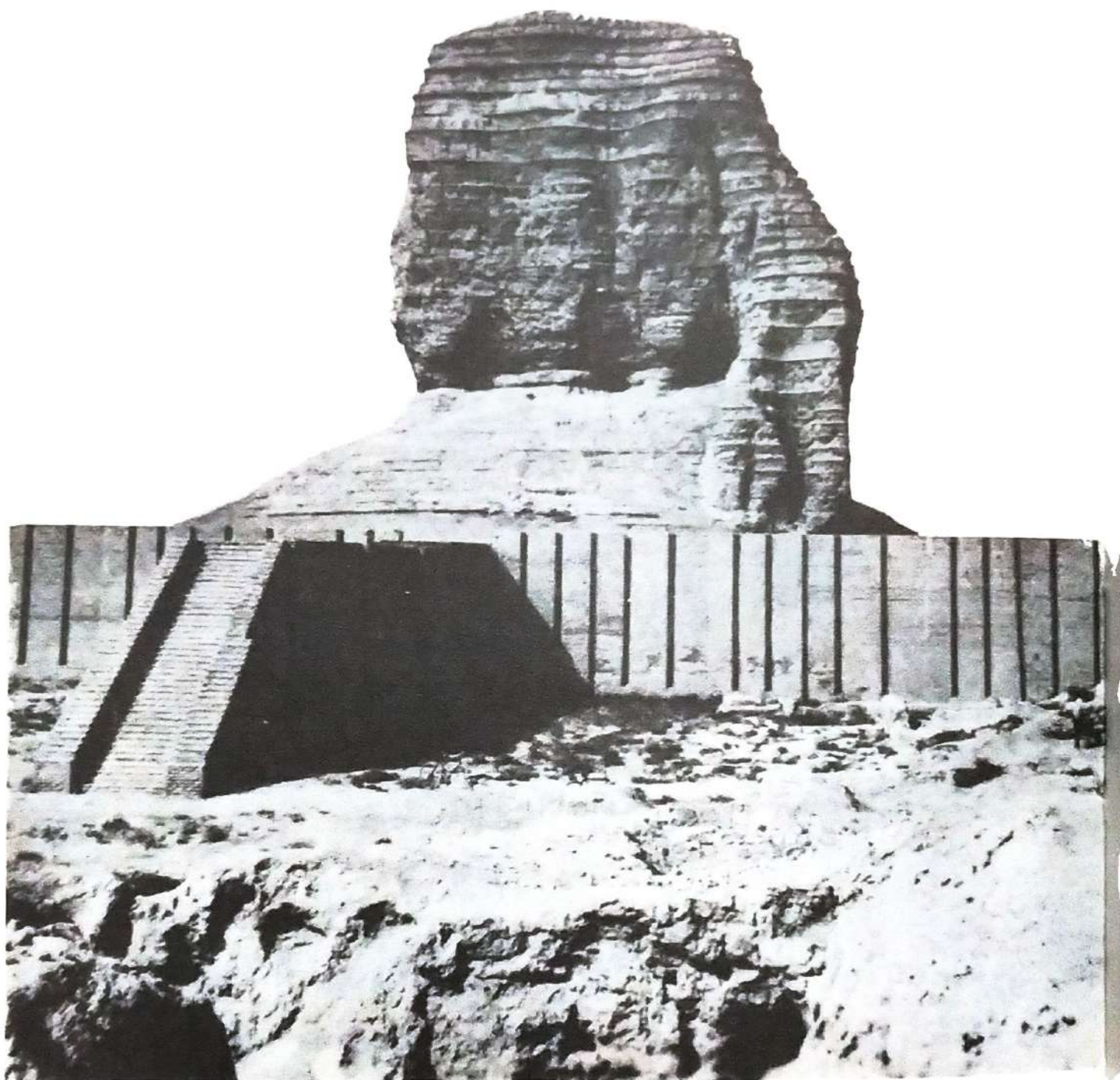




Decoração mural do templo de Caraindach em Uruk; tijolos cozidos (2,10 m de altura). Séc. XV a.C. (*Berlim, Staatliche Museen*).

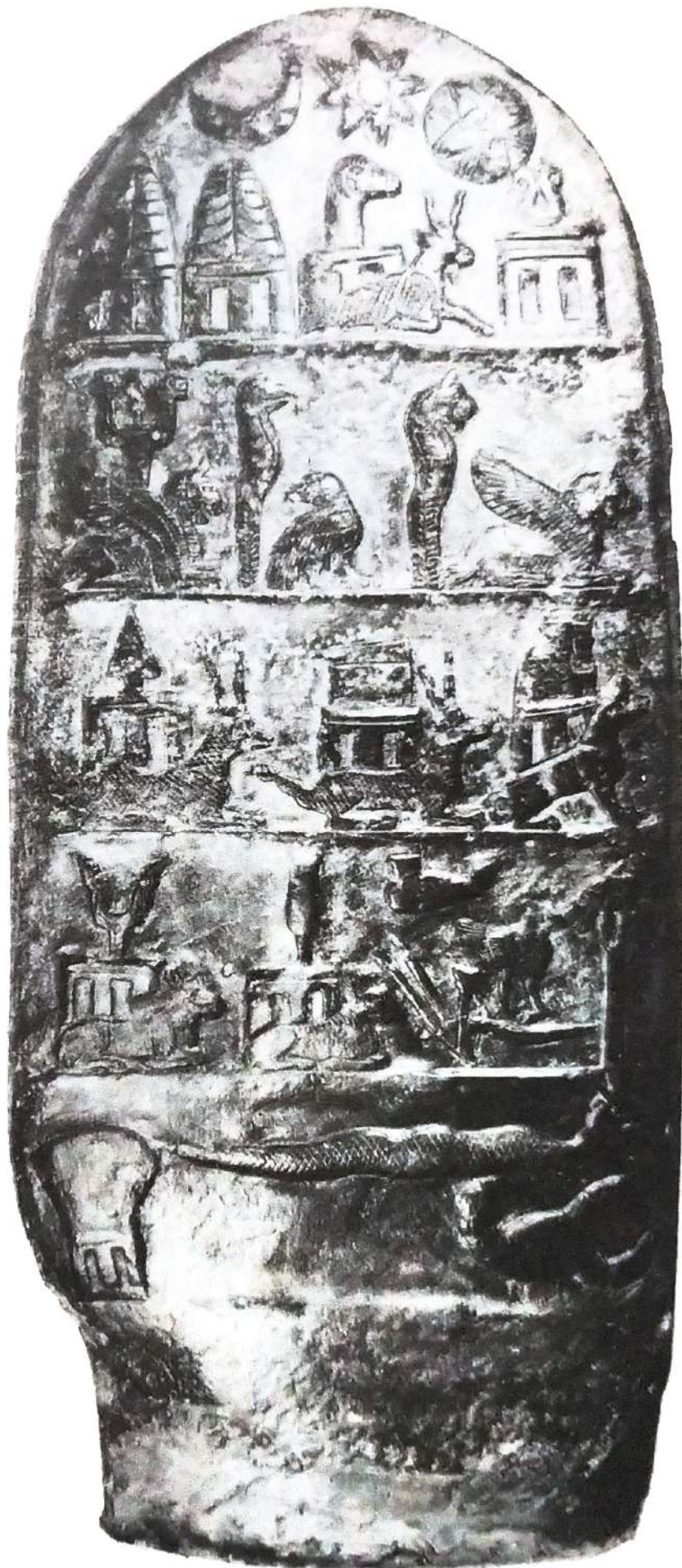
←

(*À esquerda*) Particular de uma pintura mural com cena sacrificial do palácio do rei Zimri-Lin, em Mari. Têmpera sobre gesso (altura total do fragmento: 80 cm; 1,35 m de largura). Início do III milênio a.C. (*Paris, Museu do Louvre*).



O zignore de Dur-Curigalzu (Akarcuf).

"Cudurru" de Meli-
chipak, proveniente
de Susa. Calcário ne-
gro de 68 cm de al-
tura. Séc. XII a.C.
(Paris, Museu do
Louvre).





A "Porta dos Leões" em Hattusa. A cidade, antiga capital do império hitita, era circundada por muros de cerca de 7 km de comprimento.

"Porta das Esfinges", em Alaca-Höyük.



Guerreiro hitita, proveniente de Hattusa. Relevo em basalto (2,13 m de altura).
(Ankara, Museu Hitita).

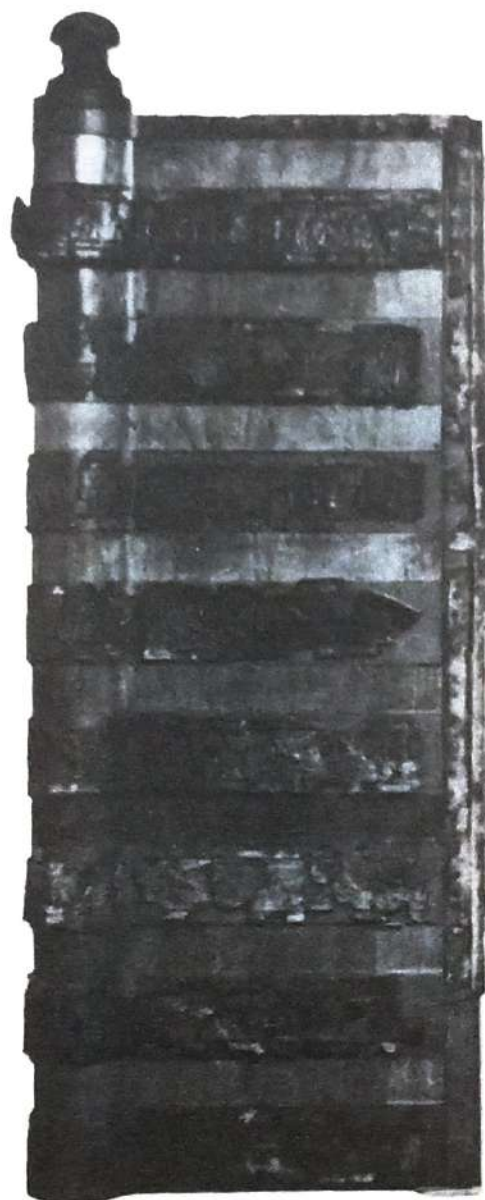




Seqüência de guerreiros hititas durante uma procissão. Escultura rupestre na zona sagrada de Iasilicaia.

O “altar” de Tuculti-Ninurta I em Assur, onde o rei é representado duas vezes em adoração perante o altar do deus Nuscu (57 cm de altura). Séc. XIII a.C. (*Berlim, Staatliche Museen*).





As "Portas de Bala-
wat" do rei Salma-
nassar III. revesti-
das com lâminas de
bronze. *Aos lados*, o
conjunto das portas;
embaixo, um detalhe
apresentando as tro-
pas ligeiras monta-
das em seus carros.
Bronze, com 28 cm
de altura. Séc. IX
a.C. (Londres, Museu
Britânico).





O "obelisco negro" de Salmanassar III, proveniente de Nimrod. Alabastro negro de 2.02 m de altura. Séc. IX a.C. (*Londres, Museu Britânico*).

Pequeno bronze de Man (Luristão), com cerca de 18 cm de altura, e 7 cm de largura; primeira metade do I milênio a.C. (*Teerã, coleção particular*).



antigo, o dos nechi, ou proto-hititas, que produziu obras grosseiras, se bem que não privadas de vivacidade. Mas, se nos referimos ao período imperial, devemos constatar que uma arte dos lúvios não existe, e nem dos hurritas, que deveria ser evidenciada sobretudo pelos mitanni. Quanto a Babel, sabemos que Hattusili III pediu emprestados ao rei de Babilônia dois escultores em fases sucessivas; mas nenhuma das obras encontradas na foz do Halys pode ser atribuída a um artista babilônio. Existem, ao invés disso, muitos pontos de contato com a escultura assíria, mas a arte hitita é indubitavelmente original e autônoma, se bem que um tanto simples e rústica, tanto que um fragmento hitita é imediatamente diferenciável de um assírio ou de quase qualquer outro.

A arquitetura é imponente e "imperial". As muralhas de Bogazcale evidenciam o grau de perfeição atingido na arte das fortificações. A escultura, ao menos aquela que nos resta, tem na maioria função arquitetônica, como os famosos leões da porta de Bogazcale e as esfinges de Alaca-Höyük, obras imponentes e originalíssimas que não têm similar em nenhuma arte das vizinhanças. Uma obra-prima é o guerreiro que guardava uma das portas de Hattusa, com cerca de 2 metros de altura, de perfeita execução (Museu de Ancara). Também interessantes são os relevos do santuário rupestre de Iasilicaia, nas proximidades de Hattusa, executados no tempo de Hattusili III e Tudkhaliach IV. Também aqui é evidente a autonomia criativa. Enquanto as representações egípcias análogas ou as mesopotâmicas são baixo-relevos, geralmente de pequena profundidade de gravação, aqui temos alto-relevos, onde as cabeças costumam ser esculpidas em todo o seu volume.

A arte neo-hitita será necessariamente muito mais influenciada por tradições locais, mas continuará a conservar uma fisionomia própria.

Os hititas foram também excelentes ourives, muito apreciados até pelos faraós, que enviavam metais preciosos para que fossem trabalhados em Hattusa. Algumas belíssimas cerâmicas e vasos de pedra confirmam a plenitude de sua maturidade artística, atingida em todos os campos, e seguramente também na pintura, mesmo que a respeito desta não nos tenha chegado nenhuma documentação.

Mas a maior glória dos hititas está em terem revolucionado a ciência e a experiência do mundo com uma desconcertante novidade: o ferro. Foram eles que inventaram o método de fundí-lo, conseguindo inclusive conservar longamente o segredo militar sobre as novas armas feitas com este metal. Com efeito, cabe a eles o mérito de ter posto fim à Idade do Bronze, abrindo caminho à Idade do Ferro, que durará até a tragédia de Hiroshima, ou seja, até a Era Atômica.

A arte babilônia de Hammurabi até o fim dos cassitas

Da arte babilônia deste período, se se excetuarem os selos e algumas cerâmicas, restam bem poucos testemunhos.

Da época de Hammurabi, além da famosa estela e outras pedras análogas, mas menos acuradas, podendo citar a bela cabeça em diorita (Museu do Louvre) que por certo é um retrato, quiçá do próprio Hammurabi (provavelmente, no entanto, deve tratar-se de obra elâmica, dado que só os artistas do Elam tiveram um acentuado senso plástico, particularmente no retrato), e uns poucos bronzes pequenos entre os quais destaca-se um fiel genuflexo (Museu do Louvre).

O período cassita é um pouco menos avaro. Restos de arquitetura testemunham uma intensíssima e constante atividade na construção civil. É notável a restauração ou reconstrução de velhos templos, como o zigurate de Ur, e a edificação de novas construções; dentre estas, o interessantíssimo pequeno templo construído em Caraindach (Uruk). Sua fachada é revestida com uma alta sapata toda decorada em tijolos, onde, numa série de nichos, encontram-se colocados alternadamente um deus dos montes e uma deusa das águas (Museu de Berlim).

Entre os portentosos restos de Dur-Curigalzu, existem também traços de pintura representando um cortejo de dignatários atarracados; junto com as de Mari, são as únicas pinturas que restam destes séculos.

Quanto à escultura, o período cassita é caracterizado pelos assim chamados *cudurru* postos a delimitar as fronteiras dos terrenos concedidos pelo rei aos súditos ou aos templos. Não são novidade, mas com a conotação feudal dada ao reino pelos reis desta dinastia, se multiplicam, e salvou-se um grande número deles. Não se pode propriamente falar de arte, sendo geralmente impróprio classificar entre as formas de arte marcos militares ou de fronteira.

Todavia, os *cudurru* oferecem alguns motivos de interesse cultural: sob a inscrição que atesta o ato de doação, há as maldições formais contra quem ousasse contestar sua legitimidade, violando as fronteiras, para cuja salvaguarda vigiam os deuses em pessoa, ali representados minuciosamente com seus atributos. Objetivamente, porém, alguns destes *candurru* apresentam características artísticas: por exemplo, os dois de Melichipak II, agora no Museu do Louvre, e provenientes naturalmente de Susa.

Os vestígios de atividade artística na Assíria oferecem atrações menores para observações de caráter artístico: uma bela base esculpida com a figura de Tuculti-Ninurta e os restos do palácio deste mesmo soberano em Car-Tuculti-Ninurta — onde se observam traços de pinturas inestimáveis — são as únicas descobertas a partir das quais podemos tecer conjecturas sobre os artistas assírios deste período.

CAPÍTULO 14

A CIVILIZAÇÃO MESOPOTÂMICA NO II MILÊNIO A.C.

Sob o cunho de Hammurabi, a cultura se desenvolvera constantemente, destacando a proeminência de Babel como capital espiritual e “farol da civilização” da Ásia Anterior.

Religião, ciência, direito, arte foram assimilados pelos outros povos circunstantes, mesmo que em medidas diferentes e com as diferenças surgidas pela manutenção de crenças próprias ou pela introdução de elementos marginais.

A dinastia cassita se colocou sempre como protetora da sabedoria babilônia, e não ficou só em palavras. Em Nippur funciona uma verdadeira academia suméria na qual se mantém viva a língua erudita dos antepassados, conservando e recopiando os textos e inscrições antigos.

A Assíria começa a abandonar o papel de satélite provincial da cultura suméria, acádica e babilônia, e procura uma expressão própria em harmonia com a sua índole belicosa.

A literatura

A escrita evolui, os sinais se adequam às mutações da língua, mas por causa do vício da origem, isto só faz complicar a leitura, tornando-a mais problemática. Torna-se indispensável a confecção de vocabulários, longos elencos de substantivos comparados entre objetos da mesma espécie, por exemplo: árvores, instrumentos, nomes de deuses se qualificam em suas respectivas categorias. A esta árdua sistematização atendiam institutos filológicos.

A Assíria segue as mesmas modificações independentemente e ao fim resultam duas escritas muito semelhantes, mas ainda assim distintas: uma assíria, a outra, babilônia. O Elam, adotada a escrita cuneiforme, a sistematiza para uso próprio, conservando, porém, alguns ideogramas originais.

O acádico-babilônio, na metade do II milênio a.C., assume tal importância que se torna língua diplomática e comercial internacional, como é hoje o inglês.

Uma interessantíssima tentativa foi executada em Ugarit (fig. 47), a atual Ras-Chamra, no norte da Fenícia. Dentre as várias centenas de sinais cuneiformes foram escolhidos ou inventados trinta, dando-se a cada um valor diferente, mas fixo e monofônico.

Não estamos em condição de saber se é imitação de um alfabeto fenício já existente, ou uma surpreendente invenção. De qualquer forma, continua sendo o mais antigo testemunho de uma escrita alfabética completa.

	a		h		y		s		q
	i (e)		w		k		ā		r
	u		z		l		gh		sc
	b		hh		m		p		zh
	g		kh		n		ss		t
	d		tt		s		tth		th

Fig. 47 — O alfabeto de Ugarit.

O mito de Adapa

Continua, enquanto isso, a reelaboração das vetustas lendas sumérias, dentre as quais a mais conhecida é o *Mito de Adapa*, considerado literariamente tão perfeito que foi até traduzido para uso das escolas do Egito:

Ea (ou Enqui) tinha procriado um filho, Adapa, infundindo-lhe toda a ciência e sabedoria, mas não a imortalidade. Na qualidade de seu sacerdote no templo de Eridu, Adapa trabalhava como cozinheiro-mestre e camareiro de seu pai, oferecendo-lhe todos os dias alimentos e bebidas prelibadas.

Um dia, aborrecido com o vento sul, Adapa o aprisiona e despedaça suas asas, impedindo-lhe destarte de soprar. O deus Anu o convoca para que dê conta do mal feito. O sábio Ea, então, aconselha a seu filho sobre o melhor modo de comportar-se para se esquivar à condenação. Adverte-o que Anu, como castigo, lhe oferecerá o pão e a água da morte; ele que se previna contra alimentar-se. Por outro lado, aconselha-o a apresentar-se perante o tribunal vestido de luto. A Tammuz (ou Dumuzi) e à sua mulher, Guichzida, que lhe perguntarão o porquê dessa triste vestimenta, deverá responder: "Estou de luto pela morte de Tammuz e Guichzida". Adapa obedece, mas o êxito é superior a qualquer expectativa: Tammuz e sua mulher ficam tão comovidos que logo se voltam para Anu, e tanto intercedem em favor do incriminado que o deus, ao acolhê-lo, oferece-lhe o pão e a água da vida. Adapa, seguindo o conselho do pai, recusa, perdendo assim a excelente ocasião de obter a imortalidade.

A religião

As escolas teológicas estão empenhadíssimas em duas frentes: de um lado, faz-se necessário simplificar o imenso panteão, recorrendo ao sincretismo, tentando reduzir o número dos deuses e especificando que muitíssimos deles não são, na realidade, mais que expressões diversas de um mesmo deus.

De outro lado, é cada vez mais necessário disciplinar meticulosamente o culto em todo o país, indicando exatamente quais são os deuses menores para com quem se deve mostrar reverência. Para citar um exemplo, no grande templo de Marduk em Babel, não se adorava apenas Marduk, mas também sua mulher, seu filho Nabu, a sua família, toda a corte, os ministros, os servos, e por fim, seus quatro cães de caça. Uma lista longuíssima. E para fazer a coisa em regra, acontecia que em todos os templos em honra de Marduk, espalhados pelo reino, deviam ser adorados precisamente os mesmos personagens, mesmo os cães, e a estes templos se enviavam “pergaminhos” com listas escrupulosas. Era responsabilidade dos sacerdotes prover de modo que não se esquecesse de nenhum.

O prestígio de Marduk está no ápice. Não só é o mais importante deus da Babilônia, mas até na Assíria conta tantos prosélitos quanto Assur, deus dos militares. Tuculti-Ninurta não percebera este fato, e assim adquirira a inimizade de um vasto setor da opinião pública.

O templo continua a ser um forte centro de poder religioso e financeiro. Em cada cidade há pelo menos uma dúzia e à cabeça de cada um está o Sumo Sacerdote (o Enu) com a mulher, também sacerdotisa (a Entu). O Enu é acima de tudo administrador do imenso patrimônio do templo e é coadjuvado por numerosos sacerdotes chamados geralmente, de Changu, significando mais ou menos contador ou atuariário, e subdivididos em categorias segundo as funções: *Achipu* (exorcistas; magos); *Baru* (adivinhos, profetas); *Calu* (cantores, músicos, carpideiros).

Também eram alentadas as fileiras das sacerdotisas, na maioria as esposas dos Changu, e das prostitutas do templo, ou sagradas (e eventualmente, dos prostitutos, também).

A vida econômica

Rios e canais são as principais vias de comunicação. O Eufrates é a grande “superestrada” que une os dois mares. Às caravanas de asnos — o camelo ainda não estava em uso — eram confiados os percursos por terra. Sobre estes itinerários se desenvolvia um muito intenso comércio, talvez o principal recurso de Babilônia e Assíria.

Babilônia podia considerar-se, como o Egito, o país mais rico do mundo, e os reis cassitas, continuando as grandes tradições da III dinastia de Ur e de Hammurabi, aumentaram sua prosperidade. O prestí-

gio de Babel é tal que pode permitir-se enviar as próprias caravanas por toda parte, sem escolta, reservando-se, em caso de ataques de salteadores, o direito de ressarcir-se do dano exigindo indenizações dos países responsáveis. No séquito das caravanas estão constantemente em viagem embaixadores e homens de negócios que se deslocam de cidade em cidade estabelecendo negócios ou relações diplomáticas.

Babilônia exporta produtos alimentícios, cordoalha, lã, gado, manufaturados, roupas, selos e cavalos (que eram caros como carros de luxo). Havia grandes rebanhos eqüinos: "Em Babilônia — escreve admirado um rei hitita — há mais cavalos que palha". Como pagamento era preferível o ouro, mas qualquer outro material, também, de que aquela região carecia: outros metais, pedras, madeiras.

A outra enorme riqueza era constituída pela agricultura. A irrigação, iniciada pelos sumérios e nunca interrompida no decurso de dois milênios, estendeu-se a todas as regiões, tornando-as extremamente férteis. Os principais produtos eram: cevada, sésamo, trigo, tâmaras.

Um grande recurso subsidiário era a tamareira, boa para todas as aplicações: as tâmaras podiam ser comidas frescas ou secas, podiam ser conservadas no óleo, extraía-se sua substância açucarada para doces e tortas; fazia-se com ela uma espécie de vinho e as sementes serviam como combustível.

A cerveja era a bebida nacional, de grande consumo. O vinho, praticamente todo ele importado, era muito caro.

O peixe, especialmente em Chúmer, era abundantíssimo. A carne bovina era considerada prato de luxo, sendo mais econômica a ovina (cabras e carneiros) e a das aves (patos, gansos, patos selvagens). Parece que os galináceos eram pouquíssimo difusos.

O povo comia sobretudo cereais e peixe, e carne só nas grandes ocasiões e festas, isto é, de cinco a seis vezes ao ano. A refeição principal era o desjejum, quando toda a família despertava.

Ao lado das grandes propriedades dos templos e feudatários, existia na Babilônia a pequena propriedade agrícola, avaliada com base na sua extensão. Na Assíria, menos fértil, a avaliação se baseava, ao invés, na necessidade de sementes em um biênio.

A família

A família é, como em toda parte, o nervo da organização social. Está em vigor a monogamia; os filhos são tutelados pela lei, mas só se legítimos, ou legitimados. Os genitores exercem plenos poderes sobre os filhos, podem opor-se ao seu matrimônio, mesmo que maiores de idade e podem mesmo oferecê-los como garantia no ato de empréstimos.

Do eixo hereditário estão excluídas as filhas, que recebem o dote do esposo prometido, o qual, basicamente, a compra, impondo também condições, a seu bel-prazer.

Não é só essa a discriminação entre homens e mulheres. Diferentemente do Egito, onde na prática vigorava a total paridade dos sexos, em Babilônia, e sobretudo na Assíria, a mulher vivia em estado de clara sujeição ao homem. Citaremos alguns casos que causariam furor às nossas feministas: o aborto era proibidíssimo; a mulher que tivesse abortado voluntariamente era prontamente empalada e seu cadáver abandonado insepulto. As mulheres e as filhas legítimas deviam sair à rua veladas; deste privilégio eram taxativamente excluídas prostitutas, escravas e concubinas, que eram severamente punidas se se deixassem apanhar passeando cobertas de véu. Na Assíria também era punido aquele que, ciente da infração, não denunciasse a ré.

As prostitutas, salvo as do templo, não podiam contrair matrimônio. O marido tinha direito a repudiar a mulher, se fosse estéril ou afetada por doença crônica. Em tais casos, porém, era previsto que a mulher, para evitar ser repudiada, propusesse um acordo, consentindo ao marido ter sob o mesmo teto uma concubina, que em compensação se tornava sua camareira particular. Mas, na prática, o repúdio não era sujeito a nenhuma restrição: se o marido decidia repudiar a mulher, quase qualquer pretexto era bom, e nem era obrigado a pagar-lhe pensão alimentar.

Para a mulher, ao contrário, era muito mais difícil livrar-se do marido: isto acontecia só se viúva ou repudiada, ou se o cônjuge a abandonasse por cinco anos contínuos.

Na Assíria, o panorama é ainda mais obscuro e dominado pelo homem: é admitida a “defesa da honra”, mas é dado aos maridos mais benévolos escolher algum castigo menos severo para a mulher adúltera; o mesmo castigo — mas muito mais grave — é reservado ao seu amante. Ainda na Assíria vigorou o “levirato”, norma pela qual, se uma mulher enviuvava, o irmão do defunto tinha a obrigação moral de desposá-la. Não era uma norma escrita, mas quem se esquivava a ela era socialmente desqualificado, como quem não pagasse uma dívida de jogo.

O direito penal

Parece que a preocupação constante dos legisladores foi achar meios de contornar o feroz código de Hammurabi e recorrer substancialmente às leis de Ur-Nammu. Uma longa casuística de atenuantes e possibilidades de penas substitutivas dava ao juiz um certo poder discricionário nas decisões. As penas mais severas eram prescritas para os delitos contra a moral, aqui compreendida talvez a homossexualidade. Mas mesmo no julgamento de um assassino, a pena de morte era executada só se o acordo para o ressarcimento dos danos à família do morto resultasse impossível.

Entre os hititas, existia um único curioso caso em que a pena capital era aplicada sumariamente: a quem roubasse a lança colocada à frente do palácio real de Hattusa, símbolo da realeza. Para todos os outros

delitos, as penas eram pecuniárias. O que causava ferimento a seu semelhante deveria indenizá-lo em dinheiro, pagava a multa até o fim de seu tratamento, e entrementes, devia substituí-lo no trabalho. O homicídio era obviamente pago com indenizações imensas, e se o assassino estava foragido, ou não fosse encontrado, toda a cidade onde o crime fora cometido respondia integralmente pelo pagamento.

O roubo de gado era considerado particularmente reprovável, e custava caríssimo a quem o cometia; quem roubasse uma vaca deveria restituir trinta.

A escravidão

A escravidão estava em uso em todo lugar, mas, até esta altura, não era praticada em larga escala. Os escravos eram prisioneiros de guerra, condenados, ou insolventes, que até saldar a dívida eram servos do credor. Mas o patrão não podia dispor deles à vontade; tinham uma reduzida capacidade jurídica e, no máximo, sua condição era temporária, correspondendo à duração da pena a expiar. Os escravos crescidos em casa eram os “filhos da serva”, nascidos de amores ancilares do patrão, mas tornavam-se automaticamente cidadãos livres à morte de seu progenitor.

Na Assíria, os escravos encontravam condições muito semelhantes às do servo da gleba, isto é, eram indissolúvelmente ligados à terra. Quem comprasse uma fazenda, comprava todos os escravos que nela trabalhavam.

Quem quisesse comprar um só, devia escolher com cuidado um que fosse solteiro, de outro modo era obrigado a acolher toda sua família, avós e sogra inclusive.

CAPÍTULO 15

A II DINASTIA DE ISIN

Ao fim do II milênio a.C. o cenário da Ásia Anterior é bem desolador: desaparecidos os hititas, a Babilônia invadida pelos elamitas, a Assíria se não desagregada, em completa decadência. O único estado forte é o Elam, o qual atingirá o cume de seu poderio. Seu rei, Chilkhak-Inchuchinak (1155-1135 a.C.) conquista também a parte oriental da Assíria e a terra de Namri, no Irã.

Em Isin, no entanto, como vassalo dos elamitas reinava, por volta de 1160 a.C., um príncipe de nome Marduk-cabit-akhekhe-chu, ao qual sucedeu Nabu-cudurru-ussur (Nabucodonosor I), que não deve ser confundido com o outro, conhecido de todos, que é o segundo. Este grande personagem (1128-1106 a.C.) empunha as armas por volta de 1115 a.C., e parte para a rebelião. Deixemos a ele a palavra, na estela que celebra seu nome (Museu do Louvre):

“Quando Marduk, rei dos deuses, lhe ordenou vingar Acad, ele (Nabucodonosor) desembainhou as suas armas (. . .). No mês de Tammuz (julho) ele empreendeu a expedição. O calor era semelhante àquele do fogo, as estradas chamejavam, faltava a água, as fontes estavam secas, aos cavalos vinham menos as forças, aos homens, a coragem. Foi então que o poderoso rei saiu (. . .). Não recuou perante nenhum obstáculo, afastou de sua frente toda dificuldade (. . .) e avançou até as margens do rio Ulai (atual Carun); aqui os reis se reuniram todos para dar batalha. Entre eles irrompeu o incêndio, e sua multidão obscurecia a face do Sol. Um furacão avançava; em meio à fúria do turbilhão, na desordem da batalha, o auriga não reconhecia o seu companheiro. Mas o carro do rei se precipitou furiosamente contra o inimigo. Por ordem de Ichtar e Ramman, senhor da batalha, o rei Nabucudurru-ussur semeou à sua volta a confusão e a morte, e conquistou a vitória sobre o rei do Elam, conquistou o país e saqueou as suas riquezas. Feliz e vitorioso, retornou a Acad”.

Aqui, solenemente “libertou” as cidades de Namri, que se achavam sob domínio elamita, e anexou-as a seu reino.

Não contente com isto, quis expandir o seu domínio até a Assíria, onde o enérgico Assur-rech-ichi I (1135-1117 a.C.) tinha restaurado um certo grau de ordem com uma série de campanhas, mas de êxito incerto.

Repele depois os ataques dos lulumeis, dos akhlamu, dos gútios e, tirando proveito da fraqueza do Egito, sob os últimos raméssidas, ousou levar suas armas até Amurru.

Além da gesta de Nabucodonosor I entre as linhas da estela se depreende claramente o novo endereço desta dinastia de Isin. O rei, abandonando o qualificativo cassita de "Rei de Carduniach", dando um salto para trás de seis séculos, designa a si próprio "Rebento de Tintir, Rei de Cadinguirra". É de se notar, por outro lado, que dos 13 altos funcionários que ele chama como testemunhas de seus feitos, nenhum tem nome cassita.

Mas foi uma glória efêmera: da *Crônica Sincronística* sabemos que, ao fim de seu reinado, foi atacado por Assur-rech-ichi, o qual, porém,

"retornou ao seu país. Então Nabu-cudurru-ussur, reunidas as suas máquinas de guerra, seguiu-o para conquistar a fortaleza fronteiriça do país de Assur (. . .) Então Assur-rech-ichi, recolhidos os seus carros, marchou contra ele (. . .) e Nabu-cudurru-ussur, que não tinha consigo munições suficientes, operou uma rápida retirada".

O rei de Babel, reabastecido adequadamente, retornou pouco depois ao ataque:

"Então o rei de Assur bateu-se contra ele, derrotou-o, matou seus soldados, apoderou-se do seu acampamento e de 40 carros carregados de munições".

Pouco depois, Nabucodonosor morre. Seguiu-se um período de desordens ao qual tentou pôr freio Ellil-nadin-apli. Este reinou somente de 4 a 5 anos (1106-1102 a.C.) deixando ao seu sucessor, Marduk-nadin-akhkhi (1102-1084 a.C.) a satisfação de pacificar a situação interna.

CAPÍTULO 16

O PERÍODO NEO-ASSÍRIO

Tiglatpileser I

Se bem que tanto Assur-rech-ichi quanto seu colega babilônio Mar-duk-nadin-akhkhi pouco se importassem com o título de “Rei das Quatro Partes do Mundo”, quem verdadeiramente esteve com as cartas na mão para assumi-lo foi seu filho Tuculti-apal-Echarra. Muito mais conhecido sob o nome bíblico de Tiglatpileser (ou “Teglatfalassar”), é considerado o fundador do novo império assírio, destinado a tornar-se a maior potência militar do mundo.

Dos seus cinco primeiros anos de reinado sabemos quase tudo graças a um prisma de argila cheio de inscrições que Tiglatpileser I fez colocar, em quatro cópias, nos quatro cantos do templo de Anu em Assur, como testemunha duradoura de suas empresas. Para sorte dele e nossa, mostraram-se duradouras sobretudo as inscrições das quais se deduz que Tiglatpileser tinha a marca do dominador:

“Tuculti-apal-Echarra, poderoso Rei do Mundo, que não tem iguais, Rei das Quatro Partes do Mundo, Rei de todos os príncipes, Senhor dos Senhores, Condu- tor dos exércitos, Rei dos Reis, Excelso Sacerdote (. . .) que ocupa longínquas re- giões além dos confins no setentrião e no meridiano (. . .), que se precipita sobre o inimigo com a violência do furacão (. . .), que submete os inimigos de Assur”. E prossegue: “Combati contra 60 reis e trouxe triunfais vitórias; ajuntei outros paí- ses ao país do deus Assur, e ao seu povo, outros povos (. . .). No total, desde o princípio do meu reino, conquistei 42 países e seus príncipes (. . .) nas regiões das remotas montanhas (. . .) recebi resgates e tributos (. . .) e impedi quase qualquer invasão hostil. Eu, Tuculti-apal-Echarra, o excelso, o valoroso”.

Depois deste preâmbulo, que não deixa dúvidas sobre a eficiência do personagem, Tiglatpileser dá informações detalhadas, ano a ano, de seus feitos fulgurantes.

Mal tendo subido ao trono, parte com um destacamento de forças para deter uma perigosíssima incursão dos muchqui, “que ninguém antes de mim ousou assaltar”, os quais, guiados por cinco príncipes, com um golpe de mão tinham se apoderado de Cummukh (Comagena). Os desbarata e faz 6 000 prisioneiros. Mas dá também uma cruel lição às cidades que, por medo dos muchqui, recusaram-se pagar tributo a Assur: saqueia-as e trata-as a ferro e a fogo. Depois persegue uma parte

do povo que tinha encontrado refúgio na cidade de Chirich, conquista-a “e enche de cadáveres o rio e os montes”.

Executa também represália contra os curkhi (curdos) que tinham dado mão forte aos muchui. Aqui, outra grande vitória: seu rei, Quilianiru, é feito prisioneiro. Atravessado o Tigre, assalta uma outra praça forte dos curdos; a população foge, aterrada e ao príncipe comandante só resta espontaneamente render-se, consignando ao vencedor “60 chapas de cobre, uma taça e um vaso de bronze, 120 homens, bois e animais pequenos”. Por fim, empenha-se numa brava campanha sobre os montes de Urartu, ao sul do lago Van. Aqui, entre as pedras, seus carros são inúteis. Tiglatpileser decide abandoná-los e prossegue a pé, sendo igualmente vitorioso.

No segundo ano, “impus o férreo jugo de minha senhoria” a duas cidades do Subartu que se tinham rebelado; marcha contra Amurru para punir duas outras cidades “que com violência tomaram algumas cidades de Subartu. Quando tiveram notícia de minha expedição contra Subartu, 4 000 habitantes de Cachca e Uruma se submeteram espontaneamente e abraçaram meus joelhos. Conduzi-os com seus haveres e 120 carros e agreguei-os ao meu povo”. Segue a segunda expedição de consolidação em Cummukh.

No terceiro ano, está de novo em Urartu, “no amplo país de Curkhi. Montanhas altíssimas, jamais visitadas por nenhum rei. Marchei através de gargantas impenetráveis (...) que tinham picos agudos como punhais e que impediam a passagem dos carros”. Pelo que Tiglatpileser desistiu mais uma vez e “escalei os cumes íngremes”. Os curdos foram derrotados na planície de Asutabguich e 25 de suas cidades foram arrasadas. As outras populações circunstantes, vendo que as coisas estavam mal paradas, apressaram-se a submeter-se enquanto o rei assírio vence “as tropas de Sarauch e de Ammauch sobre o monte Aruma”.

Depois do que, “no meu poder com o qual venci os inimigos, retomei os meus carros (...) e conquistei, em menos de meio dia, a cidade de Muraddach e a sua fortaleza, fiz butim de seus deuses e das suas riquezas, 60 chapas e 30 talentos de cobre”.

Depois, cumpre uma outra incursão contra os curdos, entre os quais destrói numerosas cidades.

No quarto ano, “marchei no território dos Akhlamu, inimigos de Assur, meu Senhor, da região de Sukhi até Carchemich na terra de Khatti (hititas). Cruzei com barcas feitas de peles o Eufrates (...) e saí contra os distantes países do Mar Superior, que não queriam submeter-se (...) até o país de Khatti, e os saqueei. Superei picos inacessíveis, despenhadeiros escarpados. Ultrapassei 16 altíssimos montes (segue-se a lista dos nomes, entre os quais, reconheceis, o Ilama e o Amadana), construí excelentes pontes para a passagem de minhas tropas. Vinte e três reis se uniram em seus países e se enfileiraram, desafiando-me para a batalha.

Com o ímpeto de minhas fortes armas eu os derrotei (. .) e tomei em meio ao combate 120 carros e persegui 60 príncipes da terra de Nairi que vieram em sua ajuda até o Mar Superior, conquistei suas cidades fortificadas (. .) e capturei uma multidão de cavalos, mulas, potros e todo o gado (. .): 1 200 cavalos, 1 000 bois”.

No quinto ano, está de novo na Síria, e depois contra “Mussri e Cumani”.

“Dirigi-me para o país de Mussri e o conquistei em toda a sua extensão, derrotei as suas armadas, queimei suas cidades, devastei-o, destruí-o. As tropas de Cumani vieram em ajuda do país de Mussri. Combati contra eles sobre as montanhas e os coloquei em fuga, cercando-os na cidade de Arini, aos pés do monte Aisa; cerquei-a mas não a destruí, impondo-lhe apenas resgates e tributos”.

Depois, em represália, penetra na terra de Cumani e a devasta, atingindo por fim a sua capital, Quibchuna, que se rende sem opor resistência.

“O cumano aterrorizou-se com o violento assalto da minha batalha e abraçou meus pés: poupei-lhe a vida, mas impus que desmantelasse suas grandes muralhas (. .) e que eliminasse 300 famílias de rebeldes que habitavam a cidade e que se haviam recusado a submeter-se. Aceitei os reféns e impus novos tributos colocando a meus pés a vasta terra de Cumani em toda a sua extensão”.

Os primeiros cinco anos do reinado de Tiglatpileser foram assim, do ponto de vista dele, passados magnificamente. As suas conquistas podem fascinar, mesmo que apenas pela esplêndida imodéstia com que nos dá conta. Acreditamos em sua palavra, mas é difícil traçar um mapa dos “42 países” conquistados pelo rei assírio. Os mussri habitavam a região dos montes de Amano; os cumanos, em torno do Anti-Tauro, donde Quibchuna poderia ter sido a Cumana da Capadócia. Os muchqui eram descendentes dos “Povos do Mar”, provavelmente frígios e trácios, que tinham se estabelecido na Anatólia. Quanto a Urartu, o “País de Nairi”, é a vasta região compreendida mais ou menos entre as fontes do Tigre e a margem sul do lago Van. Os curdos se estendiam então mais para o norte, quase chegando no atual Curdistão.

Do panorama, se bem que genérico, que resulta, parece certo que “nenhum rei anterior” tinha colocado em ação tamanha massa de campanhas numa extensão territorial de tal amplitude (fig. 48). Líder excepcional, habilíssimo em desferir batalhas sobre qualquer tipo de terreno, tinha, evidentemente, à sua disposição um formidável e adestradíssimo exército, munido dos recursos bélicos mais “modernos”.

Sobre os anos sucessivos de seu reinado, temos documentos muito mais insignificantes, escassos e díspares. O osso mais duro de roer foram os arameus, ou akhlamu, contra quem teve de encetar umas 28 expedições; porém os akhlamu se revelaram um inimigo invencível. Com efei-

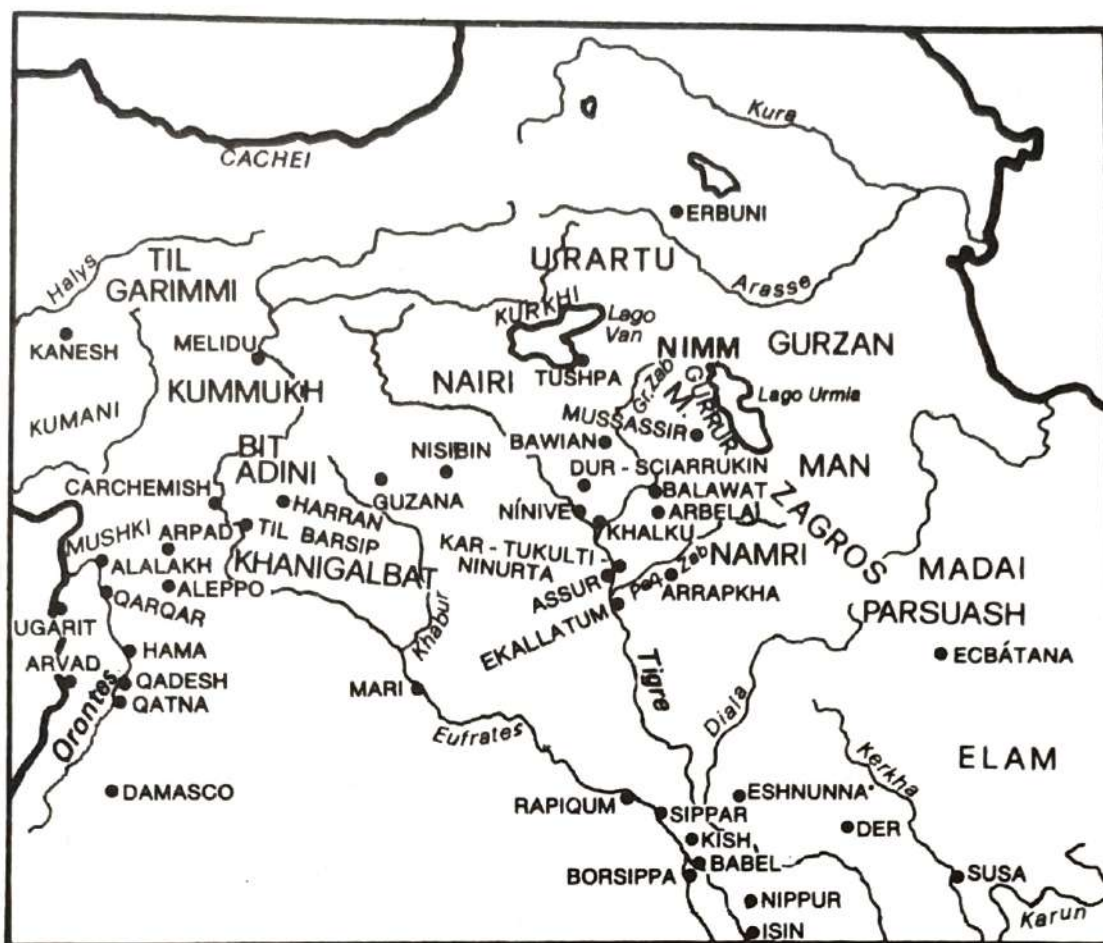


Fig. 48 – O novo império assírio.

to, possuíam uma “arma secreta”, que eram os camelos, de que se valiam como cavalgadura. Sobre estes animais assaltavam as caravanas e possivelmente as aldeias e cidades, e se retiravam velozmente através do deserto, onde nem cavalos, nem carros, nem exércitos podiam alcançá-los.

Quanto à mais importante das “Partes do Mundo”, a Babilônia, ainda não tinha aborrecido Tiglatpileser e ele nunca se ocupara dela, mas a um certo ponto, irritou-o irremediavelmente. Conhecemos os precedentes por uma fonte posterior de cinco séculos, com a assinatura de Senaquerib, que afirma:

“Tirei de Cadinghirra (Babel) e levei para Ecallatum as estátuas de Ramman e de sua esposa Chala que Marduk-nadin-akhkhi, Rei do País de Acad (fig. 49), no tempo de Tuculti-apal-Echarra, Rei de Assur, tinha rapinado e transferido para Cadinghirra”.

O que induzira Marduk-nadin-akhkhi a saquear Ecallatum, não sabemos, e tampouco sabemos onde tenha se localizado Ecallatum. Sabemos, no entanto, qual foi a resposta de Tiglatpileser: invade Babilônia, conquista Dur-Curigalzu, Sipar, Babel e outras cidades; saqueia-as, trata-as a ferro e fogo, e anexa a parte setentrional do reino. Mas não

comete o erro de Tuculti-Ninurta: os templos são deixados inteiros.

Entre uma guerra e outra, Tiglatpileser dedicava-se apaixonadamente a seu *hobby* preferido, a caça grossa, e de seus safaris somos por ele mesmo triunfalmente informados, como de suas batalhas. Eis alguns relatos:

“Pela vontade de Ninurta, meu protetor, com o meu poderoso arco, férrea lança e aceradas flechas, matei dez formidáveis elefantes perto das margens do Khabur e quatro capturei vivos”.

“Por ordem de Ninurta, o meu Senhor, com coração valoroso e heróica luta, estando a pé, matei 120 leões e outros 800 a bordo do meu carro de guerra. Animais de presa e voláteis de todo gênero foram meu butim de caça”.



Fig. 49 — Marco de fronteira. A estela contém um contrato de compra e venda de uma terra cultivada que Marduk-nadin-akhkhi, rei de Babilônia, adquiriu para si. Pedra calcárea negra (61 cm de altura). Período assírio-cassita. Fim dos sécs. XIII a X a.C. (Londres, Museu Britânico).

A presa mais insólita e importante lhe coube na Fenícia; aqui, logo depois de suas vitórias nos territórios vizinhos, Arvad, Simira e talvez inclusive Biblos, Tiro e Sidon, apressaram-se em externar ao conquistador ato de submissão. Assim, para conservar a sua estima, organizaram uma partida de pesca em alto-mar, durante a qual Tiglatpileser pegou um “nakhiru”. Este termo significa “aquele que sopra pelo nariz”, podendo tratar-se de um narval ou até uma baleia.

Durante as caçadas não deixava de capturar animais vivos, os quais eram transportados para Assur (fig. 50) e alojados num imponente jardim zoológico. O Egito, na época militarmente fraquíssimo, não podia fazer nada para se opor ao perigoso avanço do império assírio sobre suas fronteiras. Limitou-se a incrementar o zoológico de Assur, enviando-lhe, em gracioso dom, um crocodilo vivo.



Fig. 50 — Assur: reconstituição do setor norte.

A política interna de Tiglatpileser

Tiglatpileser não foi só um conquistador, mas representou para a Assíria o que Hammurabi foi para Babilônia; ativíssimo organizador, ocupou-se de tudo. O grande jardim zoológico não é senão um particular exótico do embelezamento da sua cidade. Muitas outras atenções dedicou, por exemplo, à agricultura:

“Retirei das terras a mim submetidas cedros e madeira de urcasinu e allacu (não se sabe de que árvores se trata) que ninguém, no meu tempo, tinha cultivado, e as transplantei nos jardins de minha terra, onde fiz crescer preciosas árvores frutíferas que em meu país não existiam”.

Para ampliar as colheitas, cuidou particularmente da produção de arados e “fiz reedificar em toda Assíria armazéns e celeiros e acrescentei

muito trigo ao que estava acumulado pelos meus Pais”. E conclui, satisfeito: “Aumentei o bem-estar dos meus povos e os fiz viver tranqüilos em suas casas”.

Ao incremento da agricultura cresceu uma intensa atividade de construtor:

“Restaurei e construí palácios, residências reais nas grandes cidades fortificadas de minhas fronteiras, que desde o tempo de meus avós estavam abandonadas e estavam decadentes ou em ruínas. Reforcei os muros decadentes de meu país.

Terminei a construção do templo de Ichtar (em Assur) erguido por Chamchi-Adad e que Assur dan tinha demolido, mas não reconstruído; o templo ao deus Martu (Adad); o templo de In-Labarra; restaurei os numerosos templos da minha cidade que estavam para desabar (. . .). Refiz as portas de entrada, e para lá levei os deuses, meus Senhores (. . .). Naquele tempo retirei marfim e pedras preciosas dos montes de Nairi, que com a ajuda do deus Assur conquistei, e os deposei no templo do deus por todos os dias do porvir”.

Como Hammurabi, quis dar ao país uma legislação unitária; para o direito penal adotou seu código, mas, se possível, interpondo sanções ainda inais bárbaras. Às costumeiras penas corporais, acrescenta o corte dos dedos, das orelhas, do lábio inferior, a castração, o cegamento e a destruição das feições com piche quente. No que concerne à condição da mulher, alguns florilégios:

“A mulher que retira um objeto da casa do marido doente ou defunto é considerada uma ladra e será morta juntamente com aquele que comprar o objeto.

O adultério é punido com a morte da mulher infiel e do seu amante.

Se um homem quiser abandonar a própria mulher, se assim o quiser, poderá dar-lhe alguma coisa; se não o desejar, que não lhe dê nada e ela deverá ir-se de mãos vazias.

Se o marido for perdido na guerra, a mulher, mesmo que em condições pobres, deverá esperá-lo por 5 anos, antes de ser declarada livre”.

Este soberano preocupou-se também em colocar um pouco de ordem no próprio palácio, estabelecendo meticulosos procedimentos protocolares e obrigações específicas para cada funcionário da sua imensa corte. Quem ousasse escutar as conversas ou as brigas das damas do palácio era punido com 100 chicotadas e um certo período de trabalhos servis.

Tiglatpileser, além de grande general e notável político, era também pessoa culta e, pelo que sabemos, foi o primeiro soberano assírio a constituir uma biblioteca. Pelo costume hitita, fez escrever anais de que já demos algumas amostras nas páginas precedentes.

A ferocidade assíria

Da leitura destes anais emerge claramente um dado inquietante e inusitado nas narrativas dos povos desta parte do mundo, isto é, um eviden-

te prazer em estender-se a descrever incêndios, ruínas e devastações com imagens de um lirismo absolutamente atroz, assim como: "o sangue dos mortos escorria como um rio por um vale", ou então: "as cabeças cortadas dos inimigos se empilhavam no campo de batalha como feixes de trigo".

E isto é apenas um prelúdio do que seria doravante a tremenda lei de guerra dos assírios, com barbaridades tão ferozes que nos trazem à mente a impiedade das SS nazistas nas represálias contra populações inermes. A Assíria será, por quatro séculos, a maldição da Ásia Anterior. Os seus formidáveis exércitos, guiados por um sangüinário deus Assur, flanqueado por um furibundo Ninurta e uma Ichtar sedenta de morte, avançaram, compactos, precedidos pelo "general Terror" lançando o extermínio sobre povos que ousavam resistir ou rebelar-se contra o truculento imperialismo assírio.

O mais formidável exército de então, adestrado com férrea disciplina em todo tipo de batalha, chegava de improviso perante uma cidade e com três toques agudos de trompa intimava-a. A esta se apresentavam somente duas alternativas: capitular ou resistir. No primeiro caso, era forçada a abrir as portas, os soldados entravam, depredando tudo; depois, impunham-lhe um juramento de fidelidade e pesados tributos anuais para cuja garantia se levava um número proporcional de reféns.

No segundo caso, a cidade só retardava de alguns dias ou meses o seu fim. Assediada por eficazes máquinas, mais cedo ou mais tarde, pelo ataque das tropas inimigas ou pela fome, era obrigada a render-se. Os vencedores irrompiam cidade adentro, saqueavam-na e arrasavam tudo. O rei inimigo e toda a sua família, os combatentes feridos ou sobreviventes eram empalados, despedaçados, esfolados, emparedados vivos, desventrados. Toda a população útil era levada como escrava para a Assíria, ou alojada em outro território, para substituir a indígena, por sua vez, também deportada pelo mesmo sistema. Nos campos vizinhos era depredado todo o gado, cortadas todas as árvores, incendiadas as plantações. Como se não bastasse, a cidade era forçada a pagar os tributos usuais que não vemos como pudesse pagar, vistas as condições a que estava reduzida.

Isto era o que impunha Assur, deus da antiga aristocracia feudal e guerreira e dos generais, cujas rendas eram principalmente constituídas de butins de guerra. Toda resistência, toda rebelião era considerada ato blasfemo contra a vontade de Assur e como tal era punida terrivelmente. Percebe-se que boa parte do povo, não apreciando muito este militarismo fanático, preferisse dedicar suas devoções ao bem mais manso e bonachão Marduk.

Esse mesmo Tiglatpileser que de vez em quando queria mostrar-se quase magânimo para com o inimigo vencido, em geral, não deixa dúvidas quanto a seus propósitos. Eis o que diz um hino em seu louvor:

“Avançou, percorrendo um caminho de três dias;
antes do nascer do Sol, o seu chão estava em brasa.
Dilacerou o ventre das grávidas,
esquartejou o corpo dos débeis,
cortou o pescoço dos poderosos,
os fortes morreram, depois do incêndio de seus países.
Um montão de ruínas espera quem peca contra o deus Assur!”

Quanto à Babilônia, o desinteresse de Tiglatpileser por tantos anos não é casual: Babel, sob Marduk-nadin-akhkhi era demasiado forte e o rei assírio, satisfeito com o seu imenso império ao norte, não considerou conveniente embarcar numa empresa de sucesso duvidoso. Por outro lado, o saque de Ecallatum não foi, seguramente, um ato extemporâneo, mas uma resposta bem dirigida de Babel a qualquer penetração de Tiglatpileser durante as campanhas contra os akhlamu ou interferências nos seus interesses em algumas cidades conquistadas. É também significativo saber que a “represália” assíria não foi imediata, mas aconteceu só dois anos depois do *casus belli*. Um documento de Tiglatpileser descreve sua trágica conclusão:

“Conquistei as grandes cidades de Babilônia (. . .) causei mortandade ao inimigo, em Babel me apoderei dos palácios do rei Marduk-nadin-akhkhi, destruí-os com o fogo e transportei os seus tesouros. Dei batalha duas vezes com os carros de guerra a Marduk-nadin-akhkhi e o matei”.

A desagregação do império assírio

A morte de Marduk-nadin-akhkhi abre para Babilônia e Assíria um obscuro período de decadência que durou mais ou menos dois séculos.

Em Babel, sobe ao trono Marduk-chapik-zeri (1084-1071 a.C.) ao passo que poucos anos depois morria em Assur o grande Tiglatpileser, ao qual sucederam os dois filhos, Achared-apal-ecur, que reinou dois anos, e depois Assur-bel-cala, que reinou uns vinte anos (1076-1058 a.C.)

Sobre as relações entre Babel e Assur neste período, temos, da *Crônica Sincronística*, dois testemunhos discordantes; o primeiro afirma:

“No tempo de Marduk-chapik-zeri, Rei de Carduniach, e de Assur-bel-cala, Rei da Assíria, eles estabeleceram boas relações e paz perfeita entre si”.

O segundo, por outro lado:

“Assur-bel-cala tomou de Marduk-chapik-zeri o seu país e colocou a reinar ali a Adad-apal-iddina. Assur-bel-cala tomou como esposa a filha de Adad-apal-iddina e com o seu rico dote levou-a para a Assíria”.

Mas, não obstante o apoio assírio, este Adad-apal-iddina não soube

manter-se no trono usurpado dado que, pouco depois, nele encontramos de novo um rei de nome claramente babilônio, Nabu-chum-ichcun, provavelmente filho de Marduk-chapik-zeri. Depois, ignoramos quase tudo, exceto os nomes dos reis, até que aparece em cena um tal Chammach-Chinak (1028-1010 a.C.), talvez cassita, fundador da assim chamada "Segunda Dinastia dos Países do Mar", isto é, de Chúmer. Foi um século de evidente confusão; porém, Nabu-uquin-apli (980-944 a.C.) parece ter conseguido colocar um pouco de ordem no caos.

Entrementes, na Assíria encontramos três reis no espaço de vinte anos, e depois Assur-rabi II (1014-973 a.C.) e um Tiglatpileser II (980-935 a.C.).

Estes últimos tiveram de dispendar todas as suas energias em procurar deter o avanço de uma nova potência, a dos arameus. Organizadíssimos militarmente, e reforçados continuamente com tropas frescas provenientes da Arábia, os arameus operavam incursões em grande escala pela Mesopotâmia e Síria, em ondas sucessivas, fundando muitos pequenos Estados. Tentaram até agredir Babilônia e mesmo a Assíria, que se defendeu bem, mas perdeu todo o seu império.

Assur-dan II (935-912 a.C.) decidido a refazer-se, empenhou-se encarniçadamente em duas frentes, contra os arameus de um lado, e os montanhese, de outro. Desenvolveu-se uma atroz guerrilha em que os assírios mostraram toda sua ferocidade: execuções em massa, assassinatos de mulheres e crianças, empalamentos, fogueiras. Os montanhese e os arameus, naquela ocasião, não ficaram atrás. O que provocou uma decadência generalizada, inclusive na agricultura. Assur-dan II se gaba de ter dado um jeito de devolver às suas terras muitas famílias que, por causa da fome, haviam precisado emigrar.

Adad-nirari II (ou Ramman-nirari, 912-891 a.C.)

Com este soberano, a Assíria retoma força e Adad-nirari II é considerado o novo fundador — desta vez sobre bases muito mais duradouras — do novo império assírio.

Em primeiro lugar entrou à força "na região de Melidu" (atual Malatya, no curso superior do Eufrates) e devastou-a. Depois, passou ao Zagros, combatendo valorosamente seus montanhese e prosseguiu para o sul, onde a barrar-lhe os passos encontrou o rei de Babilônia, Chammach-mudammik, que foi desastrosamente derrotado e forçado a ceder ao rival vastos territórios ao norte.

A desfeita provocou uma nova insurreição na instável Babel, onde ganha destaque Nabu-chum-uquin (904-888 a.C.) que em primeiro lugar determina-se a expulsar os assírios dos territórios recém-subtraídos à sua dominação. O resultado é que é derrotado, mas honradamente. Estabeleceu então com Adad-nirari um tratado de paz que, entre outras coisas, sancionava estreitos vínculos de sangue: cada um dos dois

reis desposou a filha do outro, e por longos anos os dois povos “viveram como irmãos íntimos”. Mas o “irmão” de Babel teve, a partir deste momento, teve de reconhecer a supremacia do de Assur.

Muito mais que para Babilônia, o tratado foi precioso para a Assíria, que, fechada definitivamente a frente meridional, teve liberdade total contra os arameus, com os quais tinha também contas a acertar. Neste momento o maior perigo era o rei “Nuradad de Teman” (hoje o oásis de Taima, na Arábia Saudita) o qual, ultrapassando abundantemente as próprias fronteiras, tinha invadido Khanigalbat e conquistado sua capital, Nisibin, ameaçando assim as fronteiras da Assíria.

Foram precisos seis anos e outras tantas campanhas (de 901-896 a.C.) para fazê-lo recuar, e ao fim também Khanigalbat tornou-se província do império assírio. Adad-nirari festejou o triunfo com uma grande parada à frente de suas forças armadas com todo o equipamento de guerra: partindo de Guzana (Tell Halaf) desfilou ao longo do Khabur, até sua confluência com o Eufrates. As cidades às quais foi reservada a honra da visita de um tão grande e poderoso rei apressaram-se a verter-lhe tributo.

Tuculti-Ninurta II (891-884 a.C.)

O filho de Adad-nirari II, Tuculti-Ninurta II, morreu jovem e reinou durante seis ou sete anos, mas o fez intensamente: a cada ano, uma guerra. Seu bisneto Salmanassar III afirmará que “Tuculti-Ninurta desbaratou todos os seus inimigos e os abateu como um furacão”.

As campanhas deste soberano foram dirigidas sobretudo contra Nairi e os montanhese do Zagros, onde ele também teve de abandonar os incômodos carros e galgar montanhas tão altas que não só nenhum rei de outrora jamais havia escalado, mas que “eram dificilmente atingíveis sequer pelos pássaros”.

Depois dirigiu-se ao menos impenetrável sul, atingindo, com o beneplácito de Babel, Sipar, e daqui voltou-se para o ocidente e repetiu a mesma parada de seu pai sobre o Khabur, mas na direção oposta, tirando proveito da paz que reinava naquela terra para recolher tributos e caçar avestruzes.

Deste incruento “passeio” se refez, na volta, passando por Urartu, onde executou os massacres de praxe, tomando como butim “2 700 cavalos”.

Diferentemente de seus predecessores, que em geral levavam uma vida de caserna, Tuculti-Ninurta II mostrou ter propensão para hábitos mais confortáveis e refinados. Para repousar preferia sempre passar o inverno em Nínive, ao invés de fazê-lo em sua capital, e na sua Corte não faltavam artistas e literatos.

Assumazirpal II (884-859 a.C.)

Adad-nirari e Tiglatpileser II abriram-lhe a estrada e Assumazirpal II

soube percorrê-la triunfalmente levando o império assírio mais ou menos às fronteiras assinaladas pelo grande Tiglatpileser I.

Uma sua inscrição do IV ou V ano de reinado apresenta-o assim:

"Assurnazirpal (...) o grande rei que submeteu a seus pés todos os países que além do Tigre chegam ao Monte Líbano e ao grande Mar Superior, que submeteu o país de Laqui em toda sua extensão, o país de Sukhi até a cidade de Rapicu; a sua mão conquistou desde a nascente do rio Subnat até Urartu; do país dos passos montanhosos de Gurrur até a terra de Gurzan; dos países além do Zab superior até a cidade de Til-Bari acima do país de Zaban; da cidade de Zabad até a terra de Carduniach. Levei comigo tudo até os confins de meu país e dominei os vastos territórios de Nairi em toda sua extensão".

Dois ou três anos depois faz outra inscrição:

"Derrotei os exércitos dos numerosos lulumeus (...) e caí sobre o país de Nairi, sobre o país de Curkhi, o de Subartu e Nirbi (...) tal como o deus Adad que desencadeia os raios".

Confrontando estas duas inscrições com as de Tiglatpileser I constatamos que, com poucas exceções, os territórios conquistados são os mesmos. Dentre os identificáveis, os novos são: Laqui, limítrofe a Sikhi; Gurrur e Gurzan, em torno do lago Urmia; e Nirbi, entre Subartu e a Armênia.

Assurnazirpal deixou também exaustivos anais nos quais enumera minuciosamente as batalhas e os reis ou príncipes por ele vencidos. Mas também neste ponto, pelo menos quanto às conquistas no Urartu e Zagros, citam-se cidades e localidades das quais se perdeu todo traço, nome e memória. Transcrevemos as passagens notáveis destes anais que compreendem ao menos oito ou nove anos de campanhas incessantes:

"Ao princípio do meu reino, primeiro ano (...). De Nínive marchei contra a terra de Nimmi (provavelmente entre os lagos Van e Urmia). Os combatentes se retiraram e se entrincheiraram sobre uma íngreme montanha onde acreditaram que eu não poderia atingi-los. O cimo desta montanha é semelhante à ponta de um punhal e nenhum pássaro chegava lá. Eles construíram para si uma fortaleza semelhante a um ninho de águia. Em três dias, onde nenhum dos meus predecessores tinha chegado, eu, Assurnazirpal, herói, forte, empenhei uma batalha, abati o monte, destruí o seu ninho, aniquilei seus exércitos (...) e tingi a montanha com seu sangue como se tinge a lã, e o resto foi engolido pelos despenhadeiros".

Depois, de Nimmi, foi para Gurrur e Gurzan que, "atingidos pelo esplendor da Assíria", evidentemente se submeteram, dado que não se fala de batalhas e carnificinas, e ali recebeu tributos em prata, ouro, cobre, vasos de bronze, cavalos, gado, vinho. Compensado pelo butim, dirigiu-se para "Curkhi, que está de frente", e aqui encontrou resistência "e devastei, queime e destruí a cidade da elevada montanha (...). De Bubu, príncipe da cidade de Nichtum, arranquei a pele e afixei-a na muralha".

Segunda expedição: “De Nínive”, em pleno verão (agosto) se dirige para “vinte cidades” do Grande Zab. Depois atinge “o país de Cum-mukh e dos muchqui” sem provocar uma única vítima; os tributos são pagos espontaneamente. Mas aqui recebe a notícia de que a cidade de Suru — sobre o Khabur — tinha se rebelado, tinha assassinado o governador assírio e proclamado rei Akhiababa, um “filho de ninguém”. Sem complacência, cai sobre a cidade, e ali depreda “um butim numeroso como as estrelas do céu” e em troca deixa, como advertência e futura memória, uma sua estátua. Quanto aos insurretos, Assurnazirpal faz erigir diante dos muros da cidade um troféu totalmente revestido de suas peles. Em Akhiababa aplica o mesmo tratamento: faz com que seja esfolado vivo, mas isto acontece na cidade de Nínive.

Não surpreende que as outras cidades da região se apressassem a mostrar-se dóceis e pagar os tributos.

A terceira campanha teve causas análogas: “Os assírios que Salmanassar I tinha alojado em Khalzi-Lukha tinham se sublevado junto com Khullai, comandante da cidade, e se colocaram em marcha para conquistar Damdamusa, uma cidade real”. Assurnazirpal não perde tempo, transpõe o Tauro e atinge Quinabu, praça forte de Khullai, que é totalmente demolida, e a pele de seu chefe pregada nos muros. Prossegue pelo “país de Nirbi”, onde saqueia o gado e mata “em campo aberto 332 soldados”. Os pobres habitantes da região se refugiam todos “em Tila, cidade bem protegida, com fortalezas inexpugnáveis”. Esta, não obstante, é conquistada, e a seus defensores, cortam-se os braços, ou o nariz e as orelhas, ou são arrancados os olhos, enquanto que os corpos de seus filhos ardem no incêndio da cidade.

Infatigável, Assurnazirpal comunica que “naquele dia mesmo destruí e incendiei as cidades do país de Nirbi”. Dali alcança “a cidade de Tuchkha”, que não opôs resistência e pagou o tributo usual. Por este seu gesto, é premiada: “Reconstruí a cidade de Tuchkha de alto a baixo (. . .) edifiquei um palácio como residência da minha Majestade”. E convidou para habitar nela “todos aqueles que tinham fugido, cheios de terror e que vieram abraçar os meus joelhos”; naturalmente, não descuidou de aumentar os impostos “em cavalos, mulas, bois e vinho”.

Quarta campanha: outra rebelião em Urartu de parte do príncipe Bir-Adad (ou Bir-Ramman) de Dagara (ao sul do lago Urmia) o qual “para salvar a vida se refugiara em montanhas inacessíveis”. De Nínive, Assurnazirpal se dirige às suas cercanias, derrota seus inimigos, se apossa de uma centena de localidades, mas não consegue capturar Bir-Adad. Volta para reunir reforços, conquista outras cidades e chega “ao Monte Nisir, que ninguém até agora havia visitado”. Efetua a escalada até seu topo e desce para apropriar-se de outras 150 localidades das redondezas.

A quinta campanha é de novo conduzida no “País de Zamua”, onde o inalcançável Bir-Adad se pôs a chefiar diversas cidades, envolvendo

numa grande revolta vários príncipes locais. Assumazirpal, devastando a região, atinge sua capital, Zamru — que ignoramos onde tenha sido — e a derrota, com outras cidades rebeldes, hoje ainda desconhecidas. “Os reis de todo o país de Zamua tiveram medo das minhas armas e do esplendor da minha força e abraçaram os meus joelhos. Impus-lhes tributos em ouro, prata, cavalos, vinho (...) em medida muito superior às precedentes.” Mas, ao que parece, Bir-Adad de novo se volatilizara.

No mesmo ano dedica-se a “Cummukh, Nairi e Curkhi”. Informa também que “esses (não diz quem) se rebelaram contra seu chefe Ammibaal e o mataram. Fui para lá (não diz onde) e eles foram crucificados”. Para festejar o evento, organiza um grande safari para capturar animais vivos para o zoológico de Assur.

No VI ano, “de Khalcu” move-se na direção do “País de Sukhi”: em Tapsaco, sobre o Khabur, tem lugar uma grande batalha; o rei dos sukhi é desbaratado e com ele também um contingente de tropas que lhe foi enviado em auxílio por parte do rei Nabu-apal-iddina, de Babilônia. O fato não teve ulteriores repercussões, se bem que em Babel a notícia causou justificado pânico. Apesar do incidente, as relações assírio-babilônias continuaram a ser cordiais e Nabu-apal-iddina, passado o susto, pôde dedicar-se sem mais preocupações a seus templos e conter as incursões dos beduínos de sempre, desta vez os sutu.

Depois, temos notícias de outras três campanhas: a primeira dedicada às habituais revoltas às margens do Khabur, onde Assumazirpal encontra os exércitos reunidos dos “sikhi, laqui e khindanu”. Mata 6 500 deles em batalha e lança os sobreviventes nas águas do Eufrates, onde morreram afogados. Conquista outras cidades e numa partida de caça “matou 50 touros, capturou 20 com as suas mãos, matou 20 avestruzes e outras tantas capturou vivas”.

Com a subsequente campanha do VIII ano, conquista todo o Bît-Adini (perto de Carchemich) e assalta “a fortaleza de Capribi, que estava suspensa no alto, como uma nuvem”.

No IX ano se desloca “de Khalcu para o país de Khatti”. Atravessa o Bît-Adini, recolhendo os tributos usuais — carros de guerra, cavalos, ouro e prata — e aponta para Carchemich, onde o rei neo-hitita Sangara se submete sem opor resistência, provocando com isto a rendição de todos os limítrofes. Continua a marcha, passa “o Arantu” (o Oronte), toma “o caminho do Líbano” e se dirige “rumo ao grande mar Akharu” (ou “ocidental”, o Mediterrâneo). Tiro, Sidon, Gubal (Biblo) e Arvad se apressam a enviar-lhe grandes presentes. Depois “subiu o Monte Khaman” (ou Amano) para obter grande número de troncos de árvore, e os mandou “como oferendas a Ichtar, Senhora de Nínive, e minha”.

Nos sucessivos nove anos de reinado de Assumazirpal não há notícia de empresas bélicas. Mas no XVIII ano certamente está em plena atividade. Faz uma expedição no Urartu e o devasta, e depois vai acalmar

“Damdamusa, fortaleza de Ilanu de Zamani” que tinha se rebelado, mandando decapitar 600 dos mortos em combate e ordenando amontoar as cabeças frente aos muros da cidade vizinha de Amid, enquanto os 400 soldados sobreviventes foram empalados.

Mais ou menos a mesma sorte sofre a cidade de Uda, com a metade de seus habitantes martirizados e metade conduzidos para a Assíria como escravos.

Assurnazirpal, no bem e no mal foi o maior soberano da Assíria, que sob a sua liderança atinge o ápice de seu poderio. A sua ferocidade não é de modo nenhum justificável; para dar dela uma pálida idéia, basta acrescentar que, quando alguma cidade ousava recriminá-lo operava massacres a ponto de deixar despovoadas regiões inteiras, ou, se não exterminava a todos em pouco tempo, durante as cerimônias de triunfo arrastava os prisioneiros amarrados com uma longa corda que passava por suas faces perfuradas. Se porém, não considerava oportuno vingar-se excessivamente, procedia a deportações em massa, método depois usado por seus sucessores (até mesmo por Stálin). A etnografia de toda a Ásia ocidental ficou convulsionada, mas, politicamente, o sistema funcionou com resultados eficazes.

Estas populações, transplantadas alhures e sabiamente misturadas, com o passar de poucos anos perdiam quase todo sentimento nacionalista e com isto a vontade ou a possibilidade de contínuas rebeliões contra a autoridade central. Isto, porém, lhes proporcionava alguma vantagem e quase sempre um nível de vida superior ao que gozavam nos países de proveniência, especialmente se eram montanhese, ou do deserto. Ao menos sob este ponto de vista aqueles que mais tiraram vantagens foram os arameus. Deportados em grande número, logo se mostraram muito empreendedores, tanto que bem depressa o aramaico torna-se a língua mais comumente falada na parte ocidental do império assírio.

De positivo, Assurnazirpal revelou excepcionais dotes de estrategista. Inspirando-se nos cavaleiros das tribos iranianas, trouxe à tática da guerra uma inovação fundamental. Foi o primeiro a ter a idéia de soltar os cavalos dos pesados carros de combate e a intuição que, lançando-os em bloco ao ataque, constituiria com os seus cavaleiros a armada mais impetuosa e brilhante contra o inimigo. Foram estes os primeiros esquadrões de cavalaria da história.

A política interna de Assurnazirpal foi marcada por uma maior eficiência do aparato estatal, e para organizar uma burocracia de primeira ordem, é chamado o ministro Sabbi-ilani-erech, tecnocrata, braço direito e *factotum* do rei.

Khalcu

Também Assurnazirpal, como seu pai, não considerando mais a velha Assur suficientemente representativa como capital de um império assim

tão grande, preferiu residir em Nínive. Em seus primeiros cinco anos de reinado, toda expedição era equipada e partia de Nínive. Do sexto ano em diante, se lê que partiam de Khalcu.

Sobre a fundação desta nova capital, chamada pela Bíblia Calach (em Nimrod descoberta por Lyard), informa o mesmo Assurnazirpal:

"A antiga cidade de Khalcu, que fora construída por Chulman-Acharid (Salmanassar I) meu excelso predecessor, estava em ruínas e reduzida a um cúmulo de escombros. Eu a construí de novo e coloquei nela a habitá-la povos que a minha mão tinha conquistado (segue a lista)". Para abastecê-la de água, faz escavar um canal que atinge a água do Zab "que se chama Babilat-Khegalli (portadora da abundância) e às suas margens fundei jardins, plantei palmas, vinhas e árvores frutíferas de todo gênero".

Quando tudo está pronto, organiza festejos grandiosos para a inauguração, convidando para a festa 70 000 pessoas provenientes de todas as "partes do mundo":

"Durante dez dias ofereci um banquete aos convidados de todos os países e de Khalcu, alimentei-os com comida e bebida, ofereci-lhes banhos e unguentos perfumados e os tratei com todas as honras".

Segundo a crônica, para aprontar o *menu* foram precisos "2 000 vacas e 16 000 ovinos", além de toneladas de doces, frutas, verduras e especiarias diversas. Aos bebedores foram prodigalizados "2 000 odres de vinho".

A esta cidade Assurnazirpal dedicou todo o seu "tempo livre" e não deixou de instalar nela um jardim zoológico que, a julgar pelo enorme número de animais nele alojados, devia ser mais parecido com uma "reserva florestal". Também sobre isto nos informa o rei:

Dentre os tributos do "País de Akhurru" estão listados crocodilos, hipopótamos e "pagatu" (talvez grandes tartarugas). "Eu os levei para Khalcu e os fiz multiplicar e os coloquei como espetáculo para o povo do meu país." E em outro lugar: "No estender da minha mão e no ímpeto da minha coragem, colhi dos montes e das selvas quinze poderosos leões, capturei cinquenta filhotes de leão e os encerrei dentro de meu palácio de Khalcu e os fiz multiplicar; com as minhas mãos capturei lince, rebanhos de touros selvagens, elefantes, avestruzes, símios, zebras, gazelas, antílopes, hienas, panteras, animais do deserto e das montanhas e os levei à minha cidade de Khalcu".

A nova capital, segundo a vontade do seu fundador, deveria tornar-se também um grande centro cultural, concorrendo com Babel. Assurnazirpal cercou-se de letrados e intelectuais, e para a construção do seu palácio concorreram os maiores artistas da época, os quais o ornamentaram com estátuas, e com esplêndidos relevos representando cenas de guerra, de caça, de culto. O próprio rei o decorou com as melhores

peças saqueadas dos povos submetidos. Tem início aqui aquela grande arte assíria na qual, até aquele momento, os exemplos de alta qualidade tinham sido esporádicos.

Mas Khalcu, por razões independentes de seu fundador, não estava à altura de assumir este papel. Teve, porém, um primado científico: Assurnazirpal fez erigir um observatório astronômico (fig. 51) que, por sua grandiosidade e importância permanecerá, por uns dois séculos, o “Monte Palomar” da Ásia Anterior.

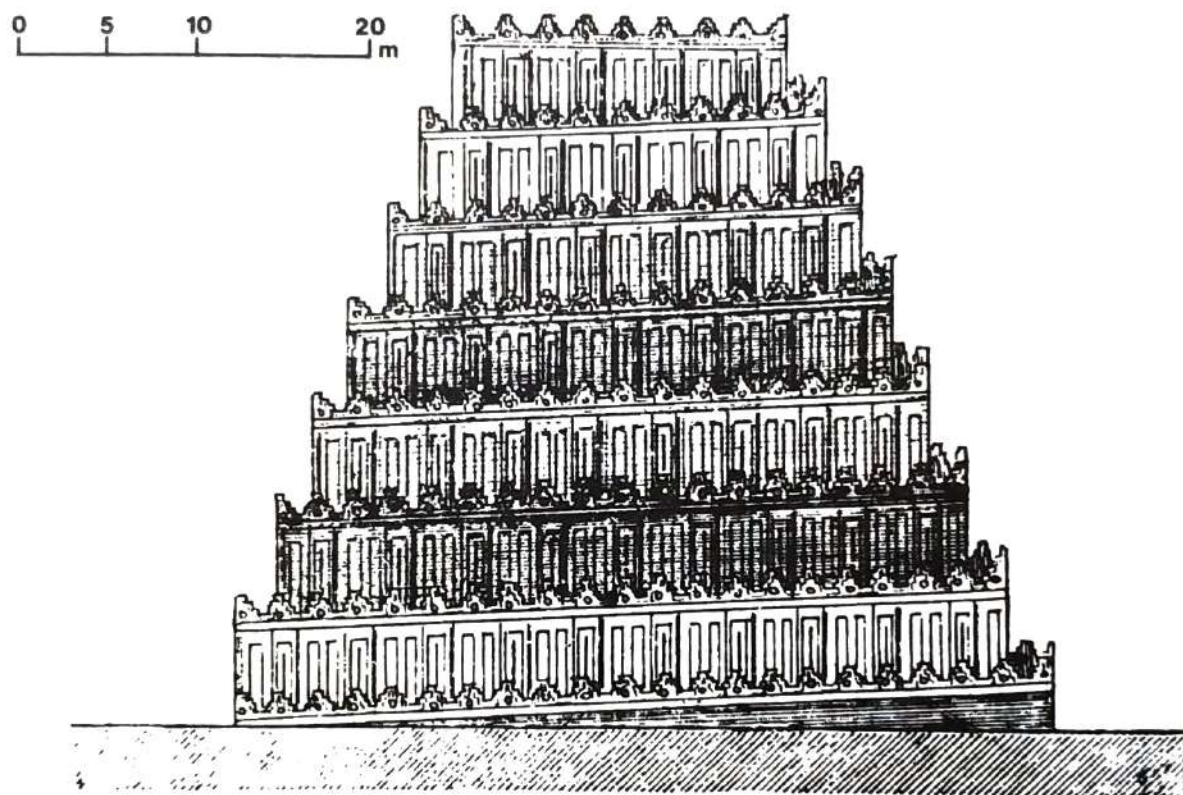


Fig. 51 — Reconstituição do observatório astronômico de Khalcu.

Salmanassar III

O filho de Assurnazirpal, Salmanassar III (Chulmânu-acharêdu) — apesar de não termos notícias de um Salmanassar II — foi um guerreiro incansável, que em trinta anos conduziu mais campanhas que qualquer antepassado ou sucessor, e em todas as direções. Nem sempre teve sucesso: apesar de seus relatos serem regularmente triunfalísticos, deixam entrever aqui e ali, quer por disparidade de dados, quer por estranhas omissões, alguns insucessos devidos provavelmente ao seu entusiasmo belicista, que eventualmente o levou a subestimar a força dos adversários.

Dada a quantidade de suas intervenções, bastar-nos-á citar algumas.

Assim que subiu ao trono, partiu para Zamua e daí rumou para “o

mar da terra de Nairi” (o lago Van); depois de superá-lo pela primeira vez adentrou-se “no território dos madai”, que são os médios, e ali submeteu várias localidades.

No ano III repete a mesma campanha, mas com um raio de ação mais amplo: passa pelo Bît-Adini, depois atravessa o Arzanias e dirige-se para “Arzachcu, capital de Arami”, em Urartu. Arami abandona a cidade antes que seja destruída e com suas tropas refugia-se sobre os montes, onde é perseguido e derrotado mas não capturado.

No VIII ano, Salmanassar conquista grande número de localidades não identificáveis “na terra de Zamua”. Dentre estas “Nigdimi e Nigdira; os habitantes, aterrados pelo poder das minhas armas invictas, refugiaram-se em seus barcos afastando-se da costa (. . .). Eu os segui em embarcações feitas de pele de camelo e desencadeei uma terrível batalha no meio das águas e tingi o mar de vermelho, como se tinge a lã”. Este “mar” é o lago Urmia.

Ano após ano, Salmanassar continua as suas incursões variando os itinerários e as metas. Notável o objetivo da expedição do XXIV ano “para a terra de Barsua; recebi o tributo de seus reis e conquistei os outros países de Barsua que não se submeteram ao querer de Assur”.

Os barsua (parsuach) são os persas.

Penetrou também no pequeno reino de Man, onde as escavações trouxeram à luz os conhecidos “bronzes do Luristão”, mais interessantes que belos, tratando-se na maioria de armas e freios de cavalos habilmente forjados por um povo guerreiro.

Para o ocidente, a primeira campanha importante é do IV ano contra o Bît-Adini, muito tendentes à rebelião. O rei Akhuni se entrincheira na capital, Til-Barsip¹. A cidade resiste ao assédio, Salmanassar devasta todos os campos circunstantes, mas Akhuni consegue defender-se na fortaleza da montanha de Chitamnat. O rei assírio conquista, porém, seis cidades de Akhuni e também uma praça forte do rei Sangara, de Carchemich. Os príncipes da região se submeteram. No ano seguinte (857 a.C.) Til-Barsip se rende. Salmanassar aloja nela uma guarnição assíria e muda o nome da cidade: Car Chulmanu-Acharedu (Fortaleza de Salmanassar). Para esvaziar qualquer tentativa futura de Akhuni retomar o perdido trono, um ano depois marcha sobre Chitamnat e força-a a render-se.

A porta para a Síria está aberta e Salmanassar franqueia-a por volta de 854 a.C., conquista Aleppo e se dirige com todas as suas forças contra o Estado mais poderoso de toda a região: Damasco.

Mas aí encontra um osso duro de roer: o rei de Damasco, Bir Idri (o Baradad da Bíblia), antevendo havia muito tempo uma agressão pelo leste, estava bem prevenido, e à espera de Salmanassar com um formi-

¹ A atual Tell-Ahmar, a 20 km ao sul de Carchemich.

dável exército, que, pelos anais, sabemos ter sido assim constituído:

<i>Aliados</i>	<i>Carros</i>	<i>Cavaleiros</i>	<i>Soldados</i>
Bir Idri "da terra dos burros"	1 200	1 200	20 000
Irkhulenos de Hamath	700	700	10 000
Akhablu Sir'ilaja	2 000		10 000
"O de Mussri"			1 000
"O de Kua"			500
"O de Irkamata"	10		10 000
Matin-Baal de Arvad			200
"O de Usanata"			200
Ba'asa de Aman (Amon)			1 000
Adoni-Baal de Chan			10 000
Guindibu o árabe		1 000 <i>cameleiros</i>	
	3 910	2 900	62 900

além dos contingentes "de Khulicu" (Cilícia).

Dentre estes nomes, os mais interessantes: "Akhabbu Sir'ilaja", que é o rei Ahab, de Israel; e o emir Guindibu, com quem os árabes fazem sua primeira aparição oficial na história.

A batalha ocorre em Carcar, sobre o Oronte. Segundo as fontes assírias, foi um verdadeiro massacre, onde perderam a vida 25 000 inimigos (mas segundo outra fonte, talvez assíria, 14 000). O encontro certamente aconteceu, mesmo que Bir Idri, nos documentos que chegaram até nós, não o mencione; mas o resultado, mesmo que vitorioso para Salmanassar, não se demonstrou decisivo, dado que desta coalizão se fala de novo durante as campanhas do XI e do XIV ano (849 e 846 a.C.). A única cidade ausente é Hamath, provavelmente porque agora está incluída nas forças de Azael, rei de Damasco, sucessor de Bir Idri.

Assim, os êxitos de Salmanassar nesta parte do mundo são efêmeros e cada vez volta para casa sem possibilidade de consolidá-los. Mas não desiste, e ocasionalmente, sempre volta a experimentar. Em 842 a.C., a quinta expedição:

"No meu XVII ano, atravessei pela décima sexta vez o Eufrates. Khasa-ihu (Azael) da terra dos asnos (Damasco), confiando na coragem de suas tropas, recrutou um grande número. Tinha se entrincheirado no monte Sarinu (o Hermon). Combati contra ele, derrotei-o, destruí 16 000 de seus guerreiros (. . .). Para salvar a vida, ele fugiu, segui-o e o cerquei em Dimasqui (Damasco), sua residência. Devastei os campos, lancei-me até os montes do Hauran, incendiei e destruí inúmeras cidades, apoderando-me de um rico butim, penetrei (. . .) até a extremidade do mar (Mediterrâneo). Foi nestes dias que impus tributo também a Tiro, Sidon e Ja'ua, filho de Khumri".

Este último, seria Jehu, rei de Israel?²

Mas nem desta vez Damasco é conquistada e nem mesmo três anos depois, quando foi dirigida uma sexta expedição contra Azael. Salmanassar conquistou-lhe “quatro fortalezas” e recebeu novos tributos de Tiro, Sidon e Gubal (Biblos). Enfim, depois de outras duas campanhas inconclusivas, renunciou a Damasco, para grande alívio de Azael, o qual teve assim a oportunidade de exercer a própria autoridade sobre os reinos de Israel e Judá, e torná-los tributários.

De resto, Salmanassar estava sempre em contínua atividade. Para garantir para si as florestas de Amano foi até lá “sete vezes”, e na quarta ainda foi para o ocidente para conquistar Tarzi (Tarso), cujos habitantes “lhe abraçaram de joelhos” e lhe ofereceram “prata e ouro”. Conduziu uma outra campanha na Cilícia no XXII ano e tomou “minas de prata, sal e alabastro”.

Em terras tão longínquas, porém, não se pode falar em conquistas, mas antes em saques *una tantum* ou em revanches: de fato, a Cilícia tinha tomado parte na coalizão de 854 a.C.

Quanto à Babilônia, as relações foram cordiais mas borrascosas. A *Crônica Sincronística* afirma que “no tempo de Salmanassar, rei da Assíria e de Nabu-apal-iddina, rei de Carduniach, estes ataram bons acordos entre si e concluíram a paz”. Mas depois nos informa de acontecimentos que deram oportunidade a Salmanassar de intervir nos negócios internos de Babel:

“Estes (os assírios) tomaram a Nabu-apal-iddina, rei de Carduniach, o seu país e puseram Marduk-chuma-iddin no trono do pai. Então Marduk-bel-usati, seu irmão, se sublevou contra ele (...) e o povo de Acad se dividiu. O rei Salmanassar vem em auxílio de Marduk-chuma-iddin (...), derrota Marduk-bel-usati e as tropas que estavam com ele”.

Esta campanha para apoiar o rei “legítimo” durou uns dois anos e concluiu-se com a entrada triunfal de Salmanassar em Babel, que sacrificou, em meio a grande pompa, aos deuses locais e promoveu grandes festejos para si mesmo. Não contente, prosseguiu para o sul, em Chúmer, a punir os pequenos estados (Bît Iaquin, Bît Dacuri, Bît Amucani) que tinham tomado o partido dos rebeldes. Este estados-miniatura, habitados prevalentemente por cassitas e arameus, são genericamente chamados “países dos caldu”, isto é, dos caldeus (fig. 52).

Os fatos até aqui sumariados se encontram descritos na maior parte em duas celeberrimas obras de arte: o “Obelisco Negro” (Museu Britâni-

² É chamado “filho de Khumri”, isto é, de Omri, do país ou da dinastia de Omri (o pai de Achab), que, evidentemente, foi o primeiro rei de Israel que os assírios conheceram. Na realidade, Jehu suprimiu a dinastia de Omri e deu início a uma nova descendência. Os assírios deste período continuaram chamando o reino de Israel “Bît Khumri”, a casa (ou dinastia) de Omri.

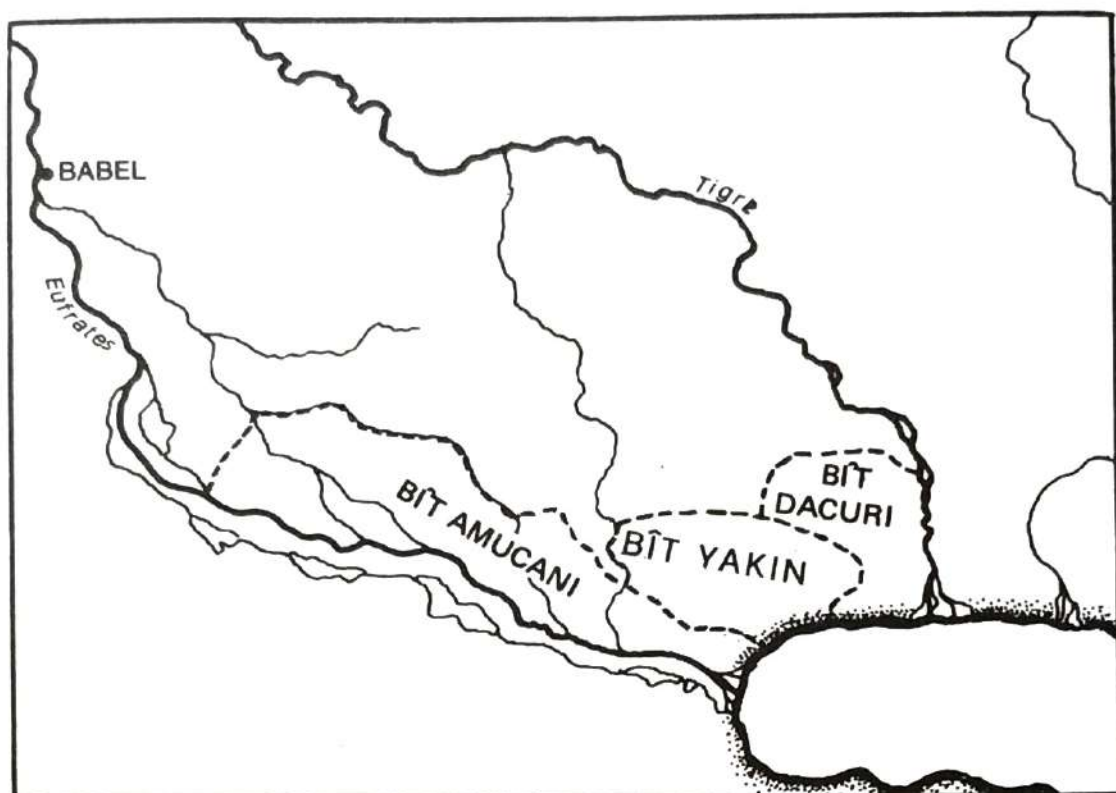


Fig. 52 — Os reinos caldeus.

co) e nas “Portas de Balavat”.

O primeiro não é um obelisco, mas antes um cepo, ou estela de quatro faces, com pouco mais de dois metros de altura. Dezesseis relevos, quatro por face, representam a coleta de tributos dos vencidos a Salmanassar e precisamente os de Gurzan, Mussri, Sukhi (rei Marduk-apal-ussur), Carchemich (rei Carparunda) e Israel.

Longas inscrições narram detalhadamente os feitos do rei assírio e exatamente daquela que comenta os tributos de Israel vem a confirmação de que Damasco não foi tomada. Diz de fato a explicação: “Azrael, da terra dos asnos, veio comigo à batalha (. . .), tomei dele 1 121 carros, 470 cavalos e todo o seu acampamento (. . .)” Mas para ilustrar tamanha vitória, o escultor não pôde representar o rei de Damasco, mas um personagem secundário, “Jahua (Jehu) filho de Khumri” que, ao menos pelo que se vê, entrega pessoalmente o tributo prosternando-se humildemente perante o vencedor e oferecendo-lhe “ouro, prata, estanho, taças e copos de ouro, e um bastão para a mão do rei”.

Muito interessante também a representação de dois “camelos fêmea de dupla corcova” — a primeira representação conhecida — que o rei recebe “de Mussri”.

As “Portas de Balava” é uma das mais perfeitas obras da metalurgia de toda a Ásia Anterior. Foram acrescentadas por Salmanassar III ao palácio de Ingur-Bel (hodierna Balavat), residência de verão de Assurnazirpal II. Eram duas grandes portas de madeira, provavelmente cedro, cada

uma com meio metro de largura e quatro de altura. Sobre ela estavam apostos dezesseis longos relevos de bronze, oito por batente. Seis destes estão no Museu Britânico, e o resto está distribuído entre os museus de Istambul, Boston, Louvre e coleção De Clerq. Neles estão representadas as empresas do rei Salmanassar, mas não na ordem cronológica, e constituem um documento iconográfico de grande interesse por mostrarem os armamentos de quase todos os povos inimigos (urartianos; fenícios; hititas; arameus), indicando-se cada um com breves mas precisas observações.

Quando Salmanassar III se sentiu velho demais para guiar pessoalmente os seus exércitos como sempre fez, confiou o comando ao seu valentíssimo "turtânu"³, Dajan-Assur, que cumpriu pelo menos mais cinco expedições.

Não obstante, não pôde gozar a velhice em paz: o príncipe hereditário Assur-danin-apli, impaciente por suceder ao pai que, apesar da idade avançada, não se decidia a ceder-lhe o poder, e quiçá também ciumento da popularidade de Dajan-Assur, perto de 829 a.C. conseguiu conquistar o consenso de cerca de 27 cidades, chefiadas por Nínive e vem a proclamar-se aqui "Rei da Totalidade". Mas Salmanassar não abdicou, continuando a governar, como se nada tivesse acontecido, por ao menos mais seis anos, permanecendo em Khalcu, onde morreu velhíssimo.

Se bem que empenhado em contínuas guerras, Salmanassar não descuidou das obras de paz: completou os muros de Khalcu e construiu, em Assur, o novo templo duplo a Anu e Adad; também fez esculpir muitas estátuas de si que disseminou como memorial, um pouco por todas as regiões de seu enorme império.

³ Turtânu, na Bíblia tartan, correspondia a um título muito prestigioso e também a um alto cargo militar, correspondente a Marechal do Império.

CAPÍTULO 17

URARTU

Além de Damasco, Salmanassar teve grandes dificuldades com a Armênia, que estava assumindo contornos políticos cada vez mais definidos. Já Assurnazirpal II, depois das vitórias obtidas nas paragens do lago Van e das preocupações causadas por Bir-Adad, encontrava resistência cada vez maior nas tentativas de conquistas rumo ao norte, onde renunciou penetrar.

Aqui, um príncipe de nome Sardur tinha fundado um Estado de uma certa consistência, tanto que numa inscrição se define, em caracteres e língua assíria, “Filho de Lutipris, poderoso rei, Rei da Totalidade (título do rei assírio), o Rei de Nairi” e se gaba de ter construído a fortaleza de Van.

A Sardur sucedeu Arami, contra o qual Salmanassar III conduziu a campanha do terceiro ano. Como já vimos, destruiu a capital, Arzachcu, em armênio Eraskh — que poderia também ser a Artaxata dos gregos — mas não conseguiu capturar Arami.

Este Arami, segundo a tradição armênia, é um grande herói nacional de cujo nome (Ni-Aram, ou “País de Arami”) derivou a palavra “Armênia”.

Morto Arami, subiu ao trono Sardur II contra o qual Salmanassar se bateu várias vezes, mas com resultados duvidosos. A última campanha é descrita sobre o “Obelisco Negro”:

“No XXVII ano (...) mandei meu turtânu, Dajan-Assur a Urartu (...). Ele cruzou o rio Arzanias (atual Murat-Suiu). Siduri (Sardur), confiando na multidão das suas tropas, veio ao seu encontro desafiá-lo para a batalha. Foi derrotado e os cadáveres de seus soldados cobriram a terra à sua volta”.

Mas também esta vitória, se é que foi uma vitória, não teve ulteriores consequências. Primeiro, Sardur II transfere muito mais para o ocidente a sua capital Thuspa (Tosp), a atual Van. O título de seus sucessores imediatos será “Rei de Biaina”, isto é, dos territórios em torno do lago Van. Este reino de Biaina se oporá valorosamente às futuras pretensões da Assíria.

Chamchiadad V (824-810 a.C.)

Quando Assur-danin-apli se rebelou, o pai lhe contrapôs o segundo-

gênito Chamchiadad, nomeando-o oficialmente herdeiro do trono. O primogênito não pestanejou, mas Chamchiadad, para maior segurança, refugiou-se em Babel, hóspede do rei Marduk-zaquir-chumi; este, de momento, achou mais sábio não intrometer-se naquela situação perigosa, garantindo, porém, ao ilustre hóspede todo apoio futuro, em troca de uma contrapartida consistente. Deste documento, que seria muito interessante conhecer, só restam fragmentos ilegíveis. O que sabemos é que Chamchiadad, certamente com a ajuda de Babel, um par de anos depois da morte de Salmanassar, consegue retomar o trono:

“Quando Assur-danin-apli, no tempo de Chulman-Acharedu, seu pai, promoveu a revolta (. . .), submeti 27 cidades com as suas fortalezas que tinham desertado Chulmanu-Acharedu, o rei, meu pai, e eram partidários de Assur-danin-apli, e isto pela vontade dos deuses, meus Senhores”.

Assinalamos aqui, como a política das deportações em massa estava dando seus frutos: pelo que sabemos, nenhuma cidade, ao menos na parte ocidental do império, teve a idéia de tirar proveito da magnífica ocasião desta guerra civil para retomar a liberdade. Só Damasco tirou vantagem, pois mais livre que nunca, completa a submissão de Israel e Judá.

Chamchiadad logo pôde concentrar a atenção no Oriente, como demonstrou as três campanhas que conduziu “na terra de Nairi”. Na terceira, vai bem além, penetra “na terra dos Matei” (Média) e chega quase ao Mar Cáspio, de onde traz um gigantesco motim. Estas expedições evitam propositadamente o forte reino de Biaina — cujo trono era ocupado por Ichpuinis, filho de Sardur — mas pretendem apenas ratificar o domínio assírio sobre os territórios limítrofes, para deter seus impulsos expansionistas.

Por volta do décimo ano, as relações com Babel se deterioram. Pode-se supor que Marduk-balassu-ikbi, o soberano do momento, interpretando livremente os acordos redigidos por seu predecessor em troca do apoio ao rei assírio, pretendia agora favores não previstos nas cláusulas, ou que de imediato o resgatasse. A esta altura, Chamchiadad lhe declara guerra:

Desce ao longo do Tigre, vadeia o Pequeno Zab, supera “as gargantas dos montes” onde mata “três fortes leões”, destrói e conquista “3 000 povoados”. “Os povos de Acad, temendo o esplendor de minhas armas poderosas, não ousando medir-se comigo em batalha, refugiaram-se na fortaleza de Dur-Papsucal, situada em meio à correnteza do rio (. . .).

Conquistei esta fortaleza, abati 13 000 de seus guerreiros, verti o seu sangue como se fosse água, amontoei um grande número de cadáveres de seus soldados, conduzi 3 000 prisioneiros e levei os tesouros de seu palácio (. . .). Destruí e incendeiei esta fortaleza (. . .) Marduk-balassu-ikbi, confiando na multidão de suas fileiras, chamou às armas os países de Caldu, Elam, Namri, Aram (os arameus estabelecidos na Babilônia). Ele veio ao meu encontro, entrincheirou-se sobre o rio Taban, diante da cidade de Dur-Papsucal. Combati contra ele e lhe infligi grave derrota”.

Seguem-se os dados: 5 000 mortos, 2 000 prisioneiros. No botim: 100 carros, 200 cavalos, a tenda e o leito de campanha do Rei de Babilônia.

Mas, não obstante o triunfo inicial, Chamchiadad se encontrou perante uma estrênuo defesa e não pôde abatê-la senão dois ou três anos depois. A derrota decisiva coube ao novo rei Bau-akhe-iddin que foi capturado e conduzido prisioneiro a Assur “com todos os seus haveres e os tesouros de seu palácio”.

Ao entrar em Babel, Chamchiadad prosseguiu a marcha rumo sul, na “terra de Caldu”, onde submeteu a tributo os jovens pequenos estados aramaicos do Golfo Pérsico. Impõe depois a Bau-akhe-iddin novas condições e fronteiras, e volta para casa deixando à Babilônia sua independência.

Semíramis (809-806 a.C.)

Chamchiadad III revelara-se personalidade enérgica e brilhante condutor de suas expedições, do Cáspio ao Golfo Pérsico. Mas a morte o colhe muito jovem. De fato, deixou o trono a um menino, Adad-nirari III (ou Ramman-nirari). A regência é assumida pela mãe, a rainha Sammuramat, muito mais conhecida com o nome que lhe deram os gregos: Semíramis. Assumiu o encargo por quatro anos, até a maioridade do filho, com grande dignidade e firmeza. Durante a sua regência, foi anexado ao império o “Reino de Gusana”, a atual Tell-Halaf, sobre o Khabur, e Semíramis ordenou aos seus generais ao menos três expedições à Média, duas “contra Mannach” (entre a Média e a Armênia) e duas à Fenícia.

Não é de surpreender-se que, num país onde as mulheres contavam bem pouco, esta única e grande rainha tenha aceso a fantasia não tanto de seus súditos — para os quais era tida como autoridade totalmente transitória — quanto dos pôsteros, e em particular dos imaginosos gregos, que construíram em torno de sua família uma série de lendas que se propagaram pelos séculos. De Semíramis ocuparam-se Heródoto, Ctésias, Diodoro Sículo, e depois, cada um por sua vez: Calderón de la Barca, Metastásio, Voltaire, Rossini, só para citar alguns, além de muitos pintores.

Desta algaravia de fábula emerge um personagem de contornos indefiníveis em que se misturam dissolução e heroísmo, crueldade e magnificência. São-lhes atribuídas a fundação do império assírio e uma infinidade de cidades, inclusive — quem sabe por quê — Treviri, na Alemanha; a construção das muralhas e dos famosos jardins suspensos de Babel; grandes conquistas, até a África e Índia, onde sofreu uma derrota, além do assassinato do marido.

Além do que sabemos por uns poucos documentos, pode-se apenas opinar que Sammuramat fosse uma princesa babilônia provavelmente fi-

lha do hospitaleiro Marduk-zaquir-chumi.

Adad-nirari III (ou Ramman-nirari, de 806 a 782 a.C.)

Em 806 a.C., Adad-nirari III atinge a maioridade, fixada então em 15 anos; Sammuramat retira-se em segundo plano, mas fica ao lado do jovem rei como preciosa conselheira.

A hipótese de sua origem babilônia é agora valorizada pela imprevista aparição, na Assíria, do culto do deus Nabu (ou Nebo) filho de Marduk, e deus de Borsippa, ao qual Adad-nirari se dedica com exclusivo fervor: “Confia só em Nabu, não te fies em outro deus”, diz uma sua inscrição.

Diversamente de seus predecessores, Adad-nirari, que reinou mais de trinta anos, não deixou senão três inscrições, nenhuma delas longa. Sabemos que conduziu uma dezena de campanhas em Urartu e duas na direção do Mediterrâneo:

“Da parte setentrional do Eufrates até o grande Mar do Ocidente, submeti a terra de Khattu (Carchemich) e a terra de Akhuru (Fenícia), em toda sua extensão; a terra de Khumri (Israel), Udumi (Edom), Palastu (Filistéia), e lhes impus tributo”.

Conseguiu exigir um grande tributo da tenaz Damasco, que, porém, conservou a própria independência:

“Passei pela terra dos asnos e o terror do poder de Assur, meu Senhor, a prostrou, e o rei abraçou os meus pés e se submeteu, e eu recebi dele, em Damasco, sua residência, no interior do seu palácio, 2 300 talentos de prata, 20 talentos de ouro, 3 000 talentos de cobre, 5 000 talentos de ferro, vestes multicoloridas, leitões de marfim (...), seus tesouros e seus haveres sem conta”.

Não é fácil fazer as contas do rei de Damasco, mas pelo visto, trata-se de uma soma enorme: um talento corresponde a cerca de 30 kg; aos preços de hoje, com referência só aos metais, teríamos cifras bilionárias.

Esta submissão de Damasco, que a preservava de males bem piores, encontra sua explicação na Bíblia (*Reis, II, 13*), onde lemos:

“Joas, filho de Joachaz, tirou de Benhadad, filho de Azoel, as cidades que este havia tirado de Joachaz, seu pai. Três vezes o derrotou e ele conquistou de Israel aquelas cidades”.

O rei Benhadad, portanto, que vinha de três derrotas, não estava, naquele momento, em condições de enfrentar os exércitos assírios.

A Bíblia não fala, por sua vez, de ataques assírios em relação a Israel; informa que Amásias, rei de Judá, invicto das expedições assírias, tirou proveito para bater “dez mil edomitas no Vale das Salinas” e para derrotar sua capital, Sele¹.

¹ Bosra, um pouco ao sul de Petra.

As relações com a Babilônia não são decifráveis através dos poucos documentos hoje existentes. Uma inscrição de poucas linhas afirma: “Os reis da terra de Caldu juraram todos submissão; impus-lhes seus tributos. Babel; Borsipa; Cutta. . .” nesta altura, o documento está despedaçado.

Tomando, porém, o fio desta história, podemos reconstruir sumariamente os acontecimentos. Depois da humilhação pela derrota e pesadas cláusulas impostas por Chamchi-adad, Babilônia viveu um longo período de descontentamento e crises, a que consegue pôr fim o rei Eriba-Marduk; mas este depois teve de lidar com as insidiosas tribos araméias dos itua que, após acamparem em grande número em torno de Babel, a ameaçavam de perto.

Com Eriba-Marduk, Adad-nirari firma um pacto de aliança e de fato, vai em sua ajuda pelo menos quatro vezes. Nas primeiras três para ajudá-lo a reprimir as agitações internas, e na última, para debelar os itua. Em contrapartida, aproveita o ensejo para recolher tributos das cidades nas quais, por causas diversas, teve de intervir com força.

Em geral, preferiu não se arriscar em aventuras muito perigosas; a sua paixão não eram as guerras, mas os tributos: de fato, quando Damasco, apesar de estar em péssima situação, esvaziou o tesouro a seus pés para conservar a independência, Adad-nirari depois de contar o valor do tributo, deixou tranqüilamente a independência à famosa cidade. Por outro lado, o “Rei de Biaina”, Menuas, filho de Ichpuinis, visto que no ocidente o rei assírio não atacava, incorporou ao próprio reino todos os territórios ao norte do lago Van quase até o Mar Negro, e subtraiu ao domínio dos assírios a “Terra de Dagini”, perto do Arasse que tinha sido conquistada por Salmanassar III — além de Man, Melitene, Khani-galbat e as duas margens do Arzanias. Adad-nirari não reagiu, talvez estimando que esses domínios não valiam o esforço de defendê-los.

Pelo que consta, suas incursões foram comedidas também no campo das artes: a seu deus pessoal Nebo erige, conscienciosamente, um templo em Khalcu, onde restaurou também o de Bel e construiu um palácio real; e em Assur, restaurou o templo de Anu.

Salmanassar IV (782-772 a.C.)

Deste rei, e de seus dois sucessores imediatos, não nos chegaram inscrições. De resto, não parece que tiveram muitos motivos para gabarem-se de empresas sensacionais. Adad-nirari III permitira um notável fortalecimento dos inimigos externos, e em conseqüência, um certo enfraquecimento do poder assírio.

Salmanassar IV procurou reparar isto, andando por seis vezes a combater em Urartu, e uma em Damasco. Não sabemos com que resultados, mas, supomos, significantes. Teve também trabalho para enfrentar os belicosíssimos itua, que impunemente faziam incursões até a Assíria,

tirando proveito de suas tropas empenhadas em Urartu.

Assur-dan III (772-754 a.C.)

O enfraquecimento do império se acentua ainda mais no tempo deste soberano, cujo reino foi obscurecido por graves acontecimentos. Um sinal de alarme é notado numa inscrição do general Chamchinilu, governador assírio de Til-Barsip (ou Car-Salmanassar), o qual se gloria de ter conseguido um sucesso militar consistente em Urartu, mas atribui o mérito todo a si, sem nem mesmo mencionar o rei. É sintoma de uma arrogância incompatível com a solidez do império e reflete a situação comum a muitos seus colegas esparsos nas "Quatro Partes do Mundo".

Em 765 a.C. surge uma pestilência que assola todo o país. Como se não bastasse isto, três anos depois (762 a.C.), em pleno meio-dia, ocorre um eclipse total do Sol. Em Assur, o fenômeno lança os cidadãos em tal estado de terror que desencadeia uma revolta que durou dois anos. Pouco depois, rebela-se a cidade de Arrapkha, e aqui pode-se razoavelmente depreender a intervenção do Reino de Biaina.

Em tais condições, Assur-dan III não tem possibilidade de se deslocar, e o "Rei de Biaina", Arguistis I, certo de não encontrar obstáculos, dirige grandes expedições a lugares geralmente não-identificáveis, mas por certo muito distantes de sua capital, Van. Em tais ocasiões, usa métodos muito similares aos de seu vizinho assírio, isto é: devastações e deportações em massa; amplia e consolida o próprio império e funda a cidade de Erbuni, que é a atual capital da Armênia, Erivan.

Sob seu filho, Sardur III (760 a 734 a.C.) o poder de Urartu atinge o seu ponto máximo e pode rivalizar de igual para igual com a Assíria. Mas Assur-dan, por uma série de circunstâncias, deve conformar-se a esta situação de fato, e se limita a cumprir algumas expedições à Síria, onde várias cidades começam a ficar em dúvida, entre os dois grandes pólos de atração.

Em verdade, aos poucos começa a pacificação; mas mais que à sua duvidosa energia, o bom resultado parece ter sido alcançado graças a uma segunda peste que em 759 a.C. paraliza novamente o país.

Assur-nirari V (754-746 a.C.)

Para frustrar quaisquer veleidades de escolha às cidades sírias, assim que Assur-nirari V subiu ao trono, investiu contra a cidade de Arpad e a obrigou a reiterar o juramento de fidelidade total, exclusiva e perene à Assíria. Nas cláusulas do *Diktat* são especificadas as penalidades por eventuais inadimplências: os cidadãos de Arpad, se perjuros, deverão deixar morrer de fome os próprios filhos, nutrir-se de terra, aplacar a sede com urina de asno e habitar pelo resto de seus dias somente em cavernas.

Mas este ato de autoridade não foi obedecido. Uma outra campanha na Síria e duas contra Namri não conseguiram frear a decadência do

império que agora estava à beira da dissolução. Assur-nirari é péssimo general: em 746 a.C. irrompe em Khalcu uma rebelião que assinala o fim deste rei e de sua dinastia.

Nabonassar de Babilônia (747-734 a.C.)

Neste meio tempo, Babel não estava, por certo, melhor que Assur; vimos como a derrota e as perdas territoriais sofridas por Bau-akhe-id-din por obra de Chamchiadad, com as conseqüentes sublevações angustiavam ainda os sucessores do vencido, Eriba-Marduk (795-764 a.C.) e Nabu-chum-ichcun (762-748 a.C.). As tribos araméias, sempre mais atrevidas e perigosas, controlavam faixas cada vez maiores dos territórios fronteiriços e mais algumas cidades do interior.

Seja na Babilônia, seja na Assíria, os tempos já eram maduros para o “homem forte” e o primeiro a impor-se foi Nabu-nasir (Nabonassar) que subiu ao trono de Babel em 747 a.C. De sua capacidade como soberano e governante, as crônicas não oferecem motivos válidos para ilustrar a sua importância. Mas é significativo que a *Crônica Babilônia* tenha início com o seu nome, e que em 747 a.C. comece a chamada ‘Era de Nabonassar’, isto é, este ano é tomado como ponto de partida para o cômputo dos anos futuros como a fundação de Roma (*ad Urbe condita*) ou como o nascimento de Cristo.

Teglatfalassar III (746-727 a.C.)

A inércia mais ou menos forçada de Assur-nirari causou por vários anos uma quase total inatividade do exército. Os “turtânu”, para os quais os botins de guerra representavam a maior parte de seus vencimentos, mordiam o freio. E os “coronéis” desocupados se punham a serviço dos governadores, agora autônomos e poderosos, a ponto de dar-se ao luxo de conduzir guerras e conquistas por conta própria. A revolta de Khalcu foi um típico golpe militar que, uma vez eliminado Assur-nirari — presumivelmente assassinado — levou ao trono um general não mais jovem que assume o nome de Teglatfalassar, o terceiro na sequência.

Não sabemos quem possa ter sido: se um “filho de ninguém”, ou como alguns supõem, um príncipe babilônio parente de Semíramis ou um irmão do rei destronado. De qualquer forma, o que importa é que demonstrou ser efetivamente o “homem forte” e perfeitamente idôneo para tomar as rédeas da situação.

Enquanto as instituições desmoronavam-se, as tribos araméias tinham retomado as suas incursões em território assírio. Teglatfalassar põe imediatamente o exército em pé de guerra, guia-o até aos confins meridionais, desbarata os itua, e prosseguindo ao longo do Tigre vai até o Golfo Pérsico, derramando “torrentes de sangue” entre os outros nômades (Rúbios, Khamarus, e outros). Os sacerdotes das cidades liber-

tadas do tormento dos assaltos contínuos o acolhem como a um libertador.

Em verdade, no passado, as belicosas tribos nômades muitas vezes gozaram do implícito bem-estar de quem estava interessado em deixar as coisas como estão, para ver como é que fica. Foi o que aconteceu; por exemplo, por parte de Babel, para molestar os assírios, e por parte da terra de Caldu, para molestar os babilônios.

Mas agora, Nabonassar, empenhadíssimo em reconstruir a ordem interna, ficou bem feliz que o colega assírio se desse ao trabalho de limpar as suas fronteiras.

Cumprida esta expedição punitiva que empanturrrou de botim os seus ávidos soldados, Teglathalassar III apressou-se a imprimir um novo curso ao seu império. Para expandir a economia, aboliu todos os privilégios fiscais de que gozavam as grandes ou antigas cidades e deu amplas possibilidades de desenvolvimento a comerciantes e lavradores. E para diminuir o poder dos governadores, subdividiu os grandes territórios que lhes estavam confiados em muitas províncias muito menores, à frente das quais colocou homens de sua confiança.

No terceiro ano, Teglathalassar está pronto para enfrentar o problema mais escaldante: o "Reino de Biaina". O equilíbrio da balança era sempre Arpad, que não obstante o juramento que lhe fora imposto por Assur-nirari, não inspirava a mínima confiança. Se Arpad passasse para o lado de Sardur III o equilíbrio de forças saltaria para o lado do rei de Biaina, que, em caso de vitória, não encontraria nenhum obstáculo sério aos seus apetites em relação à Síria e à Palestina.

Em Arpad, pois, se decidiriam os destinos futuros e contra esta cidade Teglathalassar conduz seu exército em 743 a.C. Sardur III intui o jogo e corre em auxílio de Arpad. O rei assírio, com uma fulminante inversão de marcha, se precipita a barrar-lhe a passagem. A refrega ocorre "nos territórios de Khistan e Khalpi, distritos do país de Cummukh", portanto pouco ao sul da antiga Samosata, a cinco ou seis dias de marcha de Arpad.

Deixemos a palavra a Teglathalassar:

"No terceiro ano de meu reinado, Sarduaris (Sardur), Rei de Urartu, aliou-se a Mati'lu de Arpad, Sumulael de Milidu (em grego "Melitene", hoje Malatya), Tarkhulara de Gungunu, Chuchtachpi de Cummukh (. . .).

Com o poderoso auxílio de Assur, meu Senhor, combati contra eles, derrotei-os, desbaratei seus guerreiros, enchi as gargantas e penhascos com seus cadáveres, (. . .) e destruí seus carros sem conta.

Em meio a esta carnificina, Sarduaris, para salvar a vida, fugiu durante a noite, e não se viu que caminho tomou (. . .). Eu o segui até a ponte sobre o Eufrates, limite do meu país (. . .) e capturei todo seu equipamento, o seu leito de campanha (. . .)".

Magnífica vitória, mas não tão arrebatadora a ponto de permitir que Teglathalassar aniquilasse Sardur pessoalmente; contra ele deverá nova-

mente medir-se entre o quarto e o nono ano em mais cinco campanhas em Urartu. Seria fascinante segui-lo passo a passo, mas cerca de cinquenta anos mais tarde, Assarhaddon abaterá o palácio de Teglathalassar III em Khalcu, utilizando, para construir o seu, os materiais do outro, inclusive as pedras com as inscrições, que ficaram muito danificadas. Sabe-se, no entanto, que Teglathalassar operou um programa de grande alcance durante o qual foi a locais jamais mencionados, antes ou depois, “todos distritos da longínqua Média” e chegou até “o Monte Bicni”, que é o Demavend, uma centena de quilômetros além de Teerã. Com a quinta campanha, o cerco estava executado; só restava penetrar no centro do “Reino de Biaina”. Penetrou nele no décimo ano e no décimo-primeiro (em 735 a.C.) chega perante Van.

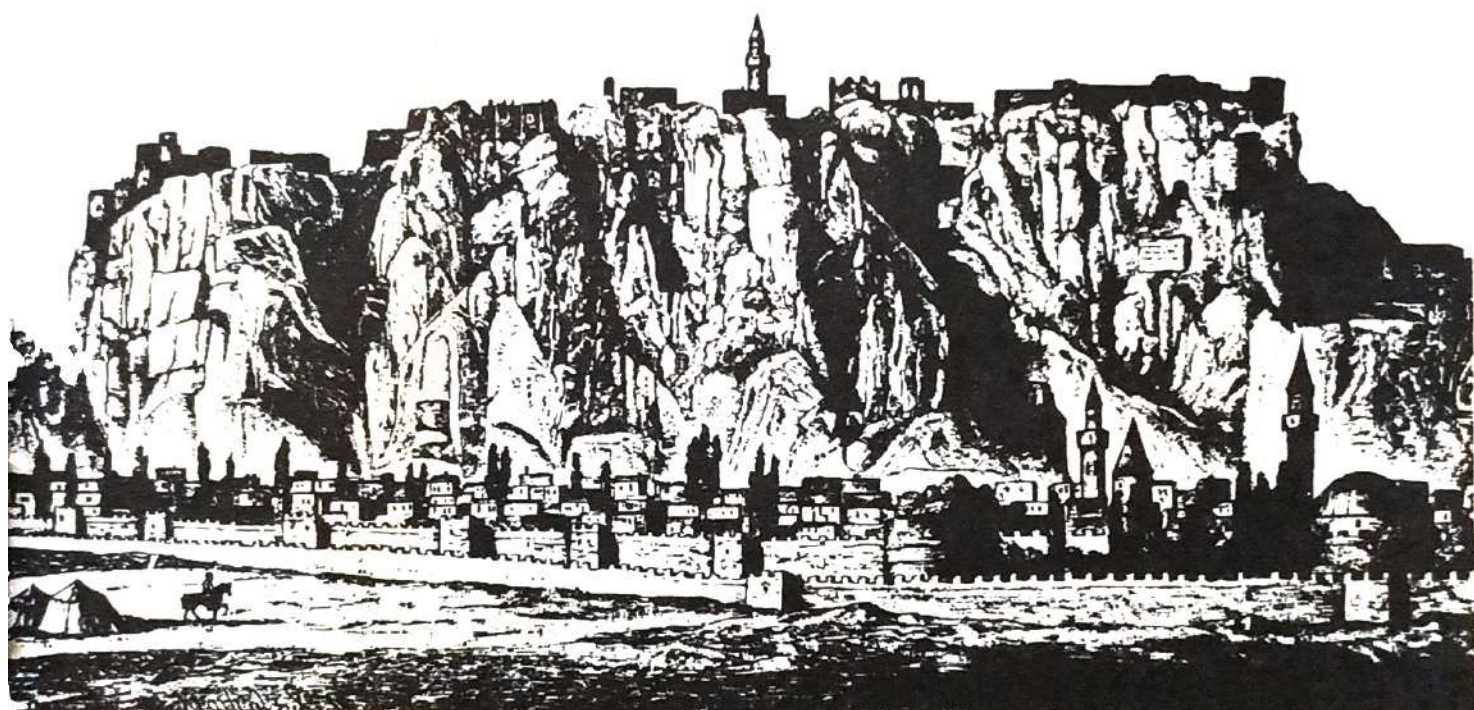


Fig. 53 — Vista de Van. Gravura do séc. XIX.

“Na cidade de Tuchpa (Van), sua cidade (fig. 53), cerquei Sarduaris. Frente às portas, espargi torrentes de sangue e ergui a minha estátua. Por setenta milhas circulei pelo país de Urartu sem encontrar um só rival”.

Mas nem desta vez pode capturar Sardur: Van, dada sua posição, não podia ser assediada, porque do lado do lago recebia todas as provisões que lhe eram necessárias, e pelo outro lado, enquanto fortaleza, era inexpugnável. Teglathalassar teve de se resignar a saquear toda a vizinhança, acumulando um botim de “8 650 prisioneiros, 300 cavalos, 660 mulas, 1 350 bois, 190 000 cabeças de gado miúdo” e voltar para casa. Entretanto, o império de Biaina estava destruído.

Ao mesmo tempo, a Síria foi eliminada; no ano subsequente, à pri-

meira derrota de Sardur em Cummukh, Teglathalassar voltou correndo a atacar Arpad, à qual muitas cidades amigas haviam prometido apoio. Não conseguindo conquistá-la, cercou-a; a cidade suportou heroicamente o assédio por três anos; em 740 a.C. Arpad cede, pela fome, e a sua sorte é atroz. Aos aliados, para evitar sofrer o mesmo fim, só restou fazer ato de submissão e pagar pesados tributos. Somente o rei Tatammu do pequeno reino de Unqui, sobre o Oronte, recusou desdenhosamente dobrar-se ao presunçoso. O rei assírio saqueou sua capital ("Eu contei as mulas saqueadas, como se contam as ovelhas") e a destruiu. Depois a reconstruiu, repovoou-a com outra gente e colocou um governador assírio.

Em 738 a.C., no oitavo ano, enquanto Teglathalassar está ocupado em Urartu, contra ele se forma uma coalizão guiada impensadamente pela neo-hitita Hama, que, de fato, depois de uma breve luta torna-se província assíria. Os outros, entre os quais o rei Reson (ou Resin) de Damasco e Menahem de Israel, por ora se salvam pagando pesados tributos.

Em 734 a.C., no décimo-segundo ano, livre de Sardur, Teglathalassar volta ao ocidente para reafirmar sua própria supremacia e chega até Gaza, capital dos filisteus. Poucas linhas que sobreviveram até agora, anunciam que:

"Khanunu, Rei de Gaza, fugindo perante as minhas armas, refugiara-se em Musri . . . Conquistei a cidade . . . ouro, prata, vestes multicores. . .".

Musri é o Egito, que se encontra agora limítrofe com o império assírio.

O fim do reino de Israel

Nos dois reinos hebraicos², isto é, Israel com a capital na Samaria e Judá com a capital em Jerusalém, pouco antes da subida ao trono de Teglathalassar III reinavam respectivamente: Jeroboão II e Ozias, chamado também Azarias (hebr.: 'Uzziyah).

Ozias (784-755 a.C.), soberano muito eficiente, retomando a velha política econômica de Salomão, e constituindo um forte exército ao qual não faltavam imponentes máquinas bélicas copiadas dos assírios, tomara dos edomitas o Golfo de Ácaba e aos filisteus um par de cidades à margem do Mediterrâneo, implantando entre um e outro mar uma lucrativa via caravaneira munida de fortalezas e hospedarias permanentes. Jerusalém florescia, e as finanças prosperavam. Mas Ozias, por volta de 755 a.C., contrai a lepra, que o conduz à morte cerca de dez anos mais tarde; o trono foi assumido pelo filho Joatão.

Também a Samaria estava em boas mãos: Jeroboão II, em seu longo reinado (786-747 a.C.) conquistou vários territórios e levou Israel a

² Para os fatos anteriores cf. Frederico A. Arborio Mella, *O Egito dos Faraós*, São Paulo, Hemus, 1980.

um invejável grau de bem-estar. O profeta Amós lamentava que o rei pensasse muito mais nos negócios do que em Deus, tanto que, um dia, sentenciou publicamente: "Pela espada deverá perecer Jeroboão, e Israel será exilado para longe de sua pátria!". Mas, no momento, para o exílio ele é quem foi.

Seu pessimismo, porém, não era de todo sem fundamento: à morte de Jeroboão sobrevém o caos e sobre o trono de Samaria se sucederam, entre 747 e 745 a.C., três reis: os primeiros dois acabaram assassinados, e o terceiro, Menahem, durou, pelo sistema do terror, por uns dez anos.

Esta situação perdurava quando em 738 a.C. Teglathfalassar, conquistada Hama, assomou, ameaçador, às fronteiras de Israel. Diz a Bíblia (*Reis, II, 15-19; 20*):

"Phul (Teglathfalassar) veio à nossa terra e Menahem deu a Phul mil talentos de prata para que viesse em sua ajuda, assegurando-lhe o trono. E Menahem cobrou dos poderosos e abastados de Israel este valor, na proporção de cinquenta ciclos de prata cada um, para poder pagar o rei da Assíria. E este foi-se embora e não parou em nossa terra".

Assim Menahem garantiu a sua independência e sobretudo um formidável reforço para seu trono vacilante. Naturalmente, os 40 000 "poderosos e abastados" desembolsaram o preço de sua má vontade, e não surpreende que, à morte de Menahem, seu filho fosse assassinado pelo general Pecakh, o qual ilegítimamente também subiu ao trono com intenções muito belicosas.

De fato, os 1 000 talentos eram só um *una tantum*, ao passo que era preciso pagar os tributos ordinários todos os anos. Pecakh julgou inaceitável tal contrato-cabresto, mas sozinho não podia livrar-se dele. Firmou alianças com todos os que tinham os mesmos problemas que ele e conseguiu erguer uma respeitável coalizão de que faziam parte, entre outros, Reson de Damasco, a rainha árabe Samsija e a indômita Gaza. Talvez tivesse também recebido alguma promessa do Egito.

Mas para construir uma dissuasão adequada precisava igualmente do apoio do mais eficiente exército da região, o de Acáz, rei de Judá, sobrinho de Ozias. Para ele se volta, de fato, Pecakh, mas Acáz não quer saber de nada. Narra a Bíblia (*Reis, II, 16, 5 ss*):

"Então Reson, Rei da Síria e Pecakh, Rei de Israel, tomaram de assédio Jerusalém, e, após ter mantido longo cerco a Acáz, não conseguiu vencê-lo (. . .) E Acáz enviou embaixadores a Teglathfalassar para pedir-lhe: 'Eu sou teu servo e teu filho, venha salvar-me das mãos do Rei da Síria e de Israel que mobilizaram seus exércitos contra mim'. E, reunida toda a prata e todo o ouro que pôde encontrar na Casa do Senhor e nos tesouros da Coroa, enviou-os ao rei dos Assírios".

Assim cativado, Teglathfalassar acorre de bom grado em auxílio de Jerusalém. Reson procura impedir-lhe a passagem, é derrotado e vai parar precipitadamente em Damasco, onde o rei assírio o encerra "como um passarinho na gaiola", devasta todo o reino, desenraíza as árvores frutí-

feras, destrói seus esplêndidos jardins e reduz “591 localidades como um campo onde passou a tempestade”. Expede para Assur 2 100 escravos e, deixadas em Damasco forças apropriadas para o assédio, prossegue com o restante das tropas para Israel:

“Conquistei o país de Bît-Khumri (Israel) e levei para o país de Assur todo seu espólio; esses (os israelitas) mataram Pecakh, seu rei, e eu coloquei sobre o trono Ausi'i (Oséias) e recebi seu tributo de dez talentos de ouro e mil de prata”.

E, como profetizara Amós, a população foi deportada em massa.

O Reino de Israel não foi, todavia, suprimido. Oséias, feroz adversário de Pecakh, assassinando-o, assumiu o título de rei com o beneplácito de Teglathfalassar. Foi o último rei de Israel, mas com o seu território limitado à Samária e à pequena região de Efraim.

Prosseguindo a marcha, o rei assírio vai agora acertar contas com Gaza, muito indisciplinada. Decide dar uma severa lição à rainha Samsija, “que tinha violado o sagrado juramento feito ao Sol”, isto é, tinha se recusado a pagar o tributo acordado com a rainha precedente, Zabibija (em 738 a.C.)

“Ela, para salvar a vida, fugiu como uma zebra para a terra da sede (o deserto).” Tiglatfalassar vai em sua perseguição e a surpreende “em meio ao seu acampamento”, aliviando-a de “30 000 camelos, 20 000 bois e 5 000 espécies de aromas”.

Dado que no deserto não havia nada a destruir, Teglathfalassar se retira e, deixando ao lado da rainha um procônsul, excursiona pelas vizinhanças também para impor taxas:

“aos da cidade de Taima, aos sabeus, aos idibaileus (. . .) nos confins da terra do ocidente, que ninguém conhece e que habitam longe, e estes se apressaram a prostrar-se aos meus pés e oferecer-me ouro, prata, camelos e aromas de todo gênero”.

Satisfeito, confia a vigilância dos limites com o Egito “a Idibi'il (na Bíblia, Adbe'el), da terra de Urubu (Arábia)”.

Enquanto isto, Damasco, depois de um longo assédio, rende-se (em 731 a.C.) e torna-se província assíria. Reson é executado e Teglathfalassar, sentado em seu lugar no palácio real de Damasco, convoca todos os reis vizinhos para pagar tributo. Dentre estes são mencionados Acáz (que vai pagá-lo pessoalmente), Arvad, Ammon, Moab e Edom, isto é, toda a Palestina. Nem se fala de Oséias de Israel. Também a cidade de Tiro, que tergiversava, é energicamente convidada a respeitar a intimação, e enviou “150 talentos de ouro”.

Neste ponto poder-se-ia pensar que toda esta gente se sujeitasse a pagar os tributos à Assíria em troca de alguma vantagem; não havia van-

tagem alguma, exceto a de se evitar males ainda maiores. Aqueles tributos eram tal como a “taxa de proteção” cobrada pela Máfia. . .

A conquista de Babilônia

Agora o grande Teglathfalassar era o senhor incontestado de “Três Partes do Mundo”. Faltava a quarta, Babilônia, e os acontecimentos acabaram por oferecê-la quase espontaneamente a ele.

As relações com Nabonassar sempre se mantiveram cordiais e o rei assírio não deixou de enviar-lhe tropas para ajudá-lo a manter na linha os irrequietíssimos “Filhos da Estepe”, e os ainda mais irrequietos da terra de Caldu.

Nabonassar morreu em 734 a.C. e sucedeu-lhe o filho Nabu-nadin-zêr. Reinou apenas dois anos: em 732 a.C., o príncipe arameu de Bit-Amucani, Nabu-uquin-zêr (ou simplesmente Uquin-zêr), eliminado o herdeiro (Nabu-chum-uquin), usurpa o seu trono.

Teglathfalassar, em nome da amizade e da legitimidade, em 731 a.C. marcha contra Uquin-zêr, que se defende muito bem, dado que só em 729 a.C. o rei assírio consegue fazê-lo prisioneiro e destruir sua capital, Chachi, onde se tinha encastelado. Depois do que entra triunfalmente em Babel, sacrifica a todos os deuses locais, e na falta de pretendentes que preenchessem os requisitos por ele impostos, cinge a coroa de “Rei de Chúmer e Acad” com o nome de Pulu (o Phul, da Bíblia).

O grande ancião morreu dois anos depois, deixando ao sucessor um império comparável só àquele de Naram-Sin, mas em perfeita ordem e sem inimigos em condições de ameaçar seu poder. Para consolidá-lo, ou, como ele mesmo disse, para tomá-lo “de uma boca”, tinha posto em ação o sistema de deportações em massa em escala jamais vista. Calcula-se que durante o seu reino vintenal, ao menos 100 000 pessoas devem ter-se transferido de uma localidade para outra.

Tinha fixado sua residência em Khalcu onde, para seu uso, ampliou grandiosamente, “sobre o modelo sírio”, o palácio construído de Salmanassar III, adornou-o de relevos representando, na maioria, as suas batalhas, e o adornou opulentamente com tudo que de precioso saqueara das “Quatro Partes do Mundo”.

Salmanassar V (727-722 a.C.)

Como narra a Bíblia (*Reis, II, 17*) para Oséias, rei dos últimos territórios restantes de Israel, a morte de Teglathfalassar significou o momento oportuno para subtrair-se à ingerência assíria. Mandou embaixadores ao Egito e provavelmente obteve uma promessa de ajuda, que o faraó talvez não tivesse condições de dar, e recusou-se a pagar tributo.

Em 724 a.C., Salmanassar V — que, como rei de Babilônia, tinha assumido o nome de Ululai — parte para a Samaria. Oséias o enfrenta, mas

é derrotado. O rei assírio devasta todo o território, assedia Samaria e volta para sua pátria com Oséias acorrentado.

Mas, aí, encontra uma situação alarmante: as “reformas estruturais” operadas vinte anos antes por Teglathalassar estabeleciam, entre outras coisas, que os cidadãos de Assur pagassem as taxas e prestassem o serviço militar como todos. Isto criara uma massa de descontentes, manobrada por governadores insubordinados prontos para rebelar-se. Enquanto reinava um homem da ténpera de Teglathalassar, não ousaram dissindir. Mas perante seu sucessor, ousaram, tanto que, a certa altura, Salmanassar V é deposto e talvez assassinado (722 a.C.).

Uma inscrição informa que tudo aconteceu “porque Chulmanu-Acharêdu não respeitou o querer do deus Assur”.

CAPÍTULO 18

A ERA DOS SARGÔNIDAS

Sargão II (722-705 a.C.)

Do prestigioso chefe de este golpe ignora-se a identidade precisa. Nas suas inscrições, ele se gaba de ser um rebento da antiga dinastia, e uma só vez se proclama filho de Teglathalassar. Na *Crônica Babilônia*, a sua origem é dada como “de Khabigal” mas não sabemos se com este nome se quer indicar uma cidade ou um indivíduo. Provavelmente se chamava Irba ou Iriba; talvez fosse oriundo de Babilônia, e por certo deveria ser um general ou governador de um dos dois ou de ambos os reis que o precederam.

Assim que sobe ao trono de Assur, em 722 a.C., assume o nome fatídico de Charru-quênu (Sargão), o segundo na seqüência.

Logo reconquistou o apoio fornecido por colegas e súditos sujeitos a impostos restabelecendo *ipso facto* “a isenção dos impostos das cidades de Assur e Harra, a constituição das quais estava há muito caída no esquecimento”, estendendo-a naturalmente a todos os templos da Assíria, conquistando destarte os favores das classes abastadas, ou “reacionárias”. A seguir, grandes favorecimentos e decretos em favor dos camponeses lhe asseguraram também as simpatias do povo.

Em 721 a.C. a Samaria, que enquanto isso tinha heroicamente suportado um assédio de três anos, é forçada a capitular. Diz a Bíblia (*Reis, II, 17, 6*):

“No nono ano de Oséias, o rei dos Assírios conquistou Samaria e transportou os Israelitas para a Assíria, colocando-os em Khalakh e em Khabor junto ao rio Guzan e nas cidades da Média”.

Indicações das atrocidades que por certo aconteceram encontram-se no *Livro de Oséias, XIV*: “crianças trucidadas, mulheres grávidas desventradas. . .”

Segundo os anais de Sargão, os deportados da Samaria foram 27 290, isto é, praticamente todos. Sempre da Bíblia, tiramos (*Reis, II, 17, 24*):

“O rei dos Assírios retirou os povos de Babilônia e de Kuta, de Avva, de Khamat e de Sepharvaim e destinou-os a Israel. E eles tomaram posse da Samária no lugar dos filhos de Israel e fixaram sua residência naquela cidade”.¹

¹ Sobre a localização dos lugares citados nas duas passagens acima mencionadas: alguns, com pequenas modificações, lêem: “colocou-o em Khalakh sobre o Khabur, rio de Gozan”. É uma cidade não-localizável no território de Gozan, a hodie-

Isto explica como, a partir deste momento, os hebreus de Judá passaram a ver nos samaritanos uma raça de infiéis ou bastardos. Esta antipatia visceral será sublimada no belo episódio evangélico da samaritana junto ao poço. Cristo, em sua missão de fraternidade, tentará ainda aplacar este ódio recíproco criando o “bom samaritano”.

O ano de 721 a.C. assinala a derrota definitiva do Estado de Israel. Enquanto Estado só ressurgirá 2 669 anos depois, com a proclamação de David Ben Gurion, a 14 de maio de 1948, mas por obra dos descendentes do Reino de Judá.

Para Sargão, porém, o problema mais imediato e candente era Babilônia, que, tirando proveito dos tumultos em Assur, separara-se da Assíria. Ao trono de Chúmer e Acad subira, em 722 a.C., o idoso mas enérgico Marduk-apal-iddina, filho de Eriba-Marduk, príncipe do mais poderoso Estado da terra de Caldu, Bît-Jaquin. Era pois um caldeu e aos seus compatriotas presenteou grandes extensões de terra, tomadas aos legítimos proprietários babilônios.

Prevendo como certo um ataque de parte do novo rei da Assíria, qualquer que fosse, aliara-se de maneira antinatural com um tradicional inimigo, o Elam. Aqui reinava um soberano respeitável, Khumbanigach I (742-717 a.C.) o qual, reagrupando sob seu domínio muitas cidades, conseguira fazer ressurgir, depois de séculos de eclipse, o poderoso reino que hoje chamamos neo-elamita.

Como previsto, em 721 a.C. Sargão sobe ao longo do Tigre com todas as suas forças, até Der, onde se encontram a esperá-lo as legiões inimigas, e onde ocorre a refrega. Dado que ambos os contendores cantaram vitória, não sabemos a quem dar a palma. Mas, não importa o resultado, Sargão volta a Assur e a *Crônica Babilônia*, apontando que Marduk-apal-iddina chegou ao encontro atrasado, designa decididamente a vitória a Khumbanigach. Isto não impede ao rei de Babel afirmar ter obtido estrepitoso sucesso contra o inimigo que chama, com evidente desprezo, “Subartu”.

Pode-se então argumentar que Sargão, defrontando-se com um exército de inesperada força, e sendo informado que de um momento para outro deveria chegar o babilônio, igualmente forte, preferiu postergar a questão. De resto, novas preocupações o assaltam: os espiões lhe comunicam que no ocidente — sempre confiando no fantomático apoio do Egito — está-se formando uma nova coalizão de rebeldes, capitaneada pelo “filho de ninguém” Ilubidi de Khamat (Hama) e reforçada pelo rei Annon de Gaza, por Damasco, Arpad, Simira, além da indomável Samaria, recém-destruída.

na Tell-Halaf. Cuta é a atual Tell Ibrahîm, ao norte de Babel; Avva provavelmente é Tell Cafr’Aia, a nordeste de Homs (na Síria); Khamat é a atual Hama; Sefarvaim devia encontrar-se em suas vizinhanças, mas não foi ainda identificada.

Em 721 a.C. Sargão debela parcialmente a revolta em Carcar, “cidade predileta de Ilubidi”, o qual é esfolado vivo. Depois sobe rumo a Ráfia, na fronteira egípcia, onde completa a obra desbaratando “Khanun e Sib’e”, isto é, Annon, que é feito prisioneiro, e um general egípcio².

Demora-se depois nas vizinhanças, onde submete “as tribos de Tamud, Ibadid, Marsiman, Khajappa, e os longínquos árabes que moram no remoto deserto e sobre o qual sábios e doutos nada sabem (. . .); os remanescentes conduzi comigo e os transplantei na Samaria (. . .). Recebi pedras preciosas, marfim, cavalos (. . .) como tributo de Pir’u, Rei de Musri, de Samsija, Rainha de Urubu, e de It’amara, o sabeu”.

Encontramos entre estes nomes o de uma velha conhecida: a rainha Samsija. A tribo de Tamud é composta pelos tamudeni que, na qualidade de cavaleiros, farão mais tarde parte do exército romano. Enfim, “Pir’u” é o faraó que, por certo, não é tributário de Sargão, mas envia-lhe mulheres para que seja perdoada sua cumplicidade com os rebeldes.

No ano seguinte (719 a.C.) Sargão corre em auxílio do aliado “Reino de Mannach” (Man) aneado por alguns príncipes da Média, aos quais inflige atrozes punições devastando seus territórios. Nos dois anos sucessivos combate na frente oposta atingindo as faldas do Tauro e põe fim à independência da poderosa Carchemich, reduzida a simples província do império (717 a.C.)

Simultaneamente, em Urartu, prenunciam-se acontecimentos bem mais graves: o “Reino de Man”, que no papel era considerado aliado da Assíria, mostra ser absolutamente contrário assim que, ao velho rei Iranzu, tributário de Sargão, sucede o filho Ullusun. Este, deixando de lado as alianças, oferece sua ajuda a Rusa, “Rei de Biaina”.

Nasce uma potência temível, para a qual se voltam logo as esperanças de muitos outros súditos tributários, habitantes das regiões circunvizinhas, que põem as próprias forças à disposição da liga. Dentre estes, o chefe dos médios, Dajakku, que é o “Dejoz”, ao qual o fantasioso Heródoto atribui a fundação do império dos médios, a libertação deste povo do jugo assírio e a fundação de Ecbátana. O território coberto por estas forças aliadas era enorme, do lago Van ao Mar Cáspio e, subindo, cobria boa parte da Média e de Parsuach.

Sargão já tinha intervindo umas duas vezes para endireitar a situação: em 716 a.C., quando recebe ato de submissão “de vinte e oito cidades”, e em 715 a.C. quando, derrotado Dajakku, levou-o prisioneiro para Hama. Mas era preciso atingir o inimigo no coração, e só em 714 a.C. o rei assírio, reunidas todas as forças disponíveis, marcha contra Ullusun e Rusa. A esta grandiosa campanha é dedicada a mais longa inscrição encontrada na Assíria, ao menos dentre aquelas que narram

² Este Sib’e, na Bíblia, é chamado Sua (hebraico Sô), que deve pronunciar-se, muito provavelmente, Seue. É um general, talvez mesmo um príncipe do Delta. Sargão refere-se a ele como “turiânu”.

um só feito: 430 linhas de texto.

A narrativa é num estilo agradável, demorando-se na descrição de paisagens e situações com imagens nobres e vivazes. O tom, porém, é marcadamente triunfalístico, no limite do insuportável. Quando ao fim se dá conta das perdas, são enumeradas pormenorizadamente as enormes hecatombes sofridas pelos vários inimigos; depois Sargão declara os próprios mortos: seis homens, no total.

Atravessado sem grandes obstáculos o "Reino de Man", Sargão penetra no território dos "zicartu" — talvez os sárgatas, de que fala Heródoto, na Média; entrega às chamas a sua capital, Pardu, e volta atrás, dirigindo-se para o Urartu. Enquanto isso, Rusa tinha bloqueado, com o próprio exército, a estreita passagem entre o lago Van e "o Monte Sehend que nem um pássaro em voo pode superar", com a intenção de surpreender as forças assírias em ordem de marcha e cansadas pela longa caminhada. Mas quem o surpreendeu foi Sargão, que à testa de um esquadrão de cavalaria opera um fulminante ataque contra as tropas de Rusa num ponto que, considerado intransponível devido à conformação do terreno, foi deixado desguarnecido. A surpresa lançou o caos entre as fileiras inimigas que por fim foram dispersadas pelo grosso das tropas assírias.

Rusa consegue escapar, refugiando-se nos montes, onde Sargão não perde tempo em segui-lo. O caminho para Van está desimpedido e Sargão o percorre inteiramente, devastando e incendiando tudo o que encontra pelo caminho: cidades, aldeias, campos, pomares, canais e diques, até a inexpugnável capital. Devolve à pátria o exército, mantendo junto a si apenas um corpo de tropas escolhidas, com o que toma de assalto a fortaleza de Mussassir, perdida entre os montes, e que é o último refúgio de Rusa. Seu defensor, o príncipe Urzana, salva-se fugindo.

Uma inscrição mais tardia informa que a mulher e filhos "de Ursu" (Rusa) acabaram à mercê do inimigo, e que Rusa, vindo a saber do fato, deu cabo de si com um punhal no coração.

Nos anos imediatamente sucessivos, Sargão limita ao máximo a sua atividade bélica preocupando-se em aplicar a justa punição aos aliados e aos partidários de Rusa. Em particular, controla os territórios da Anatólia oriental, entre eles os neo-hititas de Til-Garimmi (a bíblica Togarma), Melidu e Gurgum, todos incorporados à Assíria.

Em 711 a.C. volta à cena a Palestina: Judá, Edom e Moab estavam conspirando com o faraó Chabataca. A certa altura, estoura um incidente: na cidade filistéia de Achdod (Azdod) um tal Jamani assassina o rei Akhimiti, colocado no trono por Sargão e, por isso, fidelíssimo a ele. Sargão não considera indispensável a sua presença, e envia um general. O fato é anotado na Bíblia (*Isaías, XX, 1*):

"Tartan, enviado por Sargão, Rei dos Assírios, veio até Achdad, declarou-lhe guerra e a conquistou".

Ignoramos o resultado da conspiração, mas é fácil supor que os outros tenham dado um jeito de se submeter em pouco tempo.

Em 709 a.C. o “Rei Mita (Midas) de Muchqui” e algumas cidades da ilha de Chipre também acabariam pagando tributos.

Mas se para Sargão estes eram feitos da administração ordinária, mais se impunha como improrrogável a questão babilônia, já há muito deixada em suspenso.

Não se tratava tanto de Babel — na realidade, muito mais propensa aos assírios que ao caldeu Marduk-apal-iddina (e menos ainda a seus aliados elamitas) — quanto dos arameus do deserto e habitantes do país de Caldu. Estes poderiam ser considerados, seja pela Assíria, seja por Babel, se bem que em medida diferente, inimigos comuns à maneira dos elamitas, fortemente aparentados com os caldeus, isto é, com os cassitas, que com a queda daquela dinastia foram rechaçados na direção do Golfo Pérsico. Não foi por nada que Teglathalassar III foi acolhido pelos babilônios como um libertador, por ter limpado as fronteiras destes perturbadores inimigos, o mais poderoso dos quais, o Estado de Bît-Jaquin, era a pátria do atual rei de Babel, Marduk-apal-iddina, com o qual Sargão agora se preparava para um acerto de contas.

Reduzidas as suas forças e derrotadas as tribos araméias que tentavam obstacular-lhe a marcha, Sargão sitia Babel. Enquanto isso, no Elam, subia ao trono Chutruk-nakhkhunte II (717-699 a.C.) o qual, avaliando bem as forças adversárias, não considerou oportuno honrar a firma aposta por seu pai ao tratado de aliança com Marduk-apal-iddina. Este, ficando só, foi forçado a refugiar-se precipitadamente em Bît-Jaquin, onde, para bloquear a invasão, ordenou a abertura de todas as comportas dos canais, inundando o país.

Mas ele foi de qualquer modo alcançado, assediado e derrotado perante os muros de sua capital, Dur-Jaquin. Ao fim, foi forçado a se instalar definitivamente no Elam.

Sargão, para completar sua “limpeza”, intervém também contra as tribos araméias “dos sutu” dispersando-os e devolvendo a independência “às cidades de Ur, Uruk, Eridu, Larsa, Quich (. . .) que esses (os sutu) tinham ocupado”. Todo o resto do país de Caldu torna-se tributário da Assíria.

Babel agora lhe abre as portas, e Sargão entra como triunfador, prodigalizando maciças isenções fiscais aos templos e classes abastadas, tributa grandes atos de devoção aos deuses locais e, para não ficar inimigo de nenhum, assume apenas o modesto título de “Governador de Carduniach” (705 a.C.)

Dur-Charruquin

Com a mesma cautela Sargão se comportou também em outras circunstâncias: durante os primeiros dez ou doze anos de reinado não se

preocupou muito com a realização de grandes obras arquitetônicas: restaurou alguns templos e palácios de Assurbanípal em Khalcu. Pode-se supor, por outra, que para não ferir a suscetibilidade dos poderosos de uma cidade, mais que de outra, hesitasse sobre a escolha da própria capital e residência. Se isto corresponde mesmo à realidade, seu desejo de imparcialidade deu ótimos frutos, porque em 713 a.C. dediciu construir uma *ex novo*, e que recebesse o seu nome. “Em Magganubba, ao sopé do Monte de Mussri, acima das nascentes de Nínive” traçou um grande quadrado de 1 700 m de comprimento (fig. 55), em torno do qual erigiu as muralhas (fig. 54) de 23 m de altura e 24 m de largura, interrompidas por sete portas, três das quais ornamentadas de monumentais touros androcéfalos (fig. 56).

Contra a muralha do noroeste, num terrapleno artificial que se elevava até os 18 m, construiu o palácio real, composto de pelo menos duzentos quartos e 30 pátios, suntuosamente decorado com pinturas, esplêndidos relevos e esculturas. Depois foram surgindo outros palácios, templos, um zigurate e, naturalmente, as casas dos cidadãos.

Uma inscrição, posta na sala do trono, afirmava:

“Porque eu assim o quis, construí uma cidade e a ela dei o nome de Dur-Charruquin (Fortaleza de Sargão); nela ergui um palácio ideal, que não tem rival nas Quatro Partes do Mundo”.

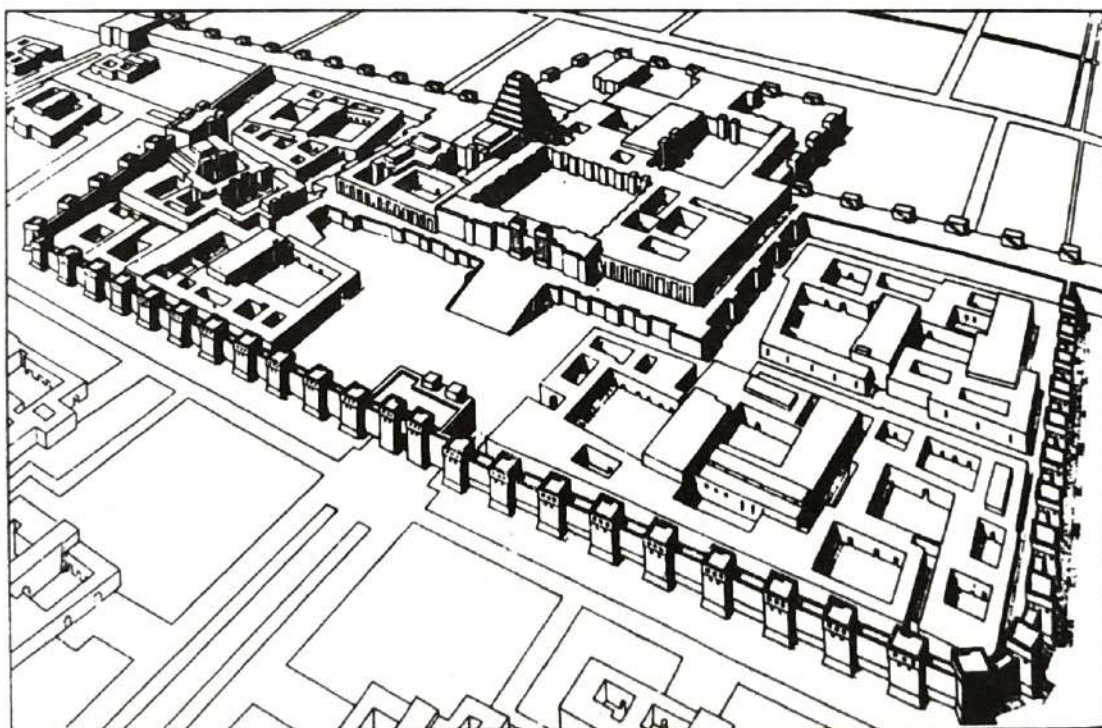


Fig. 54 — Reconstituição da cidadela de Dur-Charruquin (Khorsabad) com o palácio de Sargão II.

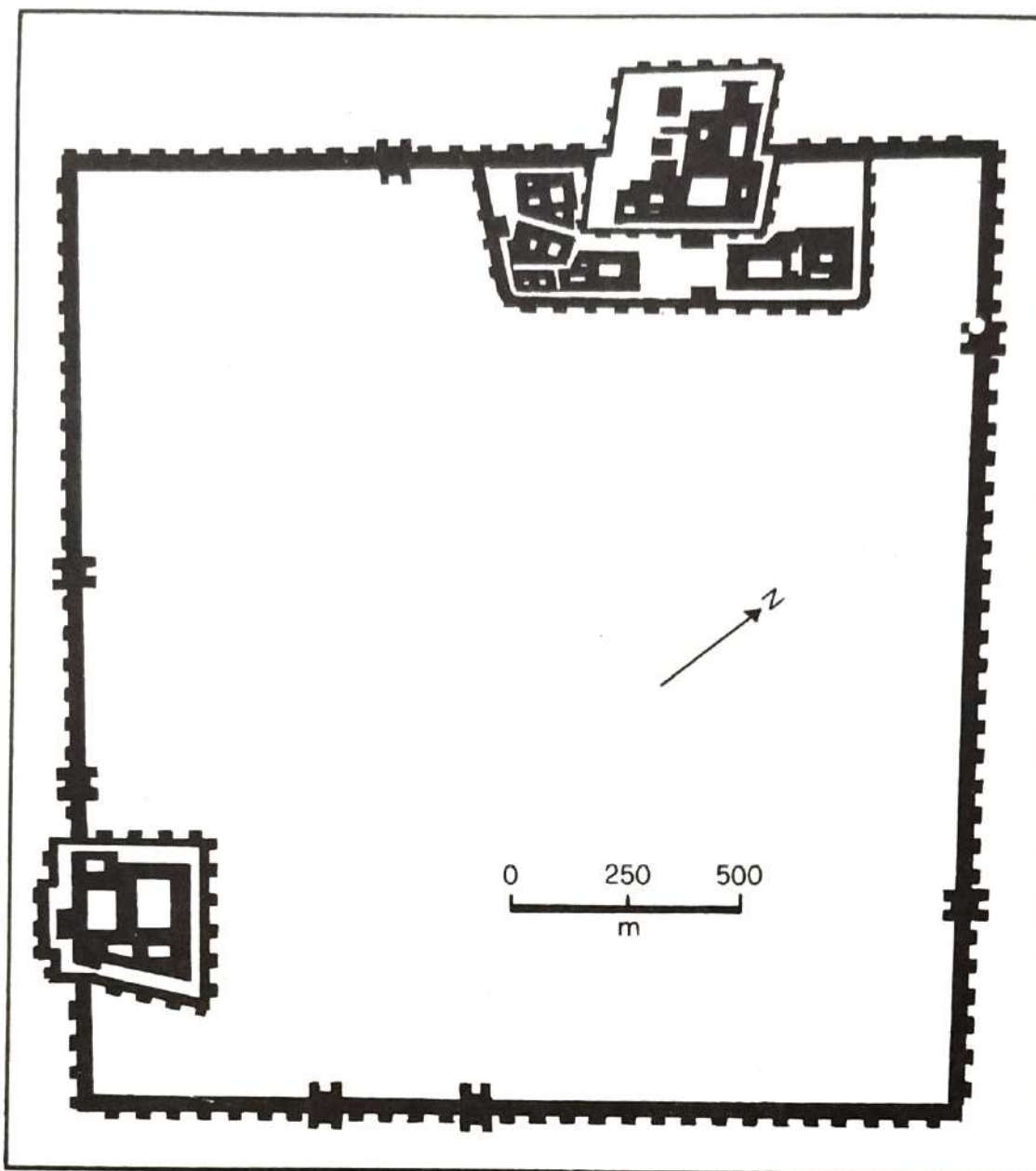


Fig. 55 — Planta geral da cidade de Dur-Charruquin (Khorsabad).

É esta a cidade de Khorsabad, descoberta por Émile Botta.

Que Sargão tivesse a fama de rei benévolo e justo é confirmado por algumas de suas inscrições:

“O sábio rei, benigno soberano que colocou todo cuidado em tornar habitáveis os lugares desertos e no desbravar as terras incultas (. . .), em tornar férteis as altas rochas sobre as quais jamais germinara uma planta, que soube tornar fecundas e fazer ressoar com festivos cantos muitas plagas desoladas que jamais foram irrigadas (. . .); que encheu os celeiros do vasto país de Assur, com vitualhas de toda espécie (. . .); que não aumentou o preço do óleo, que é a força do homem e cura qualquer ferida, nem o do sésamo e do trigo”.

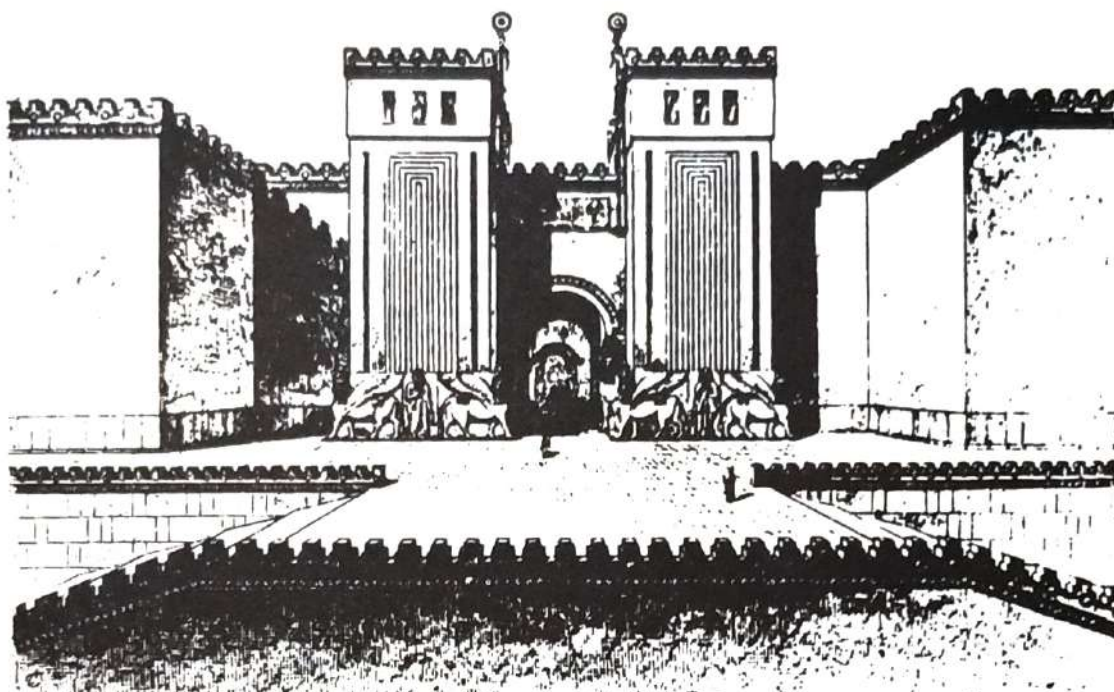


Fig. 56 — Reconstituição da entrada do palácio de Sargão, em Khorsabad.

E quando expropriou vastos terrenos para construir sua Dur-Charru-quin, quis deixar bem claro que agiu em plena legalidade:

“Em conformidade com o nome que porto (Charru-quin significa: ‘Rei Justo’) com o qual os deuses me chamaram a tutelar a justiça e o direito (. . .) e não causar dano aos fracos, paguei aos proprietários o preço dos terrenos daquela cidade em prata e cobre, segundo as tabelas dos valores, e àqueles que não quiseram dinheiro dei campo por campo, como preferiram”.

Sobre os últimos anos deste soberano, estamos escassamente informados. A versão oficial de seu fim se associa a Sargão, valoroso soldado, sempre pronto para iniciativas perigosas. Esta inata temeridade foi-lhe fatal: em 705 a.C., no decurso de uma apressada campanha no Irã oriental, encontrou a morte numa emboscada. Seu corpo teria ficado aqui insepulto e deixado como pasto para os abutres.

Sennaquerib (705-681 a.C.)

Não sabemos se o nome do novo rei Sin-akhê-eriba, isto é, “Sin me fez suceder em lugar dos irmãos”, indicasse simplesmente que estes tenham morrido antes dele ou fosse o sinal de uma luta pela sucessão sobre a qual se fazem conjecturas só com base no fato de que Sin-akhê-eriba (Sennaquerib, segundo a transcrição greco-latina; Sankherib segundo a hebraica) nas próprias inscrições jamais se qualifica “Filho de Sargão”. Isto faria também suspeitar que Sargão, cauteloso por natureza, e sempre lembrando o trágico fim de seu predecessor — para o qual contribuiu amplamente — envelhecendo, estaria cada vez mais obcecado pelo terror de sofrer a mesma sorte e suspeitando de todos, sem excluir

os filhos, tenha se encerrado em seu palácio de Dur-Charruquin em assustadora solidão. Precaução que não lhe poucou acabar também ele assassinado.

Seja como for, Sennaquerib subiu ao trono com cerca de 30 anos e os sacerdotes se apressaram a adverti-lo de que a dramática morte do genitor era o castigo divino pelo grave pecado cometido por ele quando abandonou o deus Assur, indo morar em Dur-Charruquin. Judiciosamente, Sennaquerib considerando, além do mais, que Dur-Charruquin, concebida segundo planos demasiado grandiosos, estava ainda largamente inacabada, emitiu ordem de suspender todas as obras e se transferiu provisoriamente à velha capital, Assur. Este laborioso traslado foi o primeiro sintoma isolado de mudanças de política que foram principalmente operadas em consideração a Babel.

Como se sabe, os reis da Assíria jamais nutriram inimizade contra estes primos, mas só no que concerne aos habitantes ilegítimos da região, arameus e caldeus. Sennaquerib, ao invés, estava particularmente indisposto com os babilônios propriamente ditos. Homem muito culto e sensível, não suportava o modo com que eles se atribuíam importância nos confrontos com "Subartu", nem que seus súditos continuassem a se resignar, mesmo sem fazer caso, àquele complexo de inferioridade mais ou menos inconsciente.

Diplomata malicioso, começou a tratar com altivez os cidadãos de Babel, ostentando aberta hostilidade nas relações com eles. Como capital escolhe a antiqüíssima Nínive e destina-a a tornar-se a mais bela e culta cidade daquela parte do mundo, destinando-a a deslocar Babel de sua hegemonia da cultura semítica. Construiu naquela cidade dois enormes palácios e em 701 a.C. passou a residir ali permanentemente.

Enquanto isso, os babilônios, escassamente preocupados com as fantasias intelectualóides de seu "Governador", mas alarmados quanto ao perigo de sua visceral antipatia se concretizar em ações militares, voltaram a propor o velho Marduk-apal-iddina, e se não o chamaram de volta em altas vozes, por certo que nada fizeram para obstaculá-lo quando este, à frente de um exército elamita, entrou em Babel e retomou o trono (em 703 a.C.).

Também ele péssimo diplomata, mas com a força de seu ódio pelos assírios – de resto, bem mais motivado que o de seu rei – Marduk-apal-iddina logo começou a fazer alianças com todos os inimigos de "Subartu". Dentre estes, o mais notável era Hizquijah de Judá (Ezequias) o qual, obtidos grandes sucessos contra os filisteus, e inspirando-se no autorizado conselho do profeta Isaías, depois da morte de Sargão recusara-se a pagar o tributo. Como informa a Bíblia (*Reis, II, 20, 12*):

"Naquele tempo, Merodach-Baladan (Marduk-apal-iddina), Rei de Babel, enviou cartas e presentes a Ezequias pois ficou sabendo que ele estava doente. E Ezequias ficou muito feliz com aquela iniciativa".

Mas por ora, Marduk-apal-iddina podia contar só com os arameus, elamitas e caldeus. Sennaquerib, ao contrário, tinha um apoio muito mais importante: de fato, recebeu do deus Assur em pessoa ordem de agir sem maiores indecisões, e nas proximidades de Quich, derrotou a tudo e a todos, deportou milhares de babilônios e pôs sobre o trono de Chúmer e Acad uma criatura sua educada na Assíria “como um cãozinho”, um certo Bel-ibni (703-700 a.C.).

Assim, organizada momentaneamente a situação no Sul, em 702 a.C. cumpre uma incursão à Média e Irã, onde impõe tributo a vários príncipes, gabando-se que ninguém antes dele tinha ousado tanto, o que não é verdade.

Em 701 a.C. parte para o ocidente, contra a liga de rebeldes fenícios e palestinos, apoiada pelo faraó Taharca. Sídon, Moab, Edom e Ammon fazem ato de submissão; o rei filisteu Sidca de Ascalon, que recusa desdenhosamente lançar-se aos pés do vencedor, é arrastado acorrentado para Nínive, com toda a família e junto com outros 20 000 deportados. Tiro, que foi sitiada, conseguirá resistir cinco anos, e, ao fim, será salva.

Enquanto os seus “turtânu” derrotam em Eltekh o contingente egípcio, Sennaquerib, conquistadas uma depois da outra as praças fortes de Judá e instalado seu quartel-general em Laquich, prepara-se a acertar as contas com Ezequias.

Este, para evitar o pior, segundo a Bíblia (*Reis, II, 18*):

“Enviou embaixadores ao Rei dos Assírios em Lakish com esta mensagem: ‘Pequei, afasta-te de mim e me obrigarei a tudo o que me impuseres’. E o Rei dos Assírios impôs a Hizquijah trezentos talentos de prata e trinta de ouro. E o rei de Hizquijah entregou toda a prata que havia na Casa do Senhor e nos tesouros reais. E arrebentou as portas do Templo e as lâminas de ouro que ele mesmo havia colocado ali, entregando-as ao Rei dos Assírios”.

Sennaquerib, naturalmente, embolsa tudo, mas exige também que Jerusalém se renda incondicionalmente e antecipa a ação com uma guerra psicológica: envia, por sua vez, embaixadores, os quais em primeiro lugar se dirigem ao rei:

“Terias intenções de preparar-te para a batalha? Mas sobre que esperanças te baseias? Talvez naquela cana fendida, que é o Egito, que se alguém se apóia sobre ela, se despedaça e perfura a mão?”

E depois, em hebraico, diretamente ao povo:

“Não vos deixeis seduzir por Hizquijah! (. . .) Ele não poderá livrar-vos das minhas mãos; nem vos inspire confiança o vosso deus na esperança de serdes libertados! (. . .) Mas onde está o deus Khamat, de Arpad, de Sefarvaim? (. . .) Teria libertado a Samaria de meu poder? Mas onde estão os deuses no mundo que libertaram os países das minhas mãos?”

O valoroso Ezequias, encorajado pelo fiel Isaías, não se deixa impressionar; tranca as portas e se prepara para enfrentar o ataque.

E é salvo por um acontecimento extraordinário:

“Ora, aconteceu que naquela noite chegou o anjo do Senhor e matou no campo dos Assírios 185 000 homens. E o rei, levantando-se bem cedo de manhã, viu os corpos dos mortos, e se retirou; voltou para Nínive onde ficou”. (*Reis II, 19, 35*).

Provavelmente ao mesmo episódio se refere Heródoto quando narra:

“Um grande número de ratos do campo surgiu durante a noite contra eles (os assírios, sob o comando de ‘Sanacaribos’), roeram as aljavas, os arcos e as cintas dos escudos, de modo que no dia seguinte, devido aos estragos das armas, caíram muitos”.

Evidentemente, surgiu uma peste de ratos no lugar, e mesmo que o número de vítimas citado na Bíblia seja despropositado, Sennaquerib foi forçado a retirar suas tropas daquele lugar infecto.

Da parte assíria, não nos vieram maiores esclarecimentos; o rei limita-se a dizer: “Eu mesmo encerrei Khazaquiau na sua cidade como um pássaro na gaiola”, e é tudo. De qualquer modo, Ezequias, que foi sem dúvida um grande soberano, não empinou o nariz: consentiu depois em pagar regularmente o tributo e Sennaquerib nunca mais apareceu por aqueles lados.

Mas, além do anjo do Senhor, quem forçou Sennaquerib a desistir de atacar Jerusalém foi de novo Marduk-apal-iddina, que, tirando proveito da distância de seu mais aguerrido inimigo, estava fomentando em Babel agitações que Bel-ibni não poderia enfrentar. Sennaquerib acorre, chama Bel-ibni a Nínive, substituindo-o com o próprio filho, Achur-nadinchumi (700-694 a.C.) e ataca Marduk-apal-iddina, que se salva mais uma vez refugiando-se “além do mar”.

Nos quatro ou cinco anos sucessivos, não se assinalam grandes acontecimentos bélicos: uma campanha em Urartu, uma outra na Cilícia, durante a qual é saqueada também Tarso (698 a.C.), além das expedições de ocasião *in loco*, de que se ocuparam os generais.

A destruição de Babel

Esta trégua aparente é associada aos intensos preparativos por uma maior e anelada empresa: o definitivo aniquilamento dos inimigos meridionais: Elam, Caldu, Araméia e Babel.

Sennaquerib se aprontou com cuidado e imaginação. Contra o Elam, o mais forte, projetou uma ação que jamais fora tentada antes: o assalto com a frota. Mas, dado que a Assíria não tinha uma marinha, providenciou dois grandes canteiros navais em Nínive e em Til-Barsip onde, com a supervisão de carpinteiros e técnicos fenícios, é aprestado um número apropriado de grandes naus de guerra e de carga.

O rei do Elam, Khalluchu-Inchuchinak (699-693 a.C.), enquanto isso, preocupava-se em erigir fortalezas e barreiras defensivas. Prontas as duas frotas, Sennaquerib coloca-as em operação combinada, uma sobre o Tigre, outra sobre o Eufrates, e onde é necessário, transpor-

ta-as sobre rolos. Atingindo o Golfo Pérsico, atacam maciçamente as cidades costeiras. Mas, a esta altura, Khalluchu, com um movimento genial, enquanto sua frota enfrenta a inimiga, dirige-se, com marchas forçadas, para Babel, conquista-a, faz prisioneiro Achur-nadin-chumi e põe no trono um “testa-de-ferro”, um tal Nergal-uchezeb.

Os assírios ficam assim engarrafados no extremo sul, e só alguns meses depois conseguem abrir caminho e marchar sobre Babel, onde Nergal-uchezeb é deposto e substituído por Muchezib-Marduk, enquanto Khalluchu cai assassinado.

Movimentada substituição de reis também no Elam: Cutir-Nakhunte III, atacado por Sennaquerib, reina somente dez meses. Seu sucessor é Khumbanmenanu (692-688 a.C.) que passa a oferecer aliança com quem quer que estivesse disposto a sitiar a Assíria. Até que Sennaquerib, furioso, desce pela terceira vez o curso do Tigre e encontra o inimigo em Khalule. Cada um dos dois se proclama vencedor, e depois da batalha ambos se retiram em boa ordem, pois as perdas devem ter sido muito grandes, de parte a parte.

Em 690 a.C. o rei assírio recomeça tudo: para isolar o inimigo dirige-se agora sobre os aliados mais fracos, arameus e árabes, e os reduz à impotência.

Finalmente, no ano seguinte, deixadas de lado as idéias futuristas e táticas fantasiosas, retoma a estratégia tradicional e cai com todo o peso de seu exército sobre Babel. Conquista-a, saqueia templos e palácios, massacra a população e incendeia a cidade. Para que não reste nenhum traço sobre as cinzas faz desviar, para submergi-la, “as águas do canal Arakhtu”. O exemplo foi tal que a faustosa Babel ficou despovoada durante anos.

Sennaquerib, em seu ódio insensato, esqueceu o que acontecera com seu longínquo predecessor, Tuculti-Ninurta, e cometeu o mesmo erro, levando consigo, em meio ao imenso butim, também a sagrada estátua de Marduk. E a nêmesis caiu sobre ele: seus súditos não lhe perdoaram o sacrilégio. Em vão o rei procurou mitigar o desdém, dando ordem aos seus letrados da corte para compor uma espécie de encenação na qual se dizia que Marduk, acusado de gravíssimas culpas, era convocado a responder por elas perante o tribunal dos deuses. Isto de nada serviu, porque, além do sentimento religioso, tinha ofendido também o bolso da burguesia. Babel era o mais rico entreposto comercial da Ásia Anterior, com o qual, milenarmente, os comerciantes assírios entretinham tráfico profícuo e lucrativo, agora totalmente cortado pela destruição da cidade.

E como Tuculti-Ninurta, também Sennaquerib, nos últimos oito ou nove anos de reinado, não cumpriu nenhuma empresa militar digna de nota. O que significa que, pouco a pouco, vastos territórios periféricos do império retomaram a independência.

Iniciam-se depois as agitações internas, as disputas pela sucessão, e em 681 a.C., estoura uma revolta aberta, na qual Sennaquerib perde a vida. A *Crônica Babilônia* anota:

“A 20 de Tebet (primeiros dias de janeiro) Sin-akhê-eriba foi morto pelo filho numa sublevação”.

E a Bíblia (*Reis II, 19, 37*):

“E enquanto Sauquerib adorava no templo o seu deus Nesrok, seus filhos Adramelech e Sarasar o mataram a golpes de espada, e fugiram para o País de Ararat (Urartu)”.

O problemático personagem de Sennaquerib tem, na Bíblia e nos documentos babilônios, as características de um soberano soberbo e obstinado, além de — vistos os não poucos desastres militares — um estrategista medíocre. É certo que teve todos estes defeitos e ainda outros, mas também qualidades notáveis. Homem culto e curioso por todas as novidades, arriscou-se, e as conseqüentes decepções e derrotas deviam-se a que as estratégias revolucionárias por ele experimentadas nem sempre davam o êxito esperado. Mas na paz se revelou, por exemplo, um engenheiro de primeiríssima ordem, sempre atualizado quanto às descobertas da ciência e da técnica. Melhorou a fundição do bronze, inventou novos elevadores hidráulicos para a irrigação e parece ter sido o primeiro a implantar na Assíria um cultivo de algodão.

A Nínive dedicou todo seu tempo livre. Além de construir esplêndidos palácios, cingiu-a com uma grandiosa muralha com quinze portões monumentais, e plantou jardins em todos os lugares, inclusive sobre rocha viva. A sua fama de construtor é sobretudo associada a uma das maiores obras da antigüidade: Nínive, durante o seu reinado, tornara-se uma metrópole, e o abastecimento de água potável e de irrigação resultou insuficiente. Sennaquerib foi pegar a água necessária no rio Khusur (hoje Ghazir Su), afluente do Grande Zab, a 50 km de distância, e, escavando um grande canal, de Bavian (fig. 57) a fez chegar até Nínive, onde, com uma série de vasos escalonados escavados na rocha, satisfazia abundantemente as necessidades da capital, seus campos e mais dezoito localidades.

Obra grandiosa, mas não a ponto de transmitir aos pósteros a fama do seu artífice, dado que os canais constituíam o orgulho de quase todos os reis da Mesopotâmia. O que o torna excepcional é o fato de que nas cercanias de Gervan existia um valo que Sennaquerib, fornecendo ele mesmo os projetos, escavou com um imponente aqueduto de 280 m de comprimento e 22 m de largura, que exigiu dois milhões de blocos de calcário. Na base, cinco arcadas com ogiva em ângulo deixavam livre o fluxo da correnteza. O rei se gaba de ter construído o aqueduto “em apenas 15 meses” (o que seria improvável mesmo hoje). Não importa quanto tempo tenha levado para uma obra assim extraordinária; basta-nos admirar hoje seus impressionantes escombros.

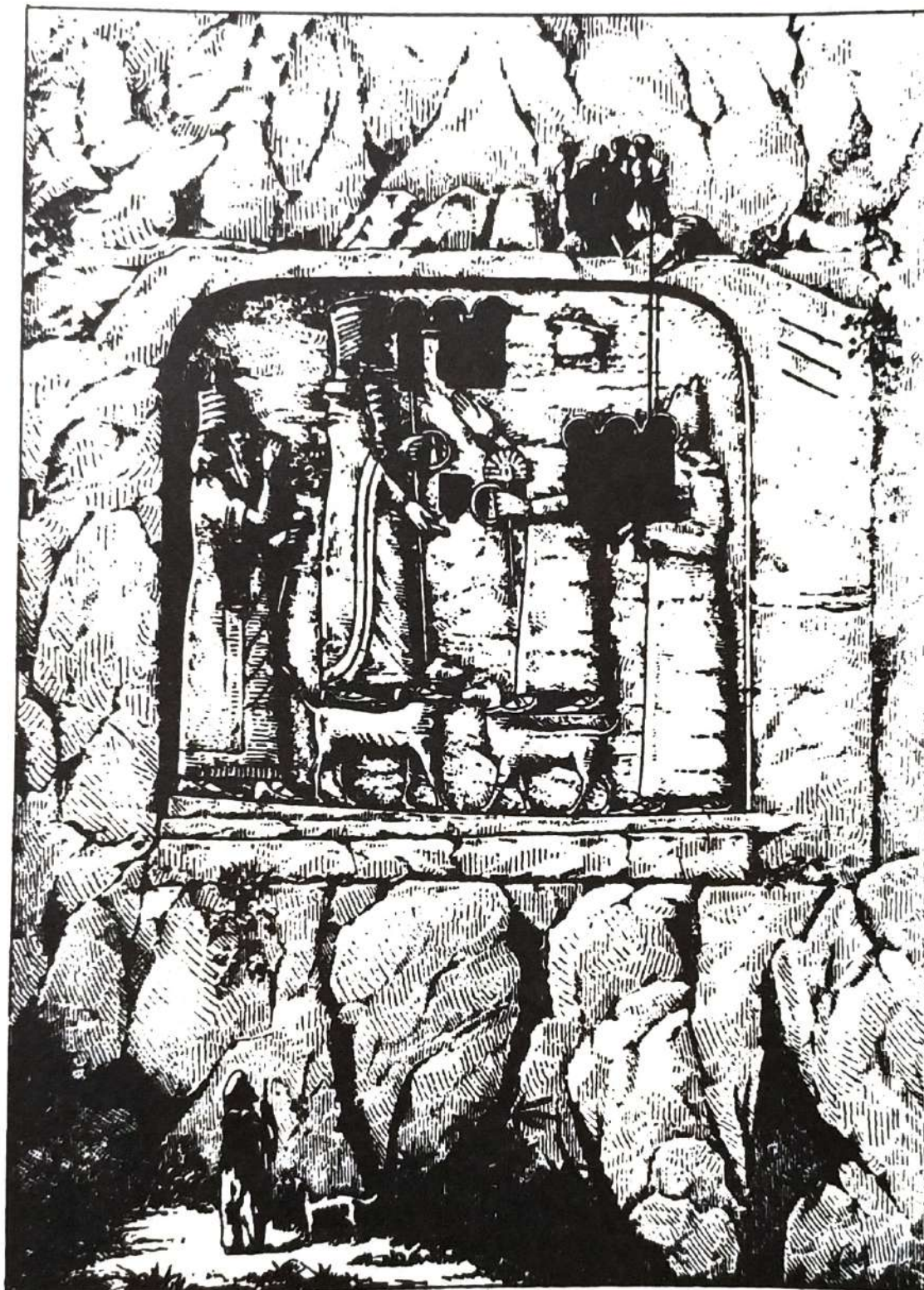


Fig. 57 — Relevo de Sennaquerib em Bawian, no início do grande aqueduto (segundo Layard, *Monuments*).

Assarhaddon (681-669 a.C.)

O fato que, em geral, os soberanos de então tivessem numerosa descendência garantia a sucessão, mas não a simplificava. Costumeiramen-

te, alguns dos filhos trucidavam uns aos outros, ou em complô trucidavam o pai antes que qualquer um conseguisse, ao final, sentar-se sobre o trono. A sucessão de Sennaquerib é particularmente turbulenta e quem quisesse investigar, teria à disposição um *dossier* riquíssimo de casos policiaiscos.

A protagonista do caso é uma mulher, síria, ou judia, de nome Naquija, concubina de Sennaquerib, e mãe daquele que cingiria a coroa. Inteligente e intrigante, depois da impensada destruição de Babel por parte do marido achou melhor tomar o partido da poderosa facção filobabilônia, jurando que seu filho, Achur-akh-iddin era visceralmente devotado àquela cidade e a Marduk. Usou tanta força de persuasão a ponto de garantir para si não só o apoio da facção, mas chegou mesmo a induzir o consorte — que viu nisto um remédio para a impopularidade causada pelo “sacrilégio” — a designar como seu sucessor aquele filho de confirmadas tendências filo-babilônias.

Sobre tal fato, não existem dúvidas: uma tabuinha, chamada *O Testamento de Sennaquerib*, diz:

“Deixo de presente para Achur-akh-iddin, meu filho, o qual (quando se tornar rei) deverá chamar-se Achur-etillu-uquin-apli³, como meu herdeiro do butim de Bit-Ammucani: anéis e broches de ouro com contornos de marfim, colares, e estes dumâcu”⁴.

Ora pois, este Achur-akh-iddin, que, quando rei não mudará o nome, e que é conhecido sob o nome bíblico de Assarhaddon, não só não era o primogênito — prerrogativa significativa, como se recordará pelo efêmero e desgraçado “Rei de Babel” Achur-nadin-chumi — como tampouco irmão, mas meio-irmão daqueles dois que a Bíblia acusa de parricídio, isto é, Char-ussur (Sarasar)⁵ e o fantasmagórico Adramelech que ataca, foge e do qual não se têm mais notícias.

Para evitar qualquer equívoco, em 761 a.C. Sennaquerib quer sancionar oficialmente a própria escolha, e reunido o Conselho de Estado e todos os príncipes do império, impõe-lhes com rito solene o juramento de fidelidade ao futuro rei Assarhaddon, prometendo que os perjuros seriam perseguidos por uma longa série de castigos e maldições, entre as quais particularmente “graciosa” é a insônia perene causada por nuvens de pombos arrulhantes.

A esta altura, todos os filhos podem ser indiciados por assassinato, tendo cada um um poderoso motivo para matar o pai: os excluídos do trono por um lado, e o escolhido por não poder mudar a vontade do pai.

Dentre os documentos concernentes ao episódio, alguns admitem

³ “Assur Senhor estabeleceu o filho herdeiro”.

⁴ “Dumâku” é o presente do marido à mulher.

⁵ O nome completo era Assur-sciar-ussur que significa “Assur protege o rei”.

ambas as hipóteses. Deve-se observar que Assarhaddon menciona sempre o pai com reverente respeito, o que poderia ocultar um complexo de culpa e, por outro lado, jamais acusa os irmãos de tê-lo assassinado. Isto pode porém ser atribuído à sua índole conciliadora e ao seu programa político visando uma distensão.

O desastre aconteceu quando Assarhaddon estava empenhado numa campanha em Urartu, em pleno inverno. Deixemos a ele a palavra:

"O furor cresceu em mim como num leão e o ânimo me arrebatou (...); alcei mãos súplicas aos deuses de Assur (...) e estes acolheram benignos as minhas preces (...) e me disseram: 'Levanta-te e vai, tem coragem, nós estamos a teu lado e bateremos teus inimigos!' Eu não titubeei (...) nem mesmo passei em revista as minhas tropas, não me preocupei em recolher virtualhas e munições, não recuei perante a neve, nem aos rigores do mês de Chebat (janeiro-fevereiro), nem perante a violência do torvelinho, mas estendi os braços para abater os meus inimigos, como um falcão estende as asas, e me precipitei ao assédio de Nínive. E eis que na região de Khanigalbat vieram ao meu encontro as suas fileiras (dos rebeldes) para barrar-me a passagem e desembainharam suas espadas. Mas o terror dos grandes deuses, meus Senhores, os assaltou: à vista do meu poderoso exército, voltaram as costas e se dispersaram. Ichtar, a deusa das batalhas que estava ao meu lado, despedaçou os arcos deles; suas fileiras se abriram e todos gritaram: 'Eis o nosso rei' "

A *Crônica Babilônia* afirma que esta revolta durou "de 20 de Tebet a 2 de Adar", ou seja, até o fim de fevereiro; de qualquer modo, a coroação acontece "no mês de Sivan", isto é, em maio.

Assarhaddon se preocupa em contentar rapidamente o partido filobabilônio, eternizando o evento numa inscrição na qual, com admirável diplomacia e decisão, exalta Babel sem acusar ninguém:

Assarhaddon, Rei do Mundo, Rei do País de Assur, Rei de Chúmer e Acad (...) o excelso, o sublime (...). Antes de mim, sob o reino do meu predecessor, no país de Chúmer e Acad, nos tempos de Chuzub de Caldu (Muchezib-Marduk) reuniram-se forças inimigas (...) que puseram as mãos no templo Esaguila, sede dos deuses. Estes mandaram para o Elam ouro e pedras preciosas como preço da aliança.

Foi então que o senhor dos deuses, Marduk, tomado de desdém, decidiu destruir o país e seus habitantes, e o canal Arakhtu (...) invadiu a cidade como um dilúvio e arrastou consigo casas e templos e a reduziu como um campo arado (...).

Os deuses que ali habitavam voaram então para o céu e os habitantes tiveram de suportar jugo e correntes.

Por muitos anos durou o decreto do misericordioso Marduk, até que seu coração se aplacou; por onze anos manteve a cidade esquelética e deserta. Agora tu, ó Marduk, escolheste-me para restabelecer a ordem e me favoreceste entre meus irmãos (...) e assim eu, no princípio do meu reinado, empreendi esta obra (...) pela reconstrução de Babel, pela renovação do Esaguila (...).

E chamei todos os meus operários e o povo de Carduniach (...) e prodiguei-lhes com largueza o bom óleo, mel, vinho (...). Eu mesmo pus em minha cabeça o cudurru"⁶.

⁶ A cesta para transporte.

A reconstrução de Babel durou vários anos com a pressurosa assistência de Assarhaddon, ansioso “para abrir as suas estradas para as ‘Quatro Partes do Mundo’, a fim de que os cidadãos de Babel dirijam seus esforços às relações com todos os países”.

Dada a ordem de iniciar as obras e assumido o modesto título de “Governador”, Assarhaddon dirige-se à Caldéia na intenção de domar um facinoroso filho de Marduk-apal-iddina, de nome Nabu-zêr-quêna-lichir⁷. Este, porém, ao aproximar-se do inimigo escapa para o Elam, onde não obtém a acolhida esperada. Com efeito, é aprisionado e talvez assassinado.

Por sua vez, Assarhadon prossegue a marcha, combate contra algumas tribos arameias e decide uma ação demonstrativa no que concernia ao Elam. Aqui, o último rei de que falamos, Khumban-menanu, morto ao que parece de paralisia, foi sucedido por Khumman-khaldach (688-681 a.C.) perecendo, ao que tudo indica, num incêndio, e por fim Khumman-khaldach II, que morreria em 674 a.C. “de nenhuma moléstia”.

Contra este marcha Assarhaddon, derrotando-o mas não tripudiando sobre ele. Chúmer e Acad estão agora pacificadas.

Cimérios e Citas

A vertente oposta do império é que está agora em fermentação. Leia-mos uma inscrição:

“Ano II de Assarhaddon: vieram os guimirru à Assíria e na Assíria foram debelados”.

E uma outra, de alguns anos depois (679 a.C.):

“Eu (Assarhaddon) trespassei com a minha lança Tiuchpa o guimirru, cuja sede é longínqua, junto com todas as suas tropas, na terra de Khubuchna”

Isto é, estes guimirru, que nós chamamos cimérios, ousavam aventurar-se nas fronteiras assírias, mesmo ultrapassando-as. Uma primeira citação sobre esta tribo encontramos com Sargão II, o qual informa que a rápida conquista da fortaleza de Mussassir foi facilitada pelos ataques precedentes dos cimérios, que a enfraqueceram; uma lenda atribui o suicídio de Rusa aos pesados revezes sofridos por obra dos cimérios. Por fim, vamos encontrá-los na Ásia Menor, e contra eles deve combater duramente aquele “Mita de Muchqui”, que depois é feito tributário de Sargão.

“Nabu faça prosperar a justa prole”.

Para sabermos mais devemos recorrer a Heródoto, o qual, evidentemente, não o tinha em grande consideração:

“O Ponto Euxino (Mar Negro) dentre todas as terras, é aquela que apresenta os povos mais ignorantes (. . .) pois que em toda bacia do Ponto, não há povo que possamos citar por sua inteligência, nem sabemos que já se tenha visto por lá um homem culto”.

Acresce depois que são imbatíveis “pois que não têm cidades nem muralhas construídas, mas chega-se diretamente às suas casas, e são todos arqueiros a cavalo, vivem do gado e não do produto da terra, e têm sua habitação sobre carros”.

Os estudos recentes atribuem aos cimérios origem talvez trácia e um território ao longo da costa setentrional do Mar Negro.

Desta pobre paisagem de ignorância, Heródoto exclui apenas os citas e fornece também a chave para compreender estas contínuas incursões dos cimérios:

“Estes citas tinham penetrado na Ásia depois de terem expulso da Europa os cimérios, e seguindo-os em sua retirada, desta maneira atingiram a terra dos medos”.

A geografia de Heródoto, como é sabido, é um tanto nebulosa, mas o que aparece como claro é que os cimérios precisaram emigrar, perseguidos pelos citas, que se apoderaram de seus territórios.

Quanto aos citas, habitavam na Rússia meridional, mais precisamente “entre o Borístenes e o Tanai”, hoje os rios Dniepr e Don. Mas as escavações do século passado, durante as quais se descobriram objetos funerários de relevante valor artístico, dilataram enormemente sua presença, que parece ter-se estendido até a bacia do Danúbio no ocidente e da Sibéria meridional até a China. Os povos que interessam à nossa história eram em parte agricultores, em parte pastores e alguns também nômades. Todos habilíssimos cavaleiros.

A conquista do Egito

Alicerçada a própria soberania na Babilônia e vedadas as infiltrações em Urartu, Assarhaddon passa a resolver o problema ocidental, que, por prudência, seus predecessores sempre deixaram de lado.

Este problema era representado pelo Egito que, militarmente em plena decadência, constituía todavia uma constante ameaça, sobretudo como fomentador de contínuas desordens na Síria e Palestina.

A questão afundava suas raízes nos milênios. Por volta de 3200 a.C. o Egito cresceu como nação sob a égide do grande rei Menés, possuindo, diferentemente dos povos mesopotâmios, todas as fontes de riqueza. Além de uma florescente agricultura, dispunha de minas de ouro na Núbia, de cobre no Sinai, além de pedreiras em pontos esparsos. Só não

dispunha de florestas, e para suas necessidades passou a comerciar com a Fenícia, onde às costas dos prósperos portos de Tiro, Biblos e Sídón, se estendiam as cadeias do Líbano, luxuriantes de cedros. O comércio se revelou muito vantajoso para ambos e vital para a Fenícia, que passou a ser quase um protetorado egípcio.

Com o passar dos séculos, as novas formações políticas, as pequenas cidades-estado que surgiam e aproximavam-se rapidamente dos fenícios por obra de belicosos grupos étnicos, as correrias de saqueadores e nômades, tolheram toda segurança das vias de caravanas. Os faraós expediram muitas vezes seus exércitos para lá, a fim de eliminar os importunos. Estas expedições, porém, eram feitas só no verão, pelo que, na maioria das vezes, no inverno sucessivo os incidentes eram retomados como antes. Foi preciso a intervenção de Tutmósis III (1502-1448 a.C.), o mais glorioso soberano do Egito, para dominar inteiramente este vasto território entre o Jordão e o Mediterrâneo, que os egípcios chamavam genericamente Retenu, e que se estendia ao norte na Naharina (Terra dos Rios), entre a grande bacia do Eufrates até o Golfo de Issa. Com dezessete campanhas, todas no verão e uma por ano, Tutmósis III conseguiu organizar um império efficientíssimo, munido de postos estáveis e bases militares prontas para intervir imediatamente ao mínimo alarme. Este império era regulado com critérios absolutamente diversos daqueles adotados pelos assírios. Cada cidade, ou Estado, em troca de um tributo bastante razoável, que na prática servia para a manutenção das tropas estacionadas e que cobria as “despesas gerais”, tinha a garantia de ser pontualmente defendida dos inimigos externos que, em geral, eram os povos limítrofes. Devia também fornecer tropas ao Egito em caso de guerra, mas em compensação, nos períodos de carestia, o Egito enviaria mantimentos. Tratava-se de um “Commonwealth”, ou “Mercado Comum” de recíproca utilidade.

O império criado por Tutmósis, com seus altos e baixos, durou mais de três séculos, até Ramsés III (1198-1166 a.C.). Depois, o Egito entrou em crise e seu império desfez-se rapidamente. O vácuo de poder foi preenchido pelos mitanni, depois pelos hititas, e enfim pelos assírios, que se mostraram de uma ferocidade inaudita. Os egípcios não se conformaram com a perda daquelas terras que sempre consideraram propriedade sua, e fizeram tentativas esporádicas de retomar ao menos uma parte delas; a mais famosa foi a de Sesonqui, o Sisac da Bíblia, que em 925 a.C. reconquistou Jerusalém. Mas foram todas efêmeras e cessaram completamente quando a região de Retenu foi inteiramente subjugada pela Assíria.

Obviamente os povos de Retenu, esmagados e vexados pelos novos dominadores, suspiravam pelo regime dos faraós, e desesperados, dirigiam-se a eles suplicantes, para que viessem libertá-los. O Egito, que possuía uma notável frota — se bem que inútil para este escopo — mas não

um exército, respondia como podia: com palavras de encorajamento e no máximo com o envio de um certo número de guerreiros que eram invariavelmente batidos, junto com os que os haviam chamado. Mas, mesmo com este sistema, o prestígio do Egito permanecia tal que incutia um certo temor, se não reverência, e criava motivos de contínua apreensão à Assíria.

Assarhaddon decide pois superar de longe todos os seus predecessores e, se os deuses o ajudassem, até mesmo conquistar pela primeira vez esta quinta parte do mundo, a mais fabulosa e opulenta. A qual, no momento, atravessava um de seus não raros períodos de desagregação política; assim, a ocasião se mostrava bem propícia. Assarhaddon quer desfrutá-la e em 679 a.C. estabeleceu uma base militar em Azra, na fronteira egípcia.

Dois anos depois, está na Síria, para desimpedir o caminho de todos os seus obstáculos. Domina uma revolta em Sídón, força o rei Baal de Tiro a uma aliança em troca de concessões territoriais, e recebe tributo do fidelíssimo Manassés, Rei de Judá.

Em 674 a.C. garante também o apoio de uma dezena de príncipes cipriotas até que em 673 a.C. se apresenta às portas do Delta sem conseguir entrar, porém. Há quem tira proveito de sua derrota: o rei Baal de Tiro reivindica sua autonomia e o faraó Taharca, considerando chegado o momento de reconquistar Retenu, se dirige contra ele à testa de um exército. As tropas assírias, porém, empenhadas em assediar Tiro, conseguem cortar-lhe os passos, e em Ecron (Acaron), enfrentam-no, forçando a sua retirada.

Mas muito mais perigosos eram, do outro lado, o Elam, os cimérios e os citas. Assarhaddon teve de usar toda sua habilidade diplomática para mantê-los sob controle. Ao rei do Elam, Urtacu (675-664 a.C.) ofereceu um tratado de paz e obteve até a restituição de algumas obras de arte saqueadas antes na Babilônia. Com o príncipe dos citas, Bartatua, estipulou um pacto de não-agressão, e para melhor selá-lo, deu-lhe como esposa a sua filha. Enfim, pacificou os chefes dos cimérios, reconhecendo-os e confirmando-os como senhores de seu novo território.

Muito menos acessíveis se mostraram os distantes príncipes irânicos contra os quais Assarhaddon empreendeu uma expedição que, ultrapassado o Demavend, lançou-se até o grande Deserto salgado (Dach-i-Cavir). Aqui, medos e cimérios, vindos do norte, obrigaram, com a tática da guerrilha, o exército assírio a manter-se na defensiva. O rei medo citado nos documentos era o sucessor de Dejoz, Khastarit (Khchthrita), que Heródoto chama Fraorte.

Estes insucessos, grandes e pequenos, tiveram notáveis repercussões no caráter do rei, o qual, se bem que dotado de uma certa bonomia e equidade — como Sargão II —, não possuía, porém, a energia e a sagacidade estratégica de seu alvo mais ilustre. Apreensivo e instável, também

por causa da precária saúde que precisava da assistência contínua de Aradnana — um luminar da medicina da época — Assarhaddon andava sujeito a assustadoras crises de depressão durante as quais interrogava continuamente oráculos, astrólogos, magos e profetas. As respostas eram, obviamente, sibilinas, mas sempre precedidas de um reconfortante: “Nada tema!” Por outro lado, alguns de seus temores parecem totalmente razoáveis quando pede:

“Chamach, grande Senhor, dá-me uma resposta digna de fé! É possível que a cidade de Quilman possa ser conquistada nos próximos quarenta dias por Khchathrita, ou pelos cimérios, ou pelos manneus, ou qualquer outro inimigo?”

Não é, pois, tão neurótico quanto parece: são as mesmas preocupações contidas nos relatos provenientes das guarnições de Urartu, mas um tanto excessivas por que os povos que atacavam as fronteiras setentrionais, apesar de ferozes e belicosos, eram muito dispersos e divididos, limitando-se à tomada de alguns postos avançados de periferia.

Mas não se pode negar que Assarhaddon fosse propenso às manias; em particular, ficava aterrorizado pelos eclipses da Lua, e para cúmulo da desgraça, ao longo de seu reinado, verificaram-se pelo menos três. Para exorcizá-los recorreu à antiqüíssima prática suméria de que já se viera o já citado Erra-mitti, de Isin. O exorcismo consistia em colocar no trono, durante o período nefasto, um rei falso, que servia como bode expiatório. Terminado o tempo dos influxos malignos, este era morto e enterrado, para que também as desgraças destinadas ao verdadeiro rei se extinguissem com ele. Numa destas ocasiões, a pouco ambicionada honraria tocou a um velho magistrado que teve a felicidade de morrer espontaneamente durante o seu reinado. Uma outra vez, em 671 a.C., quem assumiu o papel de “rei fantoche” foi um jovem, filho de um funcionário, que “reinou” por cem dias e acabou morto junto com a mulher, que evidentemente substituíra a rainha. Em compensação, a ambos foram tributadas grandes e solenes cerimônias fúnebres com o mesmo protocolo prescrito para os soberanos.

Não obstante isto, as desgraças atingiram igualmente Assarhaddon: perdeu o jovem primogênito, e depois a mulher, que muito amava. A incerta situação militar e as custosas e infelizes incursões no Egito e Irã despertaram atenções do partido nacional-assírio e suas diferenças com os filo-babilônios. Sabemos que o rei foi forçado a condenar à morte alguns dos chefes mais exaltados.

A esta altura, para acalmar os ânimos, era preciso fazer algo que desse muito prestígio, e Assarhaddon, em 671 a.C., jogou tudo por tudo e enviou ao ocidente o habilíssimo “turtânu” Chanubúchu, com a ordem de conquistar o Egito a qualquer custo.

O grande organizador e estrategista Chanubúchu, reunindo em seu exército um grande número de vassalos e mercenários, logo se põe em

marcha: isola a infiel Tiro, e ao chegar às fronteiras egípcias, evita cuidadosamente as inabaláveis fortalezas costeiras, preferindo empreender, com o apoio dos camaleiros árabes, a inexplorada via do deserto. Assim, apanha Taharca de surpresa e, depois de tê-lo derrotado três vezes, atinge rapidamente Mênfis, que conquista sem grande esforço.

Vinte e dois príncipes do Baixo Egito prestam solene juramento de submissão e são por isto reconfirmados como senhores de seus domínios. Deixando no Egito um bom número de soldados e alguns conselheiros ao lado de cada príncipe, Chanubúchu volta em triunfo para Nínive carregando os imensos tesouros subtraídos ao palácio real de Mênfis.

Jamais o império assírio tinha alcançado tamanha extensão.

A gloriosa empresa não conseguiu todavia pacificar os partidos, cujos antagonismos se fizeram mais subterrâneos, com o resultado que o rei, ao nomear um funcionário, não sabia mais se estava colocando ao seu lado um amigo ou um inimigo.

O pomo da discórdia era então constituído pela sucessão ao trono. O segundogênito de Assarhaddon e legítimo herdeiro, Chamach-chum-uquin, enquanto filo-babilônio, não era grato aos nacionalistas, que deram a entender claramente ao rei que preferiam o terceirogênito, Assur-bâni-apal. A velha mas sempre vigilante Naquija certamente interveio e ao fim chegou-se a um salomônico compromisso: Assur-bâni-apal foi designado herdeiro do trono da Assíria, e Chamach-chum-uquin, da Babilônia.

O sumo e sábio astrólogo Adad-chum-ussur — mesmo correndo o risco de cair em desgraça — não quis calar sua respeitável reprovação a esta discutível decisão, que continha a semente de futuras discórdias.

Ao mesmo tempo, o faraó Taharca, refugiado em Tebas, vendo a armada assíria distanciar-se do Egito, com um golpe de força consegue reentrar em Mênfis. E em 669 a.C. os embaixadores transmitem a Nínive uma notícia alarmante: Taharca procura apoio entre os príncipes do Delta para debelar a guarnição assíria e tentar uma rebelião. Assarhaddon não perde tempo e reenvia imediatamente Chanubúchu, considerando indispensável segui-lo pessoalmente com um segundo exército.

Mas o Destino tinha estabelecido que ele não deveria pôr o pé no país que tinha conquistado: a saúde não lhe valeu, não suportou as fadigas da marcha e morreu a caminho, talvez em Harran.

Deixou poucas obras para a memória futura de seu reinado; sua contribuição para a história da arte foi nada mais que modesta. A atividade urbanística e arquitetônica de Assarhaddon manifestou-se sobretudo na reconstrução de Babel. Em Khalcu tinha começado a erigir um palácio (fig. 58) e, com este fim, diz-se que ia desmantelar o de Teglathalassar III para reutilizar o seu material. Por sorte, renunciou ao projeto suspendendo as obras e, deste modo, as inscrições foram salvas.

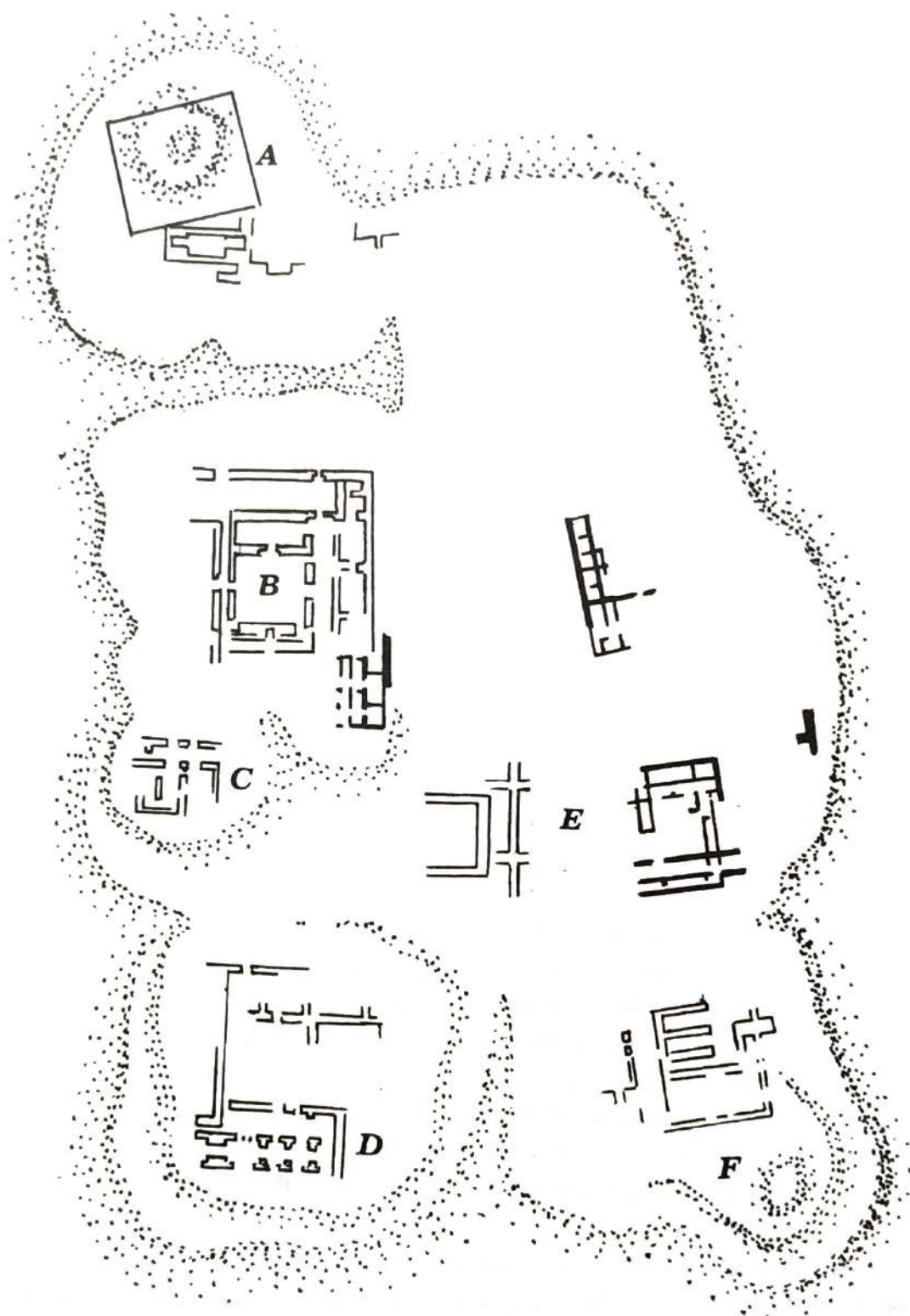


Fig. 58 — Planta de Khalcu (Nimrod). A — Zigurate; B — Palácio de Assurnazirpal e de Sargão II; C — Palácio de Adad-nirari III; D — Palácio de Assarhaddon; E — Palácios de Salmanassar III e de Teglathalassar III; F — Palácio de Achur-etil-ilâni.

Assurbanípal (669-627 a.C.)

O jovem Assur-bâni-apal (“Assur cria um filho herdeiro”) teve educação completa e refinada; a um acurado tirocínio nos negócios de Estado, alternava a equitação, a caça e as artes marciais, a ponto de conseguir arremessar “as lanças mais pesadas como se fossem flechas”.

Culto, atlético, esportivo e ambiciosíssimo, mostra-se a todos — talvez mesmo até para Naquija, que teve de curvar-se perante a evidência — o soberano ideal.

À morte de Assarhaddon, Assurbanípal e o irmão, Chamach-chum-uquin, subiram aos respectivos tronos da Assíria e Babilônia, sem encontrar nenhuma oposição.

Assurbanípal herdava do pai também o problema do Egito. Confiou-o sagazmente a Chanubúchu, que, realmente, derrotou Taharca de novo, obrigando-o a refugiar-se em Tebas. Desta vez, espicou-o de perto. O faraó, prudentemente, voltou a Napata, na Núbia, de onde tinha partido (669 a.C.).

Mas uns dois anos depois, os serviços secretos assírios interceptaram uma mensagem enviada a Napata por Necau, príncipe de Saís, isto é, daquele que Assarhaddon havia nomeado vice-rei do Egito. A missiva, que além de sua importante firma apresentava outras, propunha a Taharca a repartição do país em troca de sua ajuda para expulsar os assírios.

A reação foi imediata; as tropas de ocupação saquearam as cidades rebeldes; muitos conjurados foram empalados e Necau foi levado para Nínive, acorrentado. Permaneceu pouco tempo ali. Levado à presença do rei, Necau — presumivelmente homem dotado de irresistível fascínio e simpatia — soube justificar-se a tal ponto que Assurbanípal, ao invés de mandar esfolá-lo, não só lhe perdoou tudo, mas devolveu-o à sua pátria, confirmando-lhe o título de vice-rei e oferecendo-lhe também o domínio de Mênfis. Necau correspondeu a esta confiança mantendo calmo o país e evitando cuidadosamente qualquer provocação.

Em 661 a.C., morto Taharca, seu jovem sucessor Tanutamon desce triunfalmente o Nilo e conquista Mênfis, desesperadamente defendida por Necau, e bem consciente deste ato impensado, proclama-se faraó. Tanutamon agia sozinho, contra o parecer dos príncipes do Delta que lhe haviam suplicado para não cometer loucuras.

Por conseguinte, Assurbanípal cai sobre o Egito, expulsa Tanutamon e o persegue até Tebas, que desta vez foi devastada entre massacres e saques pelas ruas; suas fabulosas riquezas foram transportadas a Nínive, a população reduzida à escravidão.

A notícia da destruição da mais bela cidade do mundo abateu-se pesadamente sobre todos os povos, suscitando profunda emoção. Tanutamon conseguiu chegar a Napata, muito distante para ser atingida pela vingança de Assurbanípal, e não mais se arriscou a provocar o rei assírio.

O rei Guigues

Depois da desapiedada vitória, Assurbanípal arrecada os tributos dos territórios vassalos palestinos e sírios e pela primeira vez entra em contato com o distante país cujo rei, “Guggu de Luddi”, isto é, Guigues, da Lídia, lhe envia uma embaixada. Esta criou não poucos embaraços para se achar um intérprete que entendesse alguma coisa da estranhíssima língua dos lídios⁸. Ao fim, concluíram que estes pediam auxílio dos assírios contra os ameaçadores cimérios. As consultas entre Assurbanípal e Guigues se estenderam por algum tempo:

“A Guggu, rei da longínqua Luddi, região além-mar, da qual os reis meus predecessores jamais ouviram falar sequer o nome, Assur fez aparecer em sonho o meu nome e lhes disse: ‘Abraça os pés de Assurbanípal e abate em seu nome os teus inimigos’ (. . .). Pôde assim vencer os guimirru (cimérios) que oprimiam os habitantes de seu país, que não temiam os meus antepassados, nem a mim. Com a ajuda de Assur, fez prisioneiros dois chefes dos guimirru e mandou-mos encadeados, com ricos presentes”.

Mas, como o documento deixa entender claramente, Guigues enviava para Nínive fabulosos presentes para obter sua ajuda, e Nínive aceitava todos aqueles donativos mas deixava que Guigues se virasse sozinho.

⁸ Segundo Heródoto, este Guigues é o protagonista de um famoso episódio “bocacciano”. Candaules, rei da Lídia, estava loucamente enamorado por sua própria esposa, a tal ponto que não cessava de exaltar-lhe a beleza, sobretudo ao seu amigo e confidente Guigues, um irrepreensível oficial da guarda da corte de Sardes. Este, cansado de ouvir sempre a mesma conversa, talvez tenha dado qualquer sinal de enfado, de modo que Candaules, um dia, fêz-lhe o seguinte discurso: “Ó Guigues, como tenho a impressão que não me crês quando falo da beleza de minha mulher (. . .) quero fazer de modo que a vejas nua”.

Guigues, temendo a experiência, protesta: “Ó meu senhor, que discurso insensato fazeis-me, incitando-me a contemplar nua a minha rainha? A mulher, junto com as vestes, despe-se também do pudor! (. . .) Já estou convencido que ela seja a mais bela de todas as mulheres, e por favor, não me sugeris coisas tão inconvenientes”.

Mas Candaules não se dá por vencido e insiste, assegurando ao relutante Guigues que a rainha não se aperceberá; obriga-o a esconder-se no quarto onde, quando a mulher se despir, Guigues terá a oportunidade, por um momento, de admirar as suas graças. Mas a rainha o surpreende, e sem perder a presença de espírito, premedita a sua vingança.

Na manhã seguinte, manda chamar o desavisado Guigues, ao qual impõe o seguinte *aut-aut*: “Ou matas Candaules e tomas a mim e ao trono da Lídia, ou matas-te agora mesmo, para que não mais vejas o que não deve ser visto”.

O pobre oficial suplicou à rainha não impor-lhe uma escolha tão dramática, mas ela foi inflexível e Guigues escolheu o mal menor, matou Candaules enquanto dormia e destarte, tornou-se rei da Lídia.

“Para os lídios, com efeito, — prossegue Heródoto — como em geral para todos os outros bárbaros, o ser visto nu, mesmo para um homem, é coisa vergonhosa”.

Este, não sabendo o que fazer com o deus Assur e com o taumatúrgico nome de Assurbanípal, a certa altura decidiu procurar aliados mais interessantes, e cortando as relações com a Assíria, enviou mercenários a Psamético, filho de Necau, que tinha sido morto na defesa de Mênfis.

Assurbanípal, advertido disto, não pôde fazer outra coisa senão desferir contra ele uma maldição: "Possa o seu cadáver ser lançado frente aos seus inimigos e que eles possam levar embora os seus ossos".

E assim foi:

"Os guimirru, que ele colocara sob seus pés pronunciando o meu nome, vieram e submeteram todo o país. A ele sucedeu o filho (Ardis). Este me mandou um embaixador para informar-me das desventuras que, pela minha oração, tinham atingido seu pai, e abraçou os meus pés dizendo: 'Sê benigno comigo, teu humilde vassalo, e não me impõe o teu jugo'".

Mas agora, era tarde demais: sempre segundo Heródoto, sabemos que "os cimérios, expulsos de suas terras por obra dos citas, foram para a Ásia e conquistaram Sardes, salvo a acrópole".

Psamético, ao invés, não tergiversa: homem de extraordinária habilidade e inteligência, servindo-se dos mercenários a ele enviados por Guigues e agindo em absoluto segredo, em 648 a.C. expulsa as guarnições assírias e sobe ao trono, como faraó. Assurbanípal, tomado de surpresa, comporta-se inteligentemente, desinteressando-se daquele distante e soturno rival.

Enquanto estes fatos, um tanto marginais, se desenrolavam na extrema periferia do império, ameaças bem diferentes se avizinham no horizonte. Urtacu, Rei do Elam, não obstante o tratado de paz com Assarhaddon, e não obstante as boas relações formais com Assurbanípal, o qual, num período de carestia, enviara-lhe socorro em víveres, manifestou em breve propósitos belicosos. Aproveitando a ocasião da campanha no Egito, procurou o apoio de alguns altos funcionários de Babel — dentre os quais Nabu-Bel-chum (Supremo Inspetor dos Canais) e um certo Bel-Bacha — e em 664 a.C. tentou invadir Babilônia.

Os "turtânu" o expulsaram para trás com uma certa facilidade e Assurbanípal apressou-se em punir o traidor. Mas neste entretanto Urtacu tinha sido assassinado pelo próprio irmão Tepti-Khumban (ou Teumman), o qual pretendia suprimir também seus dois sobrinhos, legítimos herdeiros do trono. Estes, porém, conseguiram fugir e colocar-se sob a proteção do rei assírio.

Teumman pretende a extradição dos dois fugitivos. Como resposta, Assurbanípal marcha com um grande exército sobre o Elam levando consigo os dois protegidos. Teumman o enfrenta sobre o Tigre, mas, ao ver o exército inimigo, retira-se precipitadamente para defender Susa.

Assurbanípal prossegue, até aqui imperturbado, entra em Susa, captura e manda decapitar Teumman e seu filho, e entroniza *in loco* os

sobrinhos. Um deles, Khumbanigach III, com o encargo do Elam, e o outro, Tammaritu, como governador de Khindatu, e sobretudo como vassalos da Assíria.

No retorno, captura os filhos de Bel-Bacha e do Supremo Inspetor dos Canais e os leva para Nínive, onde os faz torturar até a morte.

A conquista de Babel

Em seus relatos sobre a campanha do Elam, Assurbanípal não menciona nunca o irmão, Chamach-chum-uquin, nem o apoio que é lógico supor que este tivesse oferecido naquela ocasião. Ao contrário, nas inscrições daquela época afirma ter cumulado o “Rei de Babel” e seus súditos com presentes e infinitos benefícios. Todavia declara que “eles obedeciam às minhas ordens”, e pode ser que achasse obrigatório o auxílio recebido. É fato que esta espécie de sujeição não era muito grata a Chamach-chum-uquin, mesmo que seu mal-humor até aquele momento se expressasse apenas em pequenas coisas quanto ao rei da Assíria; como, por exemplo, vetar-lhe cumprir sacrifícios nos templos babilônios.

Mas a discórdia prevista pelo sábio astrólogo Adad-chum-ussur evidenciou-se quando o Rei de Babilônia decidiu eliminar do cenário o prepotente irmão caçula. Enquanto este estava ocupado em Urartu — com o apoio incondicional do partido nacionalista babilônio e talvez com a enganosa esperança de tornar-se também rei da Assíria — preparou uma coalizão que, ao menos no papel, resultava formidável. Os aderentes eram: Elam, Bît-Jaquin, Bît-Ammucani, Bît-Dacuri (isto é, na prática, toda a Caldéia), os árabes, os gútios, os Estados arameus do Golfo Pérsico, alguns príncipes palestinos e o faraó Psamético.

Os serviços secretos detectaram a situação com atraso, mas não tanto a ponto de impedir que Assurbanípal caísse sobre Babel antes que as forças da coalizão pudessem efetivamente reunir-se.

As circunstâncias foram totalmente adversas para Babel, tanto que ninguém conseguiu opor-se ao assédio. O Elam, perturbado por lutas internas, não pôde interferir; Psamético, naquele momento ocupado em reconquistar parte dos territórios de Retenu, teve de voltar à sua pátria para defender suas fronteiras de uma incursão dos citas. Os Estados de Caldu foram subitamente bloqueados. Mesmo Babilônia sofria de uma grave carestia.

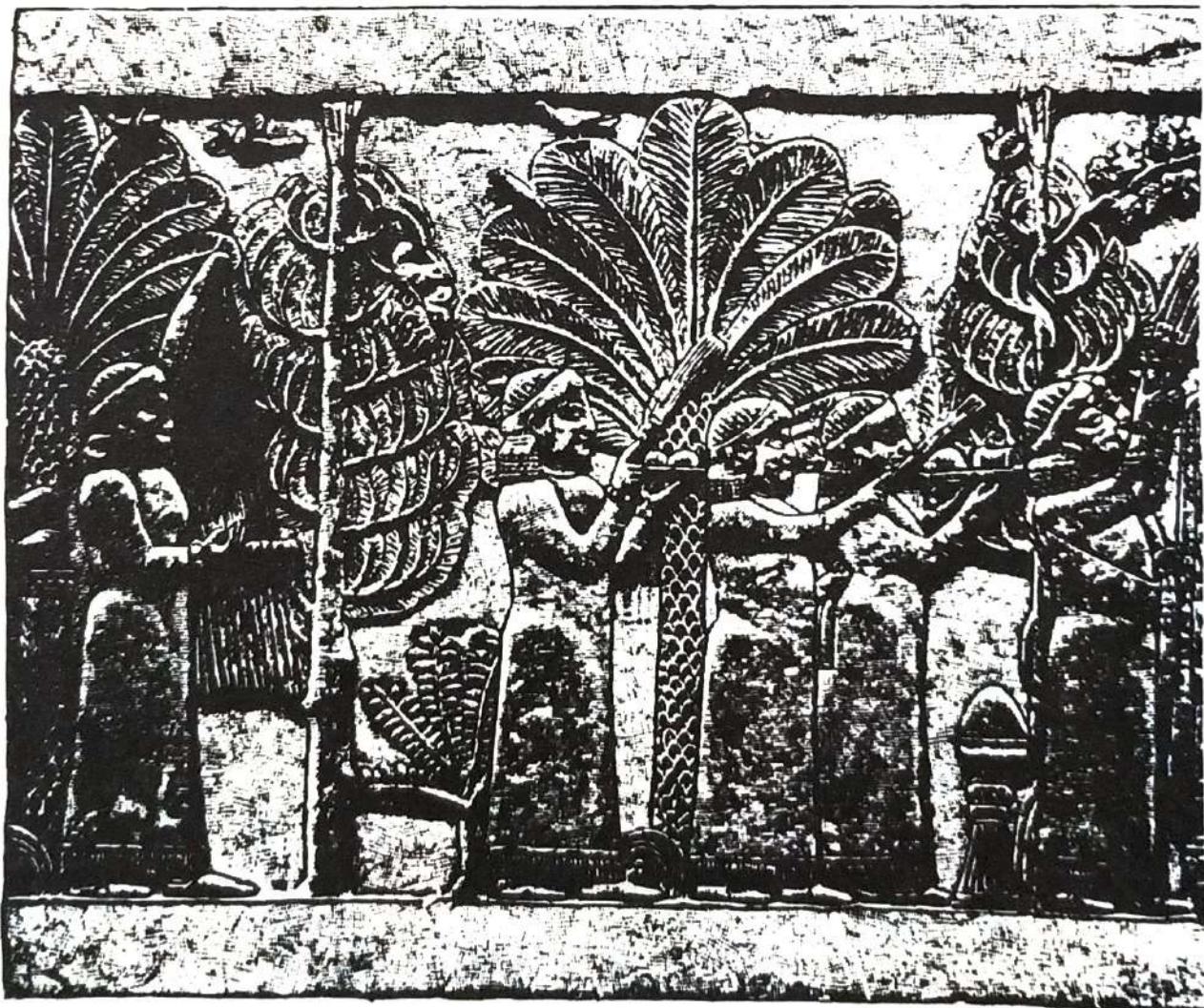
Assurbanípal teve assim o seu trabalho muito facilitado. Em 652 a.C., interrompe todas as vias de abastecimento para as principais cidades e espera a sua queda pela fome. Mas a heróica Babel, apesar de desprevenida para enfrentar um tal assédio, resiste por cerca de quatro anos, e Assurbanípal com evidente satisfação afirma que seus cidadãos foram obrigados a alimentar-se de seus próprios filhos.

Em auxílio da cidade cercada chega por fim um esquadrão de came-



Fig. 59 — Ruínas de Susa (com a chamada "tumba de Daniel").

Fig. 60 — Assurbanípal com a rainha à sombra das árvores. Relevo em alabastro gessoso (1,34 m de altura e 1,53 m de comprimento) proveniente de Nínive (Londres, Museu Britânico).

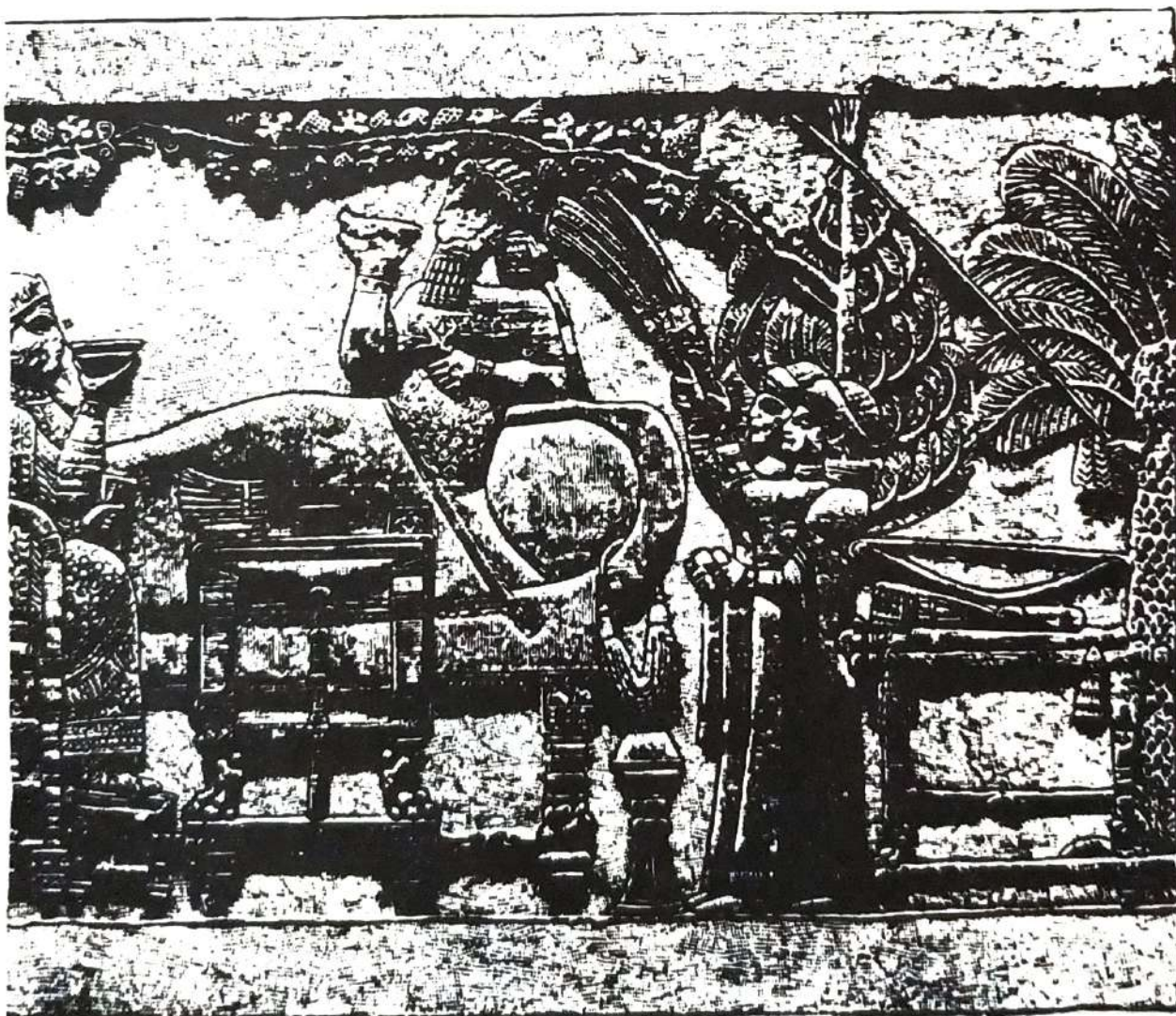


leiros árabes os quais, desbaratados refugiam-se desordenadamente dentro dos muros de Babel, multiplicando-lhe os já dramáticos problemas de subsistência. Até que em 648 a.C. as tropas assírias desferem o ataque final contra a cidade exaurida. Seus defensores, dizimados pela fome e pestilência, não têm força para ficar de pé e tudo é encerrado com um massacre. Babel, apenas reconstruída, é destruída uma segunda vez. Chamach-chum-uquin, sabendo que sorte o esperava se caísse vivo nas mãos do irmão, lançou-se às chamas de seu próprio palácio.

Assurbanípal assume o título de Rei de Carduniach, mas evitou cuidadosamente os erros de Sennaquerib: não profanou templos e terminada a ação bélica, não atacou os sobreviventes. Adotou mesmo uma política de conciliação, conferindo os poderes locais a Candalanu, um babilônio que lhe pareceu digno de confiança e que nomeou vice-rei.

O fim do Elam

Não foi, entretanto, conciliador com os cúmplices de Babel que desentocou um por um, primeiro de todos o Elam, que se revelou inimi-



go duríssimo de eliminar, e ao qual dedicou uma dezena de anos.

A situação era então muito confusa. Quando Assurbanípal atacou Babilônia, Khumbanigach tinha sido assassinado pelo irmão Tammaritu, o qual permanecera fiel ao pacto partindo com um exército em auxílio de Babel. Não estava, porém, à vista do inimigo, quando um seu oficial, Imdabigach, considerando a empresa insensata, desencadeou uma revolta em Susa, e proclamou-se rei, procurando obter de Assurbanípal uma paz honrosa. Este lhe impôs as seguintes condições: a entrega do exército de Caldu, que tinha se refugiado todo no Elam, além de todos os foragidos, e a rendição incondicional.

Imdabigach não teve nem tempo de considerar a proposta. O partido nacionalista, por temor que aceitasse, o eliminou, pondo sobre o trono Khumman-Khaldach III.

Nesta frenética superposição de soberanos, todos os possíveis pretendentes, legítimos ou não, enxameavam em Nínive, colocando-se sob a proteção assíria. Assurbanípal tinha agora um farto e variado estoque, do qual escolheu Tammaritu, e com este a seu lado, em 646 a.C. entrou no Elam e o impôs como rei, colocando ao seu lado o costumeiro grupo de conselheiros. Khumman-Khaldach tinha se refugiado nas montanhas.

Mas o impulsivo Tammaritu não suportou muito os seus guardiães e decidiu livrar-se deles; agiu apressadamente, porque as tropas assírias ainda não tinham abandonado completamente o país; logo voltaram atrás e destruíram “vinte e nove cidades”.

Derrotado Tammaritu, dos montes desce Khumman-Khaldach, que senta novamente em seu trono.

O fim daquele trono, porém, estava marcado. Em 640 a.C. Assurbanípal decide liquidá-lo de uma vez por todas, sendo o Elam uma milenar fonte de intrigas e surpresas desagradáveis. Com um formidável exército devasta todo o território até Carun, tornando-o um deserto, e completa a obra com a conquista de Susa (fig. 59), que arrasa totalmente, entre horrendos massacres.

“Levei comigo as cinzas de Susa”, afirma Assurbanípal, mas junto com as cinzas, também todas as obras de arte, inclusive uma estátua de Inanna que os elamitas tinham levado de Uruk mais de 2 000 anos antes.

A queda de Susa ocorre em 639 a.C. Com esta data, o Elam desaparece da história.

Enquanto isso, os diversos “turtânu” cumpriam expedições punitivas contra os árabes do deserto, os caldeus e nabateus. Numa destas, apoderaram-se de todos os poços deles, e assim “muitos morreram de sede; outros esquartejaram seus camelos para saciar a sede no sangue deles”. Um chefe, de nome Uati’u, capturado e levado para Nínive, foi cegado, castrado e levado numa jaula com uma coleira de cão.

O butim destas campanhas foi considerável, tanto que os camelos – até então rebanho raro na Assíria – “eram em tal abundância que foram distribuídos à população de Assur como gado miúdo e nos mercados públicos um camelo não custava mais de meio siclo de prata e os camponeses podiam trocar por uma ninharia camelos e escravos”.

O poder de Assurbanípal (fig. 60) tinha agora atingido o seu ponto máximo. Em 664 a.C. Tiro e Aco também caíram sob seu domínio.

A biblioteca

“Adquiri o arcano tesouro de toda a arte do escrever sobre tábuas. Entendo os presságios do céu (...), discuto no círculo dos sábios (...), sei resolver difíceis e impenetráveis problemas de matemática; sei ler os textos escritos com arte, na complicada língua dos sumérios e na dos acádicos, difícil de decifrar; analisei as pedras escritas na época do dilúvio universal, que eram totalmente incompreensíveis (...). Entendo de toda doutrina...”

Com estas palavras o rei proclama aos contemporâneos e aos pósteros a sua cultura. Não se tratava de vanglória: Assurbanípal foi verdadeiramente homem muito culto e refinado, cuja paixão sincera pelo estudo não tinha nada de amadorístico. A sua cultura era autêntica e de primeira ordem. Sendo o terceirogênito, e não tendo pois nenhuma perspectiva de um dia subir ao trono, foi preparado para a carreira sacerdotal. E aqui, na escola do templo, aprendeu avidamente tudo o que era conhecido em seu tempo, a escrita, a magia, a ciência, a literatura, a religião. Matérias que um príncipe hereditário educado na rígida disciplina militar normalmente desconhecia.

Por quase meio século dedicou-se a este seu *hobby* em todo momento livre; chegou mesmo a organizar a maior biblioteca do mundo, antes da de Alexandria.

Não era, porém, novidade: uma biblioteca bastante volumosa já era patrimônio da corte de Nínive. Existia uma em Hattusa e não deve ter faltado uma a Babel e outras cidades, mesmo que a maioria das bibliotecas fosse constituída, em verdade, de arquivos.

A grande inovação consiste no método rigorosamente filológico com o qual a biblioteca foi concebida e realizada. O rei enviava a todos os lugares os seus encarregados da pesquisa de textos antigos e documentos, os quais, levados a Nínive, eram submetidos à avaliação de um numeroso grupo de estudiosos que estabeleciam sua autenticidade ou, na dúvida, submetiam-no a uma análise comparada para eliminar erros ou acréscimos arbitrários. Depois do que os textos eram copiados em um ou mais exemplares, frequentemente com a tradução interlinear em assírio, e restituídos ao legítimo proprietário. Não se deve excluir que algumas cópias tenham saído das mãos do próprio Assurbanípal.

O total, constituído por cerca de 30 000 tabuinhas, era acuradamente catalogado, com assinaturas regulares, segundo critérios bibliográficos precisos.

O *ex libris* na sua forma mais comum, dizia:

“Palácio de Assurbanípal, o Rei Universal, o Rei da Assíria ao qual Nebo e Tachetu (a esposa de Nebo) concederam orelhas abertas e olhos abertos para poder efetuar as inscrições sobre as tábuas, dom que não teve nenhum dos meus predecessores. Escrevi sobre as tábuas a sabedoria de Nebo, cheia de belezas, e as depusitei no meu palácio para poder guardá-las e ler”.

Esta “sabedoria de Nebo” compreendia todo o conhecimento em cuneiforme, desde as antiqüíssimas fórmulas de encantamento sumérias, aos grandes poemas religiosos e literários, documentos de fundação dos templos, listas cronológicas, calendários, textos científicos, anais e resumos históricos. De tudo isto não sabemos exatamente o quanto foi mandado copiar por Assurbanípal.

Uma outra seção de glotólogos compilava dicionários para a compreensão dos documentos mais antigos.

As obras não tinham um título particular; eram catalogadas segundo as duas ou três primeiras palavras. O autor é sempre anônimo; assim, se na biblioteca de Assurbanípal estivessem a *Divina Comédia* e o *Promessi Sposi*, poderíamos encontrá-los sob os termos “No meio” e “Aquele ramo”.

O mito de Assurbanípal

Assurbanípal, muito hábil em destruir cidades e nações inteiras, foi igualmente hábil na organização e na construção. Em Nínive, onde residiu, ergueu junto ao de Sennaquêrib um suntuoso palácio cujos alicerces hoje não estão ainda totalmente escavados. Destes provêm os famosos relevos com as caçadas (fig. 61), os mais belos de toda Mesopotâmia (Museu Britânico).

Preocupou-se em incrementar a agricultura e o comércio. Durante o seu longuíssimo reinado, as colheitas — ao menos assim nos assegura — foram abundantíssimas, e o comércio teve novo impulso depois da construção de um porto livre em Arvad, dotado de cais exclusivamente destinados à carga e descarga de mercadorias para a Assíria.

Assurbanípal foi assim um personagem bizarro, devoto dos estudos na biblioteca, mas impiedoso nas vinganças; inclinado ao prazer da crueldade, mas também a lances de inesperada clemência. Não foi propriamente um rei-soldado, e na maioria das vezes preferia confiar a chefia das expedições aos seus generais, mas quando tomava o comando, batia-se com grande valor e coragem. Não conquistou nada de novo, mas foi um dominador: à parte o Egito, que era território muito difícil de controlar, soube governar com autoridade todos os territórios do seu império. Destruiu ferozmente o Elam, mas em relação ao rei Sardur III de Urartu, mostrou-se muito benévolo.



Fig. 61 — Assurbanípal arqueiro, com o séquito, na caça aos leões, onagros e outros animais selvagens. Relevo em alabastro gessoso (53 cm de altura) proveniente do palácio ao norte de Nínive (Londres, Museu Britânico).

Seu lazer era marcado com muito refinamento. Reunia em seu harém as mais belas mulheres, mas escolhia-as a dedo e só as de alta linhagem, como as filhas do rei de Tiro, Man, Arvad, Tubal. Os vassalos, para agradá-lo, presenteavam-no de bom grado com suas filhas, naturalmente só se muito belas.

A extravagância de seu caráter despótico e contraditório emerge também na descrição que faz Diodoro Sículo no segundo volume de sua *Biblioteca Histórica*, onde lhe atribui o cognome de Sardanápalo, e de início o define como um “homem de nada” escandalizando-se pela “extrema moleza na qual vivia e pelos modos oprobriosos de que revestia todos os seus atos, imitando as mulheres”. Mas depois de algumas páginas, o descreve de modo enérgico, narrando a grande resolução com a qual soube dominar uma revolta.

Típica figura de sátrapa oriental, faustoso exemplo de “gênio e desregramento”, não pôde fugir à atenção dos românticos, e teve um breve *revival* de celebridade quando Lord Byron, em 1821, lhe dedicou um drama. Enfim, tornou-se o mais famoso rei da Assíria quando, inspirando-se neste drama, o grande Eugène Delacroix pintou a truculenta e famosíssima *Morte de Sardanápalo*, que se pode admirar no Museu do Louvre.

A queda do império assírio

Do que aconteceu na Assíria nos anos sucessivos à destruição do Elam pouco se sabe, pela falta de documentos, mas é fácil deduzir que foram convulsões internas ou transições de poder. O que se sabe ao certo é que, em determinado momento, aparecem em cena três reis que reinam contemporaneamente: Assurbanípal, em Harran; seu primogênito Achur-etil-ilâni (632-624 a.C.) em Nipur e o segundogênito Sincharichcun (629-612 a.C.) em Nínive. A estes ajunta-se transitoriamente um quarto, o general Sinchum-lichir, que se proclamou rei, mas não durou muito.

A suposição de que o velho Assurbanípal tenha sabiamente dividido o reino com os filhos é desmentida por umas linhas cheias de desprezo, de Achur-etil-ilâni: "Quando meu pai se safou, ninguém teve o cuidado de cuidar de mim". O mal-educado jovem tece, ao invés, o elogio do general que se destacou no feito não, por certo, desinteressado: foi provavelmente ele quem colocou no trono o mais depressa possível o seu pupilo, com o firme propósito de aboletar-se nele mais tarde.

Quem acabou apropriando-se de todos os três tronos foi Sincharichcun, o qual, suplantado o irmão maior, anexou Nipur e depois, com a morte do pai (em 627 a.C.), também Harran.

A esta altura, todos os erros e horrores do passado, deixados impunes quando a Assíria era uma nação inatacável, desabaram em cima do poder vacilante. A última ação agravante foi o aniquilamento do Elam, cujos povos, por mais intrigantes e litigiosos que fossem, não eram, na verdade, perigosos, e pelo contrário, constituíam um precioso Estado-tampão entre a Mesopotâmia e os bem mais temíveis medos, persas e citas. Com o rápido declínio do poder assírio, começaram as vinganças, as rivalidades, dentro e fora das fronteiras. A "contra-reforma" operada por Sargão II amadurece agora os seus frutos: o governador de Lubdi, em Urartu, se rebela. É derrotado e decapitado; o fato porém, apresenta um sintoma preocupante. Os inimigos estavam às portas e bastaria pouco para que o império caísse na mais total desorganização.

A invasão dos citas

O primeiro abalo violento foi provocado pelos citas. As notícias que chegaram até nós por parte assíria são nebulosas, mas por algumas passagens da Bíblia se deduz que estas hordas, perto de 626 a.C., cumpriram uma maciça incursão na Síria e Palestina, chegando às fronteiras do Egito, onde foram bloqueadas por Psamético.

Uma inscrição dos últimos anos de Assurbanípal informa que um certo Gagui, chefe de tribo de um país jamais mencionado antes, Saskhi, promoveu uma revolta que foi dominada com a destruição "de setenta e cinco cidades". Pode-se razoavelmente presumir que se tratasse dos sachi, povos citas que habitavam a atual estepe da Quirguízia, e dos miste-



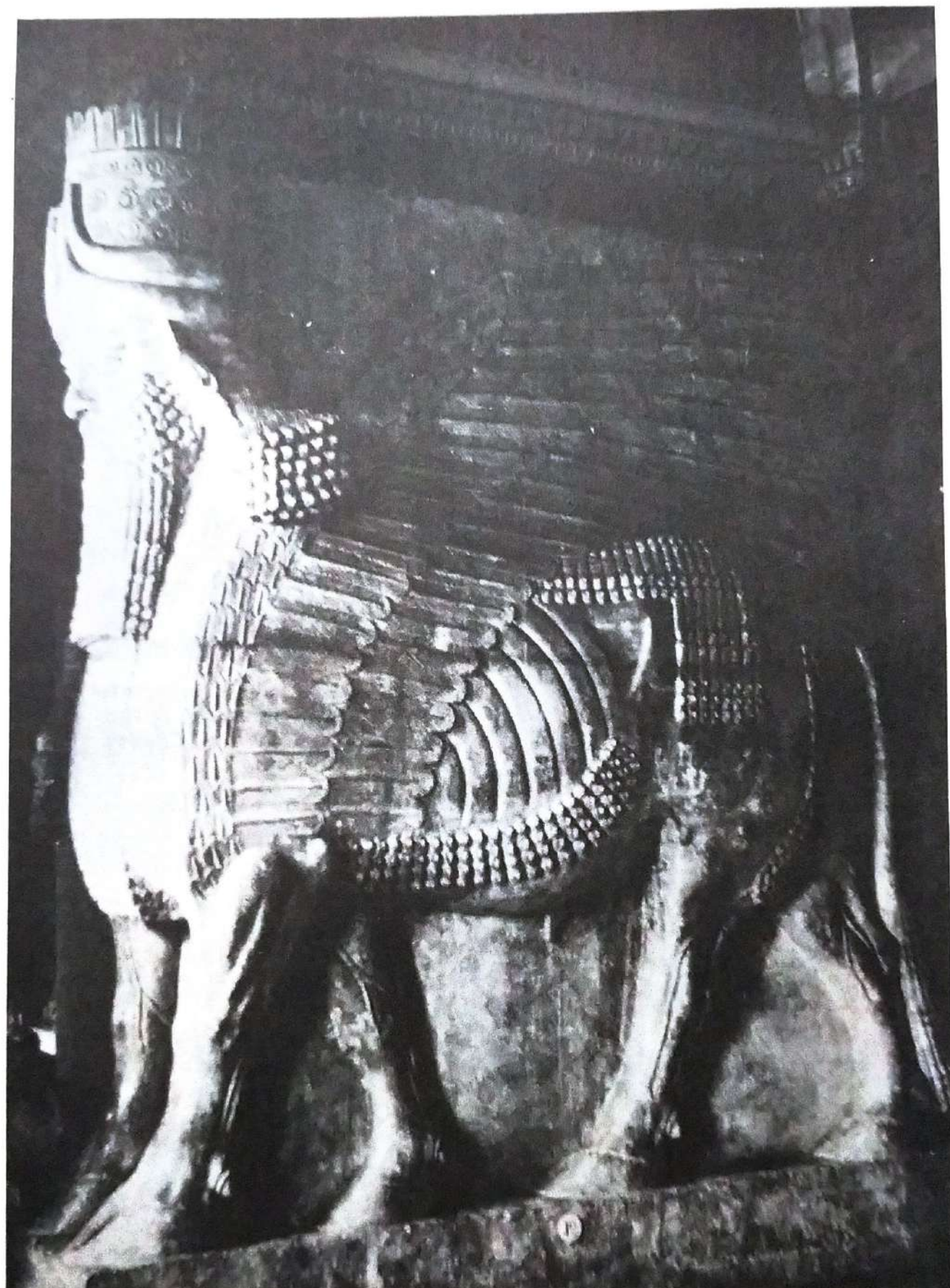
Relevo proveniente do palácio de Nimrod. Alabastro gessoso. Séc. VIII a.C. (Paris, Museu do Louvre).



Pormenor de cena de batalha: assalto final a uma cidade. Relevo proveniente de Nimrod (*Paris, Museu do Louvre*).



Estela representando o rei Chamchiadad V perante os símbolos das divindades (*Londres, Museu Britânico*).



Um dos touros androcéfalos alados que estavam colocados nos lados dos grandes portais do palácio de Sargão II em Khorsabad. Alabastro gessoso de 4,20 m de altura. Séc. VIII a.C. (*Paris, Museu do Louvre*).



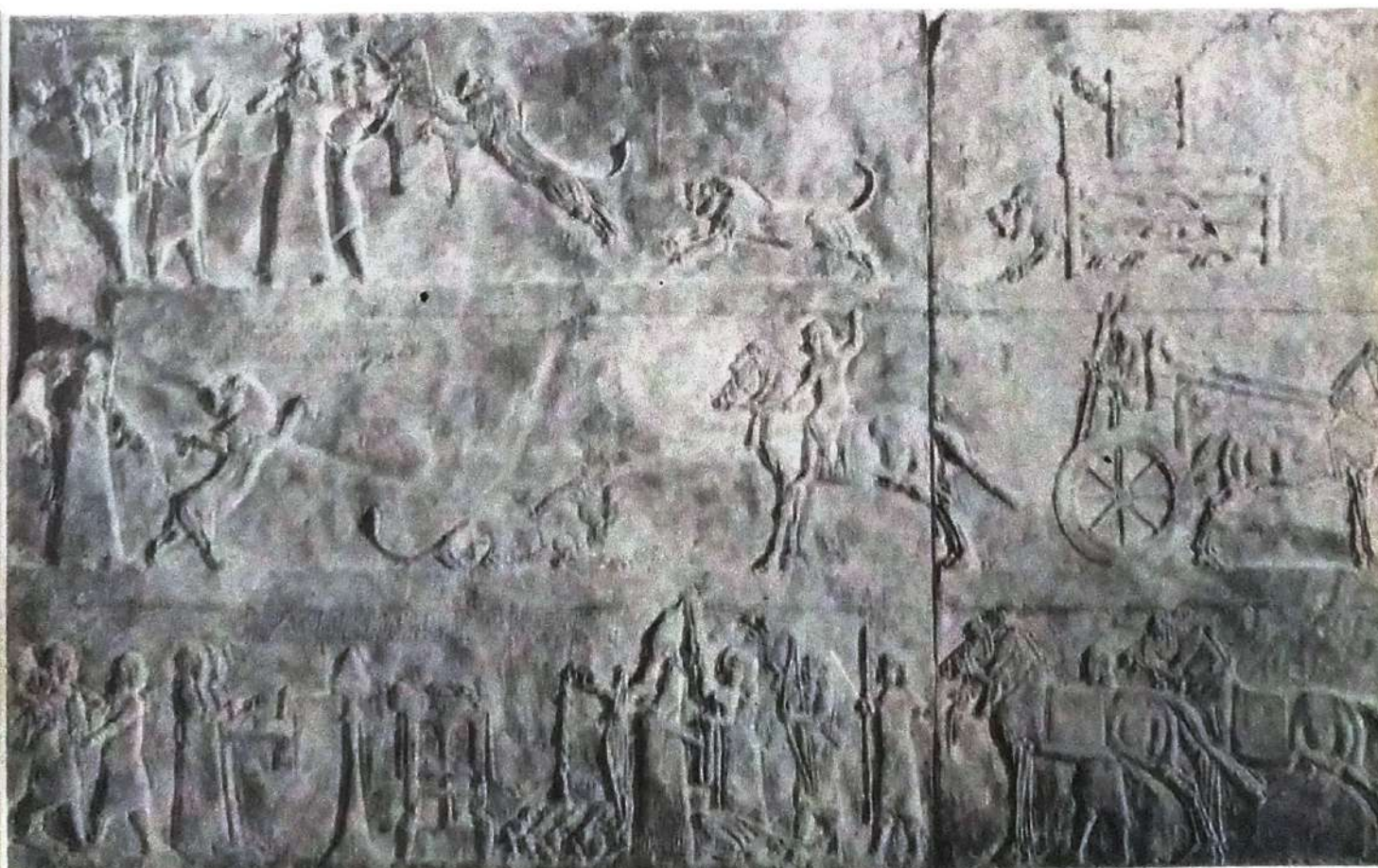
Detalhe da estela de Teglathassar III, proveniente de Nimrod (*Paris, Museu do Louvre*).

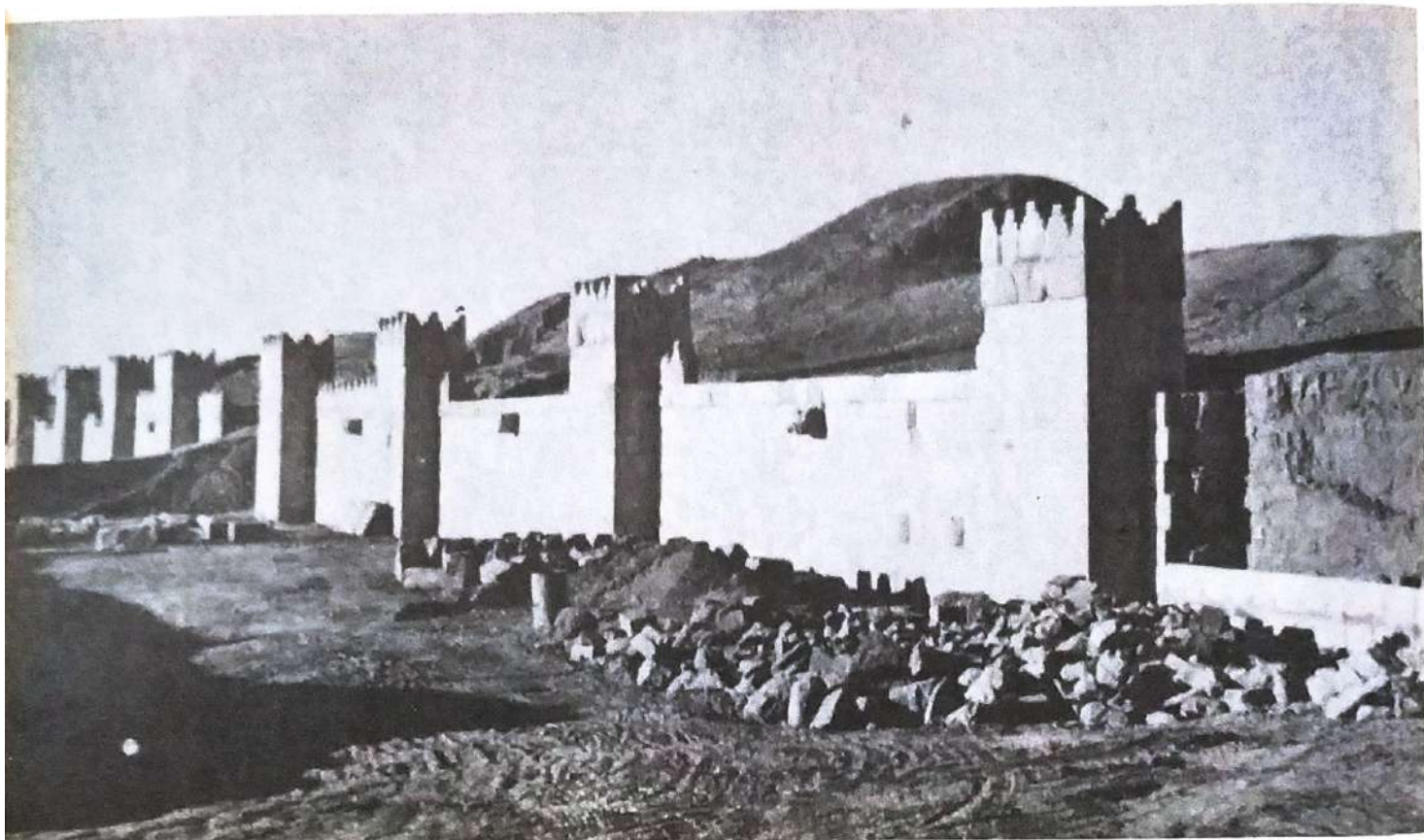
Estela de Sargão II proveniente do palácio de Khorsabad; alabastro gessoso. Séc. VIII a.C. (*Paris, Museu do Louvre*)



Leoa ferida à morte; detalhe das “caçadas de Assurbanípal”. Alabastro gessoso com cerca de 60 cm de altura. Séc. VII a.C. (*Londres, Museu Britânico*).

Relevos pertencentes ao complexo dito das “caçadas de Assurbanípal”, provenientes do palácio Norte, de Nínive (*Londres, Museu Britânico*).





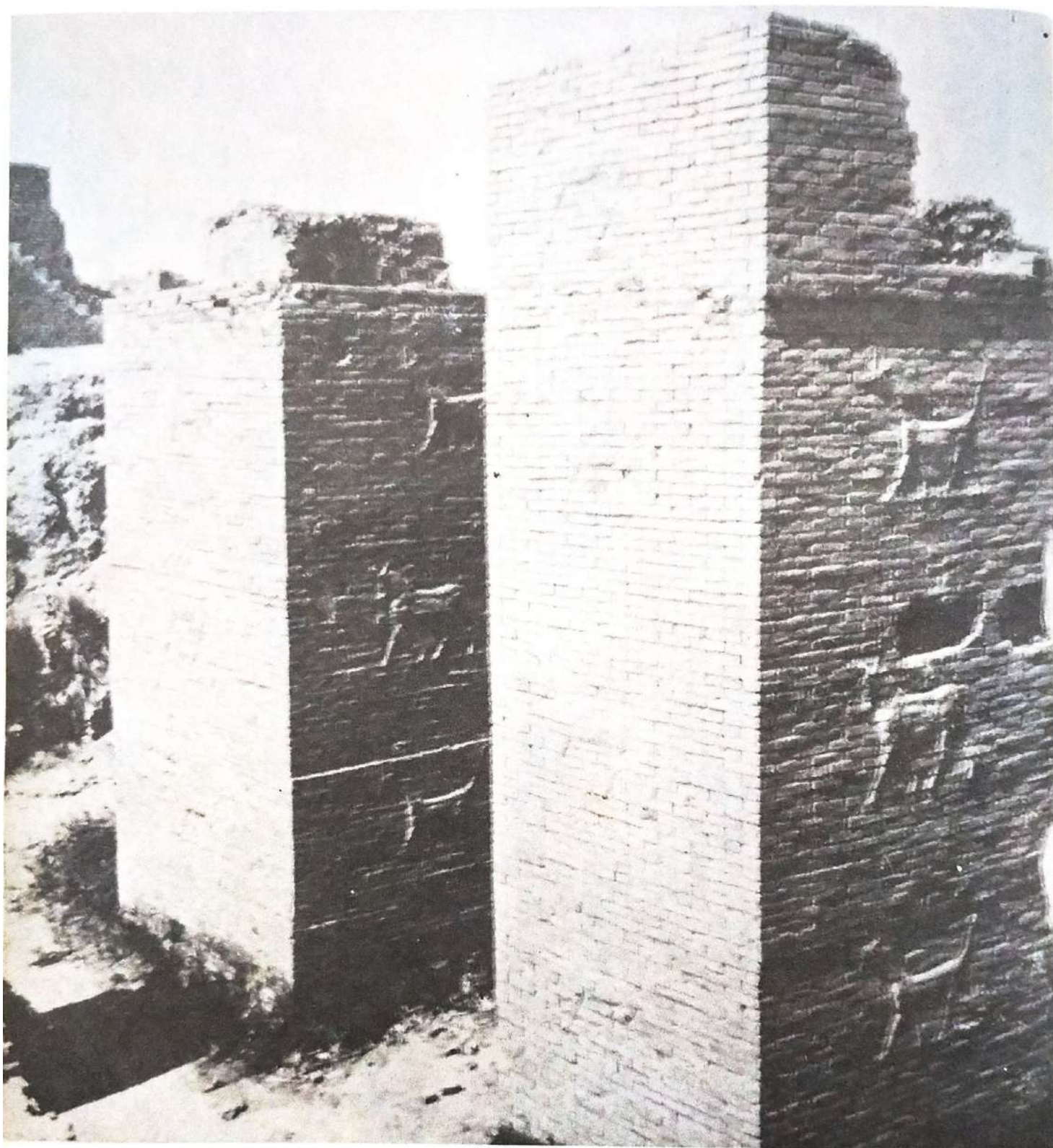
As muralhas de Nínive (reconstituição)



Divindades assírias
(Londres, *Museu Britânico*).



A porta de Ichtar em Babel (reconstituição) (*Berlin, Staatliche Museen*).



Babel: ruínas das muralhas de Nabucodonosor.

riosos Gog (Gagui) apontados pelo profeta Ezequiel (*Ezequiel, XXXVIII, 2-9 ss*):

“Dirijo-me a ti, Gog, príncipe de Magog (. . .). Surgirás como um turvilhão e cobrirás toda a terra”.

e pelo profeta Jeremias (*Jeremias, V, 15*):

“Eis que farei descer sobre ti, ó Casa de Israel, um povo longínquo, um povo antigo (. . .) do qual não compreenderás a língua (. . .). E este povo devorará os teus filhos, tua colheita, teu pão, teus rebanhos e secará tuas videiras”.

E enfim, ainda mais dramaticamente Sofonias (*Sofonias, 2-4-5-9*):

“Gaza será destruída, Ascalona tornar-se-á um deserto, Ashod será abatida bem ao meio-dia, Acarou será extirpada (. . .).

“Oh, Canã, terra dos Filisteus! Devastarei a ti de tal forma que não sobrá um único ser vivo, e a costa do mar ficará cheia de pastores e acolherá teus rebanhos de ovelhas (. . .) Moab será como Sodoma, Ammon como Gomoira; arbustos secos, montanhas de sal e solidão sem fim”.

A Assíria, que se encontrava bem no caminho destas hordas selvagens, não estava em condições de opor prontamente as defesas necessárias; ao fim, consegue derrotá-las, mas com esforços sangüinolentos e desgastantes.

CAPÍTULO 19

OS MÉDIOS

Os médios aparecem pela primeira vez na história em 836 a.C., quando Sargão II afirma ter recolhido tributos “de Amadai”.

Os mada, ou médios, como foram chamados pelos gregos, habitavam um vasto território entre a cadeia do Zagros e o Dacht-i-Cavir, delimitado ao norte pelo Elburz e ao sul, por Parsua. Sua composição étnica era assaz variada: além das tribos aborígenes, havia caucasianos, urartianos, montanhese do Zagros, iranianos.

Quando os sachi iniciaram a penetração pelo Oriente, os médios de início fizeram acordo com eles, e engrossaram as suas fileiras para empreender com eles, os citas e os cimérios, as excitantes incursões na direção do Mediterrâneo.

Fontes diretas não existem a respeito, pelo que devemos dar crédito a Heródoto que, como se diz, põe como fundador de um reino medo aquele Dejoz que foi feito prisioneiro e conduzido a Hamath por Sargão II. Seu filho foi — sempre no dizer de Heródoto — Fraorte (em persa, Fravartis), que pode ser identificado com Cachtarit; este Fraorte talvez tenha assediado Nínive, perdendo, porém, a vida.

Seu filho, Uvakhchatra, o Ciaxares de Heródoto, se apresenta finalmente como personagem histórico de contornos precisos, e dele o historiador grego dá notícias aceitáveis:

“Foi o primeiro a dividir em corpos regulares as tropas estacionadas na Ásia, e dispôs que se distinguissem os arqueiros, os lanceiros e os cavaleiros os quais, antes dele, sem distinção, ficavam misturados a esmo. Fez uma expedição contra Nínive com o intento de vingar o pai (Fraorte), e destruir aquela cidade. Enfrentando os assírios, os destrói e estava assediando a cidade quando sobreveio um grande exército de citas”.

Destes dois assédios sucessivos de Nínive, nada sabemos, mas a invasão dos citas é histórica. Também Ciaxares sofre com isto:

“Os citas — prossegue Heródoto — dominaram a Ásia, mas depois arruinaram tudo por causa de sua prepotência e incúria. De um lado, de fato, exigiam tributo de cada povo; de outro, durante suas incursões saqueavam os seus bens privados”.

“Uma dupla taxação intolerável, pelo que “Ciaxares e os médios mataram a maioria deles (. . .) e destarte, retomaram seu antigo poder”.

Nabopolassar (626-605 a.C.)

Naqueles mesmos anos, outro fato determinante e funesto para a Assíria foi a morte do fiel vice-rei da Babilônia, Candalanu (626 a.C.). Diz Berosse:

“Quando Saracos (Sin-char-ichcun) percebeu que um exército numeroso como gafanhotos estava avançando do lado do mar (isto é, do oeste), enviou o general Busalossor (Nabu-apal-ussur, ou Nabopolassar), mas este rebelou-se contra ele”.

Seria de deduzir que este “Busalossor” fosse um general assírio enviado a Babel para substituir o defunto Candalanu, e que, aqui chegado, se tivesse proclamado rei, bem sabendo que de Nínive ninguém se moveria para destroná-lo. Assim realmente acontece, mas Nabopolassar não era assírio, mas caldeu, ou mais precisamente, arameu.

De qualquer modo, estourou uma guerra entre a Assíria e Babilônia que durou uns dois anos (625-623 a.C.) com fortunas alternadas para ambas. Mas ao fim Nabopolassar, batendo o inimigo em Nipur, forçou-o a desocupar para sempre aquela parte do mundo.

A esta altura, era lógico e fatal que Nabopolassar, incontestemente senhor de Babilônia, e Ciaxares, que neste interim tinha ocupado o Elam, entrassem em acordo para destruir a Assíria.

Em 615 a.C. Ciaxares ataca Arrapkha e a destrói; no ano seguinte Assur é totalmente destruída. Em 613 a.C. o exército assírio consegue, pela última vez, derrotar os babilônios sobre o Eufrates, mas é o último espasmo de um moribundo. Em 612 a.C. Khalcu e Nínive (fig. 62) são aniquiladas para sempre num apocalíptico banho de sangue e o rei Sin-char-ichcun perde a vida entre as ruínas do seu palácio em chamas.

Eis os poucos testemunhos que restam:

Sophias, 2, 13-16: “O Senhor estenderá sua mão para o norte e exterminará os assírios, transformando a soberana Nínive em solidão e deserto. A orgulhosa cidade dizia : não há outra além de mim! Como, então, está transformada em deserto e refúgio de animais?”

Nahum, 2, 7-11: “As portas dos rios foram abertas e o templo é arrancado desde seus alicerces. Seus soldados são levados prisioneiros, suas mulheres são escravizadas, e gemem como pombas (...). Saqueiem o ouro, saqueiem a prata! A riqueza de seus tesouros não tem limites! Nínive está destruída, aniquilada!”

Heródoto: “Os médios conquistaram Nínive e submeteram os assírios, excetuando a região de Babilônia”.

Mas o documento de longe mais impressionante é uma passagem da *Anábase* de Xenofonte:

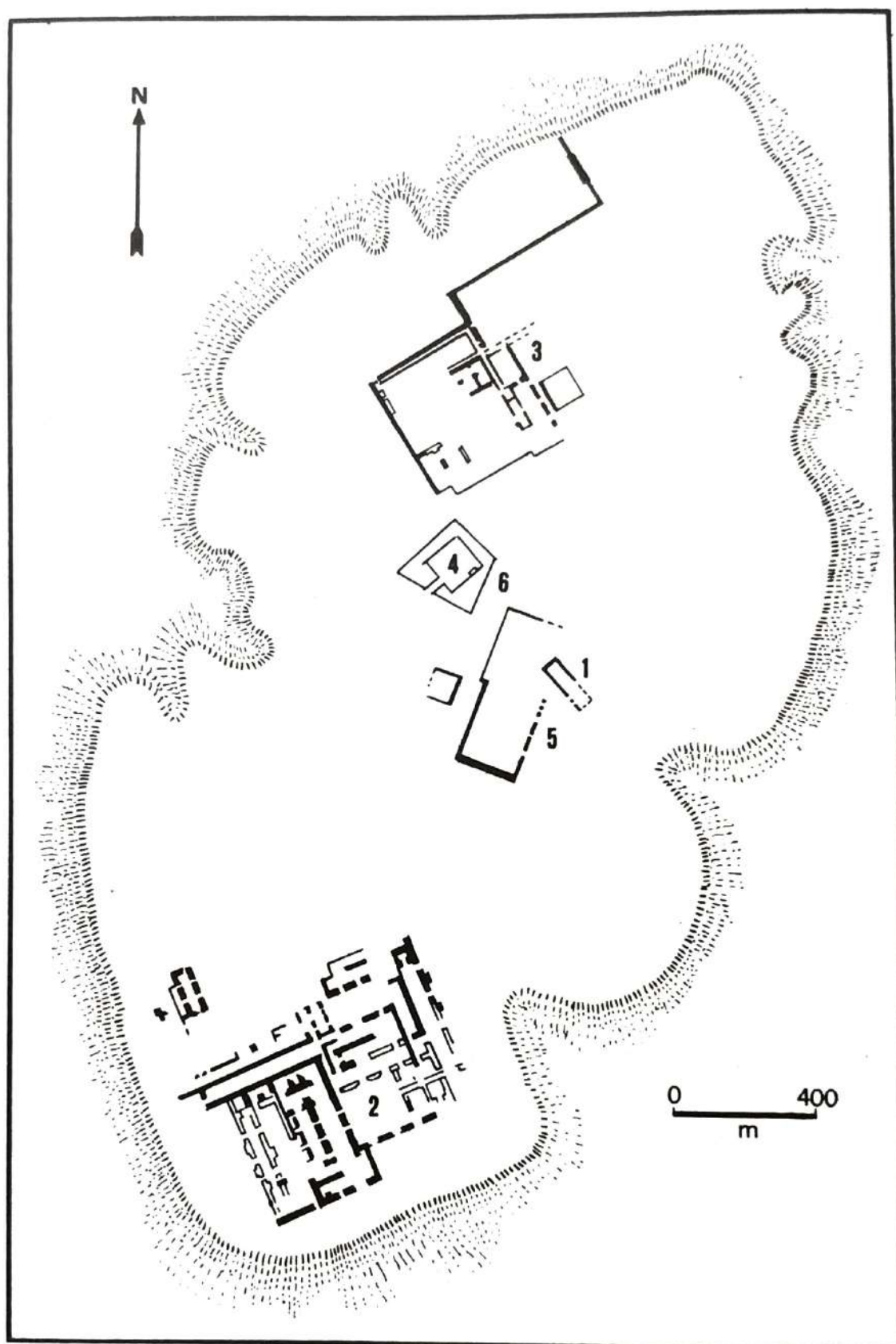


Fig. 62 — Planta de Nínive: 1 — Edifício de Chamchiadad I (?); 2 — Palácio de Sennaquerib; 3 — Palácio de Assurbanípal; 4 — Templo de Nebo; 5 — Templo de Ichtar; 6 — Local do palácio de Assurbanípal.

“Os gregos chegaram ao rio Tigre no ponto onde surge uma grande cidade abandonada, de nome Larissa, outrora habitada pelos médios. Possuía uma muralha de 25 pés de largura (8 m) e de 2 parasangas de comprimento (12 km), construída inteiramente de tijolos, exceto pelos alicerces, de pedra, até 20 pés sob o solo (. . .).

Nas vizinhanças surgia uma pirâmide de pedra larga na base de 1 plectro e larga de 2 (35 x 70 m), sobre a qual se tinham refugiado muitos bárbaros das aldeias vizinhas.

Partindo dali, os gregos percorreram, em um dia de marcha, 6 parasangas até uma grande muralha deserta que se elevava nas proximidades de uma cidade que já fora habitada pelos medos, de nome Maspila. O embasamento dos muros era constituído de pedras polidas. Sobre esta base de 50 pés de largura e com outro tanto de altura, elevava-se por 100 pés um muro de tijolos. O perímetro da muralha era de 6 parasangas”.

Pois bem, estas espectrais “Larissa e Maspila” eram provavelmente Khalcu e Nínive. Sua destruição foi tão completa que depois de 200 anos não só ainda estavam desertas, mas se perdera quase toda sua memória. Xenofonte considerou-as cidades dos medos destruídas pelos persas e ele, historiador e pessoa culta, nem mesmo sugeriu a dúvida de que poderiam tratar-se de duas capitais de um império que, só havia dois séculos, dominara o mundo.

Deste império restava indene um último rebento: Harran. O governador da cidade não se conformou, e proclamou-se “Rei da Assíria” com o nome augural de Assuruballit II; por três ou quatro anos procurou reorganizar um Estado, e conseguiu mesmo consolidá-lo, até que em 609 a.C. os dois aliados decidiram pôr fim também a este último resíduo.

Então, em sua ajuda — por mais estranho que pareça — precipitou-se o faraó Necau, o qual nada mais tinha a temer da Assíria, mas muito da parte de Nabopolassar.

Mas este e Ciaxares o precederam, e Necau chegou quando tudo já tinha acabado.

Todavia, Harran teve sorte melhor que Assur, Khalcu e Nínive, dado que recomeçará, não muito tempo depois, a se fazer conhecida como importante cidade de fronteira do império dos medos.

Para recordar a existência da Assíria restará somente, de Alexandre Magno em diante, o nome de seu território ocidental, abreviado para “Síria”.

CAPÍTULO 20

A CULTURA NEO-ASSÍRIA

A literatura

Não obstante os ambiciosos esforços dos reis assírios para fazer de Khalcu ou Nínive grandes centros culturais autônomos, os resultados, ao que parece, foram decepcionantes.

Na enorme biblioteca de Assurbanípal, não se encontrou nada de novo ou original; podemos apreciar a preparação ou o escrúpulo dos filólogos que a organizaram, mas as tabuinhas são todas “reedições” revistas e corrigidas do que fora elaborado ao longo dos séculos por seus colegas de Babel, os quais, por sua vez, nada faziam, que decalcar a fantástica mitologia suméria.

Em definitivo, a contribuição dos assírios para a história do pensamento é tão inexistente, que justifica o sereno olvido até mesmo de sua existência por parte do douto Xenofonte.

É verdade que cada povo — como se diz hoje em dia — tem uma “cultura” que lhe é intrínseca, cujo valor é inegável. Mas é também verdade que as culturas que se exprimem em grandes obras poéticas ou literárias, em originais intuições intelectuais, têm um significado bem mais estimulante e, mesmo, universal.

Por certo que não é o caso da Assíria e, em resumo, talvez nem mesmo de Babel. Nesta parte do mundo os porta-estandartes de uma grande civilização literária são os sumérios e os hebreus.

A arte

Uma autêntica e original expressão da “cultura” assíria pode ser encontrada no campo da arte e, especificamente, na escultura, acrescentando-se alguns resíduos de ótima pintura em Car Tuculti-Ninurta (Tutul-el-acr) e no palácio de Salmanassar III em Til-Barsip.

De Sargão II em diante encontramos-nos perante um contínuo refinamento da técnica do relevo e uma constante busca da perfeição formal que alcança a completa autonomia criativa na época de Assurbanípal, quando os seus artistas alargaram a própria fonte de inspiração deslocando-se da Babilônia para o Egito, e talvez mesmo até a Grécia.

A figura humana, se bem que acuradíssima nos particulares, permanece, todavia, convencional. A compleição maciça e a típica musculatura desmesurada das pernas e braços — destinadas a representar a im-

nência heróica dos personagens — conseguem somente torná-los obtusamente mastodônticos. Falta qualquer atitude ao retrato; só o de Tuculti-Ninurta, de perfil marcadamente semita, pode ser considerado como tal. De resto, não saberíamos distinguir Sargão II de Sennaquerib ou de Assurbanípal senão pelas diferenças estilísticas que denotam as diversas épocas e sobretudo se nas estátuas e relevos que os representam, não tivessem escrito os seus nomes. Se não levassem as insígnias reais, não saberíamos distingui-los nem dos dignatários de seu séquito.

Além disto, nos rostos não há qualquer expressão de ânimo. Nas cenas de guerra, nas quais com visível satisfação se representam massacres e torturas, as expressões do matador e da vítima são idênticas, e ambos parecem pensar em qualquer outra coisa, como se tudo aquilo nada tivesse a ver com eles.

Talvez fosse possível objetar quanto a aparente minúcia dos detalhes: se observarmos os personagens da antepenúltima foto, veremos que estes dois seres fabulosos parecem executados perfeitamente. Porém, alguma coisa não parece bem, e, examinando melhor, percebemos que os dois tórax são de ossatura totalmente deformada, e que todas as mãos estão erradas. Aparece a suspeita de que estes relevos, muitas vezes executados apressadamente, fossem apenas esboçados por um mestre, e depois viessem os operários numa “linha de montagem”. Aqui, cada artífice, especializado em executar uma coisa só — mãos, ou dorsos, ou pernas — esculpia tanto quanto sabia, mas muitas vezes a esmo, e se não estava presente o especialista em tórax, vinha o especialista em dorso.

Por outro lado, onde a mão do mestre sempre se revela é na estupenda figuração dos animais, sobretudo dos leões, dentre os mais belos de toda a história da arte. Nos famosos relevos de caça de Assurbanípal (Museu Britânico) os leões são observados com escrupulosa atenção e capturados em seus saltos felinos e nas suas reações às armas que os transfixam. Uma célebre obra de arte é a leoa que, com a espinha dorsal ferida e os membros posteriores já mortos, se ergue ainda feroz e rugindo contra os atacantes.

Estes relevos eram todos pintados em cores vivas, o que lhes conferia caráter de multicolor e faustoso afresco. Quanto aos que figuravam cenas de guerra, devemos supor que a cor dominante fosse o vermelho-sangue, e quiçá seu caráter devesse ser um pouco menos festivo.

Da escultura de corpo inteiro restam algumas estátuas de reis ou dignatários, além dos grandes e majestosos touros androcéfalos de Nimrod (Museu do Louvre) representados com cinco patas, de modo que, olhando-os de lado, fossem vistas sempre quatro.

A arquitetura

Dos grandes palácios e templos assírios restam somente o traçado dos alicerces, e mesmo daqueles cuja reconstituição foi tentada, temos

elementos escassos e discutíveis.

Por exemplo, ignora-se a coluna que fosse usada para fins decorativos, mas não como elemento portante, e assim o conjunto devia resultar maciço, e dar a impressão de enormidade mais que de elegância.

Não obstante, os achados da Assíria provocaram alvoroço entre os arquitetos do séc. XIX, além de danos irreparáveis às cidades da Europa e América. De fato, a “descoberta” do Egito, efetuada meio século antes, ocorreu numa época em que existia um estilo esplêndido, de cânones bem precisos, o “Império” ou “Neoclássico”. Elegantes módulos egípcios, inseridos com gosto e parcimônia deram vida à agradável variante do assim chamado “Retour d’Égypte”.

Por outro lado, as escavações na Mesopotâmia ocorreram em época em que não existia propriamente um estilo, ou ao menos existia um, mas indefinível, chamado — para que se tenha um nome — de “Humber-tino”, na Itália, “Guilhermino”, na Alemanha, “Vitoriano”, na Inglaterra, “Segundo Império”, na França. Durante este período, os arquitetos, na falta de idéias, inspiravam-se na arte romana, etrusca, gótica, árabe, criando “mixórdias arquitetônicas”, eventualmente não chegando a ser desagradáveis.

A estes pareceu terem em mãos um estilo totalmente novo, em si mesmo pouco atraente, mas, em compensação, jamais experimentado. Assim, logo as cidades foram deturpadas com brutalidades engenhosas — como a Estação Central de Milão, construída num bizarro estilo “assírio-milanês” — que saltam aos olhos pela exotividade, sobretudo quando edifícios deste tipo são ornados com terríficos dragões e leões rugidores.

CAPÍTULO 21

O REINO CALDEU OU NEO-BABILÔNIO

Com Nabopolassar (626-605 a.C.) entra-se em outra atmosfera e parece que se retorna aos bons tempos dos sumérios e dos acádicos. Em contraste com as pomposas e sangüinárias crônicas às quais nos habituaram os reis assírios, eis algumas dentre as pouquíssimas inscrições deixadas por este piedoso rei, o qual, com uma espécie de coqueteria, chamava a si mesmo “filho de ninguém, a quem Marduk nem dirige o olhar”:

“Nabopolassar, Rei de Babel, sou eu. Marduk, o grande Senhor, confiou a mim o grave encargo de reconstruir a cidade e os templos. Naqueles dias, tendo o Eufrates se desviado de Sipar, fiz dragar o fundo do rio e escavei lagoas para o deus Chamach, meu Senhor. Construí as barragens do rio com tijolos cozidos e betume e consagrei ao deus Chamach um terrapleno de arrimo.

Nabopolassar (. . .) que lançou os alicerces do país (. . .). Eu edifiquei à Senhora de Sipar o novo templo de E-iddina e o tornei resplendente como o dia.

Ó meu santo Marduk! Volta satisfeito teu olhar para os meus atos, para que a obra das minhas mãos sobreviva eternamente! Como os tijolos do Etemenanqui foram plasmados para durar, assim consolida os alicerces do meu reino por todos os dias que hão de vir!”

De todas as suas vitoriosas campanhas contra a Assíria, um só sinal: “Quando Chamach se colocou ao meu lado e eu submeti os meus inimigos”. As suas *Crônicas*, encontradas só há poucos decênios, falam do constante empenho em reconstruir templos e canais e devolver ao próprio país o antigo esplendor.

Tais feitos não eram nada fáceis. Babel, já havia séculos, perdera a independência e, com esta, foi abandonando gradativamente seu primado intelectual. A terra de Caldu, continuamente saqueada pelos assírios e agravada com pesadíssimas taxas, se encontrava à beira da bancarrota. A milenária tradição estava assim interrompida e Nabopolassar se dedicou a recomeçar tudo, procurando chamar de volta à vida a *grandeur* da época de Sargão e Naram-Sin. Mas os tempos tinham mudado: por exemplo, em Babilônia falava-se agora o aramaico e por mais que Nabopolassar se esforçasse em redigir seus documentos em acádico, seus escribas não estavam em condições de escrevê-los corretamente.

Ignoramos quem tenha sido precisamente este Nabopolassar, ou os acontecimentos que o levaram ao trono de Babel para fundar a dinastia caldaica. Apoderou-se do trono com um fulmíneo golpe, aproveitando-

se do vácuo de poder criado pela morte de Candalanu e prolongado pela impotência da Assíria dividida entre três ou quatro reis.

Mas além de oportunista, era um homem dotado de excepcional intuição política e o demonstrou logo, desprezando os tradicionais mas belicosos aliados que eram a Síria e a Palestina, para concentrar todos os trunfos em Ciaxares, um bárbaro, mas muito competente. Depois, conhecendo a pouca propensão para a guerra dos babilônios e, sobretudo, dos arameus, deixou que o aliado fizesse todo o trabalho no norte, limitando-se a defender, aliás com pulso firme, a reconquistada independência.

Concluída a operação, Ciaxares e Nabopolassar reuniram-se numa espécie de "Conferência de Ialta" e repartiram o mundo. Ciaxares arrogou-se direitos sobre toda a parte oriental do desaparecido império assírio, e Nabopolassar não fez nenhuma objeção, considerando justo deixar ao rei dos medos o Elam, a Média e as vizinhanças, que já eram suas, além das fumegantes ruínas da Assíria até Harran. Para si, reteve a parte mais rica: isto é, Babilônia, Síria e Palestina, até a fronteira egípcia.

O faraó Necau, como já se disse, chegou demasiado tarde em auxílio à fortaleza de Harran e a explicação deste contratempo quem fornece é a Bíblia. Quando as suas tropas entraram no Reino de Judá, o rei Josias, despeitado porque o Egito estava correndo em ajuda de seu cruel inimigo e preocupado com a possibilidade de ter de obedecer a um novo patrão, corajosamente foi ao seu encontro para barrar-lhe o caminho, em Meguido:

"E ali, sendo ferido pelos frecheiros, disse para os seus criados: 'Tirai-me da peleja, porque estou gravemente ferido'. Eles passaram-no dum carro para outro, que o seguia de reserva, segundo o costume dos reis, e levaram-no para Jerusalém; e morreu, e foi sepultado no mausoléu de seus pais; e todo o Judá e Jerusalém o prantearam, sobretudo Jeremias", cujas lamentações sobre Josias são repetidas até hoje por todos os cantores e cantoras, costume que ficou em Israel como lei: encontram-se escritas estas coisas nas Lamentações. (*Paralipômenos*, 2, XXXV, 23-25).

É levemente diferente o relato de outra passagem bíblica (*Rei* 12, XXIII, 29-30):

"No seu reinado, o faraó Necau, rei do Egito marchou contra o rei dos assírios, para a banda do Eufrates: e o rei Josias foi-lhe ao encontro, foi morto em Meguido, logo que (Necô) o viu. E seus servos o levaram morto de Meguido, e transportaram-no a Jerusalém, e sepultaram-no no seu sepulcro. E o povo do país tomou Joacaz, filho de Josias, e ungiram-no, e constituíram-no rei em lugar de seu pai".

Necau pôde assim prosseguir a marcha, mas Joacaz, neste meio tempo, "agiu mal perante a face do Senhor" e rebelou-se; assim Necô, três meses depois, retornando da inútil expedição:

“E o faraó Necau prendeu-o em Riblen, que está no país de Emat, para que ele não reinasse em Jerusalém; e multou a terra em cem talentos de prata e um talento de ouro. E o faraó Necau constituiu rei a Eliaquim, filho de Josias, para reinar em lugar de Josias, seu pai, e mudou-lhe o nome em Joaquim. E levou Joacaz, e conduziu-o ao Egito, onde morreu”. (*Reis, 2, XXIII, 33-34*).

O Egito, como se vê, respeita as tradições; esta “multa” imposta a Jerusalém é a décima-sexta parte do que pediu, em sua época, Sennakerib.

Necau tinha outras ambições, e reconquistara o Retenu. Esta decisão unilateral evidentemente contrariava o acordo entre Nabopolassar e Ciaxares, e enquanto este encampava o que lhe era de direito, Nabopolassar enviava à Síria seu próprio filho, com ordem de expulsar o faraó invasor.

Nabucodonosor II (605-562 a.C.)

Este filho de Nabopolassar é Nabu-cudurru-usur, universalmente conhecido, sobretudo por mérito de Giuseppe Verdi, com o nome de Nabucodonosor.

O jovem príncipe obedeceu de bom grado à ordem paterna conquistando Carchemich, onde esperou que o exército de Necau desencadeasse o contra-ataque. Aqui deu-se o encontro entre as duas civilizações mais antigas do mundo (605 a.C.). O resultado conhecemos pelas palavras de Jeremias: o exército egípcio desfeito, espicaçado pelo vencedor e em fuga desordenada passou sob os muros de Jerusalém e o grande profeta não disfarça sua satisfação:

“Contra o Egito, contra o exército do faraó Necau, rei do Egito, que estava junto ao rio Eufrates, em Carchemich, a quem derrotou Nabukhadnezar, rei de Babel, no ano quarto de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá.

“Mas que aconteceu? Eu vi-os medrosos, e voltar as costas os seus valentes derrotados; fogem precipitados, nem para trás olham; o terror cerca-os de todas as partes, diz o Senhor: ‘Não fuja o ágil nem espere salvar-se o valente’; para a parte do aquilão, junto ao rio Eufrates, foram vencidos, e caíram por terra. . . porque esta é a vítima do Senhor Deus dos exércitos na terra do aquilão, junto ao rio Eufrates. (*Jeremias, XLVI, 2, 5-10*).

Nabucodonosor, porém, foi obrigado a interromper a perseguição; em Hamath alcança-o a notícia da imprevista morte de seu pai. Confiou assim a missão a seus generais, voltou a Babel, onde assumiu as insígnias reais e logo voltou a tomar posse, como rei, daquela parte do mundo que lhe competia. O seu reinado inicia-se assim sob os auspícios de uma fulgurante vitória. Seguiram-se muitas outras ao longo de todos os quarenta anos de governo. Este período de tempo transformará Nabucodonosor, depois de Sargão, Naram-Sin e Hammurabi, no maior rei da Babilônia.

Mas, já como seu pai, nas inscrições fala só fugazmente, pelo que saberíamos muito pouco dele se não tivesse chegado a nós uma crônica

detalhada, mas que se encerra no XI ano, ou seja, 549 a.C. Por sorte, para preencher a ampla lacuna concorreram seus dois grandes contemporâneos, Jeremias e Ezequiel.

Para consolidar o próprio império, Nabucodonosor conduziu algumas campanhas com as quais livrou suas terras de qualquer intrusão egípcia:

“E o rei do Egito, daquele tempo em diante, não tentou mais sair de seu reino, porque o rei de Babilônia tinha levado tudo o que tinha sido do rei do Egito desde o torrente do Egito (Uadi el-Arich) até o rio Eufrates. (*Reis*, 2 XXIV, 7).

Restava porém, a questão do Reino de Judá; à sua frente, Joaquim, entronizado por Neco e, portanto, a ele fiel. Porém, examinada a nova situação, também ele se submeteu espontaneamente ao novo dominador.

Mas na realidade Joaquim, que Jeremias descreve como um tiranete despótico e dissipador, começou logo a fazer “jogo duplo”, conspirando com Neco, e por duas vezes tentou reconquistar a sua independência. A primeira tentativa foi prontamente frustrada pelas fortalezas babilônicas na Palestina, mas a segunda, em 602 a.C., teve um feliz êxito: Nabucodonosor, provavelmente absorvido por outros problemas, não se preocupou muito.

Em 599 a.C., Joaquim morreu e sucedeu-lhe o filho, aos dezoito anos, de nome quase igual ao seu, Joahin (ou Jeconias). E no ano seguinte, o exército babilônio avança em redor de Jerusalém. O jovem rei acha melhor render-se.

“E Nabucodonosor levou dali todos os tesouros da casa do Senhor e os tesouros da casa real; e despedaçou todo os vasos de ouro que Salomão, rei de Israel, tinha feito no templo do Senhor, conforme a palavra do Senhor.

“E levou para o cativeiro toda a Jerusalém, todos os príncipes e todos os valentes do exército, ao todo dez mil, e todos os artistas e ferreiros; e não ficou nada, à exceção dos pobres, dentre o povo do país. Deportou também para Babel Joahin e a mãe do rei, e as mulheres do rei, os seus eunucos, e levou cativos para Babel todos os juizes do país. (*Reis*, 2 XXV, 13-15).

Assim tem início a primeira fase do “Exílio na Babilônia”.

A destruição de Jerusalém

No lugar de Joahin, Nabucodonosor colocou sobre o trono de Jerusalém “Matanias, seu tio paterno, com o nome de Zidqui-iahú (Sedecias). Vinte anos tinha Sedecias e por onze reinou sobre Jerusalém”.

Se bem que notavelmente reduzido, o Estado de Judá não foi eliminado, e a relativa benevolência de Nabucodonosor, que não quis usar punho de ferro, deu coragem ao fanatismo dos demagogos:

“E naquele mesmo ano, no princípio do reinado de Sedecias, rei de Judá, no quinto mês de seu quarto ano, sucedeu que Hananias, filho de Azur, profeta (falso) de Gabaão, me disse, na casa do Senhor, em presença dos sacerdotes e de todo o povo, as seguintes palavras: ‘Isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Eu quebrei o jugo do rei de Babel. Depois de passados ainda dois anos completos, eu farei restituir a este lugar todos os vasos da casa do Senhor, que Nabukhadnezar, rei de Babel, levou deste lugar e os transferiu a Babel. E farei que voltem para este mesmo lugar Jeconias, filho de Joahin, rei de Judá, e todos os de Judá, que foram levados cativos para Babilônia’, diz o Senhor; porque hei de quebrar o jugo do rei de Babel.” (*Jeremias, XXVIII, 1-3, 14*).

Sedecias tergiversou por vários anos até que, por falta de decisão, foi envolvido por vociferantes “revanchistas”.

No Egito reinava então Apries, muito propenso a inverter a política de seus predecessores, Necaú e Psamético II, que desinteressaram-se de Retenu. Retomou a fomentar as revoltas de hábito e enviou uma grande frota para apoiar Tiro, que se rebelou prontamente. Sedecias, forçado pelos extremistas, perguntou-lhe se estaria disposto a ajudá-lo também, obtendo a garantia do faraó.

Todavia, quer ouvir ainda uma vez o parecer de Jeremias, que lhe responde:

“Isto diz o Senhor Deus de Israel: ‘Vai e fala a Sedecias, rei de Judá, e lhe dirás: Isto diz o Senhor: Eis que entregarei esta cidade nas mãos do rei de Babel, e ele lhe lançará fogo. E tu não escaparás da sua mão, mas serás infalivelmente preso e entregue na sua mão, e os teus olhos verão os olhos do rei de Babel, e lhe falarás boca a boca, e entrarás em Babel’.” (*Jeremias, XXXIV, 2-3*).

Sedecias o colocou na prisão e recusou o tributo a Nabucodonosor. Este, em 589 a.C., expediu um exército ao Ocidente que, instalado o quartel-general em Riblah, agiu sobre três frentes: Tiro, Judá e Apries. A primeira, depois de um assédio que durou cerca de treze anos, obterá condições de rendição honrosa.

Quanto a Judá, “no ano nono de Sedecias, rei de Judá, no décimo mês, veio Nabukhadnezar, rei de Babel, e todo o seu exército a Jerusalém, e sitiaram-na.” (*Jeremias XXXIX, 1, Reis, 2 XXV, 1*).

Apries se moveu depressa e contrapôs-se com sucesso às frotas de Chipre e Fenícia, aliados de Babel, conseguindo também apoderar-se de Arvad, Biblos e Sidon. Mas evidentemente estas ações, se bem que brilhantes, não davam nenhum alívio aos assediados de Jerusalém. Sedecias fez respeitosamente notar a seu protetor, o qual finalmente se decide a enviar-lhe um contingente de tropas. O general babilônio foi assim forçado a interromper o cerco à cidade para ir cortar os passos ao recém-chegado.

Os “magos e adivinhos”, firmemente convencidos que a tudo proveiria o Senhor, deus dos exércitos, prorromperam em manifestações de júbilo, vendo nisto uma resposta positiva à sua granítica fé.

Jeremias, que estava em “liberdade vigiada”, replicou:

“Isto diz o Senhor: ‘Não queirais enganar-vos a vós mesmos, dizendo: De certo se irão os caldeus e se retirarão de nós, porque (fikai certos de que) eles não se irão’. Mas, ainda que derrotásseis todos os exércitos dos caldeus que pelejam contra vós, e ficassem deles somente alguns feridos, eles se levantariam cada um da sua tenda, e queimariam esta cidade pelo fogo”. (*Jeremias, XXXVII, 8-9*).

Desta vez, o “estraga prazeres” é silenciado numa lamacenta cisterna, para morrer de fome. Foi anistiado por Sedecias, que o devolveu à antiga prisão. Mas o que Jeremias previra aconteceu pontualmente: as tropas egípcias, muito inferiores numericamente, cansadas, deram meia-volta pouco além das fronteiras, evitando todo confronto e retirando-se em boa ordem.

Retomado o sítio, o destino de Jerusalém estava selado: a cidade resistiu heroicamente por dezoito meses. A sua queda é narrada em *Reis II, 25* e em *Jeremias, XXXIX*, dos quais unimos os trechos:

“E no ano undécimo de Sedecias, ao quinto dia do quarto mês, fêz-se a brecha na cidade; e todos os príncipes do rei de Babel entraram e fizeram alto junto à porta do meio; a saber: Neregel, Sereser, Semerganabu, Sarsaquim, Rabsares, Neregel, Sereser, Rebnag e todos os outros príncipes do rei de Babel.

E Sedecias, rei de Judá, e toda a gente de guerra, tendo-os visto, fugiram; e saíram de noite da cidade pelo caminho do jardim do rei, e pela porta que estava entre os dois muros, e tomaram o caminho do deserto. Mas o exército dos caldeus foi em seu alcance e apanharam Sedecias no campo do deserto de Jericó, e levaram-no preso a Nabukhadnezar, rei de Babel, a Ribleh, que está na terra de Emat; e este pronunciou-lhe a sua sentença. E o rei de Babel matou em Ribleh os filhos de Sedecias diante dos seus olhos; e o rei de Babel mandou também matar todos os nobres de Judá. Depois mandou arrancar os olhos a Sedecias, e fê-lo carregar de ferros, para ser levado a Babel. Além disso, os caldeus queimaram o palácio do rei, e as casas do povo, lançando-lhes fogo, e derribaram o muro de Jerusalém. E os restos do povo que tinha ficado na cidade, e os desertores que se tinham ido entregar a ele, e o resto do povo que tinha ficado, levou-os a Babel. E aos mais pobres da plebe que não tinham absolutamente coisa alguma, Nabuzardan, general do exército, deixou-os ficar na terra de Judá, e deu-lhes vinhas e cisternas naquele dia.

Jeremias, por sua vez, mereceu toda consideração: o general Nabuzardan, não o conhecendo, o colocara junto com os outros deportados. Nabucodonosor o fez libertar e cumulou-o de cortesias:

“E agora, eis que te tirei hoje as correntes que tinhas nas tuas mãos; se queres vir comigo a Babel, vem, e porei os meus olhos em ti; mas, se te desagrada vir comigo a Babel, fica; eis aí toda a terra à tua vista; para o lugar que escolheres, e para o qual quiseses ir, para esse vai. Não venhas, pois, comigo (se não queres), mas podes viver com Godolias, filho de Aicão, filho de Safan, a quem o rei de Babel constituiu governador das cidades de Judá; vive, pois, com ele no meio do povo, ou vai para qualquer parte que mais te agradar ir. Deu-lhe também o general do exército mantimentos e presentes, e o deixou ir. (*Jeremias, XL, 4-5*).

Este Godolias era o novo governador “colaboracionista” e Jeremias

escolhe ficar a seu lado para a reconstrução do país. Mas pouco depois Godolias é assassinado pelos fanáticos de sempre, os quais, aterrorizados pelo próprio ato, fugiram para o Egito onde o velho Jeremias os seguiu de má vontade e onde provavelmente morreu.

As muitas outras empresas militares de Nabucodonosor, dirigidas não a conquistar novos territórios, mas antes para manter a ordem naqueles recebidos hereditariamente, são muito pouco documentadas para se falar delas com conhecimento de causa e, além do mais, este rei é muito mais importante por suas obras de paz que pelas batalhas vencidas.

O “cativeiro” da Babilônia

Mesmo com Nabucodonosor adotando excepcionalmente os métodos assírios, desumanos, da ferocidade e deportação, pode-se depreender que os hebreus, juntos na nova destinação, foram tratados com humanidade. Foi-lhes concedido ficarem juntos em colônias agrícolas no baixo Eufrates, ou em comunidades artesanais na própria capital, professar livremente o seu culto e exercitar seus ofícios.

O profeta Ezequiel, que esteve entre os primeiros deportados junto de Joahin, e o mais ilustre, assumiu o papel de “sentinela da Casa de Israel”, e esforçou-se em manter sempre vivos em meio à sua gente os vínculos de sangue e religião.

E foi aqui que a religião hebraica, totalmente livre da razão de Estado, atingiu sua maior grandeza espiritual.

Não foi fácil, porém, e para manter unidos e ligados à ortodoxia seus concidadãos, Ezequiel precisou lançar suas aterrorizantes diatribes contra os pecadores, alternando-as com profecias de fé otimista, vaticinando o retorno seguro à pátria.

Entretanto, se para os hebreus de alta posição o exílio constituía uma pungente humilhação, os outros, sobretudo os de Babel, não se limitavam a lamentar-se e cantar as canções da pátria, mas esforçavam-se por encontrar um lugar ao sol.

Nos contratos comerciais que restaram até nossos dias, os nomes tipicamente hebraicos são muito freqüentes e muitos dentre eles alcançaram posições invejáveis, dentre todos aquele “Murachu e Filhos”, de que se falou nos capítulos de abertura, os quais, com sede em Babel e sucursal em Nipur, seriam, ainda na época de Artaxerxes, os Rothschild da Mesopotâmia.

O mesmo Ezequiel, que estava livre para desenvolver o seu apostolado e manter contatos regulares e correspondência com os colegas de Jerusalém, nunca chama seus companheiros de desventura de servos, e muito menos de escravos, mas só de “refugiados”. Lança-se violentamente contra os inimigos que de um modo ou outro exprimiram uma certa satisfação pela queda da Cidade Santa (de modo particular Tiro e os filisteus) e contra o Egito, que não tinha defesa. Mas, entre estes ini-

migos, nunca menciona o principal, isto, é, Nabucodonosor, que também é considerado como uma espécie de “espada da Justiça”, escolhida por Deus para punir os pecados dos hebreus.

E é dos golpes desferidos por esta espada que deverá ressurgir um povo purificado pela dor.

A Babel de Nabucodonosor

Nabucodonosor, uma vez organizado o seu império, impôs uma política econômica que designava verbas eqüitativas entre “Defesa” e “Obras Públicas”. De resto, deu liberdade total aos comerciantes e à iniciativa privada. A Babilônia, dotada de um exército pronto para qualquer emergência, refloresceu com os antigos esplendores e retomou com autoridade seu papel de principal centro comercial da Ásia Anterior.

A Babel de Nabucodonosor, à qual dedicou todo cuidado, é a única que conhecemos, ou, melhor dizendo, de que pudemos levantar a planta a partir dos poucos remanescentes, identificando a localização de seus principais edifícios e praças. Para sabermos mais, precisamos confiar nas descrições dos “turistas” que a viram ainda em pé, entre os quais naturalmente Heródoto, que fala:

“Babel é uma cidade construída da seguinte maneira: estende-se por uma grande planície, e tem a forma quadrada com os lados de 120 estádios (cerca de 21 km) de modo que o perímetro é de 480 estádios.

É construída com regularidade, como nenhuma outra que eu conheça. É circundada por um fosso largo e profundo, cheio de água. Depois, tem uma muralha de 50 cúbitos de espessura (26 m) e 200 de altura.

(...) Na parte superior da muralha encontram-se algumas casamatas; uma de frente para a outra. No meio, há espaço para a passagem de um carro com quatro cavalos. Ao longo da faixa murada abrem-se 100 portas, todas de bronze, tanto as ombreiras como as arquitraves (...). A cidade está dividida em duas partes, separadas pelo Eufrates (...) e reunidas por uma ponte (...). Está cheia de casas de três ou quatro planos e as ruas são todas retas, sejam as paralelas, sejam as perpendiculares. Correspondendo a cada rua que leva ao rio, abre-se uma pequena porta na muralha que margeia o Eufrates; estas portas também são todas de bronze.

A faixa de muralha de que se falou constitui uma couraça para a cidade. À sua volta corre uma outra muralha, igualmente poderosa, mas um pouco mais estreita”.

Heródoto, como de costume, se apaixona por tudo quanto vê e conta de modo a impressionar o leitor, agigantando as dimensões do que o impressionou; neste caso, o comprimento e a altura dos muros.

Igualmente espetacular, mas mais pobre em dados, é o testemunho do construtor desta enorme cidade:

“Para desencorajar qualquer ataque a Imgur Bel (...) eu, Nabu-cudurru-usur, fiz o que ninguém tinha efetuado antes de mim, pois que desejei que a parte oriental da cidade fosse cercada por uma outra forte muralha a 4 000 braças (ou

2,4 km) de distância; escavei o fosso, reforcei a encosta com tijolos cozidos e betume, conduzi a grande altura o muro sobre a orla externa e coloquei amplas portas e batentes de cedro com ornamentos de bronze”.

E, em outra inscrição: “Para humilhar a face do inimigo que ousasse atacar a tripla muralha de Babel, circundei o país com poderosas correntes, semelhantes às ondas do mar. Atravessá-las seria como querer vadear as ondas do mar. E para tornar impossível uma inundação, escavei lagoas artificiais e dotei-as de diques de terracota”.

Vejamos agora o que mostram as escavações:

O “plano-mestre” imposto por Assarhaddon para a reconstrução de Babel não modificava provavelmente a planta da cidade destruída, situada sobre a margem oriental do Eufrates, atravessada por dois canais (o Arakhtu e o Libil Khegalla) e circundada por uma dupla faixa de muralhas. A externa, a *Imgur Bel* (“Bel foi benigno”), tinha uma espessura de 6 metros e meio; a cada 18 metros surgia uma torre munida de um quartel. A interna, *Nimitti Bel* (“Fundação de Bel”), era, como disse Heródoto, um pouco mais estreita: cerca de 4 metros. Entre uma e outra existia um fosso de 7,5 m.

As grandes portas, duplas enquanto atravessavam o par de muralhas, eram oito, cada uma dedicada aos grandes deuses locais: *Ichtar*, *Sin*, *Marduk*, *Zababa*, *Enlil*, *Urach*, *Chamach* e *Adad*.

Esse poderoso sistema defensivo (fig. 63), que constituía um retângulo de 2,55 km x 1,5 km, foi ainda mais reforçado por Nabopolassar e Nabucodonosor.

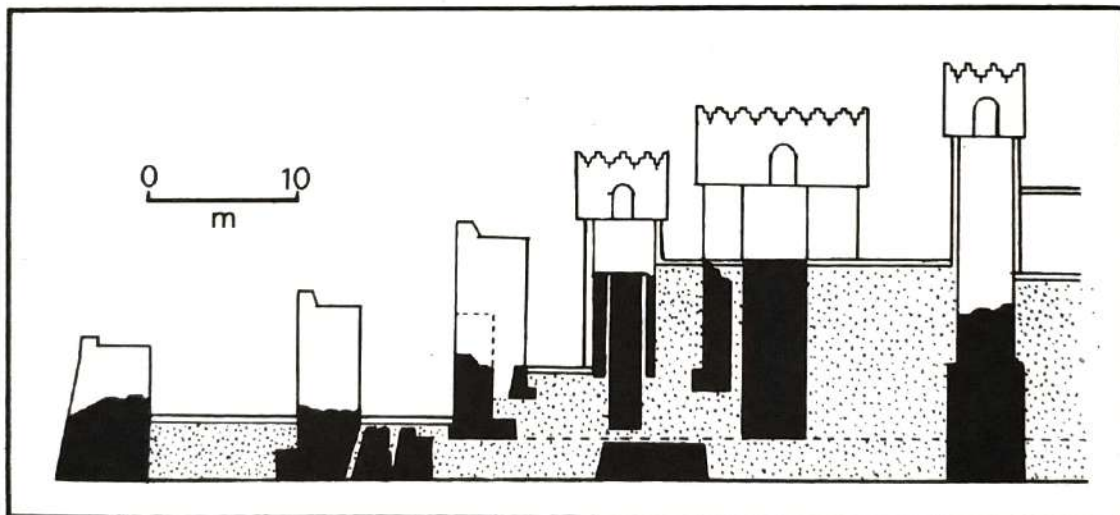


Fig. 63 — Seção das muralhas da cidadela de Babel.

Mas este previa que mais cedo ou mais tarde os antigos aliados medos ou persas, que neste meio tempo já tinham penetrado numa parte do Elam, como todos, desejariam atingir a fértil Babilônia. E “para humilhar a face do inimigo”, a dois ou três quilômetros acima do *Imgur Bel* erigiu um novo tríptico bastião ao longo de uma vintena de quilômetros

que englobava as áreas edificáveis e os campos da periferia, dentro do qual poderiam encontrar abrigo os cidadãos de toda a vizinhança. “Eu, Nabucudurru-usur, fortifiquei Babel como uma montanha”; este novo baluarte, munido de um largo fosse cheio de água, devia ter cerca de 30 m de altura. Como se não bastasse, e para evitar surpresas no oriente, ao longo do Tigre construiu uma espécie de “Linha Maginot” com uma centena de quilômetros de comprimento, chamada corriqueiramente de “Muralha dos Medos”.

Babel estava dividida em duas partes (fig. 64): a Babel velha, fechada pelo tríplice sistema de muros, e a nova, à esquerda do rio, construída

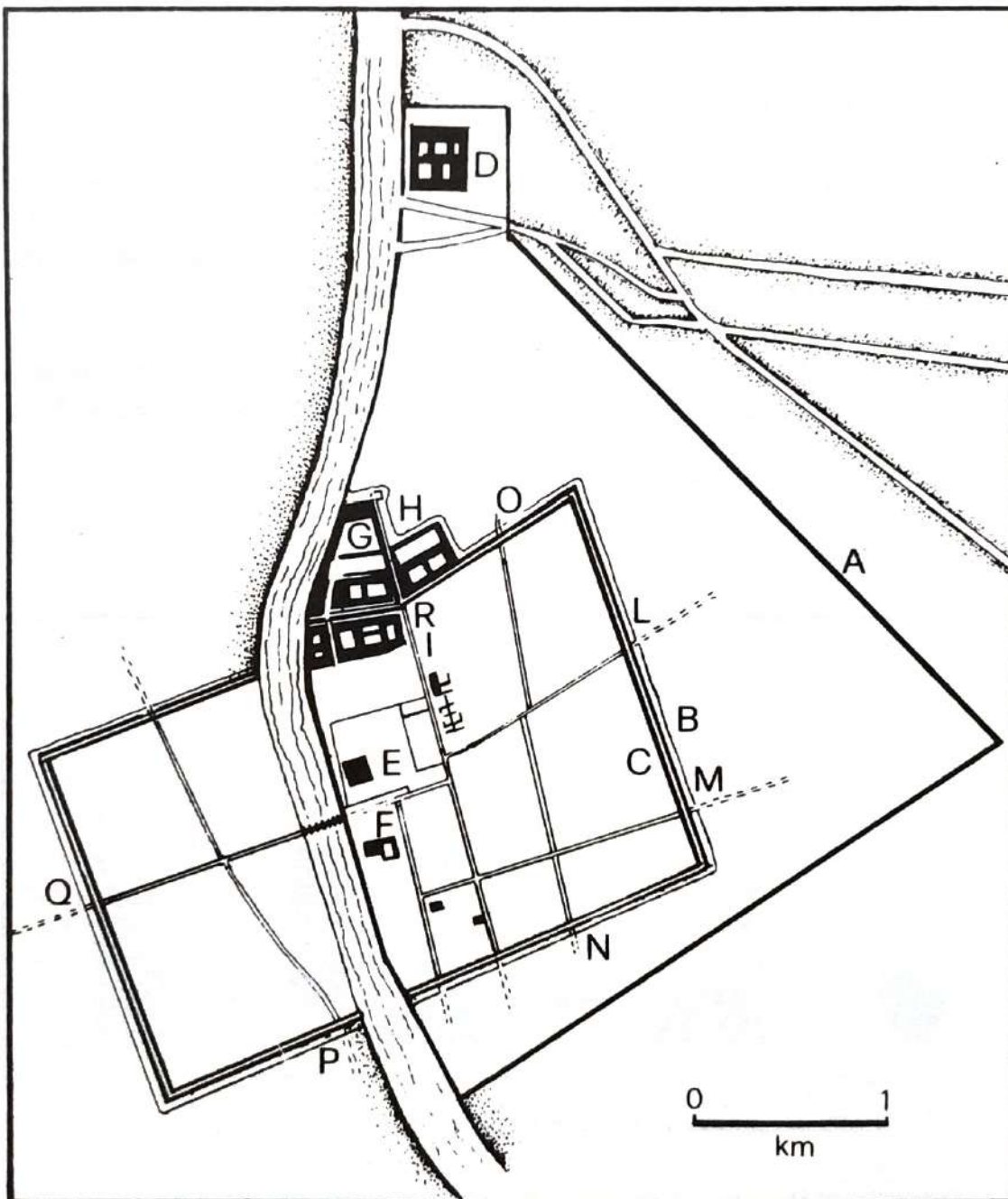


Fig. 64 — Planta de Babel. A — Muralha de Nabucodonosor; B — Imgur Bel; C — Nimitti Bel; D — Palácio de verão; E — Entemenanqui (Torre de Babel); F — Esagila; G — Cidadela e palácios reais; H — Porta de Ichtar; I — Via Sagrada; L — Porta de Marduk; M — Porta de Zababa; N — Porta de Enlil; O — Porta de Sin; P — Porta de Chamach; Q — Porta de Adad; R — Jardins suspensos.

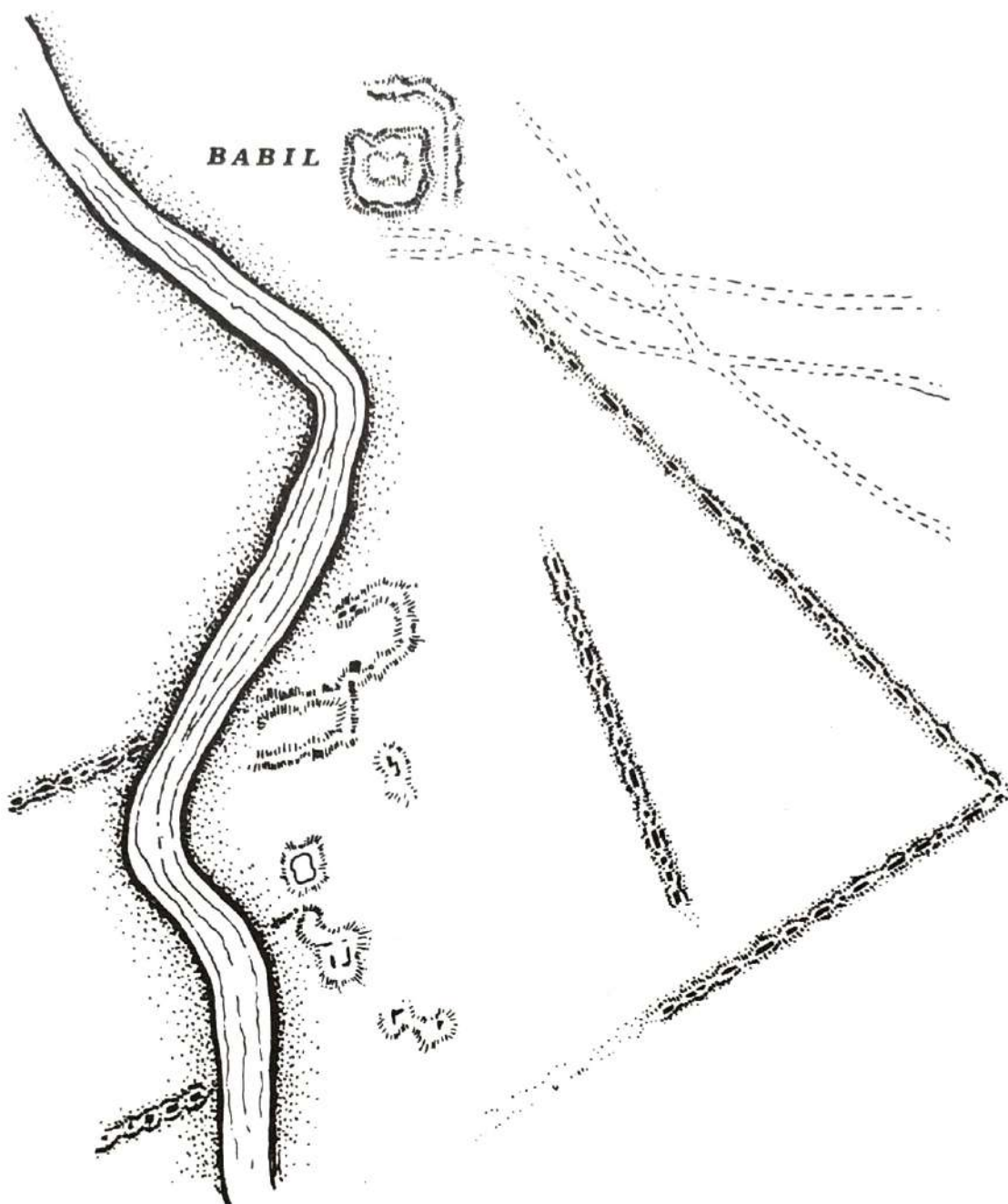


Fig. 65 — Cercanias de Babel com o montículo (Babil) formado pelos restos da residência de verão de Nabucodonosor.

quase toda com o *boom* daquele período. Na cidade velha, as ruas principais eram 24, dedicadas cada uma a um deus ou deusa. Ao longo de tais ruas surgiam estátuas ou capelas; só para Ichtar, 180, e as demais repartidas entre Nergal e Adad. As capelas eram 900, disseminadas em honra dos deuses menores, os Iguigui e Annunáqui; aos deuses maiores eram dedicados pelo menos 53 templos.

A ponte que unia as duas cidades era de tijolos com reforços de travessas de madeira. Apoiava-se sobre pilares alongados no sentido da correnteza, de 21 m de comprimento e 9 de largura.

O imenso paço compreendia o velho palácio real de Nabopolassar e o

novo, de Nabucodonosor. O monumental complexo cobria uma área de mais de 100 000 metros quadrados com cinco pátios do tamanho de campos de futebol. A sala do trono, toda atapetada com tijolos esmaltados amarelos e azuis (agora no Museu de Berlim), media 50 x 15 m. No “castelo” encontrava-se um museu, com livre acesso para o público, onde estavam expostos o Tesouro da Coroa e os achados arqueológicos.

Três quilômetros mais ao norte, fora das muralhas velhas mas protegido também pelas novas, o palácio de verão (fig. 65), a grande vila real de Nabucodonosor, de que nada restou senão o nome de Babil dado ao montículo que sepultou suas ruínas.

Os jardins suspensos

Grandes terraços elevados, ricos em frondosas árvores exóticas, para cuja irrigação artificial havia engenhosas bombas sempre em movimento para levar para cima a água do Eufrates. Assim Diodoro Sículo e Estrabão descrevem os famosos jardins suspensos ou “Jardins de Semíramis” (que nada tem a ver com eles), com justiça considerados a sétima, e última, “maravilha do mundo”, empatados com as muralhas de Babel, o mais desmesurado sistema defensivo da Antigüidade.

Destes jardins (fig. 66), obra também de Nabucodonosor, restaram alguns traços: quatorze quartos sustentam um grande terraço no ângulo norte do palácio, perto da Porta de Ichtar, provavelmente ornada com aquelas árvores preciosas que tomavam esses lugares encantadores e sumamente agradáveis.

Obviamente hoje, com os nossos cimentos armados, bombas motorizadas e progressos científicos, tudo isto nada tem de excepcional, mas, sem dúvida, na época, aparecia como maravilhoso.

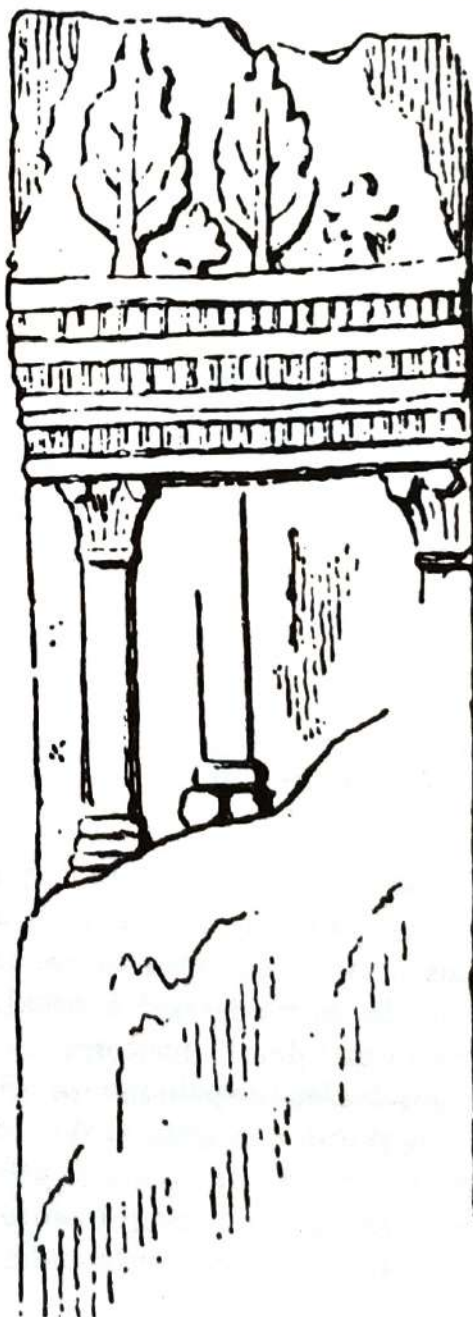


Fig. 66 — Fragmento representando os jardins suspensos de Babel (segundo Layard, *Discoveries*).

A Torre de Babel

“No centro do recinto sagrado está construída uma torre maciça, com a base do comprimento de um estádio (177 m) e larga outro tanto. Sobre esta torre se sobrepõe uma outra, e uma outra ainda sobre a segunda, e assim por diante, até 8 torres. A via de acesso a estas torres é construída externamente, em espiral.

A meio caminho há um local para descanso, com alguns assentos, onde podem retomar o fôlego aqueles que estão subindo.

Na última torre há um grande templo, dentro do qual se encontra um amplo leito adornado de belos tecidos e, ao lado, uma mesa de ouro (...). Nenhum ser humano passa a noite ali, só uma mulher, escolhida dentre todas pelo deus, é o que asseveram os caldeus, que são os sacerdotes daquele deus. Os mesmos sacerdotes dizem, mas eu pouco o creio, que naquele leito se instala o deus em pessoa. Faz parte do santuário também um outro templo mais ao sul, onde se encontra uma grande estátua de Zeus (Marduk) e, junto a ela, uma ampla mesa de ouro. Tanto o pedestal quanto o trono são de ouro.

O todo, segundo afirmações dos caldeus, é feito com 800 talentos de ouro (24 toneladas).

(...) Neste recinto sagrado há também uma estátua de 12 cúbitos de altura (5,20 m) de ouro maciço. Pessoalmente não a vi, e refiro apenas o que os caldeus me contaram.”

Esta descrição que Heródoto faz do Entemenanqui (fig. 67), isto é, do “Templo do Alicerce do Céu e da Terra”, é substancialmente exata, salvo nas medidas, onde, como de hábito, exagera.

Na realidade, a primeira parte consistia de uma base quadrada de 90 m de lado sobre a qual se erigiam 5 planos, de base quadrada e cujas medidas eram, respectivamente: 90 x 33 m; 78 x 18 m; 60 x 6 m; 51 x 6 m; 42 x 6 m.

Este complexo, com uma altura total de 69 m, era o zigurate propriamente dito, sobre cuja última plataforma se erguia o templo, em dois andares, de 33 x 11 m e 24 x 21 x 10 m, revestido de tijolos esmaltados azuis. O todo atingia 90 m de altura, ou seja, igual à largura da base.

Do lado sul, uma longa escadaria subia até o templo, enquanto os andares eram interligados mediante escadas independentes, externas.

Quem primeiro lançou os alicerces deste monumento tão grande foi Assarhaddon (depois da destruição de Sennaquerib); a seguir, devido aos contratempos que vimos, a construção foi suspensa. Nabopolassar retomou a ruínam obra e Nabucodonosor, afinal, a concluiu. Estas marchas e contratempos, que evidentemente se repetiram no passado, sugeriram o famoso episódio de que fala o *Gênesis*, XI:

“Ora, a terra tinha uma só língua e um mesmo modo de falar. Mas (os homens), tendo partido do oriente, encontraram uma planície na terra de Senaar, e habitaram nela. E disseram uns para os outros: ‘Vinde, façamos tijolos e cozamo-los no fogo’. E serviram-se de tijolos em vez de pedras, e de betume em vez de cal traçada; e disseram: ‘Vinde, façamos para nós uma cidade e uma torre, cujo cimo chegue até o céu; e tornemos célebre o nosso nome, antes que nos espalhemos por

toda a terra'. O Senhor, porém, desceu a ver a cidade e a torre, que os filhos de Adão edificavam, e disse: 'Eis que são um só povo e têm todos a mesma língua; e começaram a fazer esta obra, e não desistirão de seu intento até que a tenham de todo executado. Vinde, pois, desçamos e confundamos de tal sorte a sua linguagem que um não compreenda a voz do outro'. E assim o Senhor os dispersou daquele lugar por todos os países da terra, e cessaram de edificar a cidade. E por isso lhe foi posto o nome de 'Babel', porque aí foi confundida a linguagem de toda a terra, e daí os espalhou o Senhor por todas as regiões."

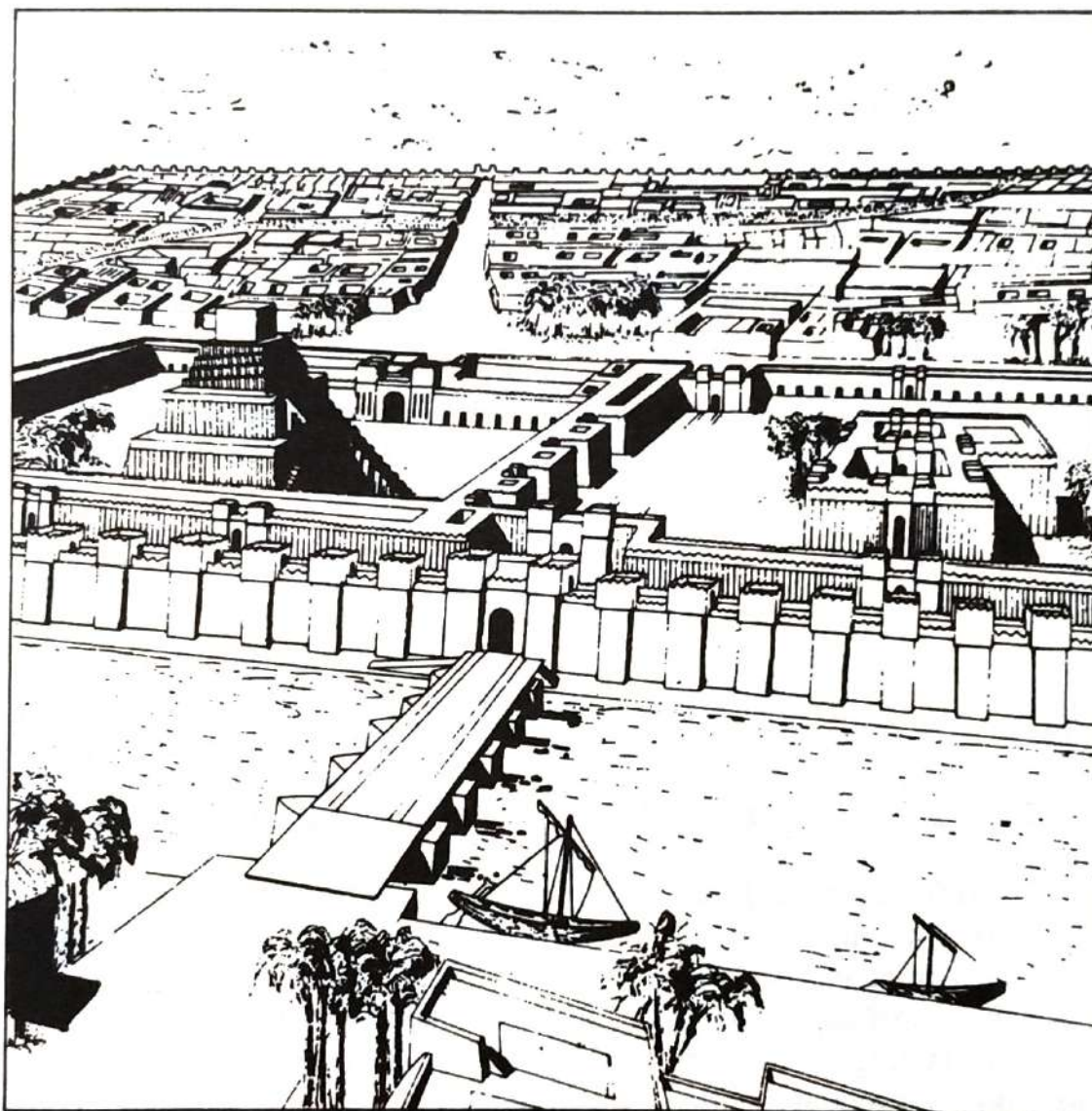


Fig. 67 — Babel: o "Entemenanqui" e o "Esaguila".

A Bíblia não esclarece muito sobre esta famosa torre, salvo para dizer que era construída de tijolos cozidos e, portanto, eternos. Quanto a Babel, repete que sempre foi cidade cosmopolita, em que se falavam todas as línguas.

A torre não foi destruída pelo tempo, mas demolida pelos homens. Seus tijolos serviram durante séculos aos indígenas para construir suas

casas. E muitos destes, levando o selo de Nabucodonosor, foram encontrados aqui e ali por arqueólogos que escavaram as ruínas de Hillah.

O Esaguila

Na segunda parte de seu relato, Heródoto dá uma idéia muito aproximada do que era chamado, com um termo sumério, de “Esaguila”, ou “O Templo Que Ergue ao Alto a Cabeça”, dedicado também a Marduk e à sua família:

“O santuário das êneas portas de Zeus Belo (Marduk), que existia ainda no meu tempo, tinha uma forma quadrada de 2 estádios de lado (354 m)”.

Também neste caso as medidas de Heródoto são cerca do dobro das originais.

Em torno do grande recinto do Etemenanqui corria a Via Sagrada (fig. 68), de 22 m de largura. Sobre esta se desenrolava a grande procissão da festa do deus que, partindo da Porta de Ichtar, atravessava a ponte e chegava ao templo Bît-Aqitu situado na outra margem do Eufrates. Era flanqueada por duas muralhas da espessura de 7 m, sobre as quais pelo menos sessenta leões por lado, em tijolos esmaltados em relevo, mantinham à distância inimigos e espíritos malignos. A Porta de Ichatar, de 12 metros de altura, foi reconstituída no Museu de Berlim.

Esta era, pois, a Babel de Nabucodonosor, o “Umbigo do Mundo”. Não obstante as aparências, não se deve crer que fosse apenas centro religioso. Era sobretudo um grande entreposto comercial onde, mais que andar em procissões, se pensava em fazer dinheiro e divertir-se, mesmo que as imensas obras impostas pelo rei exigiam o suor de todos os cidadãos além dos escravos que, contrariamente a tudo o que se imagina, não eram tão numerosos.

Portanto, uma metrópole agradável e cheia de vida, riquíssima, e com uma acentuada tendência ao luxo.

Nabucodonosor reinou aí por 44 anos, com grande magnificência, mas, quando necessário, com pulso firmíssimo. Era o homem mais poderoso do mundo e o seu prestígio era tal que permitia-lhe erigir-se em árbitro das controvérsias internacionais, como hoje o Conselho de Segurança da ONU.

De resto, seu domínio da situação transparece também em suas relações com Ciaxares e em particular por um episódio narrado por Heródoto: como já Nabopolassar, também Nabucodonosor deixou completa liberdade de ação a Ciaxares na parte do mundo que lhe coube por direito. Ciaxares, por sua vez, respeitou o velho pacto de repartição, mas como isto não lhe impedia expandir-se à vontade, conseguiu organizar para si um império subjugando toda a Média, onde fundou a sua nova capital, Hagmatana, chamada pelos gregos Ecbátana e, hoje, Hamadan.

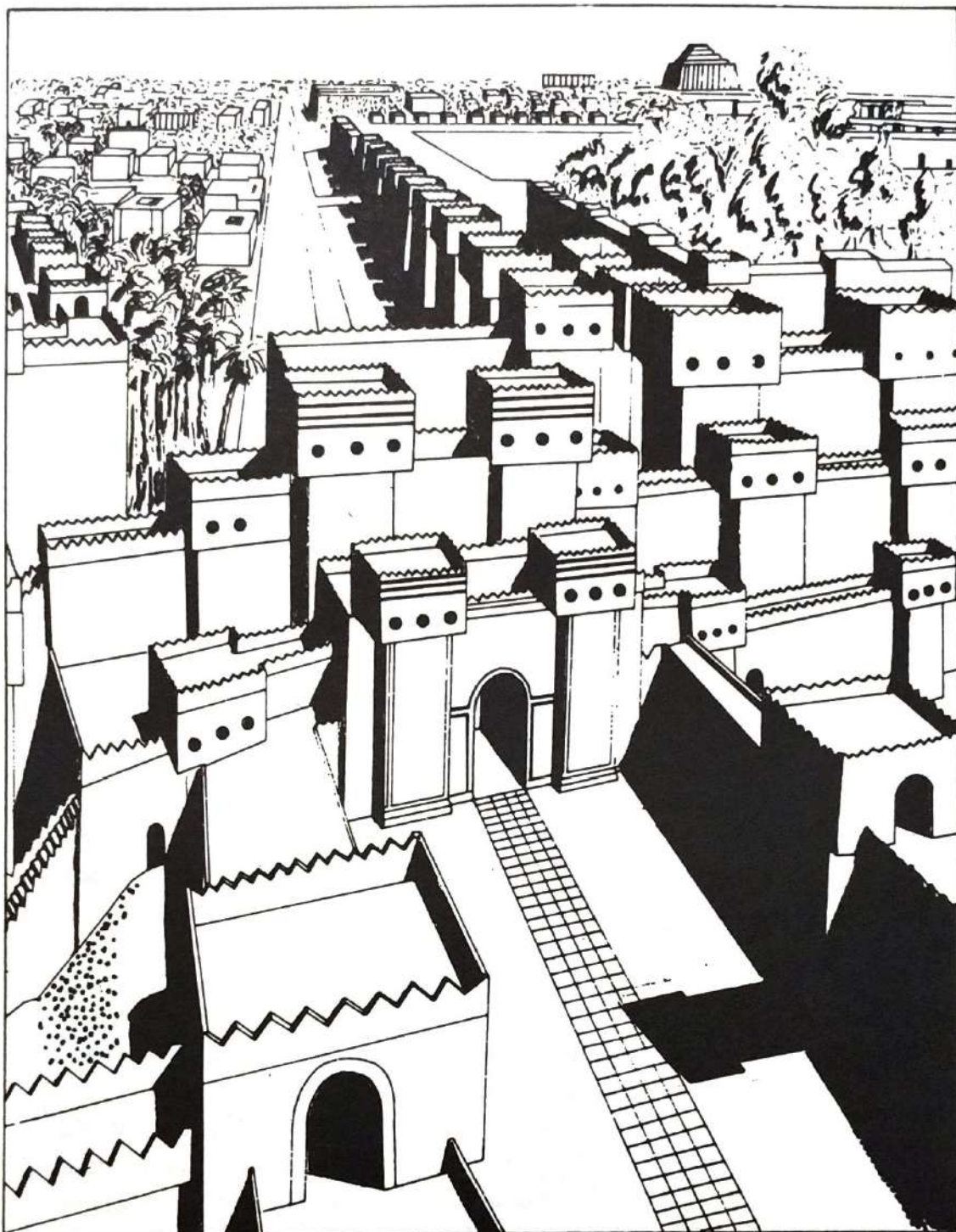


Fig. 68 — Babel: a Porta de Ichtar e a Via Sagrada (à direita e ao fundo vêem-se os jardins suspensos e o Zigurate).

Chegou assim a um tal poder que mesmo Nabucodonosor julgou oportuno não subestimá-lo e aparentar-se com ele por meio de um casamento de Estado.

Pois bem, quando um corpo de mercenários citas já a serviço de Ciaxares, insatisfeito com o tratamento recebido, passou, com armas e bagagens, a serviço de Aliate, rei da Lídia, descendente de Guigues,

Ciaxes pediu peremptoriamente a extradição dos desertores. Aliate negou-a, dando início a uma guerra que durou cinco anos.

Perto de 855 a.C., sobre o rio Halis, ocorreu sangrenta batalha, assim narrada por Heródoto:

“Enquanto fervia o embate, de improviso o dia se transformou em noite. Este eclipse do Sol fora previsto por Tales de Mileto que fixara mesmo a época do ano em que o fenômeno se verificou. Mas os lídios e os médios, quando viram a noite invadir o dia, pararam de combater, pedindo a altas vozes, uns e outros, que se estipulasse a paz.

Os que impuseram um acordo foram Sienezis, rei da Cilícia, e Labineto (Nabucodonosor), rei de Babilônia. Estes se esforçaram até que se firmasse um acordo jurado, sancionado por uma troca de matrimônios: decidiram que Aliate desse a filha a Astíages, filho de Ciaxes, porque, sem vínculos válidos de parentesco, os acordos não costumam ser seguros nem duráveis”.

Deste episódio não se faz menção nas inscrições de Nabucodonosor, que, como se disse, não se gaba de feitos prestigiosos, mas dos templos por ele devotamente erguidos, como em particular aquele de Nabu-Esida em Borsipa (Birs Nimrud), onde ainda hoje se podem admirar os imponentes restos de seu zigurate (figs. 69 e 70).



Fig. 69 — Borsipa (Birs Nimrud): ao fundo, os restos de seu zigurate.

Só em pouquíssimos casos o grande rei declara e afirma seu prestígio, mas não tanto para se exaltar, como a seu deus:

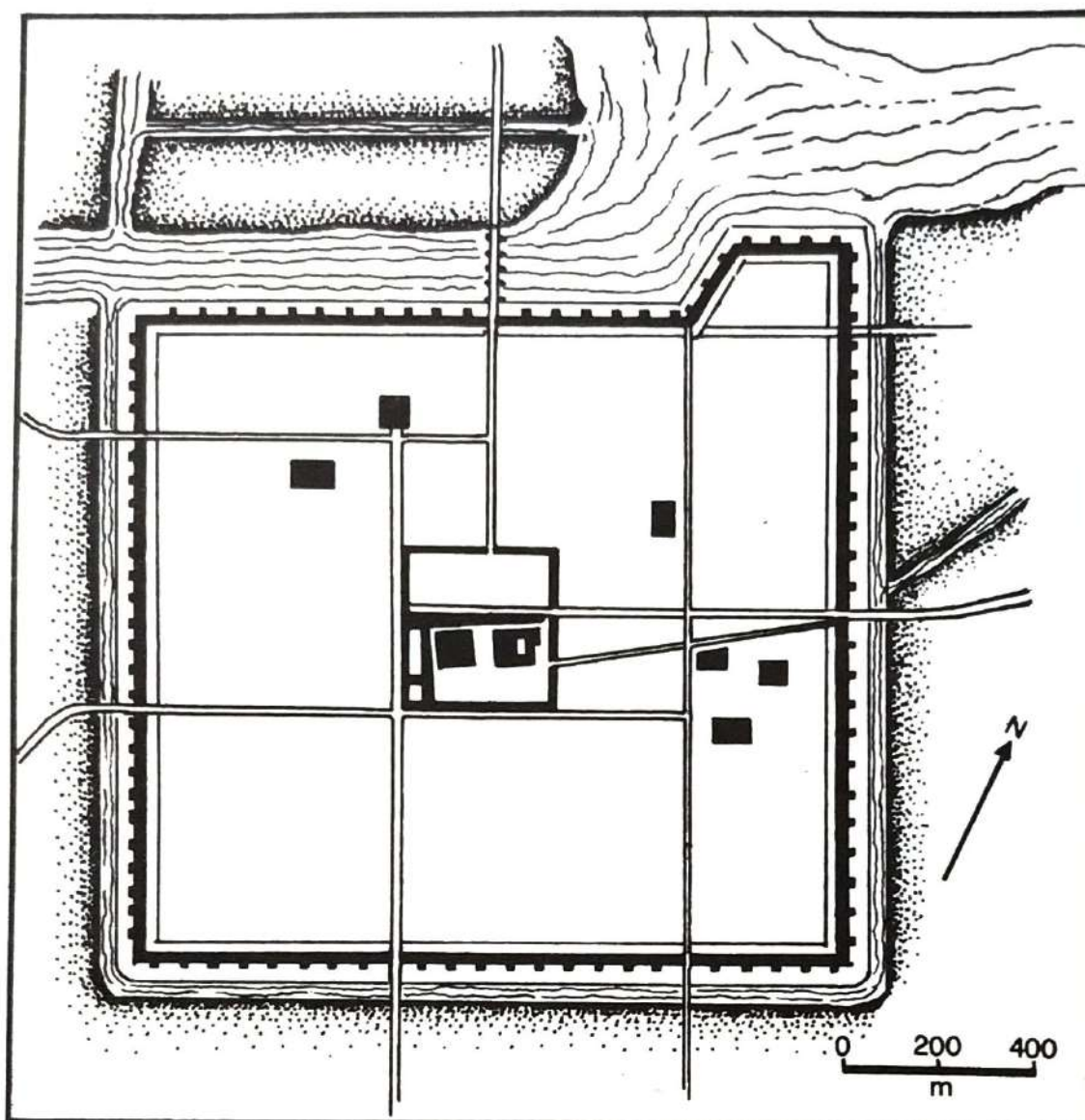


Fig. 70 — Planta de Borsipa (Birs Nimrud).

“Sob a poderosa proteção de Marduk, percorri longínquos países, remotas montanhas do Mar Superior ao Mar Inferior por longuíssimas estradas, por sendeiros impérvios onde o pé mal alcançava entre obstáculos insuperáveis e desertos sem água. Submeti os rebeldes, fiz prisioneiros aos inimigos, restabeleci a ordem, arrastei escravos bons e maus e depusitei em Babel, na presença de Marduk, prata, ouro, pedras preciosas, cobre, árvores odoríferas, e o quanto produzem a terra e o mar, como rico dom a Ele devido”.

CAPÍTULO 22

OS SUCESSOS DE NABUCODONOSOR

Com a morte de Nabucodonosor se delineia uma rápida decadência de Babilônia. De seu filho, Avil-Marduk, nos dá uma grata fisionomia a Bíblia (*Reis, II, 25*):

“O XXVII ano da deportação de Joahin, Rei de Judá (...), Evilmerodach, Rei de Babel, o mesmo ano em que começou a reinar, sublevou e tirou Joahin da prisão e falou-lhe afavelmente elevando-o a um trono mais elevado do que os outros reis que estavam com ele em Babel”.

Mas o benévolo soberano foi deposto pouco depois pelo ambicioso cunhado, o general Nergal-char-ussur, o qual, em algumas breves inscrições, se qualifica como “filho de Sin-char-iskhun”, isto é, hipoteticamente, do último rei da Assíria. Foi ativíssimo; informa ter penetrado profundamente na “bárbara” Cilícia e ter enfrentado revoltas internas:

“Abati aqueles que recalcitravam perante a minha autoridade e acreditavam causar-me medo; aniquilei as suas fileiras, frustrei os rebeldes, impus a lei no país e rejo em paz os meus numerosos povos”.

E restaura os templos: “Nergal-char-ussur, Rei de Babel, dispensador de benefícios, renovador do Esaguila e do Esida”, onde põe “sete grandes e poderosas serpentes de bronze prateado”.

Está cheio de si, diferentemente de Nabucodonosor; em compensação, reina apenas quatro anos (de 560 a 556 a.C.). Sucede-lhe por poucos meses o jovem filho, Labachi-Marduk, bruscamente eliminado pelo partido adverso pois, no dizer de Berosse, tinha um caráter insuportável. É torturado e morto pelos partidários de Nabônides.

Para explicar esta inopinada sucessão de reis, pensa-se que, desaparecida a autoridade de Nabucodonosor, o poderoso clero, dividido em facções contrapostas, alimentasse toda espécie de intrigas. O mais aguerrido era naturalmente o clero de Marduk, em estreito conluio com o do país de Caldu, enquanto os sacerdotes de Sin e Charnach, cujos templos estavam em Ur, Sipar, Larsa e Harran tinham seus aliados entre os arameus do Golfo Pérsico e arredores. O destino do soberano dependia da prevalência de uns mais do que de outros. Desta vez, prevaleceram os da corrente adversa à dinastia de Nabopolassar, os quais, eliminado o impertinente juvenzinho, puseram sobre o trono um dos seus, o sacerdote e grão dignatário da corte, Nabônides, um arameu de Harran.

Nabônides (Nabuna'id, 556-539 a.C.)

Nabônides é um singular personagem de origens obscuras. Numa inscrição se qualifica como filho de um certo Nabu-balat-suibqui e diz que sua mãe o trouxe a Babel, vinda de Harran e o colocou na corte, onde fez uma fulgurante carreira, ponto em que, por falta de referências, devemos acreditar em sua palavra.

Quando subiu ao trono não era mais um jovem, dado que sua mãe morreu pouco depois com a veneranda idade de 104 anos (teve funerais dignos de uma imperatriz). Astuto e saudável, em 555 a.C. retomou as hostilidades na Cilícia e nos dois anos sucessivos construiu grandes edifícios em pelo menos sete cidades, entre as quais Harran, Larsa, Ur e Sipar, deslocando-se pessoalmente para escavar entre as ruínas à procura dos cilindros de fundação dos antiqüíssimos templos sumérios e acádicos. Quando conseguia desencavá-los, copiava-os escrupulosamente e os anotava, especulando sobre cálculos aproximativos sobre quanto tempo antes dele teriam reinado aqueles seus remotíssimos predecessores, deixando notícias tão preciosas; não deixava mesmo de reprovar asperamente quem, inclusive o grande Nabucodonosor, tivesse se desinteressado de questões tão importantes.

Parece que bem depressa esta paixão pela arqueologia se tornou uma espécie de fixação, se não o seu único empenho, ao qual relacionava uma outra obstinada propensão a desenvolver ritos e cultos, introduzindo inovações até os limites da heresia.

O deus de Nabônides era Sin, o deus de Harran, para grande irritação do clero de Marduk, que lhe tornou a vida impossível e, por fim, rebelou-se abertamente contra ele. Então ele abandonou todas estas querelas e foi estabelecer-se o mais longe possível, no oásis da Arábia. Aqui, por uma dezena de anos, sem jamais voltar a pôr o pé em Babel, dedicou-se denotadamente à organização daquelas terras desoladas — dentre as quais menciona Jatrib, a atual Medina — dotando-as de vias comerciais e convidando para a colonização das novas terras tantos quantos quisessem, ao que muitos hebreus aceitaram o convite.

Em Babel, como vice-rei, deixou o filho Bel-char-ussur (Baldassar). Uma inscrição de Nabônides, que não esconde uma certa complacência, dá conhecimento que a revolta contra Sin, isto é, contra ele mesmo, tinha provocado da parte do deus ofendido uma tal carestia que os babilônios “comiam-se entre si como cães”.

Mas sobre Babilônia já assomava o poder persa.

A cultura de Babel

Dentro de poucos anos, Babel se renderá a Ciro — episódio que será narrado no próximo volume, dedicado ao Império Persa — e não por vontade do conquistador, mas que fatalmente assinalará o início da decadência da cidade.

O “farol da civilização” que esta representava para todo o Oriente Médio se apaga rapidamente, e a “taça de ouro nas mãos do Senhor”, como a chamava Jeremias, aos poucos irá perdendo o seu brilho. Para nós, hoje, é difícil entender por que aquele farol fosse tão famoso: pelo que consta, a sua luz não parece tão fulgurante nem vívida como a que se irradiará depois de Atenas, ou de Florença, ou Paris. A cultura babilônia parece reduzir-se substancialmente a uma erudição filológica: a literatura não revela força criativa e respeita uma uniformidade de vocação confessional.

Ora, o modo como era conservado, anotado, transcrito e armazenado todo o saber acumulado nos milênios, a partir dos sumérios naquela região do mundo é comparável em certos aspectos ao que se fez com a cultura na Idade Média, se bem que sob outra atmosfera e maior âmbito de interesses, nos conventos e universidades medievais.

De qualquer forma foi o mais importante centro da cultura semítica, e podemos afirmar que o conhecimento astronômico, ou melhor, astrológico dos doutores babilônios estava sem dúvida à altura do de seus colegas egípcios, e as ciências ocultas — a famosa magia dos caldeus — teve geniais e quiçá insuperáveis mestres.

Bem pouco, ao contrário, sabemos sobre a sua medicina. Heródoto, que ficou extasiado com a extraordinária especialização dos médicos no Egito, achou muito interessante o primitivo empirismo da terapêutica babilônia:

“Eis um hábito que eles têm: dado que não fazem uso de médicos, levam os doentes à praça. Os passantes aproximam-se do enfermo e perguntam qual é o seu mal, e se já o tiveram eles mesmos ou visto alguém sofrer dele, aconselham-no a cura já conhecida por eles para a mesma doença. Não lhes é permitido, quando há um doente, passar adiante sem informar-se de que mal sofre”.

Tratava-se certamente de usos populares, uma espécie de “sindicato dos pobres” que confortava as pessoas que não podiam pagar um médico. Na verdade, os médicos, que eram sacerdotes, gozavam de altíssimo nível, fama e emolumentos proporcionais a seus méritos. Por outro lado, as muitas centenas de tabuinhas que tratam de diagnósticos e terapias escritas todas em sumério — a língua dos “adeptos da obra” — estão tão saturadas de fórmulas mágicas e tão terminologicamente obscuras a ponto de justificar plenamente aos nossos olhos a assistência “de rua”, ao ar livre.

Quanto ao direito, não consta que ninguém revogou ou reformou o Código de Hammurabi, e não parece que a jurisprudência babilônia tivesse gerado legisladores ou inovadores geniais.

Por fim, nem as artes conseguem suscitar nosso entusiasmo: das ruínas da Babel de Nabucodonosor nada emergiu que comova pela origina-

lidade de inspiração ou pelo encanto de uma antiga beleza. O rei, para adornar suntuosamente os lugares oficiais da sua capital no ápice de seu poderio, não poupou despesas para contratar os maiores artistas da época. Como resultado, temos animais e monstros na Via Sagrada e na Porta de Ichtar. Executados perfeitamente, decalcam sem variações os modelos antigos e em sua metódica sequência evidenciam a monotonia de um trabalho em série.

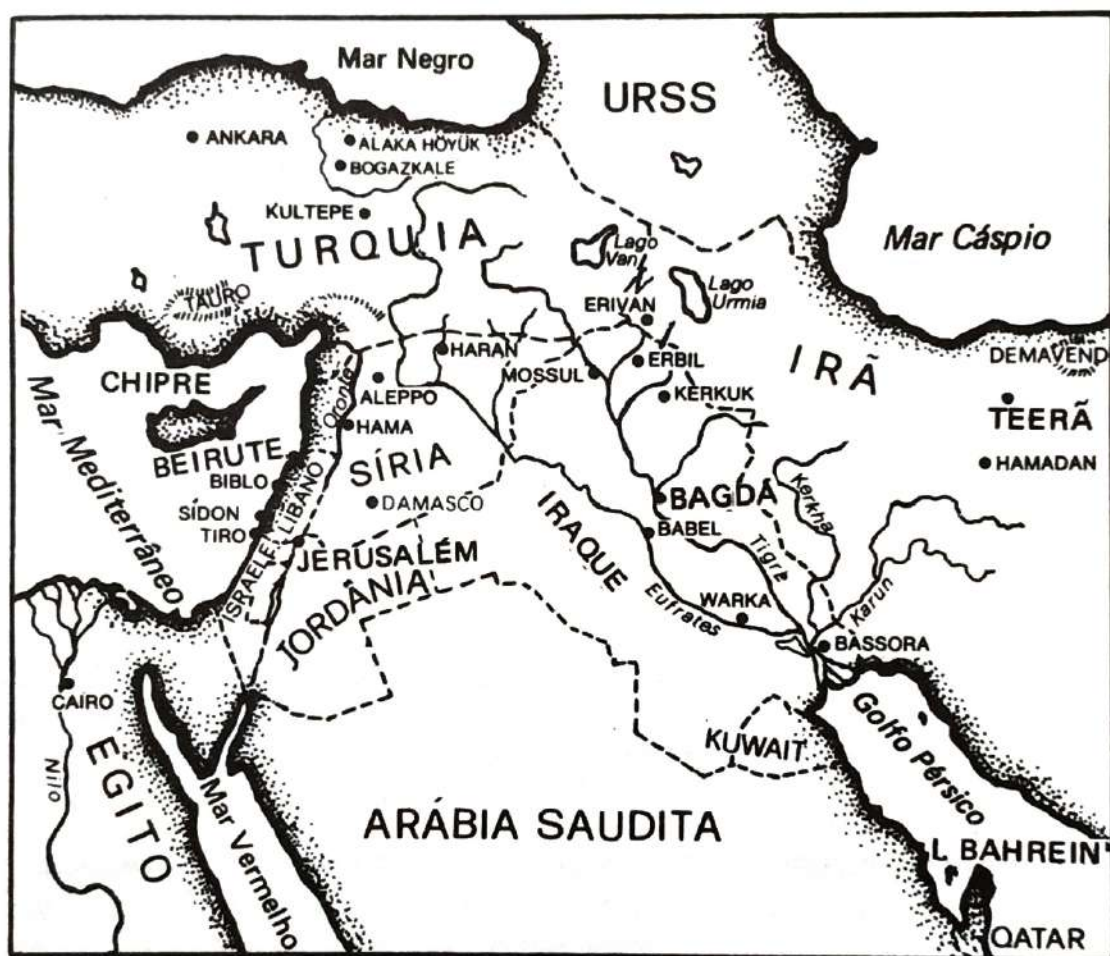


Fig. 71 – O Oriente Médio.

TABELA CRONOLÓGICA

	URUK	QUICH	UR	LAGACH	ACAD	ASSUR	LARSA	ISIN
2800	Enmerkar							
2750	Lugalbanda	Agga						
2700	Guilgamech							
2650			Mesannepadda					
2600		Mesilim	Aannepadda	Ur-Nansce				
2550		Kubaba		Eannatum				
2500	Lugalzaghesi			Enannatum				
2450				Entemena		Hititas		
2400				Urukaghina	Sargão			
2350					Rimush			
2300					Manishtusu	Ellicapcapu		
2250					Naram-Sin			
2200					Charcalicharri			
2150	Utukhegal			Ur-Bau	6 reis			
2100			Ur-Nammu		Domínio dos	Ichpia		
2050			Chulqui	Gudea	Gútios (cerca			
2000			Amar-Sin	Ur-Ninghirsu	de 2233-2130)			
			Sciu-Sin	Lucamani		Quiquia	Naplanum	
			Ibbi-Sin					Ichbi-Erra

ASSÍRIA	BABILÔNIA	MARI
Ilushuma cerca de 1880	Sumu-abum 1895-1881 Sumu-la-El 1881-1845	
Erichum I	Sabium 1844-1830	
Icunum Sargão		
Naram-Sin 1820-1815	Abil-Sin 1830-1813	Iagghid-Lim cerca de 1830 Iakhdun-Lim 1825-1810
Erichum II 1815-1782	Sin-muballit 1812-1793	
Chamchi-Adad		
Ichme-Dagan 1782-1742	Hammurabi 1792-1750	Zimri-Lim 1782-1759
Puzur-Sin cerca de 1730	Samsu-iluna 1750-1712	
Adasi cerca de 1700	Ibichum 1712-1684	
Belbani	Ammiditana 1684-1647 Ammisaduca 1647-1626 Samsuditana 1626-1595	
	Agum II Ulamburiach cerca de 1520	
Príncipes de Assur cerca de 1500	Kashtiliash III 1480-1470	
	Agum III 1470-1450	

ASSÍRIA	BABILÓNIA	ELAM
Assur-bel-nichechu	Karaindach	1445-1430
Assur-rim-niscesciu	Curigalzu I	1425-1400
Assur-nadin-akhke	Cadachman-kharbe	1400-1380
Ereba-Adad I	Burnaburiach III	1380-1352
Assuruballit I	Carakhardach	1352-1344
Enlil-nirari I	Curigalzu II	1344-1319
Ariddenilu	Nasi-maruttach	1319-1291
Adad-nirari I	Cadachman-turgu	1291-1273
Salmanassar I	Cadachman-Enlil	1273-1268
	Cudur-Ellil	1268-1258
	Sciagarakti-Sciuriash	1258-1239
	Kashtiliash IV	1239-1231
Tuculti-Ninurta I	Adad-chum-ussur	1223-1193
Assur-nadin-apli		
Assur-nirari III		
		Khushpatilla
		Pakhirishscian
		Atarkittakh
		Khumban-menanu
		Untasciupan
		Quidin-khutrutah
		Chutruk-Nakhkhunte
		1200-1164

ASSÍRIA	BABILÓNIA	ELAM
Ellil-cudur-ussur 1199-1194		
Ninurta-apal-Ecur 1194-1181		
Assur-dan I 1181-1135	Meliscipak 1193-1178 Marduk-apal-iddina 1178-1165 Zababa-chum-iddina 1165-1164 Ellil-nadin-akhekhe 1164-1160	Kutir-Nakhhunte 1164-1155
	<i>Segunda dinastia de Isin</i>	Scilkhak-Insciuseinak 1155-1135
Assur-rech-ichi I 1135-1117 Tiglatpileser I 1117-1078 Achared-apal-Ecur 1078-1076	Marduk-qabit-akhekhe-chu 1160 Nabucodonosor I 1128-1106 Ellil-nadin-apli 1106-1102 Marduk-nadin-akhekhi 1102-1054 Marduk-chapik-zero 1084-1071	Khutelush-Insciuseinak 1135-1115
Assur-bel-cala 1076-1058 Ereba-Adad II 1058-1056 Chamchi-Adad IV 1056-1052 Assurnazirpal I 1052-1033	Nabu-chum-ishkun Chamash-Chinak 1028-1010 Nabu-ukin-apli 980-944 Sciamesh-mudammiq 930-904 Nabu-chum-uquin 904-888 Nabu-apal-iddin 882-852	
Assur-rabi II 1014-973 Assur-rech-ichi II 973-968 Tiglatpileser II 968-935 Assur-dan II 953-912 Adad-nirari II 912-891		
Ticuliti-Ninurta II 891-884		
Assurnazirpal II 884-859		

ASSÍRIA	BABILÓNIA	ELAM
Salmanassar III Chamchi-Adad V Semíramis Adad-nirari III Salmanassar IV Assur-dan III Assur-nirari V Tiglatpileser III	859-824 824-810 809-806 806-782 782-772 772-754 754-746 746-727 Marduk-zaquir-chumi Marduk-balassu-ikbi Bau-akhe-iddin Eriba-Marduk Nabu-chum-ichcun Nabonassar Nabu-nadin-zer Uquin-zêr Pulu (Tiglatpileser III)	852-826 826-817 813-810 795-764 762-748 747-734 734-732 732-729 729-727 Khumbanigach I 742-717
Salmanassar V Sargão II Sennakerib Assarhaddon Assurbanípal	727-722 722-705 705-681 681-669 669-627 Kandalanu 648-627	Sciutruk-Nakhhunte II 717-699 Khallachu 699-693 Kutir-Nakhhunte II 693-692 Khumban-menanu 692-688 Khumman-Khaldach I 688-681 Khumman-Khaldach II 681-675 Urtacu 675-664 Teumman 664-655 Khumman-Khaldach III 648-639

ASSÍRIA	BABILÔNIA	
Achur-etil-ilâni Sin-char-ichcun Assuruballit II	<i>Dinastia dos Caldeos</i> Nabopolassar Nabucodonosor II Avil-Marduk Nergal-char-uchur Labachi-Marduk Nabônides	632-624 629-612 612-609 626-605 605-562 562-560 560-556 556 556-539
HITITA	MITANNI	URARTU
Pitkhana Anitta Tudkhaliyach Labarna Hattusili I Mursili I Khantilich Zidantach Ammunach Telipinush Tudkhaliyach II	 Barattarna Sauchatar	Bir-Adad Lutipris Sardur I Aram Ispuini Mennas Arghistis I Sardur III Rusa I Arghistis II Rusa II Rusa III 815-790 790-760 760-734 734-714 714-680 680-645 645-620

HITITA	MITANNI	URARTU
Tudkhaliyach III	Chuttarna II Tuchratta	Sardur IV
Suppiluliuma	1415-1390	640-620
Arnuwandash II	1390-1362	
Mursili II		
Muwattali		
Urghi-Tesciup		
Hattusili III	Chuttarna III	
Tudkhaliyach IV		
Arnuwandash III		
Tudkhaliyach V		
Arnuwandash IV		
Suppiluliuma II		

LARSA	ISIN	ECHNUNNA
Gungunum	Iddin-Dagan	Ilsciu-ilia
Abisarre	Ichme-Dagan	
Sumu-ilum	Lipit-Ichtar	
Nur-Adad	Ur-Ninurta	
Sin-iddinam	Erra-imitti	
Uarad-Sin	Enlil-bani	
Rim-Sin	Damic-ilichu	
	1975-1954	
	1954-1935	
	1935-1924	
	1924-1896	
	1869-1861	
	1861-1837	
	1817-1794	
		Ipiq-Adad II
		Naram-Sin
		Daduscia
		Ibalpiel II
		cerca de 1840
		1825-1815
		1815-1787
		1787-1762

**Procure nas livrarias, desta mesma série
de Enigmas & Mistérios do Universo**

O LIVRO DE ENOCH	<i>Anônimo</i>
O LIVRO DOS MORTOS DO ANTIGO EGITO	<i>Anônimo</i>
BARDO THÖDOL – O LIVRO DOS MORTOS TIBETANO	<i>Anônimo</i>
O LIVRO DE ADÃO	<i>Anônimo</i>
EPOPEIA DE GUILGAMECH (A Busca da Imortalidade)	<i>Anônimo</i>
O EGITO DOS FARAÓS	<i>Federico A. Mella</i>
DOS SUMÉRIOS A BABEL	<i>Federico A. Mella</i>
OS VIKINGS	<i>Johannes Brøndsted</i>
TIBETE - MAGIA E MISTÉRIO	<i>Alexandra David-Neel</i>
AKHENATON E NEFERTITI (O Casal Solar)	<i>Christian Jacq</i>
TIMEU E CRÍTIAS ou A ATLÂNTIDA	<i>Platão</i>
AS PORTAS DA ATLÂNTIDA	<i>Guy Tarade</i>
O ENIGMA DAS PIRÂMIDES	<i>J. A. Lopez</i>
VIDA E MISTÉRIO DOS NÚMEROS	<i>F. Xavier Chaboche</i>
OS EXTRATERRESTRES NA HISTÓRIA	<i>Jacques Bergier</i>
OS LIVROS MALDITOS	<i>Jacques Bergier</i>
OS MESTRES SECRETOS DO TEMPO	<i>Jacques Bergier</i>
O LIVRO DO INEXPLICÁVEL	<i>Jacques Bergier</i>
O LIVRO DOS DANADOS	<i>Charles Fort</i>
OS PÁSSAROS MENSAGEIROS DOS DEUSES	<i>Christine Dequerlor</i>
AS ESCRAVAS DO DIABO	<i>Georges J. Demaix</i>
CORPUS HERMETICUM	<i>Hermes Trismegistos</i>
O GOLEM	<i>Gustav Meyrink</i>
O TESOURO DOS ALQUIMISTAS	<i>Jacques Sadoul</i>
A ILHA DA MAGIA	<i>William Seabrook</i>
O.V.N.I. E AS CIVILIZAÇÕES EXTRATERRESTRES	<i>Guy Tarade</i>
O CONTINENTE PERDIDO DE MU	<i>James Churchward</i>
AS PISTAS DE NAZCA	<i>Simone Waisbard</i>
TIAHUANACO	<i>Simone Waisbard</i>
MACHU PICCHU	<i>Simone Waisbard</i>
STONEHENGE	<i>Fernand Neil</i>
O ENIGMA DOS MAIAS	<i>P. Guirao</i>
O ENIGMA DE TEOTIHUACAN	<i>P. Guirao</i>
O ENIGMA DOS MAPAS DE PIRI REIS	<i>P. Guirao</i>
O UNIVERSO DOS ESPÍRITOS	<i>D. Hemmert/A. Roudène</i>
O LIVRO DOS MORTOS DOS MAIAS	<i>Paul Arnold</i>
BESTAS, HOMENS E DEUSES	<i>Ferdinand Ossendowski</i>
OS HUMANÓIDES EXTRATERRESTRES	<i>Henry Durrant</i>
A BARREIRA DO TEMPO	<i>Andrew Tomas</i>
A ERA DO AQUÁRIO	<i>Jean Sendy</i>
O SÉCULO DOS CIRURGIÕES	<i>Jurgen Thorwald</i>

**ou utilize o nosso serviço de Reembolso Postal
01051 - Caixa Postal 9686 - São Paulo SP**

Quem já não ouviu falar da Torre de Babel,
do Reino de Judá, de Nabucodonosor e dos jardins
suspensos da Babilônia? Quem no Ocidente pode
alegar não ter raízes, ao menos em parte, na antiquíssima
"terra entre rios", o berço da civilização?

A Mesopotâmia viu nascer a escrita, os códigos
de leis, a "arte" da guerra e as instituições, assim como
rivalidades e modos de vida que até hoje persistem
em algumas partes do mundo. Sua história atravessa
milênios e inúmeras civilizações, com sumérios,
acádios, hititas, babilônios e assírios, entre outros,
tomando parte em seu atribulado desenrolar.

Neste relato claro e amplamente ilustrado, do
mesmo autor de *O Egito dos Faraós*, a evolução de
cada civilização mesopotâmica é acompanhada,
em um panorama vívido e entusiasmado das
conquistas e dos reis, da arte e da cultura dos povos
que iniciaram a história.



CCSP

Tombo: 1787953



2142293